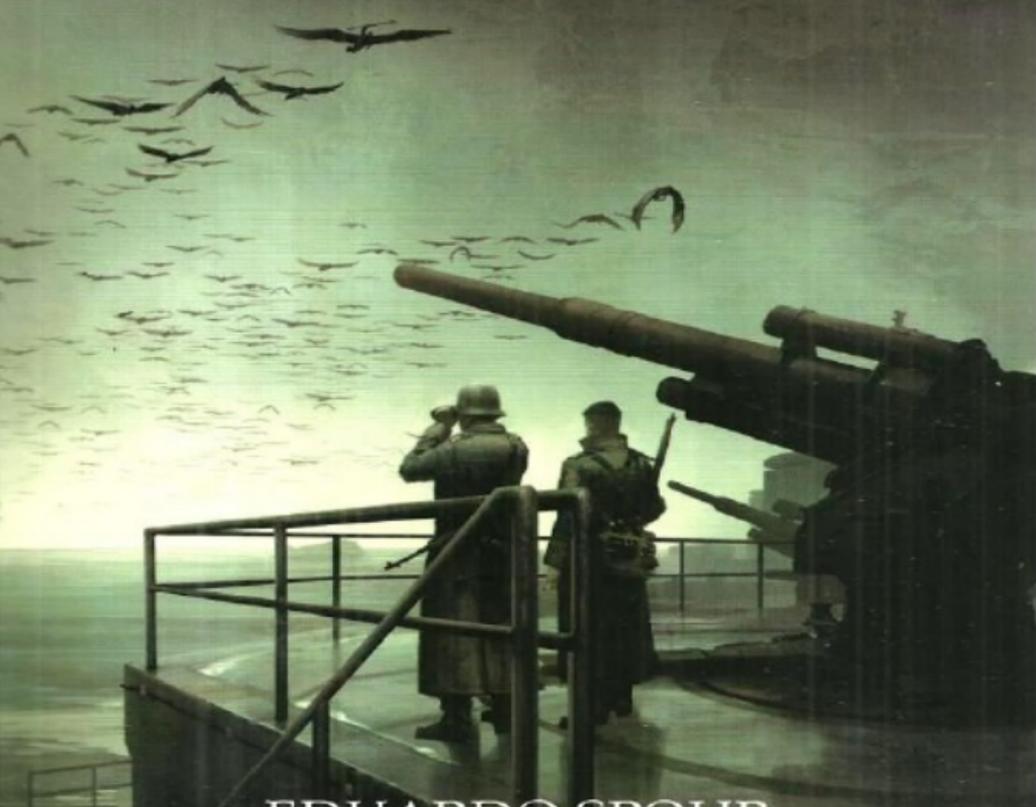


FILHOS DO ÉDEN

LIVRO 2

ANJOS DA MORTE



EDUARDO SPOHR

Autor do best-seller

A BATALHA DO APOCALIPSE



EDUARDO SPOHR

FILHOS do ÉDEN 02
ANJOS DA MORTE

1ª edição

2013



Para o meu pai, Carlos Eduardo, para quem a guerra desperta o que há de pior e de melhor no ser humano

Este livro é também um tributo aos soldados sem rosto, aos homens e mulheres que lutaram e morreram... e que nunca voltarão para casa

Sumário

APRESENTAÇÃO: Tirem as crianças

AS SETE CASTAS ANGÉLICAS

PERSONAGENS

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

LIVRO DOIS - ANJOS DA MORTE

PARTE I - GUERRA TOTAL (1944-1945)

DIA D. HORA H

SONO DE PEDRA

QUIMERAS

"UM ABISMO LEVA AO OUTRO"

O PRIMEIRO DOS SETE

ABUL DAS PROFUNDEZAS

SAINT-LÔ, A CAPITAL EM RUÍNAS

"SAIAM DAÍ!"

MARIE ET LOUISE

MAGIA SUJA

BRADO DE HORROR

NO CORAÇÃO DAS TREVAS

NERVOS DE AÇO

"UM BOM DIA PARA MORRER"

CONTROLE PSÍQUICO

ZAC

AONDE OS ANJOS TEMEM IR

MARCHA SOBRE PARIS

NA OUTRA MARGEM DO SENA

PIRÂMIDE DE GELO

ARDENAS

O TORREÃO

GRITOS CALADOS

SOL NEGRO

GROLL

A ESCADA BRANCA

HITLER MORRE; RUMO A TÓQUIO

PARTE II - ANOS DOURADOS (1956-1969)

CÃO DE CAÇA

SOPRO DA MORTE

VAGA

GREGORION

GELO ETERNO

POR UM PUNHADO DE DÓLARES

POSTO DE CONTROLE

BUSCA E DESTRUIÇÃO

O ANO DO MACACO

HUÉ

BANSHEE

CORTE MARCIAL

LEI DO UNIVERSO

PERMISSÃO PARA MORRER

INFERNO VERDE

OCTAEDRO

BUCK RICKSON. O JATO FANTASMA

CADEIRA DA MORTE

CAMPO UNIFICADO

SOB O CALOR DE MIL RAIOS

PAZ COM HONRA

PARTE III - TEMPORADA DE CAÇA (1972-1989)

VENICE

A DEUSA QUE ARDE

SANTA SOFIA

EXPRESSO DO ORIENTE

TETH

CASA SEGURA

ANDRIL

ANJOS E DEMÔNIOS

ESCUDO HUMANO

PACTO COM O DIABO

DÉJÀ VU

CENTRO MÉDICO

DORMINDO COM O INIMIGO

EIKO

O ANJO DAS ÁGUAS

REUNIÃO DE FAMÍLIA

VILA SÉSAMO

O CLUBE DO INFERNO

"ATÉ QUE A MORTE OS SEPRE"

COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

RAQUI'A

MORADA DOS DEUSES

PARANÓIA

"TODO O SANGUE VOLTARÁ PARA VOCÊ"

O ÚLTIMO ENCANTO

DIA DO PAGAMENTO

ÉTER

BEIRUTE

LAÇOS DE SANGUE

DENYEL CONTRA URAKIN

EGNIAS

SEPPUKU

NA PRAÇA DO OBELISCO

A ZONA SECRETA

O GENERAL TURQUESA

BOLHA DE ESTASE

EALOTHS

SEIS DE SETE

A CIDADE QUE MORREU DUAS VEZES

UM NOVO DIA PARA MORRER

EPÍLOGO

LIVRO 3 - PARAÍSO PERDIDO

PRÓLOGO

APÊNDICE

NOTA HISTÓRICA

LISTA DE REPRODUÇÃO

LINHA DO TEMPO

GLOSSÁRIO

APRESENTAÇÃO

Tirem as crianças da sala

PÓLVORA, NAPALM, SANGUE E LÁGRIMAS. SE ME PERGUNTASSEM EM POUCAS PALAVRAS, EU DIRIA QUE É *DISSO* QUE É FEITO ESTE LIVRO.

Depois de um ano e meio aquartelado em meu escritório, entre torradas de queijo e canecas de café forte, posso afirmar com certeza que *Filhos do Éden: Anjos da Morte* é o romance que eu sempre quis escrever, o que me deu mais prazer e também mais trabalho. Lá se foram unhas roídas, horas de pesquisa (algumas *in loco*), noites em claro revisando os capítulos, e finalmente o resultado é este que você tem em mãos.

Desde que tracei as primeiras linhas de *A Batalha do Apocalipse*, no longínquo verão de 2002, eu já alimentava a ideia de escrever, quem sabe um dia, uma obra ambientada no século XX, tendo as grandes guerras como plano de fundo. Infelizmente (ou felizmente), o enredo final de *A Batalha* não me permitiu explorar em detalhes a história contemporânea, deixando-me sem opção a não ser engavetar o projeto. A oportunidade ressurgiria então com a série *Filhos do Éden*, mais especialmente com o personagem Denyel, um dos querubins exilados que integrou, de 1914 a 1989, o esquadrão dos anjos da morte, celestes ordenados a viver na terra como pessoas comuns e a se alistar, de tempos em tempos, nos conflitos humanos, assumindo postos de batalha segundo a determinação (e o capricho) dos seus senhores, os malakins.

Este projeto (a realização dele, melhor dizendo) sempre foi para mim um sonho de infância, um tanto sádico talvez, porque desde criança sou fascinado por histórias de guerra. Curiosidade bizarra? Sede de sangue? Puro sadismo? Não, nada disso. Com efeito, as notícias que nos chegam do *front* nos tocam porque é no momento da morte que a verdadeira natureza humana insurge, com toda a sua força. É diante do desespero que somos catapultados aos nossos limites, que os parâmetros sociais se quebram, e o que resta é o homem em seu estado mais puro. É nesse instante que nos superamos, que cometemos os atos mais bárbaros, que nos sacrificamos, que nos tornamos monstros, santos, heróis ou selvagens.

Escrever sobre guerras não é uma tarefa fácil. O maior problema, a meu ver, é a insistência, seja por parte dos governos ou da opinião pública em geral, em tratar os soldados como mera estatística, então o que um romancista precisa fazer é se focar não nas operações militares, mas no *indivíduo*, realçar o esforço particular dos combatentes e, ao mesmo tempo, não glorificar os atos de guerra, não tomar partido e não fazer julgamento de fatos históricos.

Com o avanço dos capítulos você perceberá, então, que este é um livro totalmente diferente dos meus trabalhos anteriores. Pela primeira vez, tomei

a decisão de construir o enredo com foco nos personagens e não em determinado evento ou missão, um recurso que os americanos costumam chamar de *character-driven*. Nasceu assim uma narrativa mais adulta e sombria, com uma forte carga dramática e voltada, sobretudo, para a psicologia de Denyel e seu gradual processo de corrupção. O que importa, agora, não é o que se passa no mundo, mas a resposta do protagonista a tais episódios. Diante disso, *Anjos da Morte* se tornou (mesmo para mim) uma obra imprevisível em vários aspectos: eu sabia o que aconteceria a cada página, só não sabia como. E quem determinou esse como foi o próprio Denyel ao longo da história, e não o roteiro que eu havia previamente traçado.

Mas nem só de espoleta é feito este tomo. No ínterim entre as aventuras ocorridas no passado, saltaremos ao presente para acompanhar a jornada de Kaira, Urakin e Ismael, um novo personagem que se junta ao coro, e sua missão de resgatar o amigo exilado. Esses trechos, é bom saber de antemão, são enigmáticos por natureza e servem como um mosaico da trilogia, um quebra-cabeça que precisa ser montado peça por peça e cujo significado só será revelado no terceiro volume – *Filhos do Éden: Paraíso Perdido* –, em que todas as tramas convergirão, unindo os heróis de hoje e de ontem sob as asas do mesmo destino.

O título deste texto está mais para uma brincadeira (se é que se pode brincar com essas coisas), a despeito das atrocidades aqui retratadas, quase todas inspiradas em acontecimentos reais, eu não acredito, sinceramente, que devamos fechar os olhos aos perigos que nos cercam. O sofrimento existe no mundo, sempre existiu. Em vez de dar as costas a ele, o nosso desafio, enquanto seres humanos, é *encarar* tais horrores, saber driblá-los ou combatê-los. O grande dilema está em lidar com essa duplicidade de sentimentos tanto fora quanto *dentro* de nós, do ódio ao amor, da crueldade à ternura, da tristeza à alegria. É viver dignamente e escolher o caminho do bem ante a sedutora face do mal.

Por fim, gostaria de agradecer aos leitores que me cobraram, todos os dias, a publicação deste título, por meio dos meus canais na internet. Cada uma dessas mensagens foi, sem dúvida, um combustível essencial para o meu solitário cotidiano como escritor, foi o que me estimulou a dar o máximo de mim para que afinal *Anjos da Morte* chegasse ao mercado. Incluo nestes agradecimentos, especialmente, a turma e os frequentadores do site jovem Nerd, não apenas os criadores, Alexandre Ottoni e Deive Pazos, mas os nerds ao redor do país que me acompanham às sextas-feiras no Nerdcast e através dos posts no meu blog, no Twitter e no Facebook.

Carreguem seus rifles, preparem as baionetas, ajustem seus capacetes. Convido-os a embarcar comigo nesta viagem. De volta no tempo. De volta ao século XX.

EDUARDO SPORH , outono de 2013

AS SETE CASTAS ANGÉLICAS

Querubins: Anjos guerreiros. Seus poderes são baseados em força, percepção, furtividade e rapidez.

Serafins: Nobres, políticos e burocratas. Mestres na persuasão e na manipulação da mente.

Elohins: Vivem no plano físico, geralmente disfarçados de seres humanos. Hábeis em se adaptar a etnias e grupos sociais.

Ofanins: Anjos da guarda. Seres bondosos, que vagam no plano astral ajudando os seres humanos. Carismáticos, são capazes de controlar emoções.

Hashmalins: Torturadores, anjos da punição. Controlam os espíritos e as trevas.

Ishins: Celestes responsáveis por governar as forças elementais: fogo, terra, água e ar.

Malakins: Sua missão é estudar o universo e a humanidade. Reclusos, podem moldar o tempo e o espaço.

PERSONAGENS

Abul: Chamado no inferno de Abul das Profundezas. Um anjo caído que trabalhou com Ismael na Gehenna, antes da rebelião de Lúcifer.

Albert Bruno: Jovem nativo da Louisiana, EUA. Serviu como atirador nas fileiras aliadas durante a Segunda Guerra Mundial.

Andril: O Anjo Branco, conhecido pelas antigas tribos humanas como o Deus Branco. Um ishim que manipula o frio e o gelo. É um dos arcontes do arcanjo Miguel.

Aralim: O Cintilante, o Quarto dos Sete. Um dos sete malakins que durante o século XX controlavam os anjos da morte.

Astron: É um dos comodoros (generais serafins) a serviço das forças revolucionárias de Gabriel.

Bakuno: Referido por seus seguidores como o Forte, é um demônio da casta dos baals.

Bartley Smith: Jovem irlandês, amigo de Denyel nos campos da Primeira Guerra Mundial.

Belfegor: Tenente de Bakuno e gerente do restaurante Passo Nero, em Roma.

Benjamin T. Curtis: Primeiro-tenente da Companhia B durante a Guerra do Vietnã.

Bobby Joe: Soldado que integrou a 1ª Divisão de Infantaria, Companhia F, durante a Segunda Guerra Mundial.

Boris Lagutin: Oficial soviético responsável por experiências secretas na Indochina.

Buck Rickson: Piloto de caça e helicóptero da Força Aérea dos Estados Unidos, entre 1965 e 1968.

C. Bennett: Cabo da divisão dos paraquedistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Cardeal: Um dos elohins baseados na cidade de Roma. Seu nome humano era Giuseppe di Lazio.

Cario: Guarda-costas de Giuseppe di Lazio, o Cardeal.

Chris Ericsson: Agente da CIA e assistente de Tom Craig.

Crystal: Codinome da moça controlada por um dos demônios femininos no Clube do Inferno, em Amsterdã.

Danny Rose: Agente da CIA. Substituto de Tom Craig.

Denyel: Um dos querubins exilados que durante o século XX integraram o esquadrão dos anjos da morte.

Donald Jackson: Cabo nativo da Louisiana, colega de Denyel no Vietnã.

Douglas Keyne: Chefe dos boinas-verdes durante a incursão ao Camboja, em 1968.

Duma: O Príncipe do Silêncio ou ainda o Segundo dos Sete. Um malakim, braço direito de Sólon.

Eric Richard Tate: Identidade mortal usada por Denyel de 1973 a 1989.

Flavio Ortega: Segundo-sargento da Companhia B durante a Batalha de Hué, no Vietnã, em 1968.

Frederick Grump: Sargento dos boinas-verdes. Apelidado de Bebezão, participou, com Denyel e Craig, da incursão ao Camboja, em 1968. Imediato de Douglas Keyne.

Gabriel: Mestre do Fogo, Mensageiro, Anjo da Revelação ou Força de Deus. Costumava ser enviado à Haled para cumprir missões ordenadas pelos arcanjos. Revoltou-se contra o irmão, Miguel, dando início à guerra civil.

Glen Julius: Terceiro-sargento condecorado com a medalha Coração Púrpura por seus feitos na África, durante a Segunda Guerra Mundial. Integra a Companhia F de Denyel e Craig em 1944-1945.

Gonzo: Sargento Frederico Gonzalez, um dos praças da Companhia B durante o conflito no Vietnã.

Gordon Grey: Primeiro-sargento da Companhia B. Sua participação é destacada na Batalha de Hué, em 1968.

Greg: Fantasma de um rapaz preso ao banheiro da "casa segura" de Denyel.

Gregorion: Um dos elohins residentes na terra, suposto membro da teia.

Greta: Gerente da agência dos correios onde Denyel mantém uma caixa postal entre 1956 e 1968, na cidade de Sacramento, capital do estado da Califórnia.

Grisha: Carrasco ucraniano em serviço no Camboja com as tropas soviéticas.

Gutaska Razda: Um dos cabeças da sociedade Thule, a organização esotérica patrocinada pelo Partido Nazista.

Hildir: Capitã das valquírias, em Asgard.

Ismael: O Executor. Aliado de Kaira e Urakin. Foi um dos poucos hashmalins que abraçaram a facção rebelde.

Jeff: Nascido no Alabama, é segurança, até 1968, da agência dos correios onde Denyel mantém uma caixa postal, na cidade de Sacramento.

John Mills: Operador de rádio da Companhia F durante a Batalha do Bulge, na Segunda Guerra Mundial.

Kaira: Centelha Divina. Capita dos exércitos revolucionários de Gabriel, é uma ishim da província do fogo.

Kazan: Outro dos elohins apontado como um dos integrantes da teia. Dono de várias lojas no Grande Bazar de Istambul, nos anos 70.

Kevin Taylor: Enfermeiro da Companhia F, participou com Denyel na invasão de Marie et Louise, em 1944.

La Rosa: Um dos boinas-verdes liderados por Douglas Keyne, em 1968.

Levih: O Amigo dos Homens. Um ofanim partidário das forças rebeldes.

Lúcifer: A Estrela da Manhã, chamado também de Filho do Alvorecer, Portador da Luz ou Arcanjo Sombrio. Rebelou-se contra Miguel e hoje tem seu próprio domínio nas profundezas do inferno.

Mark Garner: Jornalista britânico que fotografou execuções sumárias em Hué, no Vietnã do Sul, em 1968.

Mickail: Um querubim exilado. Ao lado de Denyel, integrou o batalhão dos

anjos da morte.

Miguel: O Príncipe dos Anjos. Maior de todos os arcanjos, venceu os exércitos de Lúcifer e os expulsou para o Sheol.

Mike Beluso: Fuzileiro naval na base aérea de Da Nang, em 1968.

Nikarath: Um dos netos de Tehom, demônio anterior à criação do universo.

Norma: Um dos dois fantasmas presos à "casa segura" de Denyel, em Londres.

Pat De Forrest: Oficial-piloto do helicóptero que transportou Denyel, Craig e os boinas-verdes ao Camboja, em abril de 1968.

Perry C. Lee: Homem possuído por Abul no hospício em Leiden, na década de 70.

Primeiro Anjo: Figura temida e misteriosa. Antigo líder dos sentinelas.

Prisca Ryke: Uma elohim, dona e gerente do Clube do Inferno, em Amsterdã.

Rachel Arsen: Menina antes aprisionada no avatar de Kaira. Foi liberta durante a batalha em Athea, relatada em *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida*.

Rafael: A Cura de Deus ou o Quinto Arcanjo. O mais bondoso e indulgente dos primicérios. Desapareceu misteriosamente nos dias que se seguiram ao dilúvio.

Richard Mitchell: Chamado de "Dick" pelos soldados, era o tenente da Companhia A, de Denyel.

Rick Danny: Outro *marine* na base de Da Nang, no Vietnã do Sul, em 1968.

Ron Julian: Cabo treinado pelos Rangers e atuante na Batalha de Hué.

Sirith: Um demônio raptor. Foi derrotado por Denyel e Uraquin na batalha de Athea e caiu (ferido, mas ainda vivo) nas águas douradas do rio Oceanus.

Sólon: O Primeiro dos Sete. Líder do coro de sete malakins que controla os anjos da morte e, conseqüentemente, chefe de operações de Denyel.

Sophia: Uma das supostas elohins residentes na terra, teoricamente não relacionada aos interesses da teia.

Teth: O Terceiro dos Sete. Um dos malakins que anteriormente controlavam os anjos da morte.

Thera: General atlante nomeado guardião de Egnias, a Segunda Cidade.

Toddy Malone: Recruta norte-americano durante a Batalha do Bulge, nas Ardenas, em 1944-1945.

Tom Craig: Sargento de pelotão atuante na Segunda Guerra Mundial, comandante de Denyel na incursão a Marie et Louise e depois nas Ardenas.

Tony Akee: O Chefe. Soldado estadunidense de origem indígena que se junta a Denyel em Marie et Louise.

Uraquin: O Punho de Deus. Guerreiro obstinado e forte, é o parceiro de missão de Kaira e Ismael.

Yaga: Hashmalim sob as ordens de Andril. Foi a "intercessora" de Denyel entre os anos 50 e 70.

Zac: Um dos ofanins, amigo de Levih. Na terra, assume o avatar de um cão labrador.

Zarion: Antigo guarda-costas de Kaira.

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

HOUVE UM TEMPO, MUITO ANTERIOR AO SURGIMENTO DO HOMEM, EM QUE OS anjos governavam a terra. Onipotentes e absolutos, eles voavam livres no céu primitivo, sobrevoavam os mares, esquadrihavam o solo, executavam danças espiraladas em volta do sol, fertilizavam o trabalho de Deus.

Começou então o sétimo dia, e com ele o alvorecer da espécie terrena. Preservada da influência celeste, a nova raça se consagrou como entidades únicas, inteligentes, e passou a governar o planeta — primeiro, a partir da escuridão das cavernas, depois em fortalezas de mármore e granito, para enfim tocar o céu em espigões de aço e concreto.

Embora inflados de amor e paixão, dos corações humanos germinavam também ódio e ganância. Os massacres começaram logo nas primeiras migrações, com as tribos nômades devastando as aldeias rivais, roubando suas terras, pilhando seus cofres. Essa selvageria desagradou os arcanjos, os regentes supremos do universo, que decidiram acabar com os mortais, esterilizando lagos e rios, destruindo cidades e portos.

Havia, porém, alguns que depositavam esperança nos homens, entre eles Gabriel, o Mestre do Fogo, que se recusou a obedecer às ordens homicidas de seu irmão, o arcanjo Miguel, dando início à guerra civil, um confronto que se alastrou pelas sete camadas do paraíso e seccionou duas facções de alados: os novos rebeldes, que lutam em defesa da palavra de Deus, e os legalistas, unos pelo desejo de exterminar os terrenos.

Quando essa mesma guerra se agravou, tanto Gabriel, o comandante dos revoltosos, quanto Miguel, seu tirânico parente, determinaram o Haniah, o Retorno, convocando todos os seus anjos que atuavam no plano físico para lutar as peijas no céu, e assim a terra foi esvaziada. Alguns poucos foram autorizados a ficar, assumindo a posição de observadores, garantindo a manutenção da trégua estabelecida no mundo dos homens. Desde então, esses desgarrados, ou apenas "exilados", como são conhecidos, vagam solitários de país em país. Disfarçados de pessoas comuns, eles presenciaram o fim do período gótico e a queda de Constantinopla; assistiram à expansão do Islã, às grandes navegações e às revoluções da Europa; testemunharam a colonização nas nações africanas e a extinção dos imperadores e reis.

Quando o século XX raiou no teatro da história, o tecido da realidade, a barreira mística que separa os reinos físico e espiritual, adensou-se. Os novos meios de comunicação e transporte levaram o progresso aos cantos mais distantes do globo, pervertendo os nódulos mágicos, apagando o poder dos velhos santuários, revertendo os últimos vértices, afastando os mortais da natureza divina.

Isolados no Sexto Céu, incapazes de enxergar o planeta justamente pelo adensamento do tecido, a casta dos malakins, cuja função é estudar os movimentos do cosmo, solicitou ao príncipe Miguel a criação de uma brigada que descesse à terra para pesquisar o avanço dos tempos. Relutante

em abrir mão de seus capitães, ele ofereceu o serviço dos exilados, que havia milênios atuavam na sociedade terrestre, alheios às batalhas do paraíso.

Destacados, então, para servir sob as ordens dos malakins, esses exilados foram removidos de seus cargos originais e reorganizados sob a forma de um esquadrão de combate. Sua tarefa, a partir de agora, seria participar das guerras humanas, de *todas* as guerras, fantasiados de meros soldados, para anotar as façanhas militares, o comportamento das tropas e depois relatá-los aos seus superiores celestes.

Esse esquadrão tomou parte em todos os conflitos do século XX, das pútridas trincheiras de Verdun às praias da Normandia, das selvas da Indochina à decadência da União Soviética. Embora muitos não desejassem matar, era exatamente isso o que lhes foi ordenado, e o que infelizmente acabaram fazendo.

Entre os outros querubins, esse grupo foi visto como uma turba de genocidas, lutadores desonrados, cheios de vícios carnisais. Por sua natureza errante e até certo ponto obscura, eles nunca chegaram a ter um nome oficial, a não ser pela óbvia alcunha que os caracterizava.

Foram chamados de anjos da morte.

LIVRO DOIS

ANJOS da MORTE

PARTE I

GUERRA TOTAL

(1944-1945)

NORMANDIA, 6 DE JUNHO DE 1944



Legenda
 ● Cidade
 — Rio
 ▲ Falésia



DIA D. HORA H

Praia de Omaha, França, 6 de junho de 1944

FOI O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO DA HISTÓRIA. NINGUÉM SABIA QUANDO IA ACONTECER. Poderia ter sido nas tardes claras de abril, sem brisas ou gaivotas no céu, ou nas noites úmidas de agosto, quando as chuvas encharcam as praias da costa normanda.

Mas aconteceu no dia 6 de junho.

Nas primeiras horas da manhã, a numerosa frota aliada despontou no horizonte. Sobre as águas, singravam mais de cinco mil navios de guerra, encouraçados, destróieres, cruzadores e, à retaguarda, as naus de comando, abarrotadas de antenas e bandeirolas, cercadas por dúzias de lanchas de desembarque. Esses transportes, deslizantes no mar agitado, rumavam agora na direção das cinco praias francesas escolhidas para a invasão, referidas sob os codinomes Utah e Omaha, reservadas aos norte-americanos, Gold e Sword, restritas aos britânicos, e Juno, onde ocorreria a incursão canadense.

Mas o Dia D, tal qual seria descrito nos livros de história, começara horas antes, ainda durante a madrugada, quando dezoito mil paraquedistas saltaram atrás das linhas germânicas. Seu trabalho era dinamitar pontes, obstruir as comunicações, inutilizar baterias e impedir o recuo das tropas alemãs, dispostas a tudo para defender seus terrenos. Espalhados ao longo da península do Cotentin, esses combatentes aerotransportados, bem como os recrutas que agora se apertavam nas barcaças, tiveram como melhor amigo o efeito surpresa. Graças a um complexo esforço de contra-espionagem, tanto os generais do Reich quanto o próprio Adolf Hitler acreditavam até o último segundo que o alvo do ataque seria o passo de Calais, a menor distância entre a Inglaterra e a França. Seguindo essa lógica, os nazistas estacionaram as poderosas divisões de tanques Panzer ao norte do rio Sena, quilômetros adentro do território francês, deixando a costa potencialmente desguarnecida, suportada apenas pela exausta 716a Divisão, cujas lacunas haviam sido preenchidas por voluntários poloneses e russos.

Foi assim em Juno, Gold e Sword. Foi assim em Utah. Omaha foi a exceção.

Para os praças e oficiais da 29a e da 1a Divisões de Infantaria, aquela seria uma alvorada sangrenta. Espremidos no interior dos lanchões, recurvados, com as roupas empapadas, eles quicavam ao balanço das ondas, o "elevador para o inferno", comentava-se à boca pequena. O ruído dos motores os tonteava, o cheiro de diesel os deixava nauseados. Cada um daqueles homens estava equipado com um salva-vidas, portava facas, pistolas, granadas, rifles e trazia na mochila um conjunto de pás para cavar

trincheiras, máscaras de gás, rações e estojos de primeiros socorros. Muitos não dormiam fazia duas noites, agitados pela expectativa, outros dispensaram a refeição matinal, e os mais fracos estavam enjoados. Em um desses transportes, um recruta na casa dos 30 anos chamava atenção pela frieza, um jovem de cabelos pretos e curtos, olhos castanhos, expressão arisca, estatura média, de corpo esguio e musculoso — essa era a aparência de Denyel, o anjo exilado, o *anjo da morte*, o celeste que, disfarçado de gente, integrava agora a primeira leva de assalto.

Denyel contemplou o céu. Uma manhã chuvosa e cinzenta, diferente de todas as outras. Os fachos de sol cortavam as nuvens, desciam em feixes dourados, penetrando como lanças na superfície do mar. Vista de dentro, a embarcação parecia uma lata de sardinha — imunda, fedorenta, com onze metros de extensão e espaço para 36 ocupantes. A seção dianteira servia também como rampa, um palmo mais alta que as laterais, obscurecendo a vista da praia, envolvendo a operação numa névoa de terror e mistério.

— Mantenham a linha — soou uma voz nos megafones, pedindo aos timoneiros que segurassem a formação, que ameaçava se romper com o sobe e desce das ondas. — Mantenham a linha. Controlem seus lemes. Toda força a bombordo!

Um avião Thunderbolt passou em rasante por eles, girou a hélice, revolveu a água marinha, e a seguir surgiram outros caças, os britânicos Spitfires, acompanhados por uma esquadrilha de bombardeiros Mustang, alinhando-se para despejar suas bombas. Mais acima, invisíveis aos seres humanos, avançando como andorinhas, ocultos através do tecido, Denyel avistou um coro de cem ofanins. Conhecidos como anjos da guarda, esses alados são entidades pacíficas e sempre aparecem ao prenúncio de um grande confronto, com a missão de prestar assistência aos que perecem em combate, sem fazer distinção de credo, etnia ou nacionalidade, orientando os recém-falecidos ao correto caminho do céu.

Denyel não era um ofanim, embora às vezes os invejasse — era um *querubim*, pertencente à casta guerreira, ordenado a permanecer no plano físico para registrar as batalhas terrenas. Sob o comando de seus arcontes, como são chamados os capitães celestiais, ele se alistara no exército dos Estados Unidos em novembro de 1939. Incorporado à 1ª Divisão de Infantaria, a Grande Rubra, 16º Regimento, fora enviado à Argélia em 1942. Dali, sua unidade seguiu para a Tunísia e a Sicília, sendo finalmente destacada, em 1943, para a série de treinamentos que culminariam no tão aguardado Dia dos Dias.

Denyel tentava se comportar como os outros recrutas, mas era de personalidade sombria, o que lhe valera a fama de psicótico. Depois da traumática experiência nas trincheiras do Somme, durante a Primeira Guerra Mundial, ele deliberadamente escolhera não fazer mais amigos. Para corroborar seu disfarce, recusara todas as promoções, permanecendo no posto de soldado raso, um sujeito absolutamente ordinário, sem qualquer atributo incomum.

O exilado virou o pescoço e observou os colegas. Diferentemente dos demais combatentes, os infantes da Grande Rubra eram experientes, com aquele instinto especial para o tiroteio. O emblema costurado no ombro, com o número 1 bordado em vermelho, era o símbolo da divisão, motivo de orgulho para quem o ostentasse. O uniforme estava camuflado para o verão europeu, em tons marrons, esverdeados e cinzentos.

Denyel ajustou o capacete. Os fios negros estavam cortados à máquina, e a barba fora cautelosamente raspada. De pele clara e sobrancelhas escuras, fazia-se passar por ítalo-americano, igual a muitos outros cujos pais imigraram para a América no princípio do século.

– Sabe o que está me preocupando? – um praça ao seu lado, magro, de óculos redondos, puxou assunto. Valia tudo para despistar o nervosismo. – Os tubarões.

– Está louco – rosnou um sargento de bigodinho. – Não tem tubarão na França.

– Quem disse?

– Eu estou dizendo, seu cagão – o mais graduado respondeu com dureza.

– Silêncio aí atrás – esbravejou um oficial de 28 anos, o tenente Richard "Dick" Mitchell, que apesar da pouca idade liderava a companhia fazia onze meses. Encontrava-se agora na frente do barco, as bochechas úmidas, empunhando o fuzil. – Se forem abrir a boca, que seja para rezar. E mantenham a cabeça baixa – ordenou, e imediatamente metade dos recrutas começou a recitar o pai-nosso. Não levou nem um minuto para que os demais os imitassem, nem tanto por fé, mais por coleguismo.

– Ei, Clarence – um cabo cutucou o parceiro, que orava com toda a energia. – Pensei que fosse ateu.

– Rapaz, numa hora dessas qualquer ajuda é bem-vinda – justificou-se, e teria prolongado a conversa não fosse calado por um estrondo.

Duzentos metros à traseira, as belonaves iniciavam suas cusparadas metálicas. Chumbo e calor foram assim projetados contra o litoral, numa fabulosa tempestade escaldante. O céu acinzentado clareou, e enfim os obuses detonaram sobre as casamatas alemãs, construídas nas dunas e acima dos promontórios. Essas salvas eram tão duras, tão massivas, que parecia realmente impossível que qualquer coisa resistisse, mas os germânicos haviam cavado fundo e estavam bem protegidos, especialmente os defensores de Omaha, compostos não pelos estrangeiros da 716a Divisão, mas por veteranos da 352a, calejados por cinco anos de combates ininterruptos.

De repente, a faixa à beira-mar foi engolida por uma cortina de fumaça, o que afastou os aviões, abrindo caminho para o assalto por terra.

Em 6h30 do dia 6 de junho de 1944 e, para os três mil soldados que compunham a primeira onda de ataques, a Hora H havia chegado.

Os possantes canhões alemães, distribuídos sobre as colinas, conservavam-se até então emudecidos, dando a falsa impressão de que os

defensores teriam sido exterminados. Nas lanchas, alguns homens, antes tensos, relaxaram a guarda. Denyel esticou o pescoço e notou que pelo menos cinco barcaças pesadas, que traziam jipes, tanques e munição, haviam naufragado, abatidas pelo mar ondulante. Foram essas as primeiras baixas do Dia D, causadas não pela ação do homem, mas pela força da natureza. Sobre as águas, cadáveres boiavam, e o exilado testemunhou o momento em que três ofanins mergulharam, buscaram os espíritos aturdidos e os alçaram, precisamente como gaivotas.

Súbito, ouviu-se uma pancada, e ele deduziu que haviam encalhado. A expectativa era a de sofrer um ataque repentino de metralhadora, mas quando a rampa desceu o pelotão descobriu-se a cem metros da praia, com o casco fundeado sobre um banco de areia. As posições inimigas continuavam nebulosas, mascaradas pelo denso vapor, e diante disso o tenente Mitchell ordenou o avanço.

— Vamos descendo, rapazes. Espalhem-se — ele berrou, enquanto pulava sobre o platô arenoso. — É raso. Está raso deste lado. Rifles engatilhados. Preparem-se para dar uma lição nesses bastardos.

Os primeiros soldados desembarcaram sem muito alarde, e junto deles Denyel. Percorreram não mais que vinte passos quando, ocultos nas planícies costeiras, os "bastardos" começaram a atirar. Longe ainda do alcance das metralhadoras, os pelotões de vanguarda foram castigados pela pesada artilharia dos canhões de 88 milímetros. Foguetes estouraram sobre eles, estilhaços choveram às centenas. De uma hora para outra, era como se a guerra tivesse ganhado outra dimensão, mais terrível e assustadora.

Denyel atirou-se no chão, depois se levantou e procurou o tenente. Sobreveio um segundo clamor, e perto dali um barco lotado foi pelos ares, numa incrível explosão de sangue e poeira. Um fragmento de aço decepou a testa do jovem Richard Mitchell, rasgando-lhe o capacete na vertical.

O exilado se ergueu, o rifle cheio de terra, e reparou com seus olhos de anjo que muitos espíritos já mortos continuavam a marchar. Por isso, ele entendeu, a presença dos ofanins era tão necessária, para que essas almas não se transformassem em fantasmas, seres amargurados, eternamente presos à terra.

Uma terceira bala de canhão estourou não no solo, mas no ar, projetando faíscas e lascas de ferro. O sopro arremessou Denyel uns quinze metros à direita, queimou-lhe o antebraço, carbonizou a manga da jaqueta, desorientou-o por alguns segundos, e ao recuperar a postura ele tinha areia grudada na cara. Observou a balbúrdia de corpos, os oficiais mutilados, os pedacinhos de conchas cristalizados.

A única saída daquele escarcéu, todos intuíram, era prosseguir, ainda que o percurso fosse tortuoso. Ou eles se arriscavam contra as metralhadoras, mais à frente, ou ficavam estáticos no banco de areia, onde seriam trucidados pelas baterias, sem qualquer chance de reação.

Injetados de adrenalina, os batalhões correram em filas desordenadas, transpondo os gases e chegando às barreiras dispostas na arrebentação. Esses

obstáculos, em forma de tetraedros de aço, tinham o objetivo de atravancar os anfíbios e, no caso das tropas de infantaria, serviam como cobertura. Foi então que Denyel e seus camaradas avistaram as dunas, os morros arenosos e as casamatas, e nesse exato instante as metralhadoras alemãs dispararam.

Dez minutos se haviam passado, e Omaha se transformara num cemitério ao ar livre. Os defuntos, alguns cortados ao meio, eram arrastados pela maré. Barcos de tropas e equipamentos ardiavam em chamas. Sobre o mar, flutuavam telefones, antenas, rádios quebrados, caixas de munição, cantis, capacetes, fuzis entortados, cordas, pacotes de ração.

O exilado retrocedeu. Buscou a proteção do casco de uma lancha virada. Mais de dois terços de seus colegas haviam caído, e ele era o único capaz de divisar os atiradores dentro dos abrigos, graças aos seus sentidos apurados, característicos dos querubins. Puxou o gatilho, mas errou de propósito — por determinação dos arcontes, os anjos da morte não podiam empregar seus poderes, suas *divindades*, contra os mortais, nem mesmo para decidir o curso de uma grande batalha.

Descarregou o pente e escutou os motores de mais barcaças que atracavam. Com explosões no céu, na terra e no oceano, cercados por ilhas de destroços, a impressão que se tinha era a de ter ingressado no inferno. Um dos anfíbios empinou na crista de uma onda e se desintegrou ao impacto de um foguete inimigo.

Denyel andou vagarosamente na direção da área seca, um terreno perigoso mesmo para ele, com minas escondidas sob toras de madeira e cercas de arame farpado — os anjos se curam mais rápido que os seres humanos e às vezes podem até regenerar certos membros, mas, se o coração for atingido, é o fim de sua existência carnal. O caos então se estendia por todos os ângulos da praia, dali às falésias de Pointe du Hoc, um precipício que logo seria atacado pelos batedores do exército. Para piorar, a ressaca empurrara os barcos a leste, e muitos soldados desembarcaram longe de seus setores originais. Quase a totalidade desses infantes ficara ali, parada, em completo estado de choque, cerca de oitocentos homens sem saber para onde ir, sendo abatidos como patos selvagens, acotovelados atrás dos tetraedros, simplesmente tentando sobreviver.

Nessas condições, parecia impraticável continuar, até que ocorreu um fenômeno notável, que Denyel jamais esqueceria. De todas as características humanas, ele refletiu ao focalizar uma bala traçante, talvez a mais estupenda seja a capacidade de se adaptar, de se moldar, física e mentalmente, às situações mais adversas. Passadas duas horas de pura carnificina, os sobreviventes, agachados junto aos cadáveres, começaram a se acostumar ao perigo. O choque que os paralisara no início aos poucos se transmudara em uma coragem instintiva. Os combatentes que ainda resistiam foram tomados por uma espécie de embriaguez, por uma vontade absurda de sobreviver, não importava a que custo.

Às 8h15 enfim uma brecha se abriu, com os recursos alemães, sobretudo

as minas, sendo consumidos em detonações simultâneas, que vitimavam dez, quinze americanos por vez. Reunidos em pequenos grupos, os recrutas principiaram a subida aos outeiros, à medida que a cerração provocada pelo ataque aéreo se dissipava. Denyel acompanhou um capitão desconhecido, de olhos claros, e com mais oito praças galgou o barranco aos tropeços, tentando rastejar sobre o mato.

Um tiro de espingarda furou a garganta de um dos soldados, que morreu na hora, enquanto seu espírito repetia através da membrana:

– Estou bem, estou bem – e continuou a se esgueirar, sem realmente notar que morrera. – Não se preocupem comigo, estou inteiro. Estou bem.

O militar à sua esquerda também não teve sorte. Um disparo resvalou na granada que ele trazia presa ao suspensório, arrancando-lhe a cabeça e cegando o parceiro à dianteira. O capitão não parou para acudi-los, na verdade nem sequer se deteve – a perda ou a morte de alguém, naquelas circunstâncias, era trivial, um acontecimento totalmente aceitável.

Sob gritos desesperados de socorro, Denyel e o que sobrara do time avançado se agruparam de costas para um muro cimentado. Havia uma casamata de concreto, visível a cinquenta metros. O capitão que os liderava carregou a bazuca, apontou para o abrigo e atirou, destruindo parte da janela, o que atordoou os alemães e deu tempo para que os norte-americanos escalassem a ladeira, contornando o posto pelos dois flancos.

Ninguém, fora o exilado, reparou no ninho de metralhadoras armado sobre uma rocha, ao sul. Um dos homens do seu pelotão foi decapitado pelas rajadas, sucedidas pela deflagração de um morteiro. O anjo mergulhou numa cratera, escapou do pior e, mesmo com o braço crestado, respondeu com três balas que incapacitaram os germânicos. Quando emergiu, o rosto estava preto. Encontrou o comandante crivado de chumbo, mas ainda vivo, e ele o incentivou:

– Aproveite agora – o oficial entregou a ele duas granadas.

– Sim, senhor – Denyel respondeu num timbre automático e sozinho partiu para atacar a casamata. Rolou os dois explosivos através da abertura, esperou a detonação e na sequência entrou pela porta, a fumaça ainda quente, os grãos de poeira cintilando no ar.

Dentro do abrigo, o querubim distinguiu cinco artilheiros dilacerados, com a pele grudada no teto, os órgãos espalhados no chão. Suas armas eram inúteis agora, e nas paredes havia marcas de fogo. Denyel respirou fundo, provou o odor de pólvora seca. Estava faminto por conta do braço, então aproveitou para vasculhar os armários. Embora os celestiais possam curar seus corpos físicos, os chamados avatares, eles ainda precisam de comida e descanso – o alimento se converte em matéria, a substância necessária para que regenerem a carne, o tecido e os ossos.

O exilado descobriu sobre um baú uma lata de salmão em conserva, abriu-a com o canivete, utilizou a lâmina como colher e enfiou o peixe na goela. Fechou os olhos, apreciou a iguaria, mas a tensão renasceu quando

escutou o clique de uma pistola sendo engatilhada.

— Peguei você, iaque de merda — sibilou uma voz masculina, cuspidando as palavras num alemão prussiano. Era um major da Wehrmacht, o exército germânico, que o rendia, de cabelos louros e curtos, os olhos grandes e castanhos, a barba rala. Usava uma boina escura e um uniforme cinzento, com a águia nazista bordada no peito. Apontou a Luger para o seu coração.

— E agora, como espera sair dessa?

Denyel o encarou com seriedade. Fora apanhado de surpresa e, uma vez na mira, aparentemente nada poderia salvá-lo. Só que, em vez de levantar os braços para se entregar, ele saboreou o salmão, engoliu e deu um sorriso.

— Bom isso, hein? — retorquiu em inglês, a boca cheia. — É da Noruega?

— Mar do Japão. — O oficial guardou a arma, e os dois se abraçaram vigorosamente. — Deveria ter mais cuidado. E se eu fosse um soldado inimigo?

— Nesse caso, eu o teria notado. — O querubim reconheceu seu antigo parceiro, Mickail, também convocado ao esquadrão dos anjos da morte, mas que fora ordenado a se alistar nas potências do Eixo, afinal os arcontes exigiam relatos de ambos os lados. — Que coincidência.

— Coincidência até de mais.

— Como assim?

— Sei lá o que se passa na mente daqueles palermas. — "Palermas" era como Denyel e Mickail intimamente se referiam aos seus chefes, os malakins. Comentava-se que tais anjos tinham o dom de antever o futuro e o usavam para planejar todas as suas ações, minuciosamente.

Trovejaram mais bombas no setor norte da praia, sobre os rochedos de Pointe du Hoc. Denyel visualizou a orla a partir da estreita janela. Passadas três horas, Omaha era uma selva de sangue e metal, com barcos, anfíbios e tanques incendiados. Os enfermeiros prestavam socorro aos feridos, aplicavam-lhes injeções de morfina, espargiam sulfa sobre os membros talhados. Centenas de fantasmas ainda corriam, choravam, e no plano astral os ofanins os acudiam. Grande parte dos abrigos havia sido tomada, mas a luta pela Normandia estava longe de terminar.

Denyel escutou passos no lado de fora.

— Desmaterialize-se — aconselhou ao comparsa. — Deve escapar voando através do tecido. *Fuja!*

— *Eu devo?* — o "major" alargou um sorriso. — Não podemos nos desmaterializar, Denyel. Ou se esqueceu? — Na terra, Mickail adotara o curioso nome de Fritz, que era também um apelido dado pelos norte-americanos aos alemães em geral. — Nossas instruções são para não deixarmos o reino físico. — Ele era rígido no cumprimento de ordens, não à toa se adaptara tão bem ao exército germânico. — Precisa me tomar como prisioneiro.

Denyel experimentara a dura tarefa do desembarque e temia que os praças não desejassem fazer prisioneiros. Recolheu argumentos para convencer o colega, mas ao abrir a boca um estampido fez a casamata rufar.

Atingido por um disparo no coração, o celeste de fios louros tombou. Tentou se agarrar ao amigo, mas a vida física o deixara, e, ainda que perder o avatar não significasse para ele a morte final, era de qualquer maneira uma experiência traumática, que poderia deixá-lo fora de ação por anos, talvez séculos, até que o espírito se recobrasse.

Por um instante, Denyel ficou congelado. Um cabo da 1ª Divisão adentrou o posto fazendo sinal de positivo, certo de que o havia salvado.

— De nada — deu-lhe uma palmada no ombro. — Posso ficar com a Luger?

— Claro — ele respondeu, apático. As pistolas Luger, usadas pelos oficiais alemães, constituíam um souvenir dos mais cobiçados.

— Cadê o sorriso? — um segundo rapaz o estimulou. — Ouvi dizer que estamos arrastando esses putos costa adentro, daqui até Juno.

— Joia — o exilado sacudiu o pescoço. — Muito bom — voltou à consciência. — Para o inferno com esses canalhas.

— É assim que se fala — disse o cabo. — O segredo é pensar grande.

— Exato — maneou a cabeça. — Pensar grande — Denyel repetiu para si mesmo, fitando o avatar inerte de Mickail. Sibilou as palavras mágicas, como as nomeara, o mantra que recitava sempre que as emoções ameaçavam suplantar a razão. — Não é uma guerra, é um *jogo*.

SONO DE PEDRA

Santa Helena, região serrana do Rio de Janeiro, dias atuais

ISMAEL ESTAVA PARADO NO MEIO DO MATO, O PÉ ESQUERDO SOBRE UM TRONCO MACIÇO. Cauteloso, ele observava a entrada da gruta. Era um hashmalim, um dos anjos da punição, a casta de juízes e executores do céu. Na condição de torturador e carrasco, ele aprendera a manipular as almas humanas e detinha o poder de conversar com os espíritos, vivos ou mortos, prendê-los ou transferi-los para outros corpos e objetos.

Entre os celestes, Ismael era conhecido como Executor, não por executar as pessoas, mas por cumprir ordens à risca, nunca dando margem ao fracasso. Magro, a cara ossuda, tinha a pele pálida e as veias saltadas, formando caminhos que iam do pescoço ao topo da cabeça lisa, careca. Os olhos eram pequenos, sombrios e amendoados, e a expressão, aterradora, feito a dos mais implacáveis algozes. Com tudo isso — e apesar disso —, o controverso Ismael era simpatizante das causas terrenas, um dos poucos hashmalins que se associaram às forças de Gabriel contra as tirânicas legiões do arcanjo Miguel. Não se considerava uma entidade bondosa, pelo contrário, mas suas motivações eram justas — ele não achava que os mortais deveriam ser exterminados, como pregavam os legalistas, mas doutrinados, o que só aconteceria, no seu breve entender, por meio da dor e do sofrimento, por isso seu trabalho era tão crucial, embora potencialmente cruel.

Ismael tinha os sapatos sujos de lama. Trajava calças pretas de algodão, com gravata e colete escuros sobre uma camisa social branca. Era meados de julho, o início do inverno no hemisfério Sul, uma tarde úmida nas montanhas de Santa Helena. Dobrou as mangas compridas e olhou para sua líder, à esquerda, a quem ele chamava de Kaira, Centelha Divina, pertencente à casta dos ishins, os regentes da natureza. Sendo uma arconte, uma capita das unidades celestes, ela tinha o direito de montar sua própria equipe, mesmo no caso de uma missão que, por diversos motivos, já não seguia mais o curso original. O corpo de Kaira era idêntico ao de uma mulher humana, de longos cabelos ruivos, sardas sobre o nariz e olhos verdes, fortes e sedutores. Junto a ela, um terceiro anjo montava guarda: Urakin, Punho de Deus, um soldado da ordem dos querubins, um gigante de dois metros de altura, tronco forte e massudo, cabeça raspada e cavanhaque castanho, vestindo camiseta, japona e coturnos.

— Cortina de Aço. — Ismael se voltou para os seus companheiros. — O tecido da realidade é intransponível deste ponto em diante — disse ele, sempre com aquela voz rouca, penetrante. — Não podemos invadir a caverna através do astral. — O plano astral é a camada mais rasa do mundo

espiritual, uma espécie de reflexo da terra, por onde caminham os fantasmas e as almas penadas. — Está fora de questão, infelizmente.

— Cortina de Aço. — Kaira se recordou do pouco que sabia sobre o assunto. — É uma técnica usada pelos membros de sua ordem para lacrar prisões e calabouços no reino físico, não é? — Na hora, veio-lhe à mente a figura de Yaga, sua antiga oponente, destruída fazia alguns meses. — Não pode anular os efeitos?

— Já tentei — explicou o Executor. — Mas a verdade é que não foi um anjo que levantou esta barreira, portanto eu não posso quebrá-la.

— Não foi um anjo? — a arconte estranhou. — Pensei que Yaga tivesse construído este santuário, a partir das ordens de seu chefe, Andril.

— De fato, eles usaram este lugar como refúgio, mas a Cortina de Aço me parece anterior à sua chegada — afirmou Ismael, circunspecto. — Muito anterior, eu diria. Deve ter surgido naturalmente ou a partir de... — ele se deteve por um instante. — De algo incrivelmente maior.

Kaira mirou a copa das árvores, depois voltou a encarar o paredão, reparando na abertura redonda que conduzia ao interior da montanha. Fora sua a ideia de regressar a Santa Helena em busca de pistas sobre sua nova missão. Recebera diretamente das mãos do arcanjo Gabriel a incumbência secreta de localizar um misterioso inimigo do céu, conhecido apenas como Primeiro Anjo, foragido havia meses de sua prisão na Gehenna, mas por conta própria decidira que, antes, precisava resgatar o seu antigo parceiro de lutas, Denyel, sugado pelo redemoinho cósmico do rio Oceanus e atirado a alguma dimensão paralela. Denyel se sacrificara por eles, permitindo que fugissem de um templo prestes a desabar, portanto não seria esquecido. O objetivo mais imediato daquele time de combatentes era encontrar a colônia atlântica de Egnias, onde se acreditava existir um segundo afluente do rio, que em teoria poderia transportá-los ao exato local em que jazia o amigo.

— Pode rastrear a origem dessa potência?

— Daqui não — disse Ismael. — Mas talvez eu tenha melhores chances lá dentro.

Urakin avançou. Era um brutamontes, mas, a exemplo de um urso que caça na mata, ele quase não fazia barulho. Observou a passagem rochosa. Com seu olfato de predador, sentiu o cheiro de carne apodrecida, ou melhor, de carne apodrecendo, e exclamou:

— Que eu me recorde, a Cortina de Aço apenas impede a desmaterialização, mas o caminho está livre — apontou para a gruta. No plano físico, realmente não havia nenhum obstáculo que os atrasasse. — Podemos seguir a qualquer hora. — Olhou para a ruína. — Por que não entramos de uma vez?

— Sim, mas Ismael vai na frente — Kaira lançou uma ordem. — Cubra a retaguarda — designou Urakin para essa tarefa. — Uma coisa boa, pelo menos.

— O quê? — perguntou o Punho de Deus.

— Sem mais surpresas. Desta vez já sabemos o que vamos encontrar.

Quando entrou na caverna, Kaira teve a impressão de que muitos séculos se haviam passado. Ela e Urakin, com o falecido Levih, o ofanim que os acompanhara na antiga missão, haviam estado naquele lugar não fazia mais que três meses, mas tanta coisa mudara que era impossível não pensar em Rachel, a jovem que ela acreditara ser por quase dois anos, antes de ter parte de suas memórias restaurada. Os problemas da vida humana lhe pareciam utópicos agora, simples e até agradáveis, pertencentes a uma época que não voltaria jamais.

Não era apenas Kaira que havia mudado. Com a morte de seu principal adversário, Andril, nomeado de Anjo Branco, as paredes antes cristalizadas haviam descongelado, e agora tudo o que se via era uma galeria de rocha crua, um túnel longo e profundo que prosseguia em aclave. A escuridão apertou, o que não chegou a complicá-los. Ismael, acostumado às trevas do Segundo Céu, podia enxergar mesmo na negritude mais densa. Kaira, hábil na manipulação do calor, avistava os espectros térmicos, ao passo que Urakin se guiava pela audição e pelo olfato.

Logo nos primeiros cem metros, os celestes toparam com um amontoado de dez cadáveres em putrefação, um sobre o outro, com o que sobrara da carne sendo devorado por vermes.

– Vítimas de Sirith – comentou a arconte.

– Sirith? – indagou Ismael.

– Um raptor – ela esclareceu –, um demônio que se aliou ao inimigo contra nós. Sirith tinha a capacidade de copiar qualquer forma, e essas pessoas foram mortas por ele.

– Estavam presas à parede, quando a caverna ainda era frígida – acrescentou Urakin. – Devem ter despencado após o degelo.

– Esses diabretes são abjetos – resmungou Ismael, divisando um ponto de luz adiante. Virou-se para Kaira. – É aquela a câmara da qual me falou?

– Não, aquele é o observatório. – Uma pequena fissura se abria na parede norte, banhando a galeria com o sol da manhã. – Mas não viemos por causa dele.

Os três anjos passaram ao largo da "sala do observatório", como eles a haviam apelidado, uma antecâmara usada por Yaga e Andril para vigiar os passos de Kaira, quando ela ainda julgava ser uma estudante na Universidade de Santa Helena. O telescópio de cristal descongelara, a exemplo de todo o resto, transformando o local num mirante, com sua janela natural aberta para o bosque lá embaixo.

A seguir, Kaira, Ismael e Urakin chegaram a um aposento diferente, acessível por meio de uma fresta. Um objeto que parecia um sarcófago fora deixado no chão, abraçado por estalagmites de granito que o envolviam feito garras. Deitado naquele ataúde sem tampa, a arconte esperava encontrar o corpo do regente de Atlântida, o general aprisionado, cujo espírito pretendia sondar para extrair informações a respeito de Egnias – por isso trouxera

consigo Ismael. Mas, ao se aproximar do suposto caixão, ela teve uma desagradável surpresa.

— É rocha pura — Kaira tocou os vincos na pedra, deslizou os dedos sobre o rosto sólido do general. Tanto a carne quanto a armadura se haviam transformado em uma estátua rústica, com os contornos tão toscos que poderiam ser confundidos com fragmentos castigados pela erosão.

Urakin examinou o bloco nas mínimas nuances, na esperança de que o corpo estivesse lá dentro, de que aquela fosse apenas uma casca, uma crosta, mas não — a couraça antes metálica, a pele e os ossos do regente se haviam convertido em calcário, dos lados de dentro e de fora.

— Mas o que é isso? — ele praguejou. — Outro truque de Andril?

— Parece-me o Sono de Pedra — a ruiva não escondeu o desapontamento, e o comentário saiu atravessado. — Não vejo outra explicação.

— É algum tipo de encanto?

— Definitivamente, sim. Um encanto das fadas. Presumo que elas o tenham ensinado aos atlantes, assim como fizeram com o Eterno Verão. O ritual do Sono de Pedra converte o corpo do receptor em pedra bruta no instante da morte, e com ele todos os seus equipamentos.

— Com que objetivo? — quis saber Urakin.

— Os maiores rivais dos atlantes eram os magos de Enoque, então o feitiço não só impediria que seus pertences fossem roubados como preveniria que seus órgãos fossem usados em cerimônias de magia negra. — Muitos ishins, por sua afinidade com a natureza, haviam sido amigos das fadas, quando elas eram abundantes na terra. Kaira perdera a memória parcialmente, mas com a libertação da menina Rachel essas recordações aos poucos começavam a voltar, em clarões desconexos. — Quando o encontramos aqui, há três meses, ele não devia estar morto, embora seu coração estivesse parado. O frio certamente o mantivera em coma, e, quando a caverna esquentou, ele enfim pereceu.

— É uma teoria adequada — Ismael a apoiou —, tomando por base que a morte física começa com a decomposição celular, não com a parada cardíaca. — Analisou a estátua de perto, fez medições com os dedos e finalmente declarou o que todos esperavam: — Sinto muito, mas o espírito que habitava esse corpo se foi.

— Maldito seja o legado de Andril — Urakin deu uma cotovelada na parede. — O regente era a nossa única pista para encontrar a Segunda Cidade.

— Este era um dos muitos títulos atribuídos a Egnias, a maior das dez colônias atlânticas. — Estamos sem opções.

Sucedeu-se um breve silêncio, até que Ismael murmurou:

— Sempre há opções.

— Por exemplo? — Kaira o questionou.

— Conheço alguém que talvez possa nos ajudar — o Executor se dirigiu à saída. — Dependendo, é claro, do que estiver disposta a fazer.

– Já escutei esse tipo de advertência, e não gosto dela – enfrentou-o com dureza. – Diga-nos o que tem em mente, então veremos se é razoável.

– Claro – ele anuiu. – Mas prefiro conversar sobre isso lá fora. – Misteriosas energias circulavam a gruta. – Não acho que este seja um ambiente seguro.

Esperançosos e intrigados a um só tempo, Kaira e Urakin acompanharam Ismael, que os convidou a deixar a caverna. Antes, porém, o Punho de Deus se lembrou de um juramento que fizera a um velho amigo, na ocasião da sua fuga do calabouço, e o comunicou à arconte:

– Centelha, se me permite – tocou o ombro da ruiva. – Gostaria antes de cumprir uma promessa.

– Uma promessa a quem?

– A Levih – e, diante da afirmativa, acrescentou: – Não vai demorar quase nada.

QUIMERAS

Colinas de Omaha, 6 de junho de 1944

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL FOI, EM VÁRIOS ASPECTOS, O GRANDE PONTO DE VIRADA DA HISTÓRIA MODERNA. Depois dela, as revoluções tomariam outros rumos, as sociedades adotariam novos princípios, a política, a cultura e a economia mudariam para sempre. Para os soldados que estavam na linha de frente no entardecer daquela terça-feira, 6 de junho, a vida nunca mais seria a mesma. Era uma impressão sutil, presente no olhar de cada recruta, no coração de cada homem.

Quando as potências aliadas, encabeçadas pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética, invadiram a Europa, não havia a menor garantia de vitória, mesmo com as posições alemãs castigadas pelos bombardeios da véspera. O comandante supremo aliado, o general Dwight D. Eisenhower, sabia que as primeiras horas após o ataque seriam decisivas. Na conta geral, a tomada das praias normandas não levou mais do que uma manhã, mas ao custo exorbitante de trezentas mil baixas, entre americanos, alemães, britânicos, canadenses, australianos e franceses.

Por volta das dezessete horas, terminado o combate, as lanchas pesadas desembarcavam tanques, escavadeiras, caminhões e tendas de campanha, além de suprimentos, munição e mais tropas, que aportavam aos milhares. A ordem era avançar sem descanso, abrindo caminho para a ocupação dos povoados costeiros, mas as próprias equipes de logística precisavam de uma pausa, o que deu tempo para que os batalhões repousassem também. À tardinha, a coluna de defesa germânica havia sido empurrada não mais que 1.500 metros para o interior, e por toda a península essas guarnições resistiam em bolsões, atirando projéteis e foguetes nas unidades estacionadas na praia.

A despeito da carnificina, o sentimento era de vitória, mesmo que a guerra estivesse só começando. Sentados no cume das ribanceiras, alguns descalços, sentindo a relva aos seus pés, centenas de homens relaxavam, alheios aos disparos dos cruzadores. Um grupo de oficiais da 29a Divisão fazia a contagem dos mortos. Enfermeiros e capelães preparavam as maçãs e separavam os feridos, que naquela mesma noite seriam transferidos de barco à Inglaterra.

Denyel encontrou uma área reservada, pousou o rifle no chão, o novíssimo M1 Garand, e se deitou no gramado. Uma fila de duzentos militares acabara de se formar, descendo a colina até uma barraca que distribuía comida quente. Em vez de acompanhá-los, o exilado se afastou, transpôs uma cerca de arame e refugiou-se numa trincheira capturada, agora vazia. Dentro dela, o espírito de um sargento da SS, o famigerado

exército particular dos nazistas, recarregava a pistola e atirava, para depois se agachar e repetir o movimento outra vez — era uma das sombras, um fantasma que havia perdido a razão, entidades fadadas a reproduzir eternamente as ações que praticavam no instante da morte. No plano astral, os ofanins continuavam o seu trabalho, mas essas almas eram tão numerosas que atendê-las todas levaria dias, anos talvez.

O querubim ignorou o fantasma, caminhou até uma cratera e por lá se acomodou. Desembrulhou o pacote de ração, abriu o presunto enlatado, devorou os biscoitos e os tabletes de caramelo. Como não costumava fumar, guardou na jaqueta o maço de cigarros Chesterfield, que frequentemente usava como moeda de troca, pôs o capacete de lado e desdobrou um mapa que trazia consigo. Enquanto o estudava, três recrutas o observavam ao longe. Encostados nas lagartas de um tanque Sherman, engoliam às colheradas uma sopa de feijão com legumes.

— O sujeito dorme nas trincheiras inimigas — comentou um jovem de cabelos pretos.

— Vai ver ele só quer ficar sozinho — ponderou o rapaz ao lado, que trocara o capacete por um boné verde-oliva. — A batalha afeta cada um à sua maneira.

— Não neste caso — continuou o moreno. — Conheço uns caras da Able que lutaram com ele na Itália. — Able era o codinome da Companhia A. Geralmente um batalhão era composto por nove companhias, que iam de A até I. — É completamente pirado, sai correndo no tiroteio, nem sente quando é atingido. Suporta a dor como um porco-do-mato. Acho que já foi ferido umas cinco ou seis vezes, duas na Tunísia e três na Sicília.

— Escutei os rapazes falando que foram dez, entre tiros e bombas — manifestou-se o terceiro soldado, o mais velho deles, que exibia a insígnia de cabo.

— O nome disso é psicopatia — discorreu com ar professoral. — Li uma matéria na revista Life, acho que no ano passado. Pessoas assim são perturbadas, não têm nenhum apego à vida, chegam a sentir prazer em matar.

O recruta de boné não escondeu o receio. Um calafrio percorreu-lhe a nuca.

— Será que ele atacaria um de nós?

— Eu não me surpreenderia — respondeu o colega, mais no intuito de assustá-lo. — A maior prova de sua insanidade não é o fato de ele matar alemães, mas de ter recusado todas as promoções, inclusive uma medalha Coração Púrpura. — Essa condecoração, uma das mais respeitadas, é outorgada pelo presidente dos Estados Unidos a todos que tenham sido mortos ou feridos em combate. — Pelo tempo que está em serviço, poderia estar no posto de primeiro-sargento.

— Que doido. — O praça de cabelos negros baixou a voz. — Acho que ele está olhando para cá.

Uma bala de canhão cortou o céu, deslizou sobre as cabanas e estourou

na praia, acertando um caminhão que transportava uniformes. A explosão levantou um cogumelo de fogo, pôs os combatentes em alerta, fazendo-os lembrar que, entocados em seus abrigos, os alemães ainda lutavam.

– Não fique pensando muito nessas coisas, se vai matar ou morrer – o cabo o aconselhou. – Procure apenas fazer o seu trabalho.

Quando a noite chegou, Denyel dobrou o mapa, guardou-o na camisa e se despiu de todo o equipamento pesado. Escondeu a mochila, o cantil e o rifle sob o cobertor, para então se esgueirar para fora do acampamento. Como arma, levou apenas a pistola Colt e o cabo de sua espada mística, a qual transportava com a lâmina desmaterializada, a empunhadura escondida dentro de uma lanterna sem pilhas. Em teoria, ele poderia conjurar o fio de aço com a simples força do pensamento, mas na prática nunca o fazia, já que os anjos da morte eram proibidos de usar suas relíquias. O objeto, no final das contas, servia mais como amuleto, uma espécie de talismã de boa sorte, que no fundo não lhe proporcionara sorte alguma.

Por toda a colina os soldados dormiam, vários deitados na areia, à luz das estrelas e dos holofotes instalados nas torres improvisadas. Na cidade de Caen, ao sul, e em tantas outras localidades francesas, os combates prosseguiam, com os paraquedistas tentando estrangular os bolsões de resistência, atacando ninhos de metralhadoras, abrigos e pontes. Na curta porção de terra ocupada pela infantaria, sobre as dunas de Omaha, a vigilância fora redobrada, com dezenas de guardas esquadrinhando o perímetro. Seria inviável a qualquer um, americano ou alemão, entrar na área cercada ou sair dela, a não ser a Denyel, que tinha um encontro marcado com seu arconte na comuna de Trévières.

O querubim engatinhou por trás de barris, passou pelo meio de tendas, rastejou sob um caminhão, pulou uma mureta de pedras e quando se levantou descobriu-se em um bosque de árvores baixas. Enquanto caminhava, tentando limpar a farda com safanões, pensou em Mickail, que o ensinara a encarar aquele trabalho como uma mera partida de críquete. Logo ele, que passara ileso por todas as guerras anteriores, acabara banido de maneira tão trágica, e ao refletir sobre isso Denyel sentiu-se órfão pela primeira vez. A imagem do encontro no café de Paris, há quase cinquenta anos, misturava-se às recordações da Batalha do Somme, perfurando sua mente em marteladas contínuas.

Denyel possuía um apurado senso de direção, mas os pontos de referência, naquela noite, desfaziam-se em ruínas, fossem casas, placas ou postes. Os troncos estavam cobertos de fuligem, e as estradas, sujas de poeira negra. Ainda no bosque, ele enxergou o fantasma de um paraquedista britânico sentado sobre uma tora, encarando o próprio corpo caído no chão. Acomodado ao seu lado, no plano astral, um ofaním o consolava, sussurrando palavras de conforto, ajudando-o a compreender a natureza da morte. Denyel conseguia vê-los quase perfeitamente, os corpos brilhando, os contornos translúcidos.

O exilado fingiu que nem os tinha notado. Não queria conversa com os ofanins – embora eles fossem seres de boa índole, Denyel os achava tagarelas e enfadonhos. Vasculhou o solo, procurando por pegadas. Concentrado, não percebeu quando um anjo da guarda apareceu na sua frente.

– A estrada que procura fica ao norte – disse o recém-chegado, a voz ecoada através da membrana. – Ou melhor, o que sobrou dela.

– Tem certeza? – ruminou Denyel, sem dar-lhe muita atenção. – Como sabe para onde estou indo?

– Não sei para onde está indo. Mas sei que existe uma estrada aqui por perto, a única nesta região – o ofanim se aproximou. Usava uma túnica longa, com as asas alvas brotando das costas. Os olhos eram azuis, os cabelos curtos e a franja grisalha, mas o rosto era jovem, tão puro que chegava a parecer inocente, sem traços de inveja ou ganância. – Meu nome é Levih. – Ele teria estendido a mão, mas, uma vez materializado, Denyel não poderia tocá-la. – Também chego com as tropas?

O exilado parou a marcha e respirou fundo. Contou até dez, mentalmente. Não queria soar desagradável, mas precisava ser realista.

– Estamos em guerra, amigo. – A guerra a que ele se referia não era o confronto terreno, mas a guerra civil entre rebeldes e legalistas, que se desenrolava nas paragens do céu. Os ofanins, sempre simpáticos à humanidade, tinham aderido, quase todos, à causa dos revoltosos, o que os colocava de lados distintos, sendo o exilado um agente do arcanjo Miguel. – Não deveríamos sequer estar nos falando.

– Não estou em guerra com ninguém. "Guerra", aliás, é uma palavra que não faz parte do nosso vocabulário. – Eles tornaram a andar, para enfim acharem uma trilha esburacada, suja de lama. – O caminho à esquerda leva a Trévières. Se pegar à direita, sairá em Formigny.

Denyel conferiu o mapa. A indicação estava correta.

– Preferia que não contasse aos outros que me viu.

– Sem problemas – concordou Levih. De uma cava na túnica, puxou um objeto que lembrava um apito e o ofereceu ao querubim. – Pegue.

– O que é? – Normalmente, um objeto espiritual é intangível no plano físico, a não ser quando carregado de energia celeste, o que o transforma em uma quimera, artefatos que podem ser transportados através do tecido, assim como seus portadores.

– Só uma coisinha de nada. Para a eventualidade de precisar de ajuda.

– Não preciso da sua ajuda.

– Eu insisto – pediu Levih, e assim o apito se materializou nas mãos de Denyel, como mágica. – Por favor, fique com ele.

– Está bem – o exilado aceitou, mais para que ele o deixasse em paz.

– Posso fazer uma pergunta? – e, sem esperar o retruque, o anjo de olhos azuis indagou: – Por que está fazendo isso?

Denyel bufou. Conteve-se. O comentário o irritara. Quem era esse Levih para condená-lo? Que autoridade tinha para questionar os seus atos?

– Melhor cuidar da sua vida, pirilampo. – Este era um apelido jocoso para definir os ofanins. – Tem trabalho de sobra nas linhas e fora delas.

– Receio que eu não tenha me feito entender – Levih ajustou as palavras pare. um tom mais ameno. – Não estou a julgá-lo. Longe disso. Só queria entender.

Denyel não respondeu. Fizera uma avaliação errada dos anjos da guarda – eles nunca criticavam ou condenavam alguém, apenas tentavam ajudar, era algo intrínseco à casta. O exilado sabia disso, sempre soubera, mas naquela noite seus pensamentos estavam confusos, distantes, sua mente vagava, então ele preferiu encerrar a conversa, antes que perdesse a paciência de vez.

– Não tem nada para entender – murmurou, ranzinza, e tomou o curso pela estrada de lama. – Boa sorte para você, Levih.

O ofanim deu um sorriso, recuou alguns passos e desapareceu.

Denyel não o veria por muitos anos.

"UM ABISMO LEVA AO OUTRO"

DO BOSQUE, KAIRA AVISTOU O PORTÃO DA UNIVERSIDADE DE SANTA HELENA, AS CANCELAS erguidas, dando passagem aos carros que chegavam e saíam. Os umbrais eram muito antigos, de pedra escura, mas as grades eram modernas, de aço, cercando os limites da propriedade acadêmica. Dentro da guarita, um zelador anotava placas, acenava aos motoristas e escutava música em um radinho de pilha. O acesso ao campus era livre nos dias de semana, permitido a alunos, funcionários e visitantes.

O sol descera, mas o céu seguia claro, sem nuvens. Os anjos transpuseram a entrada e alcançaram a estradinha asfaltada, um percurso que conduziria à praça do convento. Tudo ao redor era mata, uma floresta de eucaliptos pontilhada de folhas, sem troncos ou obstáculos no chão.

Urakin tomou o caminho pelas árvores e em minutos eles estavam diante de um poço, um buraco estreito, coberto de limo, castigado pela erosão, um lugar aparentemente sem importância que os estudantes usavam, às vezes, como ponto de encontro para cerimônias de wicca. Fora por meio daquele duto que meses antes o Punho de Deus fugira do calabouço nas montanhas, com o seu amigo Levih. Na ocasião, exaustos e gravemente feridos, eles haviam decidido não descer aos andares subterrâneos, mesmo suspeitando de que havia alguma coisa lá dentro.

– Foi por aqui que vocês escaparam? – perguntou Kaira.

– Sim – confirmou o guerreiro. – Prometi a Levih que em outra situação voltaríamos. – Ele ficou taciturno por uns segundos. – Não contava que estaríamos sem ele.

– Deve ter uns quinze metros – Ismael testou a profundidade. Sua voz ecoou lá no fundo. – Estou vendo rachaduras, pontos naturais de apoio.

– Da outra vez, subimos justamente por elas – declarou Urakin. Ele não gostava de Ismael, mas o respeitava, primeiro por ele ter se aliado aos rebeldes, contrariando os desígnios da casta, segundo por dominar as forças ocultas, energias que muitos anjos desconheciam completamente.

Kaira segurou-se às bordas do fosso. Entrou. Os demais a acompanharam

O interior do poço revelou uma parede quebrada, que dava acesso a uma gruta pequena, repleta de raízes no teto. No canto mais extremo havia uma fenda que, conforme Urakin informou, desembocava nos níveis acima, na área de detenção e na antiga caverna de Andril.

No lado oposto da câmara, os anjos descobriram uma porta de carvalho, reforçada com pregos enormes e chapas de ferro. Não havia maçaneta aparente, tampouco fechadura ou puxador, sugerindo que aquela não era uma porta, mas um selo, posto ali para obstruir o avanço.

– Essa é a passagem que eu gostaria de verificar – avisou Urakin.

— Então, vamos em frente. — Kaira recuou alguns passos, para que o gigante arrombasse a entrada. — Não temos muito tempo a perder.

Dada a permissão, o Punho de Deus partiu uma estalagmite e a usou como tacape. Com um golpe entortou as tábuas, e com mais dois esfarelou a madeira.

Kaira foi na vanguarda. Logo encontrou uma escada de rocha, que corria para baixo em espiral. Pela atmosfera, densa e viciada, ela concluiu que a câmara permanecera intocada por décadas, o que já era esperado. O estranho foi sentir cheiro de maresia, considerando que Santa Helena ficava sobre as montanhas, distante uns 150 quilômetros do litoral.

— Mas que diabos? — farejou Urakin. — De onde vem esta brisa?

— É água salgada — a capitã retorquiu, e, quanto mais desciam, mais a fragrância aumentava. O túnel se abriu então em um aposento similar às catacumbas góticas, com pilares redondos formando nichos escuros. O local lhes pareceu um depósito à primeira vista, sujo de areia e entulhado de objetos exóticos. O mais impressionante, contudo, era o poço que eclodia do chão, não estreito como o anterior, mas imenso, um abismo com dez metros de diâmetro, revestido de tijolos, exalando o reconfortante perfume do mar.

Os três instintivamente se separaram, cada qual explorando um aspecto da sala. Ismael caminhou na direção do abismo, Urakin partiu para verificar os entulhos e Kaira se dispôs a examinar as colunas. Deu pancadas na parede, estudou o piso e as formas gravadas no teto.

— Esta câmara deve ter sido construída durante a edificação do convento — ela especulou. Tanto o convento quanto a igreja de Santa Helena, que hoje pertenciam à universidade, haviam sido erguidos no ano de 1783. — Data do século XVIII, ao que me recordo.

— Nunca vi algo assim — Ismael estava parado à beira do poço, a atenção fixa no breu. — Meus olhos não penetram através desse abismo.

— Nem os meus — a arconte se juntou a ele.

— Uma força desconhecida está em ação — o Executor torceu o nariz —, talvez a mesma que gere a Cortina de Aço.

— Magia? — boquejou Kaira.

— É possível.

— "Um abismo leva ao outro" — ela se recordou do misterioso lema da universidade, gravado nos blusões, nas canecas e sobre o portão.

— Olhem só isto — Urakin se aproximou, trazendo nos braços uma espécie de vaso. — Intrigante, no mínimo. Como veio parar aqui?

Kaira analisou o artefato, pintado com o desenho de dois lanceiros de capacete. Não era exatamente um vaso, mas uma ânfora, um tipo de garrafa de barro com duas alças, utilizada pelos gregos para armazenar vinho, azeite e outras substâncias, geralmente líquidas.

— Será que é original?

— Se não for, esta câmara está apinhada de falsificações — ele retrucou e os levou aos nichos pretos. Lá se armazenava um sem-número de objetos históricos, a maioria estragada, enferrujada, desde armas romanas a

fragmentos de galeões. — Esta deve ser uma sala do tesouro.

— Um paraíso para qualquer arqueólogo — teorizou a arconte. — Organizada e lacrada pelos homens que fundaram o campus, quem sabe.

— Creio que não — Ismael se manifestou. — A porta estava emperrada, sinal de que este cômodo não é visitado faz quase cem anos.

— E como explicar isto? — o gigante catou do chão uma bala amassada de fuzil cujo odor, por alguma razão, lhe pareceu familiar. Observou as alcovas com mais atenção e nelas encontrou pedaços de utensílios modernos, rádios estilhaçados, cabos de aço desfiados, bóias retalhadas, além de conchas e estrelas-do-mar.

— É chumbo de 7,62 milímetros — Kaira segurou o projétil com a ponta dos dedos. — Munição de rifle semi-automático. Década de 50 para cá.

— O que nos põe diante de outro enigma.

— Um que infelizmente não poderemos desvendar. Não agora — ela decretou, tocando o braço do amigo. — Sinto muito, Urakin. Sei que esteve divagando sobre este mistério por meses, mas não podemos atrasar a nossa missão, não enquanto Denyel estiver desaparecido.

— Eu sei — ele acatou. — De certa forma, já viemos longe demais.

Kaira ficara curiosa, até porque havia morado em Santa Helena, ela própria, e conhecia cada uma de suas lendas. Quem sabe as loucas histórias contadas pelos estudantes tivessem um fundo de verdade, afinal? Quem sabe o segredo do abismo estivesse ligado a eles, a Andril, ao santuário na caverna, aos nódulos místicos que cobriam o território acadêmico? Era uma possibilidade concreta e até sedutora, mas parte de suas atribuições como líder era gerenciar prioridades, e o resgate de Denyel, naquele momento, era sem dúvida a tarefa mais importante.

Voltou-se para Ismael.

— Você disse que poderia nos ajudar.

— Não eu. Alguém que conheço. Se ainda estiver lá.

— Leve-nos até ele.

O coro seguiu em retorno à escada, e antes de deixar o salão Urakin espiou o buraco mais uma vez, com a mente fervilhando de hipóteses.

— Por essa eu não esperava.

— Acho que ninguém esperava — concordou a ruiva.

O PRIMEIRO DOS SETE

Comuna de Trévières, 1944

DENYEL CAMINHAVA PELAS SOMBRAS, SEGUINDO A ESTRADA QUE CONDUZIA AO VILAREJO. De um lado, árvores queimadas; no meio, uma trilha de lama; do outro, um muro de tijolos com intervalos quebrados. Além das sebes, ele avistou o que devia ter sido uma chácara, agora devastada, com o solo negro pelas explosões de canhão. Duzentos metros ao norte, ficava um aglomerado de casas normandas, a maioria ainda habitável, com grandes lombos nos telhados, janelas partidas e paredes rachadas. Muitas dessas casas datavam do século XIX, mas sua arquitetura imitava o estilo medieval francês, construídas a partir de sólidas vigas de madeira, com dois ou três andares, coroadas por teto de ardósia.

Sentiu cheiro de sangue, andou mais alguns passos e se deparou com os corpos de dois homens e uma mulher, vestidos com roupas civis, baleados na testa, caídos na base do muro. Deduziu que fosse um trio de partisanos, membros da resistência. Os cadáveres, como se apresentavam no barro, haviam sido executados com os punhos atados por fios de arame, um conhecido padrão da Gestapo, a polícia secreta nazista. No paredão, adjacente às marcas de tiro, fora pintado em vermelho o desenho da cruz de Lorena, símbolo dos opositores franceses à ocupação.

Denyel percorreu a muralha, chegando a um entroncamento na via. De acordo com o mapa, aquele era o lugar, ele tinha certeza. Encostou-se num poste e simplesmente aguardou, como sempre fazia. A chuva voltou a cair, os pingos formando poças, encharcando o lamaçal. Ocorreu, então, que depois de uns quinze minutos as gotas estacionaram no ar, o vento silenciou, os animais se calaram. Uma luz ofuscante fez os campos desaparecerem, e de súbito o querubim estava em uma sala clara, com uma abóbada no teto, suportada por colunas brancas. O aposento era feito de mármore, ou assim parecia, e das paredes brotavam sete alcovas, obstruídas por uma cintilante película dourada.

No centro do pavilhão erguia-se um pedestal, e sobre ele, levitando, com as pernas cruzadas, estava Sólón, o Primeiro dos Sete, o malakim que detinha o comando dos anjos da morte. Vestia uma túnica alva e comprida; o corpo era magro e os traços finos. Calvo, sem sobrancelhas ou cílios, exibia uma testa grande, ornada por uma pedra pequena, chata e alaranjada, feito uma escama presa ao sobrolho. Tinha a pele amarelada, como a dos povos orientais, os olhos chispavam, e das asas nasciam penas reluzentes. Um cinto de prata apertava-lhe o quadril.

Sólón era uma figura imponente, apesar da aparência franzina. A razão da prepotência apoiava-se no fato de que aquela era a sua dimensão

particular, onde ele fazia as regras e se tornava praticamente invencível. Era o primeiro de um coro de sete malakins que se reportavam diretamente ao arcanjo Miguel, sendo, portanto, respeitados e temidos pelos outros celestes. Não bastasse, guardavam a fama de ser indestrutíveis, amorais e inescrupulosos. Denyel não simpatizava com ele, mas acatava suas ordens, como faria qualquer bom soldado.

— Ponha-se de joelhos — Sólon grunhiu. — Apresente-se ao seu amo conforme lhe foi ensinado.

— Mickail está morto — relatou Denyel, enfim se recurvando numa saudação educada. — Seu avatar foi fuzilado durante o assalto na praia.

Sólon deu de ombros, mostrando-se indiferente, o que o aborreceu sobremaneira, afinal Mickail era o seu melhor e mais antigo camarada.

— Você falará quando lhe for solicitado e ficará calado a menos que eu diga o contrário — ralhou o Primeiro dos Sete. — Ouça bem minhas ordens, e escute-as em silêncio. Descobrimos uma anomalia energética em uma região próxima ao setor onde suas tropas estão acampadas. Sua tarefa é investigar a fonte dessa energia e trazer seus relatórios a mim.

Denyel se conteve sobre Mickail. Sentiu o impulso de solicitar mais instruções. Contudo, depois da reprimenda, optou pelo retruque mais fácil.

— Sim, senhor.

— Não brinque comigo, querubim. — O arconte interpretou a frase como sarcasmo, e no íntimo ele estava correto. — Suas orientações são de se apresentar à Companhia F, onde tomará parte em uma patrulha de reconhecimento. Já cuidei dos pormenores.

— Mas pertenço à Companhia A. — Àquela altura, ele não via a transferência como uma opção aceitável. Ficou a refletir por que Sólon nunca facilitava as coisas, por que estava sempre a destrotá-lo, mesmo quando não havia necessidade para tal.

— Seus métodos pouco me interessam — o anjo de asas reluzentes fechou a cara. — Deixarei que tome as decisões operacionais — e dessa forma encerrou o assunto. — Traga-me apenas o relatório. O relatório. Por meio das quimeras. Esta é sua prioridade por ora — arriou a cabeça. — Preste atenção. Nosso próximo encontro será a oeste da capital francesa, no quarto dia após a rendição da cidade. Esteja lá custe o que custar.

Denyel concordou e antes de ser enviado de volta seguiu a rotina. Removeu da gola o cordão de metal com suas plaquetas militares de identificação, chamadas pelos americanos de dog tags. Nessas chapas são gravados o nome do recruta, o número de matrícula, o tipo sanguíneo e as possíveis restrições médicas. Quando há baixa, uma das lâminas é removida e a outra é deixada unta ao corpo, para que o cadáver seja reconhecido.

Sólon desceu as pálpebras, e nas mãos de Denyel as dog tags brilharam. No caso dos anjos da morte, essas placas, apesar da aparência ordinária, eram na realidade quimeras, relíquias forjadas pelos malakins, e tinham a propriedade de captar imagens, sons e até sentimentos. Em outras palavras, elas serviam como registros psíquicos, que poderiam ser recuperados depois.

Havia anos a casta utilizava essa técnica em pedras e estátuas, bem como em peças móveis, tais como armas, livros e chaves. Graças àquela quimera, as missões de Denyel dispensavam relatórios orais. Bastava apresentá-la ao arconte, que após uma breve meditação captava as nuances de absolutamente tudo o que ele havia provado.

Quando o transe de Sólon acabou, a sala desapareceu, e num segundo o exilado retornou ao entroncamento da estrada.

Recolocou o cordão no pescoço. Olhou para o leste.

O sol estava nascendo.

No acampamento aliado, um cometa despertou os poucos soldados que ainda dormiam.

Era o alvorecer de 7 de junho.

Em Omaha, a cabeça de praia apresentava-se como um gigantesco ferrolho, com dezenas de equipamentos destruídos. O oceano, diante da movimentação dos navios, assumira uma coloração amarronzada, sublinhada por estrias de ferrugem e pegajosas línguas de óleo.

Logo ao raiar do dia, elementos da 1ª Divisão de Infantaria, a Grande Rubra, foram destacados para auxiliar os britânicos na tomada de Port-en-Bessin, uma comuna ao sul. Muitos pertenciam à Companhia F, a Fox, a mesma recomendada por Sólon, à qual Denyel deveria (ele não sabia como) se unir. O protocolo exigia que um oficial superior fosse consultado nos casos de transferência, mas naquela manhã, 24 horas depois da invasão, muitos pelotões estavam desorientados, aguardando a supervisão dos novos tenentes. Denyel cogitou se apresentar ao quartel-general, imaginou uma série de argumentos, desculpas furadas, nada convincente. No final, escolheu a alternativa mais rápida.

Ele simplesmente mentiu.

O nome do sujeito era Tom Craig, um texano de 44 anos que tinha como melhor amiga uma submetralhadora Thompson M1, "a mais valorosa filha da América". Craig ficara calvo precocemente, o que lhe dava um ar maduro, bem apropriado a um sargento de pelotão. Não era alto, tampouco musculoso, o que compensava com a expressão de maniaco, a voz eloquente e uma especial disposição para "picotar chucrute azedo", ou seja, para matar alemães. Denyel o encontrou na descida da colina, perto do bosque, junto a dois pelotões que aguardavam a chegada dos Shermans. Eram praças da Grande Rubra, 16º Regimento, Companhia F, prontos a acompanhar os tanques pela estrada costeira.

— Que porra de nome é esse? — Craig estava sentado numa pedra, com a pistola Colt numa mão e um cigarro Lucky Strike na outra.

— Nome de batismo, senhor. — Na falta de idéia melhor, o celeste se alistara com o óbvio nome de Denyel Angel, "anjo Denyel", mas, como Angel era um sobrenome comum, os burocratas o batizaram de Denyel, o que acabou piorando as coisas, já que na prática só o chamavam de "Daniel".

– É judeu, filho?

– Não, senhor. Minha família é italiana. – Desde o século XIX ele recitava a mesma mentira, que pela prática começava a soar como verdade.

– Italianos. Católicos de merda. O papa é uma bicha, sabia? – engrossou a voz. Soltou um pigarro. – São todos um bando de veados.

Denyel ficou imóvel, o olhar fixo num ponto adiante. Era evidente que o sargento não detestava os católicos, talvez até fosse um deles. O que Craig queria era incitar uma reação emocional, testar o nível de estresse do soldado, como fazia com todos os recém-chegados ao serviço. Esse tipo de coisa era muito corriqueiro no exército, uma atitude típica dos instrutores, então o querubim não se abalou – de certa forma, até achava engraçado.

– Não devia se apresentar à Companhia Able, do tenente Mitchell? – cutucou-lhe o sargento.

– O tenente Mitchell foi pego, senhor. – "Ser pego" era uma gíria que significava que a pessoa estava morta ou fora de combate.

– E quem é o responsável pelo seu pelotão?

– Ninguém. – Essa parte era verdade. – Minha companhia foi dizimada.

Craig olhou para Denyel, deu uma longa tragada no Lucky Strike. Escutou o ronco dos Shermans, suas estruturas metálicas avançando através das sebes. Apesar da vantagem americana em número, os alemães eram mais bem – tomados e tinham generais competentes. As próximas batalhas seriam duríssimas, mesmo com o apoio aéreo esmagador. Nessas condições, um homem a mais poderia fazer toda a diferença.

– Muito bem – o sargento olhou-o de través. Cuspiu o cigarro na grama. – Junte-se aos outros na cauda. – Cauda era como os militares chamavam o fim de uma linha de soldados. – E pelo amor de Deus, com um nome desses - amassou o filtro com a sola –, fique de boca calada.

Denyel bateu continência.

Àquela altura, Tom Craig e sua Thompson eram para ele figuras usuais, apenas mais um elemento na paisagem normanda.

Nos próximos dias, essa percepção mudaria drasticamente.

ABUL DAS PROFUNDEZAS

Subúrbios de Londres, hoje

COLLIERS WOOD É UMA ÁREA RESIDENCIAL AO SUL DE LONDRES, SERVIDA DESDE OS ANOS 20 PELA linha norte do metrô, a chamada Northern Line, ou linha preta. Em 1935, um incêndio na sala de máquinas matou doze operários, que ficaram presos quando a fechadura emperrou. O caso foi abafado e ao passar das décadas o aposento sofreu treze reformas, teve diversas funções e hoje é usado como câmara de ventilação, com canos que despejam ar quente nas plataformas suspensas,

Guiados por Ismael, Kaira e Urakin mergulharam das nuvens como águias, penetraram no teto da estação, atravessaram as lajes e deslizaram até o nível das galerias. Flutuaram à antiga sala de máquinas, onde um grupo de fantasma vestidos com macacão e usando botas untadas de graxa compartilhavam um bule de chá. Um deles reparou nos celestes, ergueu a cabeça e ofereceu a caneca num gesto cortês:

— Juntam-se a nós? — a voz saiu ecoada, à medida que os três anjos se materializavam na terra. De uma hora para outra, o cubículo passou de espectral a concreto, com vapores de calefação, tomadas de força e fios desencapados nos rodapés. Os doze espíritos eram agora vistos como manchas diáfanas, intocáveis através da película. Justamente por conta deles, o tecido ali se mantivera suave, uma zona carregada de energias psíquicas, perfeita para os alados reformarem seus corpos.

Urakin deu um passo adiante, tocou a maçaneta. Ismael observou o ambiente.

— Chegamos — constatou. — Já podemos sair.

A porta dava acesso a um dos corredores do metrô, vias tubulares que se conectavam às escadas rolantes. Um vento abafado corria entre as passarelas, e à frente deles rebentou uma aglomeração abstrata, de muçulmanas de burca a hinduístas de turbante, de mendigos do Leste Europeu a executivos de terno e gravata. Um artista com seu cão pequinês tocava "Bad Moon Rising" numa guitarra elétrica, enquanto, estirado no piso, um bêbado pedia esmola sacudindo uma latinha de Guinness.

Eram 11h30 da noite, hora do "segundo rush" na capital britânica, pouco depois de os pubs encerrarem suas atividades na maior parte das zonas boêmias. Sem que os demais percebessem, Ismael passou por uma banca e furtou um maço de cigarros, para em seguida tomar a escada que ascendia à superfície.

— Quem é essa pessoa que vamos encontrar? — Kaira perguntou-lhe.

— Não é uma pessoa, é um anjo. Foi meu ajudante antes da guerra. Uma figura um tanto curiosa.

– Um velho amigo?

– Amigo? – O Executor cabeceou sugerindo o contrário. – Eu não iria tão longe. Ex-colega seria a definição mais correta.

Os celestes saíram para a rua, uma noite de verão sem estrelas, com um nevoeiro fraco sublinhando os postes de luz. Naquele trecho, a calçada era separada do asfalto por um gradeado, onde se apoiavam bicicletas e latas de lixo. Ismael tomou o rumo da Avenida Christchurch. Desfez as mangas da camisa.

– E podemos confiar nele? – insistiu a capitã.

– Não, penso que não. Mas, dadas as circunstâncias, não vejo outra saída. Ele talvez possa nos indicar uma pista. É a melhor alternativa por ora.

O coro seguiu até a rotunda da Avenida A24, dobrou à margem do rio Wandle, passou ao lado de um outdoor da Volkswagen, atravessou um pórtico de tijolinhos e parou no início de uma alameda. Das muitas casas da rua, uma chamava atenção pelas janelas abertas e as luzes apagadas, dando a impressão de que estava vazia havia anos. Na porta fora gravado um pentagrama, um símbolo místico invisível aos terrenos.

Ismael girou a maçaneta. A dobradiça se abriu com um rangido.

– Que tipo de anjo deixaria seu refúgio destrancado? – comentou Urakin.

– O tipo que tem um selo de proteção na fachada – o Executor apontou para a estrela de cinco pontas. – Este brasão previne o ingresso de seres humanos. É um feitiço antigo. A fórmula original data dos tempos da Babilônia, embora tenha sido reformulada para os dias de hoje.

– Magia? – o Punho de Deus indagou, mas a resposta estava a curta distância. No centro da sala, os alados divisaram um círculo rabisado no piso. Tinha dois metros de diâmetro e expunha runas na borda, formando um nome que Kaira identificou como "Abul das Profundezas".

O cômodo impressionava pela imundice, com cacos espalhados sobre o assoalho, pontas de cigarro cobrindo o sofá e folhas de jornal coladas na parede. Outros objetos pareciam ritualísticos, como um par de velas negras, apagadas, um cálice de ferro e algumas cartas de baralho. Um pequeno tapete exibia manchas de vômito, tudo coberto por teias de aranha. Uma escada de madeira conduzia ao segundo andar.

– Bruxaria, na verdade – corrigiu Ismael. – Magia negra. Satanismo. Como prefira chamar.

– Estamos em um santuário, igual ao porão de Denyel – percebeu Kaira. No jargão celeste, os santuários são áreas determinadas no mundo físico onde o tecido é macio, permitindo que, no interior deles, tanto anjos quanto feiticeiros conjurem seus poderes mais facilmente.

– Isso não é nem o começo – o Executor pisou nos degraus. – Espero que tenham estômago forte.

O corredor do segundo andar terminava em uma janela de frente para o rio, com um cheiro desagradável subindo do esgoto. A brisa noturna agitava

as cortinas, e no chão havia sujeira acumulada, folhas secas, pedaços de vidro e grânulos cinzentos de poluição. De um lado ficava o banheiro, e na parede oposta enxergava-se um quarto com a porta aberta, através da qual radiavam chuviscos de uma televisão sem antena.

No aposento, adormecida sobre uma cama dupla, eles se depararam com uma criatura obesa, nua, sem pelos no corpo e infestada de pústulas sangrentas. Os braços e as pernas eram atrofiados, como os dos bebês vítimas de talidomida, impedindo que ela caminhasse sozinha, a não ser rastejando. O pênis na minúsculo, desproporcional ao tamanho do tronco. Os lábios estavam em carne viva; os olhos eram como bolas escarlates, e a aura projetava energias satânicas.

Kaira encarou Ismael.

— Disse que nos levaria a um anjo — ela foi incapaz de esconder a secura.

— Sim, a um anjo, um anjo caído — justificou-se. — Abul e eu trabalhamos juntos na Gehenna, nos dias que antecederam à queda de Lúcifer. Ao contrário de mim, ele resolveu se insurgir, e o resultado é isso — apontou para o corpanzil do monstrengo, uma massa gorda de estrias e pelancas saltadas.

Urakín desligou a TV, deixando o quarto às escuras. Fechou a janela com uma pancada, mas ainda assim o demônio não acordou.

— Isso não é um avatar — constatou o guerreiro. Os avatares, tanto de diabos quanto de anjos, são geralmente muito parecidos com o corpo humano, justamente para que possam atuar na Haled, como os celestes chamam o plano físico. — Como ele fez para se manifestar usando sua verdadeira forma?

— Abul foi alvo de uma conjuração — afirmou Ismael. — O círculo que temos lá embaixo é remanescente de um portal temporário, uma ligação entre a terra dos homens e um dos nove reinos do inferno.

— E agora ele está preso neste refúgio?

— Como seria de esperar. Nessas condições, ele não sobreviveria à menor oscilação da película. Entidades conjuradas só podem se manifestar onde o tecido é muito fino, ou seja, dentro de santuários. Se ele deixar esta casa, queimará ao ar livre, evaporará como álcool exposto ao sol.

Kaira voltou à conversa:

— Poderia enviá-lo de volta ao Sheol?

— Não temos esse poder, arconte — admitiu Ismael. — Conjurar espíritos é uma propriedade humana, uma técnica clássica do satanismo. Alguns celestiais de minha casta têm o conhecimento para alterar a espessura do véu, mas abrir uma conexão com o inferno é uma tarefa bem mais complicada.

— Não me agrada pactuar com demônios — ela desabafou.

— Então não veja como um pacto. Considere como um escambo, por que não? — o Executor meteu a mão no bolso. — De mais a mais, se raciocinar friamente, não somos assim tão diferentes dos caídos, afinal somos todos

anjos rebeldes.

— É uma visão um tanto simplista — Kaira discordou. — Os caídos decidiram por conta própria se aliar a um facínora. Compreendo que vários deles foram enganados, mas suas causas nunca foram humanitárias, tampouco justas. Não venha me dizer que são benfeitores.

— Não disse que são benfeitores. Mas entre o céu e a terra ninguém é perfeito. O que dizer de seu amigo Denyel, que por tantos anos optou por ficar nas legiões de Miguel, o "tirano"? — Era um argumento ousado, mas guardava seu quinhão de verdade. — Abul tomou decisões erradas e está pagando por isso, mas acusá-lo por todos os crimes já praticados? — ergueu as sobrancelhas. — Francamente, acho exagero. E, acredite, como anjo da punição eu conheço bem a escala de pecados.

Urakín não escutava mais o debate. Estava avaliando o infernal de todos os ângulos, tentando entender o que o fazia dormir tão profundamente. Chacoalhou Abul pelos ombros, o que só o fez roncar ainda mais alto.

— É alguma forma de torpor? — ele se dirigiu a Ismael, que emendou uma resposta evasiva:

— Magia é algo simples de entender — pinçou um cigarro do maço. — Evocar um espírito é semelhante a atrair um coelho para uma armadilha, basta usar a isca que ele mais aprecia. Como muitos satânicos, Abul sofre de fraquezas notórias, vícios que acabaram por se virar contra ele.

O Executor aproximou o filtro do nariz do monstro, tocando-lhe a pele.

A criatura abriu os olhos.

— Ismael? — a voz era ofegante, asmática. — Me alcança o isqueiro, cara.

Uma gosma incolor desceu pelos lábios de Abul, quando ele finalmente se dispôs a falar. A primeira impressão era a de alguém engasgado com a própria saliva, tentando engolir e respirar ao mesmo tempo. Usando sua visão de calor, Kaira reparou que os pulmões da besta estavam cobertos por um imenso tumor, que se alastrava pelos quadris, abdome, agarrava-se à espinha e terminava no cérebro — ao que tudo indicava, a doença era permanente e, uma vez que ele não podia morrer, estava condenado a sofrer dores terríveis, sem chance de tratamento ou reversão.

Abul rolou para o lado, procurando uma caixa de fósforos na cabeceira. Como os braços eram muito pequenos, Ismael o ajudou. Acendeu a chama, levou-a ao cigarro e o entregou ao diabo, que tragou, saboreando a fumaça. Enfim saciado, sorriu para o Executor, contente ao revê-lo.

— Só você mesmo, meu velho, para me fazer esta visita. — Discerniu os outros anjos que o cercavam. — Preparou alguma festinha para hoje?

Kaira não podia negar: o aspecto da criatura era repugnante, mas sua condição chegava a dar pena. Estava claro que Abul não raciocinava direito, afetado pelo tumor na cabeça. Desenvolvera com isso sintomas de esclerose, certamente potencializados pelo ambiente pútrido em que vivia.

Ismael sentou-se ao seu lado na cama.

– Pegaram você, e pegaram de jeito. O que aconteceu desta vez?

– O de sempre. Fui seduzido – o infernal sibilou entre os dentes. – Um bando de hippies chupadores de pica. Usaram a Clavícula de Salomão, puseram um sensitivo no meio do círculo, tentaram de tudo para me conjurar. Pervertidos. Pilantras. Cagões. Agora já era. Fiz merda e foda-se. – Sorveu outra tragada. – Não é tão ruim, se você pensar bem. Só um tanto humilhante. Prefiro esta casinha àquele hospício em Leiden.

– Não é tão ruim? – A perspectiva de ser aprisionado em um casebre parecia execrável a Ismael.

– A gente se adapta a tudo, filhão. – Apontou para o televisor desligado. – É bom descansar um pouquinho, sem ninguém para me encher o saco. – Tornou a olhar para a ruiva, deu outro sorriso. – Não querem mesmo sentar, comer uns salgadinhos, colocar uma música?

A loucura de Abul, reparou Kaira, era algo semelhante ao mal de Alzheimer: a mente apagava os fatos recentes, mas preservava os acontecimentos distantes. Por outro lado, era curiosa a maneira como ele se expressava, sempre em inglês, simulando um sotaque cocone típico de Londres. Empregava gírias antigas, a maioria em desuso fazia décadas, como se estivesse isolado havia vinte, talvez trinta anos. Ao contrário dos anjos, os agentes do inferno não têm ilusões de pureza. Uma vez aceitos nas fileiras satânicas, muitos são recrutados para atuar na Haled, tarefa que naturalmente os contamina com hábitos terrenos, e esse era o óbvio caso de Abul.

Kaira se adiantou. Tomou as rédeas da discussão.

– Estamos buscando um amigo – disse. – Ismael sugeriu que você poderia nos ajudar.

– Eu?

– Sim, você – ela reforçou com o semblante fechado. – O sujeito que procuramos foi tragado pelo rio Oceanus. O nosso plano inicial era localizar Egnias, a Segunda Cidade, a colônia que guarda uma das passagens para a estrada cósmica. – E foi direta: – Você saberia encontrá-la?

– Egnias? Ah, sim. Já ouvi falar – Abul concordou, num rompante de sanidade. – Mas pelo que o meu mestre me disse ela foi destruída, a exemplo das demais colônias atlânticas.

Ismael inclinou-se para frente.

– Seu mestre usou essa palavra, "destruída"?

– Bem, não exatamente, mas convenhamos – o diabo abriu os braços. – O que os leva a acreditar que ela estaria inteira?

– Nossas evidências são sólidas – rebateu Kaira. – Faz menos de três meses que estivemos em Athea, uma das dez colônias perdidas. – A ilha de Athea, hoje devastada pela erupção de um vulcão, fora o ponto final de sua última empreitada, o lugar onde Levih, antigo membro do coro, morrera baleado pelo demônio Sirith, e onde Denyel se sacrificara. – Essa é a prova de que ainda há fortificações intactas, ocultas dentro de vértices.

Abul contemplou a janela. Soprou uma argola de fumaça. O cigarro já

fora consumido até a metade.

– Mas, veja, aí o caso é outro. Egnias não estava mais sob controle dos atlantes quando o dilúvio se abateu sobre a terra.

– Não estava? – a ruiva franziu o cenho.

– Pelo que sei, ela foi invadida pelas tropas de Enoque durante as Guerras Mediterrâneas, um fato histórico. Depois que um dos reis morreu, os generais abandonaram o lugar.

Urakin se irritou – ele detestava mentiras, subterfúgios, odiava os demônios em geral, e o discurso de Abul estava pontuado de falhas. Sentiu o impulso de esganá-lo, mas diante de Kaira preferiu se conter.

– Essa sua história não faz o menor sentido – resmungou o guerreiro. – Por que as legiões de Nod invadiriam uma fortaleza inimiga e depois a deixariam? – Nod era o país cuja capital era Enoque, a grande nação rival dos atlantes nos dias que antecederam o dilúvio.

– Isso eu já não sei – confessou o monstrengo. – Seja como for, não faz diferença, porque eu não tenho a mínima idéia de onde Egnias estaria agora.

O cigarro terminou, e para mantê-lo acordado Ismael sacou outro bastonete. Dessa vez, porém, Kaira o deteve. Fincou os olhos em Abul.

– Vai nos dizer como encontrar Egnias.

– Mas vocês estão surdos ou o quê? – gritou, babando gosma. – Sou apenas um servo. Meu amo não me diz muito. – Ele continuava vidrado no cigarro. – Acende aqui, amigão, acende aqui, rapaz. Faz esse favor para o seu irmãozinho. Não me deixa na mão, cara.

O Executor não se mexeu. Como juiz e carrasco, ele entendeu o que pretendia sua líder e entrou no jogo. Puxou o maço inteiro do bolso.

– Pode ficar com eles – Ismael esticou o pacote. – Basta nos dar uma pista concreta.

– Filhos da puta. – A fera engasgou-se. – Você é um sacana, Ismael. De que lado está, afinal? Pensei que fôssemos amigos. Unha e carne. Era um barato.

– Não banque o idiota. Não para cima de mim – o anjo endureceu. – Sabe muito bem "de que lado" eu estou. Faça a coisa certa pelo menos uma vez na vida.

Abul deu uma fungada no travesseiro, apreciando o odor residual do alcatrão. A substância, calculou Kaira, devia estimulá-lo, enquanto a falta dela o deixava moroso.

– Tem um lugar... – O diabo pigarreou. – Uma estação que os atlantes apelidaram de "posto de controle". O verdadeiro nome eu não lembro, juro por Deus, mas era algo como "a cidade no topo do mundo" ou "a cidade sobre o mundo". Bom, era de lá que eles monitoravam as colônias.

– Monitoravam? – questionou a arconte. – Como?

– Não sei. Não era uma pista que vocês queriam?

– Esse posto de controle é acessível a partir do plano físico? – ela inquiriu.

– Claro. Bem como todas as localidades atlânticas. O problema é que ele

foi lacrado. E tem uns macetes para entrar. Mas a trilha continua firme.

– Firme onde?

– Basta pensar um pouquinho – os globos escarlates piscaram. – Se vocês fossem incumbidos de construir uma torre de observação, onde a ergueriam? – A criatura mostrou os dentes podres, gargalhou como quem propõe uma charada. – Quem pensou no Kangchenjunga acertou.

– Onde? – rosnou Urakin.

– É a terceira maior montanha do mundo – Kaira se recordou das aulas de geografia, quando ainda era estudante em Santa Helena.

– Fica óbvio depois que a gente sabe a resposta – Abul estalou os dedos.

– Sigam a picada até onde o tecido se fecha numa Cortina de Aço. Em Rongbuk, encontrarão indicações que qualquer anjo conseguiria enxergar, mas lembrem-se: a passagem só se abre às onze horas exatas, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. – E apontou para o cigarro. – Agora me passa essa beleza, amigão.

Kaira sussurrou no ouvido de Ismael:

– O que acha?

– Acho que ele está dizendo a verdade. Seria tolice nos enganar, considerando que agora nós três sabemos onde ele mora.

– Muito bem – a capitã maneou a cabeça, e o Executor por fim entregou o maço ao diabo. Urakin encerrou o diálogo com uma clara ameaça.

– Escute aqui, e escute bem – pôs o dedo em riste. – Se estiver nos enganando...

– Ligue a TV antes de sair, por favor – Abul o cortou, indiferente à bravata. – Deixe no Vila Sésamo. – Voltou-se para Ismael, e agora tinha a expressão de criança. – O Ênio é um barato, mas sabe aquele pássaro, o grandalhão de penas amarelas? Às vezes ele me dá arrepios.

SAINT-LÔ, A CAPITAL EM RUÍNAS

Baixa Normandia, 11 de julho de 1944

SE O DIA D FOI CONSIDERADO POR MUITOS A ANTE-SALA DO INFERNO, AS MARCHAS das semanas seguintes seriam como rumar aos domínios do próprio Diabo. Veterano da Primeira Guerra Mundial, Denyel se acostumara a topar com cadáveres, mas agora não eram apenas os soldados que proliferavam no chão. Por todo o progresso costa adentro, a morte era uma companhia constante. Os bombardeios pré-invasão haviam vitimado tanto civis franceses quanto oficiais alemães, e não raro encontravam-se corpos de crianças no acostamento das estradas, carcaças de animais de estimação, brinquedos, álbuns de fotografia, discos e toda sorte de objetos pessoais. O gado mutilado se espalhava pelos campos, e com o calor do verão os insetos os devoravam em nuvens, rondando a carniça, voando e zumbindo.

Os esforços da Operação Overlord, como foi chamada a batalha da Normandia, deram lugar à Operação Cobra, que tinha por objetivo romper as linhas germânicas, libertar o norte da França e abrir caminho para a retomada de Paris. O avanço, todavia, seria atrasado não só pelos combates como pelo próprio terreno – a península do Cotentin era (e ainda é) pontilhada de sebes, um emaranhado de espinheiros que constituíam um obstáculo potencialmente eficaz. Hitler estava decidido a não permitir que os Aliados chegassem as planícies, onde poderiam fazer uso dos tanques, e as lutas então foram duras, com os alemães resistindo sob as ordens do Führer.

O mês de junho foi sangrento para ambos os lados, à medida que as cidades estratégicas eram reconquistadas à baioneta. Saint-Lô era um desses pontos táticos e sofreu uma sequência prévia de ataques, até a batalha final, que teve início no dia 11 de julho. Entregue à 2a, à 29a e à 32a Divisões de Infantaria, a ofensiva teve o apoio de elementos da Grande Rubra, entre eles Denyel e seu mais novo sargento. Indicados como batedores, esses indivíduos chegaram a Saint-Lô praticamente em cima da hora, pisando na colina oeste às 5h30, cerca de trinta minutos antes do primeiro levante.

O que Denyel viu quando se aproximou da cidade foi ainda mais chocante do que o que presenciara nas infinitas paragens do Somme. Em vez de defuntos, a região estava coberta por uma pilha de escombros nunca vista, sem uma só casa intacta. A paisagem refletia um aspecto cinzento, entulhada de concreto, metal retorcido e chapas de madeira. Um soldado da Flórida definiu bem o que os homens pensavam:

– Parece a cabeça de um jacaré. Silenciosa, camuflada, esperando a presa se aproximar, para então desferir sua mordida.

Nem o próprio Denyel esperava por tanto, quando desceu um barranco

com mais trezentos soldados da 2ª Divisão. O sol àquela hora se projetava através das janelas da igreja, cujo bombardeio preservara uma única parede, lembrando as cidades cenográficas de Hollywood. Um silêncio tumular se derramou sobre as tropas, enquanto os recrutas exploravam as vielas, os becos, observavam as valas, checavam os poços.

Já nos primeiros cem metros, o capitão que os liderava fez sinal para que o pelotão estacasse. Havia soldados americanos à frente, mortos na ofensiva de junho. Estavam alinhados sobre uma laje, e, conforme o regulamento do exército, o oficial se aproximou para recolher suas plaquetas, as dog tags, escoltado por uma companhia inteira de praças.

Denyel reconsiderou a ordem e parou no meio do caminho. Farejou o ambiente, presentiu que alguma coisa não se encaixava. Talvez fosse a arrumação dos corpos, perfeita demais. Parecia que eles haviam sido propositalmente arranjados, como se aquela fosse uma...

— Capitão, espere — o celeste berrou com a mão estendida. — Não se mexa... É uma emboscada! — Mas, no instante em que ele deu o alerta, era já muito tarde. O comandante puxou o cordão do pescoço de um morto, acionando sem querer uma mina terrestre, explodindo a laje, espargindo pedregulhos.

Os cadáveres, concluiu Denyel, eram uma isca, posta ali para enganá-los. Sucedeu-se assim uma prodigiosa onda de choque, tão forte que ele foi arremessado trinta metros sobre os destroços. Bateu com a testa num poste, teve parte do rosto queimada, um dos tímpanos perfurado. A jaqueta verde-oliva ficou chamuscada, o rifle se partiu em dois, o capacete saiu voando como um disco de frisbee.

Antes de desmaiar, o anjo escutou uma salva de metralhadoras — eram os alemães que principiavam o revide. Enxergou vários de seus companheiros tombando, sentiu a vibração de um morteiro inimigo.

A batalha por Saint-Lô começara.

E Denyel não podia fazer mais nada.

— Quantas vezes ele já foi ferido? — perguntou uma voz grave, na escuridão do que Denyel classificou como "inconsciência".

— Também me perguntei a mesma coisa, sargento — a resposta veio de alguém com certa autoridade, era notável pela maneira como falava. — A ficha médica acusa nove passagens pela enfermaria, quase todas na África, uma delas no Dia D e mais esta agora. — O som era de um frasco se abrindo. — Mas, como cirurgião, aposto o meu diploma que esse jovem nunca foi atingido.

— Sou um homem simples, doutor. Seja claro comigo.

— Seu recruta é uma aberração, ou então um prodígio. Fica a seu cargo escolher — passou ao tom sarcástico. — Pelos registros da unidade, ele foi metralhado na Tunísia, dias depois foi atingido por estilhaços na Itália. — O exilado escutou o ruído de uma pinça raspando no vidro. — E onde estão as cicatrizes?

– Não vejo nenhuma, tenente.

– Nem eu – a entonação ficou séria. – Entregaram um rifle a cada garoto da América e deixaram a burocracia na mão de uma meia dúzia de retardados. Só hoje recebi três prontuários trocados, com as informações rasuradas. Não dá para confiar na papelada.

– Não dou a mínima para a burocracia. Só quero saber quando ele estará em condições de marchar.

O cheiro de iodo, agora mais forte, fez Denyel despertar – ainda tonto, deitado na maca, com um oficial médico cutucando-lhe a testa. O rosto latejava, ardia ao menor toque da gaze. Craig o afrontou com aquela cara de cão, pronto a estapeá-lo ao primeiro sinal de fraqueza.

– Pode contar comigo, sargento – o celeste gemeu, tentou bater continência. Não conseguiu. Tinha a garganta seca, a visão embaçada, mas podia escutar. Fora transferido, ao que parecia, para um pronto-socorro montado às pressas sobre as colinas de Saint-Lô. A instalação resumia-se a uma lona cáqui amarrada nas árvores, formando um telhado ondulante, que balançava conforme os caprichos do vento.

– Quero você de pé amanhã às sete horas em ponto – avisou Craig, e encerrou com uma informação que poderia ser boa ou ruim. – Vamos abandonar a linha

Denyel apanhou um rolo de cigarros e o largou sobre a mesa, os mesmos que havia economizado ao longo de cinco semanas de rações matutinas. Diante dele, sentado na recepção de uma mercearia em ruínas, um oficial do exército britânico comercializava produtos diversos, de artigos de higiene a revistas masculinas, comprava suvenires, trocava bandeiras por relógios de pulso, munição por punhais alemães.

– Chesterfield? – o inglês se espantou. Ofereceu-lhe uma cara engraçada. – O que espera que eu faça com isso?

– Ora, não sei. – Denyel não tinha uma resposta preparada. Continuava aturdido pelos ferimentos, não conseguia raciocinar com clareza. – Pensei em trocar por uísque, gim ou qualquer outra bebida. – Mas ele mesmo sabia que os maços de Chesterfield eram peso morto, ainda mais para os britânicos, acostumados a cachimbos, charutos e a fumos de qualidade. – Aceito vinho ou conhaque, se for mais fácil encontrar.

À espera do atendimento, formara-se dali à rua uma fila de setenta soldados, alguns maltrapilhos, e além da soleira caminhões trafegavam, despejando mais homens na praça central de Saint-Lô. Às vezes o contingente aliado, tão numeroso, parecia a Denyel algo fantástico, quase mágico – as tropas brotavam aos milhares, como formigas eclodindo da terra.

– Bebida não se troca, bebida se vende – decretou o oficial num grasnido ao mesmo tempo debochado e cortês. Possuía um nariz bicudo, lembrando o focinho de uma raposa, e usava uma boina vermelha da 3ª Brigada Paraquedista. – Três dólares o uísque. Dois dólares a garrafa de

vinho.

— Três dólares? — Denyel não podia acreditar. Enfiou a mão no bolso, mas só encontrou o apito que o ofanim lhe entregara. Pensou em jogá-lo fora, mas isso não mudaria o fato de que desde Londres ele não guardara um mísero tostão. Como muitos, seu salário de 66 dólares ainda não fora pago, o que naturalmente incentivava a pilhagem. — Não tenho dinheiro — declarou amargamente, como quem se confessa a um padre.

— Então, sinto muito. Vá pedir às freiras — sugeriu o inglês e apontou para o seguinte na fila. — Próximo.

Denyel rodou nos calcanhares. Deixou a mercearia cabisbaixo, vestindo um capacete que encontrara no chão. A queimadura continuava visível, uma mancha púrpura entre a testa e o queixo, mas o tímpano havia sarado após uma noite de sono e três pacotes de ração tipo A. O que ele realmente precisava (na sua própria opinião) era de um trago. O álcool se mostrara um remédio ingrato, mas eficaz, um recurso que o ajudava a aturar aquela pasmaceira, a engolir os desaforos de Sólon, a aceitar a tarefa de matar inocentes, a ver gente morrendo e não poder fazer nada a respeito.

Às sete horas, ele se apresentou ao posto de comando. Organizado dentro do prédio da prefeitura, esse quartel improvisado tinha fendas nas paredes, buracos no teto, mas contava com abrigos subterrâneos cavados pelos alemães, ainda novos e perfeitamente funcionais. Denyel mostrou a identidade ao oficial da polícia do exército, desceu por um corredor de lâmpadas fracas, dobrou a esquerda num túnel de concreto e foi orientado a aguardar dentro de uma cela. Lá, sentados em um banco comprido, estavam quatro soldados da 1ª Divisão, dois dos quais ele já conhecia.

O recruta mais à ponta era Albert Bruno, um intrépido jovem da Louisiana, preciso no gatilho, meio americano, meio francês, de cabelos negros, corpo esguio, bigodinho fino, que portava um antigo rifle Springfield equipado com mira telescópica. O soldado ao seu lado era Tony Akee, o Chefe, um descendente de índios navajos que fora originalmente convocado para operar máquinas de criptografia, mas que por alguma razão passara ao corpo de fuzileiros, quando chegou o momento da invasão. Os outros dois eram Bobby Joe, um redneck de dois metros de altura, cabelos ruivos e pele rosada, detentor de uma metralhadora Browning A6, e Kevin Taylor, nascido em Nova York, magricelo, de óculos, ostentando a braçadeira de socorrista.

À exceção do enfermeiro, os outros eram soldados experientes, veteranos das operações na Itália. Ainda assim, a presença de Denyel causou desconforto. Por conta de suas ações, muitas delas suicidas, ele poderia ser considerado um herói, mas a recusa em receber promoções sugeria aos companheiros não o caráter de um bravo, mas o de um louco, um psicopata que poderia se voltar contra eles, um sujeito perigoso e nocivo.

O exilado sentou-se. Ficou quieto. Era irônico ser tomado por maníaco, até porque o que ele mais detestava era matar inocentes, e na teoria (só na teoria, claro) seu trabalho como celeste era proteger os mortais. Puxou os

cigarros, enrolados num barbante, desatou o nó e para quebrar o gelo os ofereceu aos colegas.

— Alguém aí quer fumar? — olhou para cada um deles, simulando uma expressão complacente.

Joe, o gigante ruivo, respondeu com outra pergunta:

— É de graça?

— Pode ficar — e o presenteou com dois bastonetes.

— Não tem Lucky Strike? — o atirador da Louisiana, Albert Bruno, estendeu a mão como um bichano assustado. Deitou o rifle sobre as pernas e pegou quatro Chesterfields.

— Lucky Strike? — o anjo reagiu com um sorriso. — Já está querendo demais. Não consigo nem uma garrafa de gim.

— Os ingleses se apossaram de tudo — Bruno coçou o bigodinho.

— Aqui é assim — o ruivo Joe já se conformara. — É de quem chegar primeiro.

— De fato. — Kevin Taylor, o enfermeiro de óculos, mudou abruptamente de assunto. — Alguém já sabe qual vai ser a nossa tarefa?

— Prefiro não saber — Joe deu uma risada.

— Escutei o sargento dizer que vamos deixar a linha — revelou Denyel. Se ele queria ganhar a confiança dos parceiros, o momento era agora.

— Um socorrista, um atirador de elite, um operador de metralhadora e dois fuzileiros — Tony Akee, o Chefe, contou nos dedos. Apesar dos antepassados navajos, ele crescera fora da reserva e falava como qualquer garoto americano. — Parece mais um time de batedores.

— Mas aí não seria deixar a linha, seria avançar a linha — o noviorquino estava acuado. — Não é perigoso nos mandarem sozinhos para além da península? Digo... sem o apoio dos tanques?

— Isto é uma guerra, Taylor — Joe o trouxe de volta à realidade. — Tudo aqui é perigoso. Respirar é perigoso. Comer é perigoso. Cagar é perigoso.

Ao escutar passos no corredor, os praças se levantaram em posição de senado. Um segundo depois, Craig apareceu no umbral. Carregava uma mochila de campanha, a submetralhadora Thompson, às vezes chamada de Tommy Gun pelos gangsteres, e algumas granadas penduradas no cinto. Como equipamento extra, trazia corda e binóculos, bússola e pá, parecendo a versão sanguinária de um chefe de escoteiros.

— Bom dia, meninas. — Ele não se cansava de alfinetar os recrutas. — Cheia de descanso por hoje. Vamos andando. Todos comigo.

Os combatentes o seguiram através dos túneis, tensos, marchando feito bonequinhos de chumbo. Quando enfim saíram para a luz do dia, Bobby Joe não resistiu à pergunta:

— Para onde vamos, sargento?

— Comer a sua mãe, soldado. — Craig era de raciocínio rápido e pouco chegado a conversa mole. O revide deixou o homenzarrão aturdido.

— Três anos no exército e ainda não aprendeu, Bobby? — Albert Bruno demonstrou seu apoio. — Em boca fechada não entra mosca.

Caminhando na retaguarda, Denyel arriscou uma última olhada para a montanha de lixo, ferro e poeira em que se transformara Saint-Lô. Ao observar os seus novos companheiros avançando, ele finalmente se deu conta do que estava por vir.

Aquele não era um esquadrão de combate. Era uma patrulha de reconhecimento.

Justamente como Sólon previra.

"SAIAM DAÍ!"

NOVE HORAS DA MANHÃ.

Nas pradarias da França, o tempo esquentava. As tardes úmidas, tão comuns nas semanas anteriores, deram lugar ao clima seco, e a marcha, apesar do calor, transformou-se numa caminhada agradável, com os passarinhos cantando à sombra das macieiras. Não era segredo para ninguém, muito menos para Denyel, acostumado a se orientar pelo sol, que a patrulha formada por ele, Akee, Bruno, Taylor e Bobby Joe, e liderada pelo sargento Craig, avançava agora além das linhas germânicas, primeiro para o sul e depois para o oeste, de volta ao litoral. As fazendas de gado dominavam a paisagem até o horizonte, com altas colinas de relva, bosques esparsos, sebes e rocamboles de feno. A sensação de calma era, porém, enganosa, afinal os alemães estavam em toda parte, alertas como cães de guarda, escondidos em casamatas, enfocados nas pequenas vilas que pontuavam a península. Graças ao mapa fornecido pelos ingleses, a reduzida esquadra de seis homens tinha evitado, até então, encontros inesperados, o que não significava que estivessem seguros — a rota era confiável até certo ponto, mas fora traçada a partir de imagens aéreas e não previa o eventual deslocamento de tropas, tampouco o avanço dos blindados inimigos.

Até cerca de meio-dia ninguém disse palavra, intimidados pela presença do sargento durão. Os fuzileiros viajavam em fila indiana, com três metros de distância um do outro, à exceção de Craig, que insistia em andar afastado. Denyel era o último da linha, o patrulheiro da "cauda", responsável por observar o entorno.

Às 12h15 eles avistaram uma granja. O sargento ficou de cócoras, de arma na mão. Fez um sinal com o braço, ordenando aos demais que se agachassem sob a proteção de uma mureta. Dali a trinta jardas havia uma cerca de madeira e depois um chiqueiro, seguido por um estábulo, ou talvez fosse um celeiro — era impossível ter certeza àquela distância. Um trator agrícola descansava ao lado da porta, carbonizado, com as rodas negras, os pneus derretidos. Mais distante, a oeste, crescia uma fileira de árvores, todas muito juntas, espremidas, recordando as bordas de uma selva pré-histórica.

Recolhido ao pé da mureta, Craig sussurrou para Denyel:

— Você lidera esta, soldadinho.

— Mas, senhor, sou apenas um recruta. — O exilado não esperava por uma responsabilidade daquelas, mas a escolha era óbvia. Craig o recrutara em Saint-Lô não por ele ser o melhor, mas porque ouvira histórias a seu respeito e agora queria testá-lo, saber do que ele era capaz, desvendar o mistério por trás do "psicopata", despertar o "maníaco" que (supostamente) havia dentro dele. O que há de mais tortuoso nos instrutores do exército é a

tarefa de transformar homens comuns em assassinos, e Craig parecia levar o seu trabalho muito a sério. Se Denyel fosse um "matador", como os recrutas comentavam, então seria fácil enquadrá-lo no modelo do soldado padrão, um indivíduo sem remorsos ou dúvidas, e era disso que a 1ª Divisão precisava.

— Não é o machão da companhia? — A rispidez da pergunta reforçava a hipótese. — Limpe o perímetro. Abra o caminho. Lidere os homens como melhor lhe convier — e o incentivou com uma coronhada nas ancas. — Está esperando o quê?

— Sim, senhor — respondeu Denyel e achegou-se aos colegas. — Bruno vem comigo — sinalizou para o atirador. — Akee fica de tocaia na porta de trás. Joe, quero a Browning pronta a nos dar cobertura de fogo se a situação esquentar. Taylor será o seu assistente.

Os três — Denyel, Bruno e Akee — transpuseram a mureta e avançaram abaixados, nem lentos, nem rápidos demais. Entrementes, o ruivo Joe armou a metralhadora num tripé, e Kevin Taylor, o socorrista, enfiou a cartela no carregador. Na prática, a Browning A6 podia ser operada por uma pessoa, mas sua precisão melhorava, e muito, se houvesse, além do artilheiro, alguém para recarregá-la, prevenindo que o mecanismo engasgasse.

Denyel e Bruno pularam a cerca de madeira. Caíram em pé no chiqueiro, enquanto o índio desaparecia na parte anterior do depósito. O atirador da Louisiana arrombou a porta com um chute de sola, liberando espaço para a invasão do celeste, que adentrou o estábulo com o dedo no gatilho, pronto a disparar contra o primeiro alemão que encontrasse. Em vez disso, descobriu-se no interior de um armazém vazio, com muita palha no chão e um enorme buraco no teto. Começou imediatamente a vasculhar as baias, até que viu Tony Akee entrar pela portinhola traseira.

— Tem marcas de lagarta lá atrás, um monte delas — avisou o navajo. — Os tanques estiveram aqui faz menos de uma semana.

— Tanques? — Albert Bruno cutucava o feno com a baioneta, à procura de alcapões escondidos. — Que tipo de tanques?

— Dos nossos é que não são. — Certo de que não havia inimigos na granja, o Chefe encostou a mochila num canto. Esticou as costas.

— Ei, vejam isto. — Em meio ao esterco, Denyel achara uma das "bolsas de perna" usadas pelos paraquedistas norte-americanos no Dia D, uma sacola projetada para transportar equipamento extra, que costumava ser atada à coxa antes do salto.

— Bingo! — Bruno deu um peteleco no ar.

— Como esse troço veio parar aqui? — O querubim escancarou a bolsa, revirou seu conteúdo e separou dois pacotes de ração, ainda próprios para consumo. — Estamos a quilômetros da praia.

— Muito longe mesmo — concordou Akee. — O avião deve ter perdido o motor e planado continente adentro.

— Improvável — Denyel acabou falando o que achava, não conseguiu se conter. — Mas parece que é a única explicação.

– Escutem. – Craig andava pelo estábulo, enérgico, como um tigre enfurnado na jaula, mastigando uma pasta de queijo enlatada. Parou no limiar da porta e indicou o anel de árvores, o mesmo que eles haviam avistado pela primeira vez ao espiar sobre a mureta. – Além daquele ermo há uma aldeia, a meio dia de caminhada daqui. A inteligência do exército acredita que exista uma guarnição de azedos estacionada lá, atuando na superfície ou oculta nas tubulações de esgoto. – Enfiou mais queijo na boca. "Azedos" era outro apelido para definir os germânicos e se referia mais precisamente a "chucrute azedo", um prato típico da culinária alemã. – Os radares dos B-24 captaram ondas de rádio vindas daquela direção, e a suspeita é de que o inimigo esteja usando a cidadela como uma estação retransmissora.

Denyel comia um biscoito roubado da sacola do paraquedista. Bobby Joe engolia tabletes de caramelo. O enfermeiro Kevin Taylor checava o estojo médico, enquanto o moreno Albert Bruno se penteava usando a fivela do cinto como espelho. Estavam sentados em roda, de pernas cruzadas, descansando antes de continuar a viagem.

– Com todo respeito, senhor. – Akee era o mais concentrado e o que menos se assustava com as grosserias de Craig, o que era curioso, porque ele era justamente o mais discriminado do grupo. – Será que apenas seis homens são páreo para toda uma guarnição alemã?

– É o que vamos descobrir, pele-vermelha. – O sargento jogou a lata vazia numa das baías. Como texano branco, nascido em 1900, fora ensinado a detestar todos os índios, fossem apaches, navajos ou cheyennes. Julgava-se um caubói de filmes antigos, populares na década de 30, um autêntico cavaleiro a serviço do general George Custer, treinado para exterminar os nativos. – Seja como for, nossa tarefa é descobrir o que eles planejam e cortar as transmissões. Se houver combate, tanto melhor.

– Talvez a guarnição concorde em se render – sibilou Denyel.

– Seria frustrante – Craig recolheu a bagagem. – As ordens são para não fazer prisioneiros. Em outras palavras, teríamos de fuzilá-los.

Ao cair da tarde, toda a equipe adentrou o escuro anel de árvores, sempre atenta, silenciosa, perseguindo uma trilha que não constava mais nos papéis. O terreno era acidentado, com raízes que lembravam serpentes gigantes, grandes poças de lodo e troncos escorregadios, cobertos de musgo. O ar transmitia uma atmosfera pesada, sufocando os raios de sol, afundando a mata num ambiente soturno. Mesmo as folhas se apresentavam em colorações desbotadas, estêreis, como se as plantas estivessem vivas e mortas ao mesmo tempo. Denyel experimentou uma sensação incomum, não necessariamente maléfica, mas certamente misteriosa, algo que nunca havia provado.

De repente, Taylor soltou um grito. Ficou paralisado, deixou o rifle cair e por pouco não relaxou a bexiga. O grupo reagiu se jogando ao chão,

buscando abrigo, mas não houve disparos, explosões ou ordens de ataque.

Preso a um emaranhado de galhos, esticado feito uma marionete em desuso, pendia o cadáver de um paraquedista americano, identificado pela insígnia do 506º Regimento, a Águia Gritadora. O corpo não tinha marcas de tiro, mas uma das alças do paraquedas se enrolara no pescoço, matando-o por asfixia. O rosto escuro, inchado, parecia uma melancia amassada, com o sangue negro escorrendo dos poros. Uma nuvem de moscas o consumia, larvas traçavam caminhos na pele cinzenta.

— Para que esse escândalo? — Craig recuperou a postura. Ralhou tão duro que da boca gotejou saliva. — Nunca viu um homem morto? — O problema era que ele mesmo não estava completamente à vontade. Uma presença sombria abraçava a floresta, uma que só Denyel podia avistar.

O espírito do paraquedista, ele enxergou através da película, não havia ascendido. Ficara preso ao corpo físico, convertendo-se numa criatura que os anjos chamam de avejão, um fantasma ainda apegado ao defunto.

— Alô, rapazes. — Denyel reparou no fantasma que os chamava, acenando com as palmas abertas. — Que bom que apareceram. Já não era sem tempo.

Albert Bruno sacudiu o assombrado Kevin Taylor. O nova-iorquino despertou do choque, mirou o sargento com a face obtusa.

— Ouviu o que eu disse, seu merda? — Craig o repreendeu novamente.

— Dá para continuar a marcha ou vai ficar aí, todo cagado?

— Desculpe, senhor — o socorrista limpou os óculos com um lenço. — Pensei que fosse um azedo. Jurava que era o meu fim.

— Da próxima, atire em vez de gritar. Ficou claro, frangote?

— Sim, senhor. Muito claro.

Bobby Joe arriscou um palpite:

— A bolsa de perna que encontramos na granja devia pertencer a esse camarada aí — levantou o queixo. Para os mortais, o que havia nos galhos era um pedaço de carne, um corpo podre, nada mais do que isso. — Que jeito escabroso de um soldado morrer.

Ignorado até então, o espírito tornou a falar, agora erguendo a voz, na esperança de ser enfim percebido. Como todos os fantasmas, ele perdera a noção do tempo, acreditava estar vivo e considerava-se, ainda, em plenas condições de continuar batalhando.

— Que conversa é essa, pessoal? — exclamou. — Não vão me deixar aqui porque perdi o canivete. — Os paraquedistas habitualmente levavam um canivete na lapela, para o caso de terem de cortar as alças do arnês. — A minha faquinha caiu perto daquela raiz — esticou um dos braços espectrais. — Não tem como me alcançá-la? — encarou o exilado. — Você aí, cara. Você mesmo, de cabelo preto. Me dá uma mão?

Era uma cena angustiante, mas Denyel não podia fazer nada para ajudá-lo. Primeiro, porque fora ordenado a agir como ser humano, mas, ainda que estivesse sozinho, longe dos outros recrutas, ele não teria o poder de libertá-lo - só um ofanim seria capaz de fazê-lo.

Craig os colocou em sentido de novo.

– Quero todo mundo de boca fechada a partir de agora. – Era uma ordem sensata, já que, ao que tudo indicava, os alemães rodeavam o perímetro.

– O próximo que gritar leva chumbo.

A patrulha retomou a caminhada, e ao ver seus conterrâneos partindo o avejão sacudiu as pernas, gesticulou, entrou em desespero.

– Esperem. Ei, aonde pensam que vão? – É, ao ser novamente desprezado ficou bravo, arredio. – Só podiam ser esses babacas da Grande Rubra. Sempre tiveram inveja da gente. – Mas, quando a esquadra já ia longe, ele voltou atrás e emitiu um brado: – É pelo outro lado, seus imbecis. A saída do bosque é para o leste. Esse caminho vai dar no mar, e vocês não vão querer saber o que tem por lá – cuspiu um urro indignado. – Escutem-me. Eu vi uma coisa de cima. É horrível. Pelo amor de Deus, saiam daí – esgoelou-se. – Saiam daí!

Denyel fingiu que não era com ele. Virou a cabeça e se deparou com Tony Akee. Sua cara morena estava branca, os olhos esbugalhados.

– O que foi, Chefe? – o celeste afagou-lhe o ombro.

– Não sei dizer – a resposta saiu num gaguejo. – Também escutou?

– Escutei o quê?

– Nada – atou a baioneta ao fuzil. – Deixa para lá.

MARIE ET LOUISE

A TRAVESSIA PELA ZONA FLORESTAL NÃO LEVOU MAIS DO QUE CINQUENTA MINUTOS, embora tenha parecido mais longa aos recrutas. Gradativamente, o bosque foi se aplainando até se transformar num lodaçal, uma região inóspita e mortíça, com áreas instáveis, coalhada de rochas pontudas e antigos recifes que outrora jaziam sob as águas do mar. Segundo os informantes de Craig, havia uma ponte que cortava o pântano (ao norte ou ao sul, ele já não lembrava), mas naquele fim de tarde o nevoeiro a engolira completamente, o que a propósito era favorável aos patrulheiros, determinados a pegar os alemães de surpresa.

Enfiado até o joelho na lama, o sargento fez uma pausa, levou a mão ao bolso, apanhou a bússola e a consultou. Sacudiu-a freneticamente, deu tapas no vidro, mas não obteve reação do ponteiro. Jogou-a longe, com o vigor de quem arremessa uma bola de beisebol. Roubou o instrumento de Akee.

— Me dá aqui a sua bússola, chefe apache. — Na ordem, marchavam Tony Akee, Bobby Joe, Kevin Taylor, Albert Bruno e Denyel, na cauda.

— Sou navajo, senhor — o índio o corrigiu com educação, mas Craig não escutou.

— Essa bosta está estragada. — Deu uma cusparada. — As duas resolveram quebrar na mesma hora. Quem é que fabrica essas geringonças?

— Não teria como nos guiarmos pelo mapa?

— Que mapa? — ele abriu os braços. — Que mapa? Mapa é o cacete. Já deixamos a rota faz umas duas horas. Daqui para frente é no olho. — Visualizou o céu encoberto. — Nem os aviões conseguem enxergar o pântano de cima. É essa maldita neblina. Essa neblina que fode tudo.

Mesmo sob o risco de ser censurado, Bobby Joe avisou:

— Sargento, vi uma placa a uns quinhentos metros. Dizia "Marie et Louise". Acho que apontava nesta direção.

— Você viu uma placa? Por que não falou antes, cabeça de bagre?

— O senhor pediu para ficarmos calados — o ruivo protegeu o rosto como quem recebe um tabefe.

— Eu disse para vocês... — mas, antes de ele principiar o discurso, surgiram das brumas os contornos do que devia ser uma cidadela normanda, defendida por espessas muralhas, construída sobre uma ilha pedregosa bem no ápice do charco. Vista de fora, mais parecia uma fortaleza medieval, com poucas ruas e casas, todas escondidas sob a proteção dos contrafortes. Sobre a amurada, os alemães haviam instalado três linhas de arame farpado, cercas eletrificadas, ligadas aos pátios internos por uma rede de cabos e fios de alta tensão.

A neblina então se abriu mais um pouco, revelando a torre de uma igreja

românica, a maior inimiga dos soldados de infantaria. Sob o perigo de serem alvejados, os seis combatentes buscaram cobertura atrás dos recifes e esperaram alguns segundos antes de pôr a cabeça para fora. Craig puxou o binóculo; Albert Bruno usou a mira telescópica.

— Está com cara de emboscada — o sargento espiou as muralhas. — Não puseram um só guarda de vigia. Devem estar enfocados, esses putos.

— Senhor — chamou Bruno —, não tem ninguém no campanário. Mas eu vejo... — ele apertou as pálpebras — uma antena.

— É isso mesmo — assentiu Craig. — É para lá que temos de ir.

— Deve ser a tal estação de rádio — arriscou Bobby Joe.

— Não tem postes fora da cidade — disse Kevin Taylor, o único entre eles que fizera faculdade. Começara a cursar engenharia, mas não tivera dinheiro para completar os estudos. — Deve ter um gerador dos bons lá dentro. Dos bons — destacou. — Para alimentar a cerca e a estação...

Nisso, o nevoeiro se deslocou, dando vista ao pórtico de Marie et Louise, um umbral arqueado, datado do século X, cerrado por uma porta de aço, com parafusos larguíssimos, similares aos usados nas escotilhas navais. Partindo da ilha, apareceu finalmente o esqueleto de uma ponte, com as vigas de madeira despedaçadas, destruída por cargas de artilharia.

— Se eles não nos queriam por perto, era mais fácil colocar um aviso — descontraiu Denyel. Mas Craig não estava para brincadeira.

— Ao meu sinal, uma corrida direta até as muralhas — decretou. — É para sair correndo como se o próprio Diabo estivesse farejando os seus rabos. Não importa o que aconteça, não parem até tocar a parede. Se alguém for atingido, azar. Vai ficar para trás.

Deslocando-se a toda velocidade, saltando sobre os pedregulhos, evitando os buracos no lodo, os seis praças avançaram feito sombras, camuflados pela meia-luz do crepúsculo. Com um só pulo venceram o barranco que os separava da ilha e em segundos se reuniram diante do pórtico.

Akee e Bruno ficaram de guarda, apontando o fuzil para o passadiço, atentos aos tiros que porventura viessem de cima. Joe, que fora instruído em táticas de demolição, colou a orelha na porta.

— As dobradiças foram soldadas — acendeu a lanterna para melhor enxergar. — Não tem como abrir, a não ser que a gente exploda.

— Soldadas uma ova — reclamou Craig. — Que tipo de imbecil lacraria um portão pelo lado de fora? Verifique isso direito.

— Por aqui não dá para passar, senhor. — Como poucas vezes na vida, ele tinha absoluta certeza. Não apenas as dobradiças como o espaço entre as seções estavam duros, fundidos por jatos de fogo.

— Vamos nos separar — o sargento improvisou. — Contornar as muralhas — disse. — Caminhem em duplas. Procurem entradas auxiliares, brechas, escadas, qualquer merda do gênero. Voltamos a nos encontrar aqui em um quarto de hora — e partiu sozinho pelo lado esquerdo.

— Sabe o que me preocupa? — Akee saiu na companhia de Denyel. —

Não ouço latidos.

– O que tem de errado nisso, Chefe?

– Os azedos não matam cachorros – o discurso brotou com propriedade. – Soube que o próprio Hitler cria cães dentro de seu abrigo, em Berlim.

– Que história mais doida – incrédulo, o exilado deu risada. – Quem lhe contou isso?

– Não sei. Acho que li na Reader's Digest.

– Que azedume é esse? – Tony Akee olhou para o solo. – Está sentindo também? – Na face posterior das muralhas, a porção de terra entre o paredão e a ribanceira se estreitava de tal forma que era mais seguro descer alguns passos e caminhar sobre as pedras. Mais além, as ondas arrebentavam em golfadas de espuma, encharcando o manguê com água salgada.

– Não sinto nada – mentiu Denyel. – Só os gases do pântano.

– Vem lá de baixo – apontou para uma língua negra que serpenteava na base da ilha. – Deve ser um lençol submarino.

– Quer investigar?

– É para isso que estamos aqui, não é? – O rapaz tomou a iniciativa e desceu, cauteloso para não escorregar nos mariscos. Juntos, eles percorreram uma trilha rochosa até afundarem novamente as botas no charco, um sumo de terra negra, plantas mortas e grãos de areia.

No sopé da ribanceira, encontraram o que parecia ser a entrada para uma caverna, mas que um instante depois se revelou numa galeria de esgoto, alta, larga e profunda, a qual, embora antiga, ainda despejava resíduos no brejo. A passagem era retangular e provavelmente remontava aos tempos medievais, com rachaduras nas paredes, fissuras no chão e folhas de capim agarradas ao teto – ademais, como tudo naquele lugar, havia uma sensação maculosa, com a escuridão simulando a goela de um monstro, pronto a sugá-los ao interior de seu ventre. O tecido da realidade, a partir daquele trecho, afinava-se tanto que a cidadela era como um enorme santuário a céu aberto; a dúvida era como ele havia sido criado, e por quem. Muitos santuários surgem naturalmente em locais carregados de energia mística, mas tanto os anjos quanto os feiticeiros podem também fabricá-los de modo a facilitar a invocação de seus poderes, ou mesmo a convocação de criaturas planares.

Denyel teve o ímpeto de se desmaterializar, de passar ao plano astral, transpor as muralhas voando e descobrir a fonte daquela pujança. Mas a dispersão no avatar era outra das tão conhecidas diretrizes restritas, um crime dos mais graves ao olhar do Primeiro dos Sete. Dessa forma, continuou a explorar o ambiente em silêncio, bancando o tolo, o palerma, como se dizia na época, deixando que o navajo o guiasse.

– Já parou para pensar numa coisa? – disse Akee. – Por que não mandaram um oficial conosco?

– Talvez porque quisessem fazer desta uma missão extra-oficial. Craig é um ignorante, um bruto. Vai escrever o relatório que lhe ordenarem.

— Um bruto? — o índio riu. — Olha quem fala. Sabe como lhe chamavam na Fox?

— Como?

— Sicko.

— Parece-me apropriado — o celeste achou graça. — Por isso os rapazes ficaram assustados quando entrei na sala, no posto de comando?

— Estamos sempre assustados, não tem como não estar. — Essa era a maior verdade da guerra, se bem que ela não se aplicava a Denyel. — Mas, se calcular friamente, todo mundo morre um dia. Pelo menos nos foi dada a chance de morrer por uma causa. Eu sei bem o que é isso.

— Já pensei como você — as palavras eram agora sinceras. Como Akee, no passado ele fora um bravo, um legionário nas fileiras celestes, antes da queda de Lúçifer, antes da guerra civil. Mas com o tempo passou a acreditar que não havia um lado melhor que o outro, que todos os seres, no céu, na terra ou no inferno, tinham os seus interesses implícitos, e que nesse tabuleiro ele era apenas mais um peão, raciocínio que desde o princípio do século o fazia abaixar a cabeça e aceitar seu lugar. — Hoje, vejo de outra forma. De uma forma mais simples, eu diria. Se não for você a fazer, sempre vai ter alguém que o faça.

— Está vendo por que o chamam de Sicko? — o navajo fez uma careta sarcástica.

Um barulho nas trevas encerrou a conversa. Os dois se encolheram, tomaram distância, engatilharam o fuzil. O ruído guardava semelhanças, ainda que vagas, com o estalar de pequenos cascos, mas era abafado e vinha de cima. Denyel ficou de prontidão, esperando que um tiro fosse disparado.

— Por que não atacam logo? — o índio sentiu um arrepio na espinha.

— Vai ver é um rato.

— Se for, é um rato bem grande. — Perto deles, um fio de luz escapava do teto, através de um orifício circular, semi-cerrado por um tampão.

— O que é aquilo? — apontou Denyel.

— Deve ser um bueiro. Me ajuda a subir? — o indígena pediu. O exilado entrelaçou os dedos das mãos, dando-lhe apoio aos pés. Akee descansou o rifle nos ombros, agarrou-se às laterais, subiu e desapareceu pela abertura. Minutos depois, sua face ressurgiu mais animada.

— E então?

— Encontrei o que você procurava — ele sorriu.

— A entrada da cidade?

— Também. Mas eu me refiro ao que você procurava — e jogou uma garrafa para baixo. Denyel a pegou agilmente.

— Conhaque?

— E tem mais. — Deu uma rápida olhada para trás. — Por que não avisa outros? Vou ver o que mais consigo encontrar.

O "bueiro" que Akee descobrira era na realidade um alçapão, uma abertura que os conduziu ao piso térreo de um restaurante normando, uma

taverna medieval em todos os aspectos, à exceção das lâmpadas elétricas que, embora fracas, clareavam satisfatoriamente o recinto. Dez mesas esculpidas em madeira descansavam no centro da sala, rodeadas por cadeiras vazias. Já as paredes eram decoradas com armações para garrafas, contendo principalmente conhaque. Das vigas pendiam bisnagas de salame, tubos de queijo e salsichas secas, além de outras deliciosas iguarias em conserva, tipicamente francesas. Uma escada levava ao segundo andar, e uma porta, à esquerda, dava para a rua.

— Ninguém toca nesta porcaria, ninguém toca — gritou o sargento, proibindo os recrutas de sequer encostar nos defumados. — Ou está envenenado ou foi deixado aí de propósito, para nos embebedar. — Denyel duvidava que a comida estivesse envenenada, mas a precaução era válida, ainda mais naquele cenário pós-invasão, com os alemães ficando sem armas, sem munição, sem contingente. — Nunca estudaram a Guerra de Troia? — E, diante do silêncio, ele acrescentou, meio perplexo: — Deus, vocês nem sabem que diabos é Troia.

Craig era um comandante severo, mas cultivava certa noção de justiça, reconheceu que os patrulheiros estavam cansados, então lhes permitiu uma pausa de dez minutos. Deixou que saboreassem as rações que traziam consigo. Nesse ínterim, traçou mentalmente a estratégia de ataque, considerando que os germânicos estavam próximos, muito próximos, escondidos, aguardando o momento oportuno para emboscá-los.

Denyel não sentia fome, mas beliscou a refeição mesmo assim. A queimadura provocada pela bomba em Saint-Lô regredira sem deixar cicatrizes, motivo pelo qual ele não tirava o capacete, preocupado que os outros notassem. Contudo, não resistira ao conhaque e se fartara antes de reencontrar a equipe, consumindo uma garrafa inteira enquanto vagava pela galeria. O álcool o deixara visivelmente mais bem-disposto, mais calmo e ordeiro, menos rebelde.

Como primeiro-sargento, Craig conhecia as vantagens de acometer furtivamente, mas o excesso de cautela, em certas horas, tem também um lado negativo. Às vezes é necessário ousar, surpreender o inimigo, abocanhá-lo como um tigre que se aproxima nas sombras. Sabendo disso, ele optou pela clássica "linha simples", uma formação de assalto composta por dois batedores na dianteira, um operador de metralhadora e seu assistente no centro, e o atirador e o líder na retaguarda.

O grupo esperou até as 20h30. O sol já se havia deitado, mas ainda era dia, dando a eles a vantagem do lusco-fusco. Marie et Louise não possuía uma alameda principal. Em vez disso, era entrecortada por dúzias de vielas, ladeiras e becos que convergiam à praça da igreja, no ponto mais alto da ilha. A porta de saída se abria para uma dessas veredas, orlada por casas de três andares revestidas de argamassa, com o madeirame exposto e o telhado de ardósia. Assim como no interior da taverna, as lâmpadas sobre os postes estavam acesas, mas os fachos eram débeis e projetavam uma luz oscilante. Denyel e Akee foram destacados para a vanguarda, dando cobertura a

Taylor e Joe, que vinham pelo meio. Logo atrás, Craig andava ao lado de Bruno, que fora instruído a não tirar os olhos do campanário e a responder com fogo ao menor sinal de perigo.

Os seis homens se esgueiraram por uma ladeira, com atenção redobrada a cada esquina, observando portas, janelas, calhas, pombais. Passaram por um café pitoresco, o Carte Blanche, e enfim alcançaram a pracinha, ornamentada pela estátua de duas freiras, as tais Marie e Louise, que segundo a lenda haviam fundado a aldeia após expulsar dos túneis uma "alcatéia de feras". As "feras", calculou Denyel, teriam sido os sacerdotes druidas, líderes espirituais do povo celta, banidos da França pelos primeiros mártires cristãos.

Contornando a praça, a construção que mais se destacava era a igreja românica, encimada por uma só torre, cujo telhado, revestido de telhas planas, fora acrescentado, ao que parecia, diversos anos depois. Cabos de energia saíam dos capitéis e subiam ao remate, onde a cruz fora substituída por uma antena de metal gradeado, com um metro e meio de altura, certamente instalada pelos invasores germânicos.

A exemplo do pórtico de entrada, os portões da igreja estavam trancados, as dobradiças soldadas, mas eram feitos de carvalho, não de aço, e poderiam ser destruídos. Craig fez um gesto circular com a ponta do dedo, acima da cabeça, ordenando o reagrupamento, ou rallying point, como os americanos chamavam à época. Os praças obedeceram e se juntaram a ele, com Denyel, Akee, Bruno e Taylor formando uma roda, tomando posição de vigia. Bobby Joe descansou a Browning na escadaria e checkou a consistência da madeira.

— É maciça, senhor — ele avisou ao sargento. — Dá para derrubar, mas uma granada só não dá jeito.

Em resposta, Craig tirou da mochila duas cargas de TNT, que, no caso das tropas estadunidenses, vinham em latinhas longas, de quinhentos ou 250 gramas, com um furo em uma das extremidades no qual se encaixava o detonador. Este, por sua vez, era nada mais que um pequenino tubo de pólvora, que quando acionado queimava por dentro até a fagulha ser expelida, iniciando a combustão e, por conseguinte, o estouro.

— Se vira com isto, cabeça de fogo — Craig entregou-lhe os dois tabletes. — Que se fodam esses azedos. Vamos entrar atirando.

Como a igreja era um ambiente fechado, sempre havia a possibilidade de luta corpo a corpo. Calejados, os soldados da Grande Rubra, ato contínuo, prepararam as baionetas e ataram-nas à ponta dos rifles, menos o sargento, que usava a Tommy Gun, e Joe, que portava a Browning.

— Fogo cerrado! — Bobby Joe acionou os explosivos, ao passo que os seis combatentes se afastavam aos pinotes. O tempo de detonação de uma carga de TNT era de três segundos, intervalo suficiente para que todos buscassem abrigo. — Fogo cerrado!

O estrondo teria acontecido conforme o planejado, não fosse a desolação de Marie et Louise. Talvez pelo silêncio que pairava entre as muralhas, a detonação teve um impacto muito maior, com o som reverberando pelas

vielas, sacudindo as casas, as pensões, os armazéns. O portão de carvalho foi pelos ares, lançou pesadas farpas na neblina, enegrecendo a calçada com respingos de pólvora, abalando de cima a baixo as fundações da cidadezinha. Devidamente protegidos atrás da estátua, um robusto monumento de bronze, os patrulheiros não se feriram.

Seguiu-se a ordem de avanço. Os seis homens saltaram os degraus e entraram no saguão, alcançando a nave românica antes mesmo de a poeira baixar.

Embora radical, todos concordavam que a tática de Craig era adequada. Estavam ali para matar alemães, e, se ainda houvesse uma guarnição ocupando a ilha, ela só poderia estar na igreja, que com sua estação de rádio era o único ponto de interesse real. De outra perspectiva, se o templo estivesse desocupado, esse seria um claro indício de que os germânicos haviam partido, o que tornaria a tarefa de destruir o equipamento muito mais simples – e potencialmente menos sangrenta.

Passada a adrenalina, houve certo descontentamento quando Denyel e seus colegas tomaram o altar sem resistência.

Nada.

Nem sinal dos nazistas. O impressionante era o que eles haviam deixado para trás.

MAGIA SUJA

— GRAÇAS A DEUS — KEVIN TAYLOR TRAÇOU COM O DEDO O SINAL DA CRUZ , aliviado ao concluir que a guarnição alemã debandara.
— Graças ao bom Deus.

Denyel circulou a igreja a passos curtos. Montada no coração do prédio, a estação de rádio era afinal bem diferente do que eles haviam imaginado. Sob as colunatas, as naves laterais estavam ocupadas por grandes caixas de metal com botões, fusíveis e cabos que se interconectavam. Mais fios, alguns delgados, outros mais grossos, desabrochavam do piso, escalavam as pilastras e se reuniam no teto, formando curiosas teias emborrachadas. No altar e pelos lados, abraçando a charola em semi-círculo, dispunha-se uma mesa de controle carregada de ponteiros, manivelas, microfones e telas esverdeadas de fósforo. Oito cadeiras cingiam os painéis e, sobre elas, três metros acima, os germânicos haviam pregado dois alto-falantes. Finalmente, no oratório, pendia uma bandeira farpada, ostentando um símbolo esquisito. No lugar da suástica nazista, o que esse galhardete exibia era a perturbadora figura de um anel branco com outro menor no centro, de cujo núcleo partiam doze hastes que se entortavam nas pontas, como raios de sol estilizados. Era de conhecimento geral o uso ostensivo que os nazistas faziam de seus emblemas e estandartes, mas aquele brasão não se parecia com a insígnia de nenhuma tropa que eles já tivessem enfrentado.

No canto esquerdo, uma portinhola de madeira conduzia à sacristia e, à direita, uma escadinha em espiral subia à sacada e de lá para a torre. Bruno ficou parado no sopé dos degraus, esperando a ordem de Craig para desmontar a antena. Mas o sargento teve outra idéia.

— Os dois — apontou para Bruno e Joe. — Quero que rodem por aí, inspecionem a cidade de cima a baixo. — Virou-se para Akee. — Você fica de guarda na porta, touro sentado. — E ele tinha uma tarefa especial para o enfermeiro.

— Taylor, sabe mexer nessa coisa?

— O painel? — com a face obtusa, o jovem encarou os complexos botões da estação alemã. — Tenho uma noção. — O receio era justificado. Na universidade, Taylor aprendera a consertar pequenos aparelhos de rádio, mas operar um equipamento germânico era bem mais complicado. — Posso tentar, senhor.

— Então comece. Comece agora. — Mirou Denyel. — Empréstimo o seu fuzil para o grandalhão. — O "grandalhão" era Bobby Joe, que não teria mobilidade para fazer a ronda com uma metralhadora de quinze quilos nos ombros.

— Enquanto isso, você ficará de vigia aqui dentro.

— Sim, senhor. — O exilado cedeu o rifle ao colega. Sacou a pistola Colt

da cartucheira. Escoltou Akee até a escadaria, esperou Joe e Bruno desaparecerem e depois regressou ao altar. Lembrou-se do que o espírito do paraquedista dissera e de repente se deu conta de um detalhe.

Salvo o episódio com o soldado morto, desde o pântano até a ilha ele não avistara nenhum fantasma — o que, por incrível que pareça, o deixou receoso. Para os anjos, enxergar almas através do tecido é um fato comum e de certa forma até salutar, como a fauna de ratos nos esgotos de qualquer grande cidade: uma presença que causa repulsa, mas que deixa claro, ao menos, que não há desequilíbrios no ecossistema.

No transepto, Craig cutucou uma caixa de ferro aparafusada à parede, adornada por uns dez interruptores de plástico. Era a central de força.

Sem querer, acionou a alavanca.

As luzes da mesa se acenderam.

O primeiro som que escapou dos alto-falantes foi o ruído de estática. Taylor tirou o capacete, sentou-se na cadeira e limpou os óculos com um paninho, para melhor visualizar as informações do painel. A tela de fósforo brilhou intensamente, traçando um risco verde de uma ponta à outra, que subia e descia em movimentos de onda. O ponteiro que indicava a potência do rádio disparou de zero para vinte megawatts, uma energia desconcomunal para uma estação tão pequena. A frequência de transmissão, exibida no mostrador ao lado, marcava oito mil quilo-hertz.

— Os controles estão doidos, senhor — disse Taylor. — Nenhum desses números faz sentido. Os azedos devem ter alterado o equipamento intencionalmente, para nos confundir.

Só que, um segundo depois, uma doce melodia ruiu dos megafones. Eram os primeiros acordes de "Stardust", uma canção popular nos Estados Unidos, gravada pelo astro Hoagy Carmichael em 1927. Craig pousou a Thompson no chão. À medida que o socorrista movia o botão, a música ia mudando, inicialmente para "Blue Skies", depois para "April in Paris", para então se misturar à voz de um locutor, em inglês.

— É a porra da CBS — reconheceu o sargento.

— Pode ser uma estação espia — o nova-iorquino ajeitou os óculos. Os zumbidos entre uma estação e outra soavam estridentes, algo como uma cigarra desafinada, não pareciam originários da Terra. — Está captando em ondas curtas. São ondas de alta frequência, que podem se propagar a grandes distâncias.

— Para que serve esta tela verde? — ele tocou o écran com o indicador oleoso.

— Creio que regule o comprimento da onda — e, como uma criança que explora um brinquedo, Taylor girou o botão. Os sons percorreram emissoras diversas, pulando do inglês para o alemão, do castelhano para o português, do árabe para o chinês, e aí, quando o ponteiro caiu para três quilo-hertz, entrou a voz roncada de um homem, repetindo uma oração indecifrável, que ao mesmo tempo lhes pareceu familiar:

Ia Ia Ia! Adu En I Ba Ninib. Ninib Ba Firik. Firik Ba Pirik. Pirik Ba Agga Ba Es.

Agga Ba Es Ba Akka Bar!

— Desligue isso — rosnou Denyel, e suas palavras foram tão sérias que Taylor se precipitou a reduzir o volume, quando Craig o deteve.

— Vai desligar coisa nenhuma. — Se alguém sabia falar grosso, esse alguém era Tom Craig. O enfermeiro ficou sem ação. — Vamos escutar tudo, até o final.

O exilado fechou a cara. Ele tinha de calar o ronco, nem que para isso fosse necessário desafiar o sargento. O que eles estavam ouvindo — o querubim reconheceu de primeira — não eram os ecos de uma emissora estrangeira, mas a fórmula mágica de um feitiço cujo propósito, na ocasião, ele não soube identificar.

Os primeiros seres humanos a manipular a magia foram os atlantes, que conjuravam seus encantos sem a necessidade de versos, rituais ou objetos. Seus adversários, os reis de Enoque, antecessores dos homens modernos, com menos aptidão para a mágica, desenvolveram então um sistema próprio de feitiçaria que incluía cerimônias, ingredientes e às vezes até sacrifícios. Os atlânticos, e por conseguinte os anjos, chamavam esse método de "magia suja", a qual, apesar de um tanto primitiva, foi a única tradição que sobreviveu ao dilúvio, sendo herdada por outras civilizações terrenas, como os babilônicos, que com o passar dos séculos a adaptaram às suas culturas.

Afora os hashmalins, que convivem com consciências impuras e portanto têm certo contato com a bruxaria, a mágica é um assunto obscuro para a maioria dos celestiais. Como não sabia do que se tratava, e ciente do perigo que era lidar com tais forças, Denyel fez o que lhe veio à cabeça. Deixou certas regras de lado, incluindo as diretrizes de Sólon, e mirou a Colt diretamente para os alto-falantes. Com dois disparos, acertou as saídas de áudio, fazendo o cântico cessar.

Depois de um segundo de pura descrença, Craig rodou o quadril, puxou sua pistola e a apontou para a testa do querubim. Tinha os olhos vermelhos, a face rubra, contorcida de ódio. O braço tremia, como se uma parte dele quisesse atirar, enquanto a outra o estivesse travando.

— Italiano é o cacete. Católico é o cacete — resmungou às bufadas. — Você é um agente alemão, um espião nazista, isso sim — acusou-o. — Fica falsificando os papéis, recusa promoções, anda calado e passa longos períodos sozinho. Se eu matá-lo agora, ninguém vai saber, seu traidorzinho de merda.

O irônico, pensou Denyel, é que Craig estava correto. Ele era mesmo um espião, embora angélico, não germânico. E, como agente celeste, tinha por obrigação não se deixar destruir, conservar o avatar para continuar trabalhando. Se reagisse, poderia desarmar o sargento, mas com isso poria em

risco sua identidade mortal. Se permitisse que Craig atirasse, ele não morreria, mas levaria dias para se recompor, o que também acabaria por prejudicar a missão.

Os dois se fitaram.

Craig desceu o cão da pistola. Seus punhos tremiam. O fato de Denyel ter acertado os megafones, somado à sua atitude solitária e distante, no final das contas não provava grande coisa — com efeito, não provava nada. O anjo levantou as mãos e se rendeu, apostando que o texano o pouparia.

E, então, escutou-se o disparo.

BRADO DE HORROR

UM.

Dois.

Três tiros foram ouvidos ao longe. Nas ruas de Marie et Louise, eles ecoaram como fogos de artifício, rasgando o céu em festins estrondosos. Pela cadência, tudo levava a crer que os disparos provinham da arma de Bruno, que portava um antigo rifle Springfield, mais lento que os novos fuzis semi-automáticos, porém mais preciso e ideal para atacar a distância. O 1903 Springfield, antecessor do M1 Garand, necessitava ser engatilhado manualmente, puxando-se o ferrolho para trás e para frente a cada projétil.

De repente, o impasse entre Craig e Denyel se desfez. O sargento olhou através do portão, confiscou-lhe a Colt, enfiou-a no cinto, recolheu a própria pistola, recuperou a Thompson e correu a toda carga para fora, onde Akee aguardava instruções. Mesmo desarmado, o celeste foi junto, seguido por Kevin Taylor, temeroso de ficar sozinho dentro da igreja, entre capelas escuras e umbrais arqueados.

Na praça, a noite caíra. Sob o manto da neblina, eles escutaram mais tiros. O reduzido tamanho da cidadela, por sorte, facilitou-lhes localizar os disparos. Eles procediam, ao que se calculava, de uma ruela poucos metros abaixo, praticamente colada à encosta do muro. Craig não havia esquecido, tampouco relevado, a atitude de Denyel, a qual considerava criminosa, mas, diante de um perigo ainda maior, colocou as desconfianças de lado e ordenou que os quatro homens descessem em conjunto, que se reunissem para investigar o barulho.

Denyel, Taylor, Akee e o sargento tomaram o caminho ao distrito norte, dobraram a esquina numa pensão, desceram uma escadinha de pedra, passaram por um pátio com uma grande árvore no meio e chegaram a um beco sem saída, onde reconheceram a face de Bruno. O rapaz estava em pé, solitário, atirando a esmo na escuridão. Os seus movimentos eram automáticos, robóticos, pouco racionais, como se estivesse em transe, ou melhor, imerso num parcial estado de choque.

– Craig o sacudiu.

– Soldado? – gritou. – Soldado!

– Sargento? – ele abaixou a arma, apático. – O senhor por aqui?

– O que houve?

– Sabe o que é? – O atirador parecia alheio ao universo que o cercava.

– Tem alguma coisa lá. Creio que são os azedos. Eles pegaram o Bobby.

– Lá onde? – o texano acendeu a lanterna. Só o que havia no fim do beco era uma parede de tijolos, nem sinal dos alemães. Craig caminhou ao extremo da rua, chegou a dar coronhadas no muro, procurou portas ocultas, alçapões, mas não era o caso. A estrutura era rígida, aparentemente

intransponível.

Recuperado, Bruno procurou uma explicação lógica para sua versão:

— Devem tê-lo puxado para dentro de um túnel — recarregou o Springfield. — Um alçapão como aquele por onde viemos, coisa assim.

— Não tem túnel aqui — Craig pisou forte com o coturno no chão, mas o soldado defendeu sua hipótese:

— Quem garante?

— O que está acontecendo com vocês? — ele pressionou os recrutas, indignado. — Ficaram loucos? — Andou à entrada da senda. — Bom, pelo jeito os azedos ainda estão nas redondezas, e nós vamos pegá-los. — Cuspiu mais algumas ordens: — Akee permanece de guarda na igreja. O resto vai fazer a ronda, em duplas. Bruno será o parceiro de Taylor. Cobrirão o distrito sul. — Devolveu a Colt para Denyel. — E você vem comigo, soldadinho.

Denyel estava sinceramente intrigado. Que cargas-d'água se passavam naquela cidade? De onde vinha a misteriosa transmissão captada pelo rádio? Quem ou o que seria capaz de atacar o corpulento Bobby Joe e ainda por cima escapar a seu faro, esconder-se de sua visão, que enxergava mesmo através da película?

O momento era crítico. Diante da suposta presença de energias ou de criaturas sobrenaturais, a atitude mais lógica seria evacuar o outeiro, mas, a menos que ele estivesse disposto a contar a verdade, Craig jamais recuaría.

Com os coturnos sujos, o capacete bem ajustado, o querubim se perguntava se Sólon tinha noção do que estava fazendo ao enviá-lo para lá e qual era a extensão de seus poderes proféticos. Quanto do futuro o Primeiro dos Sete conseguia enxergar? Era capaz de antever os acontecimentos nitidamente ou a imagem lhe chegava como em sonhos, com figuras desconexas e truncadas? Será que o enigma que rondava a aldeia era uma ameaça também para ele, ou apenas para os seus colegas humanos? O que efetivamente o paraquedista tinha visto de cima, antes de cair pelas árvores? Por que as bússolas não funcionavam e, o mais estranho, o que tornava a membrana tão fina dentro dos muros?

Denyel seguiu os passos de Craig, andando à sombra dos alpendres, evitando o clarão dos postes de luz. Pararam em frente a uma charrete capotada, que bloqueava a passagem ao fim da rua, e preferiram dar a volta no quarteirão, considerando que o objeto talvez fosse a isca para uma emboscada. Estavam atentos a uma possível movimentação nas janelas, nas veredas e nos telhados, principalmente.

— Sargento... — o exilado sussurrou. Como arma, só carregava a pistola. Seu rifle havia desaparecido com o corpo de Joe. — Agora que encontramos a estação, por que não a explodimos e damos o fora? — Não era preciso ser tão esperto para compreender que ficar ali era uma estratégia infrutífera. — Podemos ser úteis nas próximas batalhas.

— O nosso trabalho não se resume a destruir a estação, se é que eu preciso lembrá-lo. — Ele já comentara algo do tipo no celeiro, sobre a ordem

de não fazer prisioneiros. — Somos uma patrulha de combate, não um time de reconhecimento.

O celeste suspirou. Sempre achara o contrário, sempre pensara que eles eram um grupo de reconhecimento, justamente. Mas preferiu não alimentar o diálogo. Craig era um daqueles militares sem cérebro, ou pelo menos ele assim o julgava na época, que seguia instruções cirurgicamente, não questionava comandos, apenas os cumpria. Talvez por isso, Denyel tenha se espantado quando ele acrescentou:

— Por que destruí os alto-falantes? — A questão era crucial e dava ao anjo o benefício da dúvida. Então, ele não estava tão convicto de que Denyel era um espião. Se estivesse, não teria nem perguntado. Por sorte, o exilado era um mentiroso sagaz. Sabia dizer o que as pessoas queriam ouvir, e no momento oportuno.

— Porque era a nossa missão, se é que eu preciso lembrá-lo — ousou.

— Isso quem decide sou eu — Craig rebateu com desdém.

— Quando um oficial subalterno desacata as ordens de um comandante superior, é obrigação do praça corrigi-lo. — Obedecendo à risca aos manuais, o discurso de Denyel estava absolutamente correto. — Ainda mais quando isso põe em risco a segurança da equipe.

— Está delirando — controlou-se. — Não arrisquei a vida de ninguém.

— Isso é o que você pensa, sargento — continuou o celeste. — Todos aqueles códigos e a transmissão que captamos são confidenciais, ou melhor, ultra- secretos. Uma coisa dessas pode decidir o curso da guerra. Por que acha que nos mandaram destruir a estação e matar todo mundo lá dentro? — A fala se encolheu. — E o que pensa que fariam conosco se tivéssemos contato com essa informação sigilosa?

— Cuidado com o que diz. Está fazendo acusações muito graves.

— Não são acusações. Já vi acontecer na Itália. Foi na Sicília, em julho de 43 — sacou da manga outra mentira. — Os rapazes descobriram uns papéis num quartel-general alemão, após a tomada de Gela. Dois dias depois, acabaram todos fuzilados, acusados de traição.

— Deviam ter culpa no cartório. — Escutaram o barulho de água corrente. Foram atrás. — Duvido que um americano mataria alguém de sua própria gente.

— Estamos falando do mesmo país em que 44 dos 48 estados adotam a pena de morte.

— Mas aí é diferente.

— O senhor estava prestes a me matar. — Mais um argumento infalível. Como Denyel aprenderia nos anos vindouros, o segredo de uma boa calúnia não era propriamente a história, mas a forma como era contada.

Para não dar o braço a torcer, Craig fingiu desviar a atenção. Fez um gesto, dessa vez com a mão fechada, ordenando que ele estacasse. Era apenas um pressentimento, nada concreto, e logo os dois voltaram a caminhar. Ao descer mais alguns metros, encontraram uma pracinha. Nela, havia uma fonte saindo da pedra, cuspidando um filete de água através da

carranca de um leão mitológico.

— É água doce. — Denyel sorveu um gole. — Há uma nascente em algum lugar.

— Que se dane a nascente. — O sargento conferiu o relógio. Já passava das onze da noite. — Quero descobrir onde fica o gerador.

Craig observou o átrio. O silêncio em Marie et Louise era tumular, especialmente com aquele nevoeiro a cada minuto mais denso. Não se escutava o coaxar dos sapos no brejo, o assovio dos morcegos, a revoada dos pássaros nas árvores, o ruído das ondas batendo nas rochas.

Foi nesse clima nefando que um berro — e não um tiro, como antes — os despertou para um novo turno de desespero.

— Taylor — reconheceu Denyel. Não era a primeira vez que eles escutavam o enfermeiro berrar. Só que agora não era um grito de susto.

Era um brado de horror.

Denyel e Tom Craig se entreolharam. Deixaram a cautela de lado e saíram em disparada pelas estreitas ladeiras de Marie et Louise. Contornaram o distrito sul, onde se depararam com um aterrorizado Kevin Taylor abraçado a um poste, gemendo, coberto de sangue, apoiado ao fuzil com quem segura uma bengala.

O exilado o amparou. Pelo menos estava vivo, mas para onde tinha ido Bruno, o atirador mais competente do grupo? Fez o enfermeiro se sentar, despiu-lhe a camisa, bateu-lhe o peito à procura de ferimentos, mediu com o anular os batimentos cardíacos e constatou que o rapaz não fora tocado. Estava incólume, sem cortes ou hematomas. Os óculos continuavam inteiros, o capacete estava no lugar e a bolsa médica não fora roubada.

— O sangue não é dele, sargento — anunciou o celeste. Em aplicar-lhe uma injeção de morfina, mas a droga só o deixaria mais bitolado,

Craig deu um tapa no rosto de Taylor. Depois, outro tapa. Qual uma criança, a mente do jovem vagava sozinha, tomada por um terror inexplicável.

— Soldado? — o sargento o imprensou contra o muro. — De onde eles vieram?

— Bruno, Bruno... — o enfermeiro balbuciava, os dentes tremendo. — Não foram os azedos, senhor. Não foram os azedos.

— Como é? — Craig apertou-lhe o pescoço. — O que está dizendo?

Denyel se intrometeu:

— Ele não está falando nada com nada, senhor. Melhor não forçá-lo demais.

— Cale a boca, você — e voltou-se ao recruta. — Para onde eles o levaram? Desembucha, seu maricas!

— Arrastaram-no para um buraco — contou aos gaguejos. — Não vi alemães. Não eram os Fritz. — A pupila centrou-se em um ponto aleatório.

— Eram uns cachorros, uns bichos pretos. Hienas, morcegos sem asa. Vieram por cima, morderam a cabeça dele. Morderam a cabeça dele. Espirrou muito

sangue.

– Chega dessa putaria. – Craig o puxou pelos braços, colocou-o de pé.
– Vai nos mostrar para onde eles o arrastaram. Agora!

– Não vou – as palavras saíram recheadas de medo. – Vou embora daqui. Vou me mandar desta cidade maldita.

Contrariando a rígida disciplina militar e desafiando as ordens de Craig, o socorrista se libertou da pegada e desatou a correr rua abaixo, na direção do pórtico de entrada. Denyel e o sargento o perseguiram e o interceptaram diante do portão, o mesmo que os alemães haviam lacrado por fora. Com a coronha do rifle, Taylor dava pancadas no metal, na vã tentativa de arrombar as seções.

– Quero sair! – ele berrava a plenos pulmões. – Meu Deus, quero sair. Por Deus, quero sair. – E, de quebra, começou a rezar: – Ave, Maria, cheia te graça. O senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres – engasgou-se no meio. – Quero sair. Bendito é o fruto do vosso ventre...

De todas as fraquezas humanas, a que Craig menos tolerava era a covardia. Pela sua experiência, o medo era contagioso em combate, uma praga que se espalhava rapidamente, portanto era necessário contê-lo na fonte. Agarrou o fugitivo pela gola e o lançou contra a parede.

– Recomponha-se! – a saliva saía da boca aos esguichos. – Está sob o estandarte da Grande Rubra.

– Sargento – Denyel aproveitou para falar. – Talvez este seja mesmo um bom momento para recuarmos. – Ele não queria ver mais ninguém ferido e insistiu na retirada. – Somos só quatro agora, ou melhor, três – levando em conta que Taylor surtara.

– Não podemos sair. Estamos presos – informou-lhes uma nova voz, que brotou subitamente das trevas. Era Tony Akee, o Chefe, que deixara seu posto na igreja. – Subi ao campanário – sussurrou, como um médico que declara o óbito à família. – A maré está alta. E não vai descer até o dia raiar.

– Obrigado por nos avisar, cherokee – Craig desfez o clima de suspense.
– Não é mesmo, rapazinho? – olhou para Taylor. Segurou-o pelo cangote.
– Leve-nos ao local do ataque. Já.

NO CORAÇÃO DAS TREVAS

KEVIN TAYLOR FARIA TUDO – ABSOLUTAMENTE TUDO – QUE ESTIVESSE AO SEU alcance para deixar a cidade, mas, ao entender que a fuga estava descartada, ele recobrou a sanidade em poucos segundos. Denyel não entendia muito bem a psicologia terrena, mas já vira coisas assim acontecerem, no decurso de suas aventuras. Os seres humanos, especialmente os menos treinados, tendem a se desviar do perigo, mas, uma vez que o confronto é inevitável, não lhes resta alternativa a não ser reagir. Taylor continuava assustado, no entanto sua consciência regressara ao normal. Gaguejava às vezes, mas já conseguia dialogar com clareza – era como se tivesse aceitado o que o destino lhe reservara, embora não soubesse (nem imaginasse) qual era essa sina. Guiou o exilado, Craig e Akee ao exato local em que ocorreria o ataque, onde os supostos cães, conforme descrevera, haviam "mordido a cabeça" de Bruno, para em seguida arrastá-lo ao seu refúgio nas trevas.

Os quatro soldados marcharam até a parte alta de Marie et Louise. Lá, a três quadras da igreja, ficava o paredão de uma casa, e em determinado trecho havia um bueiro, mas, no lugar de uma tampa comum, o que o recobria era uma grade arrebitada, com as barras entortadas para fora. Por toda a calçada se alastravam desordenadas trilhas de sangue, sangue fresco, muito provavelmente de Bruno, ou quem sabe de Bobby Joe.

Craig direcionou a lanterna para a escuridão e reparou que as laterais do buraco, através do qual um homem poderia passar, haviam sido equipadas com pequenas hastes metálicas dispostas horizontalmente, chumbadas no reboco, talvez pelos construtores originais, simulando degraus. O sargento alçou a bandoleira às costas, testou com a sola a firmeza das varetas e se pôs a descer. Taylor foi atrás, depois Akee e Denyel, como era a formação usual.

O bueiro dava acesso às galerias de esgoto, as mesmas que horas antes os levaram para dentro da aldeia. O túnel se propagava em contornos retangulares e fora erigido com grandes blocos de pedra, somando cinco metros de largura por três de altura. Como a maré havia enchido, a água agora batia nos joelhos, e era salgada, misturada a porções de lodo e areia.

O sargento entregou a lanterna a Denyel, que, como era o único que não tinha um rifle, tomou a função de batero, guiando-os a passos firmes na dianteira. Com a pistola na mão direita, o querubim avançava lentamente, iluminando as seções escuras, os tubos, as pequenas alcovas.

Uma sensação medonha decaía sobre o corredor – ele não sabia como os mortais, mais frágeis psiquicamente, tinham estômago para suportá-la. Foi o mesmo sentimento que provara no charco, uma impressão de que as trevas eram vivas, que os vigiavam, que estavam prontas a engoli-los.

Em menos de cinco minutos, Denyel sentiu o odor de carne podre, um

cheiro tão forte que logo os humanos também farejaram. O sargento se deteve numa bifurcação, espiou os dois túneis e então deu a ordem:

— Vamos tomar o caminho pela esquerda — puxou o ferrolho da Thompson. — Verifiquemos os rifles, preparem as baionetas. Pegaremos esses azedos de calças curtas.

Dali, a galeria seguia em ligeiro aclave, e aos poucos o nível da água desceu. Nos próximos trinta metros, a passagem terminava em uma espécie de central de esgoto, bem mais ampla e muito alta, para onde várias tubulações convergiam, uma câmara que, pela arquitetura, remontava não à Idade Média, mas ao período dos legionários romanos.

Olharam para o chão e lá estava o cadáver de Albert Bruno, deitado perto do corpo de Bobby Joe. O crânio de ambos havia sido esfaqueado, e no caso do redneck o peito fora aberto, e uma das pernas, arrancada.

Mas o cheiro de podridão não vinha deles.

Denyel estendeu a lanterna. O complexo clareou, revelando uma fedegosa pilha de corpos, cuidadosamente amontoados uns sobre os outros. Jaziam naquela pasta de carne entre oitenta e cem oficiais alemães, todos fardados, alguns com as botas ainda lustrosas, os ossos saltados, as caveiras aparentes. O emblema que traziam na lapela não era o distintivo único da SS, a tropa de elite nazista, tampouco as condecorações da Wehrmacht, mas a inquietante figura do sol, a mesma presente no galhardete da igreja. Os cadáveres em si não eram assim tão chocantes, não para sujeitos acostumados aos horrores da guerra; o que realmente os tornava grotescos era o fato de estarem dispostos em círculo, ao redor de um monumento estranhíssimo. No bojo do salão se erigia um obelisco de basalto, no formato de uma pirâmide alongada, com dez metros da base ao cume. A frente era decorada com inscrições latinas, caracteres que a distância nem o exilado conseguiu discernir.

Os praças, inclusive Craig, que deles era o mais racional, testemunharam uma suave energia radiando do curioso monólito. Não era uma força visível ou uma pulsação auditiva, mas uma presença, que cada um provou ao seu modo. Para Denyel, não havia dúvidas de que aquela era a origem do poder da ilha, a essência que alimentava os ponteiros do rádio, e era também o que tornava o tecido da realidade tão fino. O obelisco, calculou, agia como ponto focal, a partir do qual emanavam as mais diversas correntes: elétricas, magnéticas, místicas, telúricas.

De posse dessas informações e certo de que as dog tags haviam registrado satisfatoriamente a imagem, o celeste não perdeu tempo a investigar os detalhes. Sua missão estava concluída — ele havia descoberto a fonte da "anomalia energética" e agora precisava tirar os parceiros dali, afastá-los daquele ambiente sinistro.

Concentrados ora nos cadáveres, ora no monumento, os combatentes se espalharam ao longo da câmara, buscando pistas do assassino que os surpreendera mais cedo. Denyel ainda planejava a melhor maneira de abordá-los quando repentinamente teve início o terror.

Um ser quadrúpede, com as dimensões aproximadas de uma hiena, todo preto, sem pelagem no corpo, rolou do teto e abocanhou Kevin Taylor. Os caninos penetraram-lhe o ombro e esmagaram seus ossos com o ruído semelhante ao de um quebra-nozes. O ataque foi tão veloz que ele nem teve tempo de se defender. Era como se um pedaço de escuridão o tivesse agredido, um sólido borrão acrescido de presas.

Craig e Akee apontaram as armas, mas atrasaram os tiros, receosos de acertar o colega, agora à mercê dos caprichos da fera. Observando de perto o amigo ser devorado, os mortais experimentaram uma aversão primitiva, herdada de seus antepassados pré-históricos. O monstro que os surpreendera era diferente de qualquer animal que já caminhara sobre a terra. As patas dianteiras imitavam os cascos das cabras, consistentes e escuros. Já as traseiras eram arqueadas, como as dos gatos, terminando em um par de mãos de macaco. Da boca saíam dentes enormes, a cauda era áspera, e a fera não possuía globos oculares — era cega, mas ainda assim podia sentir as formas de vida, da mais banal às muito complexas.

Denyel nunca tinha visto uma entidade daquelas. Contudo, estava óbvio que não era nativa do plano físico e que se manifestara unicamente graças à suavidade da membrana.

Levou alguns segundos, mas enfim Taylor se deu conta de que ia morrer. Deu um grito choroso, igual ao de um bebê ao ser extraído do ventre. O monstro sacudiu o focinho, rasgou-lhe a clavícula. O braço se deslocou para trás, os músculos foram cedendo. Apertando o rifle, Akee encontrou o ângulo perfeito e disparou, atingindo a besta na testa. O projétil a acertou bem no crânio, espirrando gosma negra, uma substância que o índio associou à consistência do piche. Ferida na cabeça, a entidade emitiu um silvo, cambaleou, dobrou os joelhos e caiu de barriga para cima.

No chão, o enfermeiro urrava, descolorado pela hemorragia. Denyel se precipitou para ajudá-lo, olhou para cima e viu uma rede de cabos elétricos, fios que se conectavam à igreja. Trepadas na fiação, ele enxergou centenas daquelas bestas insanas, que agora se agitavam qual morcegos, seres necrófagos, despertando para a caçada noturna.

Uma delas saltou aos seus pés e investiu com as mandíbulas abertas, num golpe tão célere que desbancaria qualquer homem comum. Mas Denyel era um anjo da morte, e o lado bom das regras de Sólon era que ele tinha permissão para usar seus poderes em autodefesa, então respondeu prontamente. Mirou com a Colt, apertou o gatilho e acertou a fera no tronco, supostamente a matando na hora.

Certos de que Taylor estava condenado — ele não sobreviveria, mesmo se transferido a um hospital —, Craig disparou uma saraivada de balas, fazendo as entidades despencarem do teto, algumas feridas, outras sedentas. Eram tantas que a melhor opção, a única na verdade, foi recuar, e assim os três andaram de costas para a galeria, abrindo fogo sem trégua.

Procurando alvos, Akee viu uma das bestas retesar as pernas para dar um salto, buscando o pescoço de Craig. Com o cano do Garand, seguiu a

trajetória do pulo e a atingiu entre a nuca e a espinha, um segundo antes de ela alcançar o sargento.

Despejando munição à vontade, os soldados retrocederam aos túneis. As salvas contínuas haviam mantido as criaturas afastadas, mas por quanto tempo? Do salão até o corredor, num espaço de cinquenta metros, Denyel calculou que eles haviam matado uns vinte daqueles cães infernais, o que não chegava a um décimo da colônia reunida na central de esgoto.

O exilado girou novamente a lanterna e localizou o bueiro por onde haviam descido, ao término de uma marcha que, em meio ao combate, lhes pareceu interminável. Os três se reagruparam sob o buraco, mas não podiam se dar ao luxo de cessar fogo, senão acabariam cercados.

— Suba, Akee — gritou o sargento, em retribuição ao disparo que poupava sua vida. — Dou cobertura. Anda!

O Chefe assentiu. Escalou os degraus, e assim Craig e Denyel ficaram a sós na tubulação. O anjo encaixou o último pente na Colt, esperando que as feras o agredissem. Matou uma, duas, três, quatro, só que elas continuavam avançando. Pareciam baratas, uma miríade de seres famintos, incansáveis, movidos por uma pujança alheia aos animais ordinários.

— Pode ir, sargento — sugeriu o celeste, prevenido que o próximo ataque seria o pior. — Cuido deles. Eu sou o "machão", não se lembra?

— Não me agrada abandonar a luta, fuzileiro.

— Considere como uma retirada estratégica — Denyel falou tão calmamente que o convenceu. — A Browning de Joe ainda deve estar na igreja, armada sobre o tripé. Precisamos de tempo e munição para contra-atacar. — E, ao ver que os monstros chegavam mais perto, despejou: — Corra.

Craig aceitou o conselho. Subiu, deixando Denyel cara a cara com duas dezenas de bichos. O seu plano, de retroceder e se reagrupar, era factualmente sensato, ainda que não garantisse a vitória. Só por isso, por ser uma tática sóbria, o sargento a acatou, o que no fundo não tornava as coisas mais fáceis.

Dessa vez, as hienas assaltaram juntas, como um enxame de vespas, rapinando por todos os lados. O querubim baleou as três primeiras, mas outra veio rastejando sob a água e lhe mordeu a canela, causando uma dor incomum, diferente das chagas mundanas — não só a carne, mas ao que parecia também seu espírito fora afetado.

Com a perna sangrando, o anjo ergueu o tornozelo. Procurou atirar, mas só escutou o clique da pistola.

Vazia.

A matilha saltou.

O que aconteceu a seguir foi instintivo. O aroma de sangue, a aflição da mordida, a iminência da morte, mais precisamente a união de todas essas coisas fez a aura de Denyel estourar, num ímpeto irresistível aos combatentes celestes. Com os dedos fechados, ele esmagou a lanterna que desde o Dia D trazia consigo, presa ao uniforme, dentro da qual ocultava o

cabo de sua espada sagrada. O plástico se desfez, dando lugar ao punho do sabre, o objeto considerado o coração dos guerreiros, tal era a devoção dos querubins a suas armas.

Com um comando mental, o exilado materializou a chapa de aço, que primeiro surgiu como uma raja translúcida, para depois se concretizar numa lâmina de um metro de comprimento. Na prática, Denyel não precisava sequer tocá-la para que a folha crescesse: uma simples mentalização já seria o bastante.

Moveu a haste num arco horizontal, decepando cinco monstros que o ameaçavam, desmanchando-os em poças de gosma. Fez a ponta cintilar, castigando os cães com uma incrível combinação de força, precisão e ferocidade. Feriu dezenas, aleijou uns quinze, liquidou mais um tanto.

Em vez de fugir, porém, conforme combinara com Craig, ele agora queria ficar — a batalha, ainda mais contra criaturas sobre-humanas, desfazia-se na boca com um sabor incomparável. Sua aura pulsava, clamava por sangue. Fincou a espada na espinha da entidade que o mordera, chutou-a para trás, deu dois passos adiante. Rodou a arma como se fosse uma hélice e exterminou mais três, investiu contra outra, e mais outra, até sobrepujar todo o primeiro levante.

Uma segunda matilha se achegava, e o anjo avaliou que esse era o momento propício para bater em retirada, já que cedo ou tarde ele teria mesmo de recuar. Jogou o sabre através do bueiro, mas antes de subir acionou duas granadas. Saiu pelo buraco correndo, avisando aos colegas, aos berros:

— Fogo cerrado! — puxou Craig pela camisa. — Fogo cerrado!

O termo "fogo cerrado" fora criado para se referir inicialmente a uma bomba enfiada em uma cava ou orifício, mas com o avanço da guerra passou a designar todo artefato prestes a explodir, um alerta para que os homens sássem de perto quando um foguete caía na trincheira, por exemplo.

Dois segundos transcorreram e então a calçada tremeu, as vidraças próximas estilhaçaram. O pequeno bueiro cuspiu água, lodo e fumaça, imitando um gêiser, abrindo uma ranhura no calçamento. Denyel, Craig e Akee não se machucaram. Deitaram na rua, taparam os ouvidos, escaparam ilesos à detonação.

Recompuseram-se e dispararam à igreja, o ponto onde toda aquela agitação começara e que agora, ironicamente, era o refúgio mais seguro de Marie et Louise.

NERVOS DE AÇO

ENQUANTO CORRIA PELAS ALAMEDAS, DENYEL VASCULHOU A MEMÓRIA NA TENTATIVA de encontrar uma explicação não necessariamente lógica, mas coerente, para a presença das feras, bem como para a misteriosa radiação que efluía do solo. Como soldado, ele passara a maior parte da vida entre guerras e quase sempre disputando contra anjos e deuses, portanto seu conhecimento sobre os assuntos mágicos era parco. Parecia claro, porém, que as entidades que os caçavam não eram originárias do inferno, como sugeria seu comportamento voraz — ele saberia reconhecer sua aura, caso fossem. Certamente também não eram nativas do plano astral, ou ele as teria enxergado através do tecido, logo ao transpor os túneis do esgoto. Restavam, assim, opções infinitas, das dimensões inferiores — como as cinzentas planícies do Hades e os caóticos abismos do Limbo — às mais densas camadas do mundo espiritual. A boa notícia era que, uma vez materializadas, essas criaturas podiam ser mortas; a má era que possuíam presas afiadas, que feriam simultaneamente carne e espírito, insinuando que Bruno, Taylor e Joe haviam tido não apenas o corpo, mas também a alma devorada. Quem ou o que conjurara tais monstros era ainda uma incógnita, mas o celeste apostava que eles estavam de alguma forma ligados ao cântico que ressoara na estação, trazido pelas ondas de rádio.

Com o tornozelo aberto, Denyel entrou na igreja, deixando um rastro de sangue por onde passava. O templo permanecera intocado, com os cabos de energia no chão, as luzes piscando, os painéis coruscando em ondas verdes. Como a porta fora destruída mais cedo, eles montaram uma barricada usando os móveis da sacristia e apoiaram a Browning numa mesa plana, posicionando-a num ângulo que cobria toda a praça. No piso, espalharam os armamentos restantes: a Thompson de Craig, com um pente inteiro, de trinta balas; duas pistolas Colt carregadas, cada uma com sete tiros; o fuzil Garand de Akee, com oito projéteis; quatro granadas, seis cargas de TNT e a espada do exilado.

— Vejam só o que achei no túnel. — Prevendo uma torrente de perguntas, Denyel deu uma risadinha nervosa ao descansar a lâmina sobre as pedras, mas ninguém se importou, na verdade. Como ou onde ele havia encontrado tal arma era irrelevante numa circunstância daquelas.

Craig conferiu o relógio. O ponteiro marcava três da madrugada. Lá fora, a neblina se dispersara, deixando as ruas mais claras, as ladeiras visíveis.

— Vamos esperar até a maré baixar. — O sargento se afastou uns dois passos. Estudou o equipamento, para decidir como empregá-lo melhor. — Até lá, temos que defender esta posição. — Andou até Akee. — Quantos cartuchos ainda restam na Browning?

— Uns cinquenta. — O índio assumiu a metralhadora. Checou o controle

de mira. — É a última cartela, mas pelo menos está cheia.

— Excelente. — Era a primeira vez que Denyel via Craig elogiar alguma coisa. Quanto mais a situação se agravava, mais o sargento se enchia de coragem, numa irresistível vontade de batalhar. — Deste terreno podemos rechear qualquer invasão.

— O problema é o depois — o exilado lembrou. — Vamos ficar enfocados aqui para o resto da vida?

— O que você acha, Zorro? — ofereceu-lhe uma pistola e duas granadas. — Vamos deixar a ilha pelo mesmo caminho por onde entramos.

— Pela taverna? — estranhou Akee.

— É a única saída. — Craig apanhou o rifle e a Colt e os entregou ao navajo. — Vamos atraí-los para lá e explodir o restaurante. Mandamos o casarão pelos ares.

— Não dá para matar todos — Denyel prendeu a espada ao cinto. — O lugar é pequeno.

— Que tipo de bêbado você é? — o texano fez uma cara indignada.

— Como?

— Não reparou nas prateleiras?

— Conhaque...

— Vai ser uma coisa linda de ver. — O sargento organizou as latinhas de TNT na mochila. — Com essas casas de madeirame, a cidade vai queimar feito o cu do Diabo.

Denyel engoliu as palavras. Ele não quis admitir, mas a estratégia era boa e podia mesmo dar certo — tinha suas falhas, claro, mas no fundo a questão não era essa. O jeito como Craig e Akee lidavam com a situação, tão adversa para eles, quase inconcebível, refletia a natureza da própria espécie terrena, que ao longo dos séculos sobrevivera ao assédio dos anjos, a cataclismos, catástrofes climáticas e guerras por eles mesmos perpetradas. Embora a maioria dos homens não esteja preparada para encarar o desconhecido (como Joe, Bruno e Taylor), houve e sempre haverá indivíduos especiais, com nervos de aço, dispostos a lutar sob quaisquer circunstâncias.

— Estarei de guarda na torre. — Craig se dirigiu ao indígena. — Cuide da entrada principal. Qualquer movimentação, pode responder com fogo.

— Tem alguma tarefa para mim, sargento? — protestou Denyel.

— Sim. Vá tratar essa bosta — apontou para a canela do anjo. Jogou-lhe um pacote de ataduras. — Está sangrando como um porco.

— Sim, senhor.

— Olhando de perto, até que você não é tão durão. — Subiu os degraus ao campanário, ruminando consigo mesmo: — Às vezes eu tenho cada idéia.

Denyel sentou-se no piso, buscou uma posição confortável. Descalçou a bota, dobrou a bainha, examinou o corte acima do pé. O rasgo penetrara fundo, quase chegando ao tendão, com três sulcos contínuos do tornozelo à panturrilha, abertos pelos caninos da fera. Para estancar o sangramento, estendeu as ataduras e fixou bem as tiras — com "a cor vermelha para trás",

conforme mostravam as instruções. Depois, recolocou o coturno. Encostou-se à sombra de uma pilastra, perto de Akee, que vigiava o pátio com o dedo no gatilho, os olhos fixos na estátua das duas freiras.

– O que acha que eles são? – começou o índio, tímido.

– Eles? – Denyel fingiu não entender. Não queria se embrenhar numa discussão metafísica, ainda mais uma que poderia pôr em risco o seu disfarce.

– Sim, eles. Os animais do esgoto. Aquelas... – O rapaz puxou um isqueiro Zippo com o emblema da 1ª Divisão, ostentando o número 1 em vermelho. Acendeu o cigarro. Tragou. – Bom, você sabe do que estou falando.

– Pode ser um bocado de coisa – tentou desviar-se de novo. – Desde a evolução de uma raça anciã até uma experiência secreta nazista. Quem pode dizer ao certo?

– Para ser sincero, acho que você pode – foi direto como nunca. Soprou fumaça para cima.

– É mesmo? – manobrou. – Continua achando que sou espião?

– Ora, não se trata disso – o rapaz sacudiu a cabeça. – Vai me dizer que não escutou o paraquedista? O sujeito da 506, na floresta.

– Aquele cadáver?

– Pare com isso, amigo. Eu vi a sua reação. – Ele espiou através da barricada. – Sou índio, cara. Desde criança escuto murmúrios, ecos de pessoas que já morreram. Parece que é um dom de família, sei lá como começou. – Voltou a atenção para dentro. – Muita coisa bizarra tem acontecido desde que chegamos aqui. Bússolas descontroladas, criaturas estranhas e aquele obelisco de quatro faces. – O navajo tocou o ombro do anjo, como se implorasse por ajuda. – É provável que não saíamos vivos desta empreitada. Portanto, se você tem alguma coisa a me dizer, fale agora, xará.

Denyel refletiu brevemente. Ele já desconfiava, mas agora sabia a razão pela qual Akee não entrara em colapso. Alguns mortais – muito poucos – são agraciados com a capacidade de tocar o fantástico, por isso tendem a aceitar mais facilmente os mistérios do cosmo. No extremo oposto, por incrível que pareça, acontece o inverso. Para resistir ao choque do desconhecido, o cérebro age por negação e apaga os detalhes inconcebíveis, encontrando uma explicação racional para justificar o fenômeno – esse era o óbvio caso de Craig.

Denyel era solidário à angústia do amigo, mas tinha um compromisso com Sólon, com sua casta, com os anjos da morte. E as regras eram conhecidas: nunca revelar sua identidade celeste, jamais admitir ser imortal.

– Sei tanto quanto você, xará. – Era verdade, de certa forma. – Mas estou convencido de que aquelas bestas não pertencem à nossa realidade. – Era o máximo que ele podia dizer. – Não me impressiona que os alemães tenham lacrado a cidade, só me espanta que não a tenham destruído.

– Quem sabe não saíram daqui com o rabo entre as pernas, como nós? –

sugeriu. — Você viu aqueles corpos na galeria, os oficiais e suas fardas. — Mirou sinistramente o galbardete do sol negro, ainda esticado sobre o oratório. — E qual é o significado daquele símbolo? O que ele quer dizer?

— Quer dizer que estamos fritos — Denyel se valeu do humor, depois foi honesto. — Não queria se sacrificar por uma causa? Olha aí a sua chance.

— Diacho, não desse jeito — sorriu de nervoso. — Ei, me fala uma coisa. O que você acha que acontece quando a gente morre? Será que viramos fantasmas?

— Depende de como você morre. É sempre assim — disse. — É tudo uma questão de aceitar, Tony, de aceitar seu destino. Os japas chamam de carma.

— E o além? Existe um paraíso?

Não sei. — E não sabia, de fato. O Terceiro Céu, para onde são enviadas as almas dos justos, fora lacrado havia eras, e o ingresso ali era proibido aos alados, um enigma para a maioria dos anjos. — Mas o inferno, ah, esse existe — garantiu, com um toque de morbidez. — E fica na terra.

Akee ensaiou outro comentário, quando ouviu passos na escada.

— Preparados, rapazes? — Craig reapareceu no transepto. — Espero que sim. Eles nos encontraram.

— O que essas coisas estão esperando? — Escondido atrás da mobília, Akee puxou o ferrolho da Browning. Na rua, vultos rondavam as esquinas, nunca aparecendo totalmente, jamais se expondo ao alcance do tiro.

— Elas agora sabem do que somos capazes — teorizou Denyel, mas não eram as armas de fogo, e sim a presença dele que as assustava. Depois da batalha no esgoto, as feras enfim compreenderam que não estavam lidando com homens comuns. — Serão mais cautelosas daqui para frente.

— Ou mais agressivas — Craig interpretou os rosnados à sua maneira. — Já são quatro horas. Tendo a maré baixado ou não, temos que dar o fora deste buraco. — Deu uma última encarada no amontoado de tubos, controles e fios que compunham a estação alemã. — Nesta corrida, a mobilidade será crucial. Desfaçam-se de suas rações, bússolas e do pacote médico.

— E a Browning? — indagou o navajo. Ele preferia não desperdiçar o armamento, mas suas dimensões os atrasariam na fuga. — É pesada demais.

— Sei disso — disse o sargento. — Também não esqueci que temos que destruir esta emissora. — Ele passou os olhos pelos painéis, um a um. Empurrou Akee para o lado. — Me dá essa porra. — Deitou no chão a Tommy Gun, ergueu a metralhadora de Joe com as duas mãos, mirou os controles e... fogo!

Instintivamente, o índio protegeu os ouvidos com as palmas em formato de concha. Craig despejou cusparadas de chumbo sobre os cabos elétricos, microfones, telas, ponteiros, botões, manivelas. Os terminais entraram em curto-circuito, desatando faíscas, soltando fumaça. Os disparos castigaram as colunatas, despedaçaram as rosáceas, até que chegaram à central de

energia, deixando a igreja às escuras.

Quando a munição se esgotou, ecoou por dez segundos um apito de microfonia, para então silenciar por completo.

Os sobreviventes se voltaram à praça. Confortáveis no breu, as bestas avançavam.

— Boa sorte, senhores — Craig recuperou sua arma. Não os via mais como recrutas, e sim como iguais. — É agora ou nunca.

"UM BOM DIA PARA MORRER"

DENYEL SAIU PORTA AFORA, INSTINTIVAMENTE TOMANDO A LIDERANÇA DO GRUPO. Com a mão esquerda segurava a espada, e na direita trazia a Colt, erguida a ponto de tiro, sabendo que não podia desperdiçar uma única bala. Akee e Craig o seguiram em formação de triângulo, cobrindo as laterais. O sargento ajustou a Thompson para o modo de disparo rápido; o índio cuspiu a ponta do cigarro no chão.

Juntos, eles desceram a escadaria em meia-lua. Chegaram ao largo da cidadela, contornando a estátua das duas freiras. Ainda relutantes, as feras raspavam os cascos no solo, como fazem os touros de briga, ameaçando atacar, mas, ao mesmo tempo temerosas, aguardavam a ocasião favorável. Era surpreendente, Denyel não se cansava de refletir, a tenacidade daqueles dois homens que o escoltavam, que por razões diversas não esmoreciam diante das bestas. Perto deles havia cerca de oito, e dúzias se reuniam nos telhados, nas janelas, trepadas nos postes de luz, agachadas nas vielas. Emitiam um rosnado constante, parte canino, parte símio, intercalado por guinchos agudos. Se o exilado pudesse entendê-las, saberia que a atenção delas estava voltada não para os rifles, mas para a sua espada, unicamente, uma relíquia sagrada, potencialmente mortífera nas mãos de um guerreiro.

Rapidez e precisão — esse era o segredo da marcha, que agora se resumia a não mais que trezentos metros, da igreja à taverna. Pela disposição da matilha, eles não podiam correr, ou seriam agredidos pelas costas, mas também não podiam ficar parados, dando chance às entidades de se agruparem. O único aliado ocasional era o clima. O céu abria, banhando as muralhas com um forte luar.

Com o canto do olho, Denyel reparou numa sombra que se esgueirava sobre um depósito. Quando eles saíram da praça e pisaram na ladeira, o monstro deu um daqueles saltos imensos, desceu com a boca escancarada, mas foi trespassado por um tiro no ar. Caiu de cabeça, desengonçado, mas ainda vivo, quando o celeste o liquidou com outro disparo, direto no coração. Akee fuzilou dois que se escondiam em uma garagem. Craig acertou mais um no topo de um solar.

Dado início ao duelo, as criaturas ficaram mais atrevidas. O novo turno de batalha começou com nove delas acometendo de uma vez, ameaçando-os pelos quatro flancos. Os militares se reuniram, de ombros colados, ajustaram as miras e atiraram. Denyel deu cabo de quatro, sobrando-lhe um só cartucho na arma. Craig metralhou mais três, mas para tal gastou oito cápsulas.

Akee matou um dos monstros, contudo errou o segundo tiro, e nesse intervalo a besta restante avançou. O que o salvou foi uma ação

programada, repetida centenas de vezes no treinamento de baionetas. Segurou o fuzil como se fosse uma lança e estocou de baixo para cima. Sentiu a lâmina penetrar a carne escura, se é que aquilo era carne. Antes de perecer, a fera agitou as patas traseiras, sacudiu o focinho, exalou um cheiro de coisa podre, para enfim apagar.

Dezenas delas, com isso, eclodiram dos becos e principiaram o galope rua acima, obstruindo o único trajeto ao restaurante, o que forçosamente os obrigava ao combate.

Craig planejava economizar os explosivos, mas não viu alternativa a não ser utilizar as granadas — ele e Denyel detinham as últimas quatro. Num movimento coordenado, os dois puxaram os pinos, deixando que os artefatos rolassem pelo declive, numa jogada que faria inveja a campeões de boliche. Os objetos deslizaram suaves, quicando sobre a calçada, para detonar aos pés da alcatéia, estraçalhando as feras numa deflagração de calor. De tão ruidoso, o tremor os ensurdeceu temporariamente, mas a tática deu certo, abrindo espaço através da formação.

— Lá se vão as granadas — resmungou Denyel.

— Perdas irrisórias. — Craig esfregou as orelhas para exorcizar o zumbido.

— Ainda temos as unidades de TNT. — Olhou à retaguarda. Mais criaturas desciam da praça, aos montes. — Mexam-se!

A ordem de retirada, os três driblaram os corpos, saltaram sobre as poças de gosma, viraram à esquerda no distrito norte e avistaram o casarão ao final da vereda. De portas e janelas fechadas, ele aparentemente não fora remexido. Denyel rodou a maçaneta, enquanto escutava os cascos mais próximos.

Akee entrou na frente.

O restaurante estava como eles o haviam deixado, com as mesas vazias, as paredes decoradas por armações de garrafas, as tripas de salame penduradas no teto. A escada para o segundo andar era um dos pontos de atenção, bem como o próprio bueiro, a única rota de fuga que lhes restara, ainda mais agora, com as entidades os perseguindo, sedentas.

O sargento acionou a lanterna e circulou o salão, procurando os melhores cantos para fixar os explosivos. Consciente do plano, o índio destampou três vidros de conhaque, despejou a bebida no chão, espargiu-a sobre as cadeiras, borrifou as vigas, estantes e prateleiras. Depois, improvisou uma bomba incendiária com uma garrafa cheia e um pano aceso, enfiado através do gargalo, uma clássica arma de confrontação urbana que anos antes os finlandeses haviam batizado de coquetel molotov.

Com os olhos fixos na entrada, Denyel não conseguia ser tão pragmático. Mesmo com o estabelecimento trancado, ele escutava as bestas grunhindo, e a cada instante sua natureza aflorava. Craig encaixou as latinhas de TNT entre os recipientes da adega, removendo os detonadores — o fogo, sozinho, daria início à combustão.

De repente, uma batida surda quase entortou as dobradiças. Do outro

lado, as criaturas se aglomeravam, dando cabeçadas nas tábuas, arranhando a seleira, rugindo com suas presas enormes. A pancada seguinte abriu uma fresta na madeira, fez a chave saltar do buraco.

— Estão entrando — anunciou Denyel. Recolheu a pistola à cartucheira e apertou firme o punho da espada.

— Tudo pronto aqui — comunicou o sargento. — Vamos atrair o rato para a ratoeira.

Os soldados esperaram, a tensão se encrespando. Colisões, grunhidos, o barulho dos uivos, o ronco através das bocarras, até que a fechadura cedeu. O que surgiu adiante foi uma mancha escura, ambulante, repleta de dentes e caudas, que se movia para devorá-los. Denyel girou a espada, rasgou o ventre de uma das feras, perfurou o crânio de outra, decepou a terceira, partiu a quarta ao meio, sujou a farda de gosma cinzenta.

Duas furaram o bloqueio e correram sobre Akee, que se atrapalhou com o rifle e deixou a garrafa cair. Por sorte, o artefato se espatifou numa área seca, atrás do balcão, e o fogo começou acanhado, poupando-os de uma deflagração violenta. O erro, todavia, deu tempo às bestas, que lhe abocanharam as pernas, triturando o joelho, desfiando os tendões. Escorado na parede e estimulado pela adrenalina, o navajo não sentiu dor. Matou a primeira com coronhadas na testa e recebeu o auxílio de Craig, que exterminou a segunda com uma rajada no cérebro.

De cara para a rua, Denyel resguardava o umbral, mas não poderia lutar para sempre. Ficou tonto, respirou fundo para não desmaiar. Olhou para baixo e só então se deu conta de que sangrava aos litros pelo calcanhar, apesar das múltiplas camadas de curativo. Os dentes dos monstros, ele deduziu, deviam conter substâncias venenosas, anti-coagulantes, como a saliva dos morcegos, que é também anestésica.

Craig o segurou por trás, puxou-o pelo pescoço quando o viu bambeare. O anjo se recuperou com um sacolejo e compreendeu que morreria em minutos, mesmo se não fosse acertado. O fogo ao redor se alastrava devagar, ainda longe dos explosivos, mas, com Denyel zozado e Akee aleijado, não havia como sustentar o combate.

Usando toda a munição, o sargento selecionou o modo de disparo automático e matracou uma salva contra o teto, que veio abaixo num estrondo, criando uma barreira de farpas, poeira e reboco entre eles e as entidades invasoras, uma solução temporária, que as deteria por poucos segundos.

— Entra aí, fracote — Craig empurrou Denyel através do bueiro. O exilado bateu com a cara no túnel e teria se machucado, não fosse a areia que a maré à noite trouxera.

No interior da taverna, o sargento alçou a Thompson às costas. Puxou Akee pelos braços, mas as pernas do jovem estavam mutiladas, com as artérias saltando, e agora a única coisa que as unia ao corpo era um par de nervos esbranquiçados. O sangue espirrava aos jatos, com uma pressão muito superior à normal.

— Não consigo mais andar, sargento — ele ofegou. — Deixe-me para trás. Craig não gostava de índios, jamais gostara. Uma vez incorporados ao seu pelotão, no entanto, todos os recrutas eram iguais, por isso ele era tão duro, tão ríspido com os praças que comandava.

— Quem dá as ordens sou eu. — Ficou de cócoras. — Segure-se no meu ombro. Estamos de saída.

— Não vou a lugar algum, senhor. — E era evidente que não iria. Sua condição era terminal, não havia mais esperanças. — Logo o sol vai nascer. — Súbito, ele fechou as pálpebras e se lembrou das histórias contadas por seus pais, sobre a épica Batalha de Little Bighorn, quando uma coalizão de nativos massacraram um destacamento inteiro da cavalaria norte-americana, então encabeçada pelo general George Custer, entre 25 e 26 de junho de 1876. — Lembra de Montana, sargento? Lembra do que os sioux disseram?

Não havia um só menino do Texas que, àquela época, por volta de 1910, quando Craig era garoto, não tivesse estudado as guerras indígenas, ou ao menos lido alguma coisa a respeito.

— "É um bom dia para morrer."

— "É um bom dia para morrer" — o navajo repetiu, os lábios úmidos. Unos pelo combate, um homem branco e um rapaz indígena compartilhavam recordações em comum, uma cena inconcebível cinquenta anos antes, especialmente em um país onde os confrontos raciais eram ainda tão ultrajantes. Até que eles não eram tão diferentes, afinal. Eram todos seres humanos, nem bons nem maus, apenas humanos, iguais diante da morte.

O rapaz sacou o isqueiro. Com o polegar, acendeu a chama. O sargento não tentou segurá-lo, apenas o respeitou. Rolou para trás e mergulhou no bueiro.

Foi um "espetáculo", como Craig havia previsto. A detonação das seis cargas de TNT, aliada à combustão das garrafas, transformou a adega numa bola de fogo, uma esfera pirotécnica que de uma só vez desintegrou as quatro casas ao redor, principiando o incêndio que se alastraria por dentro dos muros.

Para os que haviam escapado, o perigo agora era outro. A cidade que mais tarde seria chamada de Marie et Louise fora originalmente fundada pelos romanos, que construíram uma fortaleza na ilha, cavando redes de acesso ao subterrâneo e conectando-as com calabouços e rotas de fuga. Séculos depois, com a ascensão dos merovíngios, os aristocratas locais usariam as catacumbas como templo de adoração aos antigos deuses, então segregados pela Igreja Católica. Em 1356, durante a Guerra dos Cem Anos, as galerias voltariam a ser exploradas, sendo convertidas em quartéis e, finalmente, em tubulações para o despejo de esgoto. Ocorria, portanto, que a área urbana acabara por ser erguida sobre um terreno escavado, e com a força da explosão era natural que os túneis também desabassem.

Craig e Denyel estavam a exatos dois passos de tocar o charco quando a passagem desmoronou por completo. O sopro escaldante os cuspiu trinta

metros sobre o brejo, mas felizmente, para eles, a superfície ao redor era branda, o que amorteceu o choque e os preservou de ferimentos mais sérios.

Deitado no pântano, com as costas afundadas, Denyel avistou uma coluna de poeira tão densa quanto a chaminé de uma fábrica. O sargento jazia ao seu lado, sem contusões graves, porém desmaiado pela fúria do impacto. Mesmo com a perna dormente, o anjo o ergueu nos braços e tentou caminhar.

Deu cinco passos.

Sucumbiu.

Os músculos ardiam. O calcanhar era uma polpa roxa.

O céu seguia escuro a oeste, com uma estria dourada sublinhando as colinas. A maré descera, dispersando a cerração, revelando os contornos marinhos. Denyel fez um cálculo desesperado e imaginou que, se pudesse chegar ao bosque e tomar o caminho de onde vieram, teria uma chance.

Coçou os olhos.

O pesadelo não terminara.

Para sua surpresa, emergiram dos escombros duas formas quadrúpedes. Era um par daquelas incansáveis hienas que, ele não sabia como, havia sobrevivido à catástrofe. Estavam sangrando e uma delas mancava, mas continuavam ágeis, esfomeadas, e trotaram na direção deles, prontas a atacar.

Craig seguia desacordado.

Denyel pegou a Colt, mas só tinha uma bala. Se exterminasse uma, a outra o faria em pedaços.

Ergueu a pistola em sinal de ameaça, um blefe que fez os monstros pararem, estudando-o por um minuto. Por um minuto, apenas.

A criatura mais adiante mostrou os dentes, recolheu as patas e as armou para saltar.

O que aconteceu a seguir foi tão inesperado, tão magnífico e ao mesmo tempo tão comum que Denyel não acreditou a princípio. Pensou que estava delirando, alucinado pela perda de sangue.

Mas era real.

O dia estava nascendo.

Nunca houve um alvorecer como aquele.

E nunca mais haveria.

São assim todas as alvoradas. Sempre diferentes, como uma tela pintada centenas de vezes, que a cada dia se renova, a cada amanhecer se refaz.

Os primeiros raios de sol despontaram como um borrão, em tons azuis e carmesins, colorindo os recifes, clareando os recortes da costa, banindo de vez a escuridão.

Perante a força do astro, as bestas quedaram indefesas. Retraíram-se ambas, tentando desesperadamente cavar buracos no lodo, mas as patas agora se desfaziam. Os corpos, conjurados à terra por mágica, puseram-se a

derreter feito bonecos de cera, a pele descascou, a carne foi aparecendo, enrugada e venosa, depois afloraram os músculos, os tendões e por fim os ossos, todos carbonizados ao ponto de cinzas.

Nada restou.

Nada.

Só aquele cheiro podre, que o vento se encarregou de levar.

Não fosse a hemorragia, Denyel teria se salvado. Enfiou a mão no bolso, na esperança de buscar ataduras, mas só encontrou um apito, o mesmo que o ofanim lhe entregara.

Meteu o objeto na boca. Assoprou. Não houve ruído.

Antes de desfalecer, observou o horizonte, as belas nuvens pigmentadas, o mar estourando em ondas turquesa, e se lembrou de Tony Akee.

Era um bom dia para morrer.



CONTROLE PSÍQUICO

Zhangmu, Tibete, tempo presente

NA FACE DA CORDILHEIRA DO HIMALAIA, NA EXATA FRONTEIRA ENTRE A CHINA E O NEPAL, existe uma cidade chamada Zhangmu. Construída 2.300 metros acima do nível do mar, Zhangmu seria apenas mais uma vila de camponeses não estivesse no meio de uma importante rota de comércio, a Rodovia Kathmandu-Lhasa, que é também a principal estrada de acesso aos forasteiros que desejam conhecer o monte Everest.

Mas, a despeito do caráter turístico, Zhangmu não é propriamente uma região amistosa. Em 1950, os chineses ocuparam o Tibete, saqueando aldeias e templos, humilhando os monges, reprimindo os clérigos e a população. Uma rebelião estourou na província de Kham, terminando com a fuga do Dalai-Lama, o líder religioso dos tibetanos, e de outras vinte mil pessoas para Dharamsala, na Índia, em março de 1959. Após a Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung, em 1966, o Partido Comunista ordenou a sistemática destruição de templos e estátuas, a captura de mosteiros e o confisco de tesouros. Desde então, a presença do exército é massiva, como forma de deixar claro – aos estrangeiros, principalmente – quem dá as ordens de fato. Como consequência, a alfândega é lenta, burocrática, defendida por guardas armados que checam passaportes e conferem vistos de entrada.

Procurando evitar complicações, Kaira, Urakin e Ismael se materializaram numa zona afastada, perto de um bosque que ladeava a cidade. Embora os anjos sejam mais resistentes ao frio que os seres humanos, e apesar de o tempo estar aprazível, eles manifestaram casacos grossos, para fazer de conta que eram alpinistas. Os celestiais são os únicos espíritos capazes de se materializar na terra, fora de santuária, uma dádiva rara, concedida por Deus. Para formar seus avatares, eles se valem do chamado ectoplasma, a porção material do tecido da realidade, que geralmente deixa resíduos na forma de um muco acromático. No caso dos alados, esse muco é aproveitado para construir sapatos e roupas, mas objetos mais complexos, como armas, eletrônicos ou mesmo dinheiro, não são fáceis de moldar, exceto para os elohins, acostumados a manusear tais engenhos.

Afora as óbvias habilidades de uma ishim do fogo, Kaira era também a mais versada nos assuntos terrenos, por sua curta porém intensa vivência como mulher, o que mais do que nunca a qualificava como líder do coro. De seus tempos de faculdade ela sabia, por exemplo, que havia duas rotas de ascensão ao Kangchenjunga: uma pelo sul, a partir do Nepal, e a outra pelo norte, desde o Tibete. A escolha desse último caminho não foi aleatória. Em sua loucura, Abul usara a palavra "Rongbuk", o nome de um famoso

mosteiro tibetano, internacionalmente conhecido por ser o edifício religioso situado no ponto mais alto do mundo.

Os três anjos subiram a avenida principal de Zhangmu, repleta de jipes e picapes com tração nas quatro rodas. Grande parte das casas havia sido erguida sobre a encosta de um morro, que àquela época do ano era muito verde, com uma vegetação densa que terminava num paredão. O sol já havia descido, mas ainda era dia. O céu se escondera acima das nuvens, deixando o clima úmido e cada vez mais frio à medida que a noite chegava.

Depois de terem voado da Inglaterra ao Tibete como espíritos, a decisão de passar ao mundo físico fora também calculada. Abul havia dito que a entrada para o posto de controle só era acessível por terra e que uma Cortina de Aço a protegia. No linguajar celeste, Cortinas de Aço são divindades, ou técnicas, que "trancam" áreas do tecido, impedindo que um anjo se desmaterialize, portanto a única maneira de alcançar a passagem era pela Haled, e na teoria tudo o que eles precisavam fazer era seguir a trilha comum, usada pelos montanhistas, até encontrar as indicações mencionadas pelo diabo britânico.

Para dar início à jornada, a arconte cogitou contratar guias locais, mas Ismael garantiu que tinha "meios rápidos e bem mais confiáveis" de coletar informações, contanto que o deixassem trabalhar sozinho. Kaira conhecia a reputação dos hashmalins e se recusou a princípio, mas o Executor prometeu que não faria mal a ninguém. Sendo assim, ela o autorizou a conduzir uma investigação paralela e combinou de encontrá-lo dentro de duas horas em uma das muitas tea shops de Zhangmu.

As tea shops, ao lado dos lodges, são os estabelecimentos mais frequentados pelos turistas que visitam a cidade, porque os atendentes falam inglês – com dificuldade, mas falam. As tea shops são uma mistura de bar e restaurante, onde se pode comer, beber, telefonar e acessar a internet. Têm aspecto pobre, como quase tudo naquela região, mas a comida é boa e a companhia, geralmente agradável – os estrangeiros costumam ser abertos ao diálogo, ávidos por trocar experiências. Já os lodges são pousadas modestas, com quartos pequenos, mas limpos.

Kaira sentou-se à direita da porta que levava à cozinha, de onde tinha ampla visão do recinto. O salão era retangular, pequeno e abafado, com paredes de tijolos e piso de azulejos, ambos em tonalidades salmão. A janela de vidro estava abarrotada de adesivos de associações de alpinismo e de agências de turismo, tantos que encobriam a imagem da rua. Uma foto enquadrada do líder Mao Tsé-Tung com a clássica bata cinzenta pendia da parede, e atrás dela fora pregada uma bandeira da China. Dentro do restaurante, a ruiva contou vinte clientes, todos viajantes, homens e mulheres que comiam em pratos rasos e bebiam refrigerante gelado, com as mochilas a tiracolo.

À volta deles, sempre preparado e atento, Urakin reparou nos presentes. O sujeito atrás do balcão – um xerpa, membro da etnia local – trocava os canais de uma televisãozinha em preto e branco; na mesa ao lado, um

japones de casacaõ cor de laranja estudava as linhas de um mapa, mostrando os detalhes a uma moça de cabelos louros. Próximo à saída, um chinês comia e bebia folheando as páginas do Livro Vermelho; mais à esquerda, uma equipe de seis homens jogava cartas, apostando centavos de dólar em uma partida de blackjack.

— Como se sente? — perguntou Urakin à arconte, descansando dois copos sobre a mesa de plástico. Continham chá de laranja e eram servidos como cortesia, uma gentileza para atrair fregueses.

— O quê? — ela meneou a cabeça, como se despertasse de um sonho. Seus pensamentos estavam distantes, vagavam em outro lugar.

— Perguntei como se sente — Urakin arqueou a sobrancelha. Ele não só era um guarda-costas muito melhor do que Zarion havia sido como agia feito um irmão mais velho, um brutamonte que zelava por ela não importavam as circunstâncias. — Acho que ainda não tivemos a chance de conversar sobre isso.

— Ah... — só então ela entendeu a profundidade do assunto. Havia meses eles só falavam sobre a missão, a busca por Denyel, deixando de lado as questões pessoais. — Sinto-me diferente, se é o que quer saber. Desde a batalha em Athea, desde o desaparecimento de Denyel, desde que "renasci" sob as águas do Oceanus, nada é como parece. Mas já era esperado, não era? Eu estava pronta para morrer, e de certa forma uma parte de mim realmente se foi.

— Posso imaginar — ele se recurvou. — Não deve ter sido fácil para você recuperar as memórias de uma vez e ao mesmo tempo perder as sensações de Rachel.

— Só espero que ela esteja bem. — Provou o chá numa bicada. Era doce demais, e a ruiva o afastou. — Porque a verdade é que ainda não sei o que aconteceu. Digo, o que factualmente aconteceu. — Consternada, ela olhou para o copo. — Muitas lembranças regressaram, mas outras continuam apagadas, perdidas para sempre, talvez. Eu me recorde de ter visto o túnel da morte, lembro-me de segurar a mão da menina. Subimos juntas, e depois eu caí. Simplesmente caí. Mas nada explica como o meu coração se regenerou, ainda mais dentro de um vértice.

— Um milagre, decerto — murmurou o querubim. — Mas não é esse o nosso ofício? Operar milagres? E fazer com que as pessoas acreditem?

— Está falando como Levih — ela sorriu ao pensar no velho amigo. — Denyel me disse uma vez que não sabemos nada sobre este universo, que cada resposta só nos leva a mais perguntas. Então, nesse caso, acho que até posso acreditar em milagres, mas certas coisas ainda não me convencem.

— O abismo sob Santa Helena — rebateu Urakin, tão preciso que a deixou espantada.

— Teve a mesma impressão?

— Sem dúvida.

— E por que não disse na hora?

— Não confio em Ismael.

– Reparei – a entonação era neutra.

– De qualquer maneira, não seria preciso anunciar em palavras. Todos sentimos – afirmou o guerreiro, e a seguir um silêncio perturbador se abateu sobre eles. O xerpa ainda assistia à TV, o japonês verificava o mapa, o chinês folheava o livrinho e os seis homens jogavam baralho. O que os dois relutavam em debater, como se houvesse alguém os espreitando, era o fato de que a força invisível que emanava do poço era algo semelhante às vibrações do obelisco, o monólito negro que coroava a praça de Athea. – Não sei por quê, mas sempre achei que tudo isso tinha ligação. – Bebeu um gole de chá. – E, para ser franco, ainda acho.

– Então somos dois – Kaira admitiu. – Há um laço central que ainda não enxergamos, e sem ele jamais completaremos a nossa empreitada. E o pior... – ela abaixou a voz, sombria – é que alguma coisa me diz que eu sei que laço é esse. Só não consigo me lembrar.

A agitação na porta da frente fez com que Kaira e Urakin cessassem a conversa. Três militares do exército chinês, dois recrutas e um oficial, de farda camuflada, boné verde e platina escarlate, adentraram o salão. Os turistas e mesmo o funcionário xerpa não se alteraram, nem sequer se moveram, concentrados em seus afazeres.

O oficial, um capitão de meia-idade, magricelo e dentuço, com óculos de aro fino, exibia uma estrelinha dourada no peito, símbolo do Partido Comunista. Trazia uma pistola no coldre, e os soldados portavam rifles QBZ-03, comumente usados pelos guardas de fronteira por toda a China.

Desde sua chegada a Zhangmu, Kaira estava decidida a não arrumar confusão e pensando nisso inclinou a cabeça, ficou quieta, mas o oficial veio direto até eles, deixando os recrutas a guardar a saída, prevenindo que qualquer um escapasse. Parou a dois metros da mesa. Firmou os pés no chão, as botas altas, lustrosas, o uniforme engomado. Com a mão direita sacudiu um caderninho, grasnou alguma coisa em inglês.

– Passaportes. – O sotaque era nasalado, carregado com a peculiar fonética chinesa. – Passaportes.

Kaira fez como se não entendesse. O oficial repetiu a palavra desvairadamente, apontando para o documento de um dos turistas, fazendo mímicas e batendo no peito. Para ganhar tempo, ela enfiou a mão no bolso, enquanto trocava olhares com Urakin. Quando viu que não teria saída, retrucou, também em inglês:

– Não estão comigo. – Mas o capitão não entendeu, o que a obrigou a ser mais enfática. – Sem passaporte – fez sinal de negação com os braços. – Sem passaporte.

O chefe dos guardas não estava em seu melhor dia e se irritou além da conta. Cuspiu palavras em mandarim, balançou grosseiramente a ponta do dedo. Não era incomum os sentinelas chineses exigirem passaportes nas ruas dos territórios ocupados, mas a reação parecia exagerada, rígida demais. Chegou mais perto dela, e no mesmo instante Urakin fez menção de atacar,

mas a arconte o tranquilizou.

— Está tudo bem, Urakin, vamos com ele — acalmou-o. — Na certa vão nos fornecer vistos temporários, só isso. — Era esse o procedimento padrão. Os turistas sustentavam Zhangmu praticamente sozinhos, seria tolice deportá-los. — Teremos de encontrar Ismael mais tarde. — Kaira se levantou e fez um comentário nostálgico. — Nessas horas sinto saudades de Levih. — Sendo um ofanin, o saudoso Levih era dotado da capacidade de persuadir homens e anjos, uma habilidade muito útil para livrá-los de certas encrencas e economizar alguns dentes quebrados.

— Espere, Centelha. — Súbito, o Punho de Deus notou que, apesar do escarcêu, os humanos não se haviam abalado. Continuavam entretidos em suas pequenas tarefas, agindo como robôs, repetindo as mesmas ações sistematicamente. — Sinto uma perturbadora oscilação no tecido.

Quando Urakin se ergueu da cadeira, o oficial tocou-lhe o ombro por trás, tentando trazê-lo mais para perto — um erro grave, que lhe custaria caro. Além das aptidões marciais, os querubins são perceptivos, um traço que lhes garante reação rápida contra os inimigos. A atitude dos mortais, tanto dos estrangeiros quanto dos guardas, era definitivamente suspeita, o que na hora atiçou os sentidos do poderoso guerreiro. Os alpinistas não podiam ser assim tão indiferentes, nem os militares tão incisivos.

Urakin tornou a espiar os seis homens jogando, o xerpa colado à TV, o japonês de casaco laranja, e teve certeza do que deveria fazer. Com um giro de quadril, tomou força e desferiu um soco no estômago do oficial que os abordara, ajustando a pancada para que apenas o atordoasse. O murro teve efeito de empurrão, lançando o dentuço através do aposento, fazendo-o se chocar contra a parede, estilizando o retrato de Mao Tsé.

Num arranque mecânico, os dois soldados que bloqueavam a saída armaram seus rifles, determinados a atirar. Contudo, Kaira foi mais veloz e com um só pensamento aqueceu o metal das armas, tornando-as rubras, tórridas, fervendo em suas mãos, forçando-as a largar os fuzis.

— Rápido, Urakin. Vamos embora — ela ordenou, e o amigo obedeceu, correndo à porta com o vigor de um touro, derrubando mesas, pisoteando garrafas, atropelando os militares que não mais podiam detê-los, abrindo caminho aos pontapés.

Os dois saíram para a rua e, lá, a grande surpresa. Já esperando por eles, diante da fachada da tea shop, posicionados em meia-lua, havia mais cinco fuzileiros, de espingarda armada e dedo roçando no gatilho. Kaira poderia tentar debelá-los, mas o ataque era iminente.

Certos de que seriam alvejados, os celestiais foram salvos por uma estranha fumaça, que apertou os guardas e arrancou-lhes a alma do corpo. Os recrutas desmoronaram, enquanto no plano astral seus espíritos lutavam, procurando por todos os meios se segurar às carcaças. Mas os gases espectrais eram mais fortes e enfim os sugaram, derrotando os cinco chineses de uma vez, deixando-os estirados no asfalto, a boca aberta, os olhos brancos, perdidos.

– Não se preocupem. – Era Ismael que surgia na noite, sossegado, caminhando através de um beco. – Esses homens não estão mortos, não ainda. Posso devolver-lhes a força, contanto que seus corpos não apodreçam. O que vai levar... – fez um cálculo mental – dez, vinte minutos.

Kaira o encarou com um misto de gratidão e assombro. A habilidade de manipular almas terrenas era intrínseca aos hashmalins, que não recebiam usá-la como estratégia de ataque (ou de defesa, naquele caso). Era sem dúvida uma capacidade terrível, mas a arconte não podia culpá-lo, uma vez que a promessa de não fazer mal aos humanos fora cumprida – os chineses poderiam ser revividos, a qualquer instante em que ela ordenasse.

– Mas o que está acontecendo, afinal? – A preocupação da ruiva, porém, era mais imediata. Contemplou os prédios que subiam ao aclave, todos carregados de uma apatia tremenda. Sentiu as ondulações no tecido, que, ela não sabia como, de uma hora para outra se tornara mais frágil.

– Controle Psíquico – desvendou Ismael. – É uma divindade dos serafins. Coloca a mente das vítimas em letargo e as induz a repetir certas ações, tornando-as alheias ao resto do mundo.

– O tecido decaiu – praguejou Urakin.

– Sim, esse é o efeito prático. Não obstante, arrisco dizer que os soldados que os atacaram deviam estar agindo sob alguma influência externa, controlados por uma força remota.

– Que tipo de força remota? – Kaira não compreendeu, mas logd teria a resposta. Coruscou então sobre os telhados uma luz prateada, que pouco a pouco assumiu a forma de uma entidade belíssima, munida não de um, mas de dois pares de asas, ostentando um cetro na mão. O ser voou até o meio da rua e lá ficou por todo um minuto, evitando elegantemente a três metros do solo. Quando se materializou por completo, os celestes viram que trajava armadura completa, que lhe cobria não apenas o corpo, mas também as penas, envolvendo-as numa armação de platina. A cabeça era protegida por um elmo, e a face, cerrada por uma máscara de aço. O corpo era esguio, mas o sólido peitoral o deixava faustoso.

Kaira divisou o anjo que se apresentava, mas não o identificou prontamente. Não sabia se era aliado ou inimigo, ou o que desejava ao procurá-los na China. Ainda flutuando, o recém-chegado encarou Urakin, desfraldou as asas e exclamou com uma autoridade brilhante:

– Urakin – a voz ressoou com um eco metálico. – Não reconhece o seu comandante?

– Comodoro? – o Punho de Deus deu um passo atrás. – Como nos encontrou?

ZAC

Coutances, Normandia, 25 de agosto de 1944

O MUNDO DOS HOMENS É UM LUGAR DE CONTRASTES, E ASSIM TEM SIDO POR MILHARES DE ANOS. Por vezes ele se apresenta tão ou mais cruel que o próprio inferno, com sua natureza caótica e seus personagens grotescos. Outras, prova-se uma casa de esperança, repleta de amor e ternura, povoada por criaturas notáveis.

Denyel escutou os acordes de uma canção, um coral tão belo, tão afinado, que ele cogitou estar morto, ou melhor, fisicamente destruído, e agora flutuava nas paragens do céu. Mas não podia ser o céu realmente. Não o céu que ele conhecia. Não com aquele som de goteiras, o odor de morfina e tabaco.

— Ao que percebo, já está consciente — uma voz retumbou no interior da cabeça. — Sente-se melhor, Denyel?

Mas que truque era aquele? Outra das divindades secretas de Sólon? Uma punição imposta pelo Primeiro dos Sete como castigo por alguma ação fora da linha?

— Não tem com que se preocupar, não mais — de novo aquele murmúrio. Masculino, doce, suave. — Está entre amigos.

Entre amigos?

Sólon não era nem de perto o que ele chamaria de "amigo".

Encheu-se de coragem. Abriu os olhos. Não viu o arconte nem seu pedestal clareado. Em vez disso, descobriu-se de bruços sobre uma maca, na área interna de uma catedral. Uma igreja. Gótica. Pilastras altas, rosáceas, alcovas. Capelas, gárgulas. Diferente do santuário românico de Marie et Louise. Maior, mais ampla. Os vitrais jaziam quebrados, parte do teto se desmanchava em ruínas. Por todo o salão, nas naves, nas capelas e no transepto, espalhavam-se centenas de leitos, todos ocupados por soldados feridos, alguns em coma, muitos ainda trajando o uniforme de serviço. A música vinha da abside, atrás do espaço reservado ao altar, onde uma freira regia um coral de crianças, composto por meninas e meninos, louros e morenos, cantando refrãos em francês. Era noite, chuviscava, e a única fonte de luz emanava das velas no oratório.

Denyel experimentou a posição sentada. Procurou o agente da voz. Não havia freiras por perto, e os dois homens ao seu lado estavam entorpecidos, alimentados por bolsas de soro. Um terceiro, mais adiante, balbuciava com o coquetel de narcóticos. O único oficial à vista era americano, um tenente da 29a Divisão de Infantaria, cabelos ralos, pretos, quadris flácidos, que provavelmente gerenciava o recinto. Sentado a uma carteira escolar, ele rabiscava notas, despachava papéis, enquanto discretamente oferecia

rosquinhas a um cão labrador.

– Melhor guardar suas forças. – O animal se esgueirou aos pés do anjo, enquanto a voz prosseguia. A pelagem era clara e sedosa. – O que lhe aconteceu não foi corriqueiro.

– Quem disse isso? – Denyel observou o salão. Os que não dormiam estavam parados, atentos ao coro, a boca fechada.

– É natural a confusão – o labrador sentou-se de frente para ele e o encarou como se pedisse carinho. – Sou amigo de Levih.

– Um cachorro?

– Não fique constrangido – as palavras não produziam nenhum efeito sonoro. Ecoavam diretamente no cérebro, em uma espécie de telepatia induzida. – Atire a primeira pedra quem nunca conversou com um bichinho – botou a língua para fora. – Meu nome é Zac. Zac, de Zacarias.

– Já entendi – gemeu o exilado, ranzinza. Da mesma forma que seu parceiro Levih, Zac era um ofanim, o que ficou claro por suas oscilações coronárias. O avatar de cachorro, pensou Denyel, era mais do que apropriado aos anjos da guarda, afinal os cães, muitos deles, conservam o atributo de despertar em seus donos sentimentos benéficos, ajudando a acalmá-los nos momentos difíceis, sem precisar dizer uma palavra. – O que é isso que está fazendo?

– O quê, a minha voz? – eriçou as orelhas. – Nada de mais. Quisera eu ser um bom mentalista. Posso projetar os meus pensamentos, mas não chego a ler os dos outros.

Denyel massageou a panturrilha, ainda envolta em bandagens. A dor tinha ido embora. O ferimento cicatrizara, não havia mais sangue.

– Como cheguei aqui?

– Escutei o seu chamado.

– Que chamado?

– O apito.

– Está falando sério? – O exilado custava a acreditar. Apalpou os bolsos da farda, como alguém que esqueceu a carteira. O apito continuava lá. As dog tags, usadas como registro para Sólon, permaneciam também firmes ao redor do pescoço. Respirou aliviado. Se perdesse as plaquetas, seria o seu fim. – Então era um apito canino?

– Isso mesmo – balançou a cauda. – Encontrei você e o seu comandante desacordados nos pântanos de Marie et Louise. Encarreguei-me dos primeiros socorros e avisei às tropas de resgate.

O coral de meninos encerrou a apresentação. As crianças desceram do tablado, conduzidas pela madre superiora. Os soldados, os que tinham forças, bateram palmas, numa exaltação vigorosa. Muitos estavam bêbados, sonolentos, dopados. Fumavam sem trégua para afastar a angústia.

– Craig sobreviveu?

– Em plena forma. – Uma freira passou perto deles, reacendeu as velas que a umidade engolira. O fato de Denyel estar conversando com um cachorro não perturbava ninguém, posto que era normal aos doentes

fazerem o mesmo. — Nem sequer foi ferido. Teve um hematoma na testa e só. Os enfermeiros o levaram ao centro de comando, em Caen, e pelo que soube ele voltou ao serviço três dias depois.

O tenente da 29a, acomodado à mesinha, notou que o celestial despertara. Continuou verificando documentos, assinando memorandos, carimbando cartas e colando selos.

— E quanto a mim? Quanto tempo fiquei desmaiado?

— Cerca de um mês — Zac farejou o chão. — Você delirou. Falava sozinho com um tal de Mickail, sussurrava sobre feras e obeliscos. Podia ter acordado antes, mas eu o convenci a descansar, para que ficasse bom de uma vez.

— Como assim me convenceu?

— Sabe como é. Nós, ofanins, temos o poder de persuadir os outros, quando queremos. — Ele inclinou o pescoço, mostrando aquela expressão que os cães oferecem quando se sentem culpados. — Espero que me desculpe. Mas era o melhor para você. Agora está novo em folha.

— Sou inteiramente capaz de decidir sobre a minha própria vida, amigo — Denyel o criticou com dureza, mas não queria parecer ingrato. Zac o havia acudido, o fato era esse. Para se redimir, então, mudou abruptamente de assunto. — Que lugar é este? Um hospital de campanha?

— É mais como um asilo, uma casa de repouso. — As chamas tremularam. O odor de cera era forte. — Os homens são trazidos aqui para receber a extrema-unção.

— Por que não evacuam essa gente?

— A maioria não resistiria à viagem. Estão quase todos à beira da morte.

— Que coisa. — Denyel roubou uma garrafa de vinho da cabeceira mais próxima. Sorveu um gole. — Em vez de médicos, freiras. No lugar de remédios, álcool e morfina. Fico feliz em saber que me enviaram para cá.

— Sinto muitíssimo, mas na ocasião este era o posto mais acessível. Sua situação era terminal, ninguém apostaria que fosse viver, nem eu. Precisei empregar toda a minha energia para trazê-lo de volta. Não fosse isso, teria perecido, em carne e em espírito.

Só então, depois da segunda ou terceira golada, Denyel percebeu o que o anjo da guarda fizera por ele. O sacrifício é parte da natureza dos ofanins, e certamente Zac teria dado a vida para salvá-lo.

— Bom, acho que lhe devo uma.

— Imagine. Não me deve nada — o tom era sério. — Eu é que lhe devo. Socorrer uma pessoa é um privilégio sagrado; curá-la é uma graça divina.

— Que seja — o exilado torceu o nariz. Sentia náuseas só de ouvir aquela ladainha altruísta, mas é claro que não demonstrou. O que ele realmente precisava, uma vez retomadas as suas forças, era saber mais sobre as entidades que o atacaram. Precisava entender o que acontecera em Marie et Louise, não por Sólon, nesse caso, mas por ele mesmo. — Zac... — ele começou, cauteloso. — Pelas cicatrizes, você saberia identificar a espécie que me atacou?

– Se me ajudar com a descrição...
– Bestas incansáveis – coçou a nuca. Fez um esforço para se recordar.
– Seus corpos combinavam características de ratos, hienas e macacos.
– Dentes enormes? – questionou Zac. – Cascos de cabra?
– E mãos de primata.
– Saberá, sim – descansou o focinho sobre as patas da frente. – Nós os chamamos de vultos, uma classe singular de espectros.
– Por que singular? – Denyel engoliu mais vinho.
– Porque, ao contrário dos outros de sua raça, eles não nascem a partir da corrupção dos fantasmas. São manifestações de sentimentos agressivos, tais como a raiva, o ódio, a ira e a vingança, dando forma, portanto, a feras irracionais, guiadas por instintos, como os animais selvagens. – Zac fez um som com a boca. – Só não compreendo como se materializaram no mundo físico.

– Essa eu respondo. – E acrescentou: – Foram convocados por mágica. Magia negra. A ilha inteira era um santuário, uma região de tecido delgado.

– Está explicado, então. Mas quem os conjurou?

– Não faço idéia. Já estavam lá quando chegamos. – Mais um gole. O líquido escorreu pelo queixo. – Não percebi seus reflexos no plano astral.

– Claro que não. Os vultos são seres nativos do plano das sombras e devem ter sido invocados diretamente da zona sombria. – Som de motocicleta na rua. – Eles se alimentam de energia espiritual, seja da alma humana ou da aura dos anjos, sendo essa última a mais saborosa. Você teve sorte. Se a ferida fosse um pouquinho mais funda, já era. – Um mensageiro da divisão de montanhas adentrou a catedral. Espiou por cima dos praças, retirou as luvas sujas de graxa, dirigiu-se à mesa do tenente e o saudou, respeitoso. – Como escaparam desse pesadelo?

– Nós os atraímos para uma armadilha. Explodimos uma casa com a ninhada reunida. Não sei se matamos todos. Espero que sim. – Denyel limpou os lábios com as costas da mão. – Dois escaparam, mas foram desintegrados ao nascer da manhã. Suponho que sejam vulneráveis à luz solar.

– Não, não é bem isso. O tecido deve ter se condensado com o raiar do dia, e as entidades conjuradas não podem se manifestar onde a membrana é espessa. De qualquer maneira, a aviação aliada ordenou o pesado bombardeio da costa faz uma semana. – E completou, neutro: – Não acredito que qualquer coisa neste mundo tenha sobrevivido.

Sobre o teto da igreja, a chuva apertou, produzindo respingos sonoros, descendo em torrentes através das calhas. Passava então da meia-noite. O clima era fresco, a cera escorria dos castiçais. O mensageiro ainda conversava com o tenente, que acabara de lhe oferecer um copo de café. Zac olhou para os lados, enfiou-se debaixo da cama, pegou com a boca o que parecia ser um bastão e o pôs sobre o travesseiro.

– A minha espada? – Denyel não escondeu a alegria. Segurou firme a empunhadura de aço, feito uma criança ao ganhar um brinquedo. Como

legítimo portador, ele era o único capaz de materializar a lâmina. Mas algo não se encaixava. — Por que está fazendo isso, Zac? — Acostumado a um mundo tão sórdido, ele não entendia o motivo da generosidade excessiva, como se essas coisas realmente precisassem ter um motivo. — Jurava que a sua casta era avessa à violência.

— E eu jurava que os querubins não viviam sem suas armas — o labrador mostrou os dentes, arregalando um sorriso canino. — A violência faz parte do mundo, sempre fez e sempre fará, bem como a força do amor. Somos agentes do plano divino, não temos a pretensão de alterar coisa alguma.

— Levih lhe contou que sou um anjo da morte? — A pergunta era mais como uma confissão. — Sabe que eu voltarei a matar?

— O que você é ou o que faz não é de minha conta. Não serei eu a julgá-lo, tampouco. — E as próximas palavras saíram cordiais, sem condenação alguma. — Mas saiba, Denyel, que todo o sangue que derramar voltará para você.

O exilado se limitou a concordar. Eis uma verdade inquestionável, que poucos imortais percebiam. Toda ação tem sua reação, que às vezes ecoa anos, séculos depois.

O mensageiro terminou o café. Entregou o copo ao tenente, agradeceu, deixou o salão e partiu na motocicleta. O oficial pegou um bilhete e andou até Denyel.

— Como se sente, recruta? — ele o arguiu, sem rodeios. Postura reta, militar. Usava a farda cáqui de passeio, com gravata e divisas.

— Senhor? — o anjo fingiu confundir-se.

— Pode ficar de pé?

— Sim, tenente. — Levantou-se e bateu continência. — Pronto para o serviço.

— Então pegue suas coisas, se é que ainda tem alguma. E prepare-se para marchar.

Outra batalha, imaginou. Tanto melhor. Antes combatendo adversários humanos que cumprindo missões escusas para Sólon, que sempre exigia mais do que mandava o acordo.

— Onde será a festa desta vez, chefe? — ele queria (e precisava) demonstrar energia. Seria intragável ficar mais um dia naquele antro de loucos. Mas a resposta o pegou de surpresa.

— Champs-Élysées. — Mostrou o papel que o mensageiro trouxera. — Paris caiu. A cidade é nossa.

AONDE OS ANJOS TEMEM IR

Zhangmu, Tibete

— PELO JEITO, AINDA NÃO COMPREENDEU A GRANDEZA DAS MINHAS HABILIDADES, LEGIONÁRIO. Que lástima. Depois de todo esse tempo — o anjo de armadura prateada afrontava Urakin. — O processo de materialização deixa rastros no tecido, e com vocês rodando o mundo, cruzando a membrana sem critérios, não foi difícil localizá-los — a retração das pálpebras sugeriu que sorria. — É quase elementar para alguém como eu.

— E quem é você? — Kaira se meteu na conversa.

— Sou Astron, dos serafins — o celeste a avaliou com escárnio, depois se voltou para o Punho de Deus. — Comodoro Astron, como deve ter notado pelo esplendor de minha aura.

— Meu antigo líder — disse Urakin.

— Seu líder? — a ruiva achou estranho. — Um serafim?

— Os serafins são péssimos lutadores, mas ótimos estrategistas, o que faz deles generais formidáveis — esclareceu Ismael. — O posto de comodoro foi criado para os serafins militaristas, que se orgulham de decidir batalhas sem precisar tocar numa arma.

— Daí o cetro, em vez da lança. — Ela se virou para Astron. — O que deseja conosco?

— Ora, por que não pergunta ao seu guarda-costas? — Mas, apesar da retórica, foi ele mesmo quem redarguiu: — Estou aqui para corrigi-los.

Kaira girou a cabeça na direção de Urakin, que admitiu num suspiro:

— Foi ele que me enviou à terra com a tarefa de capturá-la. — Havia cerca de três meses, o arcanjo Gabriel despachara a arconte em missão secreta, mas por iniciativa própria ela decidira adiar a tarefa e buscar Denyel, contrariando as diretrizes do Mestre do Fogo. Urakin fora então mandado à Haled para colocá-la nos eixos, mas no final acabou por aderir à sua causa, o que desagradou certos comandantes rebeldes.

— Com que autoridade nos persegue? — Kaira estava ainda confusa, não sabia ao certo o que fazer. Se o próprio Gabriel tivesse enviado Astron em seu encalço, ela talvez se dobrasse, talvez aceitasse retornar ao paraíso, nem que fosse por pouco tempo. Talvez. Caso contrário, nem pensar.

— Sou um comodoro, ungido nas alturas, um ser majestoso — rebateu o anjo prateado, a couraça reluzindo ao brilho da lua. — O título me confere autonomia para delegar missões sem consultar os arcanjos — agitou as quatro asas para continuar volitando. — Você descumpriu as ordens diretas de nosso marechal em tempos de guerra. Deu as costas a uma demanda urgente para resgatar um espião, um pária, um ser odiado inclusive por

nossos inimigos mais vis. Como dirigente dos exércitos do leste, mandatário da 3a, 8a e 17a Legiões, eu a declaro presa e sob custódia.

— Presa? — ela tomou posição defensiva. — Não está sendo um tanto presunçoso, comodoro? — falou com descaso latente. — Por que acha que vamos nos entregar?

— Porque é o único caminho possível. Entenda, além de muito belo, sou também virtuoso, imbatível aos seus ralos padrões. — O intruso esticou o cetro. — Urakin, eu lhe ofereço o meu indulto, sem condições. Sabe o que posso fazer, conhece a fabulosa consagração dos meus poderes, sabe que nenhuma criatura poderia me desafiar. Curve-se e prometo poupar os seus amigos. Deixarei que o Mestre do Fogo os julgue. Recuse e serei forçado a matá-los.

— Não temos a menor chance — Ismael cochichou no ouvido da líder. Do tempo em que estavam juntos, o Executor se revelara um agente leal e, apesar de seus cruéis artifícios, sempre falava a verdade. Pessoalmente, Kaira não acreditava que o arcanjo Gabriel desejasse encarcerá-la, por isso resistia aos comandos de Astron. Fosse como fosse, nada disso fazia diferença, porque o serafim operava sozinho, e sua superioridade era clara. As emanações de sua aura pulsante, que agora ele deixava escapar, radiavam a um nível acima dos três, afinal, conforme dissera, ele era um comodoro, um oponente invencível a capitães e soldados. — Podemos lutar, mas seremos esmagados.

Nos becos de Zhangmu, o silêncio provocado pelo Controle Psíquico ficara ainda mais denso. Kaira e Ismael observaram atentamente Urakin. O que ele iria fazer? Como se comportaria diante do impasse? Sua escolha era imprevisível àquela altura, até porque ele prezava a ruína mais do que tudo e, caso não se curvasse, todos seriam aniquilados. Se capitulasse, os amigos sobreviveriam, mas acabariam desonrados e proibidos de continuar a procura por Egnias.

— Comodoro — o Punho de Deus andou até Astron, que recolheu as asas metálicas. Tocou o solo com a ponta dos pés. — Uma vez um sujeito me disse uma coisa, daquelas que ficam gravadas na mente.

— E o que seria, soldado?

— Ele me disse — enrugou a testa — para não confiar em ninguém que nunca tenha brandido uma espada. — E, dito isso, cerrou o punho e o sacudiu para o ataque. O ato era suicida, ele sabia, meramente simbólico, mas deixava clara a sua lealdade, a sua disposição de morrer por uma causa.

Em resposta à inesperada ousadia, Astron fez um curto movimento com o dedo, acionando uma divindade que prontamente levou Urakin a nocaute. Essa técnica, batizada pelos serafins de Mente em Branco, absorveu num instante todos os pensamentos do anjo guerreiro, sem os quais ele não era capaz de refletir, de pensar, de agir. O gigante sentiu como se um choque percorresse sua espinha e tombou inerte no meio-fio, reduzido a nada, uma casca oca, sem cérebro.

— Egnias — murmurou o comodoro, degustando as informações que

recém captara. — O posto de controle, vocês o acharam. — Era bom demais, raciocinou por dentro da máscara. Viera acoessar um bando de anjos subversivos e descobrira, de quebra, a chave para as dez colônias perdidas. — Que outros segredos você ainda esconde, Centelha?

— É arriscado — Ismael tornou a aconselhá-la, de soslaio. — Lembre-se de que você é uma arconte. Ainda que Astron não esteja aliado à facção legalista, seria muitíssimo perigoso deixar que assimilasse a sua mente. Se nos desmaterializarmos agora...

— Não, Ismael — ela o censurou com um gesto. — Chega de fugir... — mas, antes que completasse a frase, o Executor desabou na calçada, assaltado pela mesma técnica que sobrepujara o parceiro.

— Sou um servo de Gabriel — Astron repetiu, a cada segundo mais prepotente. — Portanto, não se preocupe — tentou confortá-la, para mostrar que, no fundo, era um adversário bondoso. — Usarei as suas memórias em benefício do nosso exército, em prol da humanidade, contra as tirânicas legiões do arcanjo Miguel. Sou um amante da lei, da ordem, sou casto e honrado. Farei jus à sua derrota.

Mas as belas palavras não a comoviam. Kaira presenciou os amigos caídos e se lembrou de Denyel, que apesar de seus defeitos nunca recuava à batalha. Depois, olhou para Ismael, em estado de coma, fitou Urakin e conjurou suas chamãs.

Contudo, Astron agiu mais rápido.

Solver os pensamentos de Kaira não foi tão simples quanto o comodoro esperava, o que a princípio não chegava a ser um problema. Ele já havia encontrado dificuldades semelhantes ao assediado outros rivais igualmente obstinados, como certa vez em que debelara um conde do inferno, mas até então ninguém lhe escapara, muito menos um dos arcontes, que teoricamente eram reis capitães na categoria celeste.

Kaira não chegou a projetar suas labaredas. Não houve tempo. Mas fez todo o esforço para bloquear sua mente, tentando resistir quanto podia. Com os olhos franzidos, o anjo prateado revirou-lhe as lembranças, quando de repente passou do contentamento ao horror.

Os serafins são mestres nos assuntos psíquicos, hábeis em apagar recordações, peritos em converter seus adversários em completos fantoches. Alguns, como Astron, são inclusive capazes de penetrar em áreas do cérebro a que às vezes nem as próprias vítimas têm acesso, ou que voluntariamente esqueceram.

Despreparado para o que iria encontrar, o comodoro sondou as memórias superficiais da arconte e no meio delas encontrou regiões proibidas, lacradas por forças muito além da sua compreensão. Entre essas memórias figurava a imagem do Elísio, da ascensão através do túnel da morte e do encontro com o arcanjo Rafael, conforme ocorrido após o combate na fortaleza de Athea.

Pasmo, o serafim contemplou o espírito da jovem Rachel, que estivera por dois anos preso ao corpo de Kaira, o cordão de prata que as ligava, a

caverna obscura, a redenção da menina, mas a partir daí as cenas se embaçavam. Daquele ponto para trás, ele ainda teria chance de parar, mas em sua ganância resolveu persistir na sondagem. Estava curioso e não desistiria até desvendar todos os mistérios, até desbancar a Centelha Divina.

Suas quatro asas então se fecharam, as plumas secaram pouco a pouco. Exausto, o comodoro caiu de joelhos, com o cérebro aos turbilhões, as pálpebras trementes. Sentiu o coração disparar, contemplou o reflexo do Quinto Arcanjo, a espada que tinha a cor de um raio, o manto de luz, a aura prismática. A visão era tão incrível, tão magnífica, que nenhum alado poderia suportá-la, não sob condições normais, não sem perder a razão.

A insistência terminou por dar à Mente em Branco o efeito reverso. O poder sobrecarregou-lhe o intelecto com sensações vedadas, inexplicáveis, transcendentes ao entendimento daqueles agarrados à teia do cosmo, ainda presos ao contínuo espaço-tempo.

O sangue de Astron ferveu nos capilares, as córneas ficaram grandes, inchadas. O crânio começou a esquentar como uma panela de pressão, ameaçando cuspir seu conteúdo. Súbito, a consciência enegreceu, desapareceu totalmente. Kaira despertou na sequência, enquanto ele ainda gemia, catatônico.

— O primeiro... — balbuciou num timbre suave. — O primeiro entre vocês ainda caminha sobre a terra. — E advertiu, antes de perecer: — Tenha cuidado.

A ruiva o segurou pela nuca. O pescoço amoleceu, o elmo de platina rachara. À medida que o tecido adensava, ao esgotamento do Controle Psíquico, o avatar de Astron, que se manifestara com asas, cetro e armadura, foi definhando, até ser desintegrado pela condensação da membrana.

Uma vez morto o serafim, os pensamentos alheios que ele guardava escaparam num átimo, como pássaros libertos de uma gaiola, retornando aos legítimos donos. Urakin e Ismael se ergueram, desorientados, indispostos, mas com a mente recomposta, saudável.

— Você o derrotou — o Executor escorou-se num muro. — Como?

— Eu não sei — confessou Kaira. — Não sei.

MARCHA SOBRE PARIS

Bosque de Bolonha, 29 de agosto de 1944

OS ALEMÃES QUE OCUPAVAM PARIS SE RENDERAM FORMALMENTE NO DIA 25 DE AGOSTO, EM UM dos salões do Hotel Meurice, uma acomodação de cinco estrelas entre a Praça de la Concorde e o Museu do Louvre, na ala nobre da capital. A declaração foi assinada pelo general Dietrich von Choltitz, governador militar do Reich, e entregue em mãos ao comandante francês Philippe Leclerc, oficial da 2ª Divisão de Blindados.

O plano de libertação e a forma como foi conduzido, desde 19 de agosto, consideravam a extensão da área urbana, sendo Paris uma das maiores cidades da Europa. A possibilidade de cerco fora discutida várias vezes, a fim de evitar uma confrontação desnecessária, já que os nazistas haviam recebido ordens diretas de Hitler para reduzir o centro histórico a um "campo de cinzas" caso a derrota fosse iminente. Para sorte de todos, as aspirações do Führer não se concluiriam, o que não significa que as lutas que se sucederam entre os dias 19 e 25 tenham sido calmas ou breves. Em 18 de agosto, a Resistência Francesa coordenou comícios e protestos que incitavam a insurreição contra os "usurpadores germânicos", reunindo ferroviários, policiais e membros da população civil na Praça da Bastilha.

Do outro lado da linha, os generais franceses estavam ansiosos para entrar na cidade à frente de todos, restaurando o orgulho de sua pátria ferida. A honra de seguir na dianteira até a prefeitura já havia sido concedida às tropas nacionais, o problema era que os americanos tocavam as margens do Sena enquanto a divisão blindada de Leclerc se encontrava, ainda, a 160 quilômetros de distância. Charles de Gaulle, chefe das Forças Francesas Livres, enviou então uma carta ao general Dwight D. Eisenhower, comandante aliado supremo, avisando que, se este não ordenasse o deslocamento das unidades francesas para Paris "imediatamente", ele mesmo o faria. Eisenhower recusou o pedido, e a partir daí começou uma série de desentendimentos que abalariam para sempre a relação entre os dois países.

A tarefa final de libertação, que encerraria os objetivos da Operação Overlord, foi entregue ao general estadunidense Leonard Gerow, que dispunha da 4ª Divisão de Infantaria e de um corpo de cavalaria mecanizada. As unidades de Leclerc agiram, portanto, sob o comando de Gerow, mas ficou acertado que os franceses entrariam primeiro na capital, e de fato entraram, chegando à câmara municipal por volta de zero hora. De Gaulle adentrou a Cidade Luz no próprio dia 25, animado para organizar uma parada militar, mas, na pressa de alcançar o prédio do governo antes

de todos, acabou por deixar abertos diversos bolsões de resistência que precisavam ser aniquilados, para que a segurança dos cidadãos fosse enfim garantida. Sabendo que não havia ninguém mais qualificado para essa missão, Gerow ordenou que Leclerc perseguisse o inimigo até anular suas últimas forças, mas este se negou, afirmando que o desfile de suas tropas era uma "prioridade reservada ao povo francês".

Finalmente, De Gaulle usou sua influência política para assegurar que seus compatriotas marchassem no dia 26 de agosto, com dois mil alemães ainda entrincheirados na região suburbana. Procurando uma solução diplomática, Eisenhower marcou uma nova parada para o dia 29, quando apresentou uma divisão norte-americana completa e totalmente equipada. A comemoração foi um sucesso e transcorreu sem tumultos, após a capitulação dos últimos focos nazistas.

O dia 29 de agosto terminou numa noite gloriosa, regada a champanhe, conhaque e salvas de canhão sob o céu boreal. Nas ruas, mulheres beijavam os soldados na boca, sem se preocupar de que nação eles eram. Pedestres jogavam pétalas nas calçadas e civis ofereciam flores a qualquer homem fardado. Todos os militares de folga — americanos, franceses, britânicos e canadenses — compareceram à celebração.

Todos, menos um.

Denyel perdeu o melhor da festa. Enquanto seus colegas marchavam sob o Arco do Triunfo, desfilaro rifles, bandeiras e capacetes, ele estava a quilômetros do centro, em uma área sombria do Bosque de Bolonha, um parque situado nos limites na zona oeste, projetado pelo imperador Napoleão III na segunda metade do século XIX. Embora agitado nos dias normais, especialmente nos fins de semana, o bosque esvaziara-se por conta da parada e do avanço da noite, que tornava a região perigosa.

O celeste parou à margem de um lago, num curto trecho em que o tecido era fino. Trajando o uniforme de passeio, com gravata, gorro e paletó verde-musgo bordado com a insígnia vermelha da 1ª Divisão, ele se viu mais uma vez transportado para o salão do arconte, de colunas e paredes claras, sete alcovas e teto rotundo. Sobre o pedestal Sólon flutuava, e para não desagradá-lo o querubim colocou-se prontamente de joelhos. As plaquetas de identificação que trazia no peito chispavam, à medida que o Primeiro dos Sete absorvia as impressões mais fugazes, registradas entre seu último contato e agora. Ao digeri-las, a expressão se encrespou.

— Denyel dos querubins, você envergonha os princípios de seu esquadrão - começou Sólon, encarando-o com aspereza. — O que fez não é apenas detestável, é criminoso e expõe a nossa missão a riscos. É um tolo, um fraco, um soldado incompetente e inútil.

O exilado não desgrudava os olhos do piso. Não tinha a menor idéia do que Sólon estava falando, afinal cumprira a tarefa nos mínimos termos, transferindo-se à Companhia F, invadindo Marie et Louise, encontrando a fonte de "energia anômala" e descobrindo até, com a ajuda de Zac, a natureza das criaturas.

– Senhor?

– Como seu comandante legalmente empossado, tenho o direito de executá-lo em resposta a uma atitude tão desgraçada. – Ergueu a cabeça, fazendo a pedrinha na testa brilhar. – Contudo, reserve-lhe um castigo ainda mais duro.

– Instrua-me, mestre – rogou Denyel, na linguagem servil que o malakim entendia. Continuava sem perceber o "crime" que praticara. – Instrua-me.

– Suas diretrizes básicas o proibem de usar seus poderes na presença de seres humanos, sabe disso. Tais regras são invioláveis e igualmente aplicáveis às armas celestes. – Sólon bufou. Fez uma pausa longa, como se ponderasse se iria ou não executar Denyel. – Deveria matá-lo agora, mas encontramos no curso de uma campanha importantíssima e precisamos de todos os agentes em atividade constante. Sendo assim, não vejo alternativa a não ser resguardá-lo.

– Grato por sua piedade.

– Não me agradeça, não ainda – o anjo careca elevou um dos dedos. – De forma a doutriná-lo melhor, a relíquia que carrega, o objeto que lhe é tão sagrado, tão caro, ficará em meu poder de agora em diante e enquanto servir sob o meu estandarte.

E, assim decidido, o exilado sentiu o punho de sua espada, o qual guardava escondido dentro da camisa, desaparecer completamente, para ressurgir nas mãos de Sólon, que na sequência o prendeu ao cinto de prata, com a extremidade em que a lâmina se materializaria para cima, e não para baixo, como seria o correto. Denyel teria achado graça da crueza do Primeiro dos Sete, que nem ao menos sabia segurar uma espada, não fosse o castigo tão humilhante. Privar um guerreiro de portar o seu sabre era uma punição das mais severas, algo como castrar um garanhão, privando-o de seu falo, de seu instrumento de autoridade e poder. Como agravante, a decisão de atar a arma à própria roupa fazia-se simbólica, explicitando que tudo o que ele tinha, o arconte poderia a qualquer momento tirar.

– Determino, soldado, que esqueçamos este incidente – declarou o malakim, numa falsa demonstração de nobreza. Para ele, claro, era fácil esquecer. – Comportar-se-á como um mortal dos mais vulgares a partir de hoje, copiando suas virtudes e falhas, e esforçar-se-á para que todos assim acreditem. – Expandiu as asas, para enfim mudar de assunto. – Sobre o episódio na cidadela, a investigação prossegue. Siga com a Companhia F e confie em seus instintos. – E, antes de enviá-lo de volta, o arconte intimou: – O local do nosso próximo encontro permanece indefinido. Receberá instruções tão logo eu julgue necessário.

Sem direito a perguntas, Denyel foi despachado em retorno ao bosque. Tentou não pensar no que acabara de acontecer, mas foi inevitável, pelo menos nos primeiros minutos. Por que Sólon se concentrava mais nas ações do que nas suas consequências? Os homens que invadiram Marie et Louise não só entraram em choque como estavam mortos agora, sendo que o único

sobrevivente negava o que vira. Numa análise coerente, ele portanto não havia descumprido nenhuma regra, nem dos anjos da morte, nem dos exilados, tampouco das unidades humanas que integrava.

Denyel tateou o paletó. Não sentia mais o peso da espada, mas em compensação os bolsos estavam recheados. Ele recebera dois meses de salário atrasado e ordenou-se uma nova missão: gastar cada centavo antes de chegar à próxima cidade, o que não seria uma tarefa difícil.

Afinal, aquela era Paris, a Cidade Luz. E ele precisava de uma cerveja.

Denyel tomou o metrô, ainda sem saber para onde iria. Estava aborrecido, exausto e frustrado, tudo ao mesmo tempo. Não era a primeira vez que se sentia assim, e a única coisa que o fazia suportar mais um dia era a certeza de que lutava por uma causa maior, uma que ele mesmo já havia esquecido. Não gostava de Sólon, mas não fosse ele seria outro arconte, quem sabe ainda mais ríspido, e existiam muitos celestiais prepotentes no exército do arcanjo Miguel.

Quando o trem correu sob os túneis do Quartier Latin, ele resolveu saltar. Deixou a estação e deparou-se com a Abadia de Saint-Germain-des-Prés, construída no século VI, com sua torre românica iluminada ao brilho da lua crescente. Desceu o Bulevar Saint-Germain, que no verão tinha as árvores floridas, cruzou a Rua de Bucí, atravessou a Rua de Seine e dobrou na Rua de L'Ancienne-Comédie. Da esquina, avistou um grupo de oficiais americanos que festejava nos saguões do Café Le Procope, tido como o restaurante mais antigo de Paris, inaugurado em 1686.

O Le Procope seguia a arquitetura tradicional dos cafés parisienses, com a fachada de madeira, grandes janelas de vidro, flores adornando a entrada e uma placa bambeando sobre o frontispício. Lá dentro, a decoração era à moda renascentista. O chão fora calçado em mármore bege, e das paredes pendiam retratos de nobres e artistas, pintados a óleo. Os lustres eram de cristal, os bancos de veludo e as cadeiras, talhadas em ébano. Os vários ambientes ofereciam desde mesas para almoço até um balcão de bebidas a quem desejasse tomar um drinque ou saborear um café.

Lotado de "ianques", na noite do dia 29 o Le Procope se converteu em uma danceteria bem ao estilo nova-iorquino. Uma banda da 28a Divisão de Infantaria tocava os sucessos de Glenn Miller, e "In the Mood" era a canção do momento. Homens e mulheres bebiam e fumavam, outros bailavam aos pares no salão improvisado.

Denyel perseguiu um aroma suave, que o levou a uma moça de cabelos castanhos, penteados em ondas, como era o costume na época, lábios fartos e olhos cor de jade. O nariz era pequeno, os seios firmes e os quadris curvilíneos, sugerindo que tinha menos de 30 e mais de 20 anos. Sua pele era clara, corada de ruge. Usava um vestido bordô, com sapatos de salto alto e uma saia de pregas até os joelhos. O anjo reparou no decote, notou sob ele as bordas de um sutiã branco, de renda, que atenuava a protuberância dos mamilos agudos. O cigarro era alongado por um filtro de dez centímetros,

esculpido numa peça de marfim africano. Sobre o bar, ela dava pequenos goles em uma taça de martini.

O exilado sentou-se a dois bancos de distância, pediu ao garçom uma caneca de cerveja preta e ficou de costas para a garota, observando de longe a orquestra. Um soldado do 506º Regimento o cutucou com o braço, atento às francesas que os oficiais cortejavam.

— Quem se importa se elas tomam banho ou não? — ironizou o rapaz, zombando da fama dos parisienses de serem pouco higiênicos. — Depois de chafurdar nas trincheiras por oito semanas, pego a primeira que me cruzar o caminho.

O sujeito era americano. Cabo C. Bennett, de acordo com a placa alfinetada à camisa. Um homem alto, de cabelos espetados com gomalina e o pomo de adão proeminente. Pelas divisas, integrava o batalhão de paraquedistas, rivais clássicos da Grande Rubra, a quem chamavam de "vermelhos". A concorrência devia-se às discussões sobre qual unidade era melhor. Enquanto o 506º Regimento dispunha do treinamento mais árduo e das armas mais modernas, a 1ª Divisão tinha mais experiência e tradição, remontando à Primeira Guerra Mundial.

— E você? — continuou o cabo, insistente. Segurava um copo de uísque. — O que faz aqui? A festa é da 28ª.

— Pergunto-lhe o mesmo, amigo. — Tudo o que Denyel queria era sossego. — Não deveria estar na Inglaterra?

— Não hoje. Alguns receberam licença. Iríamos saltar sobre Chartres, só que o III Exército chegou antes — mas, apesar da camaradagem, nas entrelinhas ele não era amistoso. O exilado percebeu sua intenção e preferiu cortar o assunto.

— Só quero ficar sozinho por enquanto, campeão. Só eu e a minha cerveja — levantou a caneca num brinde solitário. — Por que não vai dançar um pouquinho?

— Minha presença o incomoda, vermelho?

Certo de que o rapaz continuaria a testá-lo, Denyel deu um basta. Encarou-o friamente, usando seu olhar de guerreiro para despachá-lo de vez.

— Se manda daqui, meu chapa — até a voz ficou mais grossa. — Ou vai levar uma surra.

A ameaça foi curta, mas eficaz, e mesmo alcoolizado o cabo deu de ombros, virou a cara e deslizou até a pista de dança, juntando-se a outros paraquedistas em uma mesa redonda.

Denyel respirou. Contou até dez. Geralmente funcionava. Seria fácil perder o controle, ainda mais no estado de nervos em que estava.

— Vocês são todos assim na América? — instigou-o uma voz feminina. Era a morena de lábios fartos em quem Denyel reparara mais cedo. Não apenas era linda, mas exalava um charme irresistível, algo a ver com o perfume, ou talvez fosse o sotaque francês, recortado por acordes britânicos.

— Assim como? — ele rebateu.

– Petulantes – com o palito, ela agitava o martíni. – Chegam na casa dos outros abrindo as portas, tirando os sapatos, fazendo algazarra?

– Deviam nos agradecer – acomodou-se ao lado dela. – Libertamos a cidade após quatro anos sob jugo nazista.

– Mas a que custo. – A maneira como a jovem se expressava era única, o querubim ponderou. O jeito, o olhar e os movimentos do corpo, um pouco para frente, um pouco para trás, como se em um momento ela o desejasse e no outro não mais. – Destruíram tudo pela frente.

– Pelo menos Paris está inteira – o anjo argumentou, mas a francesa tinha certa razão. O que ele presenciara em Saint-Lô era obsceno. Há quem acredite que os Aliados tenham matado mais civis nos bombardeios à Normandia do que os alemães no curso de toda a campanha na França.

– Não graças a vocês. – Ela deu um trago no cigarro.

– Meu nome é Denyel. – O exilado beijou-a na mão, embora essa já não fosse uma saudação costumeira. – Denyel, e não Daniel.

– Sou Sophia, e não Sophie – a garota sorriu. – Não sei como aguenta essa porcaria.

– Que porcaria?

– Cerveja preta – ela torceu o nariz. – Não é amarga demais?

– E como – ergueu o copo contra a luz. – Mas sabe o que é engraçado, chérie? – Deu um gole e completou: – Com o tempo, você acaba se acostumando.

– Disso eu entendo bem – a moça retrucou, meio enigmática, e espiou os ponteiros do relógio, um pesado móvel de carvalho encostado na parede. – Já é tarde para mim. – Apagou o cigarro, terminou a bebida e se levantou. – Espero que tenha conhecido os franceses um pouco melhor.

– Queria ter conhecido mais – ele arriscou uma cantada, mas Sophia não se dobrou. Respondeu com um sorriso, deu as costas e saiu porta a fora.

Denyel voltou à cerveja. Relaxou as costas.

Observou a pista.

Os soldados do 506° não estavam mais lá.

NA OUTRA MARGEM DO SENA

SOPHIA ANDOU PELA RUA DE L'ANCIENNE-COMÉDIE, MENOS DE UM QUARTEIRÃO DEPOIS, cruzou o beco arqueado que a conectava à Travessa du Commerce Saint-André, deserta àquela hora da noite. De salto alto, ela driblava os paralelepípedos, acostumada às tortuosas ruas da capital francesa.

Abriu a bolsa. Pegou um bilhete do metrô. De través, reparou no próprio reflexo na vitrine de uma delicatessen. Parou para ajeitar o cabelo. O batom estava borrado — culpa do martíni —, então ela o consertou com um lenço.

Escutou passos através da viela. Torceu para que fosse Denyel, o soldado de cabelos pretos com quem dialogara fazia instantes — os dois haviam flertado, mas não era apropriado a uma moça conversar sozinha com um estrangeiro, especialmente em lugares públicos.

A sombra se espichou revelando não um, mas três homens fardados, com o emblema do 506º Regimento Paraquedista, cheirando a uísque barato. O que vinha à frente era o mesmo que Denyel enxotara do balcão: o cabo C. Bennett, pescoçudo, de cabelos espetados, ombros largos. Parcialmente oculto nas trevas, lembrava uma espécie de avestruz, o peito estufado, as pernas finas. Os seus colegas eram mais baixos, e um deles estava tão bêbado que cambaleava, as bochechas inchadas. O terceiro era magro, louro, quase albedo, de nariz reto e expressão doentia.

Sophia pensou em correr, porque a intenção deles era clara. Mas o sapato não a ajudaria, então a solução seria afrontá-los, fazer de conta que nada estava acontecendo, agir normalmente. Passou direto rumo à esquina, quando Bennett a segurou pelo braço.

— Bonsoir, mademoiselle — ele usou a interjeição em francês. — Sei que fala a minha língua — passou ao inglês. — Estou perdido. Je suis perdu. Pode me ajudar a encontrar meu hotel?

Sophia tentou, mas não teve sangue-frio para responder gentilmente. Fez um esforço para se soltar, e em resposta o paraquedista a apertou com mais força. Empurrou-a contra as grades da loja, enquanto seus dois colegas assumiam posição de vigia, para ter certeza de que ninguém espreitava.

— Largue-me, seu bruto. Dégagez — ela encarnou o papel de durona, mas por dentro o coração disparava. — Quer que eu chame a polícia?

— Quer chamar a polícia? — O rapaz molhou os lábios. Sacou uma navalha e a aproximou de seu rosto. — O que foi, boneca? O gato comeu sua língua?

Sophia apavorou-se. Sentiu o bafo de álcool, o cheiro de gomalina, o volume do pênis raspando nas coxas. Pensou em chutá-lo nos testículos, o que geralmente dava certo, mas o fio da lâmina a intimidou. Mesmo que o golpe não a matasse, uma cicatriz já seria bastante ruim.

O recruta de cabelos louros conferiu o arco mais uma vez. Como o próprio nome diz, a Travessa du Commerce Saint-André é comercial, sem moradores para denunciar o barulho.

— Bennett, anda logo com isso, rapaz — o paraquedista alcoolizado arrotou em protesto. — É para ser rápido. Somos nós três. O que está esperando?

— Vai ser rápido — a resposta era sobretudo um recado à francesa. Se ela o aceitasse, tudo acabaria em um minuto. Caso contrário, acabaria também, mas por um viés mais doloroso.

— Não precisa da faca — Sophia apelou para o charme. — Prometo que não vou gritar.

— Quer fazer um acordo? — o cabo guardou a navalha. Em troca, enfiou a mão entre as pernas dela, subindo os dedos até a calcinha. — Andou chovendo por aqui, hein?

— Ei, ei — o louro sussurrou em alerta. — Vem chegando alguém.

— Que merda — rosnou. — Logo agora? — O anúncio quebrou-lhe a concentração. — Dê um jeito nisso, porra, arreventa o cara se precisar.

O jovem soldado obedeceu. Apanhou do chão um pedaço de madeira e o segurou como se fosse um tacape. Escondeu-se nas sombras, acompanhou a silhueta, mas deteve-se quando reconheceu o passante: era outro militar, também americano, ostentando as divisas da Grande Rubra.

— E aí, pessoal? — Denyel os encarou com um sorriso malévolo. — já terminei a minha cerveja.

Existem certas coisas inaceitáveis para um querubim, e uma delas é a sensação de injustiça. Não que os guerreiros celestes sejam todos bondosos, afinal a noção do que é certo ou errado varia muito de um anjo para o outro. Os serafins, por exemplo, são excelentes comedores porque atacam no ponto mais fraco, diferentemente dos generais querubins, obcecados por organizar lutas justas, para que depois possam romancear seus triunfos.

Denyel não estava mais preocupado com as diretrizes de Sólon, não agora, porque defender uma mulher, uma que ele cortejara, inclusive, era um gesto bastante humano e teoricamente fazia parte das "regras". O problema era até onde ele chegaria e como faria para recuar, caso a fúria o dominasse.

O recruta de cabelos louros demorou uns dois segundos para atacar. Bater em um camarada era crime militar, mas Denyel era um "vermelho" e seria um prazer espancá-lo. Se ele caísse morto nas ruas de Paris, ninguém daria por sua falta, seria só mais um indigente, um mendigo, um vagabundo que bebera demais.

Com a ponta do bastão, o louro acertou o exilado no queixo, e para seu espanto ele não reagiu, não gemeu, não fez nada. Ficou imóvel como uma estátua, com a mesma expressão debochada, sustendo a dor em silêncio.

Deixou-se agredir novamente. A segunda paulada estourou-lhe a sobancelha, abrindo um corte na testa, espirrando gotas de sangue no

calçamento. O gorro voou, perdeu-se na escuridão.

De novo, nenhuma resposta,

O choque seguinte foi direto na nuca, finalmente atirando o celestial à sarjeta. Os ouvidos zumbiam. Parte do ombro formigou. Era tudo o que ele precisava.

Súbito, a cólera insurgiu. Os olhos ficaram rubros, sombrios.

Denyel não estava mais sorrindo.

Ergueu-se do solo. Feroz. Levantou o rapaz pela gola. Grunhiu, sacudindo-o no ar como se ele fosse um boneco, jogou-o contra uma das paredes do beco, depois contra a outra, e em seguida o arremessou de volta à Rua de L'Ancienne- Comédie, empregando uma força assustadora, inegavelmente sobre-humana. Despertara dentro de si um furor adormecido, uma centelha que precisava ser acesa, conjurada de tempos em tempos.

Ultrapassado o primeiro obstáculo, Denyel entrou na travessa como um jaguar, cautelosamente cercando o agressor de Sophia. Bennett libertou a mulher, cuspiu uma praga e tornou a sacar a navalha, enquanto o seu outro colega fugia assustado, tropeçando nas pedras, se esquivando dos postes.

O cabo girou a lâmina três vezes, procurando degolar Denyel, que muito facilmente o agarrou pelo pulso, derrubando-o com um simples puxão. Num golpe contínuo, o anjo o prendeu com os joelhos sobre o peito, envolveu-o numa chave de braço e inclinou as costas para trás, forçando-lhe os tendões.

Escutou-se um ruído seco, parecido com o de um galho podre sendo quebrado. O cotovelo de Bennett se partiu em dois, o osso se projetou para fora. O homem deu um grito tão alto, esganiçado, que o brado ecoou pelas ruas, e para silenciá-lo Denyel o chutou na garganta, deixando-o estirado, espumando, afogado na própria saliva. Cerrou as pálpebras, respirou seguidamente, aguardou a raiva esfriar, então se virou para Sophia.

— Tudo bem?

— Mais ou menos — a morena falou em francês. — Minhas mãos estão tremendo.

— E eu estou sangrando. — O celeste a tomou pelo braço. — Vamos sair daqui.

— Vou levá-la para casa, chérie — prometeu Denyel, cuidando para não soar atrevido. — Para a sua casa, claro. — Ele tinha a aparência de um pugilista à saída do ringue: suado, com nódoas de sangue na cara e um enorme hematoma à direita do olho.

— Prefiro andar um pouco, só por andar — as palavras eram agitadas, um tanto ofegantes, mas o pânico desvanecera. — Fico mais calma.

— Então temos algo em comum.

— Quem diria.

— Para onde vamos? Ou quer que eu vá embora?

— Não sei — a moça se embolou. — Não, não quero que vá embora — era o velho charme em ação. — Quis dizer que não sei para onde podemos ir. —

Abriu a bolsa, tocou o bilhete de metrô, pensou em usá-lo, mas as estações estavam fechadas. — O mais longe que conseguirmos chegar a pé.

— Garota, a pé eu dou a volta ao mundo — gracejou. — Quer procurar uma delegacia?

— Não. Só quero esquecer o que aconteceu.

— De minha parte, já esqueci — cabeceou o celeste, afinal sua posição era também delicada. Se a polícia francesa ou o exército americano soubessem da briga na Travessa du Commerce Saint-André, acabariam todos na corte marcial. E ele, como agressor, poderia ser preso ou expulso das forças armadas.

De braços enlaçados, Denyel e Sophia cruzaram a Ponte Neuf, percorreram a ilha de la Cité e chegaram à margem oposta do Sena, o caudaloso rio que corta Paris. Dobraram no pátio do Museu do Louvre, circundaram o Arco do Triunfo do Carrossel e sentaram à beira do chafariz na entrada dos jardins das Tulherias. Apesar da festança que mais cedo animara a cidade, as sebes estavam agora vazias, com os postes acesos e a Torre Eiffel à esquerda, encimada pela bandeira da França, em substituição à suástica nazista.

— O que você faz da vida, moça? — O exilado achou que era um bom momento para mudar de assunto. Começou com uma pergunta inocente.

— Nada de mais — ela respondeu, sem muito interesse. — Trabalho para o meu pai.

— É o que ele faz?

— Ele está preso. — A confissão pegou Denyel de surpresa. Muitos cidadãos franceses haviam sido encarcerados pela Gestapo, ele sabia, acusados de conspiração, hipótese reforçada pelo que ela diria a seguir: — Era o tipo revolucionário. Minha família foi perseguida. Muitos acabaram detidos, outros executados. Acho que uma das minhas irmãs sobreviveu. Fico pensando se voltarei a encontrá-la um dia.

— Que história mais triste — o anjo lamentou, mas no fundo não sentia nada, porque nunca passara por situação semelhante. Os celestiais não podem gerar filhos entre si, portanto tudo o que lhes resta é a amizade, e amigos eram outra coisa que Denyel não possuía. — Sinto muito.

Sophia apanhou o lenço, o mesmo que usara para ajeitar o batom, molhou a ponta na água do chafariz e a esfregou sobre as escoriações de Denyel. Removeu o excesso de sangue e limpou o talho no supercílio. Um morcego os cortou em rasante, voando baixo a meio caminho das árvores.

— Deve ter sentido o meu cheiro — ele comentou.

— Os morcegos são animais vegetarianos, em sua maioria. Só três espécies se alimentam de sangue, e nenhuma de sangue humano. — Sophia o encarou como uma professora cruel. — Não aprendeu isso na escola?

— Nem tudo é o que parece — Denyel escapou pela tangente. De repente, deu-se conta do absurdo que estava a fazer, seduzindo uma terrena e se sentindo atraído por ela. O mais correto seria pôr fim àquele encontro, regressar ao centro de comando, nunca mais procurá-la. Mas

alguma coisa o impediu, e então lhe ocorreu que talvez fosse ela que o estivesse seduzindo, e não o contrário. A idéia soou-lhe incestuosa, mas parecia adequada às regras de Sólon, afinal a ordem era encarnar "um mortal dos mais vulgares".

– Nem tudo é o que parece – a moça acedeu. – Por que permitiu que o espancassem? – torceu o lenço encharcado. – Por que não reagiu à primeira sova?

– Não sei. – Após anos vivendo na terra, ele aprendera a bancar o idiota sempre que a circunstância ordenava. – Honra. Desafio. Sei lá o que mais.

– Acha que eles teriam me matado?

– Talvez – Denyel inclinou o pescoço. – Qualquer um é capaz de qualquer coisa, chérie. De qualquer coisa.

– Isso também se aplica a você?

– Sou um soldado. Ganho a vida matando gente.

– Mas não lhe é um pouco estranho?

– Sim, é um bocado estranho – concordou. – Mas estes são tempos estranhos.

– Como pode? – ela se mostrava curiosa, e não indignada, como seria de esperar. Era como se o estivesse sondando. – Matar não significa nada para você?

– Matar sempre significa alguma coisa – o anjo acariciou-lhe os ombros. Sua atenção corria dos lábios ao decote, num trajeto circular e constante. – Os bons soldados são aqueles que aprenderam a enxergar os inimigos como desiguais, meros figurantes no teatro da história.

– E você se considera um bom soldado?

– É – ruborizou-se. – Eu tenho os meus momentos. – E acrescentou:

– Na guerra, o assassinio deixa de ser um pecado para se tornar um ato sagrado.

– Não há nada de sagrado em matar. – O argumento não fazia sentido para ela. – De qualquer forma, continua a ser um crime, não acha?

– É um crime quando se perde – deu uma risadinha. – Quando se ganha, nem tanto.

Sophia recolheu o lenço, tirou os sapatos e caminhou sobre o gramado, esfregando os pés na relva macia. O penteado desarmara, deixando as mechas mais lisas, ainda mais atraentes.

– Nunca teve medo?

– Não dá tempo de sentir medo. Euforia, talvez. Ansiedade, às vezes.

A moça esticou-se no chão. Denyel acomodou-se perto dela. Afrouxou o nó da gravata.

– O que há de tão excitante no campo de batalha?

– Suponho que a chance de se tomar uno com algo maior – ele falava como querubim, mas a analogia funcionava, em todo caso. – Não tem sido assim desde o princípio?

– Sim, mas e quanto à incerteza da morte? – a francesa não se dava por

vencida. — E se tudo terminar com o disparar de uma bala?

— Quanto a isso, não vejo problema. O contrário talvez seja pior. — Esse era, porém, um conceito muito pessoal, típico de alguém que não suportava mais seu ofício. — Pense como é passar a eternidade condenado aos mesmos ciclos do universo, indo e vindo numa ciranda sem fim.

— Quanta imaginação — ela desistiu do debate, virou-se para o lado e o abraçou, procurando segurança, refúgio. Denyel experimentou uma sensação de ardor, como se tivesse engolido um carvão em brasa, algo que até então ele não provara com nenhuma outra mulher. — Ei, desculpe-me o falatório — a jovem deu-se conta de que exagerara. — Nem cheguei a agradecer-lhe. Mudou a minha opinião acerca dos americanos. Até que vocês não são todos iguais.

— E eu ainda quero conhecer melhor os franceses — o exilado a envolveu. Deitados na grama, ele se moveu lentamente sobre ela, apertou-lhe os punhos, arrastou o joelho direito por entre as coxas brancas, deslizou os lábios pelo pescoço. — A que horas reabrem as estações?

— Só pela manhã. — A morena o beijou na boca. Afastou-o um pouco e o beijou de novo. Desabotoou o vestido e o tocou por baixo. — Falta muito.

Denyel e Sophia fizeram amor no gramado das Tulherias, uma experiência nova para ele, "estimulante", como descreveria aos colegas, mas é claro que não era só isso. O sexo tem, e sempre teve, o incrível poder de estreitar relações, de criar laços, genuínos ou não, e o exilado pareceu ter sido fispado no ato. Era cada vez mais fácil notar, agora, por que os mortais usavam a fornicção como arma, como moeda de troca, como estratégia para barganhar mais favores. O que Denyel provara fora especial, muito diferente das outras aventuras que tivera, o que acabou por recordar-lhe o mito dos sentinelas, anjos que, num passado remoto, foram enviados à terra por Deus para atuar como guardiões do planeta, mas que teriam caído em desgraça ao se apaixonar por mulheres carnais e copular com elas. O querubim não mais os culpava, não depois daquela noite, embora soubesse dos riscos que estava a correr, do perigo que era se entregar totalmente aos prazeres do corpo. Os sentinelas, a propósito, não haviam sido os únicos tocados por essa fraqueza, e contava-se que até o arcanjo Gabriel, certa vez, fora escravo de tais sentimentos.

Em reação aos ferimentos sofridos, Denyel adormeceu. Foi despertado por um oficial da polícia militar dos Estados Unidos, armado de cassetete e pistola, que rondava a cidade à procura de recrutas embriagados. Ao vê-lo, o anjo teve certeza de que seria arrastado à força, julgado pela briga da noite anterior, condenado à prisão, mas o guarda apenas o cutucou.

— Ei, amigão. Precisa de ajuda?

— Quem é você? — Denyel esfregou os olhos. — Onde estou?

— Longe de casa.

— Para onde ela foi?

— Ela? — o policial achou graça. — Escute, filho. A infantaria vai se reunir às 08:00 no centro de comando. Consegue chegar a tempo?

— Consigo, claro — endireitou o uniforme. — Já estou a caminho.

Quando o guarda se afastou, Denyel revirou as sebes, checou as moitas, caminhou através das alamedas, mas não encontrou sinal de Sophia. Tudo o que lhe restara era um bilhete de metrô jogado na terra, impregnado de um delicioso perfume, que ele não sabia se era uma isca, um convite para encontros futuros, ou se ela simplesmente o tinha esquecido. Por via das dúvidas, guardou-o na carteira, calçou os sapatos, ajeitou o cabelo e andou ao ponto de ônibus.

Por toda a manhã, ele só conseguiu pensar na francesa. A lembrança resistiria às próximas semanas, aos meses, continuaria viva por anos.

Naquela mesma tarde, a 1a Divisão foi enviada para uma fazenda muitos quilômetros a leste de Paris. Com a Operação Overlord concluída, os combatentes da Grande Rubra tinham uma nova e perigosa missão.

Nos próximos dias, eles entrariam na Alemanha.

PIRÂMIDE DE GELO

Monastério de Rongbuk, Tibete

O PRÉDIO RELIGIOSO MAIS ALTO DE QUE SE TEM NOTÍCIA FICA NA REGIÃO DO TIBETE, sobre o vale Rongbuk, cujas encostas áridas se abrem para uma das mais belas paisagens do mundo. O Monastério de Rongbuk, lar de uma centena de monges, é hoje um complexo que reúne doze casas, todas de aparência rústica, construídas com grossas paredes de estuque, algumas cruas, outras pintadas de branco, centralizadas por um monumento cônico, dourado, que os tibetanos denominam estupa e que representa, para os budistas, a organização arquitetônica do cosmo. À frente, o que o forasteiro avista são as montanhas brancas de Gyachung Kang e Cho Oyu, e acima delas o monte Everest, ou Chomolangma, no idioma local, que se ergue como uma majestosa pirâmide de gelo, destacada no céu azul do Himalaia. À direita, descendo a ravina, corre um rio de águas rasas, entre ilhas de seixo e areia, o qual nasce nos glaciares, escoando aqui seu degelo.

Rongbuk foi um dos muitos templos destruídos pelos chineses na década de 70. Desde 1983, contudo, existe um claro esforço de reconstrução, que já restaurou parte da área sagrada, transformando um dos galpões em pousada, com quartos adaptados para receber os turistas, que nos meses mais quentes aparecem às dezenas, vindos de Zhangmu e arredores, ansiosos por eternizar suas imagens junto ao maior pico da terra.

Kaira, Urakin e Ismael deixaram a cidade à noite, pouco depois do embate com o serafim e após o Executor devolver as almas aos soldados chineses, que nem suspeitaram do que havia ocorrido. A partir de Zhangmu, eles seguiram a pé, iniciando uma marcha de oito horas por uma estrada precária, absorta numa desolação sem igual. Às três horas o rio Dzakar Chu surgiu ao norte da alameda, e às cinco eles enxergaram o mosteiro. Conforme dissera Abul, a passagem só estaria visível às onze horas, "nem um minuto a mais, nem um minuto a menos".

Urakin empinou o nariz, provou o cheiro de ovos fritos. Cedo pela manhã, antes de as excursões aportarem, um grupo de monges, velhos e novos, descansava na parte externa do templo, sentados de pernas cruzadas, com seus hábitos vermelhos, encardidos. O guerreiro não soube dizer se eles meditavam ou se apenas aguardavam a refeição, mas a postura era rígida, com as costas retas, sempre olhando para frente.

Ismael não viu fantasmas através da película, tampouco sombras ou almas penadas. Um casal de iaques, uma espécie de boi de pelagem comprida, típica do Himalaia, pastava livremente às margens do rio, onde àquela época do ano crescia uma relva seca, pontilhada por botões violeta.

Kaira andou até a estupa, parou e a estudou em detalhes. O monumento

contava com uma sólida base de argamassa, composta de gesso, água e cal, encimada por uma estrutura de três metros em forma de cone, pintada de dourado. Originalmente planejadas para guardar as relíquias de Buda, as estupas acabaram, se tornando marcos simbólicos, comparáveis à cruz católica e ao crescente islâmico.

— Não sei por quê, mas tenho a impressão de que isto é um pouco mais do que aparenta — Kaira apontou para o topo da coluna. — E vocês?

— Está certa — confirmou Ismael. — Esse não é apenas um objeto material. Projeta reflexos etéreos.

— Reflexos etéreos? — o termo não era familiar a Urakin.

— Diferentemente do plano astral, por onde vagam os fantasmas, o etéreo é a morada dos deuses antigos, heróis que, por seus feitos na terra, se tornaram imortais — contou o Executor, didático. — Assim como eles, certas construções, dependendo de seu significado, projetam duplicatas nos níveis mais profundos, onde continuam existindo para sempre, mesmo após a destruição de suas matrizes físicas — desabotoou o sobretudo, — Todos nós, celestiais, podemos enxergar o astral, mas poucos são os que conseguem observar o etéreo, como eu.

— Uma habilidade útil à sua casta, acredito — a ruiva assentiu. — E o que você vê?

— Não muito, com a Cortina de Aço a embaçar meus poderes — ele tocou a frente da estupa. — Mas me parece uma baliza, uma indicação deixada pelos atlantes como ponto de referência aos peregrinos futuros.

— Seja como for, aposto que este é o lugar de onde avistaremos a passagem — ela opinou. — Abul falou de indicações que "qualquer anjo conseguiria enxergar" — sentou-se sobre um aglomerado de pedras. — Agora é só esperar.

À medida que o sol se erguia, o calor aumentava. De zero grau centígrado na noite anterior, a temperatura subira aos quinze nas primeiras horas da manhã, com sensação térmica de vinte, por conta da ausência de vento. Por volta das nove, os carros trazendo os estrangeiros começaram a chegar, convertendo o pátio do mosteiro em um estacionamento off-road, repleto de caminhões, picapes e veículos com tração nas quatro rodas. Além de atração turística, Rongbuk é parada obrigatória aos alpinistas que pretendem escalar o Everest, despontando como o último pedaço de civilização antes do acampamento-base, o primeiro de muitos que pontuam a face norte das cordilheiras.

Kaira permanecia sentada, atenta ao corpo da estupa, aguardando as onze horas como quem espera um milagre. Urakin estava impaciente. Já havia explorado todos os cantos do povoado, farejado as ruas, memorizado a disposição das casas e calculado, só por precaução, eventuais posições de combate. Ismael não encontrara nenhum outro marco que projetasse reflexos, concluindo, portanto, que o lugar era aquele mesmo — e supondo, lógico, que a informação estivesse correta.

Quando chegou o momento, Kaira ficou de pé. Encarou a coluna com firmeza, tentando perceber qualquer flutuação, por menor que fosse, física, astral ou etérea. Os demais estavam um passo atrás dela, igualmente concentrados, caçando uma pista que justificasse a viagem.

– São onze horas – resmungou Urakin, preciso ao calcular os minutos. – Onde está a maldita passagem?

– Vamos aguardar mais um pouco – com a voz calma, a arconte tranquilizou o amigo. – Talvez Abul tenha se enganado por alguns instantes.

– Não acho que ele tenha se enganado – o comentário de Ismael caiu como uma pedra.

– Então o diabo mentiu? – O Punho de Deus trincou os dentes. – Eu desconfiava desde o início. Desgraçados sejam os escravos de Lúcifer.

– Paciência – o Executor era dúbio. – Seria precipitado julgá-lo sem antes considerarmos cada uma das possibilidades.

– Que possibilidades? – provocou o guerreiro. – Não são vocês juízes, carrascos, algozes? Onde está o seu senso de justiça, quando ele realmente se faz necessário?

– Somos impiedosos, tem razão, mas não condenamos ninguém à revelia – explicou Ismael. – Estou convencido de que Abul nos disse a verdade.

– Será então que a passagem se fechou? – insistiu Kaira. Já se haviam transcorrido dez minutos, e a situação era preocupante. O posto de controle era a única pista que poderia levá-los a Egnias. Sem isso, eles estariam de mãos vazias. – Será que regrediu com a banalização do tecido?

– Por que não voamos para Londres agora? – sugeriu Urakin, a ira corando seu rosto. – Vou arrancar as informações daquele patife. Permita-me, arconte. Permita-me.

– É tarde para isso – ela o censurou. – Ademais, outros como Astron podem nos rastrear sempre que cruzarmos o tecido, então evitemos a desmaterialização daqui por diante – tirou o casaco. – Vamos pensar.

Urakin estava tão irritado que saiu para caminhar, o que geralmente o ajudava a ter boas idéias, já que essa era a determinação da arconte. Como guerreiro celeste, ele abominava os espíritos demoníacos, fossem de qualquer casta, e a parceria com Abul nunca o agradara de fato. Como soldado, todavia, ele aprendera a avaliar a situação, buscando opções, procurando alternativas, observando a crise em todos os aspectos.

Galgou a ribanceira anterior ao mosteiro, pairou no alto de uma rocha e de lá contemplou o vale mais uma vez, que no verão era empoeirado, muito seco, com uma grande faixa marrom até a subida aos picos. Concentrou-se na figura de seus amigos, pequeninos diante da estupa, e de repente reparou na sombra que o monumento projetava. Catou do chão uma vareta e desceu o aclave correndo, regressando à presença do grupo.

De início, ficou quieto – ele queria, antes, testar a sua teoria, para só então apresentá-la à equipe. Com a vara de madeira, traçou um círculo ao

redor da coluna, acrescentando, sobre o risco, marcações semelhantes às de um relógio. Depois, tomando o cume do Everest como ponto inicial, isto é, como referência para o meio-dia, caminhou sobre o círculo até o traço correspondente às onze horas, quando um reflexo no auge das montanhas o cegou.

— Encontrei a passagem — ele anunciou. — Ou melhor, a direção dela.

O Punho de Deus explicou sua lógica: — Onze horas não é um período do dia, é o ângulo. — Mostrou a sombra que se esticava no cascalho. — A estupa serve como eixo; o bico do monte, como norte.

Kaira pisou sobre a marcação e comprovou o que ele dizia. A luz só piscava na exata aresta das onze horas, ou seja, aos 330 graus, "nem um minuto a mais, nem um minuto a menos", como declarara Abul. Em relação à estupa, o reflexo indicava uma estreita fatia entre o norte e o noroeste, sugerindo que aquele era o caminho que eles deveriam tomar.

— É uma bússola solar — ela afastou os longos cabelos do rosto. — O clarão nas montanhas age como farol. Suponho que não podemos nos desviar um só passo da rota.

— Sim, as coordenadas são absurdamente precisas — concordou Ismael.

— Um descuido para um lado ou para o outro e a passagem se perde.

— Pode nos conduzir através desta reta? — Kaira perguntou ao guerreiro.

— Não é difícil. — Para um querubim, realmente não era. — Mas preciso que me acompanhem à risca e sobre qualquer obstáculo. O brilho nos guiará para dentro dos glaciares.

— Eu avisei que Abul era uma fonte segura. — Ismael queria fazer justiça ao antigo colega, ainda que ele fosse um diabo. — Nunca teve a intenção de nos enganar.

— Ainda tenho minhas dúvidas. — Urakin não dava o braço a torcer. Ele tinha opiniões duras acerca de seus inimigos, como teria qualquer militar em estado de guerra. — Quem pode ter certeza para onde o caminho nos levará?

Kaira pôs termo à discussão:

— Compreendo isso tão bem como você. Mas temos de correr o risco.

— Às suas ordens — anuiu o gigante, e não disse mais nada. Principiou a marcha imediatamente, com os companheiros em seu encalço, até que o Executor o chamou.

— Bom trabalho, soldado. — Ele não queria alimentar mais disputas. Eram aliados, e não rivais. — Ao que vejo, é muito mais que uma montanha de músculos.

— Você também não é de todo ruim, Ismael. — Era o mais perto que ele chegaria de se desculpar. — Mas precisa escolher melhor os amigos.

ARDENAS, 1944-1945



ARDENAS

Passo de Elsenborn, Bélgica, 6 de janeiro de 1945

APESAR DO SUCESSO DAS OPERAÇÕES QUE SE SEGUIRAM AO DIA D, NO COMEÇO do inverno de 1944 o rumo da guerra na Frente Ocidental permanecia incerto. O domínio dos nazistas sobre a Normandia caíra, Paris fora recuperada, a Luftwaffe estava em frangalhos, mas, mesmo com os Aliados tão perto de casa, o alto comando alemão não dava sinais de que se renderia. Por todo o outono, a Grande Rubra esteve empenhada em desmontar as guarnições inimigas no nordeste da França, cruzando a Bélgica numa incursão penetrante e finalmente alcançando a Alemanha em setembro, quando teve início a Batalha de Aachen, a maior e mais sangrenta da divisão em toda a Segunda Guerra Mundial.

Com suas fronteiras ameaçadas, Hitler tomou a decisão de contra-atacar no ponto mais fraco. O setor escolhido foram as Ardenas, uma região coberta por densas florestas, ravinas profundas, cristas rochosas e cursos d'água velozes entre a Bélgica, a França e Luxemburgo, que até então era tida como o trecho mais calmo da linha, um "paraíso" para onde eram enviados os soldados feridos. No princípio do mês de dezembro, a tarefa das unidades americanas ali estacionadas se limitava a guardar casas e patrulhar aldeias, um cenário que mudaria radicalmente na madrugada do dia 16.

A Batalha do Bulge, como mais tarde ficaria conhecida, foi uma iniciativa ousada — ou desesperada — do Fuhrer, mas tinha boas chances de dar resultado, primeiro porque o lugar era improvável, afastado e pouco estratégico, segundo pela geografia difícil e acidentada, e terceiro porque ninguém esperava que, depois de Aachen, os germânicos tivessem fôlego para lançar um ataque tão forte. O plano básico consistia em reproduzir as táticas clássicas da Blitzkrieg, com uma intensa barragem de artilharia seguida pelo arranque das tropas de assalto e dos tanques Panzer.

Os canhões se puseram a trovejar exatamente às 5h30 do dia 16, mas o que era para ser uma "guerra-relâmpago" foi contido pela resistência aliada, o que poria em risco todo o planejamento de Hitler. Entretanto, parte das divisões Panzer conseguiu perfurar a linha, cercando os estadunidenses em um bolsão ao redor da cidade de Bastogne, daí o nome Batalha do Bulge, ou Batalha do Bolsão.

A notícia chegou rapidamente ao gabinete do general Eisenhower em Versalhes, que compreendeu o perigo e ordenou o deslocamento de mais homens para o território a oeste das Ardenas. Elementos da 1ª Divisão de Infantaria, que ocupavam Aachen, foram então obrigados a regressar às suas posições anteriores na Bélgica, onde se reagrupariam na manhã do dia 17.

Por todo o mês de dezembro, os combates foram tão impetuosos que, ao

término, em 25 de janeiro de 1945, a guerra na Frente Ocidental estaria praticamente encerrada.

Embora os confrontos só viessem a cessar oficialmente no fim do mês, o dia 3 de janeiro foi marcante como a última grande marcha alemã na tentativa de tomar Bastogne e arredores. Nas semanas que se seguiram, só havia dois tipos de soldados germânicos: os cansados, que capitulavam às dezenas, e os fanáticos, que continuariam combatendo até que o próprio Führer tombasse. Desse ponto em diante, as patrulhas foram orientadas a perseguir o inimigo e neutralizá-lo, e assim os embates se tornaram brigas de gato e rato, um jogo de esconde-esconde que assustava os recrutas e os fazia dormir com um dos olhos aberto.

A 4 de janeiro, Denyel e parte da Companhia F, incluindo os veteranos da Itália, receberam a missão de vigiar o passo de Elsenbom, cujas cercanias haviam caído em 26 de dezembro e que, portanto, há nove dias jazia nas mãos aliadas. Desde o Natal corria o boato de que os nazistas haviam descoberto uma trilha através das colinas, que serpenteava por Luxemburgo e terminava na Alemanha, por meio da qual traziam armas e suprimentos para as divisões Panzer e para as tropas de elite da Wehrmacht. A tarefa de encontrar essa trilha não foi de prioridade inicial, por conta das nevascas e do nevoeiro cerrado, tão espesso que confundia os infantess e os fazia, por vezes, disparar uns contra os outros.

Sob as ordens do general George Patton, Craig, Denyel e cerca de trinta homens da Fox rastreamos pegadas na neve e montaram um posto avançado no bosque que se prolongava ao sopé da ravina, a partir de onde se comunicavam com o quartel por um rádio de médio alcance.

O episódio em Marie et Louise continuava a ser um tabu. O exilado não tinha o menor interesse em falar a respeito, e Craig também não o estimulava, sempre focado nos próximos objetivos, nas táticas de combate e em tudo o mais que se fazia na guerra. Anos à frente, o querubim ficaria sabendo que, no retorno a Saint-Lô, o sargento escrevera um relatório informando aos seus superiores que a cidadela continha uma "estação de rádio espã", destruída com sucesso por ele, e abrigava uma "matilha de cães" especialmente treinada para "matar americanos".

Na madrugada do dia 6, um mensageiro vestindo o uniforme da 28a Divisão, dotado de um estranho sotaque, entrou no acampamento com uma ordem por escrito e a entregou a Tom Craig. Minutos depois, o sargento carregou a Tommy Gun e percorreu as trincheiras exigindo que todos os soldados estivessem despertos quarenta minutos antes do amanhecer. Denyel limpava o cano do rifle quando o escutou sussurrar:

– Quero você na ponta amanhã.

– Sim, senhor – o anjo respondeu sem pestanejar. – Instruções?

– Encontramos a trilha. – Mas ele não estava tão excitado quanto deveria. Observou os galhos cobertos de gelo. – Estou com um pressentimento ruim.

— Coloque essa bosta para funcionar, garoto. — Acocorado em uma vala, sugando a fumaça de seu último cigarro, Craig discutia com o operador de rádio, o especialista John Mills, um rapaz de olhos verdes, cabelos claros, rosto pequeno. — Não aprendeu nada na droga do curso?

— Estou tentando, senhor. — O jovem movia os botões, apertava os fios, mas tudo o que lhes chegava era estática, nua e crua. Na década de 40, os aparelhos de rádio portáteis eram ainda pesados caixotes de metal com ganchos parecidos com os dos telefones de mesa, antena retrátil e bandoleira de couro. — A tempestade está atrapalhando o sinal, e a proximidade com as colinas também não ajuda. Se nos afastarmos um pouco...

— Para o inferno com isso. — O sargento checou o relógio. Eram cinco horas da madrugada. Estava escuro e nevava fraco. — Estamos ficando atrasados. — Conforme mandava o protocolo, ele precisava confirmar a ordem do mensageiro com a central de comando, mas naquelas condições seria realmente impossível. A nevasca diminuía abaixo das árvores, mas as correntes de ar estavam carregadas de cristais de gelo, interferindo pesadamente nas transmissões. — Vamos ter que nos mover assim mesmo — saiu do buraco. Os trinta homens saboreavam o desjejum, acomodados dentro de nove abrigos cavados na terra. Àquela altura, a refeição matinal consistia em três barras de chocolate Hershey's, a chamada ração tipo D, despejada dias antes por uma esquadrilha de aviões C-47, acrescida de tabletes de caramelo e uma porção de café solúvel. — Escutem, todo mundo olhando para mim — ergueu a voz. — Levem só as granadas de mão e as armas leves, mais nada. — E com o indicador selecionou dez soldados. — Vocês vão ficar aqui, tomando conta do equipamento. O resto esteja pronto para marchar dentro de quinze minutos.

Sendo um dos veteranos, calejado desde as batalhas na Sicília, Denyel foi o escolhido para liderar a patrulha, ou seja, para caminhar na frente, ou na "ponta". Os vinte praças deixaram o posto avançado às 5h20, deslizando furtivos através do nevoeiro, percorrendo a floresta no breu, sempre atentos às ondulações do terreno. Com os alemães espalhados pelo bosque, o perigo de tropeçar em uma trincheira inimiga aumentava, ou de despencar numa armadilha de estacas, ou ainda de topar com uma casamata germânica.

Dez minutos após o alvorecer, os patrulheiros encontraram o que parecia ser uma alameda, mais ou menos oculta entre as árvores, com marcas de lagartas traçadas no chão. À esquerda, um barranco subia, e à direita continuava para baixo, numa descida que terminava em um córrego, dali a quarenta metros. Os pinheiros à volta eram especialmente altos, o que tornava a estrada tenebrosa, soturna, feita sob medida para uma emboscada. O melhor de tudo, reparou o sargento, era que uma bomba perdida, lançada na ofensiva do dia 3, destruíra algumas plantas ladeira acima, espargindo troncos e galhos, fornecendo uma barreira natural para camuflagem, dando à mata a aparência da mítica Sherwood dos filmes de Douglas Fairbanks.

Craig posicionou uma guarnição de cada lado da trilha e outra que atacaria pela dianteira, deixando livre apenas o caminho de volta, por onde

a mensagem dizia que os alemães chegariam. Às 6h30 em ponto, uma carroça escoltada por dois fuzileiros a pé apareceu na curvatura.

— Bem na hora — o sargento tornou a conferir o relógio. — Esses azedos não me deixam na mão.

A carroça, coberta por uma lona branca, larga e pesada, era puxada por dois cavalos e guiada por um soldado alemão de uniforme, embora sua insígnia ainda não estivesse visível. Ao seu lado, na boléia, protegiam-no dois guardas, armados com submetralhadoras MP-40, e sobre o cargueiro, sentados, havia mais três combatentes, além dos dois pedestres, estes portando carabinas Mauser, totalizando oito indivíduos. Usavam capote branco, capacete de aço e traziam na cintura o souvenir mais cobiçado pelos norte-americanos na Europa: pistolas Luger P-08, tidas como um "troféu" a se levar para casa.

Craig combinou que Denyel daria o primeiro tiro e que esse seria o sinal para que os demais principiassem o levante. Juntos, eles rastejaram para trás de uma pedra, apoiaram suas armas num pedaço de tronco e aguardaram pacientemente o momento.

— Já os tem na mira? — perguntou o sargento. A orientação era para cessar os disparos quando só restassem dois inimigos em pé. Descobrir a trilha de suprimentos tornara-se a prioridade número um, e o que eles mais precisavam agora era de prisioneiros que lhes dessem respostas.

— São agentes das SS gerais — o celeste os avistou através de um emaranhado de galhos. A SS, a guarda especial do Partido Nazista, era dividida em Waffen-SS, a tropa armada, e Allgemeine-SS, ou SS gerais, cujos associados tinham objetivos políticos e raramente se envolviam em batalhas. Na prática, qualquer germânico, militar ou não, fosse intelectual, sacerdote ou general, podia ser membro das SS gerais.

— Tem certeza? — Craig não enxergava direito.

— Tenho — confirmou o querubim. — Ostentam o raio duplo bordado na lapela. — O emblema da SS reproduzia a forma de dois raios e fora idealizado tendo por base as runas nórdicas. — Devo atirar?

— Por que a dúvida?

— Se pertencem às SS gerais, há risco de que sejam civis.

— Quem viaja armado não é civil, ainda mais em tempos de guerra — decretou o sargento. — Chumbo neles.

— Sim, senhor — Denyel anuiu com um gesto. Levou o dedo ao gatilho do Garand. Havia anos ele não hesitava ao matar, não sentia culpa ou remorso. Depois de tantas pelejas, de tanto sangue derramado, a coisa se tornara automática. Sentia-se confortável em cometer assassinio, mesmo quando ordenado a atirar às escondidas, sem dar chance de reação, o que em tese contrariava todos os princípios da casta guerreira.

Ouviu-se o baforar de espoleta, seguido pelo zumbido de uma bala traçante. O projétil entrou pela face esquerda do carroceiro, perfurou-lhe o cérebro e abriu um buraco no topo do crânio, jogando longe o seu elmo.

Craig deu um pulo para frente, brandiu a Thompson e metralhou o soldado mais próximo, enquanto o resto da patrulha atirava à vontade.

Pegos no meio da confusão, os cavalos se assustaram, deram pinotes, coices, soltaram relinchos. Mais dois alemães foram exterminados na hora, enquanto procuravam seus agressores na mata. Os quatro guardas da SS ainda vivos saltaram para baixo da carroça e responderam com fogo, ferindo três americanos, um gravemente, e matando outros dois em atuações magistrais. Não eram civis, nem próximos a isso. Eram soldados de elite, instruídos em táticas de ataque e revide, mentalmente condicionados a nunca esmorecer em ação.

O tiroteio durou pouco mais de três minutos, uma eternidade para uma tocaia que em condições normais seria decidida em questão de segundos. A favor dos nazistas, além do treinamento superior, estava a cobertura de galhos, que, ao mesmo tempo que camuflavam os atiradores norte-americanos, os limitavam em precisão.

Quando só restavam dois alemães, o sargento deu a ordem para conter o assalto, permitindo que os acuados escapassem, e foi exatamente isso o que eles fizeram, regressando a pé ao caminho de onde vieram. Um deles, porém, foi atingido na nuca pelo recruta Jimmy Doe, de Minnesota, descontrolado ao ver um de seus amigos estatelado. O novato já engatilhava a segunda cápsula quando Craig o segurou pelo rifle.

— Eu disse para cessar fogo, imbecil! — o sargento puxou-lhe a arma. Os outros praças quedaram perplexos, afinal Craig não costumava ser piedoso com os inimigos, então por que seus soldados deveriam poupá-los? Quase como resposta, ele se virou para Denyel: — Pode rastreá-lo?

— Quem, o nazista? — Era uma tarefa elementar, com o solo amaciado por centímetros de neve. — Como um cão que persegue uma lebre.

— Então, pode ir. Se manda. — E voltou a atenção aos seus homens. — Agora, rapazes, vamos ver o que esses merdões transportavam.

O TORREÃO

O EXAME INICIAL DA CARROÇA REVELOU UMA CARGA IMPREVISTA. OS CAIXOTES mais acima da pilha traziam, além de grande quantidade de munição, rifles automáticos MP-44, uma inovadora mistura entre fuzil e metralhadora que seria largamente usada nos anos pós-guerra. Em janeiro de 1945, o MP-44 era uma arma rara, considerada a ponta de linha dos rifles de assalto, até a invenção do soviético AK-47, que teve como inspiração o projeto germânico. O MP-44 chegara a ser brevemente empregado nas Ardenas, e os americanos já o conheciam, o que lhes deu uma pista de que o carregamento que interceptaram poderia de fato estar vindo da "trilha".

As caixas mais ao fundo, porém, eram as que escondiam o verdadeiro segredo. Ocultas sob pedaços de jornal, havia doze barras de ouro divididas em quatro arcos, numeradas e marcadas com a águia nazista, o que deixou os soldados eufóricos. Com a morte dos dois recrutas e incluindo os sentinelas que haviam ficado no acampamento, eles somavam 28 homens e, se pudessem descobrir a origem dessa dinheirama, voltariam ricos para os Estados Unidos. Para evitar brigas, e com a responsabilidade de manter a equipe sempre coesa, Craig mandou que os caixotes fossem acondicionados e enterrados sete palmos abaixo da terra – ninguém deveria tocar no ouro até que ele ordenasse.

Enquanto o pelotão sepultava seus mortos, Denyel seguiu as pegadas na neve, que o conduziram a uma região da floresta onde as árvores haviam sido cortadas, abrindo uma clareira à volta de um rochedo. No centro desse passo corria uma fenda, suficientemente larga para a travessia de tanques e caminhões. Construído na face direita do morro, a meio caminho entre o chão e o topo, encontrava-se um torreão de três andares, com dez metros de altura, encimado por um terraço medieval, feito com blocos de pedra e dotado de ameias que dariam uma fabulosa cobertura a quem as guardasse. A torre, que em outros tempos teria sido a primeira linha de defesa para uma fortaleza maior, parecia abandonada havia meses, mas o exilado sentiu cheiro de pólvora e concluiu que ela na verdade mascarava um paiol. Em suas câmaras, os alemães espreitavam, rígidos, quietos, polindo e carregando suas armas, prontos a alvejar quem se aproximasse. A clareira, com cem metros de extensão das árvores à fenda, fora evidentemente aberta com propósitos estratégicos, para que os guardas, de longe, avistassem os invasores chegando.

O cenário não deixava dúvidas. Se realmente existia uma trilha secreta, aquele era o acesso a ela.

De volta ao posto, Denyel contou a Craig o que vira. O sargento ouviu as indicações em silêncio, o rosto grave, sisudo, e se decidiu por um ataque

imediatamente, reduzindo a possibilidade de "o inimigo se reagrupar". Como o rádio ainda não funcionava, o pelotão saiu para o embuste logo depois do almoço, dessa vez levando consigo todo o armamento pesado, transportando morteiros, bazucas, lança-chamas e explosivos nos ombros.

A caminhada não levou mais que quarenta minutos. O céu estava nublado. Trovejava. Craig tinha à sua disposição um número razoável de homens, entre novatos e veteranos, bem armados e perfeitamente capacitados para missões de alto risco, embora alguns estivessem lentos, resfriados pelo vento cortante.

Para realizar o assalto, ele formou três linhas de escaramuça. A primeira era composta por dez fuzileiros de vanguarda, que deveriam avançar e tomar o torreão, enquanto a segunda linha, recuada nos pinheiros, proveria a cobertura de fogo. A terceira linha era basicamente composta por um grupo de artilharia móvel, munido de três lançadores de granadas, que aguardaria a ordem para explodir o prédio, caso fosse necessário.

Denyel estava na segunda linha, com o rifle a tiracolo. Os alemães que guardavam o estreito eram disciplinados e pacientes, ele considerou, porque desde cedo não houvera um movimento, um barulho, um pio. A torre tinha dois pontos de atenção, de onde poderiam partir os ataques: as seteiras do segundo andar, que eram na realidade janelas delgadas, e as ameias do terraço, com intervalos dentados que proporcionavam grande refúgio de tiro. O acesso à porta era feito por uma escadaria lateral, com degraus de alvenaria já velhos e quebradiços, que começava dentro da ravina e, por isso, só poderia ser alcançada uma vez que a passagem fosse devidamente transposta.

Quando o sargento deu o comando para atacar, os dez combatentes não acharam que seria uma tarefa difícil, afinal, por mais que houvesse alemães na área, eles estavam enfraquecidos e não podiam ser tão numerosos. Mas já na metade da corrida, vencidos os primeiros cinquenta metros, os disparos começaram a soar. Um tiro no pescoço matou o cabo que liderava o arranque, e simultaneamente uma metralhadora cuspiu rajadas através da seteira, levando ao solo mais cinco praças, sendo que os outros quatro conseguiram adentrar a garganta.

Os recrutas na segunda linha revidaram desesperadamente contra o torreão, fazendo uso pesado das metralhadoras, mas sem nenhum resultado, uma vez que os alemães estavam bem protegidos, ocultos atrás das muretas. Mais projéteis foram assim direcionados à linha das árvores, atingindo a equipe recuada, fazendo numerosas vítimas, numa pavorosa orgia de sangue. Um infante ao lado de Denyel caiu duro, outros três foram rasgados ao meio por uma salva transversa.

— Fui atingido! — gritou alguém dentro do bosque, ao mesmo tempo em que se escutavam sucessivas chamadas aos paramédicos.

— Enfermeiro — gemeu outro recruta, com uma grande perfuração na barriga.

— Socorrista, socorrista — implorou um terceiro, tentando segurar o braço em pedaços.

— Segunda linha, avançar — esbravejou Craig chutando as costas dos que ficavam parados. — Mexam-se, seus frangotes. Vamos sair daqui!

O exilado foi um dos primeiros a correr. A metralhadora não se cansava de estalar, massacrando impiedosamente os americanos que cruzavam a clareira. Denyel foi cortado no bíceps por um tiro de raspão, parou para dar o troco, mas nesse instante um foguete estourou contra a seteira, abrindo um enorme buraco na frente da torre, desmoronando a parede, esmagando a metralhadora e deixando à mostra o cômodo de onde os alemães disparavam. O segundo andar, que fora agora revelado, era um aposento circular e pequeno. Lá, havia perto de dez guardas, dando a impressão de um formigueiro recém-aberto. Na sequência, um rojão lançado pelo terceiro-sargento Glen Julius, condecorado com a Coração Púrpura na África, carbonizou os sentinelas remanescentes, mas a guarnição estava longe de ser derrotada.

Cinco combatentes da Grande Rubra, os exatos que haviam conseguido penetrar o desfiladeiro, marcharam escadaria acima, com a intenção de tomar o baluarte. De repente, a porta do primeiro andar se escancarou e um nazista de capote negro fuzilou todos com uma descarga de seu MP-44. Entrementes, outro atirador de elite, posicionado nas ameias, acertou a cabeça de dois americanos em campo aberto, mas logo foi morto por uma bala de espingarda, curiosamente disparada pelo especialista John Mills, o operador de rádio, que quase não possuía experiência em combate.

Denyel ganhou a ravina com mais seis soldados, e agora os alemães do andar térreo eram os únicos adversários restantes. Craig se juntou ao celeste e a outros três rapazes da artilharia leve, um deles trazendo um cilindro de lança-chamas. O percurso pela escadaria era arriscado, mas não havia outro caminho. Os degraus ascendiam rentes à encosta, e o sargento foi na dianteira. Encontrou a porta fechada. Consciente da armadilha, recuou alguns metros, solicitou uma bazuca e atirou contra o arco de entrada, a uma distância relativamente pequena. Os artilheiros que o acompanhavam protegeram o rosto, se encolheram no chão. A passagem foi aberta e Craig entrou. Puxou a Colt, arma mas indicada para matar à queima-roupa.

No piso inferior, a fumaça era tanta que não se via um palmo sequer. Um oficial da SS apareceu por trás dele, deu um chute na pistola e investiu com uma faca. Craig se esquivou, pegou um machado que descansava sobre uma pilha de lenha e encravou-lhe a lâmina na testa. Denyel passou correndo por ele, tomou a escada para o segundo nível, continuou subindo e alcançou o terraço, mas só encontrou o atirador de elite, deitado de bruços, a garganta furada.

Virou-lhe o corpo, para ter certeza de que estava morto, e teve uma surpresa ao reparar que ele não era alemão, pelo menos não etnicamente. Sua pele apresentava tons escuros, acinzentados, similar à tez dos indianos, mas assim como os outros ostentava a platina das SS gerais.

– Sargento? – ele gritou por Craig, que em instantes apareceu no eirado. – O senhor tem que ver isso – mostrou o rosto plúmbeo do suposto agente hitlerista.

– Quer saber mais o quê? – O texano entregou a Denyel duas braçadeiras que havia recolhido dos soldados que matara. Nelas, fora costurado o mesmo símbolo que eles haviam visto pela primeira vez no galhardete em Marie et Louise: a figura do sol negro, com os raios partindo do centro. – Reconhece?

– O nome disso é encrenca. – A possibilidade de haver nazistas não "arianos", como Hitler classificava os povos germânicos, era intrigante, mas o que na verdade os perturbava era o estranho brasão, indubitavelmente associado às criaturas da ilha. – O que estariam fazendo aqui?

– Não sei. – Do topo da torre, era notório o massacre. A Companhia F havia perdido quinze homens, a maioria soldados experientes. Os defuntos se afundavam na neve, e por toda parte a sanguinolência imperava. – Seja o que for, esses bastardos vão pagar. – Deu uma ordem aos sobreviventes: – Evacuem os feridos. Deixem os mortos para trás. – A leste, o desfiladeiro terminava numa floresta, e a trilha seguia naquela direção. – Vamos prosseguir agora mesmo.

GRITOS CALADOS

OS QUE SOBREVIVERAM AO ATAQUE AO TORREÃO ERAM TREZE, E ENTRE ELLES HAVIA seis combatentes gravemente feridos. Craig destacou dois homens para ficarem na clareira — um paramédico e um capelão —, com a incumbência de tratar os moribundos e contatar a central de comando. Restaram assim três soldados, além de Denyel, apenas escoriado no braço, e do próprio sargento, aptos a dar sequência à caçada. Os outros eram John Mills, que trocara o rádio pelo morteiro, o recruta Toddy Malone, operador de lança-chamas, e o terceiro-sargento Glen Julius, o praça condecorado na África. O grupo reduzira-se, então, a cinco patrulheiros, que no entanto eram "bastante duros", como Craig observara em seus relatórios, semanas antes.

O caminho através da ravina desembocava em outra floresta. Cercada por colinas rochosas, tinha as árvores muito próximas, os pinheiros quase espremidos. Já era perto das quatro horas da tarde, o dia escurecera e o nevoeiro engrossara. A neve parou de cair, mas a temperatura despencara, fazendo as mãos do jovem Mills tremularem.

Já na boca da mata, Denyel escutou gritos através do tecido, urros fantasmagóricos que os mortais não podiam captar, mas eram capazes de sentir. A membrana se afinava à medida que eles avançavam, provocando uma sensação de gelo na espinha, misturada ao fedor de carne podre.

— De novo este cheiro — resmungou Craig, recordando o característico odor dos esgotos de Marie et Louise. — Pronto para a briga, fuzileiro?

— Sempre pronto, senhor. — Deu dois passos adiante, afastou as folhagens, mas o que surgiu entre as brumas não era exatamente o que eles esperavam.

Por todo o terreno, brotavam, um após o outro, corpos em decomposição, empalados com estacas de roseira, os olhos fitando o céu, o rosto contorcido de agonia. Não eram militares, na certa, tampouco guerrilheiros, porque além de homens havia mulheres, jovens, idosos, crianças, alguns tatuados com numerações no antebraço. Mortos em períodos desiguais, vários com o esqueleto à mostra, outros com os músculos secos, todos haviam padecido do mesmo destino: a exemplo do paraquedista pendurado nas árvores, na Normandia, eram também avejões, fantasmas cuja alma não ascendera. Diferentemente do soldado do 506º Regimento, porém, que jurava estar vivo, esses defuntos sabiam estar mortos e eram mantidos forçosamente na terra, o querubim só não percebia o motivo. O resultado prático dessa monstruosidade se refletia na suavização do tecido, com tantos espíritos berrando, sacudindo a membrana, doloridos, incapazes de subir ao Elisio. O bosque se convertera, assim, num santuário artificial, criado por meios mágicos, fabricado por alguém com conhecimento em bruxaria.

— Santo Deus. — Malone trincou os dentes, e não era de frio. — De onde vem toda essa gente?

— Sargento — o praça Glen Julius o chamou. Cavara um buraco na neve. — Olhe só — mostrou um trilho de trem. — Devia passar uma ferrovia aqui.

Denyel raspou a unha sobre o metal, removendo a crosta de ferrugem.

— Pelo grau de oxidação, está parada desde a Grande Guerra. — Era assim que as pessoas em geral se referiam à Primeira Guerra Mundial nos anos anteriores a 1939. — Definitivamente, esta é a trilha da qual nos falaram.

— Filhos da puta — Craig pisou no gelo. Com a sola, acompanhou a dureza do ferro. — Vamos descobrir onde esta estrada começa. — Mas, ao ver que o recruta Toddy Malone apresentava sintomas de choque, ele confiscou seu lança-chamas, entregou-o a Julius e o fez dar meia-volta. — Recue ao torreão, Malone. Sua tarefa é cuidar dos feridos.

— Sim, senhor — ele gaguejou, prestou continência e regressou à garganta, correndo como uma criança que foge de um cão.

— Muito bem — o sargento encarou os patrulheiros restantes. — Daqui para frente fica só quem tiver culhões — disse. — Culhões de verdade.

Denyel olhou para o céu. A névoa branca encobria a copa das árvores, obstruía os raios de sol, e como precaução Craig ordenou que os soldados andassem em fila indiana, praticamente colados um ao outro, uma formação taticamente perigosa, mas necessária para que o grupo não se perdesse.

Os trilhos se tornavam mais protuberantes a cada metro, continuavam por uma estradinha de terra e culminavam em uma pequena estação de trem, vazia mas funcional, com uma plataforma de desembarque e um pavilhão de chegada, paredes de madeira, largas janelas de vidro e telhas oblíquas, copiando as casas alpinas, mais comuns no norte da Áustria. Os bancos de espera acumulavam montículos de neve, como se ninguém os tivesse alisado desde o princípio do inverno. Os postes, feitos com toras de árvore, tinham os fios partidos e as lâmpadas apagadas. Uma imensa mola de aço indicava que aquele era o fim da linha, e encostado a ela repousava um vagão solitário, sem assentos ou portas, com a pintura descascada.

Craig arrombou o galpão. Não havia nada lá dentro, só um relógio preso à parede, um carrinho de mão, cacos de vidro e uma escada portátil. O jovem Mills estava com ele, enquanto Julius e Denyel checavam o vagão, que por sua vez também não fornecia muitas pistas. No trem, a única coisa que eles encontraram foi uma camisa listrada, que pela rusticidade do tecido só podia ter pertencido a um prisioneiro de guerra.

As duas equipes se reuniram na plataforma. O sargento observou a estrada que subia às colinas, ponderando sobre o que, estrategicamente, seria o mais coerente a fazer. A mata, eles sabiam agora, era cercada por morros de rocha, constituindo uma fortaleza natural, um esconderijo muito bem guardado e ainda sedimentado por uma névoa compacta. Era uma incógnita o que os aguardava acima, e ciente disso Craig buscou a escada,

apoiou-a em um dos postes e mandou que Mills a escalasse, para tentar visualizar as posições inimigas. O rapaz aceitou a empreitada, galgou os degraus, desapareceu no nevoeiro, e de súbito eles ouviram um estalo, não muito diferente do destampar de um champanhe. A escada tombou e junto dela caiu o novato, com um orifício redondo no meio da testa.

Mais tiros perfuraram a face esquerda do pavilhão, castigando a parede que dava para a rua. O reflexo de Craig foi revidar, disparando a Thompson em direção a lugar algum. Denyel o puxou para trás dos bancos de espera, de frente para a plataforma, onde teriam melhor cobertura, já que o ataque partira do outro lado.

— O atirador só pode estar na colina — segredou o exilado, ao som de mais balas que pipocavam. Esticou a cabeça rapidamente, numa tentativa de enxergar o atacante.

— Pode ser outra guarnição inteira — anuiu Craig, deitado no chão. — Que merda — divisou o corpo do pobre Mills, com a cara sangrando. — Esses alemães são piores que baratas.

— O que vamos fazer? — perguntou Julius, que aos poucos entrava em colapso, como acontecera a Kevin Taylor, Bobby Joe, Albert Bruno e mais recentemente a Toddy Malone. — E se for mais um daqueles torreões? E se eles tiverem metralhadoras? E se possuírem artilharia?

— Desfaça-se do lança-chamas, Julius — ordenou o sargento. — Se um tiro acertar o cilindro, estamos todos fodidos. — E juntos eles regressaram ao armazém, atravessaram o chão rastejando e pararam ao lado da saída que se abria à estrada. — Vamos ter que subir agachados.

— Subir? — o terceiro-sargento não aprovava a estratégia. — Jesus Cristo, somos só três.

— Daqui não tem saída, Glen — Denyel tentou acalmá-lo. — Para cima ou para baixo, eles vão nos pegar do mesmo jeito. Se for um só, pelo menos podemos emboscá-lo.

— É tarde para recuar. — Craig encarou o exilado como se soubesse que ia morrer, como se de fato quisesse morrer, agora que a guerra estava terminando. Homens como ele não teriam lugar em um mundo pacífico, eram legítimos guerreiros, nascidos para a batalha, feitos para viver e perecer em combate. Desde que se tornara um anjo da morte, Denyel conhecera muitos sujeitos como Craig, e ainda conheceria outros, mas nenhum dotado de tamanha coragem. — Sobreviveremos com nossas armas, ou então morreremos com elas. — E, após uma pausa dramática: — Avançar.

Os três soldados percorreram a estrada em completo silêncio, o que evidentemente tornou o progresso mais lento. De uma patrulha de ataque eles haviam se convertido, pela força do acaso, em uma minúscula equipe de infiltração, sendo que a furtividade era agora seu principal atributo. A sobrevivência, da estação para cima, dependeria sobretudo da sorte — se o atirador os enxergasse, seria o fim da jornada.

A alameda fazia uma curva à esquerda, ganhava calçamento e continuava rente a um abismo escarpado, tortuoso e cheio de vincos, como se fizesse parte — ou como se fosse o início — de uma construção maior. Os berros espectrais eram ainda audíveis, amaciando o tecido, distendendo a membrana, sustentando as cordas daquele santuário medonho.

Desde que haviam descoberto o atirador indiano, parecia-lhes óbvio que eles não estavam lidando com pessoas normais. Denyel pensou em persuadir Craig a recuar, mas, mesmo que essa fosse uma opção (o que não era mais, àquela altura), o sargento jamais voltaria, como deixara claro em episódios progressos. O exilado, por sua vez, nunca tivera escolha, realmente. A conclusão de tudo o que presenciara na cidadela normanda convergia para o caminho a seguir, e o fato de o destino tê-los levado àquele ponto não era só coincidência. Sólon devia ter antevisto os dois eventos, ele calculou, e certamente a ordem de se transferir para a Companhia F e de confiar "em seus instintos" era premeditada. Sendo assim, descobrir o real significado do brasão estampado no galhardete da igreja, dos vultos que o atacaram e do obelisco na câmara de esgoto se tornara sua missão prioritária, algo que o Primeiro dos Sete buscava acima de todas as coisas.

Ao contornarem, uma segunda curva, o trio formado por Craig, Denyel e Julius se viu em um patamar acima das nuvens, como se agora a neblina se concentrasse abaixo deles, dando ao bosque a aparência de um caldeirão de bruxa, com vapores turvos, dançantes. Sobre o morro, eles então avistaram um gigantesco castelo, parte renascentista, parte gótico. A ala frontal datava da Renascença, com duas enormes torres coroadas por telhados de ardósia, ligadas por um longo pavilhão de janelas envidraçadas. Na parte traseira, erguia-se a guarita medieval, com ameias no terraço e seteiras ao longo dos seus 25 metros. Essa torre se conectava às outras duas por uma muralha do século X, delineando o complexo na forma de um triângulo isósceles, com um pátio fortificado no meio, através do qual se acessavam os três edifícios.

Denyel estacou. Deu um passo à retaguarda e se escondeu atrás da esquina, antes que o franco-atirador os notasse.

— Sugiro esperarmos mais alguns minutos. — Ele apontou para o céu, que estava prestes a escurecer. — Será uma noite sem estrelas.

— De acordo — Craig aprovou o plano.

— Já estamos na Alemanha? — perguntou Julius. — Acham que cruzamos a fronteira?

— Acho que não — respondeu Denyel. — Mas o que isso tem a ver?

— Ah, tem muito a ver — balbuciou o terceiro-sargento, abrindo e fechando as pálpebras em movimentos nervosos. — Nossas ordens eram para guardar o passo, não para invadi-lo. Penso que deveríamos voltar quando escurecer, o que acham? Os azedos não nos veriam, não é?

— Julius — Craig disparou. — Este é o lugar em que morreremos.

— Não — o homem começou a chorar. — Não quero morrer, sargento. Não quero — e, à medida que se descontrolava, movia-se mais para perto do despenhadeiro, fora da proteção da esquina. — E aquele montão de barras

de ouro? — dirigiu-se para o querubim, suplicando-lhe. — O que a gente não podia fazer com aquela grana, hein? Comprar um Rolls-Royce? Conhecer a Greta Garbo, o camundongo Mickey?

— O camundongo Mickey? — o sargento compreendeu que ele surtara.

— Glen... — Denyel não queria que o companheiro se afastasse. — Volte para cá, meu velho.

— Esquece o Rolls-Royce, seu bobão — falou consigo mesmo. — Um Chevy já estaria mais que bom. Um Chevy, daqueles tipo caminhonete — apontou para as nuvens. — Vou andando, rapazes. Vou agachado, podem deixar — deu uma risada nervosa. — Não se preocupem comigo.

E subitamente... zupt... um disparo o alcançou, trespassando o capacete, entrando direto na têmpora, matando Julius com um barulho metálico. Craig e Denyel se encolheram, e na confusão o celeste conseguiu reparar no castelo, enfim discernindo o indivíduo que os massacrava.

— Já o localizei, sargento — avisou. — Está em uma das vidraças do pavilhão dianteiro, só que agora o canalha recolheu a cabeça. Não vai se levantar até que...

— Até que aviste um novo alvo. Sei muito bem — ele já havia previsto. — Prepare a mira, soldadinho. — E deu uma ordem: — Não perca essa.

Craig não explicou o seu plano, nem precisava. Subiu a estrada correndo, nem tão lento, nem tão rápido, usando o próprio corpo como isca, e, quando o sniper ergueu o pescoço para alvejá-lo, Denyel o enquadrou perfeitamente.

Os dois acabaram atirando na mesma hora. O projétil do anjo acertou o nazista na carótida, e com o pescoço sangrando ele desabou da janela, caiu e morreu espatifado no pontilhão do castelo. Mas o tiro por ele disparado atingira o sargento no tronco. Craig foi jogado à direita, perdeu o equilíbrio e escorregou no precipício, desaparecendo na cerração. O exilado gritou o seu nome, tentou enxergá-lo através da poeira, mas não obteve resposta.

Consternado, progrediu à entrada da fortaleza, revistou o atirador e o reconheceu como o mensageiro que visitara o acampamento, mais cedo.

Depois de tantas pistas, Denyel já tinha provas suficientes para concluir que aquela era uma armadilha, talvez com a justa intenção de capturá-lo.

Era uma boa notícia, na verdade. Sinal de que ele fora ao lugar certo.

SOL NEGRO

NO CÉU, ACIMA DA COBERTURA DE NUVENS, O SOL MARCAVA CINCO HORAS DA TARDE.

Sob as brumas, era noite fechada.

Denyel deitou a mochila no chão, destravou a Colt, checkou a munição do fuzil. Cruzou o pontilhão, transpôs a arcada e ganhou o pátio central do castelo. Em vez de Sherwood, o cenário agora mais parecia a sombria Transilvânia de Bela Lugosi. A ala renascentista estava às escuras, com as luzes das janelas apagadas, e de todo o complexo a torre medieval era a única que reluzia, projetando fachos oscilantes através das seteiras. Percorrendo o largo interno, o celeste avistou um tanque Pantera, que com seu canhão de longo alcance frequentemente servia como base de artilharia móvel – podia ter sido ele, inclusive, que bombardeara o entorno da estrada de suprimentos, refletiu, onde mais cedo eles haviam interceptado a carroça.

O anjo destrancou a porta da torre, que se abriu com um ruído esganiçado. O primeiro andar era um cômodo simples, circular, com uma lareira una à parede, acesa, e uma ruma de lenha escorada num canto. Um lustre afixado no teto, contendo doze velas inteiras, clareava o recinto, e sob ele uma longa mesa de jantar cortava o salão. Por toda a volta, sobre pedestais de carvalho, apoiavam-se nove armaduras de aço, as espadas sustentando as manoplas, revestidas por capas inspiradas nos cavaleiros templários, mas bordadas com o brasão do sol negro.

A escada ao segundo andar era estreita, abafada e subia em espiral, por isso Denyel seguiu o exemplo de Craig ao arrombar o torreão, alçou o Garand às costas e sacou a pistola – se ele fosse surpreendido em uma curva, ou atacado no corpo a corpo, teria melhores chances de reagir.

O aposento logo acima era, em síntese, uma biblioteca de tomos antigos, abarrotada de prateleiras, recheada de baús e arcas, dentro dos quais repousavam documentos de várias eras, de placas babilônicas a papiros egípcios, de pergaminhos normandos a folhas de cobre chinesas, de runas nórdicas a códices latinos, cada qual escrito em seu respectivo idioma, e pelo pouco que o celeste enxergou pareciam descrever rituais, todos de conteúdo muito estranho, uns exigindo oferendas, como frutas e mel, outros sugerindo o sacrifício de seres humanos.

Interessado em explorar a fortificação por inteiro, Denyel não parou para investigar os manuscritos a fundo. Subiu até o último andar e o encontrou mais vazio que os níveis abaixo. Esse terceiro piso era centralizado por uma piscina esculpida na rocha, recordando uma pequena arena, sublinhada por uma água suja, lamacenta. Contornando esse poço, chegava-se a um arco que dava acesso às muralhas, e no outro extremo do cômodo, mais próximo à

escada, encontrava-se um cilindro de bronze, talhado com os caracteres do extinto povo de Nod, cuja capital, Enoque, fora a pátria de todas as nações terrenas. O artefato jazia sobre uma espécie de altar, e antes que o querubim o tocasse ecoaram passos na escada.

Das sombras, apareceu uma figura de capote militar, encoberto pelo mesmo manto que decorava as couraças, lá embaixo. O rosto era o de um homem branco, de meia-idade, com os cabelos grisalhos e curtos, o corpo magro e os olhos azuis, mas flagelado por um sem-número de feridas na pele, que a tornavam flácida, malcheirosa, em carne viva na região do pescoço. O nariz e os lábios eram finos, e a testa descascava. Os dedos não tinham mais unhas, as mãos eram rubras e a coluna se arqueava para frente. Caminhava arrastando os pés e ergueu os braços quando Denyel o rendeu.

— Não precisa da pistola — rouquejou, usando a língua das tribos góticas, um dialeto extinto havia pelo menos dez séculos. — Eu o saúdo.

— Obrigado por tanta hospitalidade — ironizou Denyel. — Mas prefiro conservá-lo na mira, só por via das dúvidas. Se não se importar, é claro.

— Se assim prefere. Suas armas são inúteis, de qualquer forma. — O anfitrião deu um sorriso amarelo, revelando uma arcada de dentes podres. — Peço que nos perdoe pelo que aconteceu ao seu pelotão, mas compreenda que a presença de seres humanos tão banais conspira o santuário que aqui construímos.

— Sem ressentimentos. E agora — retraiu o cão da arma, e o tom já não era mais tão ameno — vai começar me dizendo quem é você e que lugar é este.

— E por que não? — O homem deu outro sorriso. — Meu nome é Gutaska Razda, um nome místico, conforme elegi ao ser rebatizado na ordem. Nasci na ilha de Gótaland, ao sul da Suécia, a 6 de janeiro do ano 378 da era vulgar, durante o conturbado período das Guerras Góticas.

— Feliz aniversário — o exilado caçoou novamente. Desacreditou as palavras do ancião. Pelas contas, ele teria mais de 1.500 anos, o que soava absurdo. — Já escolheu o presente?

— Sou o mais antigo representante de uma sociedade chamada Thule — Razda continuou, impassível. — O nosso símbolo, o sol negro, representa as trevas que projetamos sobre a comunidade terrestre, a cortina através da qual enxergamos o mundo, sempre existindo à margem dos governos, das instituições, das organizações tradicionais de poder. Desde a última era glacial nós veneramos um astro oculto, apagado dos céus pelas forças angélicas. Nossa seita, que ao longo dos séculos foi conhecida por muitos nomes, dedica-se ao estudo da bruxaria, reagrupando as lascas de conhecimento que sobreviveram às catástrofes antigas, e à pesquisa de uma energia escusa que nomeamos de vril

— O obelisco — Denyel teve um lampejo. — É a essa força que se refere?

— O nosso grupo sempre foi unido e muito forte, porém limitado em recursos, justamente porque éramos e ainda somos muito poucos. A partir de 1933, alguns elementos do recém-formado Partido Nazista viram a

necessidade de recriar uma mitologia para a Alemanha e financiaram expedições com a meta de encontrar evidências de uma raça primordial, ariana. A sociedade Thule associou-se então aos nacional-socialistas, oferecendo parte de seu quinhão esotérico em troca de dinheiro, armas, tropas e bases de operação, sendo que uma delas é este castelo em que estamos.

— Parece insinuar que não são nazistas, na prática.

— Correto, não somos. — Razda caminhou ao altar. O exilado o manteve rendido. — Embora tenhamos instruído alguns dos líderes germânicos na sabedoria de símbolos e gestos secretos, a idéia de uma "raça superior", ainda mais "ariana", nos é inconcebível. Desde a Suméria sabemos que a majestade do indivíduo não deriva do grupo étnico, mas da grandeza da alma. Antes do cataclismo, era comum a concepção de crianças sensíveis, especiais, capazes de manipular as atividades telúricas. Hoje, nasce um sensitivo a cada cem mil pessoas, e suas habilidades são desperdiçadas com o tempo. Uma das diretrizes da Thule, além de reorganizar artefatos e explorar a energia vril, é reunir esses homens e mulheres que estão espalhados pelo planeta, de forma a doutriná-los e a ajudá-los no desenvolvimento de suas capacidades.

— Entendo. Então o soldado indiano...

— Os rapazes que você matou — ele falou com certa acidez — eram criaturas extraordinárias, heróis que ainda nos serviriam, não tivessem a vida ceifada.

— Parte-me o coração — debochou. — Mas qual é a conexão da sua ordem com o monumento de Marie et Louise? E com os monstros que lá habitavam?

— Uma vez associados ao alto comando nazista, passamos a compartilhar sua rede privada de informações — confessou o bruxo. — Em 1941, um batalhão da Wehrmacht descobriu uma ilha onde a eletricidade brotava da terra, sem geradores, e automaticamente montaram uma estação de rádio espia. Nós, da Thule, eu, mais precisamente, fomos enviados à França e detectamos um ponto de radiação vril emanando do solo. Por alguns meses transferimos nossas atividades para a aldeia, e as pesquisas teriam evoluído não fosse a transmissão que interceptamos a 28 de março de 1943, quando o operador testava frequências de ondas mais baixas que as experimentadas anteriormente. — Ele juntou os dedos em forma de esfera. — O que nos chegou através dos alto-falantes foram as palavras que você escutou, que pertencem a um feitiço de conjuração, o que acabou por chamar ao plano físico as feras que dizimaram tanto a guarnição alemã quanto a sua patrulha de ataque.

— Mas você escapou.

— Sim, fugindo — esclareceu. — O exército não tinha noção do que estava acontecendo, mas eu reconheci o perigo e abandonei a cidadela. Os nazistas queriam bombardeá-la; eu os impedi porque sabia que Marie et Louise era um santuário, e que os vultos não poderiam atuar além do

pântano, então não havia por que devastá-la. Na verdade, o obelisco ainda nos poderia ser útil, como uma bússola que nos conduzisse à fonte da transmissão.

— E o que descobriram?

— O sinal não provinha do nosso planeta, mas de algum lugar fora da Terra — declarou. — O obelisco alimentava os aparelhos, que captavam as ondas e as traduziam em vibrações auditivas. Para o nosso regozijo, contudo, fomos ágeis em localizar não a origem, mas o destino da transmissão, o que nos levou a uma fortaleza perdida desde os tempos que precederam o dilúvio.

Denyel ficou sério. Talvez fosse isso o que Sólon estivesse procurando, afinal: uma cidade antediluviana, cheia de mistérios e riquezas, como o conhecimento dos reis de antigamente. Sua tarefa, agora, era arrancar a informação do feiticeiro, levá-la ao arconte, cumprir seu papel como anjo da morte.

— Onde? — pressionou o exilado. — Onde fica essa cidade?

— Como mestres nas artes mágicas, tomamos as precauções necessárias para o que viríamos a encontrar, mas nada disso adiantou — Razda desviou-se da pergunta. — Para o nosso eterno desgosto, fomos enxotados da Morada dos Deuses, e o sonho de conquistá-la acabou sepultado.

— Foram "enxotados"? Por quem? — o anjo começava a perder a paciência. — O que havia lá dentro?

— O poder para destruir o mundo — revelou o bruxo, muito objetivamente. — Mas esse poder é incontrolável. — E, com a palma da mão, ele apontou para o cilindro apoiado no altar. — Poucos foram os tesouros que conseguimos recolher, e esse é um deles. — Mostrou as inscrições. — O que você viu no segundo andar deste castelo são códices mágicos, datados de períodos posteriores à grande inundação. Este cilindro de cobre, no entanto, contém os encantamentos da antiga Enoque, de onde todo o conhecimento místico deriva. O feitiço da imortalidade, assim como muitos outros, chegou até nossos dias fragmentado, cobra seu preço, e o resultado é este que você vê. — Esfregou os dedos sobre o pescoço em carne viva. — O grimório enoquiano lança a sociedade Thule a uma nova era, provendo-nos, enfim, das fórmulas completas, originais. Por isso, a sua presença é tão importante.

— Minha presença?

— Mesmo após eu ter abandonado Marie et Louise, continuei a monitorá-la remotamente, com a ajuda dos meus poderes psíquicos. — Indicou a piscina de águas turvas. — Esta é uma pia cerimonial, uma ferramenta que usamos em nossos rituais. O encanto da observação me permitiu acompanhar os seus passos, o que provavelmente deve ter-lhe provocado uma sensação esquisita.

— E, finalmente, a revelação: — Eu sei quem você é e por isso o atraí para cá, forjando o mensageiro, sacrificando inclusive alguns de meus próprios discípulos. Os homens de Enoque eram adversários dos anjos, e

todo o seu sistema mágico se utilizava de ingredientes que apenas você, como celeste, poderá me fornecer.

— E o que... — Denyel ia replicar, mas a frase foi cortada quando o feiticeiro apanhou das costas uma faca e a moveu para o ataque. Os instintos de predador, associados aos reflexos de guerreiro, salvaram-no da morte, e ele se esquivou com maestria, sendo arranhado apenas, mas permitindo que uma gota de seu sangue caísse na piscina de lodo. Mirou a pistola para atirar, mas pensou melhor e hesitou. O velho ainda não revelara a localização da "Morada dos Deuses", informação que, segundo o anjo acreditava, seria prioritária aos planos de Sólon.

O atraso de Denyel, entretanto, se revelaria mortífero. Seu receio em liquidar o mágico deu tempo para que uma das runas do cilindro ardesse, desencadeando um feitiço dos mais dantescos, elaborado nos calabouços pré-cataclísmicos, que em instantes mostraria a sua eficácia.

GROLL

DENYEL OUVIU A PISCINA BORBULHAR. DAS ÀGUAS SUPOSTAMENTE RASAS, EMERGIU a silhueta de uma criatura humanoide, metade humana, metade símia, com pelos escuros e braços alongados. Não se assemelhava a nenhum ente do mundo real, já que, ao contrário dos macacos comuns, tinha as costas eretas, os polegares estendidos, a expressão raivosa, carregada de ira. As presas eram afiadas como as de um gorila, o corpo era revestido por uma pele grossa, as mãos eram possantes, e o apetite se igualava ao de um leão bravo. A entidade nascida da lama era pelos feiticeiros chamada de groll, um espírito dos tempos pré-históricos, anteriores ao surgimento do homem. O monstro fora tragado do plano etéreo, por onde vaga essa sorte de feras, e, embora seus adoradores estivessem quase todos extintos, ele ainda vivia sob as cavernas, através do tecido, esquadrinhando as sombras e o reino dos mortos.

Conjurado segundo a vontade de Gutaska Razda, o groll agiria em seu nome. Pisou sobre o degrau fora da pia e com um grunhido ameaçou Denyel, que sem opções descarregou a Colt em seu peito. O deus-macaco susteve as sete balas, que penetraram fundo em seu torso, ferindo-o dolorosamente, mas sem matá-lo — se fossem genuínas as bravatas de Razda, então o querubim estaria indefeso, porque não dispunha mais de sua espada, a única arma que em tese poderia molestar o primata. Na realidade, tanto o sangue quanto o estampido dos tiros apenas deixaram o groll mais furioso, e com o celeste ao seu alcance ele o agarrou pelo braço, rodou-o sobre a cabeça e o arremessou na direção das seteiras. O corpo do anjo abriu um buraco nas pedras, saiu voando e aterrissou sobre as muralhas, sendo arrastado por doze metros, às cambalhotas.

Denyel esfregou o colo para se recuperar do embate. Descobriu-se estirado no passadiço, a meio caminho entre o aposento do feiticeiro, com a piscina ainda efervescente, e as torres renascentistas. Lá de cima, de onde no passado guerreiros medievais teriam protegido a fortaleza contra invasores, atirando-lhes pedras e óleo fervente, era possível ter uma clara visão de todo o vale, os morros à volta, o despenhadeiro, o pontilhão e o pátio de entrada. A neve caía obliquamente, quando o exilado viu o enorme gorila correndo em sua direção, saltando as ameias, urrando para o céu, os dentes sujos, os lábios babando. Desnordeado, Denyel fugiu rumo às torres mais novas, usando a celeridade da casta para escalar o fastígio, e de lá, ato contínuo, desceu aos telhados do pavilhão dianteiro, com seus ângulos íngremes, entremeados de gelo.

O groll, no entanto, era da mesma forma veloz e o encontrou no cume do prédio, sobre as telhas escorregadiças. Denyel virou-se para encará-lo, puxou o Garand das costas, mas só teve tempo de usá-lo como bastão, bloqueando a

pata do monstro, que o golpeava com força estupenda. O rifle se partiu à metade, espirrando farpas de madeira, chumbo e grânulos de pólvora. O celeste rolou imediatamente para o lado, apoiou-se numa viga e, para contra-atacar, pulou feito um lince nos ombros do símio, prendendo-se ao seu dorso, desferindo-lhe uma série de cotoveladas na nuca.

— Nada: mal para um macaco, hein? — ele zombou, enlaçando as pernas na cintura do monstro, lutando para manter posição. De repente, lembrou que ainda tinha sua faca, sacou-a e a enterrou na garganta da fera, que respondeu ao ataque com um grito cimério, estrondoso.

Enquanto armava uma nova estocada, o groll apertou-lhe o antebraço e fez um movimento para frente, como se Denyel fosse um chicote. O anjo caiu prostrado e, quando se deu conta, o deus-macaco o erguia pelo pescoço, com os punhos unidos em forma de gancho.

Pego no garrote do espírito pré-histórico, o exilado não tinha meios de se libertar — a besta era muitíssimo mais forte que ele, e, embora Denyel a superasse em agilidade, a destreza de nada lhe serviria agora. Estava preso, atado por um par de braços invencíveis, ofegando, sentindo a respiração apagar.

Escancarou a boca para sugar o oxigênio, que não veio. Começou a ficar tonto. O pior não era o estrangulamento, ele percebeu, mas sua espinha, que logo se partiria ante a pressão. Deu socos nos pulsos da criatura, tentou afastá-los com toda a energia, mas o groll continuou sufocando-o.

Era o seu fim, ele tinha certeza. Não estava lutando contra seres humanos, contra soldados japoneses ou alemães, mas contra uma fera sobrenatural, um ser instruído e especialmente treinado para aniquilá-lo, que conhecia seus pontos fracos, tinha noção da sua natureza celeste e, portanto, poderia vencê-lo!

Os olhos de Denyel se apagaram, e nesse instante ele pensou em se entregar ao vazio. Não seria má idéia, até. Sua vida tinha sido um inferno desde que entrara para o esquadrão dos anjos da morte, sendo obrigado a lutar em guerras que não eram suas, a se curvar perante Sólon, a satisfazer os desejos do arconte. Uma vez derrotado, ele pelo menos estaria livre, não precisaria mais obedecer ao Primeiro dos Sete, estaria em paz eternamente.

Mas havia o outro lado dessa moeda: a perspectiva dos seres humanos, os quais ele com o tempo aprendera a respeitar. Passaram como figuras em sua mente os rostos do irlandês Bartley Smith, seu amigo nas trincheiras do Somme, dos homens que lutaram com ele na Itália, dos seus companheiros mortos em Marie et Louise, de Tony Akee e do sargento Craig. Diante das maiores adversidades, essas criaturas tão frágeis nunca se entregaram, sempre brigaram para sobreviver, e assim tem sido com a civilização terrena desde eras remotas, desafiando os desastres cósmicos, as campanhas militares, o flagelo dos anjos. E se seus colegas podiam lutar, considerou Denyel, por que ele haveria de desistir?

Restavam três ou quatro segundos antes que sua coluna se fizesse em pedaços. Como sobrepujar um oponente mais áspero? Como quebrar sua

pegada tão dura?

A resposta, mais uma vez, não viria do céu, mas da terra. Enquanto, ao lutar com sua espada, ele aprendera a ser impetuoso, a aplicar golpes extensos, no caso da pistola ou da espingarda era necessário focar, avistar o objetivo e enquadrá-lo no alvo. Seria tolice esmurrar os membros do groll ou mesmo tentar abri-los, mas, se ele pudesse enrijecer a ponta dos dedos, encravá-los na carne e empregar esse vigor em um único ponto, seria o mesmo que utilizar uma furadeira para esburacar uma parede, concentrando a pujança numa região específica.

Dois segundos se passaram.

Sem sucesso.

No terceiro segundo, Denyel forçou os dedos. O macaco soltou um rugido, apertou-lhe ainda mais o pescoço, e no quarto segundo... ele se rompeu.

O punho da fera se rompeu.

Os dois punhos, na verdade, se despedaçaram, e agora... Sim, agora o exilado podia afastá-los!

Os braços do groll se estenderam. O querubim tomou fôlego e o acertou com um chute no queixo, fraturando-lhe o maxilar, estilhaçando os dentes caninos. O gorila ficou aturdido, e, ainda que não possuísse inteligência apurada, sua cara era de espanto, de perplexidade, de absoluta descrença por ter sido debelado por um adversário tão reles.

O susto foi tanto que, ao choque do pontapé, o monstro cambaleou e escorregou sobre as telhas. O celeste teria comemorado se a batalha estivesse terminada, mas não estava. Valendo-se da anatomia símia, a fera conseguiu apanhá-lo com a pata, graças aos articulados pés de primata.

Os dois despencaram juntos pelas muralhas, depois através do rochedo, trocando socos, ralando os quadris, lutando como gaios de briga. No fim, ganhou a perspicácia. Ao avistar a estrada chegando, Denyel agarrou a besta pelo cangote, rodou-lhe a cabeça e a deslocou para baixo.

O crânio do groll se espatifou contra as pedras. Estava derrotado, destruído, mas o exilado também se ferira. Teve os braços quebrados, o tornozelo entortado, a rótula partida.

Banhado de sangue, ele não podia mais caminhar. Respirou, certo de que, ao liquidar a entidade, sua missão estaria completa.

Longe disso.

— Soube que entre os celestes há uma legião de soldados — a voz era do bruxo Gutaská Razda, que descera do castelo com a faca na mão. Ficara admirado com a persistência de Denyel, o que só o tornava mais valioso. — O componente vital para os encantamentos de Nod, como você agora deve imaginar, é o sangue dos alados. — A rouquidão se contraiu num sussurro. — Não que eu não tenha tentado executá-los usando a carne e o espírito de seres humanos, mas as fórmulas enoquianas são terrivelmente acuradas. — Ergueu o punhal, e então o anjo notou que aquela não era de fato uma

adaga, mas a ponta de uma lança, uma arma de bronze ornada com runas.
– Eis um dos itens que recuperamos da cidade perdida – exibiu o artefato.
– Esta peça foi forjada pelos descendentes de Caim há milhares de anos, com o propósito de exterminar os angélicos, o que a torna perfeita para o que pretendo fazer.

O feiticeiro se aprumou, reunindo forças para estocar. Denyel teve o impulso de se jogar para trás, mas os joelhos não respondiam, e, por mais fraco que fosse o ancião, o querubim jazia agora à sua mercê. Razda direcionou o fio para o coração e, quando estava a centímetros de apunhalá-lo, alguma coisa o parou.

Som de disparos.

Cheiro de pólvora. Odor de carne podre.

Cápsulas pulando.

Gutaska Razda, o dirigente supremo da sociedade Thule, nascido nas tribos góticas do século IV, um dos místicos mais experientes da terra, foi subitamente varado por uma dúzia de tiros. O manto ficou retalhado, os ossos amoleceram. O bruxo desabou sobre o cadáver do deus-macaco, e o mais estranho foi que, embora crivado de balas, ele não verteu um pingo de sangue, como se o seu corpo fosse, havia anos, conservado por meio de alguma ação não biológica.

– Caí sobre um platô, dá para acreditar? – Craig surgiu das trevas, o cano da Thompson soltando fumaça. – Sou o filho da puta mais sortudo do Texas, nasci de novo, decerto. – Olhou para os lados. – Cacete, tenho a sensação de ter perdido a porra da guerra. – Fitou o monstro deitado no chão. – Cães, hienas, macacos... – Ofereceu a mão para que Denyel se levantasse. – Esses azedos deviam abrir um zoológico.

A ESCADA BRANCA

Glaciar de Rongbuk, Tibete, hoje

PARTINDO DO MOSTEIRO DE RONGBUK, A ESTRADA COMUM QUE LEVA AO KANGCHENJUNGA apresenta-se, no verão, como um deserto lunar, coberta de terra negra, rochosa e estéril. Isso acontece porque, na maior parte do resto do ano, do outono à primavera, o vale repousa sob extensas camadas de neve, que castigam o solo e impedem seu florescimento. A paisagem, contudo, não deixa de ser sufocante, apresentando esplanadas, imensas ravinas, contornos nebulosos e torres brancas.

Urakin sentiu o pé afundar num buraco. Era preciso se equilibrar sobre as pedras, que dali para frente eram instáveis e chegavam a balançar com o vento. O frio aumentou com o avanço da tarde, obrigando Ismael a colocar o capuz. Sendo uma ishim, Kaira era capaz de controlar a temperatura do corpo, e o Punho de Deus, como guerreiro, demonstrava constituição sobre-humana, não imune, mas resistente às intempéries.

O glaciar de Rongbuk desce da crista norte e corre à parte alta do vale, parecendo, de longe, um gigantesco rio congelado, cheio de fendas, pontas e ondulações. Chegando mais próximo, o que surge é um autêntico labirinto de gelo, com arcos, passagens, túneis e muralhas altíssimas.

Rumando ao exato ângulo das onze horas, Urakin os conduziu com retidão matemática através de um portão natural, e assim os três penetraram no coração da geleira, à caça do atalho que, segundo Abul lhes dissera, os levaria ao posto de controle e de lá para Egnias. Dentro do glaciar, caminharam por mais de uma hora entre as encostas de uma sinuosa garganta, até que começou a nevar. Finalmente, quando Ismael já tremia de frio, o grupo encontrou a base de um paredão. A rocha era maciça e dentada, formando garras que cortavam feito navalhas. Não havia acesso através da muralha e também não era possível escalá-la, por sua superfície de pontões afiados.

Dessa vez, no lugar de reclamar, Urakin agiu. Achegou-se ao rochedo, com o peito quase raspando nos dentões, e desapareceu subitamente.

— Urakin? — Kaira o chamou, e de algum lugar o parceiro respondeu:

— Por aqui — a entonação era calma. — Um pouco mais para a direita.

A ruiva girou o corpo e enxergou uma greta entre as pedras, um desfiladeiro curto, estreitíssimo, invisível à primeira olhada. Não se tratava de uma camuflagem mágica, e sim de uma ilusão de óptica, que confundia a visão diante das rachas e curvaturas. O Executor enfiou-se na fresta, sumiu, e Kaira foi atrás dele.

Além da passagem, os celestes descobriram um pequeno largo. O chão,

porém, não era mais de granito, e sim de mármore, um mármore claro, muito puro. No canto oeste, espremendo-se entre duas paredes, subia uma escada branca, preservada como nos dias de sua construção.

– Está quente de novo – Ismael retirou o capuz.

– Eterno Verão – recordou-se Kaira. – Outro feitiço das ninfas. Certamente modificado pelos atlânticos. O mesmo que nos recebeu em Athea.

– Parece atlante, de fato. – Urakin esfregou o dedo no mármore, para examinar a textura. – Esta arquitetura nós já conhecemos.

– Vou na dianteira – Kaira viu que a escada era delgada e só permitia o ingresso de uma pessoa por vez. – Ismael andar­á atrás de mim. E lembrem-se do que Abul nos falou. O posto de controle foi lacrado. Só não sabemos por quem.

A escada branca subia por uma rota oculta, abandonada desde o dilúvio, ou talvez desde antes, os celestes não tinham certeza. Embora longa, a caminhada era agradável, porque o encanto das fadas dispensava a aclimação, calculando a pressão ao nível do mar, com o oxigênio sempre fresco e abundante. Em certos trechos, surgia sobre eles uma frágil cobertura de neve, moldando telhados cristalinos, que filtravam os raios de sol e os refletiam em feixes belíssimos.

A cada curva, Kaira redobrava a atenção. Urakin era por demais precavido, mas ele estava certo, a ruiva pensou. Quem saberia o que provocara a queda do posto de controle? O cataclismo? As guerras contra Enoque? Um ataque de anjos? Ou a mera transposição de suas atividades para outra estação?

No meio do trajeto, eles chegaram a um lance de escadas. Dali, os caminhos se bifurcavam, um subindo à direita e outro à esquerda, rente ao corpo da montanha.

– Urakin, fique aqui. Monte guarda – ordenou a capitã. – Ismael virá comigo pela direita. Se não voltarmos em uma hora, suba com cuidado ao nosso encontro.

Os degraus à direita ascendiam em espiral, desembocando em outra plataforma que se abria num mirante, de costas para o morro e de frente para o grande vale, com o mosteiro figurando minúsculo, no alcance de visão mais distante. O sol recém havia se posto e o céu se fechara num azul-marinho, antes que a escuridão os abraçasse. No firmamento, as constelações cintilavam, e ao avistá-las Kaira rememorou Denyel.

A plataforma era circular, sem correntes ou parapeitos, e no centro havia uma meia-coluna com um metro de altura. Sobre ela fixava-se um cristal de dez lados, que fazia lembrar uma pedra de diamante, mas enorme. Kaira se ajoelhou para vê-lo de perto, enquanto Ismael contemplava as estrelas.

– É o farol – ela disse. – O clarão que vimos do mosteiro partia desta pedra, aqui em cima.

– De onde vem a luz? – o Executor não percebia.

– Do sol, da lua, das estrelas, tanto faz. O decágono reflete qualquer iluminação, transformando-se num prisma e a retransmitindo à estupa, num ângulo de 330 graus.

– Dispensaram a magia – suspirou Ismael. – Esses atlantes eram fabulosos, admito.

– O que há de fabuloso nisso?

– Os feitiços, por mais duradouros que sejam, precisam ser alimentados de tempos em tempos por infusões de energia. O Eterno Verão, mesmo ele, desaparecerá certa hora. Já a matemática é perene. O sistema que os antediluvianos usaram para a localização da escada permanecerá para sempre.

– Tem certeza? – A ruiva filosofou. – Uma vez alguém me disse que todas as coisas são eternas, mas nenhuma delas é infinita. – Apontou para um brilho entre as constelações de Órion e de Virgem. – Está vendo aquela estrela? – olhou para cima. – Eu a vi nascer, na esteira do fulgiston.

– E, no entanto, ela continua lá.

– Só impressão – Kaira inclinou a cabeça. – O núcleo se resfriou há milhares de anos. O que vemos da terra não é a estrela, mas seu reflexo. – Ficou algum tempo compenetrada no céu, depois emendou: – Vamos descendo. Urakin nos espera.

Os degraus à esquerda seguiam rumo a leste, tornando-se planos em alguns trechos, gradualmente se aproximando do território indiano. Uma rota que em condições normais levaria dias para ser completada fora de alguma forma abreviada pela sagacidade dos engenheiros atlantes, que combinavam fórmulas aritméticas e encantos de proteção. Kaira recordou-se das famosas "vias atlânticas", estradas navais que no passado conectavam as dez colônias de norte a sul do planeta, construídas a partir de correntes marinhas e justapostas a um conjunto de passagens mágicas.

Em certo ponto, transcorridas apenas dez horas, a escada branca tornou a subir em inclinação acentuada, contornando o Kangchenjunga na direção sul, na exata fronteira entre a Índia e o Nepal, conduzindo-os a um penhasco congelado, dando à garganta a aparência de uma caverna de cristal, com paredões chanfrados e cascatas sólidas, ora azuis, ora alvas. Daquele lugar em diante, a trilha se prolongava numa ponte de mármore, levemente arqueada, decorada com seis estátuas de sacerdotisas, três à esquerda e três à direita, que fazia a união entre as duas margens do abismo. Na face oposta, descansava uma escadaria em meia-lua, que terminava na fachada do que parecia ser um templo, muito semelhante ao santuário de Athea, o frontispício suspenso por quatro vigorosas colunas. O portão, contudo, não estava obstruído por seções de pedra, aço ou platina – estava aberto, encerrado apenas pela escuridão, uma negritude sinistra, muito profunda.

Kaira estacou. Pôs a mente para funcionar. Abul fora categórico ao dizer que o posto de controle estaria "lacrado", mas afinal onde estava esse lacre?

Urakin observou as estátuas com desconfiança. Definitivamente, aquelas

não eram esculturas normais. Esculpidas em tamanho real, os olhos (e só eles) eram adornados com peças de quartzo que pareciam fitá-los de soslaio, como se os estivessem advertindo, afirmando categoricamente: "Não entrem". O Punho de Deus se pôs a investigar o perímetro, procurando marcas ou pegadas, como sempre fazia, quando Ismael o chamou com a voz cava:

– Tenha cuidado. A ponte está enfeitiçada.

– Percebi também. – A ruiva contemplou o cenário em detalhes. Era noite, e através do gelo as estrelas piscavam translúcidas. – O tecido está consistente.

– Consistente não, denso como rocha – o Executor declarou.

– Sim, lembro-me agora desse encantamento – Kaira vasculhou a memória. – Endurece a membrana, tornando impossível a invocação de outras mágicas ou das nossas divindades celestes.

– Exato, pelo menos enquanto estivermos cruzando a ponte, sob a vista das esculturas – Ismael reparou que era dos olhos de quartzo que radiava o feitiço. – Serve ainda para impedir o acesso de criaturas de outros planos, conjuradas por meio de rituais, as quais não podem sobreviver onde a película é espessa.

– Bom, não somos "criaturas conjuradas" – Urakin mostrou-se impaciente. – Por que não entramos, então? – Virou-se para a arconte. – Centelha, sou voluntário para ir na frente.

– Vamos todos juntos – ela ordenou, mas antes fez um teste para conferir se o feitiço estava ainda em atividade. Convocou uma rajada de fogo e a lançou contra a ponte. O jato se desfez, apagou ante a mirada das senhoras de pedra. Quando chegou ao portão, não era nada mais que uma brisa, um sopro morno, inócuo.

Cientes de que outros encantamentos, estes ofensivos, poderiam estar ocultos no trajeto, os anjos seguiram com toda a atenção. Chegaram enfim à escadaria em meia-lua, onde o tecido regressava à consistência normal, alcançando depois a plataforma elevada, cruzando os quatro pilares e adentrando o portão. Lá dentro, encontraram um salão gigantesco, obscuro, que corria morro adentro por centenas de metros. Calçado com o mesmo mármore que compunha a escada e a ponte, estava de igual forma conservado com o Eterno Verão. As grossas pilastras se enfileiravam até perder de vista, desaparecendo nas trevas, desafiando a percepção dos visitantes.

Fora os pilares, não havia monumento algum em destaque, nenhuma escada, nenhum trono, nenhuma porta, somente uma espécie de altar, no formato de um disco redondo, posicionado bem no centro do templo. Sobre esse disco descia uma coluna de luz, um facho que brotava através de uma abertura no teto, tão preciso que apenas o banhava, sem iluminar o ambiente ao redor.

Os anjos caminharam em direção à coluna, ao mesmo tempo espiando os cantos negros. No meio do percurso, depararam-se com outra estátua, esta

de rocha crua, deitada no piso, com o semblante coroado de dor. Kaira se ajoelhou e, ao examinar a figura, a identificou prontamente.

— É um dos regentes. — Os enfeites da armadura eram idênticos aos do general atlante. — Como aquele que encontramos nas cavernas de Santa Helena.

— Sono de Pedra — murmurou Ismael.

— Silêncio. — Urakin escutara uma série de silvos, sons que lembravam o rosnar de uma hiena. — Ouviram isso?

— Sim — a ruiva se levantou. — Não estamos sozinhos.

— Não, não estamos — o guerreiro se armou. — Seria fácil demais.

HITLER MORRE; RUMO A TÓQUIO

Praga, 2 de setembro de 1945

O QUE ACONTECEU EM SEGUIDA AOS EVENTOS DE JANEIRO FOI PRECISAMENTE O SEGUINTE. Como estava com a rótula partida e os dois braços quebrados, Denyel pediu a Craig um último favor, antes que deixassem o castelo. Solicitou ao sargento que usasse o lança-chamas de Glen Julius, aquele que eles haviam deixado na estação de trem, para incinerar a biblioteca do mago, bem como o cadáver de Gutaska Razda e de seu deus-macaco.

Décadas depois, ao refletir sobre o assunto, o exilado admitiria ter agido sem pensar, influenciado pela raiva que sentia do bruxo, "mas é assim que nós, querubins, operamos", ele diria na ocasião. Apesar do apetite de Sólón, que certamente gostaria de examinar os tomos mágicos, destruir a coleção lhe pareceu a decisão mais sensata, e de fato foi, tanto que segundos depois os avejões subiram aos céus, uma vez anulado o feitiço que os prendia.

Dos objetos místicos, Denyel guardou apenas a lança, que pretendia entregar ao arconte como prova do que havia acontecido na Bélgica — como se os relatórios sensoriais já não bastassem. O artefato era mágico, com certeza, mas não projetava vibrações no tecido, talvez para escondê-lo da percepção dos alados, o que faria sentido caso sua finalidade realmente fosse "exterminar angélicos", conforme Razda destacara.

Sólón, a propósito, não mais o procurara naquele ano, o que gerou em Denyel sensações conflitantes. O que ele deveria fazer? Para onde deveria rumar? Qual era o interesse dos capitães celestes nas tais anomalias energéticas? Do que elas eram capazes? Por que a incursão a Marie et Louise era tão importante e como (ou onde) os esforços da Thule e dos anjos se cruzavam, se é que o faziam?

Os malakins eram criaturas imprevisíveis, talvez, paradoxalmente, pela capacidade de prever o futuro. Conscientes dos eventos por vir, eles planejavam cada detalhe e só procuravam os seus agentes quando julgavam necessário. Quase nada que vinha dos Sete, raciocinava Denyel — inclusive as "regras" dos anjos da morte, tão contraditórias, tão estúpidas —, fazia muito sentido para ele, então o jeito era desistir de entendê-las.

Craig sobrevivera, mais uma vez. A bala disparada pelo atirador trespassara-lhe a carne sem atingir nenhum órgão vital. Denyel, em compensação, levou dias para se recuperar, e entre os ferimentos, por incrível que pareça, o rasgo da lança, apesar de superficial, foi o que mais demorou a sarar, o que indiscutivelmente a caracterizava como uma relíquia de Nod.

A 1ª Divisão de Infantaria continuaria a patrulhar as Ardenas até o dia

25 de janeiro, quando terminaria a Batalha do Bulge. À capitulação dos germânicos, a Grande Rubra regressou à Alemanha, numa corrida desenfreada rumo a Berlim. Soviéticos e norte-americanos disputavam agora a cabeça de Hitler, mas o troféu da vitória amargou quando o Fuhrer cometeu suicídio, a 30 de abril de 1945, em seu abrigo na capital alemã. Oito dias depois, seus generais entregariam as armas, encerrando assim um dos mais sangrentos capítulos da história.

Denyel foi transferido para a Tchecoslováquia com a Companhia F, onde foi indicado para receber as medalhas de Honra e Coração Púrpura, mas recusou ambas. Em junho, a divisão inteira começou a treinar para combater no Pacífico, onde a luta seguia firme, sem perspectivas de conquista ou derrota.

No dia 2 de setembro, os recrutas foram acordados às quatro horas da madrugada ao estridente som de cometas. Uma turma de oficiais, incluindo dois tenentes e um capitão, anunciou que todos deveriam "partir imediatamente" e que o próximo alvo seria o Japão. Os jovens, nervosos, saíram da cama às pressas, e quando estavam carregados de equipamentos, prestes a subir num caminhão, um coronel que tomava o desjejum os abordou.

– Cavalheiros, para onde estão indo?

– Para Tóquio, senhor – respondeu um soldado.

– Tóquio? – O coronel caiu na gargalhada. – Não tão cedo, rapazes. – Engoliu o resto do café. – Os japas assinaram a rendição. A guerra acabou.

PARTE II

ANOS DOURADOS

(1956-1969)

CÃO DE CAÇA

Berlim, 8 de setembro de 1956

QUANDO A SEGUNDA GUERRA TERMINOU, O MUNDO NÃO ERA MAIS O MESMO, e o agente dessa mudança tinha um nome: bomba atômica. O arsenal nuclear deu aos mortais o poder de destruir o planeta, coisa que nem os arcanjos, encerrados em suas fortalezas etéreas, tinham até então conseguido.

Outrora aliados contra as tropas fascistas, Estados Unidos e União Soviética eram agora adversários ferrenhos, e, ante a ameaça de uma devastação catastrófica, as duas potências se embrenharam no que ficou conhecido como Guerra Fria, um confronto que evitava batalhas diretas, transcorrendo através de espões tanto nos territórios centrais quanto nas nações periféricas da Ásia e da América Latina. O globo foi repartido em dois blocos, e as fronteiras da Europa, traçadas, sendo Berlim o marco zero desse armistício.

Por outro lado, sobretudo nos países capitalistas, teve início uma meteórica era de prosperidade, com o aumento da qualidade de vida, o aquecimento da produção e a expansão do mercado. A taxa de natalidade subiu a patamares nunca vistos, criando uma nova fatia de consumidores, com muito tempo livre e dólares sobrando: os adolescentes. Foram os tempos do rock'n roll, dos drive-ins coloridos, dos "pegas" de automóvel e também da "caça às bruxas" contra todos que, por algum motivo, apoiavam os ideais socialistas.

Nos meses que se seguiram à rendição do Japão, a Grande Rubra foi deslocada para a Alemanha, como parte de uma força de ocupação responsável por perseguir, capturar e resguardar os líderes nazistas.

No Natal de 1946, os combatentes foram agradados com um recesso de sete dias, uma congratulação mais do que justa em recompensa aos serviços prestados. Denyel pensou em voltar a Paris, na esperança de reencontrar Sophia debruçada no balcão do Le Procope, mas seus planos goraram em razão da inesperada visita de Sólon, que estranhamente não o havia procurado antes e só o descobrira, segundo ele próprio, graças à sua prolongada estada na capital alemã. Nessa reunião, a primeira desde a França, o exilado encontrou um arconte mais sereno, apesar do longo período em silêncio, que se mostrou, a seu modo, satisfeito com a captura da lança de Nod. As novas instruções eram para que ele permanecesse em Berlim, o que o obrigaria, de uma forma ou de outra, a esquecer a morena que o havia encantado.

Como soldado de primeira classe, Denyel obteve permissão para continuar na Europa, "ilhado numa cidade partida", como ele costumava

dizer. Todos os seus companheiros ou foram promovidos, ou haviam se resignado do exército, como era o caso do sargento Craig, que, por mais absurdo que parecesse, aceitara um emprego civil em Washington, regressando à América no verão de 1947.

Quando a Guerra da Coréia começou, Denyel torceu para ser convocado, mas Sólon insistiu para que ele ficasse exatamente onde estava. Passaram-se mais seis anos de total calmaria, até que o malakim o contactou.

— Precisamos de seus serviços, agora mais do que nunca — declarou o Primeiro dos Sete, mas o jeito especialmente educado com que ele se dirigia a Denyel não expressava nenhuma afeição genuína.

— Pronto a servir.

— Então, escute, porque houve certa mudança de planos — Sólon ajeitou-se no pedestal. Conservava o cabo da espada preso ao cinto, ainda de cabeça para baixo. — Deve se desligar das forças armadas e retornar aos Estados Unidos, tão logo seja emitido seu visto de liberação.

O exilado celebrou em silêncio. Não guardava rancores de Berlim, não tinha absolutamente nada contra a cidade — era bastante calma, inclusive —, mas fazia anos que ele não saía da Europa, trabalhando como guarda de fronteira, proibido de deixar o perímetro urbano, literalmente trancado numa fortaleza sem muros.

— Outra guerra à vista?

— Não, por enquanto — o arconte fechou a cara. — Decidi apontá-lo para uma nova missão, não relacionada às batalhas terrenas, o que restringirá o nosso contato por ora. Toda a comunicação nesse estágio será feita por meio de um intercessor, autorizado a falar em meu nome.

— Como? — a reação foi espontânea, afinal seu juramento não incluía tarefas clandestinas. — Mas o acordo...

— Ora, cale-se — com um chiado, o malakim o cortou. — Estou ciente de que existe um tratado que estabelece as obrigações dos anjos da morte. Você deverá ignorar esse tratado até que eu diga o contrário. — E, depois de uma pausa, avisou: — Será mandado à costa oeste americana, onde se apresentará diante de Yaga, a mediadora que coordenará suas ações.

Denyel fitou as colunas, a abóbada de luz, as sete alcovas, meditando sobre o que se passava nas entrelinhas. A vida na terra o corrompera em vários aspectos, mas também o fizera esperto, já que os seres humanos são mestres na arte da intriga. Era óbvio que essa "nova missão" correria às margens da lei, o que dava ao celeste três opções: ou ele denunciava o seu líder, alternativa inútil sem provas; ou se recusava a obedecer-lhe, correndo o risco de ser morto; ou tentava negociar, procurando obter benefícios.

— Esplêndido, meu senhor — sugou coragem de onde não tinha. — Mas o que ganharei em troca?

— Em troca? — a pedrinha colada à testa coruscou, as asas se expandiram. — Em troca de quê?

— De meu silêncio, é claro. — A ausência de uma negação imediata deu

ao anjo mais confiança. — Discrição acima de tudo — sorriu de um jeito malicioso.

— Seu verme insignificante! — Sólon praguejou, com o sangue a subirlhe à cabeça. Como se atreve? Sabe que posso esmagá-lo por sua insolência?

— Sim, sei que é perfeitamente capaz disso. Mas não vai me matar. Precisa de mim — Denyel o encarou. Era uma aposta como qualquer outra, e ele estava jogando todas as fichas. — Garanto que as minhas necessidades são simples, mundanas na maior parte.

— E quais seriam elas? — a brusca mudança de atitude abria uma brecha às conversações.

— Quero uma licença ao final da operação, por um período mínimo de dez anos.

— Dez anos? — grasnou o celeste. Por um momento, pareceu que ele ia explodir, mas no instante seguinte domou a raiva. — Concedido.

— Exijo remuneração anual, de maneira a gozar de privilégios na terra.

— Vocês, exilados, têm uma escala de valores bastante esquisita. — O conceito de dinheiro era alheio aos malakins. — Confesso que não compreendo os seus termos. No entanto, apresente seus pedidos através de Yaga e eles serão satisfeitos.

— Mais uma coisa. — A terceira cláusula era básica. — Não quero seus espiões olhando por cima do meu ombro. A perfeita execução de minhas atividades depende exclusivamente de que eu trabalhe sozinho.

— Quanto a isso, será acordado o seguinte. — Sólon mostrou que também sabia traçar seus limites. — Yaga o acompanhará apenas como observadora. Os detalhes estratégicos são de sua inteira responsabilidade.

— Estou satisfeito.

— Muito bem. Mas lembre-se de que tais regalias o conectam a mim e a mais ninguém — frisou, num sopro trágico. — É ao Primeiro dos Sete que a partir de hoje prestará lealdade, sobre todas as coisas, sobre todos os líderes, mesmo sobre os preceitos de sua casta.

— Justo — o exilado acedeu, mas não era tão justo assim, e ele ficou a imaginar quão ínfimas eram as suas exigências, se comparadas ao que teria de fazer. No fim das contas, talvez Sólon o tivesse manipulado, e não o contrário. Querendo ou não, ele estava enlaçado a um novo acordo e, independentemente dos riscos por vir, não podia mais recuar.

O Lockheed Constellation, ou Connie, como fora apelidado na América, um avião de longo alcance, equipado com quatro hélices e capaz de transportar até cem pessoas, aterrisou no Aeroporto Internacional de Los Angeles às nove horas do dia 15 de setembro de 1956. O aparelho, pintado com a esfera azul da Pan Am, taxiou à margem da pista, contornou a torre de comando e desligou os motores diante de um enorme pavilhão envidraçado.

Denyel observava o deserto através da janela quando a porta pneumática deslizou para cima, enchendo a cabine com um ar seco,

abafado. Trajava a farda de serviço do exército americano, com a insígnia de soldado de primeira classe e o brasão da Grande Rubra costurado no braço. Sobre os joelhos, trazia uma valise preta contendo uma muda de roupa, duas garrafas de Jack Daniel's e todos os míseros duzentos dólares que lhe haviam restado.

Os passageiros, turistas britânicos na maioria, foram saindo aos poucos, acotovelando-se no espaço miúdo. Denyel aguardou o desembarque e só então se levantou. Pisou o solo escaldante, colocou os óculos escuros e entrou no saguão de chegada, que àquela época se parecia com uma enorme agência dos correios, o mobiliário de madeira, os corrimãos dourados, o chão de granito. Tomou um lugar na fila dos "cidadãos americanos" e, quando chegou a sua vez, foi atendido por um homem na casa dos 50 anos, usando um quepe brilhante, de cabelos brancos e terno engomado. No passaporte, ele checou a data de nascimento, que constava como 12 de dezembro de 1919.

— Procedente de Berlim? — perguntou o guarda.

— Sim, senhor — o anjo respondeu com um meio sorriso. — Escalas em Londres e Nova York.

O rosto do agente revelou uma mistura de gratidão, simpatia e tristeza, um olhar que Denyel já conhecia e que sempre o deixava constrangido, especialmente porque o fazia se lembrar das centenas de jovens mortos nas praias da Normandia. Diferentemente de muitos rapazes idealistas, ele, em particular, não tinha escolhido "se sacrificar pelo país" — muito pelo contrário. Não passava de um estrangeiro, de um capacho, e nem mesmo na condição de querubim ele combatia por uma causa robusta.

— Esteve na guerra?

— Omaha, Saint-Lô, Aachen. — E completou, para revigorar seu disfarce: — Bastogne.

— Bastogne? — o funcionário bateu o carimbo. — Meu sobrinho morreu em Bastogne. Talvez o tenha conhecido. Nunca se sabe. — Mas, para alívio de Denyel, ele não prolongou a conversa. — Bem-vindo de volta, filho.

O exilado guardou o passaporte, segurou a valise e prosseguiu ao Sepulveda Boulevard, com seus entroncamentos de acesso às principais ruas e atreladas da Califórnia. Desde aquele tempo, Los Angeles já era uma cidade motorizada, cheia de estacionamento e postos de gasolina, onde não se chegava a lugar algum sem um automóvel. O ônibus custaria a passar, então ele se sentou sobre a mala, torrando a cabeça sob os raios dourados.

Um Cadillac conversível, verde-metálico, rabo de peixe, calota brilhante, chamou-lhe a atenção pela loura estonteante que vinha no lado do passageiro. O celeste a perseguiu com os olhos e nem reparou no motorista, que assim como ele vestia uniforme militar, com as faixas de primeiro-tenente graduado em West Point, a mais tradicional academia de guerra dos Estados Unidos.

O oficial, que não tinha mais de 30 anos, encostou o carro na frente do anjo, contornou o veículo e abriu a porta para a moça sair. Denyel se ergueu

em posição de sentido.

– Muito tempo longe de casa, soldado? – o tenente o provocou.

– Sim, senhor.

– Então, espero que se reajuste – cuspiu uma indireta. Segurou a namorada pela cintura. – Ouça aqui. Vou levar essa pequena até o saguão.

– Entregou-lhe as chaves do Cadillac. – Faça-me um favor, sim? Estacione essa caranga. – Não era um pedido, era uma ordem, com a clara intenção de insultá-lo, de puni-lo por ter espiado a garota.

– Deixe comigo, senhor. – Denyel prestou continência, girou nos calcanhares e se acomodou no assento. Quando o casal enfim sumiu prédio adentro, ele abriu o porta-luvas, puxou um mapa rodoviário e o estendeu contra o sol. Decorou as principais rotas, as saídas laterais, os pontos de referência.

Deu partida. O motor roncou.

Passou reto pelo estacionamento, nem sequer fez menção de parar. Cantou os pneus, dobrou na autoestrada costeira do Pacífico e acelerou na direção de Malibu, com as dunas e palmeiras correndo à direita, os outdoors da Coca-Cola, os letreiros de motel, os anúncios de cafeterias e as falésias que terminavam na praia.

Ligou o rádio. A canção do momento era "Hound Dog", que o estreante Elvis Presley cantara no programa de TV do apresentador Ed Sullivan menos de uma semana antes.

Sorveu um gole do Jack Daniel's. Outro gole. Despejou tudo na boca. Despiu o paletó, a gravata, o gorro. Apanhou o passaporte.

Lançou tudo no mar.

SOPRO DA MORTE

Interior do Kangchenjunga, Nepal, tempo presente

KAIRA, URAKIN E ISMAEL PERMANECIAM IMÓVEIS, OLHOS FIXOS NO SOLO, nas robustas pilastras de mármore, nas seções obscuras que permeavam o salão. O facho que descia do teto distava cem metros, e o portão estava afastado uns cinquenta passos, de forma que ainda era possível fugir. Algo, porém, dizia à arconte que a coluna de luz era justamente a passagem que eles procuravam, uma espécie de portal ou atalho que os transportaria ao posto de controle, de modo que não era sua intenção recuar, ainda mais agora que haviam chegado tão longe.

As pés de Uraquin, descansava a estátua de rocha crua, que os três anjos deduziram ser os remanescentes de um regente atlante, transfigurado pelo Sono de Pedra. O ser — ou seres — que o matara estava oculto, hibernado por eras incontáveis, mas podia sentir as radiações celestes e subitamente despertou do transe. O que era escuro, então, começou a se agitar lentamente, como uma massa de negritude, que ganhava contornos à medida que se aproximava da luz.

Súbito, saltou das trevas uma criatura quadrúpede, condensada no que parecia ser um borrão. O monstro pulou tão rápido que foi impossível distingui-lo por completo, mas à vista de Kaira ele era similar a uma hiena, sem pelos no corpo e com uma cauda estranhíssima. Uraquin não se ateu aos detalhes e simplesmente respondeu com um soco, um golpe certo que atingiu a besta na cara, esmagando-lhe o crânio, fazendo-a tombar de encontro à pilastra.

Ismael voltou-se para o chão. Examinou a criatura. As patas anteriores eram dotadas de cascos, como os das cabras, e as traseiras terminavam em mãos de macaco. Não possuía cavidades oculares, mas o focinho era longo, dando a entender que se guiava pelo olfato. Da boca descia uma secreção aquosa, que escorria às gotas pelos dentes caninos — estes se sucediam um após o outro, feito um facão recortado de pontas.

O guardião da caverna era um ser escabroso, mas, se estivesse sozinho, o problema estaria sanado. Mais rosnados foram no momento seguinte escutados nas trevas, e, quando os anjos se deram conta, estavam rodeados por dez feras idênticas, babando, sedentas, arrastando os calcanhares no piso. Uraquin se adiantou para atacá-las, contudo, mais uma vez, o Executor o travou — esticou os braços e deu um aviso:

— Não se aproximem deles, tenham cuidado com suas presas. — O alerta foi calado ante o assalto dos bichos. Os dez contraíram as pernas traseiras, mas não tinham noção do que seus adversários eram capazes. Com efeito, nem mesmo Kaira conhecia a completa extensão dos poderes do Executor,

que ao se ver ameaçado reagiu prontamente.

Com as íris enegrecendo, Ismael cerrou os pulsos, enrugou a testa e usou uma de suas mais temidas perícias de casta. O poder de controlar os espíritos podia ser canalizado de maneira destrutiva a partir de uma técnica que os hashmalins chamam de Sopro da Morte, pela qual a essência é sugada e em seguida desmantelada, exterminando o inimigo na hora. O único contraponto era que, sendo tão poderosa, essa divindade costumava exaurir o atacante, se empregada repetidas vezes. Mesmo assim, o Executor não se furtou. Sob a potência do Sopro da Morte, as entidades se retraíram num assvio, murcharam como rosas ao sol, para no fim só restarem suas cascas, desfeitas numa poça de muco.

— São vultos — ofegou Ismael. — Espectros de ódio, devoradores de aura. Não se deixem ferir. Não permitam que eles os mordam.

— Espectros? — as mãos de Kaira chamejaram. — Em uma fortaleza atlante?

— Mais um indício de que a estação foi atacada — ele disse. — O posto de controle deve estar além daquela passagem — apontou para o feixe no centro da câmara.

— Então, o feitiço sobre a ponte era para isso, para impedir que eles sássem — especulou a arconte e, como que em reação, torceu o corpo na direção da entrada. Dispunham-se agora, entre eles e o portão, entre cem e duzentas daquelas hienas, surgidas praticamente do nada. No sentido oposto, na direção da coluna, as mesmas abominações se interpunham, não lhes deixando mais opção de escape. Seria uma contenda desigual, não apenas pela quantidade de espectros, mas porque eles se mesclavam ao breu, podendo aparecer ou desaparecer no escuro, percorrendo atalhos através do plano das sombras.

Com o intuito de defender seus amigos, Kaira convocou um círculo de chamas ao seu redor, o que de início assustou os vultos — no entanto, famintos, trancados há séculos no coração da montanha, eles estavam determinados a devorar qualquer energia. A muralha viva se moveu, empurrando as bestas alinhadas mais adiante, que eram mortas sistematicamente, carbonizadas pelas labaredas sagradas. Os cadáveres, então, passaram a se acumular em pilhas cinzentas, abafando a roda, apagando o círculo de proteção, permitindo que os monstros da retaguarda avançassem.

— Preparem-se para correr — Kaira teve uma idéia e, antes que os espectros os alcançassem, descarregou um jato de fogo, incinerando as entidades em linha reta, abrindo uma "trilha" entre eles e o fecho de luz, dando a chance para que os celestiais progredissem.

— São muitos, acho que uma ninhada inteira — reparou Ismael, arfando enquanto corria. — Não me espanta que tenham expulsado os atlânticos, mas quem os invocou, e como?

Kaira não respondeu — não houve tempo. Cinco hienas se lançaram contra Urakin, que matou duas com um murro de cada mão, enquanto ela

derrubava outras três conjurando um par de esferas ardentes. O embate continuou pelos flancos, e por milímetros Ismael não foi apanhado, mas o Punho de Deus o salvou com um chute, esmagando as costelas do monstro, pisoteando-o com seus coturnos encouraçados.

Os poucos segundos de luta foram suficientes para que os vultos se recuperassem, e de repente os anjos estavam cercados de novo. Instintivamente, o grupo assumiu uma postura ordenada de combate, com a arconte na dianteira, o Executor atrás dela e os dois girando à volta de Urakin. À ameaça de três feras que chegavam pulando, Kaira as atingiu com raios quentes em forma de leque, desintegrando-as num só movimento. Quatro entidades que furaram o bloqueio acabaram pegas no Sopro da Morte de Ismael, e outras duas que foram capazes de transpor essas barreiras terminaram debeladas pelos golpes do Punho de Deus, que brigava ferozmente, encarando-as no corpo a corpo. Certa hora, as presas de um dos vultos raspavam nas costelas do querubim, contudo ele foi ágil e se esquivou à direita, tendo o casaco estraçalhado, mas se livrando da abocanhada fatal.

Começava a ficar claro que os seres sombrios estavam dispostos a batalhar sem descanso e que, portanto, a estatística massacrava os alados. Por mais que eles os enfrentassem, a qualquer instante poderiam ser feridos e então cairiam, cedo ou tarde. Se conseguissem, ao menos, pará-los durante um minuto, já seria o bastante para que disparassem até a plataforma e tomassem a passagem ao posto de controle.

Raciocinando estrategicamente, Kaira encheu o pulso com um orbe de radiação, dobrou os joelhos e desferiu um soco no piso. O choque abalou as pilstras, abriu uma cratera de doze polegadas no chão e criou uma redoma incandescente que se foi expandindo para todos os lados, engolindo e dizimando os monstros.

O que era para ser a salvação do coro, todavia, apenas lhes abriu os olhos para quão grave era a situação em que estavam metidos. O clarão provocado pela redoma tornou perceptíveis as áreas mais negras, e lá, protegidos em rachas e buracos, pendurados no teto como morcegos, mais e mais vultos se amontoavam. Não era apenas "uma ninhada", como antes lhes parecera, mas um enxame, com centenas de milhares deles colados às lajes, rastejando no piso, agarrados às paredes, uma terrível colmeia de aberrações assassinas, despertando para buscar seu almoço.

— Receio que eu tenha cometido um engano. — Fadigado, Ismael se desculpou. — Peça perdão por tê-los colocado em perigo.

— O que vamos fazer? — Urakin pediu orientações.

— Incendeiem suas auras — a ruiva ordenou.

— Disse que não deveríamos... — relembrou-a o guerreiro.

— Sei o que eu disse. — A atenção de Kaira estava agora focada em seus inimigos, que os alcançariam em dez ou quinze segundos. — Mas não temos escolha.

E de fato não tinham. O único jeito seria usar todo o quinhão de energia, toda a pujança que guardavam no coração, e, se isso não desse certo,

estariam derrotados, fracos demais para continuar guerreando. Propagar a aura dessa maneira era também arriscado porque eles poderiam ser percebidos, rastreados através do tecido, o que em tese atrairia outros comodores ao seu encaço, como fora o caso de Astron.

Com as pernas ainda dobradas, apoiando-se com uma das palmas no solo, Kaira relaxou as pálpebras e tentou regatar a mais profunda chispa que ardia em seu âmago. Urakin e Ismael a acompanharam, cada um à sua maneira, focalizando sentimentos pacíficos e agressivos, emoções as mais diversas, reunindo toda a sua vontade, finalmente canalizando a essência e a direcionando às suas habilidades angélicas.

De repente, um milésimo de segundo antes de os vultos encostarem neles, aconteceu o que os mortais chamariam de uma "proeza", algo aparentemente inaceitável segundo as leis do universo. Imersa no êxtase que deriva da aura, Kaira sentiu como se não fosse mais um só indivíduo, e sim parte da grande montanha, como se estivesse unida ao ecossistema que compõe a cadeia dos Himalaias, com seus colossais precipícios de neve, seus cursos d'água, suas geleiras, seus animais, suas plantas e mesmo as lendas que cercavam o lugar. Essa não era, entretanto, a primeira vez que uma coisa dessas lhe acontecia – era a mesma comoção que a acometera em Athea, ao provar o crepitar do vulcão, e também na floresta Amazônica, onde o rio, as pedras e as árvores eram mais antigos, mais conscientes do que qualquer animal sobre a terra.

Uma brisa gelada soprou a japona de Urakin, reduzida a farrapos após o ataque das feras, o que o levou a pensar que o feitiço do Eterno Verão estava minguando. Ouviu-se então o estalar de cristais. Quando o guerreiro olhou para baixo, notou que do torso da raiva emanava uma aura branca e de seus dedos nasciam chapas de gelo. Essas placas se estenderam rapidamente, congelando não só os monstros como o salão por inteiro, envolvendo os pilares, revestindo o teto, aprisionando os vultos em esquifes azulados, fazendo com que, forçosamente, eles regressassem ao estado de transe.

Como resultado, o santuário no interior da montanha passou de nebuloso a muito claro, porque as farpas de cristal, em vez de absorver a luz, acabavam por refleti-la, transformando o aposento numa fabulosa catedral de gelo, altíssima e incrivelmente profunda. Espantada e descrente do que ela mesma fizera, a Centelha Divina deu um suspiro e desabou, completamente esgotada por ter conjurado um poder tão absurdo. Urakin a acudiu, tomando-a nos braços. Ismael julgava inconcebível o prodígio e ficou abismado:

– Magnífico.

– Sabe qual é o seu problema, Ismael? – Urakin aproveitou para dizer o que pensava. – Falta-lhe fé.

– Fé? – deu de ombros.

– Urakin – era Kaira que o chamava, aos pigarros, – Qual é a situação?

– Nós os derrotamos. Você os derrotou – cochichou o guerreiro, mirando as crostas de gelo. – Os vultos estão aprisionados, só não sabemos

por quanto tempo.

– Então, a passagem está livre. Ótimo. – Ela fez um sinal, pedindo que o gigante a deitasse. Mal conseguia enxergar, que diria se mover. – Sendo assim, vocês seguirão sozinhos a partir deste ponto. – Perdeu-se numa crise de tosse. – Preciso de algumas horas para me recompor.

– Disparate – ele reclamou. – Não vamos deixá-la nesta toca de monstros, não na condição em que está. E se os cristais degelarem?

– Sim, existe essa chance. É por isso que vocês devem ser rápidos.

– Urakin tem razão – Ismael o apoiou. – O Eterno Verão pode agir no sentido de desfazer as placas geladas, e aí você estaria indefesa.

– Já tomei minha decisão – Kaira se valeu de sua autoridade de arconte, como raras vezes fazia – e assumo a responsabilidade total.

– Muito bem. – O Executor olhou para o parceiro e suavemente o puxou pelo braço. Urakin cedeu, ainda que a contragosto, já que essa era a vontade de sua chefe. Ele, logo ele, um soldado tão reto, tão nobre, tornara-se um perfeito rebelde, tendo primeiro se insurgido contra Miguel, depois contra os comandos de Astron, portanto não desejava se revoltar mais uma vez, especialmente agora que sua causa era justa.

– Descubram as coordenadas da Segunda Cidade e retornem – a capitã arquejava, a testa estava fria. – Egnias é nossa próxima parada.

– Descobriremos – prometeu Urakin. – Custe o que custar – e rumou à coluna de luz. Ele e Ismael subiram à plataforma e foram impulsionados, sugados pelo raio através da abertura. Como a ruiva previra, aquela era uma porta mágica, que supostamente os levaria para dentro do posto de controle. Supostamente...

VAGA

Rocky Beach, 15 de setembro de 1956

AS COORDENADAS APRESENTADAS POR SÓLON LEVARAM DENYEL À CIDADE DE Rocky Beach, um típico balneário californiano no trajeto inicial da Auto-estrada 101, entre Santa Barbara e São Francisco, 350 quilômetros ao norte de Los Angeles. A comunidade sofrerá um bocado nos anos 40, com a convocação de mais da metade de seus jovens à guerra, muitos dos quais jamais voltariam para casa. Como tributo a esses rapazes, os moradores organizavam uma festa todo primeiro domingo de junho, com direito a procissão, banda de música, algodão-doce, cachorro-quente e uma salva de tiros sobre o Pacífico, ao som do hino dos Estados Unidos, com as bandeiras hasteadas a meio mastro.

Denyel chegara aos subúrbios de Rocky Beach por volta das quatro da tarde, após inúmeras escalas em restaurantes e postos de gasolina, para reabastecer e comprar mais bebida. Desde que descera em território americano, ele já acabara com duas garrafas de bourbon e oito litros de cerveja, o que o forçou a encostar o carro para urinar umas quatro ou cinco vezes. Estacionou o Cadillac em frente à escola municipal, percorreu a avenida à beira-mar e sentou-se num banco de praça para assistir ao cair da tarde, com os braços esticados, as pernas cruzadas. Os óculos Ray-Ban refletiam o halo solar, o rasante das gaivotas, as rochas da praia, a torre do farol, toda pintada de branco, as palmeiras que ponteavam a baía.

Uma pesada estátua de bronze, centralizada num quadriculado de grama, reproduzia a cena de um recruta de joelhos com o capacete na mão, e da base pendia uma chapa com o nome de todos os 68 jovens de Rocky Beach mortos nos combates da Segunda Grande Guerra. A lista era organizada em três colunas, sendo a primeira respectiva às baixas da Normandia, a segunda a Iwo Jima, no Japão, e a terceira a Bastogne, o que acendeu em Denyel uma curiosidade mórbida, e ele começou a procurar por praças conhecidos, com o mesmo sabor de quem desafia a memória. Ainda vestia as calças do uniforme, mas jogara fora o paletó, conservando só a camiseta branca, as dog tags e a pequena valise.

Quando o sol se deitou, o exilado sentiu uma presença sombria. Sua aura era densa, fechada e tão obscura que ele teria se posto em guarda, não tivesse um encontro marcado. Àquela altura, Denyel estava seguro e até animado com a transferência para a América, então relaxou as pernas, espreguiçou as costas e nem se deu o trabalho de se virar para trás.

Os grilos se calaram, as sombras cresceram, as gaivotas revoaram e até as plantas pareceram minguar. No outro extremo do banco, acomodou-se uma mulher de longos cabelos negros, olhos amarelados e a pele tão branca que as

veias escalavam o pescoço, subindo à face como ramos de trepadeira. Coberta por um vestido trançado, que ia da gargantilha ao tornozelo, sua expressão era séria, em oposição à atitude descuidada de Denyel, um "transviado", como se dizia na época. Se aquele fosse um filme noir, ele pensou, ela seria uma espã soviética determinada a cumprir sua missão, disposta a matar ou morrer.

— Sabe o que é mais irônico? — o anjo divagou, como se a mulher não existisse. — Lembro dos números, mas não dos nomes. — Ele ainda observava a placa dos mortos, quando um albatroz pousou no gradeado. O céu passara de laranja a azul-escuro. — Dos rostos, muito vagamente.

— Meu nome é Yaga — ela esperou alguns instantes e então se apresentou. — Serei sua chefe de operações, ou sua "intercessora", como prefira chamar.

Denyel a encarou. Uma de suas maiores fraquezas — ele mesmo reconhecia — era a atração que sentia pelas mulheres, fossem elas imortais ou mundanas. Yaga era dotada de uma beleza exótica, misteriosa, um tanto gótica, o que estranhamente não lhe despertou nenhum interesse, talvez pela natureza amoral dos hashmalins, a casta a que pertencia.

Yaga depositou sobre o banco uma pasta de couro marrom com múltiplos compartimentos e bolsos. Com a mirada fixa num ponto afastado, Denyel arrastou o objeto para o colo. Girou a cabeça para todos os lados e, quando teve certeza de que não vinha ninguém, abriu o zíper da seção principal.

— Seja discreto — ela sibilou.

— Não acha que estamos indo rápido demais? — Denyel retrucou, debochado. Naqueles dias, ele não fazia idéia da burrada em que se metera ao jurar obediência ao Primeiro dos Sete. Mas nem tinha como saber. Até então, as tarefas confiadas aos anjos da morte eram joguetes, experimentos sádicos arquitetados por Sólon. A coisa era meio como um espetáculo de circo, em que os palhaços jogavam tortas na cara sem nunca se ferir de verdade. O que ele encontrou na maleta, portanto, o deixou um pouco chocado. — Beretta? — Tateou a pistola, sem tirá-la para fora, e a identificou com uma arma de fabricação italiana, projetada para disparar oito cartuchos 9 milímetros, não tão grande nem tão pequena, fácil de esconder sob a blusa. — Está carregada?

— O envelope. — Yaga queria abreviar a conversa. — Abra-o. — Indicou um segundo compartimento, de onde Denyel sacou o arquivo de um homem. A foto mostrava um sujeito bem humano, de meia-idade, cabelos pretos e curtos, barrigudo, usando um chapéu de aba larga e trajando um sobretudo impermeável. Na imagem, ele aparecia dobrando uma esquina, segurando um guarda-chuva, olhando distraidamente para o céu. — Reconhece?

— Deveria?

— Na verdade, não. Mas, sendo um exilado, nunca se sabe. — Havia uma ponta de desprezo na maneira como ela pronunciara "exilado". — Seu nome é Gregorion, e você deverá matá-lo.

Denyel engasgou. Franziu as sobranceiras, inclinou a cabeça para trás, fez como se não tivesse escutado. Podia ser o efeito do álcool, que às vezes o deixava zonzo.

— Quem é ele?

— Leia os arquivos — a sugestão fora seca. — Gregorion é um dos elohins, um espião a serviço do arcanjo Gabriel. Sua tarefa consiste em exterminá-lo com a arma que está na maleta. Dois ou três tiros, diretos no coração. Como vai a sua pontaria?

— Com dois ou três tiros, eu poderia parti-lo ao meio — ele rebateu, igualmente áspero, já que ela também não fazia questão de ser calorosa. — E por que eu devo matá-lo?

— Não enxergo a lógica de sua pergunta — Yaga girou o pescoço. — Você deverá matá-lo porque estamos em guerra.

— Então, sinto muito, mas alguma coisa mudou enquanto estive fora. — "Fora", no caso, era longe do céu, distante da guerra civil entre os arcanjos, travada nos rincões do paraíso. — Quer dizer que a trégua na terra caiu? — O exilado olhou ao redor, num gesto de puro sarcasmo. — E as legiões, onde estão?

— Garanto-lhe que nossa única intenção é preservar essa trégua — as íris de Yaga se tornaram mais negras; as trevas sobre ela cresceram numa mancha sinistra. — Justamente por isso, toda esta operação foi montada.

— Devem estar loucos, você e a congregação dos carecas. — Era como os exilados chamavam os malakíns, pela ausência de pelos no corpo. — Sair por aí atirando em agentes inimigos não me parece um jeito muito eficaz de preservar o armistício.

— Seu raciocínio é um bocado lento, ao que vejo — ela contra-atacou. — Gabriel desonrou os termos do armistício primeiro, ao usar os elohins para nos espionar na Haled. Esses "anjos", se é que podemos chamá-los assim, estão montando uma rede secreta de informações, destinada a contrabandear dados sigilosos aos rebeldes. Miguel não pode permitir que essa "teia" continue operando, mas, em contrapartida, não quer romper o tratado, o que estenderia a guerra ao mundo dos homens. Logo, nossa única opção é desmantelar a rede picotando seus elos, agindo em segredo, combatendo os revoltosos cirurgicamente, sem que eles saibam.

— Espere um pouco — o exilado ergueu a mão, zombeteiro. — Vamos ver se entendi. Os elohins quase nunca se desmaterializam, agindo por meio de seus avatares, o que nos obriga a persegui-los aqui mesmo, no plano físico. — Fez uma pausa, ajeitou os óculos escuros. — Mas a destruição do corpo material não implica a morte do anjo. Sua essência regressará aos Sete Céus e, quando despertar, ele dará com a língua nos dentes. E lá se vai o seu plano.

— O plano não é meu — ela fez questão de informar e emendou a resposta. — Já cuidamos de tudo. Não se preocupe com mais nada além do que lhe foi ordenado. Concentre-se em fazer o seu trabalho, e nós faremos o nosso. O mais importante é que, uma vez encurralado, Gregorion não

escape.

– Sou um querubim, mocinha. Matar é o que fazemos de melhor – e, ao dizer isso, uma dúvida lhe surgiu. – Por que me escolheram?

– Suponho que seja um dos poucos de sua casta que sabem operar uma arma de fogo – de novo, aquele tom de desprezo. Em geral, os querubins consideravam rifles e pistolas armas "sem honra", inadequadas para o justo duelo. – O assassinato de Gregorion deve parecer um crime humano. Por isso você foi escolhido.

– Por que não disse logo? – Ele pigarreou para esconder a decepção. A nova missão não era nada do que imaginara, teria poucos louros e quase nenhuma ação, mas pelo menos ele estaria de volta às fileiras celestes, ainda que continuasse atuando na terra. – Diga ao Primeiro dos Sete que ele terá o que deseja.

Denyel fechou o arquivo. Retornou-o ao fundo da pasta e descobriu, em um dos bolsos menores, um rolo de notas que juntas somavam perto de dez mil dólares, uma pequena fortuna para os padrões da época, com a qual ele poderia se afundar no uísque e beber até desabar, se assim quisesse.

– É o bastante? – perguntou Yaga.

– Por enquanto, acho que sim – ele não transpareceu satisfação. – Agora, só falta uma coisa – esfregou os joelhos, pronto para começar. – Onde encontro esse Gregorion?

– Mais perto do que imagina. – A noite havia chegado.

– Rocky Beach?

– O alvo mora algumas quadras a leste do drive-in. – A entidade se levantou. – Mantenha-me informada. Quero estar presente no dia da execução.

"Execução" era uma palavra forte, especialmente para um anjo guerreiro. Denyel nunca tinha "executado" ninguém, apesar das centenas de anjos, demônios e homens com quem lutara e que vencera ao curso dos séculos. Havia uma diferença brutal, na verdade, entre esmagar um adversário em combate e atirar nele a sangue-frio, uma fronteira que os querubins não costumavam transpor, já que eram lutadores, treinados para a batalha, não condicionados ao assassinio.

No caso de Denyel, o desgosto era latente, e ele tentava não pensar muito a respeito, porque não enxergava saída para a confusão a que se enlaçara.

Quando a consciência pesava, ele invocava o velho mantra de que, se não fosse ele a fazer, outro o faria. Parecia confortável a idéia de ser apenas um soldado, somente mais uma peça no teatro da guerra, mas nada disso o acalmava nem tornava as coisas mais fáceis.

Sem opções, ele começou a elaborar o seu plano. Primeiro, tratou de seguir Gregorion, com a intenção de vigiá-lo atentamente, de estudar os seus hábitos, de saber quem ele era e o que fazia. A tarefa mostrou-se mais complexa do que ele calculara, por vários motivos.

O grande problema era como manter ocultas as emanções de sua aura pulsante por longos períodos de tempo. Os alados, geralmente, são capazes de sentir a presença de outros de sua espécie pelas radiações coronárias, que podem ser suprimidas, mas para tudo existe um limite. Por estar havia anos na Haled, Denyel sabia esconder sua essência melhor do que a maioria dos anjos, mas ainda assim precisava ser cauteloso, então preferiu observar a distância. Descobriu que Gregorion sustentava uma identidade mortal sob o nome de Gregory Larson e trabalhava como gerente em uma loja de automóveis, a Wheels of America, revendedora da Ford e da General Motors no condado de Santa Barbara. Constituíra família, casando-se em 1947 com uma moça chamada Molly e tendo com ela três filhas: Susan, Martha e Alice.

A natureza dos elohins sempre fora mal interpretada pelas outras castas, sobretudo pelos hashmalins, que os consideram "bastardos", um julgamento que, todavia, não poderia ser mais desastroso. Os elohins, assim como as demais ordens angélicas, constituem parte essencial do plano de Deus. Eles foram originalmente criados para auxiliar os sentinelas, os primeiros anjos enviados à terra no intuito de ensinar e guiar os seres humanos. Quando os sentinelas foram banidos, a casta assumiu a tarefa de se infiltrar nas cidades e aldeias para semear o conhecimento do bem e do mal, permitindo que os mortais governassem suas próprias escolhas, uma função diferente da dos ofanins, cujo trabalho é redimir os terrenos. Os elohins não são necessariamente generosos, como é o caso dos anjos da guarda — eles atuam, até hoje, como educadores, num sentido mais amplo do termo, apresentando as duas faces da mesma moeda, jamais desrespeitando o livre-arbítrio, conforme era o desejo de Yahweh. Desde então, adotaram corpos e moradas no reino físico, perdendo o contato com os alados do céu, e depois jurando neutralidade na guerra civil — daí a suposta rede de espíões denunciada por Yaga ser algo tão estranho, tão perigoso, mas até certo ponto compreensível, considerando que os elohins são os únicos que não possuem um príncipe, tampouco um comando central. Não bastasse, são capazes de disfarçar a aura, camuflando-a com uma energia congênere à humana, tornando-se, portanto, virtualmente indetectáveis ao redor do planeta.

Para espionar Gregorion, Denyel reservou nove semanas, um período curto para o tipo de crime que estava a conspirar. Com o pagamento inicial por seus serviços, comprou roupas novas, e agora se vestia com calça jeans, blusa de gola alta e jaqueta de couro marrom de estilo aviador, moda nos anos 50. Encontrou um terreno baldio para estacionar o Cadillac, subiu a capota e passou a usá-lo como quartel-general.

Yaga tomara como refúgio uma casa abandonada na zona rural. Dispersara seu avatar, permanecendo invisível aos vizinhos, literalmente transformando o local numa mansão assombrada, onde os móveis se arrastavam, as paredes tremiam. Denyel podia enxergá-la através do tecido e uma vez por semana oferecia seus relatórios, finalmente marcando a data do ataque para o Dia de Ação de Graças, que no ano de 1956 seria

comemorado a 22 de novembro.

Estava tudo acertado. A rotina de Gregorion era conhecida: ele saía da loja às sete da noite, dava uma volta no quarteirão, fazia uma escala na farmácia, comprava um frasco de Dr Pepper e andava mais alguns metros até a lanchonete Melinda's, do outro lado da rua. Nas quintas-feiras e nos feriados, dias de folga da cozinheira, comia duas torradas com ovo e lia o jornal, para então dirigir seu Studebaker de volta para casa.

Às dezenove horas, a cafeteria normalmente já estava vazia, o que a tornava adequada para um assassinato furtivo. Mas Denyel ainda tinha um contratempo: a garçonete Jenny, que só encerrava o expediente às vinte horas. Conduzindo um planejamento minucioso, ficou sabendo que a moça tinha o costume de jantar às 18h30 em ponto, e o que ele fez foi misturar uma dose cavalariça de calmantes na sua Pepsi, o suficiente para que ela dormisse até o dia seguinte.

E, assim, estava montado o cadafalso.

GREGORION

NOS MESES DE OUTONO, NÃO SÓ A COSTA COMO TODA A REGIÃO DE Rocky Beach era açoitada por uma intensa brisa marinha, que revolvia a areia da praia, sujava os para-brisas, ofuscava as vitrines e incomodava os pedestres. Crianças perdiam suas bolas de futebol, chapéus eram soprados, saias longas revelavam espartilhos. Os rapazes da escola municipal costumavam aplicar um trote nos calouros do ginásio, a chamada "caça ao torvelinho", obrigando-os a sair pelas ruas caçando pequenos redemoinhos de vento e tentando capturá-los com um saco de lona.

Entre a primeira quinzena de setembro e a última semana de outubro, o sol em Rocky Beach se punha às dezoito horas, e ao anoitecer o frio era cortante. Seguindo a mesma rotina, Gregorion saiu da concessionária, passou na drogaria e entrou pela porta da frente no Melinda's, uma lanchonete característica daquele período, organizada a partir de um balcão de madeira, com bancos giratórios presos ao solo, mesas fixas, encostadas à janela, e poltronas azuis, acolchoadas e forradas de couro sintético.

Gregorion era bem o que aparentava na foto, não tinha nada de angelical à primeira vista. O corpo era gordo, os cabelos pretos, bem curtos, e a olhos humanos seria tomado como um pai de família acima de qualquer suspeita, no auge dos seus 50 e poucos anos, o terno alinhado, a colônia francesa. Esfregou a sola no capacho, removeu o excesso de areia, tirou o chapéu e o pendurou no cabideiro.

O bar estava deserto.

Luzes acesas.

Descontraído, chamou por Jenny, deu um sorriso, chamou de novo, olhou sobre o ombro e, como não obteve resposta, decidiu esperar um instante. Só um instante.

Enquanto aguardava, apanhou uma moeda de dez centavos, cunhada com o rosto do presidente Franklin Roosevelt, e a enfiou na jukebox, um aparelho robusto, colorido, decorado com listras de neon e recheado com dezenas de discos, alguns novos, recém-comprados em Los Angeles. Selecionou o single "Only You", gravado pelo The Platters em 1955 e lançado em circuito nacional no verão do mesmo ano.

Um hit.

Súbito, a porta se abriu.

Denyel entrou.

Denyel, o soldado. Denyel, o capanga. Denyel, o assassino.

Trancou a fechadura com a chave que roubara da garçonete. Caminhou na direção do balcão, tentando parecer casual. Estava nervoso, como nunca estivera. Limpou a testa com as costas da mão.

Dentro da caixa de música, a agulha encostou no vinil, emitindo

chuviscos ruidosos. Depois, os acordes da famosa canção:

*Only you can make this world seem right.
Only you can make the darkness bright.*

Gregorion não dera a menor atenção ao celeste. Pressionava os botões do aparelho, escolhendo os próximos títulos, apalpando as moedas no bolso. Na certa, deduziu que fosse outro freguês, ou talvez a atendente que saíra para trazer um cigarro, até que o próprio exilado o evocou:

— Gregorion — não era uma pergunta. O tom saíra diferente, mais forte, imponente, nem um pouco interrogativo. Após dois meses e meio em preparação para o ataque, Denyel sabia muito bem com quem estava lidando, mas simplesmente não podia atirar pelas costas.

*Only you and you alone can thrill me like you do
and fill my heart with love for only you.*

O elohim o escutou, ergueu a vista, deu meia-volta e ficou de frente para o anjo da morte. Encarou seu algoz, intrigado, mas não exatamente chocado, uma reação improvável para alguém que, pelos arquivos de Yaga, tinha tantos segredos a esconder. Curvou a sobrançelha e o reconheceu como um dos seus, afinal, por mais que os alados escondam sua aura, eles sempre (ou quase sempre) podem ser identificados mediante contato visual.

— Sim? — Gregorion esboçou um sorriso. Com uma mão coçou o queixo e com a outra balançou o dedo carnudo. — De onde nos conhecemos?

*Only you can make this change in me.
For it's true you are my destiny.*

Diante da confirmação (não que ele precisasse, realmente), Denyel sacou a Beretta num arranque torto, desajeitado. Com a palma direita soltou a trava da pistola, engatilhou, desceu o cão com o polegar. O cartucho subiu à culatra num clique metálico, igual ao ruído dos dez centavos escorregando no bojo da máquina. Fez pontaria, tremeu, mas não disparou. Gotas de suor pingavam da orelha, a convicção vacilava. Sentia-se perdido, confuso, culpado — não por erros pregressos, mas pelo que estava para fazer, pelo tenebroso caminho que concordara em seguir.

*When you hold my hand, I understand
the magic that you do.*

Não, ele não podia.
Não podia!
Era horrível. Inglório.
Mas precisava. Precisava fazer.

Precisava.

Como uma penosa resposta à sua covardia, uma sombra nasceu do assoalho, ampliando-se na silhueta de uma entidade macabra, que com as asas abertas se alastrou pelo teto, de olhos acesos, membros translúcidos, esfumaçados – era Yaga, que chegava em sua forma de trevas, com a qual se fazia incorpórea, capaz de atravessar portas e muros. Sua função como "intercessora", Denyel agora percebia, não era orientá-lo apenas, mas garantir, em nome dos Sete, o correto transcorrer da missão, ter certeza de que ele cumpriria as ordens, caçando e exterminando Gregorion.

*You're my dream come true,
my one and only you.*

Sob a mira da Beretta, acuado, Gregorion se deu conta do que o destino lhe reservara. Gaguejou alguma coisa, levantou os braços, ofereceu rendição. Deu um passo atrás, mas estava encurralado – em um canto, um assassino armado; no outro, um monstro de crueldade e sadismo.

*Only you can make this change in me.
For it's true you are my destiny.*

– Atire! – roncou Yaga. – Dispare agora – suas garras se alongaram, desenhando pontiagudos tentáculos no breu. – Rápido. Dispare. Ele vai se desmaterializar.

– Não, não vou... – o elohim gemeu, os beijos pálidos, a cara branca. – Por favor, eu suplico, eu suplico – olhou diretamente para Denyel. – Não atire. Pelo amor de Deus. Eu tenho família, tenho filhas. Não...

Era a hora.

Fogo!

Um disparo ecoou no Melinda's, acertando Gregorion no peito, mas errando seu coração. Denyel ainda tremia, e a bala saiu enviesada, varou a espinha, penetrou no aparelho de música, trespassou a parede de tijolos e saiu na parte externa do lanchonete, esburacando o asfalto lá fora.

Houve um estrondo incomum, de carne sendo perfurada, seguido pela sinfonia dos estilhaços de vidro. Gregorion esticou os braços, como um cego que procura a bengala, perdeu o equilíbrio e caiu de testa na quina de uma mesa, com os olhos escurecendo, as pálpebras se fechando. Denyel encerrou o serviço com seis tiros no plexo cardíaco, descarregando o pente quase inteiro, o cano fervente, as cápsulas pulando do ejetor.

*When you hold my hand, I understand
the magic that you do.*

Mesmo danificada, a jukebox continuou funcionando, numa atmosfera onírica, digna dos pesadelos mais dadaístas. Denyel ficou parado, sua

imagem refletida na poça de sangue, sem ação, praticamente em estado de choque, mergulhado numa epifania às avessas. Percebeu, só então, que o segredo da coisa residia nas balas, naquelas balas... Eram elas que tornavam os disparos tão possantes... Mas por quê? Como?

YOU'RE MY DREAM COME TRUE,
MY ONE AND ONLY YOU.

De algum lugar, um cachorro começou a latir. Outros o acompanharam. Luzes se acenderam nas casas mais próximas. No salão do barbeiro, a três quadras dali, o gerente escutou uma movimentação incomum. Foi até a janela. Um casal que namorava na praia se afastou com um susto.

Yaga não disse mais nada. Com a operação concluída, ela se esvaiu num segundo, afundou-se nos túneis de esgoto. O corpo se transformou em fumaça, um gás negro, de aparência suja, poluída. O monstro proferiu um grasnido e escoou às profundezas, desaparecendo sem deixar pistas.

Era o momento de o querubim escapar, antes que os moradores chamassem a polícia. Saltou sobre o balcão, derrubou quatro taças vazias de milk-shake, escancarou a porta dos fundos, deslizou para as ruas e sumiu de Rocky Beach como uma tempestade que se dispersa no leste.

Quando chegou ao Cadillac, ainda transpirava. Forçou o pé contra a embreagem, abriu uma garrafa de gim, ligou o rádio e acelerou estrada afora, meditando sobre o pecado que cometera. O alvo fora exterminado e tudo ocorrera conforme planejado, sem falhas, sem contratemplos, mas a questão não era essa.

Ao tomar parte naquela empreitada, ao abaixar a cabeça e aceitar a missão, Denyel não havia executado apenas Gregorion — ele matara a si mesmo.

GELO ETERNO

Entre o céu e a terra, tempo presente

NO MOMENTO EM QUE URAKIN E ISMAEL SUBIRAM À PLATAFORMA, NO CENTRO do grande salão, algo de inesperado ocorreu. Em vez de ressurgirem do outro lado, como seria o esperado em portais desse tipo, eles se viram cuspidos através da montanha, atirados na direção das estrelas, recompondo-se após um segundo, ilesos, dentro de uma gruta esférica revestida de gelo, os cantos irregulares, mas agraciada com uma temperatura morna, sugerindo que os cristais teriam se endurecido a tal ponto que não podiam mais derreter. Pairando abaixo deles, coriscava uma poça de luz, e ao redor da esfera se abriam dez túneis grosseiramente escavados, que levavam a direções as mais variadas, mas era impossível localizar norte ou sul, leste ou oeste, porque não havia gravidade aparente. Soltos no interior do recinto, os anjos flutuavam como astronautas, movendo-se para os lados segundo o impulso do corpo, experimentando uma agradável sensação de leveza.

Urakin a princípio achou que fosse uma cilada, outro truque dos serafins a serviço de Astron. Depois, reconheceu que a câmara era sólida, perigosamente real, porém nada, até então, levava a crer que fora erigida pelos atlantes. Fitou a poça com especial curiosidade, apoiou-se numa crosta de gelo e fez um comentário distinto:

— Este é o ponto de saída do portal?

— De saída ou de entrada, isso depende — retrucou Ismael. Deu piruetas para frente, na intenção de se alinhar na vertical. — Mas talvez não seja um portal, no perfeito sentido do termo — o Executor tinha a atenção voltada aos túneis. — Reparou que o tecido aqui não existe?

— Reparei. — Urakin dilatou as narinas. Não farejou resíduos de terra, só um leve cheiro de carne seca. — Aposto que estamos dentro de outro vértice.

— É provável, mas nesse caso teríamos cruzado um atalho, e não um portal. É assim que chamamos as passagens que ligam duas regiões no mesmo plano de existência.

— Ora, eu sei disso, mas e daí? — abanou a mão no ar. — Só nomenclatura. — Testou o abrir e fechar dos dedos e percebeu que os tendões formigavam. — Por que os meus braços estão dormentes?

— Os meus também estão — revelou o parceiro. — O transporte deve ter drenado uma porção da nossa essência para se ativar. É assim que muitas pontes operam de fora para dentro. — Deu um salto leve, como se nadasse no fundo do mar, e se aproximou do buraco à esquerda. — Dez túneis... Por que dez!

- Não eram dez as colônias atlantes?
 - Sim, eram mesmo. Mas esta gruta não me parece atlante, nem de longe. É rústica demais, sem adornos ou lapidação. E a falta de gravidade...
 - Ismael ergueu a sobrancelha. – Nunca vi um encantamento desse tipo.
 - O que está sugerindo?
 - Nada. Conjecturando, apenas – tornou a se reclinar para trás. – Refletindo sobre quem poderia ter escavado este lugar, e com que propósito.
 - O propósito era monitorar as colônias – insistiu. – Não foi isso o que nos disse Abul?
 - Não me refiro ao uso do posto de controle pelos atlantes. Refiro-me ao seu propósito original.
 - Que propósito original?
 - O propósito dos seres que construíram esta sala. Presumindo, é claro, que ela não foi planejada pelos atlânticos.
 - Devem ter sido eles, sim. Talvez estivessem com pressa no dia. – Absteve-se. – Pelo que entendi, um desses túneis é o correspondente a Egnias.
 - Seria lógico. Mas qual?
 - Silêncio – o Punho de Deus o calou com um chiado.
 - O que foi?
 - Não está ouvindo? – puxou-o a uma das passagens.
- Os dois espreitaram através da abertura mais à direita. Por dentro dela ecoavam gemidos oriundos de uma voz pouco humana, que soava aos roncões. Não obstante, as palavras eram fortes e claramente audíveis:

– *Ia Ia Ia! Adu En I Ba Ninib. Ninib Ba Firik. Firik Ba Pirik. Pirik Ba Agga Ba Es. Agga Ba Es Ba Akka Bar!*

POR UM PUNHADO DE DÓLARES

Sierra Vista, Arizona, 12 de janeiro de 1967

AOS OLHOS DE HOJE, É CONSENSO GERAL QUE A DÉCADA DE 50 PASSOU COMO UM SONHO, um curto período de ilusões que durou exatos dezessete anos, desde a conclusão da Segunda Guerra Mundial, em 1945, à crise dos mísseis cubanos, em outubro de 1962. Dentro desse contexto, a Guerra da Coreia serviu mais como um ensaio, um jogo de tabuleiro para que as novas potências testassem suas armas, a maioria construída com tecnologia nazista, roubada ao fim do confronto na Europa.

Foi só a partir de 1961 que a Guerra Fria esquentou realmente, à instalação de ogivas norte-americanas na região da Turquia. Numa época em que ainda não existiam mísseis balísticos intercontinentais, alocar foguetes atômicos tão próximos à Rússia representava um perigo aos comunistas, que em resposta enviaram seus próprios armamentos para Cuba e os apontaram ao território dos Estados Unidos. O episódio, que durou treze dias e por pouco não desencadeou a Terceira Guerra Mundial, encontrou uma solução diplomática, mas pela primeira vez as nações do planeta se deram conta de quão perto chegaram de uma devastação nuclear. Ficou claro, depois disso, que o baile do triunfo sobre alemães e japoneses não duraria para sempre — agora a luta era para valer, e o que estava em disputa era o domínio da terra.

Sem perspectivas de vitória em curto prazo, a guerra tornou-se um negócio e passou a mover a sociedade global como um sistema contínuo, gerando empregos, aquecendo a economia e influenciando as pessoas com sua ideologia torta, para o bem e para o mal. Os que buscavam a paz foram sendo substituídos pelos agentes belicistas, culminando, nos EUA, com o assassinato do presidente John F. Kennedy, a 22 de novembro de 1963, e com a subida ao poder de seu vice, Lyndon Johnson, que deu a autorização final para o envio de tropas ao Vietnã.

O caldeirão que borbulhava entre Washington e Moscou cuspiu seus respingos pelo resto do mundo. Na América Latina, prevaleceram sangrentas ditaduras de extrema direita e, no Oriente Médio, a Guerra dos Seis Dias acabou por definir a maior parte das atuais fronteiras de Israel. A resposta à escalada da violência se refletiu em movimentos de contestação social, primeiro com os beatniks, que condenavam o consumismo e o otimismo pós-guerra, e depois com os hippies, jovens ícones da contracultura. O rock'n roll se transmutou em canções mais ousadas, de cunho político, e ganhou destaque com grupos como os Beatles e os Rolling Stones. Numa visão mais positiva, os "loucos anos 60" trouxeram maior abertura às minorias raciais, aos direitos civis, à participação das mulheres, e

incentivaram o programa espacial, com a ida do homem à lua.

Denyel assistiu a tudo isso de perto, escuso, sem dar uma palavra. Sólon honrou o acordo e não voltou a importuná-lo por vários anos, o que deu ao exilado tempo bastante para descansar, só que ele não conseguiu. O assassinato de Gregorion ainda o perturbava, era algo que o corroía por dentro, uma coisa com a qual ele não conseguia lidar, de que se envergonhava profundamente, não somente por ter atirado a sangue-frio, mas por não ter tido coragem de se impor perante Yaga, como tão bem fizera com o Primeiro dos Sete. É assim que os anjos se sentem quando contrariam sua natureza — eles se tornam como zumbis, perdem a vontade de viver, de batalhar, de continuar existindo.

Como parte do tratado, Denyel receberia ao menos dez anos de licença e remunerações mensais, em espécie. Durante a sua fuga de Rocky Beach, ainda em 1956, ele descobriu um canhoto deixado por Yaga no porta-luvas do Cadillac, indicando o número de uma caixa postal localizada numa agência dos correios do USPS, o United States Postal Service, ou Serviço Postal dos Estados Unidos, na cidade de Sacramento, capital do estado da Califórnia.

O estabelecimento, uma constação moderna, erigida em concreto, ficava na Avenida Merkley, 1601, de frente para o Ferro-Velho do Tony (ele nunca esqueceria esse nome) e ao lado de um terreno baldio. Era tão singelo e tinha tão poucos clientes que contava com uma só funcionária, uma senhora de 74 anos chamada Greta, que por vezes era auxiliada por seu guarda de segurança, Jeff, um homem negro, alto, na casa dos 50, nascido e criado no Alabama. O exilado acabou por conhecê-los relativamente bem, pois todo dia 5 seu escaninho era abastecido com um pacote contendo cinco mil dólares, obrigando-o a voltar mensalmente à agência para recolher o montante. Greta às vezes o presenteava com um saquinho de caramelos, que Denyel aceitava, meio sem jeito, mas sempre recusava o convite para o chá, que era servido às dezessete horas na própria, loja.

Desprovido de residência fixa, ele deixou a Beretta escondida na caixa postal, embrulhada em papel pardo, mas manteve consigo a única cápsula que restara do ataque a Gregorion, o curioso projétil de bronze, na esperança de algum dia descobrir como ele funcionava ou para que exatamente servia.

O envelope com o dinheiro nunca acusava um remetente, não tinha selos ou marcas de carimbo, o que era um bocado estranho. Sem documentos (o último passaporte ele havia jogado ao mar), Denyel abandonou o Cadillac em um deserto próximo à fronteira com o México e se tornou o vagabundo mais rico da América, viajando de carona de costa a costa, conhecendo todo tipo de gente, cortejando mulheres e sobretudo se afundando em toneladas de cerveja e uísque, cada vez mais alheio ao que acontecia no céu.

Em teoria, sua licença expirava no Dia de Ação de Graças de 1966, mas ele não foi procurado naquele ano, o que gerou a falsa impressão de que Sólon o havia esquecido.

O peregrino de cabelos dourados atravessou o vilarejo de uma só rua, uma típica cidadezinha no canto mais remoto do Velho Oeste. O vento agitava tufos de feno, e a música ao fundo acompanhava seu caminhar. Sobre as roupas, trazia um poncho marrom, empoeirado, trançado com fios de lã. Na cabeça, usava um chapéu. Na boca, mastigava um cigarro. Na cartucheira, pairava um revólver.

Deteve-se defronte à carpintaria. Sorriu. Um homem idoso, magricelo, de barba branca, lixava placas de madeira, cantarolando murmúrios. O louro deu uma baforada na cigarrilha e se virou para o lado.

— Prepare três caixões — e continuou a passos largos até o fim da estrada, que era também o ponto mais extremo da aldeia, onde existia uma casa de três andares, cercada por um estábulo e guardada por quatro pistoleiros carrancudos, todos armados. Eles o avistaram e se puseram em alerta. O peregrino estacou.

— Escute, estranho — disse um dos rapazes, em tom zombeteiro. — Não gostamos de valentões na cidade. Pegue sua mula. Ou ela escapou de você?

— Sim, é justamente sobre isso que eu queria conversar — retrucou o louro, tranquilo, sugando a fumaça entre os lábios. — Ela está se sentindo muito mal.

— Humm? — gemeu um dos bandidos.

— Minha mula. Sabe, ela ficou bastante irritada quando seus homens dispararam nas patas dela.

Silêncio.

Os pistoleiros se entreolharam por um curto segundo, sérios, desconfiados, até que o capanga mais à direita rosnou:

— Ei. Isso é algum tipo de piada?

— Não — balançou a cabeça. — Veja, eu entendo que vocês estavam apenas de brincadeira, mas a mula... — encolheu os ombros — ela simplesmente não percebe. — Fez um movimento com a mão. — Claro que, se pedirem desculpas... — Retomou o cigarro à boca, e os bandidos desataram a gargalhar. O peregrino fitou o chão e lançou o poncho sobre os ombros, revelando a cartucheira. — Eu não acho legal vocês rirem — endureceu. — A minha mula não gosta de pessoas rindo. Ela tem essa idéia maluca de que vocês estariam rindo dela. — Olho no olho. Ninguém mais estava se divertindo. — Agora, se vocês pedirem desculpas, como sei que vão, eu poderia convencê-la de que não tiveram a intenção de ofender.

Os cinco levaram a mão às armas, aguardando o momento de sacá-las. Escutou-se um assobio agudo, que aumentava à medida que a tensão ia crescendo. O marceneiro, que observava a distância, contraiu as bochechas. Houve uma curta pausa, até que o chefe dos bandidos deu uma cusparada no chão.

O louro esperou que os quatro tocassem as pistolas, então puxou a sua e disparou, matando todos eles antes que tivessem a chance de apertar o gatilho. Depois, girou a .45 entre os dedos e a recolheu à cintura.

Sentado no mezanino de um cinema vazio, Denyel acompanhava o

desenrolar da história. Parecia tolice, mas ele adorava aqueles filmes baratos, era fã de John Wayne e, apesar da decadência do faroeste tradicional, a nova safra era boa, estrelando nomes como Clint Eastwood e Charles Bronson, "pistoleiros de verdade", na sua opinião. Deu um gole na garrafa de gim, apoiada sobre o braço da poltrona, quando sentiu as trevas atrás dele se condensarem. Bem que podia ser a sua imaginação, afinal passara os últimos três dias embriagado, atirado num motel de beira de estrada, uma espelunca sem banheiro no quarto, desprovida de televisão ou de ar-condicionado, lá pelos confins do Arizona.

— Da próxima, espere o fim da sessão, pelo menos — ele balbuciou, os olhos inchados. — Filme bom é assim. A cada vez que a gente assiste, entende a coisa de maneira diferente.

— Seu período de licença terminou — a voz de Yaga brotou das cadeiras posteriores. Como de costume, ela ignorou os seus comentários.

— Já não era sem tempo. — O cheiro de álcool empestava o recinto. — A rede dos elohins continua ativa? Uma vergonha, hein? — Após outra golada, descansou os pés sobre a mureta. — Se precisar, a gente acaba com eles. — Ergueu o polegar em formato de pistola. — Bang!

— Essa tarefa não tem mais nada a ver com você, soldado. O Primeiro dos Sete deseja vê-lo em combate novamente. Quer que recobre sua boa forma.

— Boa forma? — Deu um arrotto para dentro. — Por que não diz àquele careca como se embainha uma espada? — ousou Denyel, recordando-se, mesmo bêbado, de como Sólon prendera sua espada ao cinto, de cabeça para baixo, sem o menor conhecimento de esgrima. — Nunca estive tão bem. Minha condição é exemplar. — Como efeito do gim, ele falava uma profusão de asneiras, a maioria sem nexos. — O que vai ser desta vez?

— O de sempre — ela comunicou, indiferente. — Será despachado para a Indochina. Serviço regular. Relatórios ocasionais — estendeu-lhe um fragmento de papel, claramente materializado havia instantes, com as pontas molhadas por resíduos de ectoplasma. — O resto fica por sua conta.

— Ótimo. — Enquanto, na grande tela, o peregrino interpretado por Clint Eastwood espiava o bandoleiro Ramón metralhar uma guarnição inteira do exército mexicano, o exilado conferiu as marcas no papelote. Nele, lia-se um número de telefone com o prefixo 212, de Nova York, indicando um provável correio de voz, através do qual, ele calculou, relataria suas aventuras. Memorizei; os nove dígitos e de repente ficou a pensar quem seria a misteriosa figura por trás dessas operações, quem pagava suas contas, quem administrava a linha telefônica, quem denunciara a "teia" dos elohins. Yaga não era uma candidata elegível, absolutamente, afinal os hashmalins, acima de todas as castas, detestam os recursos e as tecnologias humanas, e Sólon, seguro em sua dimensão particular, jamais visitaria a Haled, não em sua forma terrena. — Já entendi. Bolas, tempos modernos — rasgou o papel.

— E o nosso acordo, como fica?

— Controle-se. Está alterado.

- O dinheiro – ele bateu com a unha no rótulo da garrafa, para mostrar que tinha plena noção do que falava. – Sabe como é. A vida não anda fácil.
- De quanto mais precisa? – ela perguntou, muito diretamente.
- Por que não duplicar os rendimentos? – como jogara baixo da última vez, preferiu ser mais atrevido agora.
- Muito bem – Yaga se inclinou para frente. – Mas lembre-se disso. O arconte o quer em campo o mais depressa possível.
- Outra daquelas previsões?
- Se eu fosse você, não faria mais perguntas – a criatura das trevas encerrou a conversa. – Cumprimos a nossa parte – concluiu, para se desfazer na escuridão. – Esperamos que cumpra a sua.

POSTO DE CONTROLE

URAKIN E ISMAEL SEGUIAM FLUTUANDO POR DENTRO DO TÚNEL, USANDO as laterais como base de apoio, quando aos poucos seus corpos começaram a pesar. De repente, eles estavam engatinhando, depois ficaram eretos e logo caminhavam normalmente, com os pés plantados no chão, à medida que a força da gravidade aumentava. O mistério, contudo, prosseguia, e através do corredor eles ainda escutavam:

— *Ia Ia Ia! Adu En I Ba Ninib. Ninib Ba Firik. Firik Ba Pirik. Pirik Ba Agga Ba Es. Agga Ba Es Ba Akka Bar!* — As palavras eram entoadas num ritmo constante e se repetiam a cada trinta segundos. — *Ia Ia Ia! Adu En I Ba Ninib. Ninib Ba Firik. Firik Ba Pirik. Pirik Ba Agga Ba Es. Agga Ba Es Ba Akka Bar!*

Urakin se escorou nas paredes, até que enxergou um arco de saída, marcado, na soleira, por um tipo de runa. Dez metros à frente, a passagem se abria numa câmara redonda, com quarenta metros de diâmetro, erigida em blocos de mármore e adornada com chapas de platina. Circundando essa sala corria um balcão decorado por cristais semi-esféricos, que, ao que parecia, simulavam controles, embora não houvesse indicação do que eles controlavam. Tais cristais, o Executor se lembrou, eram amplamente usados pelos atlantes tanto para construir rosáceas quanto para montar engenhos complexos, como lunetas e microscópios. Suas lentes, quando propriamente modificadas, serviam também como lustres, captando, mesmo à noite, o brilho das estrelas e o amplificando, criando um ambiente à meia-luz, nítido o bastante para clarear silhuetas, técnica empregada no espaço adiante, onde uma coroa de prismas fora instalada no teto, regulando o aposento a uma penumbra suave.

Sobre a bancada jaziam três cristais de controle, um maior, no centro, e outros dois menores, dos lados direito e esquerdo, alinhados em V. Diante deles descansava uma cadeira prateada, e sobre ela surgia uma janela elíptica, reproduzindo os contornos de um olho humano, mas tão embaçada que não era possível enxergar através dela. E, recostado no assento, debruçado sobre as esferas, repousava um indivíduo que nem Ismael sabia dizer se era anjo ou homem. O coração não batia, mas ainda assim ele clamava, ecoando os mesmos versos naquela língua bizarra:

— *IA IA IA! ADU EN I BA NINIB. NINIB BA FIRIK. FIRIK BA PIRIK. PIRIK BA AGGA BA ES. AGGA BA ES BA AKKA BAR!* — Fazia uma pausa de meio minuto e tornava a recitar: — *IA IA IA! ADU EN I BA NINIB. NINIB BA FIRIK. FIRIK BA PIRIK. PIRIK BA AGGA BA ES. AGGA BA ES*

Sem Kaira para contê-lo, Urakin se aproveitou do efeito surpresa e cruzou a sala como um urso voraz. Agarrou a figura pelas costas, envolveu-a com o braço e a derrubou da cadeira. O sujeito tombou sem reação, e ao olhá-lo de perto ele reparou que não atacara um homem, de fato, mas um cadáver, um boneco de carne, de pele seca, descolorada, como a das múmias egípcias, a roupa comprida, costurada em veludo, a qual Ismael reconheceu como a túnica dos grão-feiticeiros de Enoque, mágicos que auxiliavam os reis de Nod antes de a cidade ser arrasada. Os lábios não se mexiam, estavam sólidos, abertos. O som provinha diretamente das cordas vocais e se projetava através da garganta, daí o motivo da rouquidão.

— Está morto — o Executor se recurvou, examinou-lhe as pálpebras com atenção. — Pode largá-lo, se quiser. Esse aí não levanta mais.

— Um morto que fala? — o Punho de Deus liberou a pegada, mas ainda não estava convencido. Ficou de pé. Cutucou o feiticeiro, para ter certeza de que não era ameaça. — Bruxaria?

— Bruxaria, sim. É como alguns chamam a "magia suja" de Nod — disse.

— Não fique tão impressionado. Trata-se de uma seleção de encantamentos simples. Dois, para ser mais exato — apertou os gânglios do mago, como um médico faz para testar a pulsação, até que as orações finalmente cessaram.

— Um deles conserva o tecido do corpo e o outro mantém as cordas ativas, fazendo-as oscilar numa entonação específica. Os necromantes de antigamente se aproveitavam desse recurso para assombrar os forasteiros, para deixar mensagens aos seus aprendizes, para transformar cadáveres em escravos andantes e para uma série de outras funções, mas nunca os vi usar em si mesmos.

— Não estou impressionado — o gigante empinou o nariz, com ar de desconfiança. — Como sabe tanto a respeito de bruxaria?

— Ora, considere isso... — apalçou a túnica do defunto. — Não que todos os bruxos sejam maus, mas a natureza da bruxaria é essencialmente corrupta. Os atlantes tinham a magia no sangue, mas os homens de Enoque, menos sensíveis, precisaram desenvolver seu próprio sistema mágico, o que fez deles adeptos focados, compenetrados, fanáticos em seus objetivos. Raramente alguém se torna um bruxo sem uma grande dose de ambição, o que os faz passar por cima de tudo e de todos por mais conhecimento e poder. — Ele deu um sorriso torto. — Quantas dessas almas você acha que vieram parar na minha mão, na Gehenna? — levantou-se. — E eu não me envergonho de dizer que despachei muitas delas para o inferno.

— Certo. Mas o que um feiticeiro de Nod estaria fazendo dentro de uma estação atlante? Não eram nações inimigas nos dias anteriores ao dilúvio?

— Inimigas mortais — reforçou Ismael, observando o vitral embaçado. — O que vemos diante de nós, querubim, é um ataque suicida, que provavelmente aconteceu durante as Guerras Mediterrâneas. — As Guerras Mediterrâneas foram os legendários confrontos entre Enoque e

Atlântida, antes de a inundação assolar o planeta. — O grão-feiticeiro invadiu o posto de controle, por certo, são não sei com qual intento.

— Então, este é o posto de controle... — Urakin deu uma espiada ao redor. — E as palavras que o mago recitava? O que queriam dizer?

— Outro feitiço, mas esse me escapa. — Ele se aproximou do painel onde o cadáver se debruçava havia instantes e compreendeu que a semi-esfera maior funcionava como tela, refletindo a imagem de uma planície arenosa. Centímetros abaixo, despontava da bancada um pequeno bastão de platina, que sacudia enquanto eles falavam, como se reagisse às perturbações sonoras. — Talvez o seu plano fosse lanç ar o encantamento a partir daqui, direto para dentro das colônias.

— Sim, mas que encantamento seria esse?

— O de invocação dos vultos, talvez.

— Talvez. E como eles fariam para difundir o feitiço?

— Pela configuração destes cristais, dá para ter uma idéia. — Ismael deu um peteleco no bastonete, fazendo-o vibrar. Depois, moveu a semi-esfera central, e ao girá-la a paisagem caminhou para frente, para tr s e para os lados, conforme ele a rodava. — Esta tela é o visor de um telescópio. Em algum lugar no exterior desta câmara, há uma lente apontada para esse deserto. — E foi mais longe com a sua teoria. — O bastão de platina deve servir como microfone, que capta o som e o transmite para as colônias.

— Um aparelho de rádio, sem nenhum dispositivo eletr nico? — Urakin não queria frustrar o colega, mas ele não considerara o básico. — Julgo improvável. Seria necessário um impulso elétrico para transmitir o sinal, alguma fonte de energia, nem que fosse pequena.

— Deve estar usando a energia do campo gravitacional.

— Campo gravitacional?

— Não entendeu ainda? — brotou na mente de Ismael a imagem da gruta aonde eles haviam chegado e sua ausência de gravidade. — O posto de controle parece ser dotado de um campo gravitacional independente, partindo do núcleo. O enigma   decifrar como esse campo foi gerado.

— Bem ao estilo dos atlantes — acedeu o guerreiro. — Denyel uma vez nos contou que os engenheiros de Atlântida eram hábeis em modelar artefactos parte mecânicos, parte místicos. — Tornou a mirar o cadáver. — E quanto a esse pobre coitado? Por que diabos ele teve de se matar?

— Para continuar declamando o feitiço para sempre, imagino. Cometeu suicídio e lanç o o encanto de conservação no próprio corpo, não necessariamente nessa ordem. Uma estratégia mórbida, mas previsível, já que não raro os enoquianos conduziam atentados do tipo. Neste ponto de nossa jornada, estou convencido de que foi ele quem conjurou a ninhada de vultos, tudo para impedir que seus inimigos retomassem esta estação. — O Executor percorreu os painéis, explorando suas telas côncavas. Nelas, graças a um magnífico sistema de lentes, espelhos e prismas, refletiam-se cenários de diversos cantos da terra. — Agora, resta descobrir se tomamos o túnel correto, se esta é a câmara correspondente a Egnias.

— É sim, com certeza. — Urakin apontou para o solo. — Olhe para baixo.

Sob eles, esculpido no pavimento de mármore, estendia-se um mapa-múndi ricamente detalhado, com a divisão geográfica e política tal qual se apresentava antes do terceiro cataclismo, ou seja, antes do dilúvio, mostrando inclusive as terras de Enoque, as aldeias e as tribos independentes, os gloriosos impérios da época e, como era de esperar, as dez colônias atlânticas. Sobre esse planisfério, cada uma das fortalezas era simbolizada por uma runa, e o caractere relativo a Egnias era o mesmo gravado na soleira da porta, o que levou Urakin a uma associação imediata e direta.

Até então, tudo o que eles sabiam sobre Egnias era que ficava nos desertos da África, e segundo o mapa só havia uma colônia africana, então Ismael se concentrou nos controles relativos a ela, segurando e movimentando os cristais. Com isso, a rotação da grande tela fez a imagem passear e, ao arrastá-la um pouco à esquerda, deparou-se com uma área de distorção, onde o espaço tremulava, feito as miragens causadas por ondulações de calor.

— Conheço esse encantamento — exclamou Urakin, que em geral era pouco versado nos assuntos mágicos. — Serve para ocultar os antigos vértices, desviando quem, no plano físico, caminha, voa ou navega em sua direção. Foi assim que Athea permaneceu escondida por séculos, afastando os navios que trafegavam ao seu encontro.

— Muito bem. Já sabemos a localização de Egnias no deserto. Mas em qual deserto? — Como na África há dezenas de planícies áridas, era preciso, agora, achar um ponto de referência, algo que centralizasse a distorção, que a localizasse na geografia terrena. Segurando a esfera à direita, o Executor percebeu que ela regulava a distância e aos poucos a afastou, até conseguir um enquadramento geral, que lhes mostrou uma porção de areia entre o Mediterrâneo e o mar Vermelho, na tríplice fronteira entre a Líbia, o Egito e o Sudão. — Pronto. Memorizei as coordenadas.

— Então, está feito. — O Punho de Deus se apressou em regresso ao túnel, sabendo que Kaira os aguardava lá embaixo. — Já podemos ir embora.

— Espere. — O hashmalim seguia empenhado em desvendar não apenas um, mas todos os segredos. — Agora que chegamos aqui, não custa explorar um pouco mais, só um pouco. — Despiu o colete e o esfregou sobre os vitrais. — O que será que este panorama nos revela?

Urakin atentou para a janela, certo de que veria as cordilheiras e o esplêndido céu noturno sobre o cume dos Himalaias, e por instantes foi exatamente isto o que ele enxergou: um manto de estrelas, com todas as constelações chamejando, perfeitamente distinguíveis no firmamento.

Mas, à medida que Ismael friccionava o cristal, um enorme globo apareceu no horizonte, uma estonteante cúpula azulada, envolta por uma camada de nuvens, gases, estourando em clarões de tempestade. Da sala onde estavam, eram visíveis o anil dos oceanos, a vastidão das geleiras, os polos sul e norte, as montanhas, o traçado verde das selvas, o curso dos rios,

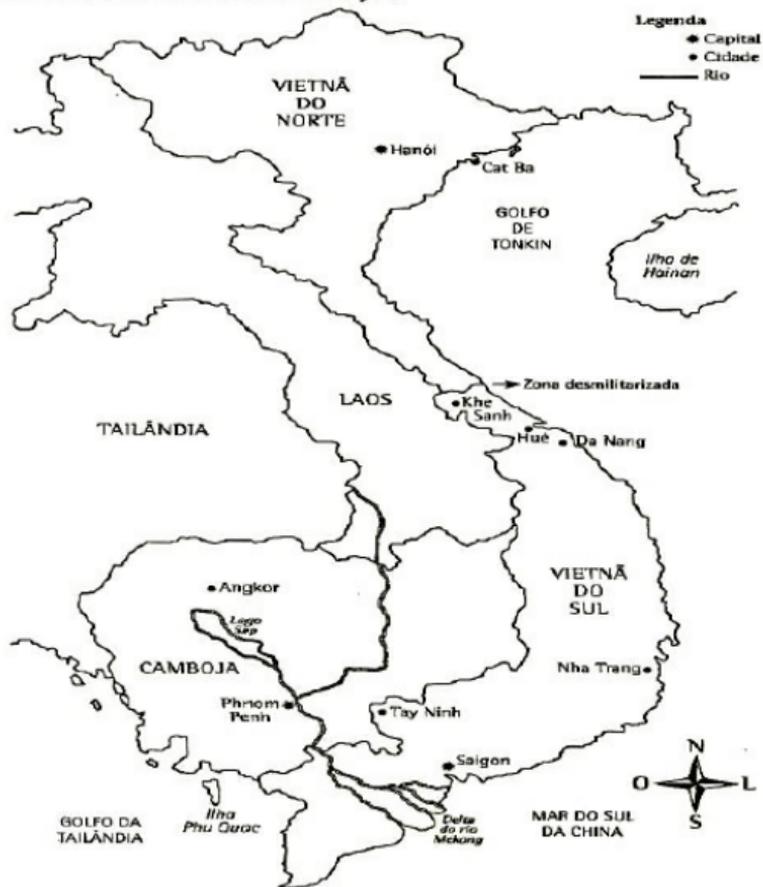
o pisca-pisca das cidades humanas, os lagos e continentes.

– É espantoso – Urakin deslumbrou-se. – Como foi mesmo que Abul se referiu ao posto de controle?

– Chamou-o de "a cidade no topo do mundo". – Ismael se conteve, mas estava igualmente perplexo. – No topo do mundo.

– Entendo agora o motivo. – O eixo da Terra fez uma curva, e os raios dourados se puseram a brilhar. – Nunca achei que diria uma coisa dessas, mas presumo... – o gigante sentiu-se pequeno. – Presumo que estejamos em órbita.

VIETNÃ E ARREDORES, 1968



BUSCA E DESTRUIÇÃO

Da Nang, Vietnã do Sul, 20 de janeiro de 1958

OS ESTADOS UNIDOS ENTRARAM OFICIALMENTE NA REGIÃO DA INDOCHINA NO dia 31 de janeiro de 1965, quando um esquadrão de caças F-105 foi transferido da cidade de Okinawa, no Japão, para a base aérea de Da Nang, no sul do Vietnã. Para fazer a segurança dessas bases, o Pentágono autorizou o deslocamento de 3.500 fuzileiros navais, um número que logo subiria para duzentos mil, em dezembro, dando início à guerra terrestre.

Desde 1963, tropas especiais americanas já atuavam na selva, com a ajuda de mercenários franceses. Sua função era dar treinamento aos soldados sul-vietnamitas, seus aliados, para que eles pudessem se defender contra os ataques do Vietnã do Norte, então governado pelo dirigente socialista Ho Chi Minh. O maior temor da América era que as nações da Ásia abraçassem o comunismo, uma após a outra, desencadeando um efeito em cadeia que, segundo imaginavam, poderia se alastrar pelo resto do mundo. Fazia-se necessário, assim, deter o perigo na fonte, e, à medida que as escaramuças aumentavam, o contingente americano crescia, pulando para quinhentos mil homens nos anos seguintes.

A Guerra do Vietnã contou com uma dinâmica peculiar, que muitos praças, e até mesmo alguns oficiais, simplesmente não entendiam. Tecnicamente, a tarefa dos Estados Unidos era apenas salvaguardar o sul das ofensivas dos vietcongues, um grupo miliciano que, na teoria, era uma organização independente, mas na prática recebia ordens dos generais comunistas. Como não havia provas nem declarações oficiais de que esses guerrilheiros estavam ligados ao governo do norte, os americanos não tinham autorização do Congresso para invadir o território vizinho. Sua missão, portanto, era combater os vietcongues nas terras do sul, por meio de uma estratégia conhecida como "busca e destruição". Primeiro, aviões sobrevoavam a mata, tirando fotos das áreas. Uma vez encontrados sinais dos inimigos, como uma casamata ou um quartel-general, jatos eram enviados, despejavam bombas incendiárias, e depois helicópteros desembarcavam tropas de infantaria, para enfrentar os adversários no solo. O problema era que os "terroristas" sabiam muito bem onde estavam pisando, recuavam para o interior de seus túneis e contra-atacavam após o bombardeio, pegando os estrangeiros de surpresa. O resultado dessa "guerra de contenção" era que ela não tinha objetivos definidos, alvos a alcançar ou data para terminar. Os recrutas aos poucos perdiam a esperança de voltar para casa, e a maioria nem sabia por que estava lutando.

Na América, as convocações prosseguiram, apesar das duras críticas da opinião pública e da reação contrária por parte de jornalistas, celebridades e

estrelas da música. A principal unidade de assalto terrestre na Indochina eram os fuzileiros navais, também chamados de marines, e foi precisamente ao corpo de fuzileiros que Denyel se apresentou, procurando um escritório das forças armadas na Califórnia, a 3 de agosto de 1967. Como não possuía documentos, contou uma desculpa bem adequada à época, afirmando que até então vivia em uma comunidade hippie, lá pelos rincões de São Francisco, e que deitara fora os seus registros legais. A história colou, e dois dias depois ele receberia uma identidade nova em folha, que na falta de idéia melhor foi preenchida com o mesmo nome de antes, que ele usara por tantos anos na Europa.

O programa de treinamentos começou em setembro na base de Camp Pendleton, no condado de San Diego, e durou seis semanas. Destacado para o 2o Batalhão, 5o Regimento, a famosa 2/5, o querubim recebeu folga em novembro. O chamado aconteceu no dia 2 de dezembro, e nas primeiras semanas de 1968 ele embarcava em um avião de carga rumo a Saigon, e de lá para o destino final, Da Nang.

Denyel chegou à base aérea de Da Nang na manhã do dia 20, trajado com o uniforme de serviço: calça, jaqueta verde-oliva, camiseta branca e boné. De um pequeno aeródromo pré-guerra, com um punhado de jatos e uma guarnição de defesa, Da Nang se transformara, em princípios de 1968, num gigantesco alojamento de tropas, com quase cinquenta caças prontos para decolar. Num conflito em que o reconhecimento aéreo definia o cronograma diário, as instalações aeronáuticas se faziam cruciais e precisavam ser muito bem guardadas, mas na prática não era bem assim.

A primeira impressão que Denyel teve ao pousar em Da Nang foi a de um daqueles acampamentos de verão, onde os recrutas jogavam basquete, comiam churrasco, tomavam banho de sol e fumavam maconha ao som da canção "Break on Through (To the Other Side)", do álbum de estreia da banda The Doors. Muitas ruelas eram de terra, empoeiradas, e a maioria dos praças dormia em barracas, enquanto outros, os que podiam pagar, conseguiam uma cama nos pavilhões de madeira, mais limpos e espaçosos, cercados por sacos e mais sacos de areia. Os oficiais geralmente tinham direito a um quarto, e esse era o caso dos pilotos, considerados um grupo de elite por seu trabalho especializado.

Denyel seguiu em fila indiana, com os outros novatos, da pista de voo ao departamento de triagem, um galpão de paredes cilíndricas, para ser examinado e alocado em uma das companhias do 5o Regimento. Depois, cada soldado seria entrevistado por um tenente, que faria algumas perguntas sobre o programa de treinamento, os objetivos do jovem no corpo de fuzileiros, e então o transferiria para o pelotão responsável.

O oficial que sabatinou Denyel era o primeiro-tenente Benjamin T. Curtis, da Companhia B, ou apenas Curtis, como constava nas dog tags, um rapaz com não mais de 25 anos, cabelos castanhos, pele clara, estatura média, rosto oval e pálpebras cheias, apesar da pouca idade. Seu rosto não era barbeado havia dois dias, deixando a face cinzenta, transparecendo um

aspecto sujo, como parecia ser quase tudo em Da Nang. O exilado entregou-lhe o formulário, e o tenente gesticulou para que ele se sentasse. Lambeu a ponta de um lápis e começou a fazer anotações.

— De onde é mesmo? — estreitou a vista para enxergar o papel. Sua voz era grave, meio cantada, e denunciava um carregado sotaque sulista.

— Califórnia, senhor. Sacramento.

— Estou vendo — a entonação era agora ligeiramente informal. — Como estão as coisas por lá?

— Costuma ser quente, especialmente no verão — Denyel apoiou o cotovelo sobre o sacolão militar —, mas não tanto como aqui.

— Com certeza. Inferno verde é como chamam esta merda — o tenente sorriu. O clima no sul do Vietnã era um problema para os forasteiros, com uma série de variações segundo a província, indo de úmido a seco e de frio a quente, dependendo da estação do ano, e ainda havia as monções, que traziam chuvas de maio a outubro. — Na sua ficha diz que se apresentou como voluntário — o oficial arregalou os olhos. — Como voluntário? — riscou o papel com o lápis. — É idealista ou coisa do tipo?

— Não, senhor. Idealista, nem morto — disse o anjo, seriamente. — Só queria viajar um pouco, dar uns tiros, essas coisas. — Denyel era bom com mentiras, e com o tempo compreendera que, para enganar alguém, tudo o que precisava fazer era adaptar a história à personalidade de quem a escutava, porque, na opinião dele, as pessoas no fundo gostavam de ser enganadas. — Sempre gostei de caçar, tenho boa pontaria.

— Então veio ao lugar errado, amigo. — Curtis apanhou um cigarro Camel do maço e o acendeu com um fósforo. — Quem manda em Da Nang são os figurões da força aérea, não tem nada a ver com a gente. Nosso trabalho é guardar as bases, segurar as fronteiras, passear de helicóptero. — Deu uma piscadela. — Creio que vai gostar.

— Posso apostar que sim. — Através da janela, o querubim viu homens correndo, levantando poeira, e identificou algumas barracas mais adiante. — Onde devo me alojar?

— Os rapazes da Companhia B costumam dormir no setor sul, em tendas de lona, mas dá para conseguir um cantinho melhor. — Não era a primeira vez que Denyel recebia uma oferta de suborno, mas a coisa nunca fora tão rápida, tão clara e objetiva. Como todos os corruptos, Curtis tinha seu próprio código de ética para justificar as propinas. — Está me achando com cara de comunista, cacete? — deu um largo sorriso, cheio de dentes. — É o jeito americano.

— Entendo — o exilado entrou no jogo. Tirou uma nota do bolso e a arrastou sobre a mesa. — O que o senhor me conseguiria por cem pratas?

O oficial pegou o dinheiro, limpou as cinzas sobre a mesa e soltou o lápis. Levantou da cadeira, deu uma palmada no braço do anjo e gentilmente pediu que o acompanhasse. Gritou para que um sargento assumisse o seu posto, e juntos os dois saíram para a rua, dobraram a esquina e tomaram a alameda número 7, cruzando, no trajeto, com alguns soldados do exército

sul-vietnamita, o que parecia um tanto estranho aos recém-chegados, pelo simples fato de que não havia como distingui-los dos vietcongues, a não ser pela cor da farda, pelas estrelas e divisas. Um caça sobrevoou as casamatas, produzindo um ruído áspero, ensurdecedor. Jipes corriam de um lado para o outro, e ao longe se escutavam os rotores de um helicóptero Chinook. No meio dos sacos de lixo, Denyel discerniu seringas, garrafas de Coca-Cola e preservativos usados.

— Vai se dar bem, soldado, se souber se comportar. É tudo uma questão de integração, sempre é — aconselhou Curtis, acenando para um capitão que jogava futebol num campinho. — O serviço de guarda é o mais fácil, pura rotina, e você chegou num período tranquilo. Escutei que vai haver uma trégua dentro de alguns dias, para comemorar o Ano Novo chinês. — Cuspiu a ponta do cigarro, esfregou o nariz para tirar a poeira. — O maior perigo é quando nos mandam para a selva. Às vezes a coisa pode esquentar, por isso você tem que confiar no seu parceiro. — Outra pancadinha no ombro. — Escutou, cara? Tem que confiar no parceiro.

— *Semper fi* — assentiu Denyel, evocando o lema dos fuzileiros, o *Semper fidelis*, expressão latina para "sempre fiel". — Diga-me, tenente. É seguro sair da base?

— Está brincando? — gargalhou. — Os Charlies são uns covardes, uns ratos da mata. Só nos emboscam na floresta, nunca dão as caras. Às vezes torço por uma invasão urbana, para que a gente possa pegar esses filhos da puta e metralhá-los no paredão. — Charlie era um apelido para os vietcongues. O nome derivava das letras VC, representadas no alfabeto fonético da OTAN por "Victor" e "Charlie". — Tem um prostíbulo algumas quadras a leste. Se quiser, posso lhe apresentar umas garotas.

O tenente abriu a porta de um dos pavilhões no setor norte, bem no centro da zona dos alojamentos. Havia oito camas bem distribuídas, arrumadas com mesinhas de cabeceira, abajures e um armário para cada ocupante. Os cobertores eram verdes, e os colchões, confortáveis, apesar da desordem. Um sargento de cabelos crespos e bigode grosso, com colares de prata, folheava a edição de dezembro da revista *Playboy*.

— Ben? — ergueu-se diante de Curtis, mas em vez de bater continência apertou-lhe a mão. — O capitão Jones passou por aqui tem dez minutos. — Fez um movimento de cabeça na direção de Denyel. — Quem é a figura?

— Garoto novo, amigo pessoal de Benjamin Franklin — o oficial os apresentou. — Esse é o sargento Frederico Gonzalez. Nós o chamamos de Gonzo.

— Belo lugar — o exilado o saudou. — Tem uma cama para mim?

— Aquela vazia, perto da janela — estendeu o dedo anelar. O anjo largou a sacola e se esticou sobre o cobertor. Gonzalez andou até ele e lhe ofereceu um cigarro, mas Denyel recusou. — O que precisar, amigo, basta falar comigo. Cerveja, mulheres, erva, pico, pó... O que vai querer?

— Preciso que me encontre dois velhos amigos — sacou mais trinta dólares. — Imagino que os conheça muito bem.

– É? – o sargento achou engraçado. – Sabe os nomes completos?

– Claro – descalçou os coturnos, despiu as meias e começou a massagear os pés. – Um deles se chama Johnnie Walker, e o outro, Jack Daniel's.

O ANO DO MACACO

O FERIADO MAIS IMPORTANTE DO VIETNÃ, O TET NGUYEN DAN, OU SIMPLEMENTE TET, comemorado entre fins de janeiro e começo de fevereiro, marca o princípio do Ano Novo lunar. Nos dias que precedem as festividades, ruas e casas são enfeitadas com flores, decoradas com luzes. Nas cidades, os foliões montam barracas de comidas típicas, como forma de veneração aos antepassados já mortos. Para os vietnamitas, o Tet é uma época de renovação, mais ou menos como o Natal dos cristãos, com troca de presentes e cerimônias dedicadas ao Imperador de Jade, a principal divindade da fé taoista. Desde o início da guerra, era tradição os exércitos do norte e do sul estabelecerem uma trégua durante o período, e com isso, do lado americano, as incursões terrestres paravam, embora a atividade dos caças continuasse a todo vapor.

Nas cercanias de Da Nang, as últimas semanas de janeiro foram instrutivas para Denyel. Ele fora apresentado aos seus novos parceiros da Companhia B, com os quais passava as madrugadas bebendo, jogando cartas e contando piadas. Era normal os recrutas só se deitarem às seis da manhã, quando as aeronaves regressavam à base e o ruído das turbinas silenciava. Da Nang, o exilado começou a entender, não era tanto como um acampamento de verão, como ele antes presumira — estava mais para uma penitenciária a céu aberto, cheia de maus elementos, sujeitos que, todavia, podiam ser seus aliados caso o novato soubesse tratá-los, e Denyel sabia. Ele era — ou melhor, havia se tornado — um camaleão social, um artista que se moldava aos cenários mais sórdidos, e ademais, na condição de anjo da morte, não tinha moral para julgar ninguém.

A noite de 30 de janeiro, véspera da passagem de ano — o ano do macaco, segundo o calendário chinês —, era para ser como qualquer outra noite, regada a uísque, castanhas torradas e apostas na jogatina de pôquer. Os prostíbulos tinham fechado as portas por causa do Tet, e na cabana de Denyel o sargento Gonzo e outros sete soldados tentavam matar o tédio bebericando doses de saquê com gengibre. O rádio tocava a antiga melodia " (I Don't Know Why) But I Do", de Clarence "Frogman" Henry, lançada em 1961, mas ainda com os acordes de rockabilly característicos dos anos 50. Sobre os casebres, nas zonas agrícolas, pipocava o estalo dos fogos de artifício, e por todo o país os aldeões celebravam. Donald Jackson, um cabo da Louisiana, tentava se concentrar no romance *A Sangue Frio*, best-seller do escritor Truman Capote, enquanto o soldado nova-iorquino James Doe enrolava um cigarro de maconha.

— Escutem uma coisa — boquejou o especialista Rick Danny, um texano de cabelos ruivos que, aos olhos do querubim, lembrava, e muito, o finado Bobby Joe. — Caras, não entendo um país onde até as putas têm de fazer

uma pausa para rezar. Sério. Alguém sacou essa merda? Como se Deus aprovasse o "santo ofício".

– Amém – Jackson fez pouco caso, sem desviar a atenção do romance.

– Não é o mesmo conceito, Danny – esclareceu o ítalo-americano Mike Beluso, um fuzileiro moreno que começara a fazer faculdade antes da guerra e, por isso, achava que sabia mais que os outros. – Os vietnamitas não cultuam um Deus como o nosso, tampouco a imagem de um mártir ou profeta. Eles adoram a figura dos seus ancestrais, acreditam que os espíritos retornam à terra para ajudá-los no Tet.

– Pior para elas, não é? – grasnou o sargento Gonzalez, que nunca se dera muito bem com o tal Beluso. – O que a minha vovozinha pensaria se soubesse que eu cresci e me tornei vagabunda?

– O que eu quis dizer é que não existe o sentimento de culpa ou pecado – ele insistiu, com a justa intenção de provocar o colega. – A crença dessa gente é uma mistura de três religiões: budismo, taoísmo e confucionismo.

– Confucionismo? – o sargento atrapalhou-se. – Jesus Cristo, que porra é essa?

– Dá pra resumir numa frase – interferiu Denyel. – Faça o que quiser e que se dane o resto. – Ergueu a garrafa de Red Label. – Carma.

Os soldados deram risada, e a resposta agradou Gonzo, que se sentia cada vez mais à vontade na presença do novo amigo. Depois de tantas guerras, Denyel entendera que os mortais, sobretudo nas forças armadas, davam muito valor à autoridade e criavam laços com aqueles que sabiam respeitá-la.

– Rapaz, você é um filósofo cabeludo – elogiou o sargento, usando uma gíria da época. – Por que não se inscreve para o Estrelas & Divisas? – Estrelas & Divisas era o jornal do Departamento de Defesa, que, entre outras coisas, tinha a missão de elevar o moral dos soldados.

– Estou fora. É como diz a velha piada – o celestial rebateu, afiado: – Eu não participaria de nenhum clube que me aceitasse como sócio.

Os homens gargalharam, num raro momento de descontração em meio ao ócio que reinava em Da Nang. Na pista de decolagem, os estalos aumentaram, ecoando agora todos juntos, como um terço de bombinhas entrelaçadas, quando as lâmpadas oscilaram, a energia falhou.

– O que foi isso? – Gonzalez eriçou as orelhas.

– Na certa, outro problema no gerador – opinou o cabo Jackson, mais preocupado em terminar o quarto capítulo do livro. – Toda noite acontece.

– Não foi o gerador – Denyel largou o uísque. – O estouro souu muito baixo para ser um dos fogos de artifício... – E, logo ao concluir a frase, ele escutou um zumbido. Foi uma coisa que, automaticamente, fez com que se lembrasse das regras de sobrevivência em Bastogne. Havia quem dissesse, nos campos da Europa, que, se você fosse capaz de ouvir a bomba chegando, conseguiria se desviar dela. Muitos tentavam, mas na prática a coisa só funcionava na primeira onda, porque depois a correria era tanta que já não se percebia mais nada.

Graças à audição apurada, o exilado notou o apito, pulou rápido da cama e num só movimento virou o colchão, procurando usá-lo como escudo. No instante seguinte, sobreveio uma explosão desconcertante, que abriu um rombo nas paredes de madeira, arreventou o teto, jogou os leitos pelos ares, triturou os armários, os abajures, e instantaneamente carbonizou os soldados num cogumelo de terra.

Denyel foi imprensado contra o fundo da sala, quebrou duas costelas, mas as molas do colchão o protegeram dos estilhaços. Quando a poeira baixou, quase surdo, ele olhou para o aposento e o encontrou partido à metade, dando vista para os outros galpões. O corpo do sargento Gonzo fora espargido no solo, como um pernalongo achatado por um mata-moscas. Os cadáveres de Donald Jackson e Mike Beluso acabaram soterrados, e o braço do especialista Rick Danny jazia grudado nas pás do ventilador, que continuavam girando pela força da inércia.

Denyel pensou que tivesse sido um foguete americano, despejado acidentalmente por um piloto desastrado, até escutar mais detonações, acompanhadas por rajadas de metralhadora, tomando claro que se tratava, mesmo, de uma ofensiva terrestre. Saltou sobre os escombros, olhou para fora e distinguiu uma tropa de vietcongues correndo em direção à cerca eletrificada, portando rifles AK-47, vestindo quimono preto, capacete de aba larga, progredindo feito sombras na noite. Sirenes cantaram, e uma centena de marines pegou suas armas, saindo a campo aberto para defender o perímetro. Os geradores foram acionados e os holofotes apontaram para os obstáculos de arame, com foco especial no portão.

O celeste vestiu o colete, carregado de granadas e pentes de munição, apertou o cinto, apanhou o fuzil e se uniu aos demais combatentes. Sangue escorria de seu ouvido esquerdo, os músculos doíam, mas nada que o tirasse de ação. Mergulhou numa trincheira reforçada com saibro, na companhia de outros praças do exército, da polícia militar, oficiais da aeronáutica, todos atirando em qualquer coisa que se movesse.

— Disparem à vontade, ataquem! — esgoelava-se um tenente da marinha, agitando a pistola sobre a cabeça. — Fogo, fogo, fogo neles.

Um antigo automóvel Peugeot 403, pintado de cinza, aproximou-se das guaritas em alta velocidade. Os atiradores concentraram todas as salvas nos pneus, para evitar que o veículo furasse o bloqueio. Mas era exatamente isso o que os vietcongues queriam, e o carro, recheado de dinamite, explodiu ao tocar a mureta, abrindo um buraco no alambrado, permitindo, assim, que os guerrilheiros enfim avançassem.

Eram cinco horas da madrugada, e o dia estava longe de nascer. Um projétil de morteiro deslizou sobre as guarnições de defesa e acertou um helicóptero Huey, estacionado no centro da base, produzindo uma enorme bola de fogo, cuspidando faíscas, soltando fumaça, espalhando cheiro de óleo. Outros obuses foram lançados contra os alojamentos, os abrigos, os hangares, mas a resposta das baterias era tanta que em meio ao caos os norte-vietnamitas começaram a cair, formando uma trilha de corpos no espaço

entre o pórtico e a primeira linha de barricadas.

Gradualmente, os tiros escassearam, e depois de uma hora os invasores bateram em retirada. Denyel acertara alguns, fizera sua parte, mas sempre regulando a pontaria ao nível comum, nem medíocre, nem extraordinário, conforme a orientação dos anjos da morte.

Quando o azul coloriu o céu, a disputa estava praticamente encerrada. Dolorido, perfurado de raspão na clavícula, o querubim observou o estrago que os vietcongues fizeram. Dezenas de americanos estavam mortos, outros acabaram mutilados, havia dúzias de feridos, aviões descansavam em pedaços.

O dano irreparável, contudo, recairia sobre a moral dos soldados. Como os Charlies teriam chegado tão longe? Como ousaram atacar uma base norte-americana, com tantos fuzileiros em alerta? Será que pretendiam mesmo tomar Da Nang, ou tudo não passara de outro atentado?

A Ofensiva do Tet, como seria conhecida mais tarde, foi uma incursão militar surpresa deslançada pelas forças comunistas em pleno intervalo de trégua. Por todo o país, cerca de oitenta mil vietcongues quebraram o cessar-fogo e assaltaram mais de cem aldeias e cidades do sul, incluindo a capital, Saigon, cuja embaixada americana foi ocupada por esquadrões suicidas. A zona de maior conflito foi a base de Khe Sanh, a noroeste da província de Quang Tri, onde seis mil fuzileiros foram cercados por três divisões inimigas. Os objetivos de conquista e dominação fracassaram, mas a audácia de Ho Chi Minh abalaria a confiança da sociedade civil, que agora já considerava impossível os Estados Unidos vencerem essa guerra.

Na manhã do dia 31, os remanescentes da Companhia B — 38 homens ao todo — se agruparam em um gramado próximo ao heliporto para ouvir as instruções do tenente Curtis, que como muitos outros perdera seu capitão na peleja. Devidamente equipados com pistolas, coletes e rifles, alguns com bazucas e metralhadoras anti-aéreas, os recrutas sentaram no chão para melhor escutar o comandante, diante do escarcéu de turbinas e jatos.

— A Bravo vai ser transferida — o jovem oficial esbravejou, referindo-se ao codinome da Companhia B. — Dois grupos nos cortadores para a cidade de Hué. — "Cortadores" era um nome dado aos helicópteros, em alusão ao barulho que emitiam, lembrando um cortador de grama engasgado. — A coisa lá está cabeluda — apertou o capacete contra a cabeça, que tremulava sob a ventania. — Escutaram? Está cabeluda!

Tenente — um soldado levantou a mão. — Onde fica Hué?

— O quê? — O som dos caças era de estourar os tímpanos. — O que disse?

— Onde fica Hué? — ele berrou mais alto.

— Também não sei. Em algum lugar ao norte daqui, às margens do rio Perfume. Os amarelos ocuparam a cidade. — E disparou mais informações: — Saigon foi atacada. Khe Sanh está prestes a cair. — Soaram murmúrios de espanto. — A imprensa civil está se borrando nas calças. Nosso trabalho é botar esses merdas para correr. — E gritou com toda a força: — Entendido?

– Semper fi! – acederam os recrutas, e entre eles estava Denyel. Os praças embarcaram nos helicópteros Chinook, aparelhos longos, de hélice dupla, para se reunir a outros batalhões de marines. O cortador levantou vôo, com o exilado mais perto da janela, posição que ele usualmente escolhia para viajar.

– Não sente vertigem? – Curtis o cutucou.

– Como?

– Não tem medo de cair? – apontou o polegar para baixo.

– Não. – Denyel exibiu uma garrafinha de bourbon, que trazia atrelada ao colete. – Tônico da coragem.

– Como consegue?

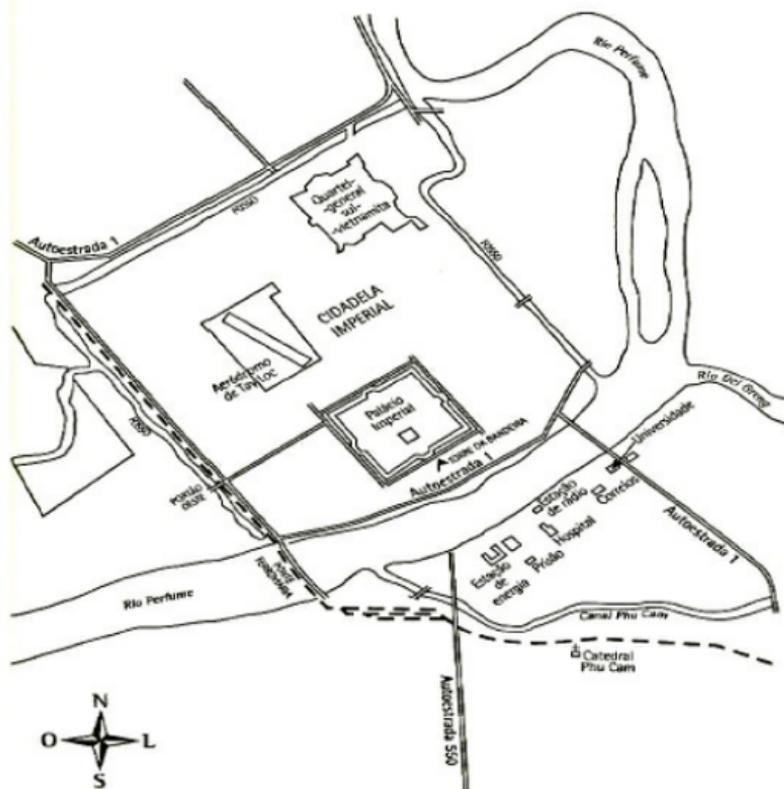
– Consigo o quê, tenente?

– Beber como um gambá e nunca ficar bêbado?

– Impressão sua, chefe. – Ele esvaziou o recipiente com um só gole. –

Na realidade, eu nunca fico sóbrio.

CIDADE DE HUÉ, 1968



HUÉ

UM DOS PRINCIPAIS ALVOS DA OFENSIVA DO TET FORA A CIDADE DE HUÉ, considerada ponto estratégico na região da Indochina. Ex-capital do país, ficava na confluência de duas importantes rotas de transporte, a Auto-estrada 1, que cortava o rio Perfume, e o próprio rio, sendo que ambas traziam suprimentos de Da Nang para a zona desmilitarizada, uma curta faixa de terra que traçava os limites entre o norte e o sul. De acordo com a lógica dos generais comunistas, se as ruas, os portos e os armazéns fossem demolidos, os americanos teriam suas linhas de abastecimento cortadas.

O objetivo era igualmente simbólico. Hué sediara a corte imperial até 1945 e continuava repleta de palácios, túmulos e pagodes que remontavam ao século XVII. Por se encontrar a poucas milhas da fronteira, a cidade era, ademais, muito mal defendida, com guarnições insuficientes e pouco equipadas, um saboroso banquete às tropas socialistas. Como consequência, o centro e a periferia caíram em questão de minutos, o aeródromo foi cercado e o castelo real ocupado tanto por comandos vietcongues quanto por divisões regulares do exército norte-vietnamita.

O contra-ataque começou no próprio dia 31. O deslocamento do 5o Regimento de Fuzileiros deu início à maior batalha urbana da guerra, com lutas de casa em casa. Em poucos dias, a majestosa sede imperial fora reduzida a escombros, com intensas trocas de tiros, disparos de morteiros, foguetes e obuses. Os distritos ao norte do rio se transformaram em um labirinto de pedra, aço e concreto, as avenidas foram obstruídas, as pontes acabaram dinamitadas, e a configuração das travessas, largos e praças foi radicalmente alterada, dificultando o avanço dos tanques.

Denyel e seus companheiros desembarcaram em um terreno baldio às onze da manhã. O sol batia forte, o tempo era úmido e, enquanto o combate prosseguia em outros setores, o 2o Batalhão foi ordenado a tomar o bairro universitário, dando apoio aos blindados, incapazes de penetrar nas vielas. Outro fator de preocupação eram os civis — centenas de crianças, mulheres e idosos ainda se aquarelavam nos edifícios, sem ter por onde ou para onde escapar.

As dezesseis horas, depois de uma pausa para as refeições, um major do exército informou que havia descoberto um caminho "até certo ponto seguro" que conduzia ao palácio, e trinta homens, liderados pelo tenente Curtis, seguiram-no através de um logradouro de arquitetura francesa. Por vários metros, a rota parecia confiável, até o momento em que a patrulha se enfiou numa rua apertada, espremida entre duas construções a ponto de desabar. O chão era esburacado, ardiloso, e ao fim da ruela o terreno se elevava numa pilha de rochas. O major pisou no calombo e nesse exato

instante foi atingido por um tiro, um disparo único, preciso, típico de um atirador de elite, que podia estar em qualquer parte.

Curtis tomou um susto, mas logo se recuperou e fez sinal para que os marines se agachassem. Observou o cenário ao redor. Seria fácil calcular a direção do ataque examinando o ferimento do major, mas o corpo tombara para o outro lado das pedras, e para buscá-lo alguém teria de se expor ao perigo.

— Para o chão, todo mundo — gritou o tenente e se virou para o sargento mais próximo. — Grey, o binóculo — agitou a munheca. — Me dá o binóculo, cacete. — Com o auxílio das lentes, ele passaria os próximos cinco minutos procurando sobre os terraços, estudando as janelas e frestas. — Recuar — tomou a decisão. — Vamos solicitar o apoio dos tanques.

Os recrutas se ergueram, mas antes de dar meia-volta ouviram passos na direção da vereda. Os trinta soldados apontaram seus rifles e, quando estavam para puxar o gatilho, avistaram um menino de uns 10 anos, acompanhado por uma garota de 15, com as mãos para o alto, chorando, andando de encontro a eles.

— Não atirem — disse Curtis. — Civis. São civis.

— Civis! — repetiu um cabo na traseira da fila, para que os demais escutassem, e assim a informação foi correndo. — Abram caminho. Saiam da frente.

Os meninos passaram reto, apavorados, as roupas rasgadas, e de repente surgiram mais refugiados, alguns idosos, outros feridos, caminhando rápido, aproveitando-se da oportunidade para escapar de Hué. Denyel notou que à sua direita se esgueirava um sujeito à paisana, cabelos brancos, caucasiano, face redonda, vestindo calça jeans, camisa de gola e carregando duas câmeras Nikon no pescoço.

— Mark Garner — ele se apresentou. — BBC de Londres.

— Não devia estar aqui, amigo — Denyel o advertiu. — Melhor dar o fora o quanto antes.

— Tudo bem, não precisa se preocupar comigo. Finja que eu não existo — ajustou o foco da máquina. — Já passei por poucas e boas. Sei me virar.

O último dos refugiados era uma mulher descabelada, banguela, que trazia nos braços um bebê. Choramingava e curiosamente tentou entregar a criança ao tenente Curtis, que ficou paralisado, sem saber como agir. Ela então se voltou para outro praça, gritando, implorando que alguém segurasse o neném. Continuou suplicando, andou para os lados e, quando percebeu que os americanos não a entendiam, abriu o roupão, revelando um cinto de dinamites. Como numa peça ensaiada, o atirador de elite, ainda escondido, acertou-a no peito, fazendo as bombas detonarem. O corpo da moça foi esfaçalhado, a criança se desintegrou. Curtis acabou morto pelos estilhaços, e com ele outros cinco marines. Seis militares ficaram gravemente feridos, mas nem Denyel nem o jornalista se machucaram, escorados na proteção de uma alcova.

O correto seria retroceder, contar as baixas, mas se valendo da cortina de

fumaça o primeiro-sargento da Bravo, Gordon Grey, apelidado de Caveira, fez o contrário. Subiu nos escombros e descarregou sua M-60 no largo que se abria adiante. Os soldados o copiaram, inclusive Denyel, e quando a poeira desceu o pelotão se encontrou rodeado por uma dúzia de cadáveres com a farda cá- qui, a insígnia comunista.

— Não são os Charlies — um dos novatos conferiu as divisas. — É o exército regular.

— Os calhordas foram por ali — Grey esfregou a bota no chão. De trinta homens, a patrulha fora reduzida a quinze, que agora adentravam um pátio destruído, centralizado por um chafariz, cercado por uma muralha de entulhos. Uma racha através do cimento dava acesso ao próximo quarteirão.

— E o atirador? — lembrou um dos recrutas.

— Esqueçam. Nunca vamos achá-lo — aconselhou o sargento. — Temos que ir em frente. — Sorveu um gole de água do cantil. — Bravo, comigo.

Denyel o seguiu, sempre discreto, e colado a ele vinha o repórter, com as costas baixas, tirando fotos com o mesmo vigor de quem metralha o inimigo.

Os homens da Bravo seguiram a trilha originalmente indicada pelo major, mas o dia avançou e nada de encontrarem o palácio, onde, em teoria, os capitães guerrilheiros estariam reunidos. Não tardou para descobrirem que estavam perdidos, cada vez mais longe da central de comando, provavelmente rumando na direção contrária à zona de guerra. No trajeto, percorreram bairros desertos, subúrbios vazios, e com a chegada da noite o ambiente era no mínimo sinistro. Caminhando com toda prudência, atento a possíveis minas sob os bueiros, o primeiro-sargento Gordon Grey escutou disparos de artilharia, o que os levou a uma esquina coberta por folhas de palmeira, que terminava na fachada de um prédio. Através de um buraco, os recrutas enxergaram, dali a cem metros, cerca de quarenta vietcongues em trajes civis operando um lançador de foguetes contrabandeado da União Soviética, instalado na caçamba de um caminhão.

— Julian, Ortega — o sargento sinalizou para que fizessem silêncio e escolheu dois homens como batedores. — Quero que vão até lá para fazer o reconhecimento da área — confiscou os rifles deles. — Nada de disparos. A qualquer indicação de perigo, recuem na hora. Entendido?

— Sim, senhor — os rapazes assentiram em unísono e juntos penetraram nos escombros, despindo o capacete e todo o equipamento pesado.

O cabo Ron Julian e o segundo-sargento Flavio Ortega, Denyel saberia mais tarde, haviam treinado com os Rangers, uma unidade de infantaria leve especializada em infiltração e camuflagem. A travessia pelo interior das ruínas, diferentemente do que se pensava, não seria tão fácil: era necessário encontrar uma abertura (ou aberturas) por dentro das câmaras destruídas, das lajes tombadas, dos vergalhões expostos.

Os marines desapareceram por vários minutos e retornaram tontos, com os olhos turvos. Julian sangrava pelo nariz, e Ortega vomitava e tossia, botando para fora os restos do almoço.

— O que aconteceu? — Grey os sacolejou. — O que vocês viram?

– Não chegamos ao outro lado, senhor – confessou o cabo. – Não está dando para passar.

– Como assim "não está dando para passar"?

– Entramos numa sala bombardeada, com umas crianças mortas – sentou-se no meio-fio. – Os Charlies soltaram algum tipo de gás.

– Gás... – Ortega corroborou a versão do parceiro. – Deve ser isso mesmo, chefe. Meu estômago começou a doer. Sei lá o que era.

– Que conversa maluca – Grey não estava convencido. – Bando de frescos. – Selecionou outros fuzileiros. – Kowalski, Jones. É a vez de vocês. E não me voltem sem os relatórios.

Os dois recrutas obedeceram, adentraram os escombros e regressaram com os mesmos sintomas. O sargento ficou confuso, sem saber se aproveitava o efeito surpresa ou abandonava a posição. De qualquer maneira, ao que tudo indicava, não havia outra saída daquele distrito.

– Senhor – Denyel estendeu a mão. – Se quiser, posso tentar.

– Você? – O comandante da Bravo não esperava receber a oferta de voluntários, ainda mais quando ela partia de um soldado medíocre, absolutamente ordinário. – Está bem, garoto – pegou o fuzil dele. – Mas anda logo com essa droga. Tem dez minutos e nem mais um segundo.

BANSHEE

NÃO ERA UMA QUESTÃO DE HEROÍSMO, NADA DISSO. DENYEL ESTAVA CURIOSO, intrigado para saber o que tanto perturbava os recrutas, e além disso ele tinha as suas obrigações como anjo da morte, que o empurravam a conhecer novas armas, explorar situações extremas e observar o comportamento dos mortais sob cada aspecto da guerra. Sendo assim, sacou a Colt, buscou a cobertura da noite e serpenteou para o interior dos destroços.

À medida que caminhava, reparou que a construção era por dentro bem maior do que aparentava por fora. Devia servir como depósito, ou mais provavelmente como garagem, apinhada de carcaças de automóveis, tiras de pneu e para-brisas aos pedaços. O raciocínio dos batedores, que se haviam queixado do gás, tinha certo fundamento, porque o odor de propano era forte, sugerindo que alguma tubulação estourara. Línguas de chamas ardiam nos nichos escuros, qual fogueiras nascidas do próprio concreto. A demolição fora causada, ao que se concluía, por um míssil aéreo, lançado a partir de um caça americano, desmoronando uns três ou quatro edifícios e os unindo num só complexo em ruínas.

Uma greta na parede sul representava a única passagem aos próximos níveis e conduzia a um recinto que, pela disposição dos móveis, era (ou havia sido) um apartamento geminado, com sofá, televisão, carpete e dois armários estraçalhados, cheios de roupas sangrentas. Esparramados na sala, descansavam cinco cadáveres — de uma jovem perto dos 30, de um homem da mesma idade e de três crianças entre 5 e 12 anos, carbonizados pela explosão.

Denyel então avistou através da membrana, em tons nevoentos, o fantasma da mesma mulher cujo corpo jazia no piso. Flutuava sobre as poltronas e ao percebê-lo desatou a gritar, praguejando, esbravejando tanto que o tecido da realidade oscilou. Com os braços estendidos, o celeste tentou confortá-la, mas a entidade não lhe deu atenção, concentrada em afastá-lo apenas, gemendo, chorando, mais preocupada em defender suas crianças.

Denyel recuou alguns passos para ganhar tempo e planejar suas ações. Definitivamente, aquela não era uma aparição como as outras: era o que os ofanins chamam de banshees, criaturas agressivas, mas não necessariamente maléficas. Sua ferocidade deriva da loucura, da vontade de proteger certo lugar ou determinada coisa, ou coisas, e no caso da matriarca em Hué o que a cegava era o amor por seus filhos, que acreditava estarem vivos.

O exilado procurou ser gentil, sussurrou algumas palavras no dialeto local, mas os brados só aumentavam. Os mortais não eram capazes de escutá-los, mas sentiam as tremulações da película, ressonâncias que se manifestavam em sintomas físicos, como náuseas, tonturas e fortes dores de

cabeça.

A despeito da boa intenção, os querubins não são treinados para lidar com fantasmas, ao contrário dos ofanins, concebidos com esse exato propósito. Um hashmalim, por sua vez, poderia capturar ou esmagar a banshee, mas Denyel nada conseguiria fazer a não ser que se desmaterializasse.

Em outras palavras, não havia solução aparente.

Então ele inventou uma.

Denyel voltou correndo para junto de seus companheiros, atravessou o buraco e reencontrou o sargento Grey, que ainda o aguardava, batucando no relógio de pulso, com cara de poucos amigos. Saltou para a rua, ajoelhou-se na calçada e, antes que seu comandante fizesse perguntas, exclamou:

– Parabellum, 9 milímetros. – Esse era um tipo específico de calibre de arma, usado numa infinidade de pistolas dos mais diversos fabricantes, em vários países do mundo. – Alguém tem uma pistola Parabellum? – a voz subiu uma oitava. – Preciso de uma Parabellum.

– Ei, fale baixo – Grey o censurou com um chiado. – Consegui encontrar a bendita passagem?

– Consegui – ofegou Denyel – Mas antes preciso de uma pistola que suporte uma cápsula 9 milímetros.

– Para quê?

– Satisfaça-me, sargento – ele pediu. – Explico depois.

Durante a Guerra do Vietnã e até meados dos anos 80, a pistola padrão das forças armadas dos Estados Unidos era, ainda, a Colt 1911, que só aceita munição .45 ACP. Por pura sorte, o cabo Ron Julian trazia consigo uma MAC Mie, adotada pelo exército francês e utilizada na Primeira Guerra da Indochina.

– Aqui está – o jovem cedeu-lhe a pistola. – Não vai perdê-la. Ganhei numa partida de blackjack.

– Confie em mim – Denyel saiu andando. – Já volto.

O plano de Denyel era astuto e matava dois coelhos com uma só cajadada, mas tinha sua porção de crueldade. Fazia anos, desde o incidente em Rocky Beach, que ele queria entender, já que ninguém lhe explicara, as verdadeiras propriedades das cápsulas trazidas por Yaga, que haviam matado Gregorion, atravessado a caixa de música, perfurado a lanchonete e esburacado o asfalto. O mais intrigante era que esse pequeno objeto, que ele guardara no bolso por mais de dez anos, não emitia vibrações místicas, então o que o tornava tão poderoso?

O exilado apoiou o cartucho sobre a palma da mão e ficou a observá-lo por longos segundos, até que finalmente o encaixou na culatra. Cruzou o depósito, retomou ao apartamento e afrontou a desesperada banshee, que ao reconhecê-lo tornou a urrar, os olhos esbugalhados, a boca aberta.

– Eu realmente não quero fazer isso – Denyel murmurou no idioma nativo, mais para si mesmo, pois no fundo não desejava machucá-la. Rendeu o fantasma com a arma estendida e puxou o cão quando ele se

aproximou. — Suplico que deixe os meus homens em paz — o tom era calmo, como o de um treinador afagando o cavalo. — Não pretendemos molestar as crianças, tem minha palavra. Só queremos passar.

A banshee enrugou a cara e grasnou feito uma garça. Como era de esperar, e a despeito dos apelos sinceros, esses seres não respondem por seus atos, são criaturas insanas, tomadas pela dor e a angústia. Os clamores sacudiram a película, e a entidade partiu de encontro ao celeste.

"Foi melhor assim", se recordaria Denyel anos depois, porque, ao ser atacado, ele pelo menos tinha a justificativa da autodefesa. O tiro chispou como um trovão, varou o corpo astral da mulher, crivou o cimento e desapareceu para sempre. O espírito se contorceu ao impacto da bala, como se tivesse, realmente, sido acertado por um projétil, e então pereceu, desvanecendo sobre o carpete sangrento.

Denyel fitou o cano da arma, sem compreender o que de fato ocorrera. Ele nunca soubera de um artefato capaz de cortar o tecido, afetando dois planos de existência ao mesmo tempo — nem as espadas celestes eram dotadas desse poder. Não restavam dúvidas de que fora assim que morreria Gregorion, com seu corpo e espírito liquidados, e era por isso, estava claro agora, que Yaga se mostrara tão confiante ao ordenar sua caçada.

O querubim meditou por alguns instantes, tanto sobre o ato bárbaro que cometera como sobre a revelação que procurava. Deu meia-volta, andou à rua e devolveu a pistola ao cabo Julian. Garantiu ao sargento que o caminho estava liberado, e a tropa se moveu adiante.

O que aconteceu a seguir foi o que qualquer tribunal de guerra classificaria como um massacre. Disparando de uma posição escondida, os quinze soldados da Bravo emboscaram os quarenta vietcongues que operavam o lançador, matando 23 inimigos e ferindo tantos outros.

Entre praças e oficiais, ninguém escapou. Mesmo trajando roupas civis, disfarçados de moradores comuns, não havia dúvidas de que eram comunistas, e na adrenalina da batalha os marines continuaram atirando, mesmo após muitos já terem se rendido. O major da 1ª Divisão caíra ante o sniper, o tenente Curtis fora pego numa tocaia, então, ao encurralar os Charles, o sargento Grey não demonstrou piedade.

O combate progrediu para uma sessão de fuzilamento, na qual Denyel tomou parte. Embora injustificável, o comandante da B tinha suas razões para ordenar a chacina, que iam além da motivação pessoal. Àquela altura, não havia como nem onde prendê-los e, considerando que os vietcongues eram suicidas, poderiam tentar fugir, unindo-se a outros esquadrões e pondo em risco mais vidas americanas, o que não lhe dava opção a não ser exterminá-los.

Os sobreviventes da primeira onda foram alinhados contra uma parede e assassinados no ato. O caminhão com o armamento soviético foi confiscado, e cerca de uma hora depois a patrulha reencontrou elementos da Companhia F, retomando a luta pela fortaleza imperial.

Cada movimento, cada agressão, cada tiro foram registrados em detalhes

pelas lentes do jornalista Mark Garner.

CORTE MARCIAL

A BATALHA DE HUÉ, TIDA COMO A MAIS SANGRENTA DA GUERRA, DUROU POUCO mais de um mês, devastou a cidade, matou quinze mil pessoas e terminou com a vitória das forças aliadas, comandadas por divisões americanas e sul-vietnamitas, que reconquistaram o palácio a 3 de março de 1968.

As fotos tiradas pelo repórter Mark Garner, da Companhia B executando os vietcongues a sangue-frio, chegaram aos jornais de todo o mundo, e a repercussão, especialmente nos Estados Unidos, foi devastadora. O artigo denunciava um "massacre de civis desarmados", o que obrigou o Departamento de Estado a emitir uma nota em defesa dos fuzileiros, afirmando que "aqueles homens eram terroristas". Em resposta, um editor do Los Angeles Times criticou o governo publicando uma matéria em que acusava a presidência de apoiar execuções sumárias, "contanto que sejam de terroristas".

A situação só não foi mais grave porque os combatentes da Bravo não haviam sido os únicos a cometer crimes de guerra em Hué. De ambos os lados, o confronto foi marcado por episódios de extrema barbárie, incluindo degolações, carnificinas e enforcamentos. Reporta-se que só os comunistas tenham matado perto de quatro mil inocentes a tiros, seguindo ordens de seu líder supremo, o general Ho Chi Minh, aquartelado em Hanói.

Com a pressão dos jornais, das emissoras de rádio e das redes de televisão, alguém teria de ser responsabilizado, e, embora contassem com o apoio dos colegas e até mesmo dos oficiais graduados, o primeiro-sargento Gordon Grey, que organizara a chacina, e seus quinze marines foram detidos e levados à corte marcial.

Denyel foi encarcerado também. Sua maior preocupação não era ser condenado, mas o risco de ficar preso, o que complicaria suas tarefas como anjo da morte. Sabendo disso, na noite de 30 de março ele solicitou um telefonema aos carcereiros e discou o número que Yaga lhe dera. A chamada caiu numa secretária eletrônica sem mensagem de voz, dotada apenas de um bipe que dava início à gravação. O querubim discorreu sobre o que transcorrerá até aquele momento, apresentou seus relatórios e depois se recolheu à sua cela, à espera do julgamento, marcado para a tarde de 8 de abril.

Na manhã em se apresentaria ao juiz, Denyel foi visitado por um tenente da polícia militar, com capacete, braçadeira e cassetete, que abriu o cadeado e o convidou a sair.

— Daniel Angel?

— Denyel. O nome é Denyel. — Ele nem sabia por que ainda se importava com isso. — Sou eu mesmo.

– Me acompanhe – pediu o oficial. – Tem alguém que deseja vê-lo.
– O julgamento não é só às 14:00?
– Você não vai mais ser julgado – deu um sorriso tímido. Para os militares em Da Nang, a corte marcial era injusta, uma forma de agradar a opinião pública, os jornalistas, de criar um bode expiatório para uma crise que ia muito além dos campos de batalha. – Salvo pelo gongo.
– Como?
– Todas as suas acusações foram retiradas.
– Não entendo.
– A ordem veio de cima.
– Sério? – Devia ser um trote, só podia. O anjo o acossou pelos corredores. – Para onde estamos indo?
– Já disse. Alguém quer ver você. Seu salvador.
– Meu salvador?
– Um figurão da CIA. Também não sei o nome. – Saíram para as ruas da base. – Por favor, fique quieto agora.

A CIA, sigla para Agência Central de Inteligência, é um braço do governo dos Estados Unidos criado após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de conduzir investigações no estrangeiro, bem como coordenar atividades de assalto e espionagem fora do território americano. Em teoria, sua missão é ajudar o presidente a tomar decisões estratégicas, mas na prática suas atribuições vão muito além, recolhendo dados secretos, promovendo assassinatos e financiando operações paramilitares ao redor do planeta. Nos anos 50, 60 e 70, sobretudo, o órgão tinha por tarefa monitorar (e impedir) o avanço do comunismo, sempre com um dos olhos (às vezes os dois) apontado para a União Soviética.

Denyel não sabia o que esperar de um encontro daqueles e nunca imaginou que algo do gênero pudesse ocorrer, por ele ser um soldado tão discreto, tão comum às lentes do Estado. Colado ao tenente, cruzou a base de Da Nang, ainda em reconstrução após os ataques do Tet, e foi coagido a entrar em uma grande tenda de lona, dentro da qual havia uma mesa com um projetor de slides e algumas cadeiras espalhadas.

Um homem de 60 e poucos anos, robusto, careca, pele bronzeada, estava de costas para a porta, mirando a tela em que as imagens logo seriam exibidas. Usava calças pretas, camisa branca e um coldre axilar, portando uma pistola Colt 45, primeiro modelo, daquelas usadas na Segunda Guerra.

– Quanto tempo, soldadinho – o velho tirou os óculos escuros e se virou para o anjo. – E aqui estou eu de novo para salvar o seu rabo.

– Sargento Craig? – Denyel sentiu um calafrio. Os olhos se arregalaram. Como celeste, ele não envelhecera um só dia. Como explicaria o fato de estar tão conservado trinta anos depois, sem uma ruga a mais ou a menos, sem um fio de cabelo branco? – Senhor, não sei o que dizer.

– Então não diga nada. – Craig fez um gesto para que ele se sentasse.
– Escute apenas.

LEI DO UNIVERSO

URAKIN E ISMAEL CONTEMPLAVAM O MUNDO ATRAVÉS DA JANELA, ESTUPEFATOS, sem saber ao certo onde estavam e que tipo de astro era aquele — se é que era um astro. O vitral em formato de olho os protegia do vácuo, mas de onde partia o oxigênio e como os atlantes o geravam?

— Que lugar é este? — o guerreiro atentou ao planeta, ao cintilar das constelações, ao brilho do sol refletido no mármore. — Como chegamos aqui?

— Chegamos através do portal. Do atalho, quero dizer. — Os adornos de platina chamejavam sob a coroa de prismas. — Estamos presos à órbita da Terra, possivelmente dentro de um satélite, um objeto semelhante à lua, porém muito menor. — Ismael ficou na ponta dos pés para melhor enxergar os contornos do globo. — Os atlânticos devem ter avistado este asteroide circulando o firmamento, então abriram a conexão mística, tencionando construir aqui sua sala de observação. Desta câmara eles traçavam suas rotas marítimas, com uma visão mais ampla dos oceanos, desenhavam mapas terrestres, projetavam estradas.

— Daí o posto de controle possuir um campo gravitacional independente.

— Sim, como qualquer corpo celeste.

— Mas como eles faziam para trabalhar no espaço sem nenhum equipamento especial?

— Usavam o feitiço do Eterno Verão, com certeza — teorizou Ismael. — O encanto das fadas, agora sabemos, não regula apenas o clima. Como vimos mais cedo ao pisar na escada branca e durante toda a subida através dos glaciares, ele conserva estável toda uma área, dentro de uma bolha onde as condições são mantidas conforme determinadas pelo mágico.

— É como os outros vértices em que estivemos — Urakin concordou com um aceno. — Se este pequeno satélite nunca foi catalogado pelos egípcios, nem pelos gregos, nem pelos astrônomos modernos, então deve estar sob um encantamento de distorção, similar ao que protege Egnias — apontou para o painel —, igual ao que defendia Athea e parecido com o que cobria o santuário yami, segundo Kaira nos disse.

— O mesmo encanto, sem sombra de dúvida — o Executor ainda perscrutava a janela, circunspecto. — Com uma ou outra variação cultural.

Urakin tornou a encarar o defunto, esparramado no piso.

— O que faremos com o nosso amigo? — O grão-feiticeiro estava rígido e, agora que não falava mais nada, tornara-se inútil de todas as formas.

— Não vejo necessidade de o levarmos conosco. E, para ser sincero, também não vejo mais utilidade nesta estação. Se tivéssemos mais tempo, poderíamos explorar as outras salas, mas a arconte pode estar em perigo lá

embaixo, e ademais creio que não encontraríamos nada de novo.

— De acordo. — O Punho de Deus observou as estrelas antes de retroceder à passagem. — Faz a gente pensar, não é? De uma nação tão majestosa, sobram apenas ruínas, salões abandonados.

— É a lei do universo — Ismael não demonstrou comoção. — Os ofanins acreditam que o cosmo é um ciclo, que nada perece realmente, que todas as coisas são eternas — entrou no corredor, foi penetrando rumo à gruta. — Nós, os hashmalins, raciocinamos de maneira contrária, mais realista. Se há uma certeza concreta, é que nada dura para sempre — apoiou-se nas laterais, enxergando a luz da poça adiante. — Considere isso e entenderá o que é ser um anjo de fato.

O guerreiro escutou as opiniões do parceiro, mas não concordava com elas. Até entre os alados, que supostamente deveriam saber de tudo, era comum a discordância de pensamentos. No fundo, talvez todas as castas estivessem certas à sua maneira; talvez em cada discurso houvesse um grão de verdade, ou talvez o universo estivesse mesmo em constante mudança e não pudesse ser resumido, teorizado ou conferido.

Urakin, porém, não se prendia a esses detalhes. Preferia se concentrar no momento, e assim eram todos os querubins, meros soldados que não se importavam com viver ou morrer, apenas com completar suas missões. Para ele era isso, e mais nada, o que significava "ser um anjo de fato".

O primeiro entre vocês ainda caminha sobre a terra — a frase se repetia no cérebro de Kaira, um segundo após o outro, acompanhada de uma dor perfurante, que fazia o coração latejar. Seguiram-se então pulsações, e lá estava ela de novo, estirada no rio Oceanus, regressando à vida nos braços de Denyel.

O aspecto dessas visões era onírico, quase como uma alucinação, uma onda psíquica que lhe embaçava a memória. Recordava-se nitidamente da mensagem transmitida por Astron antes de morrer, mas algo lhe dizia que aquelas palavras não eram dele. E, se não eram dele, só podiam ser suas, pois era sua a mente que o comodoro vasculhava no instante do choque. Seriam fragmentos de lembranças perdidas, das suas antigas recordações, ainda veladas? Ou seriam, quem sabe, lascas de um período remoto, que ela, ao menos até então, era incapaz de acessar?

Mãos vigorosas endireitaram suas costas e delicadamente a puseram sentada. Kaira coçou o rosto, afastou os fios ruivos e enxergou Urakin. Sacudiu a cabeça, tossiu e com a ajuda do gigante ficou em pé. Sentia-se melhor agora, com as forças voltando, mas a confusão persistia. O que causara o delírio, afinal? O gasto de energia, dispensado na batalha anterior contra os vultos, ou o ataque de Astron? Ou as duas coisas?

— Como se sente? — Ismael ofereceu-lhe a mão.

— Zonza — a voz saiu rouca. — O que encontramos?

— Descobrimos as coordenadas da Segunda Cidade — ele afirmou, objetivo. — Podemos seguir viagem tão logo esteja recuperada.

— Egnias fica muitos quilômetros a oeste — Urakin informou. Olhou para

a caverna e notou que as placas de gelo por ela conjuradas não haviam regredido e que, em última análise, eram idênticas àquelas observadas no posto de controle, cujas paredes não degelavam jamais. — Teremos de nos desmaterializar novamente.

— Melhor não — Kaira moveu os braços. Espanou a camisa. — Outros comodores podem estar em nosso encaixo. Já arriscamos demais.

— O vértice fica nos desertos da Líbia — o Punho de Deus a alertou. — Como chegaremos ao Ocidente por terra, sem dinheiro e sem um guia?

— Posso conseguir um guia — confidenciou Ismael.

— Pode? — a arconte demonstrou interesse. — E do que precisa?

— De um cadáver. Fresco. Só isso — esfregou as mãos. — O resto deixem comigo.

PERMISSÃO PARA MORRER

Da Nang, 8 de abril de 1968

— ESTE É O AGENTE ESPECIAL CHRIS ERICSSON, MEU ASSISTENTE — CRAIG apresentou a Denyel um sujeito louro, esguio, olhos verdes, bigode cheio, usando calças boca de sino e gravata vermelha, Na cintura, trazia um revólver Colt 38. — Seu campo de estudo são as culturas antigas, a antropologia e a aplicação mitológica.

Denyel apertou a mão do agente, ainda desorientado, pensando em qual seria o interesse da CIA — ou de qualquer outro órgão de espionagem — em "culturas antigas" e "antropologia". Sentou-se numa das cadeiras, tímido como uma criança no primeiro dia de aula, enquanto o bigodudo conectava os cabos de força ao aparelho de slides. Craig encostou-se na quina da mesa, cruzou os braços e o afrontou, agora com mais atenção.

— Sabe por que o chamei? — Como Craig sempre fora careca, parecia quase o mesmo após 23 anos, à exceção das rugas e das sobrancelhas grisalhas. — Faz idéia do que nos trouxe aqui?

— Não, senhor — Denyel sentiu-se encurralado.

— Muito bem. Então, vamos direto ao assunto — moveu a cabeça para Ericsson, que desligou as luzes do teto e acendeu o facho do projetor, realçando os grãos de poeira no ar. Na tela, surgiu a imagem de uma área florestal seccionada por listras que indicavam escalas de distância, com uma série de números na borda. — Como você deve ter escutado, fuzileiro, as missões aeronáuticas triplicaram depois da ofensiva de janeiro. L. J. quer foder essas comunas. — L. J. era a abreviação do nome do então presidente americano, Lyndon Johnson. — Os centros de comando por todo o país, de Saigon a Hué, receberam instruções para perseguir os Charlies e acabar com a trilha até dezembro.

— Primeiro será preciso encontrá-la, sargento. — Desde 1965, o exército dos Estados Unidos tentava localizar a chamada trilha Ho Chi Minh, um caminho secreto que saía de Hanói, cortava o Laos e o Camboja e abastecia os vietcongues com munição e armas soviéticas. — Ouvi dizer que as bifurcações são móveis, se perdem dentro da selva, se prolongam em túneis subterrâneos, e que os amarelos a refazem toda hora.

— Sim, também ouvi essas coisas — ele anuiu, e ao seu comando Ericsson trocou o slide, apresentando uma segunda foto, com uma pequena clareira através da qual se enxergava uma peça brilhante. — Essa conversa de trilha é assunto estritamente militar, não tem nada a ver conosco. Pode ser sua tarefa, mas não é minha. — Com uma caneta, Craig traçou um círculo imaginário sobre a tela, indicando um espaço aberto entre as folhagens. — Está vendo este reflexo? É um dos nossos caças, que caiu em território

inimigo.

— Que estranho — Denyel inclinou-se para frente. — Não observo cratera de aterrissagem. — Ele reparou num losango metálico, oculto debaixo das plantas. — Mas, sim, me parece um jato F-5. Já vi centenas deles. — Voltou- -se para o ex-sargento. — Deixe-me adivinhar, senhor. Quer minha ajuda para ir até lá?

— Você não aprende, não é? — apoiou as mãos na cintura. — Para isso eu recruta os boinas-verdes... ou vou sozinho, tanto faz. — Estalou a língua e pediu que Ericsson avançasse para o terceiro slide. — Repare nessa foto que capturamos cinquenta metros ao sul do perímetro.

O exilado apurou a visão, ergueu-se da cadeira e se aproximou da figura, as costas projetando sombras nas paredes de lona. Despontando sobre a copa das árvores, orlada pela imensidão da floresta, surgia uma estrutura monolítica, pontuda, de quatro faces, idêntica ao obelisco de Marie et Louise. A fotografia, tirada do alto, não permitia calcular a altura ou saber se fora esculpida, mas não havia dúvidas de que era o mesmo artefato.

— Depois sou eu que procuro encrenca — ousou Denyel. — Sabe onde está pisando, sargento?

— Sempre soube — ele confirmou, movimentando o pescoço. Craig era um guerreiro nato, fascinado pelo perigo. — Com esses diagramas em seu poder, a inteligência do exército começou a bolar um plano para trazer de volta tanto o piloto capturado quanto o aparelho perdido. Estudaram o obelisco, procuraram mais informações e encontraram os meus antigos relatórios, contando as nossas aventuras na cidadela normanda, bem como a perseguição nas Ardenas. Foi assim que a agência resolveu me colocar à frente do caso. — Balançou o indicador na direção de Denyel. — E eu vim atrás de você.

— Mas, senhor... — o anjo tentava pensar numa história, qualquer uma, um argumento plausível para a fonte da juventude. — Aconteceu que...

— Ora, não precisa dizer nada — Craig continuava cético, postura que o mantivera são ao curso de mais de um quarto de século. — Um homem tem direito a seus segredos — puxou da camisa um maço de cigarros Marlboro. — Quando me entregaram as rédeas dessa operação, ordenei aos meus agentes que o encontrassem. Queria ter certeza de que não estava louco. Mandei os filhos da puta mais inteligentes da América ao seu encaicho, até que nós enfim o achamos... — Acendeu o tabaco com um isqueiro Zippo. — Era só olhar mais de perto.

Chris Ericsson, o assistente de Craig, desativou o projetor. Religou as luzes, andou até a mesa, sacou de uma pasta um mapa da Indochina e o estendeu sobre a bancada. O documento estava marcado por traços coloridos, com as seis grandes nações que compõem essa fração do globo.

— Oficialmente — disse o louro — o nosso trabalho é inutilizar o computador do avião e trazer o piloto para a base, ou o corpo dele, se estiver morto. — E indicou, no planisfério, a zona referente às fotos. — Para isso, teremos de avançar em jurisdição estrangeira, então agiremos como um time

de mercenários, sem ligação direta ou indireta com o comando do exército ou com qualquer outra instituição ou governo.

— Sob o risco de começarmos a Terceira Guerra Mundial — acrescentou Craig. A CIA tinha, sobretudo nos anos 60, muita prática em atuar furtivamente, em contratar soldados de fortuna para blindar o presidente contra possíveis crimes de guerra — Não à toa, o Departamento de Defesa nos convocou.

— Senhor — Denyel se concentrou no mapa. — Essa rota nos leva direto para a fronteira do Camboja. Longe demais para ir caminhando.

— Um cortador nos transportará a Tay Ninh — Craig tinha todo o plano na cabeça. — Descemos na mata, buscamos o aeronauta, metemos uma bomba no caça e fim de papo. — Deu uma tragada. Dirigiu-se ao agente Ericsson. — Isso é tudo, Chris. Deixe-nos agora.

— Está bem, chefe. — O homem afastou as cortinas e saiu. Craig e Denyel ficaram a sós na barraca. O antigo comandante da Grande Rubra arrancou o slide do projetor e o fitou contra a luz.

— Senhor, é verdade que não serei mais julgado? — o exilado aproveitou o silêncio para abordar o assunto.

— Sim, eu mesmo endossei a sua libertação — descansou o cigarro sobre a borda da mesa. — Deram-me carta branca para montar a equipe que quisesse, para recrutar criminosos no corredor da morte, se necessário. — Craig ficou pensativo. — Tem alguma coisa lá, fuzileiro, algo que eles querem desesperadamente. Só não sei ainda o que é.

— O obelisco?

— Não, não é isso. Essa parte é coisa nossa.

— O senhor é quem manda — o celeste bateu continência. Particularmente, ele também não acreditava que a CIA estivesse interessada no monólito, nem que entendesse suas reais propriedades, afinal nem ele, como anjo, entendia. Então, por que essa atenção especial ao resgate de um jato?

— Está dispensado — decretou Craig. — Vá recolher suas coisas. Remova qualquer insígnia ou brasão costurado na farda. Leve o máximo de munição que encontrar — abriu a porta de lona e indicou a saída, mas antes o interpelou: — Crê que eles ainda estão lá, soldado?

— Eles?

— Os cachorros — a voz se encolheu,

— Sim, os cachorros — murmurou Denyel. Era isso, então. Craig não queria só recuperar o piloto, ele procurava vingança. Era uma missão pessoal, uma cruzada contra as feras que haviam dizimado o seu grupo. — Não sei mesmo, sargento. Mas agora que mencionou, sinceramente, espero que sim — ele se recordou do embate no esgoto e como pudera, na ocasião, extravasar, exercer sua verdadeira natureza de casta. — Conte comigo.

Partindo de Da Nang, os homens escolhidos por Craig viajaram de avião à base aérea de Tay Ninh, no sudoeste do Vietnã, onde descansaram por 24 horas e receberam as primeiras instruções antes de embarcar para o

Camboja. Para essa missão, o ex-sargento recrutara um time de dez boinas-verdes, todos disfarçados de mercenários. A tarefa prioritária desse corpo armado não seria combater estritamente, embora estivessem prontos para isso. Os boinas-verdes constituem uma unidade de elite do exército norte-americano e foram os primeiros militares a chegar ao Vietnã, em meados de 1963, antes das tropas convencionais, com o encargo de treinar e dar apoio às forças do sul. Eles eram, portanto, os estrangeiros que melhor conheciam a selva, e ao integrá-los Tom Craig tinha em mente usá-los como batedores, para que o conduzissem à região do obelisco.

Nos assuntos relativos à batalha, Craig não contava com ninguém além de Denyel — ele considerava os boinas-verdes uma trupe de crianças choronas, brincando de faroeste no parquinho da esquina. Não que fossem incompetentes, mas nenhum deles se comparava ao exilado e tampouco a ele próprio, que confrontara as supertropas da SS, enfrentara feiticeiras e criaturas mágicas.

Os boinas-verdes, que apesar do nome usavam capacete de aço, eram liderados por um capitão chamado Douglas Keyne, um grandalhão de Illinois, de cabelo preto, rosto quadrado, obcecado por proteínas e musculação, que trazia uma metralhadora M-60 a tiracolo e mascava tabaco sem parar, cuspidando às vezes a borra no chão. Seu braço direito era um sargento de pele escura, igualmente forte, conhecido como Frederick Grump e apelidado de Bebezão, interessado em explosivos, que em adição ao rifle M-16 carregava um lançador de foguetes portátil M-20. Havia também o oficial piloto do helicóptero, o tenente Pat De Forrest, que os acompanharia na jornada em direção à floresta — Craig temia que um elemento sozinho fosse mais facilmente emboscado, então a orientação era que seguissem todos juntos, cada qual vigiando a retaguarda do outro.

Além dos demais soldados, acomodavam-se, nos assentos do Huey, Denyel e o agente Chris Ericsson, que trocara o fuzil por uma escopeta calibre 12 de cano serrado. Dentre os enviados, ele era o único que não passara por treinamento militar, mas era bom no gatilho. Usava um chapéu de aba larga, com uma coroa de plantas que reforçava a camuflagem.

Craig reouvera do baú sua boa e velha Thompson, a arma querida que nunca o deixara na mão. A Tommy Gun era um instrumento arcaico para aqueles tempos, mas potencialmente mortal a curta distância, e ainda funcionava perfeitamente, igual ao dia em que saíra da fábrica.

O Huey, que tivera os emblemas raspados, decolou de Tay Ninh à zero hora do dia 10 de abril. Sobrevoou a mata em completa negrura, rasgando o céu numa noite preta, sem lua. O tenente De Forrest guiava-se tanto pelos controles de bordo quanto pela posição das estrelas. Como vários de seus colegas, ele estava apto a comandar a aeronave mesmo na escuridão, como fizera dezenas de vezes para despejar tropas e buscar companheiros feridos. O barulho dos rotores era muito alto, tanto na cabine quanto dentro do cargueiro, e um tripulante precisava falar no ouvido do outro, ou então berrar para ser escutado.

Craig vestia um uniforme genérico, padrão, com um maço de Marlboro atado ao capacete. Segurou o pulso de Denyel e o puxou mais para perto.

– Diga lá, soldado – o vento encanado lhes secava a garganta. – Está zangado comigo?

– Zangado?

– Sim, pelo que aconteceu na França. Lá na igreja.

– Ah... – ele já tinha apagado o episódio da mente. – Esqueça. Se o senhor não tivesse dito, honestamente eu nem teria lembrado.

– Desculpe-me por ter desconfiado de você. Não é meu costume. Já matei um bocado de gente, mas apontar a arma para um membro de meu pelotão foi exagero. Acontece que você me tirou do sério ao disparar contra os megafones. Como eu ia saber que não trabalhava para os nazistas?

– Está tudo bem. De verdade – Denyel começou a entender que era o próprio Craig que não se perdoava, então decidiu facilitar as coisas para ele.

– Acontece. É a guerra. Ela mexe com a gente.

– Que tal um acordo? – o velho insistiu. – Prometo que nunca mais o ameaçarei, e em troca você me concede permissão para morrer.

– Se foi uma piada, eu não a pesquei, sargento.

– Quisera que fosse. É essa sensação, fuzileiro – deu uma pancada no peito. – Estou com essa idéia martelando, de que não retorno vivo desta empreitada. Lembra quando eu disse, anos atrás, que nós, da Grande Rubra, não podemos nos render, que não podemos desistir, aconteça o que acontecer? – Apanhou a carteira de cigarros e a estendeu diante do rosto.

– Estou fodido por dentro. Câncer de pulmão, foi o que os médicos disseram. Tenho um ano de vida, se muito. Minha hora está chegando, e se tem alguém em que eu realmente confio é você, meu rapaz, o único que pode me dar o aval.

– Sem problema – o querubim sentiu um nó na garganta, mas não demonstrou fraqueza. Craig detestaria ser tratado como um pobre coitado, então agiu naturalmente. Concluiu, destarte, que para ele aquela não era uma missão como as outras, era uma operação suicida, e como os seus dias estavam contados esta seria a sua última chance, a oportunidade perfeita de perecer em combate. – Quando for o momento, estarei ao seu lado.

O helicóptero cruzou o rio Son e penetrou ilegalmente nos jângales do Camboja, voando baixo para despistar os radares. Com sua visão apurada, Denyel conseguia observar os morcegos, os macacos sob os galhos, sentia o doce cheiro das plantas, das flores, e mesmo afastado escutou o diálogo, imperceptível a ouvidos humanos, entre Keyne, o capitão dos boinas-verdes, e o sargento Grump, seu imediato.

– O que lhe contaram sobre o coroa? – quis saber Grump. Seus olhos eram perfurantes, enormes, o corpo massudo. – Cara estranho, não?

– Põe estranho nisso. – Keyne cuspiu o tabaco através da janela. – Civil, agente graduado da CIA. Ele é o louro de bigode – deu uma encarada em Chris Ericsson. – Soube que o careca é veterano. Condecorado na Europa.

— Não levo fé nesses dinossauros. Só sabem estragar tudo — opinou o sargento de pele negra. — Quando é que vão entender que os Charlies não são alemães, que não adianta sair jogando bombas, fritando as aldeias, borrifando agente laranja? É por conta deles que estamos perdendo esta guerra.

— Estamos perdendo por causa desses recrutas bundões — agora ele se referia a Denyel. — Dá uma olhada. O frangote acabou de chegar. Pousou em Da Nang no começo do ano — riu alto, como se tivesse escutado uma piada. — Os caras da 2/5 me disseram que ele bebe feito um peru de Natal. Coitado.

— Capitão — gritou Denyel, fitando o rosto de Keyne. — Conhece o lugar para onde estamos indo?

— Por que a pergunta, soldado?

— Sabe o que é? O senhor me parece um pouco nervoso.

— Cuide da sua vida, recruta — o tom era rude, como de fato se esperava que reagisse um oficial superior. — Trate de ficar de boca fechada.

— Sinto muito, capitão, mas não estou sob suas ordens — frisou o anjo, sarcástico. — Desta vez é cada um por si. Ou não lhe disseram?

— Foda-se, moleque — Keyne o xingou. — Quando a situação esquentar, quando as balas zumbirem, aí sim vamos ver quem tem mais estômago.

— Podemos resolver isso agora, se o senhor preferir. — Sob a vista da tropa, Denyel desafiou o cinto de segurança, escorregou à porta aberta do Huey e sentou com as pernas para fora, o helicóptero balançando, o chão sacudindo. Buscou uma garrafa de uísque na mochila e começou a beber descompromissadamente, gozando a paisagem noturna. — Por que não sai comigo, capitão, para tomar um pouco de ar?

— O sujeito é maluco — Grump se agarrou às barras superiores.

— Não quer mesmo ver as estrelas? — o celeste o convidou novamente. Depois, esticou o uísque e o ofereceu ao sargento. — Não bebem nada?

Keyne não se moveu. Ficou exatamente onde estava, o cinto bem apertado. Com o indicador, pinçou uma fatia de tabaco do fundo da latinha e a meteu entre os dentes. Queixou-se para Craig, seu contratante:

— Deus do céu, por que trouxe esse louco? — A figura de Denyel pendurado, sem nenhuma proteção, prestes a cair na próxima curva, era realmente perturbadora. — Esse demente vai acabar nos matando.

— Engano seu, capitão — Craig carregou a Tommy Gun, enquanto o cortador principiava a descida. — Você e seus homens já estão mortos — ajeitou o capacete. — E, com um pouco de sorte, eu também.

INFERNO VERDE

SELVA DENSA, FECHADA. NENHUMA CLAREIRA À VISTA.

O tenente De Forrest deu uma espiada através do quebra-vento. Checou novamente as indicações do mapa. Fez um S com o helicóptero, empinou o bico e pousou em uma pequena ilha de cascalho, no meio de um rio de águas rasas. Tudo o mais era verde, uma cortina de galhos, cipós e trepadeiras a dezenas, centenas de quilômetros da civilização. O céu continuava negro, mas não tardaria a amanhecer, quando enfim os soldados se poriam em marcha.

O Huey foi coberto com uma rede de camuflagem, dando a impressão, para quem o visualizasse de cima, que era um aglomerado de troncos e raízes trazidos pela correnteza, retidos sobre um banco de areia. Os catorze homens – dez boinas-verdes mais Craig, Ericsson, Denyel e o piloto – ganharam a proteção da floresta e sob as árvores fizeram o desejo, uma refeição à base de soro e produtos em conserva. O dia raiou às exatas 6h10, acordando os insetos e pássaros, trazendo calor, secura e a claridade necessária para que eles explorassem o caminho.

Keyne e o sargento Grump eram os vanguardistas, pois melhor conheciam a região e saberiam percorrer suas trilhas. O capitão de Illinois parava a cada dez minutos para olhar o relógio, conferir os papéis, enquanto seu parceiro sacudia a bússola, procurando rastros no chão.

Por volta das doze horas, os combatentes avistaram uma elevação de pedra, supostos morros revestidos de erva daninha, que às lentes do binóculo mostraram ser um complexo de templos abandonados, pertencentes ao Império Khmer, uma dinastia de reis que governou o Camboja entre os séculos IX e XV, estendendo-se também, em seu apogeu, à Tailândia, ao Vietnã e ao Laos, O que se enxergava a partir da colina era uma série de cinco torres cônicas, construídas em degraus, simulando imensas ogivas de arenito. A disposição dessas torres – quatro nas pontas e uma no centro – copiava o esquema de uma mandala, o desenho sagrado do cosmo segundo a crença hinduísta. Suas paredes de rocha clara haviam enegrecido com o tempo, as escadarias estavam cobertas de musgo. A rota que eles deveriam tomar, observou o capitão, passava pelo meio desse santuário, e naquelas circunstâncias seria arriscado fazer um desvio, sob o risco de se perderem na mata. Em contrapartida, era necessário atentar ao perigo, porque qualquer edificação poderia estar sendo usada como ninho pelos vietcongues, especialmente um conjunto de prédios tão bem preservados, considerando, é claro, as intempéries da selva.

– Dois grupos – Keyne cochichou aos seus praças. – Vamos circular o templo e tentar entrar nele. – Olhou para Craig. – Se eu fosse vocês, aguardava aqui.

— Se eu fosse você, me concentrava no meu trabalho, capitão — rebateu o velho, deixando claro quem estava no comando. — Sua missão é nos guiar até o jato. — Na companhia de Denyel, ele se sentia perfeitamente confortável para investigar o terreno. — Não se esqueça de quem paga o seu salário.

— Quem paga o meu salário é o exército.

— Errado, filho — Craig rosou com dureza. — Quem paga o seu salário são os contribuintes, os civis, o povo dos Estados Unidos. Ou seja, eu.

O boina-verde quase cuspiu uma resposta, mas se conteve porque não queria perder o emprego, e Craig era, afinal, seu contratante. Quando os ânimos serenaram, a equipe desceu a colina a passos lentos, espalhada para não chamar atenção, e poucos minutos depois estava cara a cara com o palácio, aos pés de um enorme portão guardado por duas esculturas que representavam o rosto sorridente do deus Indra, ostentando brincos nos íobulos esticados. Chris Ericsson, especialista em culturas antigas, confidenciou a Denyel que os painéis sobre os muros ilustravam as apsaras, como eram chamadas no Camboja, dançarinas seminuas da corte khmer, retratadas em poses sensuais, dando a impressão de movimento.

Os três — Craig, Ericsson e o exilado — não esperaram o crivo dos boinas-verdes e adentraram o santuário, encarando mais de perto as cinco torres em formato de cone. O sítio, outrora palco de cerimônias religiosas, parecia aos visitantes uma intrincada obra de arte, pois nenhum canto sequer era plano. Cada parede, cada passagem, cada corredor era talhado, alguns com desenhos que mostravam batalhas do exército real, outros com imagens de santos e heróis. Estátuas de monarcas jaziam nas esquinas, muitas quebradas pela erosão, ocultas por folhas de capim, e em seguida à entrada os recepcionava uma comissão de cinquenta figuras de rocha, com deuses de um lado e demônios do outro. Os aposentos internos eram mais baixos, escuros por dentro, e vários haviam sido completamente abraçados por raízes de árvores, tendo suas portas lacradas.

Ericsson estava fascinado. Enquanto Craig e Denyel vasculhavam o pátio em busca de pistas dos guerrilheiros, ele tocava os painéis com a mão e fazia anotações num caderno. Tudo parecia calmo, silencioso, afora os sons da floresta, até que o celeste encontrou uma marca no piso.

— Sargento, olhe só — ele apontou para um dos blocos do pavimento, onde o solo se afundava como se pressionado por uma pegada. O curioso era que se tratava de rocha pura, não de argamassa, então qual seria o objetivo dos arquitetos khmers ao projetar os contornos de um pé solitário?

— Chris! — Craig o chamou. — Sabe explicar o que é isto?

— Nunca vi nada igual. — O louro aproveitou para lhes mostrar uma seção do paredão, distante uns vinte metros. — Também achei umas efígies bem esquisitas. — E juntos os três se deslocaram para os flancos da cidadela, descobrindo surpreendentes figuras em alto-relevo, de costas, aparentando cinco homens em fuga, como se estivessem atravessando a muralha. Ao contrário das demais esculturas, essas não vestiam roupas glamorosas, mas

trajes simples, com cinto, sandálias e uma sacola de alças, lembrando, por alto, as mochilas modernas. — Quanta imaginação eles tinham. Os detalhes são... — procurou a palavra certa — magníficos, quase proféticos.

Keyne enfim penetrou o átrio central, com o sargento Grump e seus oito soldados, através de uma porta na ala sul. À semelhança de Ericsson, havia um traço de perturbação em seu rosto, quando ele avisou a Tom Craig:

— O entorno está limpo. Já verificamos tudo. — Deu outra cusparada de tabaco. — Os Charlies estiveram aqui. Só não sei quando.

— É mesmo, capitão? — Craig fez como se o desafiasse. — Como sabe?

— Basta vir comigo. — E assim o chefe dos boinas-verdes os guiou ao setor externo do templo. Lá, do outro lado do muro, havia a face dianteira dos mesmos fuggitivos de pedra, exibindo o peito inflado e o rosto oriental, tomados pelo pânico. — Entendeu? — incitou Keyne, com a voz vacilante.

— Eu disse que os amarelos estiveram aqui.

— Está louco? — Craig não acreditou de primeira, então o capitão arrastou o dedo pelo painel, revelando que três das cinco imagens portavam fuzis AK-47, ou algo idêntico. A visão os deixou perplexos, até a Denyel, que não imaginava como aquelas efígies poderiam ter sido entalhadas, já que não havia marcas de instrumentos de corte. Era como se sempre tivessem estado ali. — Ericsson — perguntou Craig —, qual é a idade deste templo?

— Difícil dizer, chefe — a réplica saiu num gaguejo. — Só posso afirmar com certeza que, pela degradação dos prédios, o santuário não tem menos de quinhentos anos. — Ele fazia esboços frenéticos no bloquinho, o coração acelerado, as mãos tremendo. — Bem como essas estátuas.

Ninguém disse abertamente, mas, à exceção de Craig e Denyel, estavam todos com medo. O templo, que no passado servira tão fielmente aos sacerdotes khmers, projetava agora uma atmosfera soturna, reforçada pelo mistério das efígies humanas. Com o estômago vazio, os soldados almoçaram em dez minutos e continuaram a marchar. O interesse de Keyne era chegar ao ponto do acidente o mais breve possível, com o dia ainda claro, resgatar o piloto, dinamitar o avião e dar o fora daquele inferno de plantas.

Tão logo a tarde caiu, o sargento Grump encontrou às margens de um córrego um facão curvo, enferrujado, normalmente usado pelos vietcongues para cortar arbustos, reforçando a hipótese de que havia alguns deles por perto. O capitão deu uma ordem e os combatentes seguiram agachados. Um dos boinas-verdes quase pisou no que julgou ser uma cobra, a cabeça meio enfiada no barro. Desembainhou a faca e a cutucou, mas o animal não reagiu.

Quando a lâmina penetrou a carne, porém, ouviu-se um estrondo de eletricidade, e depois sobreveio um forte odor de borracha queimada. O rapaz berrou, teve um sobressalto e desabou de costas numa poça, com a pele cinzenta, soltando fumaça, os globos oculares derretidos, os cabelos duros.

— La Rosa! — o parceiro ao seu lado se ajoelhou, com a justa intenção de prestar-lhe os primeiros socorros, mas Denyel o segurou pela manga.

— Pare onde está — o anjo exclamou. — Não chegue mais perto. — Cutucou o objeto com um graveto comprido. — É um cabo de força.

— Um condutor de alta voltagem. — Craig analisou a espessura do fio. — Deve haver um centro de comando nas redondezas. — Perseguiu o cabo com a vista, cogitou segui-lo, mas ele sumia na terra. — Continuamos com o plano. — Fitou Keyne. — Mãos à obra, capitão.

O incidente com o soldado La Rosa gerou comoção enrustida, sobretudo porque àquela altura não havia como enterrá-lo, mas, uma vez que, teoricamente, eles regressariam pelo mesmo caminho, o líder dos boas-verdes preferiu deixá-lo onde estava, para recolher o corpo mais tarde.

Proseguiram, e a cada passo o ambiente os sufocava. O jângal era, decididamente, um local de pesadelos, uma zona viva, agourenta. O som dos animais ecoava sinistro, as folhas se moviam como najas, e para piorar um nevoeiro esbranquiçado os cercou. Foi um alívio quando, no decurso da próxima meia hora, eles toparam com uma casamata inimiga, sinal de que, pelo menos, seus adversários eram seres humanos.

Finalmente agindo conforme os métodos que tão bem conheciam, os boas-verdes rodearam o abrigo, prontos a disparar, mas o encontraram desabitado. Dentro do buraco, escorado por toras e coberto com um alçapão, o que havia eram os restos de uma equipe de guarda, além de alguns equipamentos sujos, usados, tais como uma pá com pontas dentadas e o tambor de uma metralhadora RPD soviética.

Keyne reagrupou os seus homens, deu uma última olhada nos mapas, nos documentos, e novamente os orientou sobre a direção combinada:

— O abrigo está marcado com um sinal de mais nas fotografias aéreas. É um dos pontos de referência. — Ele tirou o capacete, coçou a cabeça e tocou a cruz em vermelho. — Se as imagens estiverem corretas, o avião caiu poucos metros a oeste. — Guardou os papéis e engatilhou o fuzil. — Só pode ser por aqui.

Denyel não queria frustrar seu ex-sargento, então ficou calado, mas não percebera marcas de cascos em nenhuma parte do bosque. Não que isso garantisse muita coisa, já que os espectros não costumam deixar rastros, especialmente quando se locomovem pelo mundo das sombras, camada da qual são nativos.

O nevoeiro se adensou e a claridade começou a minguar. Caminhando mais quinhentos metros, o cenário se transformou numa planície de árvores finas, com muita vegetação murcha, caules podres e um tapete de folhas. Às quinze horas, pontualmente, os raios vespertinos destacaram uma porção de uma asa brilhante, tombada numa clareira a poucas jardas dali. O caça, um Northrop F-5 supersônico, descansava de barriga na lama, o trem de pouso retraído, e, como Denyel observara nos slides, não havia cratera de aterrissagem. O jato, seguindo o padrão dos aviões da época, exibia a carcaça prateada com a estrela azul e as letras USAF sobre a turbina, iniciais de United States Air Force, ou Força Aérea dos Estados Unidos.

Definitivamente, aquela era a área de maior ameaça desde o riacho. Se

houvesse vietcongues na floresta, era lá que eles estariam. A aproximação, portanto, deu-se de forma estratégica, com os soldados rastejando, escorregando de tronco em tronco. Um grupo foi despachado na frente, liderado pelo tenente De Forrest, o condutor do helicóptero, mais bem qualificado para estudar avarias. Enquanto isso, Craig sussurrou para Denyel:

— Ei, rapaz... — esfregou a unha sobre a bússola, cujo ponteiro girava endoidecido. — Não lhe parece familiar?

— Não está mais aqui — o anjo murmurou, os pensamentos distantes. Craig inicialmente achou que ele se referia ao obelisco, mas não. — O piloto. Capturaram, o piloto. — Sentiu uma vibração sob a terra, passos rápidos abaixo do solo. — Eles já sabem de nós. Estão chegando.

— Quem? — perguntou o velho. — Eles quem? Os cachorros?

— Não sei, senhor. Creio que não. São trotes bípedes. — E, no impulso de salvar os mortais, Denyel se levantou e deu um grito, pedindo aos americanos que se abrigassem. — Estão vindo por baixo. Por baixo — correu para a traseira do jato. — Recuem. Escondam-se!

Desta feita, por todo o setor à sua volta se ergueram alçapões camuflados, e em vez de espectros, como Craig esperava, brotaram do chão dezenas de guerrilheiros, que com suas armas principiaram o massacre. De cada uma das pequenas aberturas saltaram quatro vietcongues, trajando vestes negras, chapéu largo de palha, equipados com rifles AK-47, metralhadoras RPD, granadas russas. O primeiro a morrer foi o capitão Keyne, pego com uma rajada no busto. O sargento Grump também foi alvejado, caindo sob a mira de um explosivo, que ainda dilacerou outros três ao seu lado. Só nos primeiros segundos, metade dos boinas-verdes foi exterminada, mas nem todos se entregariam tão fácil.

Denyel respondeu com destreza. Buscou cobertura na turbina do F-5 e de lá acertou doze comunistas com disparos na testa, copiando a precisão dos atiradores de elite, porém incrivelmente veloz. Craig correu contra um dos alçapões, pisou na cabeça de um oponente, fechou a portinhola à força e descarregou a Thompson sem pena, liquidando os orientais que se ocultavam lá dentro. Ericsson, desprovido de experiência de combate, fez o seu melhor e conseguiu ferir quatro homens, mas foi degolado pelo corte de um facão, no intervalo de tempo em que recarregava a pistola.

Parecia óbvio, agora, o motivo de os boinas-verdes não terem encontrado pegadas. Os Charlies não vagavam pela floresta, mas sob ela, enfiados em túneis, escondidos em casernas, das quais todo mundo escutara falar, mas que poucos tinham efetivamente avistado. Movimentando-se assim, eles realmente nunca seriam achados e podiam cruzar a fronteira à vontade, alimentar seus esquadrões e voltar ao norte intocados, como as águas de um lençol subterrâneo.

O vigor dos antigos companheiros de guerra era bravo. Observando a ferocidade de Craig e a coragem com que lutava, Denyel concluiu que os homens destemidos tinham mais chances de sobreviver em batalha — não

por serem sortudos ou habilidosos nem por se desviarem das balas, mas porque transpareciam uma fúria que intimidava os rivais. Mas, mesmo tomados por tamanha bravura, o contingente socialista era numeroso, deveras covarde. O ex-sargento foi apanhado, caiu com um projétil no corpo, sem que o exilado, de longe, soubesse dizer se morreria. Os demais, a exemplo de Craig, sucumbiram um após o outro, alguns derrubados por tiros, outros por bombas, estilhaços e até coronhadas.

Concentrados, afinal, num único resistente, os "congues" alvejaram a turbina, picotando a carenagem. Denyel foi perfurado mais de uma vez, tentou pular para fora, tropeçou, sacou a faca, golpeou cinco oponentes e então desmaiou.

OCTAEDRO

DENYEL ACORDOU COM O NARIZ COÇANDO, O CHEIRO ERA UMA MISTURA DE argila, cascalho e sangue coagulado. O corpo doía, lanceado por nada menos que cinco orifícios a bala — dois na barriga, circuldados por anéis roxos, um no ombro e dois no antebraço, felizmente longe do coração.

Moveu-se sobre o terreno fofo e logo percebeu onde estava: no interior de uma cova, uma vala comum, ao lado dos boinas-verdes, todos mortos, assim como ele estaria não fosse sua resistência excepcional. Não enxergou o brilho da lua, das estrelas ou os raios do sol, deduzindo que fora largado nos túneis, um buraco escuro, fracamente banhado por um fulgor oscilante, que partia de um corredor à esquerda.

À medida que seus olhos se acostumavam, reconheceu o defunto do capitão Keyne, do sargento Grump, de Chris Ericsson, mas não encontrou os restos de Craig. Os vietcongues adotavam a tática de recolher os seus mortos após a escaramuça, justamente para confundir o inimigo, estratégia que dera certo contra os franceses e também funcionava com os marines. Só nos anos seguintes os americanos saberiam mais sobre essa fabulosa rede de túneis e para que ela servia. Suas passagens eram terrivelmente complexas, com centros de comando, hospitais, emissoras de rádio e depósitos de armamento. Denyel, na ocasião, não sabia o que o aguardava, então se reergueu lentamente. Empapado de sangue, com as roupas rasgadas e além de tudo faminto, ele precisava desesperadamente se alimentar para regenerar suas feridas.

Caminhou na direção do clarão através de uma galeria estreita, de terra crua, sustentada por vigas de madeira, parecida com as minas de faroeste. De repente, escutou um ruído de estática. No fim do passadiço, um arco se abria para uma sala pequena, forrada de equipamentos radiofônicos. Caixotes de metal, tomadas e válvulas emitiam zumbidos estranhíssimos. Sentado em uma cadeira, de costas para ele, estava um oficial do exército norte-vietnamita, o uniforme cáqui, o boné posto de lado, comendo com pauzinhos uma tigela de arroz.

O aroma despertou em Denyel sensações primitivas. Deu um passo à frente, agarrou o pescoço do oficial e o quebrou antes que ele o notasse. Roubou-lhe a tigela, engoliu o arroz, bebeu a água que ele trazia no cantil, saciou-se como podia. Mais calmo, reparou que no gabinete havia uma segunda porta, que conduzia a outro corredor, embrenhando-se mais profundamente no quartel sob a mata. A luz era pálida e ali chegava por meio de lâmpadas elétricas que inexplicavelmente chamejavam sozinhas, sem fios, como se acesas em contato com o ar.

O vietnamita trazia na cartucheira uma pistola MAC Mie, calibre 9

milímetros, além de uma adaga. Denyel dispensou a arma de fogo e optou pela lâmina, porque queria explorar a instalação sem ser descoberto, então seria melhor não atirar. Cruzou a soleira e chegou a um aposento maior, cheio de barris contendo uma gosma insalubre. Um arsenal de fuzis, metralhadoras, granadas e muita munição estava encaixotado em recipientes de bambu. Junto a eles, repousava o equipamento dos boinas-verdes, o lançador de foguetes de Grump, a M-60 de Keyne, a escopeta de Ericsson e, claro, a adorada Thompson de Craig.

O umbral do próximo cômodo estava fechado por uma porta de tábuas, e além dela o celeste escutou dois orientais conversando, especulando sobre a intenção dos "estrangeiros". Denyel sabia que a surpresa era crucial, portanto chutou a madeira e os agrediu com a faca, acabando com a dupla numa fração de segundo. Mirando os corpos no chão, ele refletiu sobre a natureza dos querubins, como eram muito mais hábeis no manejo de armas brancas. Por um instante, sentiu falta de sua espada, amaldiçoando Sólon mais uma vez por tê-la pegado.

Arrastou os cadáveres para a sala do arsenal e, ao avançar, espantou-se com a arquitetura da galeria adiante. Diferentemente dos quartéis subterrâneos de que ouvira falar; quase tocas de ratos, aquela passagem era larga, com laterais de cimento e dezenas de tubos de cobre atrelados ao concreto. Lembrava um pouco a estrutura das casamatas alemãs, tão bem construídas, com materiais firmes, potencialmente duráveis.

Denyel engatinhou rente aos canos e passou por outros dois sentinelas sem ser avistado. Ingressou, assim, em uma câmara grande, circular, contornada por uma plataforma de aço, no meio da qual havia um poço muito largo. Nas paredes, uma ciranda de máquinas exibia chaves, alavancas e mostradores de força, como a central de controle de uma usina hidrelétrica. Do teto, finalmente, descia uma construção monolítica que, esta sim, ele conhecia muito bem: era o famigerado obelisco de basalto negro, igual ao encontrado na França, mas com as quatro faces dispostas para baixo, o que o levou a supor que o objeto era, na verdade, um octaedro, formado por duas pirâmides unidas pela base, com metade para fora da terra e a outra dentro dela.

Nos mecanismos ao redor, ponteiros dançavam com a energia telúrica, luzes acendiam, botões apagavam. O celeste se voltou ao abismo e lançou na escuridão um projétil achatado de AK-47, que seu corpo expelira. Aguardou uns dez segundos e não o escutou bater no fundo, o que o deixou ainda mais intrigado.

O silêncio foi quebrado pelo ruído de botas. Denyel se posicionou para reagir ao assalto, quando um pelotão de vietnamitas o cingiu. Pronto para a luta, ele estacou à chegada de um homem branco, olhos castanhos, cabelos grisalhos, ostentando uma farda marrom com as divisas do Exército Vermelho, a força militar soviética.

— Mãos para o alto. Estamos com o seu comandante — falou em inglês. O vocabulário era tosco. — Não tente reagir ou o mataremos, como fizemos

aos outros. — Chegou mais perto e confiscou-lhe o punhal. — Venha comigo.

— Onde estou? — com os braços atados, Denyel arguiu o oficial, na vã esperança de que ele o atendesse. — Para que serve esta instalação?

— Cale a boca — o militar rebateu. — Fique quieto agora. Interrogatório depois. Mais tarde. Prisioneiro de guerra. Prisão de guerra.

Escortado através das galerias, o exilado cogitou que, talvez, aqueles não fossem originalmente corredores, mas dutos, idealizados para conduzir as radiações do obelisco, se é que isso era de fato possível. O russo abriu uma porta, jogou-o numa despensa vazia, sem janelas, e a trancou por fora.

À direita, sentado no chão, o anjo se deparou com Tom Craig, com um tiro no bíceps, mas devidamente medicado, envolvido por uma atadura, e num canto repousava um americano na casa dos 30 anos, de cabelos pretos, barba mal aparada e macacão verde-musgo, com o emblema da Força Aérea dos Estados Unidos.

— Sabia que o veria de novo, soldadinho. É duro na queda — o texano murmurou,, segurando o braço para o curativo não escapar. — Quero que conheça o major Buck Rickson — estendeu a mão para o aeronauta, acomodado mais ao fundo da cela. — Ele é o motivo de estarmos aqui.

BUCK RICKSON. O JATO FANTASMA

CRAIG NÃO IMAGINAVA A RAZÃO DE OS RUSSOS O TEREM POUPADO. ELE DESMAIARA com o tiro e, assim como Denyel, despertara horas depois, já na cela, onde conhecera o major Buck Rickson, piloto de caças, graduado também na condução de helicópteros, o exato indivíduo que eles deveriam buscar. Numa breve conversa, Rickson contara que estava encarcerado havia um mês e que nesse meio-tempo não fora interrogado, indício, segundo ele, de que os vietcongues planejavam usá-lo como refém. O ex-sargento discordou, argumentando que, uma vez presos, os comunistas jamais os libertariam, já que a presença soviética no Camboja não seria tolerada pelos Estados Unidos e que eles três, agora, eram a prova viva dessa violação diplomática.

Denyel, por sua vez, não estava preocupado com nada disso. Secretamente, ele queria saber o que o Exército Vermelho desejava com o obelisco, que tipo de informação tinha sobre a peça e o que pretendia ao instalar uma suposta usina subterrânea no coração da Indochina. Obter esses dados não era uma obrigação para com Craig, mas parte de sua demanda como anjo da morte. Depois do que vira, ele não tinha mais dúvidas de que Sólon tivera outra de suas previsões antes de despachá-lo para o Vietnã, a exemplo do que acontecera na França, ao ser enviado à cidadela normanda.

Do lado americano, parecia cada vez mais certo que a CIA, diferentemente da KGB, o comitê de segurança do estado russo, não sabia do referido artefato ou não tinha nenhum interesse nele, o que ficou mais do que comprovado pela história que Buck Rickson relataria a seguir.

— O que aconteceu é incerto — começou o major. Ele tinha olheiras profundas, os lábios secos, o corpo magro, a aparência cansada, típica de alguém confinado à solitária há semanas. — Meu esquadrão fazia manobras sobre a selva quando escutei uma espécie de pulso, igual a quando ligamos uma chave de força. Os sistemas ficaram inoperantes e eu senti o corpo formigar. Tentei ejetar, mas os meus dedos, por assim dizer, passaram através da alavanca, sem tocá-la. — Fez graça da própria história. — Loucura, não? Mas na hora pareceu bem real.

— E depois? — Denyel o atçou. — Como o avião pousou na mata sem derrubar uma única árvore?

— Sinceramente, não acho que isso seja possível — ele duvidava de si mesmo. — Eu vi o aparelho depois da queda, não enxerguei marcas de aterrissagem, mas estimei que fosse um delírio, causado pela falta de oxigênio no cérebro. Agora, seu chefe me conta que vocês presenciaram a mesma cena. — Rodou o indicador à volta da orelha, sugerindo que estavam malucos. — Eu me pergunto se não seria um tipo de arma biológica.

– Continue.

– Bom, o que posso dizer são as minhas impressões, mas, se elas são verdadeiras ou induzidas, não tenho como julgar. – Fez uma pausa para recordar o momento. – Perdi o controle do manche e o bico do caça tombou para baixo. Por sorte, ele planou sozinho, mas àquela altura o acidente era inevitável. Quando o solo chegou mais perto, a sensação que eu tive foi a de atravessar as plantas, como um fantasma. Nesse instante, o pulso se calou, e a barriga do jato escorregou sobre a lama. Foi uma descida suave até certo ponto, e para a minha surpresa eu nem estava ferido.

– Por que não enviou um sinal de emergência?

– Porque o procedimento nesse caso é abandonar imediatamente a aeronave – respondeu o major. – Com as turbinas ainda quentes, o risco de explosão era grande – enverguei o sobrolho. – Mas não explodiu. A selva estava coalhada de Charlies, e eu fui cercado. Os guardas me venderam e me trouxeram para cá.

– Compreendo – o exilado mirou o vazio. – Mas, major, o que o seu esquadrão estava fazendo nos céus cambojanos?

– Já disse. Exercícios. Formação de batalha, técnicas de ataque aéreo.

– Mas é ilegal – lembrou Denyel. – Não temos permissão para cruzar a fronteira.

– Essa guerra inteira é ilegal, soldado – Rickson deu um sorriso encabulado. – Posso ser patriota, mas não sou cego. Acha mesmo que lutamos pela liberdade do mundo? – Fez um muxoxo. – Somos militares. Obedecemos a ordens e pronto.

– O melhor vem agora – era a voz de Craig que ecoava na cela. – Diga para ele, major. Explique que exercícios eram esses.

– Quando recebemos essas instruções, Khe Sanh estava sob ataque. O Departamento de Estado declarou abertamente que não descartaria o uso de armas nucleares para defender suas tropas. O presidente autorizou o início dos treinamentos, mas, como a operação era confidencial, nós começamos a praticar aqui, no Camboja, onde acreditávamos estar longe dos espões de Moscou.

– Como? – Denyel não acreditou no que ouviu. – Os F-5 estavam equipados com mísseis atômicos?

– O meu estava, pelo menos, e ainda deve estar – revelou. – Se o avião estiver preservado, como vocês afirmam, então as ogivas ainda estão operantes. isto é, se os Charlies ou os russos não a tiverem removido, mas acho difícil. Seria preciso um guindaste para içar a fuselagem e uma equipe treinada para desarmar os foguetes – sentou-se de pernas cruzadas. – Chamamos esses brinquedos de armas nucleares de uso tático. São ogivas de um quiloton, com o poder de explosão comparável a um décimo da bomba de Hiroshima, desenvolvidas para atacar um objetivo cirurgicamente, como um quartel-general, uma base ou um exército agrupado.

– Entendeu, soldadinho? – Craig rezingou. – Percebe agora por que nos mandaram? É como eu pensei. Só nos contaram uma fração da história.

— Tossiu grosso. — Queriam que destruíssemos o F-5 e resgatássemos o major porque os exercícios aéreos eram altamente secretos.

— Falou bem — completou o aviador. — Eram. Deixaram de ser quando me capturaram — encarou-os com ar sério. — Não se preocupem, eu não disse uma palavra. Mas eles viram o caça e certamente agora sabem dos mísseis. Além disso, vocês acham que não estão nos escutando? — rodou o pescoço para todos os lados. — Se ponderarem bem, a presença soviética nos é favorável, afinal eles invadiram primeiro o território neutro do Camboja e construíram este abrigo, seja lá por que motivo, de modo que o acidente, agora, tanto faz como tanto fez.

Coincidência ou não, a porta da despensa se abriu e lá estava o oficial que mais cedo rendera Denyel, agora em roupas civis. Um brutamontes de dois metros de altura, cabelo raspado e cicatrizes no rosto o acompanhava pelas costas. Mais atrás, surgiu uma escolta de três vietcongues.

— Você — o soviético esticou o dedo para Craig. — Levante-se. Virá conosco.

O velho obedeceu.

— Não se preocupe, rapaz — acenou para o anjo. — Estou preparado para isso.

Gritos soaram através da parede.

Gritos de dor.

Nos anos 50 e 60, corria o boato de que os soviéticos eram os mestres da tortura, por terem adotado os bárbaros métodos da extinta Gestapo, a famigerada polícia secreta nazista. O exilado escutou os berros de Craig e queria ajudá-lo, mas para isso teria de usar seus poderes, então mais uma vez não fez absolutamente nada. O desafio, agora, era escapar da prisão empregando soluções "humanas", e para isso necessitava de ajuda.

Examinou a cela e não gostou do que viu. O ambiente fora revestido de concreto, e a porta era de aço maciço, intransponível por meios físicos. A fechadura tinha múltiplas travas e era plana por dentro. Desanimado, sentou ao lado de Rickson, olhou para o teto, esticou as pernas.

— Que lugar é este? — ele repetiu pela milésima vez. — Onde estamos, afinal?

— Sinto muito em dizer isso. Sei que está preocupado com o seu amigo — a expressão do major era condescendente —, mas não conheço nada deste abrigo. Eles me trouxeram vendado e nunca me deixaram sair. Talvez você saiba mais do que eu. — Esperou um minuto e se lembrou de algo que poderia ser relevante. — Minha teoria é que estão desenvolvendo uma arma, uma bomba, um vírus, um mecanismo, quem sabe.

— É? — Denyel ficou interessado. — Por quê?

— Por causa dos pulsos. Os mesmos que senti no avião. — Abriu e fechou os dedos, recordando a sensação de formigamento. — Os experimentos acontecem uma vez por semana, e durante o processo meu corpo fica dormente, levíssimo, parece flutuar, daí eu ter imaginado, desde o início, que se tratava de um armamento biológico, químico ou sônico, mais

provavelmente. Lembra um pouco os efeitos de uma injeção de morfina, se é que já a provou.

O querubim se calou. Fez um esforço para imaginar uma teoria plausível que relacionasse as máquinas soviéticas e os tais pulsos que o major descrevera com o pouco que conhecia do obelisco, mas nada lhe veio à cabeça. Gutaska Razda, o bruxo germânico, discorrera sobre a suposta energia vril, só não dissera para que os cultistas da Thule a usavam ou como ela funcionava, nem o que era. Talvez nem ele mesmo soubesse, talvez essa potência fosse algo essencialmente místico, ou, como Denyel percebera em Marie et Louise, uma união de várias correntes. Era uma incógnita para todos, e com certeza para Sólon também, que o mandara à cidadela francesa e, agora, às selvas da Ásia.

— Disse que os russos fazem experimentos uma vez por semana — o exilado quebrou o silêncio. — Saberá calcular quando será o próximo?

— Não tem um dia certo, mas dá para saber quando vai começar — contou o major. — Escuta-se uma sirene, como a dos submarinos antes de lançarem torpedos. Depois, inicia-se a vibração sobre a qual lhe falei, que dura de um a dois minutos, mais ou menos.

Mais gritos.

Craig estava sendo torturado fazia quase uma hora. Como anjo, Denyel não aprovava a experiência dos russos, tampouco sua intenção ao estudar o monólito. Ele testemunhara o que a sociedade Thule fizera, e na sua opinião todo aquele poder não podia ser manuseado por seres humanos.

— Precisamos sair daqui — segredou ao piloto. — E destruir este abrigo para sempre.

— Como?

— Não sei. Mas vou pensar num jeito. Faça o mesmo.

CADEIRA DA MORTE

BATUCANDO COM AS FALANGES, DENYEL MARCOU O TEMPO. A SESSÃO DE TORTURA durou uma hora e 32 minutos. Curta, porém brutal.

Craig não revelou nada.

Quando foi recolocado na cela, tinha as costas lanhadas, o nariz quebrado e um buraco no olho esquerdo, por onde o globo fora arrancado.

O anjo não o ouviu se queixar.

Os russos haviam lhe entregado um lenço embebido em iodo, para conter a hemorragia, e pelo visto ainda tinham planos para ele, ou então já o teriam executado.

O capanga do oficial soviético, um ucraniano gigantesco que os comunistas chamavam de Grisha, adentrou a despensa, segurou Denyel pelo braço e o ergueu.

— Não esfomeça, fuzileiro — disse Craig. — Faça como eu. Cuspa na cara deles.

— Sim, senhor. Farei isso.

A câmara de tortura montada pelos russos nos túneis do Camboja era improvisada, mas potencialmente eficaz. Desprovida de janelas, tinha as paredes reforçadas com cimento e exibia em destaque o retrato do marechal Leonid Brejnev, o então líder da União Soviética. No canto oposto à entrada, estendia-se uma mesa de carvalho maciço com dois bancos, um de frente para o outro, e sobre ela descansavam resmas de papel, envelopes pardos, pastas de arquivo, canetas e uma garrafa de vodca Stolichnaya, acompanhada de copinhos de vidro.

Mais atrás, como um altar de adoração ao terror, eclodia um assento metálico manchado de sangue, lembrando as famosas cadeiras elétricas dos anos 30, com molas de colchão no encosto e tiras para segurar as mãos, os braços e o tronco, equipadas ainda com uma rede de fios que o conectava a uma pequena central de energia, mostrando uma alavanca e o regulador de voltagem. Numa bancada à direita, como era prática nas salas convencionais de suplício, dispunha-se um sem-número de utensílios perturbadores, como facas de cozinha, alicates dentados e cordas para enforcamento. De um recuo no concreto brotava um registro, que se prolongava numa mangueira de borracha, terminando em um balde cheio d'água.

Confinados ao aposento, além de Denyel, permaneceram o oficial socialista, seu capacho ucraniano e dois soldados vietcongues, cuja tarefa era guardar a porta, munidos de fuzis e pistolas. O exilado foi preso à cadeira da morte, como era universalmente conhecida. Sentiu as molas pinicando, numa posição que não o feria, mas o desconfortava ao extremo. A luz era fraca e partia de uma só lâmpada, ofuscando as imagens ao redor.

Grisha despejou-lhe uma torrente gelada sobre a cabeça. O corpo reagiu ante o choque térmico, mas a resistência angélica amenizou o impacto.

— Me garantiram que você estava morto, que todos os invasores tinham morrido — o oficial abriu-lhe a camisa. Observou as perfurações a bala, já cobertas por cascas de cicatrização. — Sou o coronel Boris Lagutin, da sexta unidade médica do Exército Vermelho — apresentou-se, mas o celeste tinha certeza de que era mentira, de que tanto o nome quanto o cargo eram falsos. — Quero saber o que estavam fazendo fora da jurisdição americana.

— Faço a mesma pergunta, camarada Boris — Denyel o provocou. O nome "Boris", a propósito, era tão comum entre os russos quanto "John" para os americanos ou "Fritz" para os alemães. — É outra coisa — ele se lembrou do momento em que fora conduzido à cela, mais cedo. — Eu perguntei primeiro, e pergunto de novo: que lugar é este?

O coronel Lagutin — o suposto coronel Lagutin — acendeu um cigarro, serviu-se de vodca e fez um sinal para Grisha, o brutamontes. Denyel não o enxergou, pois ele estava fora de seu ângulo de visão, mas conseguia escutar seus movimentos. O carrasco vestiu um par de luvas de borracha e ligou a chave de força. O quarto chacoalhou.

— Se eu tenho certeza de uma coisa, estrangeiro, é que até o final do dia nos contará tudo o que sabe. — Ele usou a palavra alien, em inglês, soando de maneira ofensiva.

— Foi o mesmo que disse ao meu amigo? — afrontou-o, referindo-se ao fato de que Craig fora torturado antes dele e nada dissera. — Está na cartilha do tio Stálin?

— Como ficaram sabendo do acidente? — o oficial o ignorou e partiu direto para o interrogatório. — Quem é o seu contato?

Denyel ficou de boca fechada, mirando seu alzoq com expressão de coragem. Era a oportunidade que os russos esperavam. O coronel sinalizou para o grandalhão, que girou o interruptor à esquerda. A tensão elétrica desceu pelos cabos e se alastrou às molas de ferro, sacudindo o anjo com uma descarga de cinquenta amperes. O baque o fez se contorcer, tentando inutilmente se libertar das amarras. Um tremor ardente percorreu-lhe a coluna, do topo do crânio aos dedos dos pés. Conteve o grito, até que o capanga retornou o botão à marca zero.

— Isso foi só uma demonstração — Lagutin o advertiu, com seu característico inglês arrastado. — Com a energia de que dispomos neste abrigo, podemos assar um homem vivo sem dificuldade alguma. — De supetão, Grisha acertou Denyel com uma barra de aço, golpe que o desnoqueou por todo um minuto. — Não temos só a cadeira da morte, claro. Conhecemos também outros métodos, que funcionam melhor de pessoa para pessoa — dedilhou os instrumentos de tortura e escolheu uma chave de fenda. — Vou fazer mais algumas perguntas e, se a sua história não bater com a do velho, damos um jeito de reavivar a sua memória. — Tragou o cigarro. Cuspiu fumaça na face do anjo. — Não quero saber o seu nome nem o seu número de série, isso eu descubro sozinho. Quero que me diga quem os

enviei e qual era o objetivo dessa incursão.

– Não sei, coronel – ele fingiu estar trôpego. – Sou apenas um recruta.

– Se você não sabe, então quem sabe? – O médico do Exército Vermelho era um mestre no que fazia, Denyel percebeu. Ao dizer que não sabia de nada, ao reforçar que era "apenas um recruta", o torturado colocara em risco os seus colegas, porque certamente um deles tinha que saber de alguma coisa. Sem querer, o anjo cometera um deslize, enfiando-se num labirinto sem volta, e o oficial se aproveitou desse erro. – O careca? – o soviético esquadrinhava agora seu ponto fraco. – Percebi a reverência com a qual o trata, digna de um oficial comandante. Lealdade é algo muito bonito – zombou. – Se preferir, podemos "espremê-lo" de novo, mas no estado em que ele está duvido que aguento outra sessão.

– Não faz diferença – o exilado mostrou ter sangue-frio. – Nenhum de nós dirá coisa alguma – fechou a cara. – Para o diabo com a sua cadeira da morte.

Outro choque, agora duas vezes mais possante. Os dentes trincaram. Os músculos enrijeceram. A língua se enroscou. Quando a tensão desvaneceu, saía fumaça de seus poros. Grisha jogou mais água sobre ele.

– Sua resistência é impressionante. – E era, de fato. Muito superior à humana. – Sabe o que isso me leva a crer? – o coronel se inclinou para frente. – Que não é um combatente ordinário. Que teve treinamento especial. Que é um fanático. – Tocou um dos buracos de bala com a chave de fenda e falou mais grosso. – Quem é o seu contato?

– Não sei – Denyel simulou uma careta e, na falta de coisa melhor, delatou o chefe dos boinas-verdes. – Só o capitão sabia. – Era uma antiga estratégia dos prisioneiros de guerra responsabilizar os companheiros mortos, porque eles já não podiam falar. – Seu nome era Keyne, Douglas Keyne, líder do pelotão – mais uma mentira com pitadas de verdade. – Nossa ligação com a fonte se perdeu quando vocês o fuzilaram.

– Qual era a sua missão?

– Coisa nossa, particular – recuou o celeste, e para estimulá-lo Lagutin rodou a chave num dos orifícios de bala, removendo a casca, abrindo a cicatriz, provocando um novo sangramento. Denyel deu um berro e cedeu um pouco mais. – Não percebe? – praguejou, o aço enfiado nas costelas. – Era uma operação de resgate – a voz saiu trêmula. – Somos mercenários, caçadores de recompensa, soldados de fortuna.

– Resgate? – o coronel puxou o instrumento para fora. – De quem?

– Do major que vocês mantêm prisioneiro. – Era hora de Denyel usar, e com bastante afinco, todo o seu talento de mentiroso. – Éramos parte de um time de mercenários, sem ligação com governos. Patrulhamos a fronteira desde 64. O nosso informante na aeronáutica nos avisou que um jato caíra nos ermos. Como os marines não podem adentrar o Camboja, viemos para cá encontrar o piloto, em troca de uma gorda recompensa que receberíamos em Tay Ninh.

– Quem era o seu informante?

— Já disse. Só quem sabia era o capitão, Douglas Keyne.

— Certo — Lagutin amassou o cigarro sobre a bancada. — Quer saber o que eu acho? — Acendeu outro. — Não acredito na sua história. Penso que são espíões. — Segurou Denyel pelos cabelos, e seus modos ficaram mais ríspidos. — Sabe que tipo de lei protege gente como você? — franziu o sobrolho. — Nenhuma! — Falou em russo para Grisha: — Tenho uma idéia nova para dobrar esse putto. Mas, antes, mostre-lhe o que temos de melhor.

— Agora ele fala, chefe — rosnou o capanga, e pela terceira vez girou o botão, propagando uma corrente tão aguda que os pelos de Denyel estorricaram. Os cabelos ferveram, os olhos reviraram e, com a máxima contração dos nervos, ele enfim desmaiou. Foi despertado um segundo depois por um jato frio de mangueira na cara. Abriu a boca para respirar, mas engoliu tanta água que perdeu o fôlego completamente.

— Não somos espíões — o celeste ofegou. Repetiu a mesma frase três vezes. — Só o que tínhamos em mente era resgatar o major. Resgatar o major.

— Não são espíões? — Lagutin estava pronto para sacar suas cartas da manga. Caminhou até a mesa, rasgou um dos envelopes e observou uma fotografia em preto e branco. Retornou à cadeira da morte e a mostrou a Denyel. No retrato, o exilado aparecia só de calção, numa imagem posada para o arquivo do exército dos Estados Unidos, datada de setembro de 1942. — Se não é um agente, então como explica isto? — Remexeu uma pasta com outras informações e leu as folhas anexadas a ela. — Nascido a 12 de setembro de 1919 em Long Island, no estado de Nova York. — Agarrou-o pelo queixo e gritou, para arrancar a confissão de uma vez: — Está bem conservado para a idade, hein?

O celeste engoliu em seco. O serviço secreto russo, sem dúvida, contava também com seus informantes, que possivelmente o alertaram para a chegada de Craig e de seu pequeno comando. Pela primeira vez desde que começara o inquérito, Denyel parecia atormentado, com seu disfarce prestes a ser descoberto. Sorte dele que o coronel era cético e nem cogitava que ele fosse um anjo ou qualquer criatura desse tipo. Para os comunistas, aquelas fotos eram provas, evidências irrefutáveis de que o querubim pertencia à nação inimiga, já que os funcionários da CIA, não raro, adotavam identidades falsas, com nomes, datas de nascimento e nacionalidades que não batiam, para confundir os órgãos de contra-espionagem. O exilado se deparava, agora, com outra encruzilhada: ou confessava ser um espião americano, ou assumia sua natureza celeste.

— Camarada Boris — ele proferiu bem baixinho, como se murmurasse, para obrigar o oficial a chegar mais perto. — Não é nada pessoal, entenda. — E, seguindo a orientação de Craig, soltou no ar uma cusparada de sangue, que acertou o soviético na testa. — Só cumprindo ordens.

— Muito bem — o comunista se limpou, indiferente. — Considera-se um herói. — Tornou a falar com o brutamontes: — Grisha, traga aquela surpresa de que falamos.

— Sim, senhor. — O ucraniano saiu da sala, escoltado pelos dois soldados. Instantes depois, os três voltaram arrastando Tom Craig, amarrado com cordas nos braços e nas pernas.

— Eu avisei que até o final do dia você nos contaria tudo o que sabe — Lagutin deu uma risada. — Vamos ver até onde chega o seu heroísmo.

— Não diga nada, soldado — rugiu Craig. — Que se danem esses cães. Lembra-se do que eu lhe falei no helicóptero? Se quiserem, que me matem. Já estou fodido — e ele continuaria a praguejar, não fosse calado por um chute de Grisha que o fez dobrar os joelhos.

O coronel apanhou a pistola de um dos vietcongues e a pressionou contra a orelha do velho.

— Esgotou minha paciência, "camarada" — debochou da forma como Denyel o chamara duas vezes. — Ou nos conta para que vieram, ou o seu parceiro morre.

O carrasco apertou o pescoço de Craig ao ponto do estrangulamento. Sucederam-se momentos de pura tensão. O celeste, apesar de seus poderes fantásticos, estava de braços atados. Caso esmorecesse, seu comandante cairia em desonra, mas se nada fizesse o colega seria executado.

Em condições normais, Denyel não teria cedido. Mas o assassinato de Gregorion o abalara de tal forma que ele não suportaria, não àquela época, outra morte na consciência, ainda mais a de um companheiro de armas, um dos poucos que ele respeitava, mesmo com todos os seus defeitos e falhas.

— O obelisco — confessou. — Estamos aqui por causa do obelisco.

— Formidável — Lagutin deu um brado de exaltação. Moveu as palmas para o capanga. — Desamarre-o. — E ordenou aos guardas, em russo: — Retornem o careca à cela.

Craig foi levado aos berros.

Na câmara de tortura, Denyel foi desamarrado e transferido para um dos bancos comuns, diante da mesa, livre dos beliscões da cadeira.

Preocupado com a saúde de Craig, ele admitiu que a data de seu nascimento, conforme mostrada nos documentos, era falsa e narrou o episódio em Marie et Louise, omitindo que estivera lá, mas afirmando que estudara o caso a partir dos relatórios de guerra. Discorreu sobre as propriedades do obelisco, teorizou a respeito dos "cachorros nazistas" e confirmou que a CIA descobrira o monólito ao examinar as fotos aéreas, após a queda do F-5.

Pouco do que ele dissera, no entanto, comprometia o governo americano, uma vez que o Departamento de Defesa dos Estados Unidos só estava interessado em encobrir o acidente, assunto que o torturador soviético nem sequer mencionara. Lagutin, agora mais razoável, declarou ser um cientista — ou, segundo suas próprias palavras, um "pesquisador incurável". Demonstrou satisfação ao escutar o relato sobre a França, mesmo sem ter respostas para os fenômenos descritos. Denyel tinha esperança, no começo, de descobrir algo mais sobre aquele abrigo, sobre os misteriosos pulsos, sobre as estátuas do templo, mas os comunistas não deixaram escapar quase nada.

Lagutin ofereceu-lhe um corpo de vodca antes de devolvê-lo à prisão. De volta à cela, encontrou Craig e o major Rickson, ambos desiludidos, prontos a aceitar o fracasso.

– Por que fez aquilo? – o texano não se conformava. – Dei ordens para que me deixasse morrer.

– Não se preocupe, senhor – Denyel trouxe à conversa um novo rumo.

– Está tudo sob controle.

– Bateram duro em você desta vez, hein?

– Era teatro, sargento. Eu só precisava ganhar tempo, já cuidei dos pormenores. Bolei um plano infalível – ele sorriu com certo ar de vitória. – Descansem, porque amanhã vamos embora deste covil, e podem escrever o que eu digo: não vai sobrar pedra sobre pedra.

CAMPO UNIFICADO

— DIGA-NOS UMA COISA, MAJOR — COM A AJUDA DOS COMPANHEIROS, Denyel modelava o seu plano. — Se o caça ainda estiver intacto, os misseis detonarão?

— Bom, apesar de pequena, a chance sempre existe. — Os três devoravam a ração noturna, uma pasta de arroz sem tempero. Craig era o que estava mais ferido, com o olho vazado. O celeste o ajudou amarrando-lhe um pano em transversal sobre o rosto. — Se os controles estiverem inteiros, eu poderia inclusive retardar a explosão, ajustando o cronômetro de bordo. Mas tudo isso não passa de teoria.

— Claro, só teoria — Denyel sentou-se no chão, a camisa aberta, o rasgo da chave de fenda se regenerando lentamente. — Curioso que tenha tocado no assunto, porque este é o lugar onde as teorias se cumprem. — Engoliu um punhado de arroz. — Não entendo ao certo como funciona esta instalação, mas acho que já sei para que serve.

— Sabe? — o piloto se apurou.

— Mais ou menos. Parece roteiro de cinema, mas é real — o comentário fora calculado, com a intenção de prepará-los. — Minha hipótese é que estamos em um laboratório construído para estudar o chamado "campo unificado" — deu uma leve pancada no concreto. — Os cientistas admitem a existência de quatro forças que regem a matéria, como a gravidade e o eletromagnetismo — o querubim começou devagar, expondo seu raciocínio didaticamente, usando conceitos terrenos, que os mortais pudessem entender. Como anjo, porém, ele percebia outras radiações concentradas no obelisco, oscilações não físicas, iguais às do santuário em Marie et Louise, as quais os nazistas chamavam de vril. — Este abrigo, no meu entender, foi desenhado para observar como essas múltiplas correntes interagem.

— Mais uma vez, não vejo como isso seja possível — Rickson discordou. Como piloto de combate, ele aprendera o básico de astrofísica e tinha a mente crua, o oposto de Craig, que presenciara fenômenos os mais absurdos. — E, mesmo que fosse, os soviéticos teriam de ter um objeto capaz de gerar todas essas energias em conjunto.

— Estamos sentados nele, major. Por que acha que os comunistas resolveram trabalhar no meio da selva?

— Está sugerindo que tais forças brotam do solo? — o aeronauta conteve o riso. — Parece-me um bocado fantástico.

— Não se tomarmos como base o campo magnético da terra, com seus eixos e linhas imaginários. — Denyel teceu uma alegoria para se fazer entender.

— Em vez de um campo, pense numa rede de pesca, através da qual correm não só o eletromagnetismo mas outras potências, algumas ainda não

inteiramente compreendidas. Imagine agora os nódulos dessa rede como áreas de interseção, pontos onde ocorre uma... — fez uma pausa para encontrar o termo — uma sobrecarga.

— Foi essa sobrecarga que derrubou o meu avião?

— Não ela, exatamente, mas a jornada para dentro do nódulo. É como passar através de um ciclone — outra alegoria, dessa vez menos complicada.

— Estamos seguros agora, no olho da tempestade. Mas a travessia é conturbada - espiou Craig de soslaio. — Os radares apagam, as baterias oscilam, as bússolas ficam cegas.

— Não é por acaso que eles usaram basalto — acrescentou o ex-sargento, ranzinza. O uso do pronome "eles" era dúbio nesse caso. Rickson o entenderia como os russos, mas Craig se referia aos misteriosos seres que haviam erguido os obeliscos havia dezenas de séculos. — Rico em magnetita, um mineral que os gegos chamavam de "pedra mágica", por suas propriedades magnéticas. É a porra de um ímã gigante enfiado no cu do planeta — e, quando Denyel o encarou, pasmo, Craig disparou: — O que acha que fiquei fazendo por todos esses anos?

— Entendo, senhor. — Até então, ele não tinha parado para raciocinar que Craig afinal, era um agente da CIA.

— Já estudei essa porcaria de mil vezes. Nada do que você disse até agora é novidade para mim — pressionou a mão contra a testa. — Por que não vai direto ao ponto e nos diz como dar o fora deste chiqueiro?

— Claro, sargento. — O exilado gostava da força de Craig. Era o tipo de coisa que o inspirava. — Quando me trouxeram de volta, escutei o ruído das máquinas sendo acionadas. Se eles seguirem o procedimento de que o major nos falou, haverá um novo pulso amanhã, logo cedo — bateu a porta com os dedos. — No momento certo, ao calar das sirenes, vamos cruzar esta parede e pegar os comunistas desprevenidos.

— Como? — reagiu Buck Rickson.

— Da mesma forma que o seu jato penetrou na mata e aterrissou intacto, "como um fantasma" — copiou a descrição do próprio major. — Não há apenas energias físicas em jogo, há correntes imateriais que nos cercam. — Novamente, ele se deparava com a dificuldade de explicar o inexplicável aos parceiros. — O pulso, ao que me parece, cria distorções na matéria, tornando-a incorpórea, maleável por um curto período de tempo.

— Pensei que fosse soldado, não metafísico — Rickson não queria falar, mas estava inseguro. Como ser humano, ele tinha a tendência de negar o quimérico, até como forma de preservar a sanidade. — O que aconteceria se atravessássemos o concreto no tempo errado?

— Ficariamos presos, como ocorreu à patrulha de Charlies que encontramos no tempo — mais uma vez, o celeste olhou para Craig. — Não vai acontecer conosco.

O plano, colocado daquela maneira, parecia até flertar com as leis da ciência, embora pouco houvesse de científico nele. O que Denyel classificara como "distorções na matéria" eram na realidade rasgos no tecido, causados

pelo encontro das energias do monóito. Esses choques faziam a membrana oscilar, permitindo uma interseção temporária entre os planos físico e astral. O anjo não sabia como os russos provocavam esse baque, e talvez nem eles mesmos soubessem, mas a lógica era simples e podia ser entendida como os jatos de uma represa que ao ser aberta cospe torrentes, e, quanto mais tempo a água se acumula, mais possante é o jato. O querubim pensou na sala de controle como um reservatório de força, e no restante do abrigo como uma central de distribuição, que alimentava partes distintas da selva. O mais incrível, ele divagou, era notar como cada civilização manuseava o obelisco segundo sua própria compreensão da natureza. Os bruxos da Thule o usavam para aprimorar seus feitiços, os romanos de Marie et Louise o adoravam como um totem de pedra, e os soviéticos, agora, o empregavam para energizar suas fortalezas, estudar possíveis armas e ganhar vantagem sobre o inimigo.

— E depois? — A preocupação do major era justificável, posto que a cela não era o único obstáculo.

— Depois, subiremos os túneis rumo à floresta, programaremos os mísseis e retardaremos a detonação em uma hora. — Encostou a mão no ombro de Craig. — Consegue correr até o helicóptero?

— Se ficar na minha frente, passo por cima — ele avisou, rabugento.

— Não estão se esquecendo de nada? — o aeronauta insistiu.

— Esclareça-nos — pediu Craig.

— Como esperam passar pelos guardas?

— Essa é a parte fácil — disse o velho. — Pelo jeito, ainda não nos viu em combate.

— Deixe conosco — assegurou Denyel. — Nós o protegeremos, major.

— Para complicar, nosso piloto morreu. — Craig se virou para Rickson. — É nossa galinha dos ovos de ouro, Buck.

A despeito da convicção com que Denyel expusera o plano, ele tinha boas chances de dar errado. Craig e Rickson, porém, não se enganavam — eles sabiam que era arriscado, mas não suportariam nem mais um dia naquela prisão comunista, então qualquer idéia, mesmo que insana, era melhor que nenhuma. O maior problema era o major, que o exilado e seu ex-sargento juraram proteger. Mesmo sendo militar, Rickson não tinha experiência de combate no solo, e o perigo de ele morrer era grande, enterrando não só o resgate, mas também a possibilidade de eles escaparem voando. Refletindo sobre isso, Denyel tomou a decisão de cortar caminho durante os segundos que durava o pulso, procurando transpor as barreiras físicas ao menos até o arsenal, a partir de onde acessariam os túneis, a câmara de rádio e, por fim, o alçapão de saída.

A pequena cela não tinha camas, colchões ou cobertores, o que não impediu Denyel de dormir como uma pedra, acostumado a repousar nas trincheiras. O descanso noturno mostrou-se essencial para que ele se recuperasse dos tiros sofridos no primeiro ataque, embora as queimaduras da cadeira da morte e a penetração da chave de fenda ainda não houvessem

sarado.

O som das máquinas somava-se às vozes que ali chegavam através da soleira, percebidas pelo celeste graças à sua audição predatória. Espreitando a conversa, além de descobrir a hora exata dos testes, ele aprendera um pouco mais sobre a visão soviética acerca da teoria do campo unificado. Os cientistas da Rússia queriam entender como a matéria à volta do obelisco era capaz de se fundir ante o pulso, para então projetar aparelhos que pudessem atravessar estruturas concretas. O entrave era que não havia meios de o homem gerar essas energias em sincronia, sendo os monólitos os únicos pontos de junção de tais forças na superfície da terra.

A primeira ração do dia foi entregue através da portinhola, às sete da manhã. Como não havia janelas, era difícil saber o horário, a não ser pelo relógio biológico de Denyel, que, como o de qualquer querubim, era bastante apurado. Craig, o exilado imaginava, devia estar sentindo muita dor. O sangramento do olho estava controlado, mas, para um homem de 68 anos, ser torturado por quase duas horas não era uma provação nada fácil. O que ele esperava em troca era o privilégio de morrer em ação, motivo pelo qual aceitara participar dessa empreitada, sua "última", como ele mesmo afirmara.

— Em poucos minutos, as sirenes tocarão — avisou Denyel, o ouvido colado na porta. — A primeira fase da escapada é simples. Basta vocês me seguirem e nunca me perderem de vista. Seremos como espectros, trespassando vários metros de aço e concreto. Sigam caminhando mesmo se não sentirem os pés — era uma orientação que só ele poderia dar, inspirado na clássica movimentação no plano astral, em que o viajante se desloca sem tocar nos objetos. — Trilhem os meus passos e acompanhem o meu ritmo. Sou eu quem melhor conhece a planta deste abrigo, e acho que sei como nos tirar daqui.

— Não vamos simplesmente atravessar a parede? — Rickson estranhou a mudança de planos. Ele era o mais descrente e o menos preparado dos três, e perante tais absurdos sentia-se como um ator de quinta categoria, participando de um episódio bisonho da série Perdidos no Espaço.

— Já disse para não se preocupar, major — o anjo reforçou seu apoio. — Confie em nós, mantenha-se focado e dará tudo certo. Logo estaremos voando para longe deste antro.

Às nove horas, a lâmpada do teto oscilou, e não era preciso ser sensitivo para concluir que os testes estavam para começar.

Denyel escutou o ruído de engrenagens.

Passaram-se três minutos e as sirenes soaram, gritaram tão alto que reverberavam no tímpano. Quando pararam, dez segundos depois, o ambiente ao redor ficou tênue, desbotado, como se eles estivessem dentro de um sonho. Seus corpos formigaram, e de repente os prisioneiros experimentaram uma agradável sensação de leveza, daquelas que um ser humano, normalmente, só presencia no instante da morte.

Denyel encarou os parceiros, respirou fundo e saiu correndo, embora não

estivesse de fato correndo. Era a vontade de correr que o projetava, e diante daquele cenário, tão igual e ao mesmo tempo tão diferente, pareceu lógico ao major que era possível atravessar a parede. Seria inviável, mais tarde, contar a outra pessoa o que transcorreria naquele intervalo, porque a percepção das coisas era então indescritível, espantosa. Os dois homens acossaram o exilado, cruzaram a porta de aço e emergiram do outro lado, "como fantasmas". Contemplaram mais uma vez o enorme duto de metal sob um ponto de vista singular, e o major percebeu que, se quisesse, poderia flutuar, e assim foi avançando, levitando através das paredes, acompanhando o trote do querubim, que, eles não sabiam por qual motivo, reluzia com uma aura brilhante.

Súbito, Denyel sinalizou para que todos parassem, os punhos fechados, os bíceps contraídos.

Rickson encostou os pés no chão.

Eis que os mortais sentiram, novamente, o pulsar do coração, o sangue correndo nas veias, o estufar dos alvéolos pulmonares. Regressar ao mundo físico, comparou o major, parecia a experiência de estar deitado numa cama quentinha, relaxado, sonolento, até que, subitamente, alguém acende as luzes na sua cara, puxando-o para fora daquele universo tão mágico.

Craig e Rickson demoraram uns cinco segundos para se recompor, para se refazer da frustração de estar de volta à realidade mundana. Denyel respeitou esse tempo e, ao entender que eles estavam recuperados, fez um novo sinal, com o indicador de encontro aos lábios. Os contornos ganharam forma na penumbra, revelando os fuzis dos boinas-verdes, apoiados em tonéis e caixas de madeira. Estavam, os três, na sala do arsenal, uma câmara tosca, com paredes de argamassa, repleta de armamentos de todos os tipos, incluindo a Thompson de Craig.

— Peguem o que quiserem, mas atenção ao peso excessivo — aconselhou Denyel. — Temos uma longa jornada até as margens do rio, onde está pousado o helicóptero. — O celeste armou-se com seis pistolas Colt 45, quatro presas à calça, na parte da frente e no cós de trás, e duas nas mãos. — Silêncio absoluto agora. Há uma central de rádio à frente. Deixem os sentinelas comigo.

Contente por ter reavido sua arma, Craig deslizou pelo túnel com total discrição. O major escolheu um rifle M-14, pertencente ao tenente De Forrest, a espingarda padrão da aeronáutica naquela época, e enfiou no macacão o revólver de Ericsson. Percorreram o corredor, uma passagem rústica, de terra, e alcançaram a sala de rádio, que, no entanto, estava vazia, com a maioria dos aparelhos desligada. O velho buscou duas granadas do arsenal, tencionando destruir o equipamento, mas Denyel o segurou e sugeriu com cuidado:

— Senhor, acho melhor não as detonarmos ainda. Os comunistas não sabem que escapamos.

— Tem razão — dispensou os explosivos. — Diabos, que se fodam eles. Em uma hora tudo isto vai pelos ares.

O túnel adiante conduzia à vala comum onde Denyel fora inicialmente jogado, ainda entulhada com os cadáveres americanos. Escalou a pilha de corpos e empurrou o teto, que se abriu num alçapão, revelando a floresta na área exata em que eles foram emboscados, dois dias antes. Aquela era apenas uma das inúmeras saídas do abrigo, um ninho de tiro perfeito, camuflado, construído pelos vietcongues para cercar e proteger o terreno. Mais à esquerda, distante uns cinquenta metros, repousava o jato F-5 de Rickson, na mesma posição em que eles o haviam encontrado.

– É todo seu, major – Denyel deu espaço para ele passar. – Ficaremos de guarda.

– Ganhamos algum tempo, não é? – indagou o piloto.

– Não muito – o exilado advertiu. – Não tarda, eles perceberão que fugimos. – Subiram para o nível do solo e correram até o avião. – Seja breve.

Com um balanço de mão, Denyel testou o peso das seis pistolas, para conferir se estavam carregadas. Craig posicionou-se ao seu lado, com a Tommy Gun a ponto de tiro, a velha expressão de maníaco no rosto. Os dois montavam guarda diante do jato, prontos a defender o perímetro, enquanto na cabine do F-5 o major Buck Rickson ajustava os controles. O clima do Camboja àquela época do ano, muito úmido, desconfortável aos estrangeiros, surgia agora como uma bênção libertadora, oposta ao calor abafado das celas nas entranhas da terra.

Denyel apurou os ouvidos. De pé, escutava os ruídos da selva e perceberia com certa antecedência quando os guerrilheiros estivessem chegando. Os vietcongues, a pedido dos russos, os espiavam na prisão a cada meia hora, o que dava a eles menos de quinze minutos até que a fuga fosse descoberta.

– Tony Akee – Craig evocou o nome do Chefe sem nenhuma razão aparente. – Está aí um filho da puta que tinha culhões.

– E como tinha. – Denyel recordou suas últimas palavras. – "Um bom dia para morrer." Não foi o que ele disse?

– Foi algo assim. Mas era uma anedota, não percebe?

– Uma anedota?

– Sim, uma alegoria navajo. Coisa de índio. – Fez uma pausa e depois explicou. – Não tem nada a ver com o dia. Entenda, não é quando você morre, mas como você morre.

– Ah, sim – o celestial assentiu com a cabeça. – Sob essa óptica, presumo que esteja correto, sargento. – Ele ensaiava uma réplica, mas ao sentir as folhas tremularem gritou para Rickson, gesticulando com a pistola na mão: – Major! – voltou-se para o caça. – Mais rápido.

– Está tudo pronto. Já acabei. – Buck Rickson desceu da carlinga, agarrou o fuzil e se juntou a eles. – Programei os mísseis para detonar em uma hora e quinze minutos. – E completou, com ar de dever cumprido: – Não há mais reversão.

SOB O CALOR DE MIL RAIOS

O GRUPO ANTERIORMENTE FORMADO PELOS DEZ BOINAS-VERDES, COM CRAIG e seus assistentes na liderança, percorrendo a mata passo a passo e considerando a parada no templo em ruínas, havia levado quatro horas para transpor a floresta, do riacho à zona do abrigo. Sob corrida desenfreada, Denyel calculou que eles poderiam completar o mesmo trajeto em menos de uma hora — uma previsão arriscada, ainda mais com o texano ferido, mas era hora de lançar todas as cartas e torcer para que a sorte os brindasse.

O perigo, entretanto, tornara-se o melhor estímulo aos fugitivos. Uma vez acionada a bomba-relógio, eles dispararam através do bosque sem se preocupar com tocaias ou armadilhas, afinal os seus oponentes estavam agora à retaguarda — quinze minutos à retaguarda, para ser mais preciso. Passaram reto pelo santuário khmer, driblaram os cabos de força, ignoraram a casamata, até que os mortais começaram a ofegar.

Os vietcongues os perseguiram metro a metro e já estavam a uns quatro ou cinco minutos de distância quando, exaustos, Craig, Denyel e Buck Rickson avistaram a margem do rio, através de uma abertura na vegetação ribeirinha. O helicóptero continuava estacionado sobre o banco de areia, em plenas condições de uso. Sem demora, eles removeram a manta de camuflagem, permitindo que o major penetrasse a carlinga, mas ainda seria preciso esquentar os motores, uma variável que Denyel não calculara e que, como eles logo veriam, acabaria por arrastá-los ao combate.

— Deixe esta luta comigo, sargento — o anjo pediu, com a água pelos olhos, sacando duas pistolas Colt. — Posso dar cabo deles.

— Também posso — Craig não daria o braço a torcer. — Já enfrentei coisa pior.

— Claro que já. — Denyel pensou num jeito de convencê-lo. — Faça por mim, então. Gostaria de retribuir por ter salvado a minha vida na Bélgica.

— Chega de papo-furado. Pensa que me enrola com essa cara de peixe morto? — As hélices do Huey começaram a girar. — Se quer retribuir, pode começar me poupando dessa lenga-lenga. Sou o mesmo de sempre, com algus pelos brancos, apenas, e um tumor gigante no peito.

Parados no centro do rio, com o helicóptero tremendo, os dois amigos reconheceram os sussurros na mata, com uma centena de orientais agora se espalhando por toda a floresta. Os vietcongues caminhavam feito panteras, aproveitando-se da combinação de luz e sombras, de claro e escuro, rastejando sob os coqueiros, uma técnica desenvolvida ao longo de séculos, que os protegeria de quase tudo, menos da percepção de um anjo guerreiro.

Decidido a sair daquele inferno, Denyel não se preocupou em ser discreto nem deu importância às broncas de Sólon. Sem sua espada, usado como

capacho pelo Primeiro dos Sete, ele não tinha nada a perder, e ademais estava agindo dentro das normas, já que o acordo dos anjos da morte lhe permitia empregar seus poderes para defender a própria vida, como fizera no *Somme*, em Marie et Louise e depois em Hué.

Fechou os olhos.

Suspirou.

Sentiu o cheiro do vento, o enroscar das raízes. Ergueu as duas pistolas em movimentos robóticos e as direcionou para regiões variadas da selva.

Do outro lado do campo de batalha, tão bem escondidos entre as palmeiras, com seus quimonos negros e chapéus camuflados, os Charlies foram alvo de uma repentina chuva de balas. Os primeiros tiros furaram as plantas, penetraram nos troncos secos, alguns pareciam até fazer curvas, e os acertaram mortalmente, disparos tão precisos que, só nos segundos iniciais, dez homens já haviam tombado.

O pânico teria se instaurado não fossem os guerrilheiros disciplinados à risca. Perante assalto tão bruto, tão bem orquestrado, a única conclusão a tirar era que os americanos haviam recebido reforços. Mudando de estratégia, os socialistas se dividiram, tentando avançar o mais rápido possível, procurando se desviar dos projéteis, mas nem isso os poupou, e mais deles caíram. Finalmente, ao chegarem ao curso d'água, não encontraram um pelotão, mas apenas dois homens, um jovem de cabelos pretos e outro careca, mais velho, que disparavam suas armas com vigor estupendo.

Denyel subiu no banco de areia para melhor enxergar os rivais. Seu maior problema era a escassez de munição — ele só tinha mais quatro pistolas, cada uma com sete cartuchos no pente, ou seja, 28 tiros e mais nada além disso. Craig reparou no grande número de comunistas e respondeu com uma descarga contínua da Thompson, liquidando quatro deles em sequência, massacrando outros dois, baleando mais três.

Era hora de os norte-vietnamitas contra-atacarem. Seu contingente era ainda numeroso, com atiradores surgindo de todas as direções, apesar das pesadas baixas sofridas. Rajadas de metralhadora resvalaram na lataria do Huey, obrigando Denyel a concentrar fogo na equipe que tentava danificá-lo. Escapou-se na água até a cabeça, Craig o imitou, e assim eles conseguiram escapar de mais alguns tiros. Levantaram-se a seguir. O celeste tornou a brigar. Cruzava as pistolas na frente do rosto, disparava para trás, para cima, sobre as árvores, onde os adversários estivessem. Os cartuchos pulavam do ejetor, copiando o jato de um hidrante furado, espirrando ferro, fogo e fumaça.

— Subam — berrou o major, ao controle do helicóptero. — Já temos arranque. Vamos sair daqui.

— Pode ir na frente, sargento. — Denyel sangrava pelas costelas. O barulho das hélices lembrava o de uma britadeira, e o ronco dos motores recordava o de um leão. — Dou cobertura.

— Não. Eu dou cobertura. — Ele queria ficar, com todas as suas forças. —

Salve o major. Conclua a missão. Está sob meu comando, soldadinho.

— É perigoso, senhor. Os Charlies vão picotar a fuselagem se eu for embora. — Raciocinando estrategicamente, era a mais pura verdade. Só os disparos cirúrgicos de Denyel impediam os vietcongues de acertar o rotor. — Se quer completar a missão, faça o que eu digo, e faça agora.

— Mas você ainda insiste? — Craig atingiu o peito de um homem que corria pelos arbustos, estourando duas granadas que ele trazia consigo. Convenientemente, a detonação produziu uma cortina de fumaça, cegando os orientais por um curto período. — Acabou, rapaz. Acabou. É o fim da linha.

— Não, não é — o anjo o segurou pelo braço. — Foi o mesmo que disse na Normandia, e depois nas Ardenas. — Fez uma declaração sincera, que enfim o convenceu. — Não posso abandoná-lo, sargento. Eu jamais me perdoaria — e, ao dizer isso, ele já tinha um plano arquitetado na mente. — Salve-se e deixe o resto comigo — apontou para a entrada do Huey, que flutuava a centímetros do chão. — Haverá outra vez.

Craig teria ficado, independentemente do esforço de Denyel para dobrá-lo. Mas, ainda que trabalhasse para a CIA, ele era antes de tudo um soldado, um agente enviado numa operação de resgate, e o único jeito de salvar o major era, factualmente, deixar o querubim para trás.

No instante em que a fumaça baixou, o cortador já havia decolado.

Sozinho, com apenas dez balas sobrando, Denyel permanecia estático, agora com a dupla tarefa de proteger o aparelho e ao mesmo tempo defender a si próprio.

Quando Boris Lagutin, o coronel soviético, soube da fuga, decidiu agir prontamente. Correu à sala de rádio e contactou os seus superiores do Exército Vermelho, que concordaram que os americanos precisavam ser eliminados, não importava a que preço. Os experimentos conduzidos no Camboja eram por demais importantes, ultrassecretos, vitais para a segurança do Estado, e não podiam ser descobertos, ainda mais por espões inimigos.

Em casos como esse, a KGB autorizava todos os riscos.

De uma base secreta, oculta nas florestas de Cat Ba, no Vietnã do Norte, decolaram três MiG-21, caças supersônicos, com ordens expressas de abater o helicóptero antes que ele retornasse às fronteiras do sul. Oficialmente, esses aviões seriam guiados por oficiais norte-vietnamitas, mas a Força de Defesa Aérea, como era chamada a aeronáutica na Rússia, mantinha alguns de seus melhores pilotos na Indochina, para o caso de uma declaração aberta de guerra.

Equipados com bombas incendiárias, mísseis de longo alcance e duas baterias de metralhadoras, os MiG-21 não encontrariam problemas para neutralizar o indefeso Huey, que, por sua vez, diante de um jato, nem manobrabilidade tinha para lutar, tampouco armas para se defender.

O major Rickson estava confiante, apesar de descontente por ter de deixar um companheiro na selva, à mercê de todo um pelotão. Denyel, por

outro lado, não tinha motivos para lamentar. Estava perfeitamente sintonizado com sua natureza de casta e sentia-se confortável atirando sem trêgua, dando cobertura ao transporte enquanto ele partia, aguardando o veículo ganhar altitude para só então salvar sua pele.

Era inevitável, porém, que a munição acabasse — e certa hora ela acabou. Denyel jogou as pistolas no ribeirão, ergueu a cabeça e olhou para o céu. O Huey deslizava ao longe, relativamente seguro acima das árvores, e ele avaliou que aquela era a oportunidade de se evadir, ou não teria nenhuma outra.

Com a agilidade de um gato, deu as costas para os vietcongues, penetrando furtivamente na mata. Correu como nunca, acompanhando a aeronave do chão. Entrementes, na outra margem do rio, os guerrilheiros encontraram seu rastro e deram sequência à perseguição, despejando foguetes, obuses, projéteis.

De olhos colados no helicóptero, Denyel pulou sobre troncos, transpôs riachos, venceu obstáculos de rocha, deu rolamentos para escapar das granadas, tudo isso com os tiros zumbindo, não o acertando por pouco. O ventre metálico do Huey dançava agora sobre as palmeiras, e em determinado momento Craig se inclinou para baixo, percebendo que o exilado os seguia. Prendeu uma corda ao trem de pouso e a lançou, mas era tarde demais.

Nos próximos trinta metros, o terreno declinava num precipício tão profundo, tão íngreme, que nem um querubim sobreviveria se de lá despencasse. O major cogitou dar meia-volta, mas seria impossível com os comunistas cuspidos rojões, então ele puxou a alavanca, fazendo o aparelho subir.

Se Denyel tivesse parado, a conclusão daquela missão seria outra. Seu movimento seguinte aconteceu por força do acaso, porque, na velocidade em que ele estava, não havia como frear. Ao se deparar com o abismo, o anjo simplesmente deu um salto para frente, enxergando, lá do alto, o fundo da ribanceira, os atradores estacando, irritados por não tê-lo apanhado, e o cortador indo embora contra as luzes do horizonte.

Despontou, então, no seu campo de vista, um cabo, e Denyel o agarrou, primeiro escorregando por ele, com as palmas sujas, cheias de terra, depois conseguindo se estabilizar. Só então ele percebeu, atônito, que aquela era a corda que Craig lançara e que agora o ancorava ao Huey, como um cordão materno, rebocando-o daquele lugar asqueroso.

Cruzou os joelhos, enrijeceu os músculos e escalou até a fuselagem, encontrando a mão amiga que o puxou para dentro. O helicóptero se elevou às nuvens.

— Duro na queda — Craig pensou na ironia.

— Tive um bom professor — o celeste arfou, afivelando o cinto de segurança. — Pronto para mais um espetáculo?

— Estou sempre pronto.

— É cedo para cantar vitória — disse o major. Um aviso sonoro encheu a

cabine, acompanhado por um alerta de botões piscantes.—Temos companhia.

Denyel colocou a cabeça para fora.

— MiGs-21. — Deu uma pancadinha nas costas de Craig. — Lembra que eu disse que ainda não era a nossa hora? — Estalou a língua. — Bom, acho que a hora é agora.

O primeiro MiG fez uma curva à esquerda, rugiu feito um trovão e disparou um míssil de alerta, ainda que tivesse ordens para destruí-los. O foguete estourou perto de um lago, abrindo uma imensa cratera, triturando as árvores, deixando claro aos fugitivos que não havia saída.

O que parecia ser um gesto de piedade era, com efeito, uma manobra política. O piloto estava cumprindo o protocolo, nada mais, porque, caso a perseguição vazasse, os soviéticos poderiam ao menos alegar, diante do tribunal de crimes de guerra, que haviam dado vários avisos antes de "tomar medidas mais drásticas".

— O que vamos fazer? — perguntou o major.

— Segurem-se — Denyel o acalmou. Desafivelou o cinto de segurança, passando do banco de carga à cadeira do copiloto. — Espere um pouco mais.

— Estão atirando em nós — Rickson estava nervoso.

— Sabe rezar, major?

— Pode apostar que sim, soldado. Mas não sei se ajudaria agora.

— Não custa tentar. — O anjo virou-se para trás, avistando os poderosos caças através da janela. Os MiG-21 tinham a turbina no bico, e não sob as asas, como os outros jatos de combate. A pintura era camuflada em tons de verde, com a estrela comunista sobre as duas faces do leme de direção.

Para acertar um helicóptero em velocidade de cruzeiro, um jato precisa estar a uma distância segura na retaguarda, para não se chocar com a própria explosão quando o aparelho receber o disparo. Os aviões soviéticos, obedecendo às normas de voo, descreveram um arco, produzindo um estrondo que os fez quebrar a barreira do som, recuaram diversas milhas e se posicionaram para o ataque final.

Só o choque sônico, notou Denyel, já seria suficiente para derrubá-los. Mas derrubá-los não era o bastante — eles tinham de obliterar os oponentes.

Enfim, o Huey triangulou no controle de mira. O líder da esquadrilha arrastou o polegar ao gatilho, e estava prestes a pressioná-lo quando os sistemas travaram.

O que se deu a seguir foi o que os físicos nucleares chamariam de pulso eletromagnético, um golpe de energia propagado sempre que uma arma atômica é acionada.

Primeiro, o céu ficou branco, calmo como no olho de um grande tornado. Depois, raiou na floresta o clarão de um cogumelo escaldante.

O computador do F-5, eles tinham certeza agora, não fora danificado na queda. Esgotado o cronômetro, o estouro se dispersou em forma de onda, incinerando a mata com o calor de mil raios. Uma área correspondente a "um décimo da bomba de Hiroshima" se converteu num campo de cinzas,

carbonizando as plantas, esfarelando as ruínas khmer, esterilizando o solo, implodindo o abrigo e tudo o mais que existia lá dentro.

– Fechem os olhos – gritou Buck Rickson, conforme aprendera no treinamento de guerra. – Joelhos dobrados. Mantenham a cabeça baixa.

Craig e Denyel só tiveram tempo de se encolher, na posição correta para sustentar a pancada.

Os MiGs, mais próximos do epicentro, foram pegos, desintegrados pelas vagas da bomba, e, embora distante do ponto de impacto, o cortador também sofreu.

Atingido por uma nuvem de cascalhos em brasa, o Huey foi arrastado como um barco de papel. As hélices fundiram, o aparelho rodopiou, tremeu, girou até perder altitude. Chegou a voar mais alguns metros e, incapaz de se manter estável, caiu de bico numa plantação de arroz.

Denyel foi arremessado através da vidraça. O baque o tonteou, e quando voltou à razão avistou metade do helicóptero dentro da lama, com a fumaça negra se dispersando a oeste.

Correu de volta à zona do acidente e, ao entrar nas ferragens, encontrou o major empalado pela alavanca de comando, com as costas rasgadas e muito sangue no teto.

Craig tivera parte do corpo queimada. Estava desacordado, muito ferido, mas o coração ainda batia. O anjo abriu-lhe o cinto de segurança, colocou-o sobre os ombros e saiu vagando à procura de ajuda.

Era uma tarde de sábado, 13 de abril. O céu estava nublado, ameaçando chover, e a cem metros havia uma aldeia. Denyel andou até as casas de palha, pediu socorro e foi recebido por uma família de camponeses, que lhes ofereceu água e comida.

– Estou vivo? – era Craig que despertava.

– Sim, senhor.

– Que merda – ele reparou na própria pele, em carne viva. – Não era para ser assim.

PAZ COM HONRA

QUANDO OS VIETCONGUES DESLANCHARAM A OFENSIVA DO TET, EM JANEIRO de 1968, atacando uma centena de alvos por todo o Vietnã do Sul, nem eles mesmos imaginavam a repercussão que suas ações ganhariam. Considerado por ambas as partes um fracasso militar, o assalto causou poucas mortes, mas serviu para provocar alvoroço, com a invasão da embaixada dos Estados Unidos e o sítio à base de Khe Sanh, numa luta que durou quatro meses.

Tamanho foi o alarde do Tet que os olhos da opinião pública se voltaram para a Indochina, para os massacres e as carnificinas, como as ocorridas em Hué, até que, na América, a guerra se tornou insustentável. Em janeiro de 1969, o presidente Lyndon Johnson, visto como um dos responsáveis pelo envio de tropas ao estrangeiro, foi substituído pelo republicano Richard Nixon, que aprovou a chamada "política de paz com honra", por meio da qual prepararia o exército sul-vietnamita para defender seu próprio território, de maneira que os militares americanos pudessem, aos poucos, voltar para casa. Em outras palavras, "paz com honra" era um programa de retirada, uma forma de abandonar a linha sem traumas e sem precisar assinar uma carta oficial de rendição. Por mais cinco anos, os aliados continuariam ocupando o país, até o dia 30 de abril de 1975, quando as unidades do norte tomariam Saigon, unificariam as duas nações e dariam a campanha por vencida.

O ano de 1968, como Denyel testemunharia, seria um marco em vários aspectos. Para o exilado, acontecera muita coisa em pouco tempo, uma etapa que se encerraria no hospital da base aérea de Da Nang, com o moribundo Tom Craig aos seus cuidados. Livre das acusações de crimes de guerra, o anjo recebeu licença para cuidar do ex-sargento, que, de tão doente, nem tinha mais condições de ser transferido. Além dos ferimentos decorrentes da tortura e das fraturas pela queda do helicóptero, a contaminação por radioatividade fizera surgir, em menos de uma semana, grandes bolotas em seu corpo, tumores cancerígenos de aparência escabrosa, com manchas pretas, roxas e avermelhadas. Desde que foram resgatados, poucas horas depois do acidente, Craig respirava por aparelhos, e o curioso é que mesmo confinado à UTI ele não largava a Tommy Gun, um amuleto para todas as horas, pronto para a chegada dos vultos, sempre atento aos nazistas e aos russos.

O hospital de Da Nang ficava dentro de um enorme galpão com paredes de concreto, pintadas de verde e branco, e janelas altas que mostravam o céu. A unidade de tratamento intensivo estava permanentemente lotada, abarrotada de camas, separadas umas das outras por uma cortina de plástico.

Depois que a força aérea enterrara o major Buck Rickson em um caixão de chumbo, surgira o boato de que Craig fora contaminado com algum produto químico, e nem as enfermeiras queriam tratá-lo, tarefa que cabia a Denyel, que trocava suas roupas e preparava sua comida. Os médicos, entre eles um especialista em radiação, tinham dado ao texano mais uma semana de vida, mas talvez ele não durasse nem isso.

— Ei, rapaz — certa noite, sentado ao pé da janela, o celeste escutou a voz de Craig. — Deve ter cuidado. Eles não vão deixar barato. Virão atrás de você.

— Eles? — o querubim pensou que fosse um delírio. — Quem, os cachorros?

— Não. Os mandachuvvas que me enviaram. Vão querer saber tudo o que aconteceu. — Puxou-o para perto. — Você tem que desaparecer do mapa.

— Está bem — Denyel concordou, mas no fundo não estava preocupado. Embora solidário, ele não via como simples mortais poderiam ameaçá-lo.

— Estou falando sério — Craig foi mais enfático. — Nós dois vimos o que aconteceu na França, na Bélgica e no Camboja — e, quando mencionou a Bélgica, o anjo entendeu aonde ele queria chegar. — Seja qual for o segredo dos obeliscos, a raça humana não está preparada. Escutou, filho? Não está preparada. — Apontou para uma caixa de sapatos. Denyel a alcançou, e de lá ele tirou um chaveiro com duas chaves robustas. — Quero que fique com isto.

— Muito obrigado. Mas o que elas abrem?

— Quando eu morrer, atravesse a base até o porto e procure um veleiro chamado Eclipsó. É todo seu. Deixei uma garrafa de vinho na geladeira. Tinto. Safra francesa de 1786. Roubei da adega do Göring, no finzinho da guerra — falou como se narrasse o próprio testamento. — Nunca viaje por terra nem de avião. Não visite portos ou aeroportos. Não tire passaportes ou documentos. Jamais confie em ninguém.

— Sem problema — o exilado guardou as chaves no bolso.

— Dá uma olhada para mim — tentou abrir os braços, mas as feridas o impediram. — Era o que eu mais temia. Acabar numa cama de hospital — balançou a cabeça. — Quem dera eu pudesse continuar combatendo.

— Não desista, senhor — sussurrou Denyel. — Já cuidei de tudo. Mas não pode desistir.

Quando o dia raiou, Denyel fez conforme ordenado. Sob o calor da manhã, andou até o porto, para se certificar de que Craig não havia enlouquecido.

O tal veleiro estava lá, flutuando sobre as águas verde-escuras do golfo de Tonkin, uma embarcação vigorosa, de mastro único, atracada ao ancoradouro junto aos outros barcos, com o nome Eclipsó pintado no casco. Esclarecida a dúvida, subiu ao refeitório para tomar o desjejum, depois percorreu a base e entrou no centro de comunicações, que ficava ao sul, para fazer uma chamada telefônica direta para Nova York.

Passaram-se mais três dias até que, num fim de tarde chuvoso, Denyel foi

abordado por dois homens de óculos escuros e terno preto, enquanto penetrava no corredor da ala médica, a caminho da UTI. Um deles era um sujeito de meia-idade, pele branca, olhos azuis, com um sorriso amigável, e o outro parecia mais jovem, corpo forte, truncado, expressão de assassino na cara. Num radinho de pilha, o segurança do prédio escutava a canção "Califórnia Dreamin'", sucesso na América desde 1965.

— Boa tarde, soldado — chamou o homem mais velho. — Sou o agente especial Danny Rose, do mesmo departamento de Craig — estendeu a mão.

— Na verdade, sou seu substituto. Ele deve ter falado de mim.

— Ah, falou sim — Denyel o cumprimentou. — O que posso fazer pelo senhor?

— Precisamos da sua ajuda — pediu. — Uma tristeza o que aconteceu com o major.

— Uma tristeza mesmo. Era um bom homem.

— Decerto que era — o agente alisou-lhe o ombro, como um policial que dá más notícias. — Espero que não se incomode que façamos algumas perguntas. Não aqui, claro — olhou à volta, para ter certeza de que não vinha ninguém.

— Fique tranquilo que nada disso entrará na sua ficha militar. É assunto de Estado.

— Contem comigo para o que precisarem — Denyel usou a sua faceta mais dissimulada. — Mas antes preciso servir o jantar para o nosso doente — foi se esgueirando pelos corredores. — Poderia me dar um minuto?

— Claro. Esteja à vontade — mesmo contrariado, o agente cedeu. — Esperamos aqui.

Driblando os visitantes, Denyel adentrou o centro de repouso e encontrou Craig com as pálpebras fechadas, num estado de saúde muito ruim. Dava para ver, mesmo sem checar os aparelhos, que ele quase não conseguia mais respirar. O corpo perdera toda a energia, parecendo um cadáver vivo, despelado, de olheiras profundas, os músculos necrosados.

— Sargento — o celeste o cutucou.

— O que está fazendo aqui? — Craig resmungou. — Não falei para dar o fora?

— Eles chegaram. Estão no hospital.

— Bando de ratazanas. — Acariciou a metralhadora. — Você não lhes disse nada, disse?

— Nem vou dizer. Só vim me despedir.

— Entendo — ele captou a indireta. — O médico falou que eu não passava de hoje. — Cuspiu sangue numa bacia. — Conseguir sair dessa sozinho?

— Não se preocupe, meu velho — secou-lhe a testa com um pano. — Essa eu tiro de letra.

— Muito justo — Craig virou-se de lado. — Sendo assim, acho que vou indo. — As dores que ele sentia eram insuportáveis, e só o que o fazia aguentar eram as constantes injeções de morfina, aplicadas direto na veia,

três ou quatro vezes ao dia. — Sabe, acho que tive o que mereci, no final das contas. Suponho que seja o que os amarelos chamam de "a lei universal do retorno".

Certo de ter cumprido com o seu dever, convicto de que não havia mais esperança, o ex-sargento da Grande Rubra encarou Denyel e solicitou, com a voz mortíca: — Permissão para morrer, soldado.

— É um pedido terrível, senhor, mas não me deixa saída. — O anjo juntou os pés, endireitou o corpo e bateu continência. — Permissão concedida.

Enquanto Tom Craig morria, anestesiado por doses cavalares de medicamentos, formou-se nas trevas, no espaço negro entre as cortinas, uma silhueta feminina, embora pouco atraente, usando roupas pretas, o corpo esguio, que nenhum dos outros pacientes notou, por estarem entorpecidos, tontos, alguns desmaiados.

A criatura assumiu contornos humanos e se materializou na borda da cama, com os braços abertos, o pescoço ossudo recordando uma árvore podre, de galhos secos e tronco poroso. Era Yaga, a intercessora de Denyel, que havia mais de dez anos fazia a sua ligação com o Primeiro dos Sete. Por meio das mensagens gravadas na secretária eletrônica, ela escutara seu chamado e viera à Haled em pessoa, para satisfazer-lhe um desejo.

Usando seus poderes de casta, a hashmalim esticou os dedos sobre o peito de Craig, pronta a sugar-lhe a alma, mas o exilado a retardou.

— Não — ele falou com uma seriedade que havia tempos não se via. — Ainda não. Espere que ele morra naturalmente. Que sua partida seja tranquila.

Yaga aguardou alguns minutos, mas a morte chegou rápido para o velho sargento. O coração parou de bater, o cérebro ficou sem oxigênio e a alma se desprendeu da carcaça. O espírito flutuou sobre o colchão, em tonalidades cinzentas, diáfanas, e antes que ele escapasse Yaga o travou, fez um giro com o pulso e o transferiu ao corpo da arma, aos pinos e às molas da Thompson, permitindo que, de uma forma ou de outra, ele continuasse a lutar suas batalhas, a disparar contra seus inimigos, a combater dia após dia, enquanto Denyel permanecesse na terra.

— Está feito — ela anunciou friamente.

— Obrigado — o querubim alçou a metralhadora às costas. — Fico lhe devendo essa.

Yaga e Denyel se separaram no galpão do hospital, e não se veriam de novo por mais alguns anos.

Nos primeiros dias após a morte de Craig, Denyel ficou taciturno, procurando entender por que a perversa hashmalim o ajudaria, a troco de nada.

Mas nem de longe era "a troco de nada". Os anjos da punição, à semelhança dos serafins, são articuladores, inteligentes e calculistas, mestres em se aproveitar da fraqueza dos outros, o que faz deles torturadores perfeitos. Ao realizar seu pedido, e levando em conta que os querubins

sempre pagam suas dívidas, Yaga agora tinha o exilado na palma da mão e cobraria seu preço, tão logo o momento chegasse.

O agente especial Danny Rose e seu guarda-costas esperaram no corredor por quase uma hora, perderam a paciência e foram à caça de Denyel. Procuraram na enfermaria, pelos quartos, nas unidades intensivas e em seguida por toda a base, mas o anjo desaparecera sem deixar rastros. Aproveitando-se da ausência das enfermeiras, ele escalara o basculante, saltara os muros e chegara ao Elipso, alcançando mar aberto antes de o sol se pôr.

O incidente com a bomba atômica foi abafado, como aconteceria a tantos outros no curso da Guerra Fria. Os Estados Unidos sabiam que estavam errados ao mandar espíões além da fronteira e ao autorizar o exercício com armas atômicas. Os soviéticos, por sua vez, também tinham passado dos limites ao instalar um abrigo nas selvas cambojanas e ao enviar três MiG-21 para explodir um helicóptero com cidadãos americanos, incluindo um funcionário da CIA.

No final, a história foi arquivada, em Washington, sob o curioso nome de "Aurora tropical", e em Moscou o projeto científico morreu com a equipe que o comandava. Ninguém mais ouviu falar do obelisco, e com o acirramento da corrida espacial o assunto caiu no esquecimento.

Quem hoje visita as ruínas de Angkor, no Camboja, a antiga capital do Império Khmer, escuta lendas sobre um suposto templo perdido que, por séculos, teria sido a fonte do poder dos sacerdotes e reis. De 1976 a 1998, nada menos que doze expedições foram despachadas à floresta.

O lugar nunca foi encontrado.

PARTE III

TEMPORADA DE CAÇA

(1972-1989)

VENICE

HÁ QUEM DIGA QUE ENVELHECER É UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA. No caso de Denyel, era exatamente isso. Como criaturas imortais, os anjos que vivem no céu, principalmente aqueles que quase nunca descem à terra, tendem a encarar o universo como uma constante, um painel cósmico em que mudanças acontecem, porém ao longo de eras. Para os seres humanos, contudo, a perspectiva é bem diferente. Coexistindo dia a dia com o mistério da morte, incertos sobre o destino por vir, os terrenos são, em oposição aos celestes, dotados de um incrível apetite por realizar todos os seus desejos, todas as suas obras, no curto período de uma vida. O resultado é uma sociedade em permanente transformação, incapaz, às vezes, de apreciar os próprios triunfos.

Sendo um anjo, o corpo físico de Denyel continuava sempre jovem, mas agora ele compreendia, melhor que qualquer outro, o significado da palavra "envelhecer". Era frustrante, com o passar dos anos, a sensação de que nada seria como antes, de que os grandes valores foram jogados por terra, de que sangue fora derramado a troco de nada. Nesse particular, a década de 70 teve um amargo gosto de desilusão, de fim de festa, de luzes se apagando, especialmente para aqueles que presenciaram os anos 40. O baile de gala se encerrara, dando lugar às batidas da discoteca, à cultura do prazer sem limites, desprovida de ideologia ou princípios.

Para Denyel, o choque foi repentino. Ele deixara os Estados Unidos fazia menos de um ano e, quando voltou, pareceu-lhe que o mundo inteiro tinha desabado. Sob as velas do Eclipse ele cruzara o Pacífico em linha reta, navegando ao sul do Havai e finalmente aportando na Califórnia, após dois meses de viagem contínua. Estacionou o barco em uma marina ao norte de São Francisco e de lá tomou um ônibus para a capital do estado, Sacramento, onde esperava recolher o pagamento acumulado em sua caixa postal. Saltou do coletivo na Avenida Merkley, precisamente em frente ao número 1601, conforme tantas vezes fizera. O Ferro-Velho do Tony fora substituído por uma lanchonete do McDonald's, com a face do palhaço Ronald gravada no frontão. No espaço antes dedicado ao terreno baldio, os empreiteiros montaram uma academia de dança. Sobre o vidro, anúncios prometiam ensinar coreografias de sucessos da música, e diante da loja o celeste enxergou uma trupe de hippies, três garotas e dois rapazes, elas de saia indiana, eles com os cabelos longos, desgrenhados, carregando violões coloridos.

Denyel entrou na agência dos correios. O movimento era agitado à tarde, com a clientela organizada em duas alas até o balcão. Não encontrou sinal de Jeff, o simpático vigia do Alabama. Em seu lugar, quem fazia a segurança eram dois jovens brancos, altos e fortes, usando uniforme azul, quepe,

cassetete e pistola. Uma loura magra, com óculos de gatinho, e uma moça mais gorda, morena, de vestido listrado, atendiam os presentes, oferecendo-lhes um sorriso amistoso.

O exilado andou ao escaninho, pronto para sacar seu dinheiro, mas o encontrou vazio, com nada além do envelope pardo que escondia a Beretta e as antigas dog tags, as plaquetas de identificação usadas por ele durante toda a Segunda Guerra Mundial, que na verdade eram quimeras manufaturadas por Sólon.

Perplexo, vasculhou o buraco mais uma vez, enfiou a mão através da portinhola, procurou até sobre os armários. Certamente ocorrera um engano, um erro de transferência, uma falha na burocracia, algo assim. Entrou na fila para ser atendido. À sua traseira, um ruivo de muletas lia a editoria internacional do Los Angeles Times, que abordava a revolta dos estudantes na Tchecoslováquia, como parte dos protestos relativos à Primavera de Praga. Uma senhora ao seu lado rabiscava palavras cruzadas, e uma menina com aparelho nos dentes observava a capa do álbum Sgt. Peppes Lonely Hearts Club Band, grande hit dos Beatles, tentando identificar cada uma das personalidades estampadas.

No reflexo da vitrine, Denyel reparou como sua barba crescera após sessenta dias no mar — ele ainda trajava os coturnos pretos e a jaqueta dos fuzileiros, com os botões abertos e uma camiseta branca por baixo.

— Pois não? — a loura magricela se inclinou sobre a bancada. — Qual é o serviço?

— Nenhum serviço, senhorita. Uma reclamação, por gentileza — ele se esforçou para ser cordial. — Minha caixa postal está vazia.

— Senhor? — a moça não entendeu. — Deseja renovar por mais um ano?

— Não — o anjo se irritou com a burrice. — Estou dizendo que a minha correspondência não está mais chegando — esticou a cabeça para frente. — Poderia verificar o que houve?

— Posso sim, um momento. — Ela perguntou o número de registro, dedilhou alguns papéis e voltou ao guichê com a informação na ponta da língua. — O seu escaninho não registra o recebimento de nenhuma correspondência ou encomenda desde janeiro.

— Isso eu já sei — o sangue subiu à cabeça. — O que eu quero saber é para onde elas foram.

— Mas, senhor... — o tom era cauteloso, tentando se esquivar. — Não há novas entradas em sua caixa.

Denyel esfregou a mão no rosto, abriu e fechou os dedos, apertou os lábios, indignado com a incompetência seja lá de quem fosse. Será que Yaga havia cortado o pagamento? Ou teria sido um equívoco humano, causado pela troca de funcionários? Ou quem sabe haviam sido os agentes da CIA?

— Quero falar com a responsável pela loja — ele se lembrou de que era chegado à gerente. — Senhora Greta.

— Senhora Greta? Ela faleceu.

– O quê? – a notícia o atingiu feito um raio. – E o velho Jeff?

– Se aposentou. Sinto muito, mas não posso ajudá-lo. – A garota apontou para o seguinte na fila e o chamou como se o exilado não existisse.

– Próximo.

– Espere um instante – ergueu a voz. – Frequento esta agência desde antes de você nascer, moça, e exijo um pouco mais de respeito. – Nesse ponto, ele estava vermelho de raiva, gesticulando como um maluco. – Não vou embora enquanto não resolverem o meu problema. Quero a minha correspondência, e quero agora!

Desagradados com o rebuliço, alguns clientes deixaram o local, outros ficaram paralisados. Da porta de entrada surgiram os dois oficiais de segurança, com porretes na mão, e cercaram Denyel ao redor da bancada. Um deles procurou ser gentil, apesar da situação embaraçosa:

– Senhor, peço que se retire. – O segundo guarda, mais atrás, arrastou o punho à cartucheira. – Por favor, não crie problemas.

– Cuidado com a boca, fedelho – o celeste replicou com desdém. – O problema foram vocês que criaram. Eu só quero resolver.

Numa ação coordenada, os seguranças agarraram Denyel pelos braços e o empurraram para fora. O exilado sentiu o ímpeto de reagir, mas o código dos anjos da morte o deteve, afinal ele não estava mais nas selvas da Indochina, e sim no coração de uma grande cidade da América.

Deixou-se levar e acabou de costas, esparramado no meio-fio, diante de umas quinze pessoas que o fitavam como se ele fosse um extraterrestre.

Passada a primeira onda de raiva, Denyel se levantou, espanou a jaqueta, guardou o envelope, pendurou as dog tags no pescoço e saiu vagando sem destino pela avenida.

– Veteranos de guerra – comentou um transeunte que presenciara a cena desde o princípio. – Coitados. Sinto pena dessa gente.

Los Angeles, 19 de abril de 1971

O fato consumado era este: Denyel estava falido, sem um tostão no bolso e com uma tremenda vontade de beber algumas (na realidade, muitas) cervejas. Nas primeiras semanas de volta à Califórnia, ele tentou arranjar um trabalho, qualquer coisa que o sustentasse, mas ninguém queria empregar um fuzileiro reformado. Mesmo quando ele ocultava o fato de ter estado no Vietnã, sua aparência sórdida o denunciava, e o que lhe restou foi a mendicância. O Eclipse tornou-se sua nova morada, mas ele passava a maior parte do tempo na praia de Venice, em Los Angeles, onde os veteranos pobres se reuniam e onde era mais fácil descolar uns trocados.

O calçadão de Venice era uma região peculiar, totalmente diferente da praia adjacente, Santa Monica, povoada por surfistas bonitões e louras de corpo escultural. Venice, cujo nome alude à cidade de Veneza, na Itália, por causa de seus canais, costumava reunir, sobretudo na década de 70, uma

turba heterogênea, composta por drogados, membros de gangues, jogadores de basquete e estrelas do rock. O que não faltava eram artistas de rua, encantadores de cobras, supostos videntes e mendigos, categoria em que Denyel se encaixava, caçando moedas debaixo dos carros, implorando para que lhe dessem uns centavos. Quando a noite chegava, ele trocava o dinheiro por frascos de vodca, copos de uísque ou qualquer outra substância etílica, quanto mais forte melhor.

Certa vez, na primavera de 1971, no exato dia da histórica condenação de Charles Manson, alguém deixou uma cadeira na rua. Denyel teve uma idéia. Cutucou uma criança que passeava com a mãe e subiu com os pés no encosto.

— Olá, amigão — empregando o controle gravitacional dos querubins, habilidade que lhes permite dar saltos imensos, bem como se esgueirar pelos telhados, ele se equilibrou sobre o assento com parte do corpo para trás, numa posição impossível pelas leis da física. — O que acha, hein?

— Mamãe — o menino sacudiu a mãe pelo braço. — Olha só o que ele faz.

— É um truque, só isso — a mulher não demonstrou empolgação. — Igual aos do Uri Geller, não se lembra? O moço que a gente viu na TV.

— Dane-se que seja um truque, madame — falou um sujeito de barba longa, confinado numa cadeira de rodas, que vinha trazendo um cachorro. — Me enganou direitinho. — Jogou algumas moedas na calçada. — Gostei do show, fuzileiro — e citou um mote que era gíria na época: — Sucesso de público.

Outras pessoas também gostaram. No final da tarde, Denyel acumulara uma caixa de sapatos lotada de pennies, que juntos chegavam a quinze dólares. Como recompensa, comprou três engradados de cerveja, bebeu tudo a bordo do Eclipse e acordou na manhã seguinte com a cabeça rodando.

Estirado no convés, ofuscado pelo sol que nascia, ao canto das gaivotas e albatrozes, ele pensou em zarpar para longe, talvez regressar à Europa, arrumar um emprego decente, fazer alguma coisa produtiva, ganhar dinheiro honestamente. Mas o problema não era o dinheiro, tampouco a falta dele. Denyel estava havia dois anos vivendo (ou tentando viver) como ser humano e, por mais que se esforçasse, ele não era um terreno. Para os guerreiros celestes, não era o risco de morrer que os assustava, mas a perspectiva de uma existência ordinária, sem motivação ou desafios.

Foi no inverno de 1972 que essa história mudou.

Começou numa tarde nublada. Denyel recolheu sua cadeira, pegou a caixinha de sapatos, sem nenhuma moeda pela escassez de banhistas, e se preparou para voltar à marinha. O dia ia caindo quando um grupo de rapazes saiu da quadra de basquete, alguns com jeito de surfistas, os cabelos alourados, outros grandalhões, usando camiseta sem manga. O que vinha à frente deu um toque no ombro do anjo enquanto cruzava com ele.

— Ei, você não é o carinha que se equilibra na cadeira? — Tirou do bolso

uma nota rasgada. — Pode fazer de novo?

— Já encerrei o expediente — resmungou Denyel.

— Podemos pagar — era uma zombaria. — Ou prefere uma lata de cerveja? — O celeste era, então, conhecido por beber compulsivamente. — Responde, beberrão.

— Me deixe em paz — o exilado deu as costas, saiu andando, mas depois não resistiu: — Se eu fosse você, não se meteria comigo, xará.

Os jovens gargalharam, debochados, caçoando daquele que julgavam ser um simples mendigo. O que eles realmente queriam, e o querubim já notara, era um motivo para brigar, vontade que também não faltava a Denyel, não apenas por sua natureza de casta, mas por estar farto de tudo, precisando descarregar sua raiva.

Um indivíduo de fios claros, olhos verdes e bigodinho, que parecia ser o chefe do bando, não perdeu a oportunidade. Seria divertido espancar o sem-teto — afinal, quem se importaria com um indigente?

Armou um golpe de punho fechado, que à visão de Denyel chegou em câmera lenta, tão fácil de se esquivar que ele preferiu o contra-ataque. O anjo largou a cadeira no asfalto, tomou impulso com a cintura e desferiu-lhe um soco no queixo, de baixo para cima, mas ajustou tão mal a pancada que o peçoço do rapaz se partiu. O jovem caiu com a cabeça no chão, o nariz sangrando, a boca soltando espuma, a nuca ficando roxa.

Os grandalhões nada fizeram, desnorteados, e Denyel, da mesma forma confuso, aproveitou para fugir. Disparou pelas alamedas praianas, penetrou na rua dos canais, rastejou pelos becos, procurou um esconderijo. Escutou gritos de socorro, sirenes de ambulância e a seguir o arrastar dos pneus da polícia. Refugiou-se em uma cabine telefônica e ali permaneceu por várias horas, espremido entre folhas de jornal, completamente perdido, respirando pesadamente.

Recolhido no piso, Denyel encarou o telefone e teve uma idéia, de que se arrependeria com certeza, mas que precisava ser executada, para o bem ou para o mal.

Discou para Nova York.

O bipe da secretária eletrônica soou.

— Se alguém estiver ouvindo, diga o seguinte para Yaga. Não estou aborrecido com a suspensão do pagamento. Só quero voltar ao serviço — abafou o sussurro sobre o fone. — Tem alguma coisa para mim?

Procurado pela polícia de Los Angeles, apelidado pela gazeta local de "maniaco da praia", Denyel nunca mais retornaria a Venice. Desatracou o Eclipse na manhã seguinte, costeou a orla do Pacífico, navegou sobre a baía de São Francisco e ancorou em uma pequena ilha rochosa, a três quilômetros de Alcatraz. Embora soturna, a paisagem era agradável, especialmente à noite, com os rebocadores trafegando numa rota sem fim, o reflexo dos prédios sobre o mar e a ponte Golden Gate sempre majestosa acima do estreito.

— Foi em meados de junho, ao raiar do verão, que Yaga apareceu na

estreita praia da ilha, trazendo as notícias que o querubim tanto aguardava.

— Por que demorou todos esses anos para entrar em contato? — ela surgiu primeiro como um borrão. — Sabe que não temos meios de localizá-lo na terra.

— Como assim? — Denyel nunca considerara tal argumento, mas o pior era que fazia todo o sentido, já que o próprio Sólon, no decorrer da guerra na Europa, determinava marcos geográficos para seus encontros no plano físico. — Então era isso? — ele se sentiu a pessoa mais idiota do mundo. — Bastava eu ter telefonado?

— Evidente — Yaga se aproximou. Os braços e as pernas ainda estavam em forma de sombras. — Por que acha que lhe demos o número?

— Para gravar os relatórios, sempre pensei.

— Pensou errado. — Metódica, ela passou ao tema central. — Sabe por que estou aqui?

— Rendeu-se ao meu charme? — De todas, essa era a hipótese mais absurda.

— Gregorion. Ele não era o único.

— Nunca achei que fosse. — Era claro que Gregorion não agia sozinho, afinal, conforme lhe fora dito em Rocky Beach, havia uma suposta rede de elohins em ação, a chamada "teia", que transmitia informações secretas para os revoltosos no Primeiro Céu. — O que quer que eu faça?

— Quero que me encontre em Istambul dentro de cinco semanas. — Istambul era então a cidade mais rica da Turquia, um polo comercial e turístico desde o tempo dos gregos. — Mesmas condições. Interessado?

— Só me diga onde ele está, dona — a frase saiu como um clichê de cinema. — Esses rebeldes não tomam jeito.

— Meu conselho? Procure se vestir um pouco melhor. Será necessário para a próxima missão. — E, antes de desaparecer, a entidade fez uma pergunta: — Confesso que não consigo entendê-lo, soldado — ela o mirou com aversão.

— É um anjo, dotado de poderes extraordinários. Pode conseguir o que quiser. — Apontou para suas roupas imundas. — Por que insiste em viver na miséria?

— Sou um guerreiro, Yaga, não um ladrão.

— Está errado, Denyel — ela disse. — Não é nenhuma das duas coisas — as trevas a envolveram. — É um assassino.

A DEUSA QUE ARDE

Estrada da Amizade, China, dias atuais

KAIRA, URAKIN E ISMAEL CONSEGUIRAM CARONA EM UM TRANSPORTE COM DESTINO a Katmandu, a exótica capital do Nepal, Saindo do posto de controle, eles cruzaram a ponte encantada, tomaram a escada branca, desceram a geleira, refizeram os próprios passos e chegaram ao Monastério de Rongbuk quase a hora do almoço. O motorista de um pequeno ônibus turístico, um ex-alpinista alemão, aceitou transportá-los sem custo ao reparar na palidez da celeste, ainda exausta pela conjuração das placas de gelo. Na certa, pensou que Kaira estivesse desnorteada pela altitude e concordou em ceder três lugares, considerando que havia ao menos seis poltronas desocupadas no interior do veículo.

Com o carro parcialmente vazio, eles iniciaram o percurso à terra natal de Sidarta Gautama, o fundador do budismo, uma viagem de mais ou menos dez horas, agitada pelas ondulações na estrada. Kaira se acomodou mais próximo à janela, ao lado de Ismael, e Urakin, com seu corpanzil espaçoso, sentou-se na cadeira de trás, sempre atento à movimentação dos passageiros, um guarda-costas incansável e fiel.

Com a testa colada no vidro, os cabelos balançando, a ruiva contemplou a magnífica vastidão do planalto tibetano, quando eles enfim venceram as trilhas que circundavam a montanha. A Estrada da Amizade, que liga Lhasa a Zhangmu, percorre áreas de indescritível beleza, e uma delas é o lago Yamdrok, que, de acordo com a mitologia, se originou a partir da queda de uma deusa na terra. Conhecido na região como lago Turquesa, é rodeado, no verão, por campos de relva onde pastam os iaques, touros peludos, resistentes ao frio, e por morros altíssimos coroados de neve.

Sonolenta, Kaira girou o pescoço e observou Ismael, seu agente mais implacável. Sua presença entre as tropas rebeldes sempre fora objeto de discussão, porque os hashmalins, por natureza, são os carrascos e juizes do paraíso, o que os levou, na maioria, a aderir à facção do arcanjo Miguel. Para muitos, especialmente para os serafins, Ismael era um espião, mas para outros ele despontava como herói, justamente por ter contestado a postura de seus líderes de casta. Kaira, em particular, nunca o reprimira, ainda que não concordasse com seu caráter amoral.

— Ismael — ela sussurrou, a voz fraca, a boca seca. — Queria perguntar uma coisa.

— Faça o que quiser — respondeu o celeste, usando seu habitual tom moderado. — É nossa líder. Pode nos perguntar o que bem entender.

— Não quero constrangê-lo. Compreenda. É uma questão pessoal.

— Para nós, hashmalins, não existem "questões pessoais" — o Executor

nunca falara tão sério. — Somos efetivamente os menos passionais dos alados, mais parecidos com os querubins neste ponto, e díspares dos ofanins e dos elohins, para quem todas as escolhas são parciais.

— Sim, eu sei — ela já esperava aquele discurso. — Então, diga-me — perguntou sem rodeios. — Por que se uniu aos revoltosos? — Com a mão sobre os lábios, escondeu um pigarro. — Depois da adesão de sua ordem, ou de grande parte dela, à causa legalista, o que o fez pender para as legiões de Gabriel?

— Existem duas maneiras de explicar, uma simples e outra complexa. — Por um instante, suas memórias regressaram no tempo. — Começou com a primeira guerra no céu, quando as hostes de Lúcifer se mobilizaram para dar o golpe de Estado. — No fundo da mente, ele escutou os fervorosos discursos da Estrela da Manhã, proferidos em palanques de ouro, suas promessas vazias, a profusão de celestiais passando ao seu lado. — Perceba, Lúcifer era o patrono da minha casta e tinha grande influência sobre os celestiais na Gehenna. Na época, muitos dos meus companheiros foram seduzidos, alguns com nobres intenções, já que Miguel distorcia e desonrava as ordens de Deus.

— É irônico, confesso, ouvir você dizendo essas coisas — a arconte não mediu as palavras. Queria tirar a questão a limpo, de uma vez por todas.

— Seu trabalho não é sentenciar as almas impuras e corrigi-las pela dor, quando necessário?

— Esse é o ponto que os demais anjos não entendem, ou não querem entender, talvez influenciados pelo julgamento que fazem de nós. — O ônibus atropelou um pedregulho. — Os membros de minha ordem, por mais curioso que pareça, são ferrenhos defensores da raça humana. Nosso trabalho é o mesmo dos ofanins: buscamos educar os mortais, mas cada qual utiliza seus métodos. Portanto, é lógico concluir que repudiamos a carnificina gratuita. Sempre fomos contrários à política das grandes catástrofes, nunca aprovamos a glaciação, as hecatombes, muito menos o dilúvio.

— Então, por que não se juntou a Lúcifer? Sua revolução pregava o fim do reinado tirânico.

— Conhece-me como ninguém. — E se conheciam, de fato. Kaira era testemunha de seu comportamento impassível. — Somos empenhados e seguimos, como nenhuma outra congregação, os desígnios de Yahweh — coçou o nariz. — Lúcifer? — deu um riso sarcástico. — Lúcifer era um oportunista, tão despótico quanto o próprio Miguel. Era óbvio para todos com um mínimo de razão que suas ambições eram egoístas, embora ele tenha conseguido enganar a milhares.

— Certo. — Sobre isso, Kaira não tinha dúvidas. — Mas e quanto à guerra civil?

— Como eu disse, Gabriel era a única opção. Esse é o jeito simples de explicar. Não que sejamos, ou melhor, não que eu seja virtuoso, infalível, nada disso, mas o que faço, faço pelo bem da espécie terrena. Se eu luto por

ela, é pela justiça e nunca pela maldade. Não concorda comigo, Centelha?

— Sim, mas não só pela justiça — ela questionou. — Quando achamos que os fins justificam os meios, então é hora de rever nossos conceitos. Perseguir cegamente uma meta e ignorar as consequências é o primeiro caminho para a corrupção, para a degradação dos bons valores.

— Bons valores? — Ismael ergueu a sobrancelha. — O único valor que realmente importa é o cumprimento da palavra de Deus. Servir e guiar a humanidade, sem interferir em seu curso — citou a principal diretriz do Altíssimo. — Yahweh é nosso guia. Não há nada maior do que ele.

— Soa como um fanático — criticou-o Kaira, cuidando para não parecer agressiva. — O universo não é tão rígido como pensa.

— Mas deveria ser — e removeu um assunto delicado. — Quanto poderia ter sido evitado se você tivesse matado Andril na primeira oportunidade? — Olhou para ela e abaixou a cabeça. — Sinto muito, não queria faltar com o respeito. Mas, já que nos propusemos a conversar, eis um exemplo bastante apropriado.

— Tudo bem — a capitã o tranquilizou. Não se sentia desrespeitada, apenas um pouco embaraçada. — Mas e quanto a você? — A discussão era sobre ele, inicialmente. — Yaga uma vez o acusou de traição, de ter ido contra os princípios da casta. Como suporta esse tipo de situação na Gehenna?

— Nada do que ela diz se reproduz na Gehenna — revelou. — Nossas divergências, entre mim e Yaga, entre mim e os outros juizes, estão relacionadas pura e simplesmente à guerra civil. Uma vez no purgatório, somos todos colegas. Esse é o motivo pelo qual o Segundo Céu se manteve neutro e jamais se transformará num campo de lutas, como ocorreu ao Quarto Céu. Os hashmalins nunca permitiriam que alguém, seja príncipe ou arcanjo, os privasse de seu ofício. Nosso ministério está acima de qualquer contenda, além das disputas cósmicas e bélicas.

— É estranho, mas admito que o invejo, Ismael — a arconte mirou o azul do firmamento, com as pálpebras pesadas, quase se fechando. — Não me lembro de como fui recrutada — desabafou, nostálgica. — Não me recordo de como nem quando decidi acompanhar Gabriel.

— Seja o que for, aconteceu por um bom motivo — ele opinou. — Não é o que dizem os ofanins?

— Sim, é o que diria Levih. — O cansaço a venceu, e Kaira se recostou na janela, antes de pegar no sono. — Pobre Levih.

Há muitos e muitos anos, conforme registram as crônicas celestes, os alados, seguindo a resolução dos arcanjos, decidiram esterilizar o planeta. O primeiro dos três cataclismos afundou a terra num longo período de glaciação, durante o qual a raça humana foi praticamente extinta, restando umas poucas tribos que aprenderam a estocar comida, montar abrigos, caçar em pequenos bandos e dominar a sagrada arte do fogo.

Data dessa época uma lenda originária do norte da África, que nos conta sobre uma entidade que inspirou os terrenos nessas noites tão frias. Sentada

nos campos de gelo, com as pernas cruzadas, a pele sardenta, os cabelos ruivos, os seios desnudos, a Deusa que Arde meditava, pousada sobre o botão de um lótus flamejante, radiando calor na forma de pétalas. Quem por acaso a fitasse teria dúvidas se era real ou onírica, se era carne ou planta, se pertencia a este mundo ou a outro. De seus poros exalava cheiro de orvalho, a cútis era macia, o corpo jovem como uma semente que desabrocha. Quase não respirava, tão concentrada, focada no ofício divino, procurando algo sob a crosta da terra.

Nos meses mais quentes, quando era possível sair das cavernas, campeões eram enviados em uma difícil empreitada através de lagos cristalizados, montanhas brancas e imensas geleiras para confraternizar com a deusa e solicitar uma chispa de sua ardência. Essa faísca era um tesouro tão rico, tão fugaz e ao mesmo tempo tão perigoso que carecia da atenção de indivíduos ilustres, sacerdotes instruídos a manejar o segredo.

Certa vez, no solstício de inverno, a Deusa que Arde recebeu a visita do Deus Branco, uma entidade poderosa naqueles dias, que tinha por missão conservar o mundo sob a penumbra das correntes polares. Seu verdadeiro nome era Andril, o supremo mestre da água e do gelo.

Com o intuito de prolongar a glaciação, Andril deu forma, sozinho, a um satélite de cristal e o colocou sobre a órbita da Terra. O astro acompanhava os movimentos do sol e dia após dia obstruía seus raios, impedindo que o calor tocasse os montes e as serras, as planícies e os oceanos.

O Deus Branco apareceu sob o trono da deusa na imagem de um homem todo alvo, permeado por uma película descolorada, e da boca cuspiu fumaça.

— Sei que pode me ouvir, Centelha — ele a chamou. — Sou um mensageiro dos sete céus, e em nome do arcanjo Miguel ordeno que apague suas chamas.

Nenhum movimento. Dentro do lótus, a deusa permanecia rígida, austera, os olhos fechados, a postura inabalável, o coração pulsando em ritmo lento, a aura alternando entre o vermelho e o laranja.

— Escute-me agora, porque carrego a mensagem de Deus. Desprezar a mim é o mesmo que desprezar a ele — ameaçou o Deus Branco. — Não tem a menor chance de me desafiar, tampouco de me vencer, não enquanto o meu sol negro se sobrepuser ao seu astro de fogo. Obedeça-me, ou cuidarei para que o pior aconteça.

Silêncio.

Paz.

Harmonia.

A Deusa que Arde mostrava-se sólida, abraçada à eterna flor escaldante, acolhida dentro do casulo de pétalas rubras.

— Que assim seja — encerrou Andril, a expressão colérica no rosto. — E assim será.

SANTA SOFIA

Istambul, 12 de julho de 1972

DENYEL SEGUIU O CONSELHO DE CRAIG E VIAJOU DE BARCO A ISTAMBUL, NUMA jornada tão aprazível que ficaria registrada na mente por muitas décadas a fio. Sob o mastro do Eclipse, ele cruzou o canal do Panamá, ganhou o oceano Atlântico e trilhou as correntes do norte até o estreito de Gibraltar, adentrando depois o Mediterrâneo, trajetória semelhante à que fizera trinta anos antes com seus colegas da Grande Rubra, durante a invasão da Sicília. O barco singrou as águas azuis do mar Egeu, serpenteou através das ilhas gregas, circunavegou o extremo ocidente da Ásia Menor e deslizou sobre o mar de Mármara, que se afinilava no estreito de Bósforo, com sua enorme ponte de aço em construção, uma proeza da engenharia que seria inaugurada em outubro de 1973 e é até hoje considerada uma das maiores pontes suspensas do mundo.

Era o auge do verão, uma manhã clara e ardente, com o estreito pontilhado de navios mercantes, barcas de passageiros, catamarãs, lanchas particulares. De longe, a primeira coisa que se enxergava eram os minaretes dos dois grandes santuários urbanos, um de frente para o outro: a Mesquita Azul, erguida no século XVII, e a Basílica de Santa Sofia, planejada pelos cristãos no ano de 537 e que depois seria convertida em edifício islâmico, para então ser transformada em museu, em 1935. Outro destaque eram as guaritas do Palácio de Topkapi, antigo lar dos sultões, e a Torre de Gálata, uma fortaleza medieval de teto cônico, construída pelos genoveses para proteger a cidade no período das invasões muçulmanas.

Em julho de 1972, porém, quando Denyel ancorou no Porto de Eminönü, próximo ao bairro dos bazares, o interesse pela região estava muito além das suas belezas naturais e históricas. Istambul é a localidade mais extrema da Europa, um setor estratégico desde que os gregos a colonizaram, em 667 antes de Cristo. Ocupada pelas legiões romanas, Bizâncio, como era chamada na época, tomar-se-ia a capital do império a partir de 330, mudando o nome para Constantinopla. No ano de 1453, a cidade cairia ante os otomanos, que só deixariam o poder em 1922, quando a Turquia se converteu numa república laica, transferindo a capital para Ancara e trocando novamente de nome, agora para Istambul. O estabelecimento de um governo secular contribuiu para que, em 1952, o país se associasse à OTAN, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a aliança militar do Ocidente, em oposição ao Pacto de Varsóvia, formado pelas nações comunistas e encabeçado pela União Soviética. Localizada na exata fronteira entre a Europa e a Ásia, Istambul seria palco, nas décadas de 50, 60 e 70, de negociações diplomáticas, atentados terroristas, intrigas e

assassinatos, um terreno fértil para espões internacionais, que se misturavam aos turistas nos parques e nas praças.

Denyel raspolu a barba, cortou o cabelo, vestiu roupas limpas, tirou o mofo da jaqueta e desembarcou em frente à Estação de Sirkeci, um prédio de pedra e tijolo que incorpora detalhes da arquitetura islâmica e da bizantina, projetado em 1890 para receber o famoso Expresso do Oriente, a linha férrea que fazia a rota entre Paris e Istambul em apenas três dias. Castigada pelo tempo, a estação tinha alguns vitrais quebrados, a fachada suja, mas escondia uma cafeteria silenciosa, onde o exilado se sentou para beber uma dose de raki, um licor transparente com gosto de anis, que assume coloração esbranquiçada quando se acrescenta água no copo. Com as pernas cruzadas, ele estudou um mapa turístico, distribuído de graça no próprio café, para encontrar o melhor trajeto ao ponto de encontro combinado com Yaga.

Galgando as ruelas em direção ao centro, observou os costumes locais, escutou o som dos moradores e procurou incorporar os seus hábitos, como tão bem fazia nas missões de combate. De pele clara, mas não pálida, cabelos pretos e estatura média, Denyel poderia se passar por turco, alemão, espanhol ou até russo, dependendo da maneira como se comportasse e do sotaque que imitasse. Talvez por isso Sólon o escolhesse para as operações mais escusas, em que se fazia necessário não só o conhecimento em batalha, mas também a sagacidade de se mesclar aos terrenos.

No bairro dos sultões, ele entrou na Basílica de Santa Sofia, encimada por uma cúpula que atinge 56 metros de altura, sobre um salão de amplitude fenomenal, decorado por mosaicos do século VI, alguns ainda preservados, pintados com ouro, representando Cristo na figura do imperador. O clima era mais ameno lá dentro, com sopros de ar que esfriavam o recinto. Turistas andavam pela nave, batendo fotos, tocando nas colunas, acompanhando excursões.

O exilado subiu uma rampa que dava acesso às galerias superiores, sacadas de pedra que rodeavam o grande salão, refúgios mais calmos de onde radiavam vibrações conhecidas. Caminhou até um recuo no segundo andar e encontrou uma entidade feminina trajando um nicabe preto, espécie de véu que nada revela a não ser os olhos, e portando uma maleta de couro. Na Turquia, e em Istambul principalmente, é comum o forasteiro se deparar com mulheres usando desde vestes completas, as chamadas burcas, até minissaias, embora a grande maioria ainda prefira o hijab, lenço que cobre apenas a cabeça, deixando o rosto à mostra.

— Gostei da roupa — Denyel reconheceu a presença de Yaga, inteiramente coberta por tecidos escuros. — Caiu bem em você. — E havia caído mesmo, dando a ela uma aparência exótica, reservada e sombria. — Chegou faz muito tempo?

— Responda-me uma coisa. — Era prática ela ignorar seus comentários irônicos e ir direto ao assunto. — Guardou a pistola que lhe entreguei?

— Que pistola? — Ele segurou a pasta de couro e a apoiou sobre a mureta. — A Beretta? — Abriu o fecho para ver o que tinha dentro. —

Lógico, acha que sou doido? — sorriu, canastrão. — Só existem dois tipos de pessoas no mundo, minha cara, as que têm uma arma e as que cavam.

— Muito bem. — Ela não entendeu a referência nem deu atenção a ela.
— Então, vamos começar.

— Já começamos — Denyel tateou o fundo da bolsa. Descobriu um pente contendo mais oito daqueles perigosos cartuchos, artefatos terríveis que podiam rasgar a película. Encontrou também um envelope pardo com uma série de fotografias do alvo, igual aos arquivos de Gregorion, porém mostrando um homem de cocuruto calvo, com um farto bigode negro, braços gordos, olhos castanhos. Os elohins, ao que Denyel começava a perceber, tendem a incorporar avatares parecidos com pessoas comuns, em contraste aos querubins, por exemplo, que preferem corpos atléticos, ou aos ofanins, que dão prioridade a carcaças frágeis, inofensivas.

— Seu nome é Hazim Ahmet Kazan — Yaga avisou. — É ele que você deverá matar.

— Percebi — o exilado memorizou as imagens. — Esse é seu nome verdadeiro?

— Pense um pouco antes de falar — ela rosnou, com um tom afirmativo que sempre o depreciava. — Muitos elohins estão na Haled há séculos. Alguns abandonaram e até esqueceram sua alcunha celeste. — Esse era o motivo, inclusive, de ser tão difícil localizá-los na terra. — Mas isso não tem a menor importância. Kazan é proprietário de dezesseis lojas no Grande Bazar e passa a maior parte do tempo vendendo tapetes no setor norte. — O Grande Bazar é o maior centro comercial de Istambul, um labirinto de ruas onde o freguês pode encontrar praticamente tudo. — Não acha que já tem o suficiente?

— Mais do que suficiente — Denyel colocou as fotos de lado. — Será que Kazan também tem família? — Era uma provocação gratuita, para testar a parceira. — Não se preocupe, estou dentro. Só queria saber.

— Garanto que não — ela exclamou, insensível. — O que ele tem de sobra são rivais no comércio, adversários humanos que estariam dispostos a tudo para matá-lo. Devemos nos aproveitar dessa situação e acabar com ele, como você acabou com Gregorion — enfatizou a última frase. — Com um tiro preciso, no coração.

— Pode deixar. Conheço o procedimento — tentou expressar confiança.
— E o nosso acordo? Recebo um salário?

— Sim, claro que será pago. Faça o serviço, e nós o mandaremos para casa.

— Para casa?

— Londres — a voz recuou uma oitava. — Soube que morou na capital britânica por anos e que tem certa afeição pela cidade. Conseguimos uma casa segura para você, um esconderijo acima de qualquer suspeita na margem norte do Tâmis.

— Como vocês são bonzinhos. — Estava claro que o objetivo da "casa segura" era mantê-lo à vista. — Para que eu iria querer um esconderijo?

– Não seja estúpido – Yaga enrugou as sobrancelhas e apresentou uma nova versão da história. – O que você faz ou deixa de fazer no seu período de licença não nos interessa. Só dois de nós conhecemos o endereço, e você será o terceiro. – Sacudiu a cabeça em negativa. – A função de uma casa segura é garantir que os seus, ou melhor, que os nossos inimigos nunca o encontrem. Precisamos ter certeza de que estará a salvo, para dar sequência às próximas missões. – Ergueu um dedo professoral. – Lembre-se disso, soldado. Seu trabalho é essencial, você não.

– Que coisa bonita de se ouvir. – Parecia execrável, realmente, mas era algo que ele já esperava. – Disse que só dois de vocês conhecem o endereço. Quem?

– Não estou autorizada a dizer, pelo menos não ainda. – Encerrou o assunto, mas deixou a esperança no ar. – Conversaremos mais quando Kazan estiver morto.

– É justo. – Denyel olhou para o piso, como um cão que pede comida. – Poderia me adiantar um cadinho?

– Um cadinho? – Ela demorou uns segundos para entender. – Se é dinheiro que quer, as notas estão no compartimento interior. – Denyel apalpou um dos bolsinhos da maleta e sentiu o peso de um bolo de liras, o equivalente a cinco mil dólares americanos, o bastante para dormir, comer e beber com conforto em qualquer parte do mundo. – Faremos como da outra vez. Espero por seu relatório. – E, em lugar de se fundir às sombras, a entidade simplesmente desceu a galeria, atravessou a nave e se misturou aos estrangeiros.

Denyel enfiou as notas na jaqueta, escondeu o pente de balas no cós da calça, destruiu as fotografias e deixou a Basílica de Santa Sofia.

Com os cartuchos tocando a cintura, ele se recordou do disparo contra a banshee e da perturbadora execução de Gregorion. Prometeu a si mesmo que um dia, mesmo que levasse dez, cem ou mil anos, desvendaria o enigma daqueles estranhos projéteis, artefatos de poder descomunal, cuja origem, ao menos para ele, era ainda um mistério.

EXPRESSO DO ORIENTE

DENYEL ESTAVA ENTUSIASMADO COM A NOVA TAREFA, E ERA JUSTAMENTE ISSO que o perturbava. Por mais de uma vez, ele perguntou a si mesmo se era um assassino, como Yaga tão enfaticamente afirmara. Será que o prazer em matar era algo que vinha dele ou seria um impulso natural dos guerreiros? Será que sua única utilidade, dali por diante, seria exterminar outros anjos de maneira furtiva, covarde, sem dar a eles a oportunidade de reagir? E o prestígio das guerras, das grandes batalhas, a satisfação em trocar golpes de sabre, a glória em ver um adversário caído? Sim, ele era um soldado, como todos os outros, mas só em teoria. Quando teria a chance de enfrentar um oponente à altura? Quando poderia, novamente, usar sua espada, lutar como um autêntico celeste? O exilado não tinha essas respostas e não as teria por um bom tempo. O que ele sabia com certeza, naquele verão de 1972, era que tinha uma missão a cumprir e que a completaria, não importava quanto custasse.

Com os cinco mil dólares de adiantamento, Denyel se hospedou no Pera Palace, o hotel mais cobiçado de Istambul, construído no século XIX para receber europeus e célebre por inspirar a escritora Agatha Christie em vários de seus romances, incluindo a obra-prima *Assassinato no Expresso do Oriente*. A escolha do Palace não era mero capricho. Os quartos da ala norte contavam com uma ampla vista para o Grande Bazar, que do alto parecia um emaranhado de casas, com as galerias cobertas separadas por pátios retangulares, todos ocupados por guarda-sóis da Bacardi. Durante a primeira semana, tudo o que Denyel fez foi observar – e absolutamente mais nada. Cerca de 95% do trabalho de um espião, ele refletiria anos depois, diferentemente do que se vê no cinema, resume-se a estudar o cotidiano da presa, para só então apertar o gatilho.

Na segunda semana, Denyel comprou um terno preto, porque a jaqueta, segundo ele, dava-lhe um ar muito americano, e passou a se aventurar pelas sendas do comércio. O perigo era o de sempre: ainda que ocultasse sua aura, um anjo normalmente é capaz de reconhecer outro mediante contato visual, então ele não poderia ser visto, ou toda a operação cairia por terra. Nos dois primeiros dias, ele nem se aproximou da barraca de Kazan. Preferiu sondar o perímetro, fingir que bebia chá nos átrios, conversar com os vendedores, ao passo que esquadrihava as vielas, comprava suvenires, especiarias e livros, cuidando para não chamar atenção. À noite, ao voltar para o hotel, cruzava com um ou outro fantasma, espíritos de todas as eras, fenômeno relativamente comum em qualquer cidade tão velha.

Na manhã do terceiro dia, Denyel enfim avistou o alvo em carne e osso, enquanto ele negociava um rolo de seda. Passou a segui-lo, empregando a mesma estratégia que usara com Gregorion, mas dessa vez ocorria um

problema. Ao encerrar o expediente, Kazan rumava pelos becos do centro comercial, acenava para seus funcionários e simplesmente desaparecia ao virar uma esquina. O acontecimento, que se repetiria continuamente, deixou o celeste confuso, porque não apenas a aura se apagava, mas o cheiro também — em outras palavras, ele sumia do nada.

O jeito foi espreitá-lo durante os turnos da manhã e da tarde. Kazan saía da loja às treze horas e andava direto à Mesquita Nova, próxima ao porto, para rezar com os mortais — a tradição muçulmana prega que os fiéis rezem cinco vezes ao dia e compareçam, ao menos uma vez, a um santuário sagrado do Islã. Denyel anotou mentalmente a rotina do anjo e marcou o ataque para uma sexta-feira, às sete horas da noite. O horário parecia perfeito, porque o movimento já teria acalmado e o exilado poderia encurrular sua vítima, exterminá-la e dar o fora antes que a polícia chegasse.

Encontrou-se com Yaga às dezoito horas num dos hans do Grande Bazar, como os turcos chamam os pátios a céu aberto. Bebeu uma taça de araque, explicou a ela os pormenores, e os dois saíram para executar o serviço, como um casal de muçulmanos. Cruzaram uma galeria de teto curvo, decorada com azulejos coloridos, entulhada de produtos não só nas butiques, mas no chão, atravancando a passagem. Passaram ao lado de uma vitrine de jóias, reclinaram a cabeça sob um varal de bandeirinhas e estacaram atrás de uma pilha de roupas, para espiar o elohim a uma distância segura.

Às dezenove horas, as luzes começaram a se apagar, pouco a pouco. Ainda estava claro lá fora, mas, como as galerias são cobertas, ao fim das atividades o bazar assume uma atmosfera sombria — mais do que isso, fantasmagórica. Kazan demorou uns dez minutos no caixa e deixou o estabelecimento sozinho. Denyel não poderia imaginar uma oportunidade melhor e o acompanhou sorratamente, com Yaga a cinco passos na retaguarda. O que mais o preocupava era a possibilidade de ele desaparecer, como acontecera nos dias anteriores, então se decidiu por um bote ligeiro, tão logo fosse possível aplicá-lo.

O alvo se meteu em um beco, ainda dentro do Grande Bazar, e ao perceber que ninguém os observava o exilado sacou a arma, mas ao fazer isso o elohim o notou. Diferentemente de Gregorion, Kazan pensou rápido e saltou para dentro de uma barraca, desviando-se da linha de tiro — a loja tinha duas entradas, dando saída para um corredor paralelo. Denyel o acossou, correu para outro beco, depois chegou a um terceiro, cortou caminho por dentro de uma cafeteria, até que ele e Yaga se depararam com uma encruzilhada.

— Vá por ali — Denyel sugeriu que ela tomasse a bifurcação à esquerda e ele à direita, mas de início a parceira não aprovou a idéia.

— Não — balançou o pescoço. — Não devemos nos separar.

— Quer perdê-lo de vez? — pressionou. — Faça o que eu digo.

Na correria, Yaga acabou cedendo e os dois se dividiram, indo cada qual por uma ruela. Àquela hora, o mercado estava quase todo escuro, com apenas algumas lâmpadas acesas para orientar os guardas de segurança.

Denyel focalizou o chão, rastreou as marcas de borracha no piso, dobrou em um passadiço e para sua surpresa encontrou Kazan. Com uma chave ele tentava destrancar uma porta de ferro, que se abria no centro de uma parede de rocha, cuja estrutura remontava ao século XVII. Ao dar-se conta de que estava cercado, o elohim ficou trêmulo, nervoso, as pupilas se dilataram, e ele se complicou com a fechadura. Errou o buraco, dando espaço para o querubim atirar.

O primeiro disparo atravessou-lhe a nuca e saiu pela garganta, com um som agudo, de espoleta queimada. O segundo penetrou no coração, o terceiro, novamente no coração, e os outros acertaram o tronco, do abdome aos pulmões. Kazan desabou com a chave ainda na mão, as pálpebras se fechando, o braço esticado, o bigode encharcado de sangue, as roupas vermelhas, crivadas de tiros.

Denyel testou sua pulsação, para ter certeza de que estava morto. Espiou sob a soleira e o que viu foi uma escada de pedra, aparentemente muito antiga, que descia em espiral.

Ficou curioso.

Girou a cabeça. Nenhum humano por perto.

Destravou a porta. Guardou a pistola e entrou.

Os degraus desciam por quarenta metros. No princípio não havia luz, e Denyel teve de se orientar pelo tato, mas à medida que avançava foram surgindo lamparinas fluorescentes no teto, e de uma hora para outra as paredes não eram mais de rocha, e sim de cimento. Ele virou o rosto para trás, tentou enxergar as alterações no percurso, mas não conseguiu descobrir em que ponto, exatamente, acontecera a mudança.

O cheiro também não era mais o mesmo. O aroma de especiarias, tão característico de Istambul, fora substituído por uma heterogênea fragrância, mistura de suor, graxa e perfume. Sentiu uma lufada balançar seus cabelos e escutou vozes desconexas, de várias pessoas conversando ao mesmo tempo, intercaladas por sons metálicos.

A escada terminava em outra porta, sem fechadura aparente. Denyel apenas rodou a maçaneta e a abriu. Do outro lado, vislumbrou uma nova galeria, totalmente diferente daquelas do Grande Bazar, revestida de azulejos brancos, parecida com os túneis do metrô de qualquer grande cidade.

Mas em 1972 não existiam linhas de metrô em Istambul, a não ser que estivessem sendo construídas às escondidas, o que lhe parecia pouco provável.

Saiu e topou com uma cena extraordinária. Sobre uma plataforma, aguardando a chegada dos trens, estavam umas cem pessoas — entre homens e mulheres —, muitas de pele branca, vestidas de sobretudo, terno, roupas de trabalho, carregando maletas e mochilas, algumas tagarelando em francês.

O inesperado da situação o paralisou, e ele ficou imaginando o que faria a seguir, o que seria o correto a fazer. Reparou numa placa azul colada à

parede, diante da pista de embarque, onde se lia, em letras brancas e garrafais, a palavra "Opéra".

Opéra?

Denyel não estava mais na Turquia — ele estava em Paris!

Denyel recuou alguns passos. Sem tocar em nada, sem dizer palavra, correu de volta à porta de ferro e subiu a escada, refletindo sobre os obscuros poderes dos elohins, uma casta que os outros celestes pouco conhecem, seres que possuem capacidades ocultas, entre elas, ao que agora se apercebia, a de abrir atalhos dimensionais, técnica talvez semelhante às divindades dos malakins, porém utilizada para outros propósitos.

Retornou ao Grande Bazar com o coração acelerado, a boca seca. Pegou a chave que roubara de Kazan, trancou a fechadura e, em vez de jogá-la fora, guardou-a no bolso. Um segundo depois, Yaga reapareceu.

— O que está fazendo? — sirenes ecoavam ao longe. — Por que não respondeu quando o chamei?

— Estava ocupado, moça — disfarçou. — Mas agora está tudo acabado.

— O que houve?

— Nada — falou como uma criança arteira. — Kazan está morto — apontou para o corpo rijo, banhado em sangue. — Não era isso o que queria?

— Eu não queria nada. — Esticou a mão para ele. — Usou todas as balas?

— Sim, todas elas. — Denyel sacou a Beretta, retirou o pente e o entregou. — Pode conferir se quiser.

— Está bem — Yaga o encarou de través, suspeitando de que alguma coisa fugira ao controle. Mas a missão estava completa, de qualquer forma. Era tudo o que ela precisava saber. — Agora, é melhor encontrar um jeito de sair daqui. — A polícia cercava o empório. — Deixei instruções na recepção do seu hotel. — E murmurou, penetrando nas trevas: — Até breve.

TETH

Katmandu, "Nepal, dias atuais

KAIRA ACORDOU COM UM ESTRIDENTE SOM DE BUZINAS, E QUANDO ABRIU os olhos, era como se estivesse em outro planeta. De repente, as esplêndidas montanhas do Himalaia haviam desaparecido, e agora ela se encontrava no centro histórico de Katmandu, a fervorosa capital do Nepal.

O ônibus estacionou em uma avenida poeirenta, repleta de táxis, carros de passeio, motos, bicicletas e pedestres por todos os lados, incluindo turistas, que compravam frutas e suvenires nas barracas de rua. Prédios modernos dividiam espaço com templos hinduístas, muitos dos quais já eram antigos na época do nascimento de Buda. Os anúncios de lojas, agências de viagens e restaurantes faziam de Katmandu uma cidade animada, embora suja, com a pintura das casas rachando, os postes de luz enferrujados, emaranhados de fios. Um letreiro preto e azul indicava a entrada para o banco municipal, e ao lado dele a seta pintada em um cartaz oferecia cursos de computação, as palavras escritas em inglês.

— Dormiu a noite toda — Urakin surgiu entre as poltronas. — Como se sente?

— Bem melhor. Quase boa, na verdade — a ruiva se espreguiçou no assento. Era manhã, e o dia estava nublado. — Essa é nossa última parada?

— Penso que sim. — O gigante ofereceu ajuda para ela se levantar. — Ismael me explicou o plano inteiro, mas confesso que não entendi. — Eles viram que o Executor retornava ao transporte, após uma breve investigação sobre a configuração das travessas. Seguiu à cadeira da arconte.

— Já consegui o que queria — o hashmalim avisou, pedindo-lhes que o acompanhassem. — Basta virem comigo.

— Para onde? — perguntou Kaira, à descida do ônibus.

— Para as piras funerárias do rio Bagmati — retorquiu, sem mistérios. — O Bagmati é um dos rios sagrados para os hindus, um local de reunião de espíritos, se é que podemos chamar assim. — Juntos, eles passaram por um quiosque que vendia câmeras fotográficas, onde os estrangeiros eram assediados pelos ambulantes. A presença de Ismael, contudo, inibia a aproximação dos mascates, tão sinistra era a aura que radiava. — Creio que, neste caso, os mortos podem nos servir melhor que os vivos.

À medida que o movimento crescia, o Executor cortou caminho por ruelas apertadas, depois adentrou uma praça frequentada não só por humanos, mas também por macacos resos, que pulavam soltos pelas árvores, corriam em cima dos muros, espreitavam nos telhados. Do pátio, eles contemplaram a estupa dourada sobre o Templo de Pashupatinath, o mais

importante sítio de peregrinação do Nepal e um dos mais significativos do mundo, dedicado ao deus Shiva e decretado Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Urakin farejou água doce, misturada ao odor de esgoto, fezes e carne queimada. Os anjos cruzaram uma ponte até a seção posterior das muralhas e chegaram a uma ampla escadaria de pedra que descia às águas cinzentas do Bagmati. Sobre a escada havia quinze plataformas de rocha, onde eram feitas cremações artesanais, um processo delicado e ritualístico. Naquela manhã, essas plataformas, ou ghats, como se diz em sânscrito, estavam abarrotadas, cada uma cercada de parentes e amigos do morto, que pousavam os defuntos sobre toras de madeira para dar início à cerimônia. Oferendas eram lançadas ao rio, frutas e cereais principalmente, que logo terminavam no estômago dos incansáveis macacos, os quais, por serem considerados animais sagrados, não podiam ser reprimidos.

Kaira avistou o plano astral e distinguiu centenas de espíritos sentados em fila, pacientemente aguardando que seus corpos materiais fossem cremados, para só então ascender. É curioso, ela refletiu, como a consciência humana não só resiste à morte, mas é ela própria que determina os caminhos que a alma percorrerá dali em diante. É justamente o peso da consciência que faz o espírito decair ao inferno, flutuar ao Terceiro Céu ou encalar nas bordas da Gehenna para ser julgado pelos hashmalins, como na alegoria egípcia do coração, segundo a qual o órgão não deve pesar mais do que uma pluma, ou o falecido será afastado da graça e jogado às presas do monstro Ammit, para ser comido por séculos.

— São tantos — Urakin se surpreendeu com a quantidade de almas. — O que estão esperando?

— Estão esperando a purificação — disse Ismael. — Sem isso, eles não se julgam aptos a se desligar da Haled.

— E se por algum motivo o ritual não for completado? — Kaira ficou intrigada. — O que acontece?

— Depende. Muita coisa pode acontecer. Uns viram meros fantasmas, outros se transmutam em divindades — Ismael desceu os degraus, quase pisando nas marolas. — Sabe-se que certos heróis míticos, tão ligados às suas comunidades, decidiram espontaneamente não ascender, permanecendo na companhia de seus adeptos, aconselhando-os a partir do etéreo. — E acrescentou, com certo grau de respeito: — Os deuses do hinduísmo são antigos e fortes, alguns têm praticamente a idade da raça humana.

Enquanto conversavam, Urakin notou uma presença que os seguia e, ao se virar para trás, encontrou dúzias de almas, as mesmas que aguardavam a cremação e que agora os circundavam, metade delas ajoelhada, com os braços para cima, as palmas abertas, entoando cânticos de adoração. Curiosa, a ruiva se achegou às imagens, que surgiam difusas através da membrana, para tentar distinguir seus gemidos.

— "Teth" — ela exclamou, primeiro concentrada nos mortos, depois encarando Ismael. — Parece que estão dizendo "Teth".

— Sim, acho que sim — acedeu. — Não conheço essa palavra. — Ele reparou que a maioria dos espíritos era de pessoas idosas, que haviam perecido naturalmente. — Deve ser um nome.

— O nome de um deus? — sugeriu Urakin. — Deus é o que não falta neste país.

— De fato — o Executor foi sincero. Deu um passo à frente, ficou de cócoras e fez perguntas aos falecidos, mas de um jeito que Kaira e Urakin não entendiam. Ele pronunciava frases em nepalês, contudo usava sons diferentes, lentos, enrolados, como alguém que rosna com as cordas vocais. O ruído saía como um sussurro e, conforme ele explicaria mais tarde, constituía um dialeto adaptado aos recém-desencarnados, regulado de acordo com as ondulações do tecido. — Para eles, Teth é um homem sagrado, que mora nas florestas do sul — ele se reportou à arconte após cinco minutos de conversa com os mortos. — Os espíritos dizem que somos "iguais a Teth".

— Iguais? — reagiu ela. — Então esse Teth pode ser um anjo?

— Sim, e muito provavelmente um elohim. — Ismael se recordou do que sabia sobre a ordem. — Desde antes do dilúvio, os elohins assumiram postos de conselheiros na terra. É parte da natureza da casta, e eu não me surpreenderia se encontrasse um deles bancando o guru.

— Perfeito. — Urakin queria resolver logo a questão. — E onde está Teth agora?

— Pelo que eles disseram, em Bihar, na Índia.

— Não é longe daqui — Kaira era quem melhor conhecia as distâncias geográficas. — Mas que garantia temos de que Teth vai nos ajudar?

— Nenhuma — o Executor declarou. — Mas eu arriscaria. Primeiro, porque nossas opções estão acabando. Segundo, porque os elohins são apolíticos. Cada um age individualmente, sem a obrigação de prestar contas aos superiores. — E acresceu: — Se Teth for mesmo um elohim, vai colaborar se pagarmos o seu preço.

— Mesmo que paguemos — era função de Kaira examinar todos os detalhes antes de bater o martelo —, como um elohim poderia nos servir?

— No momento, estamos procurando transporte, e a casta é conhecida pela habilidade de abrir atalhos, túneis de ligação entre dois pontos no mesmo plano de existência. Talvez Teth possa nos levar para mais perto de Egnias, de forma imediata e segura.

— Parece interessante — Kaira julgou que valia a pena tentar. — Mas como o acharíamos no meio dessa floresta ao sul?

— Um dos espíritos poderá nos guiar, e fará por livre vontade. — Apontou para o ajuntamento de almas, disse mais algumas palavras e uma delas se ergueu, a figura de um homem moreno, por volta dos 60 anos, a barba enorme, vestindo uma tanga laranja e pintado com listras brancas sobre a testa. Era (ou havia sido) um dos ascetas, uma classe de pessoas bastante comum na região do Nepal, adeptos de uma filosofia que prega a recusa aos prazeres carniais.

– Um espírito? – Urakin estranhou. – Seguiremos um espírito?

– Gostaria que fosse tão fácil – Ismael estava pensativo. – O corpo astral não pode se afastar do cadáver físico, não no caso dos hindus. É uma limitação que eles mesmos se impuseram, e não há como convencê-los do contrário. – Mas acrescentou mesmo assim: – A não ser que sejam capazes de caminhar com as próprias pernas.

– O que está propondo? – Kaira não captou a mensagem.

– Posso transferir qualquer uma dessas almas para o corpo de outro ser humano, mas, além de eticamente errado, sempre há o risco de não dar certo, de o hospedeiro resistir. – O processo de confinar um espírito dentro de um mortal ainda vivo é conhecido como possessão, técnica amplamente usada pelos demônios e considerada repugnante pelos anjos bondosos, por negar ao terreno o que ele tem de mais precioso: o livre-arbítrio. – Outra alternativa seria usarmos um defunto, mas para tal precisaríamos de um cadáver fresco, com os músculos ainda articulados. – O chamado rigor mortis, fenômeno que acomete o morto a partir das primeiras três horas após o óbito, endurecendo seus membros, costumava tornar difícil, tanto aos bruxos quanto aos celestes, a criação de servos zumbis. – Quem sabe não tentamos a sorte no hospital da cidade?

– Suas propostas são eficientes, mas inaceitáveis, Ismael – a arconte não aprovou essa parte do plano. Ela imaginou quão grotesco seria caminhar lado a lado com um pedaço de carne, sentir os odores da putrefação, assistir à pele descascando. – Teremos de pensar em outro meio. – E assim ela se sentou nos degraus para ponderar sobre o que faria a seguir, mas nada lhe veio à cabeça. Observou os macacos que faziam algazarra, devorando as oferendas, correndo sobre as pontes, e então teve uma idéia. Chegou perto de um bando de resos. Estendeu a mão. Um deles a mirou com a face corada, as sobrelhas peludas. – Olá, pequenino – Kaira esfregou o polegar contra o indicador, como quem faz para atrair um gato. – Sinto muito interromper o banquete – fez um sinal para o Executor, que se aproximou trazendo o espírito –, mas hoje precisaremos da sua ajuda.

CASA SEGURA

Londres, 29 de agosto de 1972

DENYEL APORTOU EM LONDRES NO FINAL DE AGOSTO DE 1972. NAQUELE ANO, o outono chegara mais cedo, trazendo umidade e ventos frescos, escurecendo as folhas do Hyde Park, dando novo alento à temporada de críquete. Os cinemas de West End exibiam O Poderoso Chefão, com filas quilométricas desde a estréia, e nos palcos da cidade a atração era o polêmico Jesus Cristo Superstar, famoso musical da Broadway que batia recordes de lotação. Nas lojas, nos táxis e nos consultórios médicos, só o que se escutava era a balada romântica "Let's Stay Together", escrita e interpretada pelo cantor americano Al Green em 1971, entrecortada por acordes de uma ou outra canção dos Rolling Stones.

Na esfera política, a situação era tensa desde janeiro, quando soldados do exército britânico dispararam contra manifestantes na Irlanda do Norte, ferindo 26 pessoas e matando catorze, entre elas seis menores de idade, em um episódio que ficou conhecido como Domingo Sangrento. Por toda a Inglaterra, o gabinete conservador do primeiro-ministro Edward Heath temia represálias do IRA, o Exército Republicano Irlandês, reforçando os alertas contra ataques terroristas nas principais cidades do Reino Unido, divulgando comunicados para que as pessoas evitassem aglomerações, "especialmente nos fins de semana".

O prédio selecionado por Yaga ficava no número 46 da Rua Vauxhall Bridge, apartamento 12. Não parecia um lugar requintado, mas a região era central, próxima à torre do Parlamento e à Abadia de Westminster, a poucas quadras do Parque St. James e da cobiçada Rua Downing. A fachada era simples, cerrada por uma porta de metal e acrílico, quase imperceptível ao lado de um beco que dava acesso a outros prédios de apartamentos. A caixa de correio ficava na portaria, com uma das faces virada para a rua, e era equipada com um botão que acionava uma campainha cada vez que o carteiro passava.

Para se chegar ao apartamento 12, subiam-se seis lances de escada até o quarto e último andar. Na época, os elevadores ainda não haviam sido instalados, o que só viria a acontecer em meados dos anos 80. A porta de entrada era robusta, uma grande chapa de madeira branca com números de bronze pregados a meia altura. Denyel rodou a maçaneta e, apesar da promessa de uma "casa segura", sentiu vibrações esquisitas, não necessariamente malignas, radiando dos cômodos à frente. Àquela altura, ele sinceramente não acreditava que estivesse em perigo — uma emboscada seria óbvio demais, além de pouco provável. No entanto, desde Marie et Louise ele aprendera a não confiar em Sólon, que o enviara a uma "simples

missão" para investigar "anomalias energéticas". Sendo assim, achou melhor não arriscar. Sacou a Beretta 9 milímetros, que mesmo sem as possantes balas de Yaga era ainda uma arma mortal, pegou a chave e destravou o ferrolho.

O que ele enxergou a seguir foi um apartamento tipicamente londrino, organizado a partir de um só corredor, que começava na antessala e terminava na cozinha, construída em forma de L. Os demais aposentos se abriam nas laterais: um quarto e a sala à esquerda e outro quarto com o banheiro à direita. O assoalho estava forrado por um carpete cáqui, e as paredes pintadas de branco, com cortinas verdes e janelas alvas, enfeitadas por armações de madeira.

Já nos primeiros metros, Denyel percebeu que duas forças antagônicas residiam na casa. Uma delas emanava do quarto da frente, e a outra brotava do sanitário. Com a pistola engatilhada, ele arrastou a porta do dormitório à esquerda e discerniu o fantasma de uma mulher idosa, deitada na cama de barriga para cima, usando um avental listrado, de cabelos grisalhos e grandes óculos de aro grosso. Descansava, aparentemente, e o exilado não quis despertá-la, porque via de regra os espíritos, mesmo os mais calmos, costumam gastar horas se lamentando, e ele não tinha paciência (nunca tivera) para aturá-los. Os fantasmas, ele comparou, eram como mendigos planares, figuras ignoradas na maior parte do tempo, que vagavam solitárias, quase invisíveis, mas que podiam ser um transtorno se você lhes desse demasiada atenção. Guardou a Beretta na calça e deu um passo atrás quando a velha fez um movimento com a mão.

— Sandy? — ela sibilou, sentando-se no colchão. — Sandy, é você?

— Não, madame. — Denyel inventou uma história. — Ela ainda não chegou.

— Está demorando um bocado, não acha? Logo hoje. — A anciã saiu da cama, calçou os chinelos e veio ao seu encontro. — Que horas são? Já é tarde?

— Perto das três. Cedo ainda.

— Humm... — sorriu para ele. — Então, tudo bem. — Fitou a mesinha de cabeceira, buscando alguma coisa que não estava mais lá. — Como vão indo as coisas na fábrica?

— Caminhando. — Naquele momento, tudo o que Denyel queria era se esquivar, mas ficou com pena. Não tinha a menor idéia de quem era Sandy e só podia supor que fora confundido com outra pessoa.

— E o negócio das docas?

— Tudo certo também. — Recuou ao corredor. — Incomoda-se se eu esperar por ela na sala?

— Fique à vontade. Comprei chá, torradas e pasta de fígado — ela disse.

— Poderia verificar o açúcar?

— Posso sim, não se preocupe — e, antes de ir embora, ouviu a idosa ruminar:

— O senhor é muito bonito. E respeita os mais velhos. — Outro sorriso, um sorriso materno. — Esses jovens de hoje nem falam mais com a gente. —

Tirou as sandálias e se esticou. — Entram e saem sem dizer uma palavra, acham que estão na casa deles. Na minha época não era assim.

Denyel se afastou, com a mesma sensação de quem deixa um hospício. Conversando com os moradores do terceiro andar, meses depois, ele descobriria que o nome da mulher era Norma, falecida em casa em setembro de 1949, enquanto aguardava a visita da filha, Sandy Brooks. Em contraste com a maioria dos fantasmas, Norma não era uma criatura angustiada, apenas pensava estar viva, característica fundamental das almas penadas. Esses espíritos, os fantasmas domésticos, eram os mais fáceis de serem libertos — bastava que alguém estivesse disposto a lhes contar a verdade. O próprio Denyel teria feito isso, mas logo compreendeu, com certo pesar, que libertar Norma não seria uma idéia inteligente, posto que eram justamente essas forças que tornavam a casa segura, pois provocavam abalos no tecido e mascaravam sua aura celeste — não apenas as trepidações de Norma, mas a de outra entidade, oposta a ela, presa ao banheiro por seus pecados terrenos.

Certo de que nada mais encontraria que o ameaçasse de fato, o exilado adentrou o sanitário e ficou atônito com o que viu. No minuto em que enfiou a cabeça para dentro, deu de cara com o espírito de um rapaz na casa dos 20 anos, trajando ceroulas brancas, parado defronte à privada com uma espingarda calibre 12 entre os joelhos. O jovem segurou a arma, e num ato de reflexo Denyel saltou à direita, apenas para escutar o disparo através da película. O fantasma soltou um berro, meteu o cano na própria boca e apertou o gatilho. No plano astral, o chumbo abriu-lhe um buraco no crânio. O cérebro foi lançado para fora, manchando os azulejos com uma pasta de sangue, lembrando um frasco partido de geleia.

O anjo bateu a porta, e, quando tornou a abri-la, a mesmíssima cena se repetiu, levando-o a concluir que o suicida era, destarte, uma das sombras, seres condenados a reviver eternamente o momento da morte, sempre que se reproduziam as condições para tal. Os mesmos vizinhos que lhe informaram sobre Norma viriam a revelar, em conversas posteriores, que o garoto em questão se chamava Greg e se matara no inverno de 1961, por motivos "não esclarecidos". Essas criaturas constituem reservatórios de pura agonia, confinadas a determinada região assombrada, e emanam energias desconfortáveis, sobretudo aos mortais mais sensíveis. O lado positivo, refletiu Denyel, era que as sombras são como imagens engessadas, como um disco arranhado, capaz de tocar uma só nota, então ele não seria perturbado por Greg, contanto que evitasse o banheiro.

Na primeira noite em seu novo refúgio, Denyel comprou uma garrafa de Cutty Sark no mercadinho árabe da esquina e passou a madrugada colado à janela, bebendo o uísque em pequenos goles, observando o movimento na Rua Vauxhall, apreciando os carros da moda, as motocicletas, os táxis pretos de Londres.

Com o tempo, as coisas acabariam por se ajustar. Nas semanas adiante, ele se habituaria à presença dos colegas astrais, já que não tinha nada a fazer.

Tomou para si o quarto dos fundos, menor que as dependências da frente, porém com uma belíssima janela, alta e clara, que dava vista para o Big Ben. Decidiu não se aventurar mais no banheiro, e quando precisava urinar, sempre que bebia muita cerveja, usava o lavabo. O fantasma de Norma saía da cama toda tarde, às dezessete horas, para preparar um chá que não existia e "andar um pouquinho". Quando Denyel estava em casa, ela perguntava se ele "aceitaria uma xícara com dois torrões", o exilado recusava e ela voltava a dormir, simplesmente.

Os demais condôminos eram quietos e reservados. Nas poucas ocasiões em que esbarrava com eles, na portaria ou nas escadas, contava que era solteiro e tinha um emprego que o obrigava a viajar com certa frequência. Quando indagavam o que exatamente ele fazia, Denyel respondia, meio sério, meio brincando:

— Presto serviços para terceiros. — E completava, escapando pela tangente: — Limpeza a jato.

Os primeiros flocos de neve de 1972 começaram a cair no dia 23 de dezembro, mais precisamente às 16h23. Era tarde de sábado. Denyel estava fora de casa, assistindo à reprise vespertina de um de seus filmes prediletos, Dirty Harry: Perseguidor Implacável, em um tradicional cinema na descida de Notting Hill. Quando saiu para a rua, encontrou a calçada branquinha, as crianças montando bonecos de neve, os telhados decorados com pontas de gelo. Fechou o zíper da jaqueta — era ainda o velho casaco de couro marrom, comprado na Califórnia em 1956 — e subiu à Rua Portobello, aproveitando para espiar as vitrines enquanto as lojas ainda estavam abertas. Parou em frente a um bazar de antiguidades e de longe avistou um revólver Webley Mark, idêntico ao que usara para liquidar uma trupe de alemães na Batalha do Somme, no longínquo verão de 1916 — parecia ser a arma dele, com efeito, a exata pistola que ele portara. Dirigiu-se à prateleira e encostou os dedos sobre o cano, recordando em lampejos cenas desconexas daquela que fora, provavelmente, a mais sangrenta ofensiva da história.

Não tenho medo de morrer. Mas tenho medo de ser morto — escutou mentalmente as palavras do antigo companheiro de guerra, o irlandês Bartley Smith, e reviveu o instante em que ele morreria, perfurado por uma dezena de projéteis de metralhadora. Que merda. Não escrevi a maldita carta, dissera o amigo, preocupado com o bilhete à família. Você disse que seria como uma caçada. Explosões de granadas, morteiros, cadáveres para todos os lados, as trincheiras apinhadas, fedorentas. Sangue, pólvora, terra molhada, fezes, ratos que não acabavam mais. Paris é adorável nesta época do ano.

— Posso ajudá-lo? — um homem de meia-idade, cabelos brancos, usando um suspensório azul, despertou-o do transe.

— Hã? — o exilado piscou. — Sim. — Mostrou-lhe a pistola. — Quanto está pedindo por ela?

— Faço por trinta libras. — Fez uma pausa, esperando que Denyel contra-atacasse, mas como ele nada disse o vendedor o instigou. — Quer

pechinchar?

– Para falar a verdade, acho que ela vale mais do que isso. – Girou o pescoço e examinou cada um daqueles itens raros, nem todos preciosos, mas certamente impregnados de fortes lembranças. – Será que ainda funciona?

– Claro que funciona. Difícil é encontrar as balas. – E acrescentou: – Vai precisar de uma licença de colecionador. Já tem uma?

– Não. Demora muito para tirar?

– Se tiver residência fixa, é bem rápido. Mostro como se faz, caso queira.

Denyel serpenteou por entre as mesinhas, projetou-se para além das estantes, admirando os porta-retratos, os lampiões de bronze, as bonecas sem braço, as placas sujas de graxa, as chaleiras feitas de prata, os bibelôs vitorianos. Compreendeu, ao folhear uma revista *Life*, por que todo ser humano, cedo ou tarde, precisa morrer, e por que os anjos, em contrapartida, são criaturas perenes. Não há como deter o ciclo da vida, não existem meios de atrasar a roda do tempo, e, enquanto ela gira, os celestes continuam parados. Uma vez destinados à terra, os alados invariavelmente terminam como ele, torturados pela saudade, feridos pela nostalgia de uma era que eles, como imortais, nunca vivenciaram de fato.

Por um segundo, seus olhos se fixaram em um painel japonês, o desenho pintado com nanquim sobre um pedaço de tecido rústico. Monocromática, a arte retratava um círculo de guerreiros nipônicos, cada um deles segurando uma pequena espada curva, encravando a lâmina na própria barriga.

– Ei. – O querubim apontou para o quadro. – O que eles estão fazendo?

– *Seppuku* – o comerciante respondeu, afiado. – É um antigo ritual praticado no Oriente. Essa imagem retrata a cerimônia de suicídio coletivo que teve lugar em Kyoto dias após a legendária Batalha de Sekigahara, o épico combate que unificou o Japão. Com seus senhores capturados ou mortos, esses soldados não tinham mais objetivos pelos quais lutar.

– E por isso precisavam se cortar ao meio?

– Para um samurai derrotado, o *seppuku* era o único jeito de recuperar a honra. – Encolheu os ombros. – Pelo menos, eles assim pensavam.

– Que gente maluca – Denyel fez pouco caso. Ele não compreendia o que levava alguém a dar cabo da própria vida, e honestamente esperava nunca compreender. Desviou-se do painel e se voltou à pistola, decidido a comprá-la. – Sabe onde consigo outras como esta?

– Há uma feira de rua em Covent Garden toda segunda-feira à tardinha – o homem ajeitou os suspensórios. – Procure uma barraca que vende broches, capacetes, medalhas e roupas do exército. – Pegou uns papéis sob a bancada. – Quer ajuda com a documentação, afinal?

– Quero. – Denyel leu os termos do formulário, decorou suas cláusulas e assinou na linha pontilhada. – Para onde eu mando esta papelada?

E foi assim que ele começou a sua coleção.

O inverno de 1973 foi gélido.

Denyel nunca achou que fosse acontecer, mas aconteceu: a vida acabou

entrando nos eixos. O dinheiro que ele recebia era bastante para tudo o que precisava, uma rotina que se resumia a comprar bebidas, frequentar os pubs das sete às onze, assistir a filmes de ação e custear as despesas da marina onde o Eclipse estava ancorado. O pagamento chegava pelo correio todo dia 5 de cada mês, dentro de um envelope contendo rolos de libras esterlinas, o equivalente a dez mil dólares americanos. Receber um salário era reconfortante, mas tinha sua carga de estresse, afinal, teoricamente, ele ainda estava sob o comando de Sólon e podia ser reconvocado a qualquer instante.

Comemorou a chegada de 1973 em um bar irlandês em Chelsea, com pessoas que nunca tinha visto, batendo o recorde de copos de cerveja em um dia. Chegou em casa trocando as pernas e, ainda que não estivesse ferido, dormiu por dois dias seguidos, sem se levantar.

Na tarde de 4 de março, quase no comecinho da primavera, escutou a campainha do correio e desceu as escadas afobado, torcendo para que fosse o dinheiro. No lugar, havia um pacote lacrado, enrolado por um barbante. Levou a encomenda para cima, pousou-a sobre a mesa e a abriu com a ponta da chave.

Dentro, havia um passaporte britânico com a foto dele, identificado sob o nome de Eric Richard Tate, nascido em 1940 no condado de Bristol, funcionário de uma suposta firma de exportação. Yaga enviara também dois pentes recheados com as "terríveis balas" e uma passagem aérea da Alitalia, primeira classe, sem escalas, com destino ao Aeroporto Leonardo da Vinci. Anexo, havia um bilhete datilografado.

*Encontre-me em Roma ao anoitecer, dentro de seis dias.
O nome do lugar é Passo Nero. Traga a Beretta.*

ANDRIL

ISMAEL ESTALOU OS DEDOS NA FRENTE DO ROSTO DO MACACO. O BICHO FECHOU os olhos, estremeceu por inteiro e despertou com uma nova personalidade, agora incorporada ao espírito do asceta. O que o Executor fez foi transferir a alma do falecido para o corpo do símio, que endireitou as costas, catou do chão um graveto e saiu caminhando pelas ruas de Katmandu, acenando para os celestes, progredindo através dos becos, rumando aos subúrbios da capital. O acontecimento, embora extravagante à primeira vista, foi tomado como natural pelo morto, já que os hindus acreditam no interminável ciclo de morte e reencarnação, ainda que sua essência não tivesse propriamente reencamado.

Kaira decidira capturar o macaco por questões éticas, acima de tudo. Ismael havia sugerido a eles utilizarem um cadáver, mas os animais são, nesse caso, candidatos melhores, até porque não possuem livre-arbítrio, o que os torna mais facilmente condicionáveis. Nesse ponto, eles são mais parecidos com os anjos, já que suas escolhas são instintivas, a exemplo dos alados, cujas decisões são sempre regidas pela natureza da casta. Cientes disso, muitos sacerdotes de outros tempos usavam porcos e bodes em rituais de exorcismo — o curandeiro transferia o espírito maléfico para a carcaça do bicho e então o matava, libertando a pessoa da influência perversa.

Guiados pelo macaco, Kaira, Ismael e Uraquin chegaram ao complexo rodoviário de Katmandu e embarcaram em um ônibus com destino à cidade de Patna. Foi o próprio símio — o asceta, na verdade — quem lhes indicou o veículo, e quando ele entrou, trazendo os celestes consigo, ninguém os barrou, nem o motorista e tampouco os passageiros, que apenas os fitaram, uma cena burlesca em qualquer parte do mundo, menos nos países do subcontinente indiano. Segundo a tradição hinduísta, o deus Shiva certa vez desceu à terra na figura de um macaco chamado Hanuman, portanto qualquer primata com características humanas costumava ser reverenciado, jamais enxotado. Kaira ficou constrangida mesmo assim, mas continuou na cola do guia, que se acomodou na última cadeira, ao lado de Uraquin, enquanto ela se sentava no banco da frente, perto de Ismael.

O trajeto até Patna levaria dez horas. Quando os motores roncaram, Kaira esticou os pés sob a poltrona. Ela ainda não estava totalmente recuperada e aproveitaria a viagem para descansar. O Executor observava a janela com uma expressão distante, mirando um conjunto de prédios de concreto na periferia da capital nepalesa.

— O que o perturba, Ismael?

— No momento, absolutamente nada, minha líder — ele respondeu com clareza. — Só apreciando as torres brancas de Bama-Yun, bastiões de marfim com centenas de metros, erguidos pelos deuses pagãos para defender as

montanhas contra as tropas celestes, durante as Guerras Etéreas.

— Guerras Etéreas. — Kaira sabia, desde Rongbuk, que a visão de Ismael era capaz de penetrar às camadas mais profundas do mundo espiritual, uma habilidade que nem ela, nem Urakin possuíam. — Denyel me falou sobre elas, quando eu ainda era... — ela ia dizer "terrena", mas se calou.

— Denyel, o anjo exilado... — O Executor deu um longo suspiro e a interpelou com uma pergunta indiscreta. — Você o ama realmente?

— Se eu o amo ou não, não é o fator — os olhos verdes refletiram ao sol. — Meus sentimentos não têm nada a ver com o curso desta tarefa.

— Curioso — Ismael franziu o sobrolho. — julguei que fosse justamente essa a razão de nossa empreitada.

— Perceba o seguinte. — Uma nuvem escura encobriu o céu. — O que estou fazendo por Denyel, acredite, faria por qualquer um de vocês.

— Desculpe-me, mas não entendo — virou-se para ela. — Por que atrasar uma demanda tão importante para resgatar um único soldado? — E, antes que Kaira retrucasse, ele fez questão de acrescentar: — Por favor, compreenda. Sou seu servo mais dedicado e a seguirei até o fim. Gostaria apenas de compreender o motivo.

— Demanda importante? — A raiva moveu a cabeça em negativa. — Não há nada mais importante que isso. — Guardou silêncio por um momento. — Seu discurso é carregado com os preceitos da sua casta, e está claro que aprendeu a obedecer a ordens cegamente — segurou-se no braço do assento. — Denyel nos salvou muitas vezes, ajudou-nos a derrotar Andril, nosso último grande adversário, provou seu valor. Sem ele, estaríamos mortos. Sem ele, os exércitos de Miguel poderiam estar, agora, invadindo a Cidadela do Fogo. Precisamos dele para completar a missão.

— Como pode ter certeza?

— Intuição feminina — ela fez uma brincadeira, depois completou com um argumento mais sério: — No fundo, a gente nunca pode ter certeza de nada.

— Respeito os seus princípios — Ismael forçou um sorriso —, mas discordo deles.

— Não, você não discorda. Só pensa que discorda.

— Palavras de seu velho parceiro, o ofaním?

— Não. Essas palavras são minhas mesmo — explicou. — Certa vez, perguntei-lhe por que se uniu aos rebeldes, e você me deu uma resposta seca, mas saiba que não é apenas a retidão que governa seus atos. Conheci muitos alados como você, querubins na maioria, que pensam estar agindo de maneira prática, mas sempre há algo maior que os guia. — No leste, um nevoeiro abraçava as montanhas. — Pensa que não reparei como tratou seu antigo confrade, Abul, mesmo tendo ele decaído ao inferno? — As frases eram suaves e rígidas a um só tempo. — Sua simples disposição em nos acompanhar, sabendo que eu contrariei um arcanjo, torna evidentes os rumos de sua lealdade.

— Interessante — ponderou. — É algo a se pensar.

— É um juiz — ela continuou. — Como tal, deve honrar a justiça, e eu não vejo nada mais justo que partir ao resgate de um amigo. Por isso estamos aqui, por isso você está aqui — concluiu, despertando no hashmalim sentimentos que ele próprio desconhecia. — Foi o seu coração que o arrastou a esta batalha, não a natureza frígida da qual tanto fala.

— Parece mais sábia a cada dia, Centelha — ele declinou suavemente o pescoço, mas não chegou a concordar. — E eu achando que perdera a memória.

— Pressinto que elas estão voltando. — Kaira tivera sonhos confusos e não sabia como interpretá-los. — Só não sei se isso é bom ou ruim.

— Devemos ter cuidado ao remoer o passado. Pode não estar pronta para o que vai encontrar.

— Baseado em que está dizendo isso?

— Baseado em meu próprio trabalho. É o que fazemos na Gehenna. Revirar memórias, encontrar pecados. — Fez uma curta pausa. — Lembranças escondidas são como monstros numa caverna — garantiu Ismael, com a sapiência de quem conhecia o assunto. — Ou você os derrota, ou termina em pedaços.

O relato a seguir aconteceu há mais de cem mil anos, quando à casta dos ishins foi ordenada a destruição da espécie humana. O mundo era então coberto por uma extensa crosta polar, os mares se haviam endurecido, o céu se fechara numa só nuvem de escuridão e granizo.

Por todo esse tempo, nos campos brancos ao norte da África, a Deusa que Arde meditava, envolta no manto escaldante do lótus. Faltava pouco para que os mortais perecessem, para que toda a humanidade sucumbisse, e a Centelha Divina era, então, a única salvaguarda dos pobres terrenos, era a chama que aquecia seus lares, a luz que penetrava na noite, o sopro que lhes esquentava a caça.

Com os braços apoiados sobre os joelhos, as costas eretas, a Deusa que Arde desafiava o poder dos arcanjos, que enviaram um de seus arcontes para destroná-la. Confiante em sua tarefa, Andril, o Anjo Branco, ou o Deus Branco, como também era chamado, materializou-se diante da ruiva. Deu um passo na direção da flor e a encarou seriamente, imaginando os louros da batalha, a consagração que estaria por vir.

Mas a Deusa que Arde não se moveu, não prestando nenhuma atenção à sua chegada, atitude que o deixou furioso. Focalizando toda a energia em suas divindades, ele a cercou com uma névoa de densidade profunda, criando um casulo de gelo que apagou as pétalas em brasa, resfriando-lhe o corpo, tornando-a mais humana, quase mortal, com as madeixas escorridas sobre os ombros, as sardas agora mais vividas pontilhando o nariz.

— Desprezou-me anteriormente, Centelha. — O arconte não esquecia seus votos. — E no entanto aqui estou eu, pronto a cobrar minha vingança — avançou um metro contra ela. — Será morta por congelamento — e continuou falando, à medida que caminhava. — Esmagarei sua ousadia, acabarei com sua arrogância — os olhos piscavam de tanta ira. — Conheça a

mais formidável das minhas técnicas e saiba que foi por meio dela que a venci — estendeu o braço para tocá-la, quando enfim a ruiva se ergueu.

— Peço que não faça isso — a voz era um sussurro, porque fazia séculos que ela não falava. — Suas habilidades têm pouca serventia neste lugar.

Dessa vez, foi o Anjo Branco que não lhe deu ouvidos, tão certo estava de sua conquista. Segurou-a pelo queixo, mas ao encostar nela algo inesperado ocorreu.

Súbito, a aura da Deusa que Arde cresceu, dilatou-se num orbe de magma. O globo se alastrou em uma indescritível detonação colorida, uma mescla de fogo, lascas de gelo, jatos de água e lufadas de vento, que foi aumentando até se condensar numa descomunal redoma de plasma.

O estouro jogou Andril para longe, através das planícies, crestou os seus dedos, cegou-lhe a retina, derreteu toda a neve no entorno, revelou o chão de terra, os tufos de relva, as pequenas folhas que nasciam entre as pedras. Depois, o poder radiante subiu numa coluna, trespassou as nuvens para além do espaço, reaquentando os gases da atmosfera, tirando de órbita o astro moldado pelo Deus Branco, o satélite que obstruía os raios do sol.

Quando a explosão assentou, a entidade de mechas rubras inspirou o ar. O ar puro. O ar da primavera. O oxigênio das plantas. O cheiro das flores.

Orquídeas. Camélias. Rosas. Girassóis.

Grãos de pólen.

Gramados verdejantes.

Sob os galhos das árvores, um passarinho cantou. Um canário. Penas azuis. De onde ele viera? Como resistira? O mundo estava acordando. O planeta estava respondendo, estava vivo. Cada canto da Terra celebrava. Comemorava o fim do inverno. Os esquilos saíram das tocas. Insetos zumbiram. O orvalho escorreu pelos sulcos nos troncos. Pequenas abelhas logo construiriam seus favos. Os rios correriam de novo.

Perto dali, Andril jazia no solo, o corpo queimado, o rosto em carne viva, os ossos à mostra, a túnica colada à pele, derrotado por sua própria malícia.

— Mas... como? — ele gemeu. — Como é possível? Como reuniu tanto poder?

— Sou apenas um veículo — explicou a deusa. — Um veículo, nada mais. — Ela não desejava seu mal. — Venha comigo — ofereceu-lhe a mão. — Posso ajudá-lo.

— Nunca. — Andril umedeceu a garganta para um último apelo. — Mate-me — implorou. — Se deseja o meu bem, acabe logo comigo. Dê um basta nesta situação. — Regurgitou bolotas de sangue. — Jamais aceitarei esta vergonha. Não posso conviver com isto. — Solto um grito esgançado. — Mate-me!

Mas a Deusa que Arde não o matou. Não era essa a sua função, e, embora o Anjo Branco fosse um agente terrível, ela não pretendia exterminá-lo. O poder da vida, ela pensou. Era algo tão lindo, tão precioso. Um tesouro a ser preservado, não destruído, como lhe mostrara o canário.

Dos campos, ambos contemplaram o horizonte. O firmamento se abriu.

O sol renasceu.

ANJOS E DEMÔNIOS

Roma, 10 de março de 1973

O NOME DO DEMÔNIO ERA BAKUNO. CHAMADO POR SEUS BAJULADORES DE "o Forte", pertencia à casta dos baals, os torturadores do abismo, a ordem satânica análoga aos celestiais hashmalins. Bakuno não era um mero espírito que ascendera na categoria infernal, era um dos anjos caídos, uma entidade antiquíssima que se unira a Lúcifer na rebelião contra o arcanjo Miguel, sendo expulso para o Sheol, o Grande Poço ou apenas Porão, como se referem os diabretes mais toscos.

Conta-se que desde os tempos da República romana Bakuno vagava pelo oeste da Itália. Ele era então reverenciado por um culto latino que lhe oferecia sacrifícios, uma prática comum às religiões anteriores ao nascimento de Cristo. A seita ampliaria sua influência durante o governo de Júlio César, mas seus membros acabariam posteriormente condenados à força, acusados de conspiração. Depois de mortos, esses fanáticos adoradores de Bakuno se tornariam os seus primeiros servos-demônios, ajudando-o a conquistar novos domínios no inferno. O Forte coordenaria, daí por diante, sua própria hoste satânica, formada principalmente por raptores, diabos de baixa hierarquia, cuja tarefa é servir aos seus amos, atuando como mensageiros, espiões e soldados.

Passo Nero era o nome de uma cantina, um restaurante de fachada onde se reuniam os asseclas de Bakuno — e onde ele próprio residia. Ficava ao sul do Trastevere, a área "do outro lado do Tibre", uma região considerada pelos italianos a "autêntica Roma", mais ou menos afastada da agitação dos pontos turísticos. Caracterizado pela vizinhança de prédios rústicos e pelos clássicos varais suspensos, o Trastevere é também apreciado pelas igrejas medievais, pelos campanários românicos e pelas casas estreitas, escondidas no emaranhado de ruas.

Denyel descobriu o endereço pela lista telefônica. Pegou um táxi no aeroporto, saltou próximo à Ponte Sisto, andou algumas quadras e chegou a um estabelecimento de esquina, com as janelas ocultas por cortinas listradas. Havia um cardápio na porta, mas a sensação ao se aproximar era tão ruim que nenhum pedestre se arriscaria lá dentro. O Passo Nero não era frequentado por clientes comuns, mas pelos maliciosos raptores, que abriram educadamente a porta para ele e o convidaram a entrar. Bakuno não estava à vista. Tal como Yaga, ele desprezava os mortais, detestava tudo o que faziam e portanto evitava se manifestar no plano físico. Permanecia confinado à adega, recolhido à imagem de um borrão oscilante, com chifres, garras e dentes, recebendo seus seguidores, que desciam as escadas para buscar seus conselhos.

O local era sombrio. Cerca de quinze desses diabretes ocupavam o recinto, metade encarnada em seus avatares e a outra metade circulando no mundo astral. Suas formas espirituais eram pútridas, assustadoras a qualquer um que os visse, e mesmo em seus corpos materiais demonstravam carrancas estranhas, expressão maligna, e exalavam um odor nauseante. Usavam terno escuro, capote, chapéu, outros casaco de couro, calça de brim, macacão de trabalho, fumavam charuto, cachimbo, cigarrilha, e a maioria portava arma de fogo.

Por um momento Denyel pensou ter errado o endereço, até que viu Yaga acomodada a uma das mesas, trajando um longo vestido negro, com um lenço de seda em volta do pescoço. Um "garçom" o conduziu à sua cadeira e perguntou, suntuoso, o que ele desejava beber. O querubim achou engraçado, porque a situação chegava a ser cômica, mas era bastante lógica, considerando que os raptoreiros são espíritos novatos, ainda muito apegados à carne. Seu único poder digno de nota é a capacidade de assumir a forma de qualquer criatura morta por eles, sugando-lhe a energia e a copiando nos mínimos detalhes, habilidade que eles usavam para se infiltrar entre os humanos, para corromper os terrenos e perverter sua alma.

Denyel procurou se controlar, mas estava visivelmente desagradado. Era um guerreiro e, ainda que não estivesse em guerra com o inferno, a vontade que tinha era a de sacar sua espada (a mesma que Sólon lhe confiscara) e cortá-los ao meio. Como sempre, porém, fez vista grossa, em nome de seu compromisso com os Sete. Agradeceu a gentileza e pediu ao garçom que lhe trouxesse uma taça de vinho rosso, ou seja, vinho tinto, para então se ajeitar no assento.

– Conheço restaurantes mais pitorescos – o celeste se voltou para Yaga.

– Peça-me umas dicas da próxima vez que estiver na cidade.

– Não há nada de errado com o lugar. – O senso de humor não era, e nunca seria, o forte da intercessora. – Estamos perfeitamente seguros aqui.

– Minha cara, no que me diz respeito, não há nenhuma pessoa perfeitamente segura, tampouco fortalezas invioláveis – traçou um círculo com o dedo, rodando o anular para cima. – Se me permite esclarecer uma dúvida – deu um sorriso cínico –, pensei que nossa missão fosse de caráter secreto.

– Certos riscos são válidos, especialmente tendo em vista o que vai enfrentar. – Pela primeira vez, Denyel reparou que ela não trazia a maleta.

– Seu próximo alvo será diferente dos outros, e talvez precise de ajuda para exterminá-lo. – Fez um instante de silêncio, enquanto o garçom servia a bebida.

– Bakuno está disposto a nos prestar toda a assistência.

– Bakuno? Ora, é muita bondade. Então, por que não contrata os raptoreiros em vez de mim? – Ele se sentiu pessoalmente ofendido. Será que já não havia provado, depois de Gregorion e Kazan, que era um caçador perspicaz?

– Estou certo de que farão um preçõ mais camarada.

– Eu disse que talvez precise de ajuda, não que precisará. São suas as rédeas da operação, conforme acertado com Sólon. Com a única diferença de que agora terá à sua disposição os recursos que desejar, se desejar – frisou a última parte.

– Que tipo de recursos? – ele ficou curioso.

– Carros, armas, documentos, contingente. Seja o que for, o Forte providenciará.

– O Forte. Sei – sacudiu a cabeça na vertical. – Parece que já se conhecem bastante bem – provocou.

– Sim – admitiu Yaga. – Fomos parceiros na Gehenna, antes da queda de Lúcifer.

– Que amizade formosa – ele não resistiu ao sarcasmo. – Mas ainda assim, não sei exatamente por quê, tem uma vozinha martelando na minha cabeça, dizendo que Bakuno não é do tipo que faz as coisas de graça. – Essa era reconhecidamente a natureza satânica. – Qual o interesse dele em nos apoiar?

– O Forte procura obter benefícios, claro. Há milênios a cidade de Roma está em disputa. Os elohins tiveram seus dias de glória nos tempos do Império, mas perderam todo o esplendor quando anjos de outras castas, especialmente os querubins, abandonaram a terra para lutar o confronto no céu. Bakuno e seus diabretes se tornaram então mais ativos, mais impetuosos, porém decaíram no período do Renascimento. Desde o século XV os elohins são soberanos. – Fez uma pausa, observando a rua através da janela. – Hoje, anjos, de um lado, e demônios, de outro, travam um duelo particular e secreto pelo controle da Cidade das Sete Colinas. – E, a seguir, a informação relevante: – O nome de seu próximo alvo é Giuseppe di Lazio, o cabeça da congregação dos elohins, conhecido por nós apenas como Cardeal.

– Por que Cardeal?

– Sua família é patrocinadora de várias associações religiosas, mas não há um vínculo direto.

– Sua família?

– Sabe muito bem que os elohins, alguns deles, constituem família, como aconteceu a Gregorion. O Cardeal assume o disfarce do membro mais importante do clã e muda o primeiro nome a cada cinquenta anos, permanecendo no comando dos negócios de geração em geração. Bakuno almeja reconquistar seu prestígio, e não há outro modo a não ser destruindo o rival. – Apontou para a pistola que Denyel trazia à cintura. – De uma vez por todas.

– Parece simples – rebateu, sorvendo um gole de vinho. – Por que o próprio Bakuno não o matou?

– O Cardeal está prevenido. De fato, cada qual está pronto para responder aos métodos do inimigo. Os elohins são versados em manipular o tecido, tornando-o mais rígido ou mais suave, o que os mantém a salvo contra os poderes dos raptadores, mas não contra a presteza de um querubim.

— Já ponderou sobre as consequências de nos envolvermos nessa briga?
— Era algo a se pensar, realmente. — O seu amigo está nos usando na cara-dura. — Yaga não compreendeu o termo, mas entendeu o sentido da frase.
— Não lhe parece no mínimo... problemático?

— Ou nós o estamos usando — contra-argumentou. — Depende inteiramente do ponto de vista. Disputas regionais não nos interessam. Estamos lutando uma guerra maior. — Reclinou-se no banco. — Que diferença faz o controle espiritual de uma ou de outra cidade terrena? Que o Forte não nos ouça, mas o jogo deles é patético. Estão andando em círculos, como um cão que persegue o próprio rabo. É a isso que se reduziu o formidável exército de Lúcifer. — Não à toa, os anjos, mesmo os mais perversos, desprezavam os agentes do abismo, considerando-os perdedores. — O Cardeal é um dos principais elos da "teia", a rede que fornece informação aos rebeldes. Livre-se dele e estaremos a meio caminho de encerrar toda a operação. — E, ao perceber a centelha nos olhos do anjo, Yaga o alimentou com promessas vazias. — Depois disso, quem sabe você não pode pedir dispensa?

Denyel ergueu as sobrancelhas.

— Sólon comentou algo sobre isso?

— Não. Mas tudo caminha nesse sentido — sustentou ela. — Dos soldados que recrutamos, diversos foram mortos na Europa, tantos outros no Oriente Médio, e o negócio em que agora estamos metidos, em que você está metido, tem data certa para terminar. Não podemos nos dar ao luxo de caçar os elohins para sempre, ainda mais se quisermos convencê-los de que os assassinos são crimes humanos. Por isso, miramos os capitães da rede e, quando acabar, estará concluído.

— Bom... — Denyel suspirou pesadamente. — Seria mesmo reconfortante ver a missão completada. — Ainda que sinuosas, as notícias deram a ele um novo alento. — Mas, se vamos à procura do Cardeal, antes preciso saber onde encontrá-lo.

— Sua identidade mortal é conhecida, bem como sua rotina. Todo domingo ele sobe de carro o monte Esquilino para assistir à missa na Basílica de Santa Maria Maggiore. Será de sua inteira responsabilidade, soldado, decidir quando e onde irá emboscá-lo. — E repetiu o que dissera no princípio do encontro: — Se precisar dos raptoreos, basta telefonar.

— Não, obrigado. — Outra bicada na taça. — Não me agrada trabalhar com esses insetos. — Mexeu-se na cadeira, preparando-se para deixar a cantina. — Além disso, prefiro confiar no anonimato por ora. É quase sempre uma arma eficaz.

— Está bem, mas escute. É importante. — Yaga ainda não tinha finalizado. — Uma vez que o alvo esteja morto, você deverá desaparecer.

— Claro, sumir completamente. Por isso me arranjou a casa segura.

— Então, finalmente entendeu — ergueu o indicador diante do rosto. — Caso restem balas nos pentes, deixe-as neste lugar, que virei buscá-las. Depois, retorne a Londres com o passaporte falso e permaneça lá até que

seja reconvocato. Não saia da cidade por um período mínimo de seis meses. Procure ficar a maior parte do dia dentro do prédio. — E despejou mais instruções: — Estará por sua conta a partir de agora e trabalhará sem a minha intervenção desta vez. Não deveremos mais nos falar por todo o intervalo em que estiver na Itália.

— Novos tempos, novas regras — Denyel franziu o cenho. — Pelo jeito, o nosso alvo é sério. — A gíria, típica dos anos 70, indicava alguém com certo grau de importância. — Pode pagar esta, então, que eu pago a próxima? — Bebeu o resto do vinho em uma só golada e se levantou. — Não esqueça de me escrever.

Denyel se hospedou no tradicional Hotel Eden, à Rua Ludovisi, número 49, um dos mais antigos e refinados de Roma, e provavelmente o melhor. A capital italiana é conhecida por seus hotéis de pouca qualidade, e na década de 70 essa era uma realidade ainda mais certa. O Eden, localizado desde 1889 em um subúrbio luxuoso ao norte da cidade, é uma exceção à regra. Dispõe de uma bela decoração, quartos confortáveis, recepção impecável e comida excelente, mas as diárias são exorbitantes. O preço não era um fator, de qualquer maneira. Denyel precisava de uma base de operações, e o Eden estava de acordo.

Como fizera em Istambul, ele passou a primeira semana caminhando por ambas as margens do Tibre, memorizando cada canto, cada esquina, cada praça. Em paralelo, iniciou a investigação remota, buscando informações sobre a família Lazio, pesquisando nos jornais e nos registros na prefeitura, examinando seus antecedentes, o endereço de suas propriedades e o tipo de negócios que conduziam. Os dados eram vagos e não ajudavam quase nada, então ele decidiu que no próximo domingo faria uma visita à Basílica de Santa Maria, para espiar o alvo de perto.

Era cedo para se arriscar, portanto ele preferiu, nesse primeiro contato, apenas espreitar, mesma tática que usara contra Kazan. Subiu em um telhado próximo, defronte à Piazza dell'Esquilino, centralizada por um obelisco do século XVI, e ali ficou escondido, atento ao movimento na rotunda.

Santa Maria Maggiore fica no topo da mais alta das sete colinas romanas, outrora um setor pobre e despojado. Desde a unificação italiana, porém, a região tem sido restaurada, e seus atrativos, valorizados, entre eles as igrejas históricas, construídas onde, no passado, os cristãos se reuniam em segredo. Erguida no século V, a basílica representa hoje uma mescla de vários estilos. O piso e o campanário são românicos, as janelas são medievais, o teto data do Renascimento, e as cúpulas, bem como a fachada, são características do período barroco. O portão dianteiro é guarnecido por uma escadaria em meia-lua, e Denyel imaginou que qualquer um estaria vulnerável ao galgar seus degraus, no curto espaço entre o asfalto e o arco de entrada.

Cogitou um disparo escondido, no melhor estilo Lee Harvey Oswald, mas, ainda que suas balas fossem possantes, havia uma pequena chance de erro ao atirar com uma pistola a longa distância. Outra idéia seria utilizar um

rifle que aceitasse cartuchos 9 milímetros, só que Denyel não conhecia nenhuma arma do tipo. Ou podia ainda solicitar a Yaga que remodelasse os projéteis, o que não era mais possível àquela altura. Sua única chance seria baleiar o Cardeal à queima-roupa, uma possibilidade que inicialmente o preocupava, até ele ver chegar um Rolls-Royce de lataria branca e capota preta, bancos de couro e para-choque brilhante.

O motorista estacionou na praça e de lá o Cardeal veio andando, escoltado por apenas dois guarda-costas até as colunatas da igreja. Ficou ali, completamente exposto por alguns minutos, conversando com uma mulher, depois com um velho, e em seguida adentrou a basílica, pouco antes do início da missa. Era diferente dos outros elohins, que se esforçavam para parecer ordinários. Giuseppe di Lazio ostentava um rosto maduro, com os cabelos negros penteados para trás, armados com gomalina, terno risca de giz, colete cinzento, camisa branca e sapatos polidos. O cheiro da colônia Denyel farejou de longe, o que tornava ainda mais simples a localização do alvo, ante os sentidos do querubim.

Na segunda-feira, logo que o comércio abriu as portas, ele tomou um táxi até a Piazza Navona e alugou um Lamborghini Miura, ano 1970, motor V12, dois assentos, cor amarelo-mostarda. Pagou adiantado por sete diárias e acrescentou o valor de cinco mil liras por um seguro contra perda total, o qual ele sabia que não usaria, mas que, segundo o atendente, o isentaria de responsabilidade caso viesse a acontecer "qualquer acidente".

Na quarta-feira, saiu do hotel às cinco da madrugada e pegou a estrada rumo à comuna de Tívoli, onde ficava a residência do Cardeal, um casarão renascentista cercado por dúzias de seguranças, todos aparentemente humanos. Os vigias por si só não seriam um obstáculo, mas a densidade da película, tão maleável, faria com que qualquer celeste, mesmo com a aura suprimida, fosse descoberto ao penetrar aqueles muros. O recurso funcionava como um alarme, mais uma das táticas secretas dos elohins, indecifráveis aos anjos guerreiros.

De volta a Roma, Denyel montou o seu plano. Considerando todas as opções, ele concluiu que a melhor (a única, na verdade) alternativa seria surpreender o alvo à saída da missa, no próximo domingo, 18 de março. Não precisaria dos raptos. O serviço era tão banal que ele reservou a passagem de avião para a terça-feira seguinte ao ataque.

Entrou no elevador do Hotel Eden e subiu ao restaurante, que ficava na cobertura, o cobijado La Terrazza, com sua espetacular vista da cidade ao entardecer. De um lado, a Piazza di Spagna; ao longe, as muralhas do Coliseu; mais além, a magnífica cúpula da Basílica de São Pedro.

Para muita gente, aquela "boa vida" era mais do que se podia esperar. Denyel tinha dinheiro à vontade, um carro esporte e uma rotina de aventuras ao redor do planeta.

Mas ele ainda sentia que alguma coisa lhe faltava.

ESCUDO HUMANO

DENYEL VESTIU CALÇA JEANS, SAPATOS PRETOS, CAMISA DE GOLA ALTA E SUA inseparável jaqueta de couro marrom. Estacionou no entorno da basílica às oito horas e escolheu uma vaga estratégica, na lateral esquerda da igreja, de onde poderia escapar prontamente, tão logo o serviço estivesse encerrado.

Circundou a praça, subiu a escadaria, atravessou as colunatas e adentrou o templo pelo arco frontal, procurando explorar o santuário internamente, antes que o Cardeal e seus capangas aparecessem. Caminhou pela nave, com seus longos bancos ainda desocupados, apreciou as capelas, contemplou os mosaicos, memorizou a direção do altar e deu meia-volta, estacando diante de um balcão onde uma freira vendia artigos religiosos, com destaque para os frascos de água benta supostamente oriundos do Cárcere Mamertino, uma antiga prisão no Fórum Romano em que, segundo a tradição, são Pedro fizera brotar um poço para batizar os detentos. Denyel refletiu sobre a curiosa necessidade dos seres humanos de se apegar a tais artefatos, recursos supérfluos, na opinião dele, sem nenhuma serventia prática, tampouco dotados de carga psíquica.

Às 8h30, aconteceu um imprevisto. O alvo chegou à basílica mais cedo, protegido por dois brutamontes. Surpreso, o querubim se recolheu à penumbra. Esticou a gola do casaco, fingindo ser um turista comum. Pegou um folheto sobre a bancada, sacou algumas notas de lira e, desengonçado, comprou um vidro de água benta, só para despistar. Quando o Cardeal passou andando pelo transepto, Denyel enfiou os objetos no bolso e se esgueirou para fora, torcendo para que não o tivessem notado. Parou sob as pilastras, bancando o estrangeiro desavisado, mas pronto a apertar o gatilho assim que a cerimônia findasse.

Era uma manhã de primavera — segundo Denyel, a melhor temporada para conhecer a Itália, e sempre fora assim, desde os dias da velha República. Os verões mediterrâneos são escaldantes, o que estimula os mais abastados a se recolherem às suas villas no campo, de junho a agosto. Um velho ditado afirma que "só os cães e os turistas ficam em Roma durante o verão", e a premissa parece ser verdadeira, embora seja também nessa época que a cidade mais fervilha culturalmente, com espetáculos nos parques e concertos ao ar livre.

O que insistia em rondar os seus pensamentos era a sugestão que Yaga fizera sobre a possibilidade de ele pedir dispensa, ainda que num futuro distante. Fazia quase sessenta anos que Denyel estava atrelado a matanças, saltando de uma missão para outra, pervertendo os seus ideais para se enquadrar às normas do esquadrão. Sua honra como querubim (se é que ainda lhe restava alguma) era o único elemento que o impedia de fugir pelo

mundo, então a idéia de se aposentar legalmente soava tentadora, de fato. Se as palavras de Yaga fossem reais, ele poderia recomeçar a carreira, recuprar seu posto como observador na terra, sem precisar, nunca mais, atirar em um oponente a sangue-frio.

Súbito, ele se flagrou pensando nos outros anjos da morte, os quais nunca conhecera, nunca encontrara, à exceção de Mickail. Onde eles estariam agora? Lutando quais guerras, em qual parte do globo? Ou será que eram também assassinos? Como se portavam diante de Sólon? Estariam conformados com seu ofício, adaptados aos massacres, ou, como ele, estavam fartos, esperando ansiosos para que a operação terminasse?

Os devaneios se apagaram quando o sacerdote finalizou a comunhão. O piso estalou e aos poucos os fiéis começaram a sair. Denyel recuou uns dois passos e tocou a Beretta que trazia à cintura.

No centro da multidão, ele discerniu o Cardeal.

Giuseppe di Lazio desceu a escadaria acompanhado por seus capangas, sujeitos robustos, que fariam medo a qualquer pistoleiro. Denyel esperou que ele atravessasse a rua, seguiu-o com o olhar e inclinou o pescoço para o lado, até que o pegou em um ângulo perfeito. À distância de vinte metros, não importava o que acontecesse, não havia risco de erro. Célere nos movimentos, ele puxou a Beretta e disparou. O estampido ecoou agudo, reverberou nos caixotões do teto, alertando as pessoas dentro e fora da igreja, que se jogaram no chão, tomadas pelo pânico.

Mas, por algum motivo, o plano tão bem arquitetado caiu por terra quando a bala endereçada ao Cardeal acertou um de seus guarda-costas, trespassando-lhe a aorta. Parecia estranho e até absurdo, porque não ocorrera uma falha na mira, um tremor de mão, nada. O tiro brotou certo, mas o ferimento foi de certa maneira incorporado pelo segurança, como se ele servisse de escudo, preservando o elohim de qualquer arranhão.

No alvoroço, Denyel não soube o que fazer nem compreendeu o que se passava. O Cardeal, pelo jeito, não era tolo e, depois de tantos anos disputando contra Bakuno, não estava tão exposto quanto ele acreditara. Sua próxima reação, portanto, foi instintiva. Enquanto os mortais se dispersavam, o querubim atirou outra vez, derrubando agora o segundo guarda, ainda que tivesse apontado para o coração de seu chefe. Salvo dos dois primeiros ataques, Giuseppe di Lazio se lançou para o banco do Rolls-Royce, bateu a porta e um dos seus capatazes deu partida.

Denyel estava confuso. Sentia-se um completo imbecil, um amador, impotente diante dos fatos. Ele tinha se precipitado, talvez influenciado pelas promessas de Yaga, e cometido o erro número um dos assassinos, que era subestimar a vítima. Levava semanas para matar Gregorion e Kazan, o que o fizera pensar que todos os alvos seriam fáceis, mas não.

Correu como um louco na direção do Lamborghini, girou a chave, acelerou e saiu em desvairada perseguição. Felizmente, dispunha de um câmbio veloz, e dentro em pouco os dois veículos estavam quase emparelhados, deslizando como foguetes pela Rua Cavour. O exilado

engatou a quarta marcha. Soltou o pé da embreagem. O carro deu um coice, marcando o asfalto com trilhas de borracha, fazendo os pneus cantarem, os motores rugirem, reduzindo a vantagem entre ele e o Rolls-Royce, que dobrou na Rua Urbana, na vã tentativa de despistá-lo.

Denyel passou à quinta, rodou o volante, forçou um cavalo de pau e continuou na cola dos fúgitivos, que viraram em uma rua na contramão. Mas, ao insistir na caçada, um dos capangas deu o troco e respondeu com fogo. Esticou metade do corpo pela janela e o alvejou com uma rajada de metralhadora, destruindo o para-brisa do Lamborghini, atingindo o celeste de raspão. Os projéteis rasgaram o estofado, esburacaram o radiador, arrebentaram o espelho. Denyel manejou a Beretta e acertou o atirador na base do crânio, fazendo-o despencar para a calçada, em meio a estilhaços e rícochetes.

No desespero, o anjo pressionou o gatilho de novo, mas o condutor era esperto, fazia manobras táticas, avançava em zigue-zague, dificultando a precisão. Progredindo à próxima esquina, o Rolls-Royce penetrou em uma ruela de paralelepípedos redondos ladeada por prédios baixos, depois entrou em outra rua, com varais pendurados, atraindo o assassino para um labirinto de travessas e praças que ele não conhecia.

Denyel experimentou mais dois disparos, porém atropelou um bueiro e os perdeu, gastando todo o primeiro pente que Yaga lhe dera. Ocupado demais para recarregar, com uma mão ao volante e a segunda sobre o câmbio, ele avistou o automóvel da frente tomando distância. Pisou no acelerador, embrenhando-se em sendas ainda mais espremidas, fazendo curvas a cada dez metros, para finalmente encontrar um beco sem saída, que terminava num paredão.

O Rolls-Royce corria frenético de encontro à muralha, cuspidando fumaça, soltando baforadas de gasolina, gemendo como um cavalo que pede descanso. Denyel deu um toque no freio, apostando que logo o chofer reduziria, mas em vez disso o motorista guinou, produzindo um abalo no tecido da realidade. O veículo se meteu por entre as pedras, não se chocando contra elas, mas as atravessando, desaparecendo completamente, como se lançado a uma dimensão paralela.

Grudado na traseira, não havia mais como o Lamborghini breicar. Denyel só teve tempo de abrir a porta e dar um rolamento para fora, à medida que seu belo carro esporte se espatifava no muro, soltando poeira, convertendo-se em uma pasta compacta de ferro, fazendo tremer o solo por toda a região do Esquilino.

Os moradores correram às janelas. De lá, enxergaram um homem estirado no meio-fio, o corpo ensanguentado, as roupas sujas, os joelhos ralados.

Denyel espanou a jaqueta, ergueu-se do chão e encarou a parede, estupefato. Para onde fora o Rolls-Royce? Como ele havia "entrado" na rocha? De que forma sumira do nada? Recordou-se, um segundo depois, do episódio em Istambul, da porta secreta no Grande Bazar, e imaginou que fosse uma das estratégias dos elohins abrir esses atalhos, usando-os para

diversos fins, como fuga, transporte e resgate.

Denyel falhara em seu intento de assassinar o Cardeal, e talvez não houvesse outra chance. Yaga estava certa em ser cautelosa, mas o erro fora dele, ao agir de maneira impulsiva, sem avaliar os talentos da presa, preocupado apenas em gastar dinheiro, em comprar bebida, achando que tudo era fácil demais.

Observou a massa enrugada a que se reduzira o Lamborghini, um cubo metálico do qual só se identificavam as calotas. O eixo se inclinara na vertical, o porta-malas subira a um ângulo de sessenta graus. Uma das rodas fora parar na sacada de uma pensão, e o motor, bem como os faróis, havia se condensado em farelos.

Uma notícia boa, pelo menos: o seguro o isentava contra perda total.

Denyel não gostava de atirar nos outros pelas costas, mas, se tinha uma coisa que ele realmente odiava, era ser passado para trás. Fosse em uma mesa de jogo ou no campo de batalha, a derrota lhe parecia execrável, e no caso do Cardeal o baque fora ainda mais duro. O que ele desejava, agora mais do que nunca, era uma revanche, uma nova possibilidade de encurralar sua vítima, mesmo que para isso precisasse tomar medidas mais drásticas.

Decidiu permanecer em Roma por tempo indeterminado e, para começar, mudou seus hábitos radicalmente, procurando, por todos os meios, focar-se no planejamento do atentado seguinte. Saiu do Hotel Eden e se transferiu para uma pousada de duas estrelas no sopé do monte Gianicolo, uma região comportada da capital italiana, perto de um parque com muitas fontes e árvores. O quarto era pequeno, mas limpo, com uma janela que dava vista para o Jardim Botânico, de onde se escutava o canto dos pássaros. Comprou um sedã usado, o popular Lancia Fulvia, cor creme, modelo 1966, e fez exatamente o que um espião competente faria em uma ocasião como essa: esperou.

Na terceira semana de julho, quatro meses após o ataque, ele retomaria a rotina de perseguições. Descobriu que Giuseppe di Lazio continuava seguindo o mesmíssimo itinerário, visitando a Basílica de Santa Maria aos domingos, participando de festas em Caracala, de jantares no Vaticano e de reuniões de negócios no centro, mas agora escoltado por um comboio de quatro automóveis, todos ocupados por seguranças armados.

Quando o outono chegou, Denyel estava desencantado. Ele não conseguira redesenhar o seu plano e aos poucos sentiu que suas chances estavam minguando. Na tarde de 25 de setembro, saiu para caminhar no Fórum e, ao transpor os arcos do Coliseu, se lembrou da trágica história de Júlio César, o maior general de seu tempo, morto a facadas no Senado Romano por homens que considerava amigos.

No trajeto de volta, ele teve uma idéia brilhante.

Mas não poderia realizá-la sozinho.

PACTO COM O DIABO

DENYEL BOLOU UM PLANO INFALÍVEL, MAS QUE EXIGIA CERTAS CONCESSÕES.

Se ele quisesse completar a missão, teria de recorrer a fontes escusas.

Na noite do dia 26, o anjo da morte tocou à porta do Passo Nero. Quem a abriu foi um dos raptos, um espírito encarnado, que copiava a figura de um italiano truncado, entre 30 e 40 anos, olhos sombrios, nariz pontudo, cabelos pretos, trajando um paletó azul-marinho e marcado por uma cicatriz na testa. Fez uma vênica ao reconhecer Denyel, chegou para o lado e o convidou a entrar.

— Boa noite — estendeu a mão, e sem opções o exilado a apertou. — Meu amo contou que nos procuraria.

— Seu amo é muito esperto — ironizou. — É o dono deste lugar?

— Eu? — A cantina estava vazia. — Sim. Legalmente, sim. Sou também uma espécie de gerente. — Andou até o balcão. — Quer tomar alguma coisa?

— Talvez outra hora. — Denyel não costumava recusar bebida, mas qualquer oferta satânica deveria ser pensada com bastante cautela.

— É por conta da casa — insistiu.

— Não, obrigado.

— Posso imaginar como se sente — o raptor notou como ele estava desconfortável. — Não nos julgue mal. Somos vítimas, sabe?

— Está mesmo com aspecto disso — alargou um sorriso debochado. — Como se chama?

— Sou Belfegor, seu criado.

— Excelente. — Era assim que os demônios se comportavam, ele refletiu: usando jogos de poder, estratégias cínicas, fazendo de tudo para envolvê-lo, mas depois cobrando o seu preço. — Fiz uma pequena lista, nada muito complexo — apanhou um papel no bolso e o entregou ao diabrete. — Seu grupo tem acesso a equipamentos militares?

— Sem problemas — Belfegor respondeu, confiante. — Podemos arranjar qualquer coisa.

— Bom trabalhar com gente assim. — Outra colocação zombeteira. — Precisarei de uma horda. Todos manifestados no plano físico. E treinados para o combate.

— Somos raptos. Fomos condicionados a viver ou morrer — garantiu.

— Pode esperar pelos melhores.

— Que beleza — o querubim fez um gesto de OK com os dedos. — Só mais uma coisa. — Saiu para a calçada, pedindo que Belfegor o acompanhasse até o Lancia Fulvia, estacionado do outro lado da rua. Escancarou o porta-malas. Lá dentro, havia um homem amordaçado, o

nariz sangrando, os olhos roxos, mas ainda vivo, contorcendo-se, tentando gritar. — Acha que pode me dar uma mãozinha com isso?

Giuseppe di Lazio, o Cardeal, cultivava uma rotina ajustada como cidadão italiano, sem que ninguém, nem seus capatazes ou mesmo sua família, desconfiasse de sua origem celeste, o que era bastante apropriado a um elohim, cuja natureza o empurra a servir os terrenos como mentor e guia, mas sem interferir em suas ações. Às vezes, ele próprio se confundia, esquecendo que havia séculos estivera no paraíso, que se curvara perante os arcanjos, pois a noção do que é ser um alado se perde com o tempo para aqueles afastados do céu.

Baseados na terra desde o expurgo dos sentinelas, os elohins desenvolveram várias técnicas úteis, e a mais célebre delas é o chamado Desatino, uma divindade psíquica que induz os mortais a atribuírem certos eventos inexplicáveis a algum outro fator, perfeitamente coerente ao mundo real. O condutor do automóvel que atravessou a parede de rocha, por exemplo, acreditava que havia um arco entre as pedras, sem perceber que o atalho fora na verdade aberto misticamente, graças aos poderes de seu patrão. O Desatino permite que os elohins usem seus talentos sem conturbar o tecido, o que os torna praticamente imbatíveis em seus territórios, a não ser, claro, quando pegos de surpresa.

O braço direito de Giuseppe di Lazio era Cario, seu chofer, um sujeito robusto, de cabelos grisalhos, que somava 50 anos, ex-integrante dos Camisas Negras, a guarda especial do Partido Fascista, sob o governo do ditador Benito Mussolini, entre 1922 e 1943. Cario era um motorista sagaz, provavelmente o melhor da Itália, e já salvara seu chefe de muitas enrascadas anteriores, incluindo a mais recente delas, perpetrada por um misterioso assassino cuja identidade permanecia velada.

Por um incrível golpe de sorte, o Cardeal não reconhecera a aura de Denyel, porque na troca de tiros ele não conseguira se virar para trás, o que o levou a acreditar que o atentado fora obra dos raptoreiros. Os servos de Bakuno, materializados ou não, eram famosos pela estupidez, o que fazia deles oponentes medíocres, apesar de sua razoável desenvoltura em combate. Certo disso, em outubro de 1973, sete meses após o incidente no monte Esquilino, Giuseppe di Lazio estava sereno, confiante em sua escolta, convicto de que nada que viesse do Forte seria capaz de afetá-lo.

Partindo da comuna de Tívoli, antes de chegar ao centro de Roma, há uma encruzilhada de três vias logo na saída da auto-estrada. Uma das rotas segue em frente, a outra contorna uma praça na direção de Nápoles e uma terceira dobra à esquerda rumo ao Porto de Óstia. Nas redondezas existe uma cidadezinha pacata, conhecida pelos restaurantes especializados em frutos do mar. Nas manhãs de sábado, ocorre uma feira de pescados que ocupa toda a calçada no entorno da rodovia, e nesse ponto há um semáforo, instalado pela prefeitura para atender os pedestres.

O comboio de quatro automóveis, todos Rolls-Royces idênticos, cobertos por vidros escuros, cruzava o entroncamento quando a luz vermelha

acendeu, separando o primeiro veículo dos demais à retaguarda. Como de praxe, o carro da ponta andou mais alguns metros e desviou para o acostamento, perto de uma barraca de caranguejos, aguardando os colegas se moverem ao sinal verde, para só depois seguir viagem.

Dos três Rolls-Royces parados, o do meio era o que trazia o Cardeal, sentado entre dois seguranças no banco traseiro, e nesse transporte também vinha Cario, ao controle da direção, com outro capataz ao lado.

Eram dez horas em ponto. O céu exibia um azul muito claro, a brisa soprava e a temperatura era fresca. Um típico sábado de outono.

Um sábado romano.

E, repentinamente, sobreveio o ataque.

De um quiosque de peixes, ergueram-se cinco atiradores. Disfarçados de feirantes, trajando avental e lenço na cabeça, eles sacaram metralhadoras compactas, antigas TZ-45 italianas, para então, em uma ação coordenada, disparar uma salva tão violenta contra o Rolls-Royce dianteiro que o carro pegou fogo, desatando fumaça, cuspidando plástico e lascas de acrílico. Sem tempo para reagir, os ocupantes foram trucidados, e, conforme se sucedera na igreja, as mulheres gritaram, as pessoas correram para dentro das lojas, o desespero se instaurou. O tiroteio seria mais tarde atribuído às contendidas da máfia ou a um grupo de terroristas estrangeiros, cada testemunha sustentando sua própria versão.

Com o semáforo danificado, Cario fez um sinal e o Rolls-Royce de trás deu marcha a ré, afastando-se da confusão, mas ao se deslocar em regresso esse último veículo foi atingido por uma granada, que ao bater na porta esquerda a detonou num fogaréu, entortando a lataria como se fosse uma caixa de ovos. Três dos cinco guardas morreram só com o impacto, e os outros dois sucumbiram às queimaduras, carbonizados, incinerados em plena luz do dia.

– Raptos – sibilou o Cardeal.

– O que disse, senhor? – Cario engatou a primeira.

– Disse para nos tirar daqui, agora! – A ordem fora sólida, e mesmo antes de a luz verde piscar o chofer contornou o Rolls-Royce da frente, cantou os pneus e saiu pelas alamedas do bairro. O segundo carro, que ainda não fora alvejado, permaneceu onde estava para dar cobertura, com os capangas do elohim engatilhando suas armas, metralhando os diabretes, ferindo em consequência alguns inocentes, pegos por acaso no meio da briga.

Destacado agora do resto da comitiva, o automóvel do Cardeal acelerou pelas travessas, com os guardas atentos, pistolas em punho, caso mais raptos surgissem. Cario se meteu através das ruelas, deu a volta em um chafariz, atravessou o pátio de uma igreja e estacionou em um beco sem saída, orlado por prédios de cinco andares, equipados com longas escadas de incêndio, estruturas férreas, untadas de graxa. Dessa vez, a passagem estava bloqueada não por uma muralha, mas por um portão de aço maciço, sem ligação mística com qualquer outro sítio, o que os deixaria indefesos na

possibilidade de os infernais os cercarem.

— Por que paramos? — o Cardeal tocou o ombro de Cario. — Deste jeito, seremos encurralados.

— Está perfeitamente certo, patrão. — O motorista abriu a porta, saiu do Rolls-Royce e sacou um revólver. — Sem saída, chefe. Esta será sua última viagem.

Já de pé, do lado de fora, Cario girou a cintura meio grau, esticou a arma para a segurança na janela da esquerda e, ao mesmo tempo em que sorria perversamente, apertou o gatilho, estourando-lhe a cabeça com um tiro, desenhando uma teia de aranha no vidro — ele sabia que era inútil atacar o elohim de primeira, porque qualquer ferimento seria absorvido por outrem, então mirou os comparsas, que no entanto eram treinados e de tudo fariam para preservar o seu líder.

O guarda à direita ergueu-se de supetão, deu um passo na calçada e liquidou o chofer com uma bala na testa, ainda sem compreender o que o motivara à traição. Curiosos, o anjo e seus dois capatazes cingiram o corpo de Cario. Examinaram o cadáver, que de repente começou a murchar. O sangue, de rubro passou a negro, as feições se contorceram e a pele secou, denunciando a real natureza da entidade que os guiara.

— Belfegor — o Cardeal reconheceu a carcaça do tenente satânico e de imediato concluiu que o verdadeiro Cario estava morto fazia algum tempo. — Desta vez Bakuno foi longe demais — e, ao olhar para cima, reparou que a membrana oscilava, como se outra criatura, ainda mais poderosa, os afrontasse a distância. — De volta para o carro, todo mundo — apontou para o Rolls-Royce. — É uma emboscada.

Retornando aos seus assentos, os três sobreviventes escutaram um choque sobre a capota, sacudindo a cabine num solavanco abafado. Depois, outro baque, e mais outros, reverberando como tambores. O novo motorista soltou o freio, mas foi detido por um braço que rasgou a cobertura e o segurou pela nuca. O homem foi sugado através do buraco, para ser repellido de cara na parede, tendo o pescoço entortado, o crânio esmigalhado.

Giuseppe di Lazio e seu último capanga eram agora como pássaros confinados em uma gaiola. Cambalhotaram para a rua, avistando um indivíduo sobre a carroceria, um assassino que os fitava em perfeito equilíbrio, a expressão fumegante, a aura pulsando. Usava casaco de couro, calças surradas, trazia uma Beretta à cintura e, a julgar pela energia com que lutava, só podia ser um querubim, mas por que alguém assim desejaria matá-lo?

O guarda brandiu a pistola. Denyel deu um pincho mortal e o derrubou com um soco no queixo, enquanto o chefe trepava na escada de incêndio, ascendendo pelos degraus como um macaco, nervoso, procurando escapar a todo custo, fugindo pelo único caminho que lhe restara.

Derrotados os três seguranças, era a chance de Denyel enfrentar a presa sem desperdiçar mais cartuchos, como acontecera no monte Esquilino. Mas, conforme ele perceberia, seu inimigo não se entregaria de graça. Perseguiu-o

e em segundos estavam os dois sobre os telhados, correndo contra a paisagem de Roma, com seus casarões e ruínas, os prédios amarronzados, os campanários antigos, os outdoors, as antenas de TV.

O querubim receava que o alvo se enfiasse em alguma porta secreta, que desaparecesse em seus atalhos, portanto não cometeria o mesmo erro de novo. Desesperado, estimulado pela descarga de adrenalina, o Cardeal saltou sobre o fosso entre duas casas e aterrissou no topo de uma delas. Denyel o acoossou, pulando com a destreza de um gato, e por pouco não o susteve, o que os levou ao cimo de um terceiro prédio, e assim a caçada prosseguiria por mais cinquenta metros, para finalmente o elohim ser capturado. O anjo da morte o agarrou pelo paletó, acertou-lhe um pontapé na barriga e o pressionou de encontro a uma chaminé. Giuseppe di Lazio caiu prostrado, indefeso, as palmas abertas.

Denyel puxou a Beretta.

– Não, espere – o Cardeal rouquejou. – Bakuno... Quanto foi que ele lhe pagou? – Próximo de ser baleado, o anjo tremia. – Pago o dobro.

– Sou um guerreiro, meu chapa, não um demônio – respondeu. – Trago os cumprimentos do arcanjo Miguel. – Mas no instante seguinte sua mente era uma só trapalhada, e ele não sabia mais se atuava por dinheiro ou por ideologia, sendo que as duas coisas já não faziam tanto sentido.

– Posso oferecer o triplo.

– Sem acordos – endureceu Denyel, mas aos poucos se sentiu tentado. – Sonegou impostos, amigo, e eu sou o camarada que veio cobrar.

– Diga-me ao menos por quê – pediu. – Por que está fazendo isto?

– Sabe muito bem. – O exilado precisava atirar, mas por alguma razão não conseguia. Retesou o cão da pistola, contudo seu dedo travou antes de ele apertar o gatilho. – Estou aqui por causa da teia. Está escutando, xará? – aumentou o tom de voz. – Pensou que ia se safar desta?

– Mas... que teia? – engasgou-se, à medida que tentava articular as palavras. – Baixe a arma, soldado. Está atrás do homem errado.

Por um curto momento, Denyel quase cedeu. Sentiu-se impelido a aceitar a história de Lazio, e de certa forma até queria aceitá-la, mas era evidente que ele estava mentindo, usando outra de suas divindades secretas. Os elohins possuíam o dom de seduzir suas vítimas, um poder semelhante ao controle emocional dos ofanins, mas usado como estratégia de persuasão e controle. Prestes a sucumbir, Denyel juntou toda a sua força de vontade e, quando o cérebro clareou, atacou sem remorso, executando a presa com um disparo perfeito, encerrando a operação mais longa de sua carreira.

Observando o cadáver de perto, os olhos pálidos, a camisa molhada, o terno encharcado de sangue, Denyel pensou em Gregorion, o primeiro dos seus alvos, que sorria para ele antes de ser emboscado. Parecia lógico que, naquelas circunstâncias, Giuseppe di Lazio diria qualquer coisa para escapar, mas e se a teia realmente não existisse? E se tudo não passasse de um experimento de Sólon? Ou de um acerto de contas de Yaga?

Olhou para a Beretta.

Se ele estivesse matando os anjos errados, não seria apenas um crime.
Seria um pecado sem volta.

DÉJÀ VU

Leste da Índia, hoje

ERA NOITE.

Kaira perdera a noção do tempo. Despertou em um ponto de ônibus ao sul de Bihar, já dentro do território indiano, às margens de uma floresta cercada por árvores ancestrais, forradas de musgo e trepadeiras. Há milhares de anos, quando o tecido da realidade era fino, a Índia fora o lar dos devas, entidades cósmicas semelhantes aos anjos, mas que trabalhavam em honra dos deuses etéreos, incorporando suas vontades e aspirações para o mundo, fazendo a ponte entre eles e a raça carnal. Diferentemente dos celestes, porém, essas criaturas não possuíam a capacidade de se manifestar na Haled, então por todo o país os sacerdotes criaram vértices para recebê-los, zonas que mais tarde seriam chamadas de ashrams.

Os ashrams são, até hoje, largamente frequentados pelos indianos, embora o nome seja usado agora para designar qualquer eremitério hindu, não necessariamente aqueles santificados. Sobrevivem ainda, contudo, certos nódulos de energia constante, sítios de peregrinação sazonal, e o mais notável deles é a Árvore do Despertar, o marco onde, acreditam os fiéis, o próprio Buda alcançou a iluminação. O estado de Bihar é, a propósito, considerado a pátria do budismo, com vários santuários associados à vida e aos ensinamentos de Sidarta Gautama. Sua porção norte constitui uma fértil planície agrícola, banhada pelas águas do rio Ganges, e a parte meridional está coberta por trechos de selva, com picadas densas e estreitas, obstruídas por troncos e cipós, que se embrenham na mata, abraçando cidades ocultas há séculos, escondendo praças e mosteiros desocupados.

Quando Kaira acordou, sentia-se plenamente recuperada, e até seu humor melhorara. O coletivo encostou na beira da rodovia, longe ainda de seu destino final. O macaco sinalizou para eles, e assim os três anjos saltaram, para acompanhar o animal através de uma trilha precária. Caminharam por toda a noite, até que a vereda se abriu em uma espécie de cidadela muito antiga, construída em pedra, as paredes cruas, rachadas. Urakin andou na vanguarda, cruzou o arco sob o muro e penetrou no largo interno, destacado por uma figueira de grossas raízes, abraçada por um jardim descuidado, o capim alto, o solo quebrado. À sua frente havia uma escada, terminando na porta de um templo de rocha.

— Sinceramente, espero que isto nos leve a algum lugar. — Depois de percorrer tantas milhas, Kaira não queria perder a viagem. O macaco a escutou, aparentemente, pois moveu os braços como se os convocasse, sorrindo e gritando, balançando a cabeça em afirmativa. — Então, é aqui que mora Teth? — a ruiva conversou com o símio. — Será que tem alguém

em casa? — Mas, no instante em que ganharam o pátio, foram acometidos por uma sensação coletiva, como se já tivessem estado ali, talvez não nesta, mas certamente em outra existência. — Déjà vu.

— Déjà vu — assentiu Ismael.

— Perdi alguma coisa? — a arconte perguntou. — Uma técnica especial dos elohins?

— Não sei — admitiu o Executor. — Mas talvez Teth não seja um elohim.

— Por que acha isso?

— Sente a energia pulsando no santuário? — Todos sentiam. — Bom, ao que eu saiba, os elohins são peritos em disfarçar sua aura. Não como os anjos exilados, mas ainda melhor. Eles moldam sua essência para que ela se pareça com a alma humana, então, se Teth fosse um deles, nós não o teríamos sequer percebido.

— Está correto — pronunciou uma quarta voz. Descendo as escadarias, surgiu uma figura masculina, idosa, de hábito branco, o corpo esquelético, a testa calva, a pele escura, o nariz fino e os olhos negros, amendoados. — Sou Teth, e fui mandado para ajudá-los.

— Para nos ajudar? — Kaira deu um passo atrás. Se Teth sabia sobre eles, talvez fosse outro adversário, a exemplo de Astron. — Diga-nos antes quem o enviou.

— Você — o anfitrião sorriu e apontou um dedo para ela. — Foi você quem me enviou.

CENTRO MÉDICO

DENYEL TINHA SUAS VIRTUDES E FALHAS E, COMO A MAIORIA DOS ANJOS, ESTAVA longe de ser perfeito. Era um guerreiro nato, determinado e feroz, nunca deixava um serviço incompleto, mas era também de personalidade crítica, sarcástico e debochado, traços incongruentes com o que se esperaria de um soldado padrão. Seu desencanto com a cisão dos arcanjos fora o que o estimulava a permanecer na terra, a se tornar um exilado, já que ele não confiava no discurso de Miguel nem era chegado à pregação dos rebeldes.

No princípio, os ideais de Denyel eram puros, e apenas o que lhe faltava era a coragem de promovê-los, uma fraqueza que o levaria a tortuosos caminhos, dos quais não havia saída aparente. A corrupção, ele divagaria anos depois, é uma doença que se anuncia em pequenos sintomas, reversível nas primeiras etapas, mas fatal de certo ponto em diante. Denyel se deixara contaminar, apostando que "o jogo" era transitório, mas agora estava envolvido até o pescoço, perseguindo e matando outros de sua espécie, conduzindo massacres, e, se fosse continuar nessa senda, ele ao menos queria provas, evidências concretas de que a teia de fato existia e era tão nociva quanto Yaga afirmava.

O que aconteceu foi que de repente caiu em suas mãos a oportunidade de ouro, a chance de desvendar os mistérios mais sórdidos, essenciais à sua jornada. Os cartuchos que economizara no atentado seriam usados como isca, e ele os deixou no Passo Nero tão logo encerrou a missão.

Em vez de embarcar imediatamente para Londres, ficou em Roma por mais alguns dias. Suprimiu sua aura, escalou as janelas de um depósito ao lado do restaurante e se escondeu no telhado. Montou guarda por quatro noites e, quando Yaga apareceu para buscar os projéteis, ele a seguiu, na esperança de saber para onde (ou para quem) ela levaria os poderosos artefatos. Caminhou furtivamente, com a destreza de um espião veterano, e em determinada altura ele a viu dobrar nos fundos de uma pensão, para de lá sair sem as cápsulas que recolhera.

Esperou Yaga se desmaterializar. Contornou o prédio. Chegou a um beco, onde descobriu uma porta. Forçou-a, porém tudo o que encontrou foi um cubículo entulhado de lençóis, toalhas e cobertores usados. Bateu o trinco, frustrado, mas antes de se dar por vencido teve outra de suas idéias. Resolveu — por que não? — testar a chave que furtara de Kazan, a qual o transportara de Istambul a Paris e ainda pesava em seu bolso.

Enfiou o objeto na fechadura e por incrível que pareça o segredo encaixou, destravando o mecanismo com um rangido curioso. Seguidamente, o que apareceu, uma vez a porta aberta de novo, não foi o cubículo de roupas sujas, mas um cômodo completamente diferente,

esbranquiçado, como se a chave fosse uma senha, um passe capaz de acionar conexões, de ativar os tais atalhos, tão necessários aos elohins. Em teoria, esse recurso poderia lançá-lo a qualquer região do planeta, então Denyel se armou da Beretta, já que não sabia o que o aguardava.

Deu um passo e ressurgiu em um almoxarifado cheio de artigos médicos, esparadrapos, seringas e gazes. Na outra extremidade havia uma segunda porta, de fórmica branca, e através da soleira chegavam as notas da canção "Superstition", sucesso das rádios naquele momento.

Desconfiado, o querubim cautelosamente empurrou a maçaneta com o cano da arma. Do lado oposto se estendia o corredor do que parecia ser um hospital, com quartos enumerados, letreiros informativos em inglês e um elevador ao fim do caminho, tudo praticamente vazio.

Logo à sua frente corria uma bancada de recepção, guardada por uma enfermeira belíssima, que com um lápis marcava números em uma prancheta de alumínio. Seus cabelos eram lisos e longos, penteados para trás, tinha os lábios fartos, o nariz pequeno e trajava um uniforme justo, esverdeado, os seios grandes. Não fossem os fios loiros e o fato de terem se passado trinta anos, Denyel poderia jurar que já a conhecia.

Olhou melhor.

Sim, ele a conhecia.

— Sophia? — o celeste enrugou a testa. — É você?

Sophia — ou a criatura que se parecia com ela — encarou Denyel como se não o conhecesse, apesar do caso entre os dois em Paris, e no fundo, a despeito de toda a investigação sobre a teia, da trama e dos assassinatos envolvendo os anjos da morte, foi isso o que o deixou mais irritado. Sua expressão ao fitá-lo era hostil, tornando óbvio que não era uma enfermeira, tampouco uma rapariga francesa, como o fizera acreditar no Café Le Procope. Seu próximo movimento, então, reafirmaria seu caráter agressivo, sua disposição em matar o celeste, fosse qual fosse o motivo.

Enquanto o querubim ponderava, Sophia pensou mais rápido e sacou do balcão um revólver. Descarregou o tambor inteiro contra ele, que só teve tempo de se jogar no chão. Com uma cambalhota, retrocedeu ao almoxarifado e cerrou a porta com o tornozelo, para usá-la como escudo. A tática funcionou parcialmente, resguardando seu corpo dos tiros, mas ainda assim a fórmica foi picotada, estourando os frascos de mercúrio sobre as prateleiras, destruindo os vidrinhos de iodo, rasgando pacotes de ataduras, espalhando no ar grânulos de pó antisséptico.

Denyel aguardou a sequência de seis estalos, que era o número de cápsulas de um revólver padrão, e ao primeiro sinal de silêncio escancarou a porta novamente, projetou os olhos pelo corredor, buscando Sophia, disposto a dar o troco, a obter suas respostas, ainda mais agora que a situação se agravara.

Quem era aquela louca, afinal? Qual seria o seu grau de envolvimento com Sólon, com as chacinas e emboscadas, com a tarefa de Yaga de liquidar os anjos rebeldes? Com que objetivo ela o tinha enganado na França, e o

mais absurdo: por que diabos estava a disparar contra ele?

Denyel meteu o pescoço para fora e a avistou fugindo para o elevador. Fez mira com a Beretta, soltou uma cusparada de cinco balas, mas Sophia era habilidosa. Deu um salto para frente, girou numa espécie de estrela e escorregou à cabine do ascensor. Pressionou o botão e as seções de metal foram se fechando, ao passo que o exilado arremeteu com toda a energia, continuando a atirar. Ela respondeu na mesma moeda, empoeirando o saguão com cheiro de pólvora, maculando o hospital ao som da batalha, de reboco sendo rachado, de lâmpadas estilhaçando.

Denyel não desistiu. Avançou tão impetuosamente, aplicando pinotes e esquivas, que suas solas se colaram à parede, e ele rodou abaixo do teto, movimentando as ancas para não ser perfurado. Pisou na lateral esquerda do corredor, passou à direita, quase como se caminhando ao contrário, desafiando a lei da gravidade, e alfim parou defronte à cabine, no exato momento em que as portas se juntaram. Consumido pela fúria que acomete os guerreiros, ele golpeou as chapas com o punho, produzindo um rasgo no metal, para assim arregaçar a passagem à força. Uma lufada quente o recebeu, dando vista ao poço negro, aos cordões de aço, às engrenagens e armações, ao fosso com dezenas de metros de altura.

O exilado tomou distância e se jogou sobre o vão, agarrando um dos cabos, enquanto a cabine subia. Pegou carona no impulso, segurou-se numa fita de borracha e a escalou, chegando em segundos ao fundo do elevador, para ali se pendurar, grudado às molas como um carrapato que se encrava na pele. Cruzou os joelhos entre duas barras de ferro, liberou as mãos, recarregou a Beretta e fez mais disparos para cima, esburacando o piso, na intenção de acertar Sophia, mesmo às cegas. Lá de dentro, a loura retribuiu com uma rajada de metralhadora, e pelo ruído seco ele sabia que eram tiros de AK-47, o famoso "exterminador soviético", mas de onde ela havia tirado essa arma?

O anjo sacudiu-se para lá e para cá, passou de uma para outra corrente, como um macaco que se balança nos galhos, para evitar ser feito em pedaços. Conseguiu resistir ao pior, protegendo suas áreas vitais, porém acabou baleado três vezes – uma no abdome, com o chumbo entrando e saindo, outra no bíceps, que lhe deixou um fragmento alojado, e a terceira de raspão no queixo, traçando uma linha escarlate do pescoço à orelha.

O elevador travou com um baque. Denyel escutou a porta se abrir, a moça saindo em pegadas velozes. Deu um soco nas entranhas da máquina, de baixo para cima, e as placas, já castigadas, cederam. Emergiu para fora. Dali, a cabine o levava ao terraço de um prédio. O horizonte noturno revelava espigões, edifícios altíssimos, as janelinhas reluzindo como cascatas de luz, e uma gigantesca ponte a distância. Trinta metros ao longe, também sobre o terraço, Sophia o esperava com os pés plantados, o rifle nos braços. No instante em que Denyel apareceu, ela tornou a pressionar o gatilho, com a diferença de que agora o querubim podia enxergá-la. Empregou, dessa vez, seus poderes angélicos ao máximo, os quais não podia usar nas guerras

terrenas, e com isso se livrou dos projéteis, rolando no cimento, dando piruetas, literalmente se esquivando das balas, por mais que a misteriosa adversária o agredisse aos jatos.

Denyel entendeu que, sendo ele um guerreiro, teria melhores chances se a arrastasse para o combate cerrado. Forçou uma guinada à dianteira, gradualmente reduzindo o intervalo entre eles, e ao som das matracas ergueu os calcanhares, para acertar a loura com uma joelhada no peito.

O choque foi mais violento do que ele esperava. Sophia largou o fuzil e voou para trás, aterrissando no parapeito, por milímetros não despencando do prédio.

O exilado se aproveitou da vantagem para enquadrá-la na mira. Retesou o cão da Beretta, mas a pistola travou, obrigando-o a prosseguir a luta desarmado. Com as costelas sangrando, acometeu sobre a moça, que agora se levantava. Preparou um murro, atacou o rosto dela, contudo Sophia se desviou, abraçou-lhe o pescoço, arqueou o quadril e usou a própria energia do golpe para arrojá-lo sobre a mureta.

Denyel não viu mais o solo. Quando se deu conta, estava caindo de uma altura descomunal, mas não sucumbiria sozinho. Segurou-a pelos cabelos e ambos tombaram nas trevas, desabando a uma velocidade espantosa, observando os automóveis, as avenidas, os arranha-céus traçantes, o pisca-pisca dos barcos.

Sophia não ficava parada, e na queda os dois continuaram a se estapear, a trocar socos e chutes, então ela se prendeu a uma janela, cabriolou para dentro, e o exilado foi junto. Os duelistas romperam a vidraça, terminando prostrados no assoalho de um quarto vazio, com o anjo deitado sobre a rival, em meio a cacós, farpas e uma poeirada medonha, ambos imundos, desgrenhados, feridos.

Denyel apertou-lhe a garganta, pressionando-a contra o chão, ameaçando estrangulá-la. Sentia-se exausto, mas estava contente e o espírito vibrava — primeiro, por ter encurralado a mulher; segundo, por ter tido a oportunidade de entrar numa briga como havia muito não participava.

— Francesa, hein? — ele sorriu com desdém. — Conta outra. — A lua nascia cheia. — E agora, como vai sair desta, chérie?

— Eu tenho os meus métodos. — A loura o agarrou pela nuca e o surpreendeu com um beijo feroso. — Ademais, nunca disse que era francesa.

DORMINDO COM O INIMIGO

SOPHIA LEVOU DENYEL PARA O SEU APARTAMENTO. OS DOIS FIZERAM amor a noite toda. Foi como em Paris. Foi como voltar no tempo. Mas não exatamente.

Se havia uma coisa que Denyel admirava na terra era a incrível dualidade da raça humana. Diferentes dos anjos, que em geral têm a personalidade engessada, os mortais convivem dia a dia com sensações conflitantes, experimentando do ódio ao amor, da alegria à tristeza. Sophia, por si mesma, era a contradição em pessoa, um enigma a ser decifrado, e foi justamente esse o aspecto que o conquistou. Desde a França ela usava a tática de, por meio de olhares e gestos, desejá-lo num minuto e desprezá-lo no outro, o que transformava a relação entre os dois em um jogo, uma partida arriscada e cheia de surpresas, repleta de blefes, de truques, que podia (literalmente) destruir quem não se ajustasse.

Diante disso, cada ato, cada troca de beijos, cada carícia era a seu modo uma batalha, uma disputa de quem fazia melhor, de quem era o mais vigoroso, o que os deixava em alerta, os fazia sentir o prazer de estar vivos, constantemente empenhados em superar seus limites.

O atalho que começava no compartimento de roupas sujas da pensão, em Roma, conduziu o celeste ao Hospital Metropolitano de Nova York, embora a presença da moça, bem como sua identidade real, fosse ainda um mistério.

Denyel não a sufocou com perguntas, não num primeiro momento. Resolveu aproveitar cada instante, simplesmente, pois não calculava quando a veria de novo e nem tinha idéia do que aconteceria depois.

Por volta das cinco horas, o anjo da morte adormeceu, e, se Sophia planejasse matá-lo, pelo menos ele morreria feliz.

Sophia morava no último andar de um prédio centenário, na esquina da Rua 72 com a Avenida Central Park West, no coração de Manhattan. De longe, o edifício lembrava um enorme castelo. Construído nas últimas décadas do século XIX, misturava detalhes art nouveau com frontões neogóticos, incluindo telhados de ardósia, varandas em estilo francês e arcos decorados por carrancas humanas. O interior era luxuoso, o piso de madeira e as cortinas de seda, entretanto era pouco espaçoso, o que o tornava aconchegante, sobretudo nos meses mais frios. O quarto de dormir tinha uma pequena sacada com vista para o Central Park, e do alto se enxergavam os jardins do Conservatório, a Ponte Bow, Cherry Hill e as torres do Belvedere, tudo cercado pelas árvores castanhas de outono.

Denyel acordou com os raios de sol. Os ferimentos a bala ainda doíam, mas já não sangravam. Sophia estava encostada à janela vestindo um chambre translúcido, fumando um Pall Mall mentolado. Sua figura era

especialmente erótica porque, além de bela, havia o contraste com a mulher que ele conhecera em Paris, tão frágil, tão inocente àquela época. Seus fios estavam louros agora, e os olhos, de verdes se transmutaram em azuis, embora as feições permanecessem iguais, o nariz fino, os lábios fartos. O querubim a contemplou em silêncio, depois se sentou no colchão. Massageou a nuca e se levantou. Foi direto ao barzinho da sala, encheu um copo de Chivas Regal, pinçou três pedras de gelo, sacudiu a mistura e regressou.

– Sophia... – Deu um gole no uísque. – Esse é seu verdadeiro nome?

– Pensei que os querubins fizessem menos barulho – ela brincou e a seguir respondeu à pergunta. – Sim. Esse é o meu nome humano. O nome que posso usar com você. Tenho também um nome celeste. Todos os elohins têm. Na realidade, trata-se de um código.

– Código de quê?

– Ora, mas é absolutamente proibido dar-lhe tal informação. Faz parte da zona secreta de nossa casta.

– Zona secreta? – Os termos eram confusos para ele. – Então é isso. – Denyel não se ateve aos pormenores. – É uma elohim.

– Estou surpresa que não tenha descoberto antes. Você caiu como um pato, acreditou no conto da donzela em perigo. – Trougo o cigarro. – Mas não o culpo. Qualquer um teria sido enganado. Nossa ordem é versada em mascarar a aura, ou, eu deveria dizer, em disfarçá-la. Estamos sempre a nos adaptar aos costumes terrenos, e graças às nossas divindades podemos envelhecer, parecer mais jovens, alterar nossos traços físicos, mudar a cor da pele, a tonalidade dos cabelos, o que nos ajuda a saltar de cultura em cultura, assumindo identidades ao redor do mundo.

– Confesso que gostava mais do sotaque francês. Era qualquer coisa de charmoso – o exilado afagou-lhe as melenas. – Mas ainda não entendo. Estacionados na terra, com os alados guerreando no céu, vocês poderiam facilmente governar o planeta.

– Deus não deu asas à cobra. É da natureza dos elohins, bem como a sua é lutar, não interferir no arbítrio dos homens. Sei que compreende sob esse aspecto.

– Isso eu posso conceber. – Despejou mais Chivas na boca. – Só não me entra na cabeça por que atirou em mim.

– Porque me apontou uma arma – ela falou tão espontaneamente que Denyel ficou atordoado.

– Sim, mas... nunca pretendi machucá-la.

– Não? – arqueou as sobrancelhas. – Por que sacou a pistola, então?

– Poderia ser por muitas razões.

– O único objetivo de um querubim desembainhar uma espada é para matar. Estou certa?

– Tecnicamente.

– E você é um querubim.

– Desde criancinha – ele admitiu, em tom cáustico.

- Foi o que presumi.
- E quanto ao hospital? O que fazia por lá?
- É onde trabalho – outra colocação automática.

– Sei – o anjo não se convenceu. – Aposto que não comprou este apartamento com o salário de enfermeira.

– Herança de família. – A explicação era dúbia, mas não necessariamente incorreta. Sophia vivera muitas vidas como mulher, e seria fácil para ela ter economias vultosas. O próprio Denyel teria, não gastasse tudo em bebida.

– O que estou querendo saber é... – Pigarreou antes de continuar. – Você trabalha para Sólón?

– Não do jeito que você pensa. – Ela o observou através da fumaça e, a julgar pela expressão, não ficara aborrecida. – Sou mais como uma informante. Forneço a Yaga o nome e a localização dos alvos, e ela os comunica a você. O telefone com a secretária eletrônica, o pagamento que chega pelo correio, a pasta de arquivos, tudo passa antes por mim, de uma forma ou de outra.

– Que desperdício, hein? – girou o copo. As peças de gelo tilintaram. – Não seria mais simples me contatar em pessoa?

– Eu fiz isso – ela rebateu, fingindo ciúme. – Nossa aventura nas Tulherias não significou nada para você?

– Para mim, sim. Para você, já não sei – a frase saiu amarga. – Por que nunca mais me procurou?

– Para minha própria segurança, e pela sua – a loura o acariciou, para compensar as palavras sólidas. – Sólón já planejava, desde 1944, atacar cirurgicamente os cabeças da rede. Não acha que a teia viria atrás de mim, se soubesse que estou atrelada a você?

– A teia. – Denyel saboreou o gosto do álcool. – Então ela existe?

– Sem dúvida. Por que o Primeiro dos Sete ordenaria a execução dos elohins, se não tivesse um bom motivo?

– Não sei. Dos malakins pode-se esperar tudo.

– Qualquer um é capaz de qualquer coisa – ela repetiu o que o exilado dissera na França. – Continua pensando assim?

– Mais do que nunca – o que o levou ao próximo tópico. – E você? – Ele não queria condená-la, pois era um assassino confesso, mas não conseguiu evitar a pergunta. – Como se sente ao denunciar os integrantes de sua própria ordem?

– Da mesma forma que você se sente ao matar outro querubim. – O argumento caiu como uma luva, porque, na condição de guerreiros, os querubins se digladiavam a toda hora, sem mencionar a disputa no céu, com as legiões de Miguel e de Gabriel se enfrentando havia milênios, num embate doloroso e sangrento. – Além disso, eles estão errados, não estão? Supostamente, os elohins não deveriam se envolver nessa guerra, e a teia quebrou a promessa, o que põe a casta inteira sob suspeita. São como frutas podres que precisam ser descartadas, para não contaminar todo o saco. Se

nem os arcanjos querem que a batalha se alastre à Haled, imagine nós, que fizemos da terra a nossa casa – amassou as cinzas, jogou a ponta fora. – Será que isso alivia sua culpa?

– Não inteiramente. Se esses anjos cometeram crimes, deveriam ser levados à justiça.

– Levados à justiça? – ela riu. – Ficou maluco?

– Nunca falei tão sério.

– Pense no que está dizendo, bonito. – A maneira como ela o chamara era perigosamente tentadora. – Se as atividades da rede vierem à tona, nada impedirá que o conflito se estenda ao plano físico. Por isso Miguel está agindo através dos Sete, e os Sete por meio dos anjos da morte.

– Essa parte eu já entendi. Mas execuções sumárias? Não é uma solução radical?

– Não cabe a nós decidir.

– O problema é que não podemos confiar nos que decidem.

– Não poderia concordar mais. – A loura suspirou. – Escute. Vou lhe contar uma história. – Fez uma pausa. Sirenes de polícia eram escutadas na rua. Na cidade baixa, as imensas torres do World Trade Center se elevavam como caixotes de ferro, inauguradas fazia poucos meses. – Quando o mundo se recuperou do degelo, Miguel ordenou que descêssemos à terra, que ensinássemos os homens a adorar os celestes. Por gerações incontáveis, erguemos grandes nações, sempre louvando o amor aos gigantes, reverenciando os alados e a vontade de Deus. Então, sem nenhum anúncio, os primogênitos inundaram o planeta, acabaram com o sonho de muitos, destruíram nossos templos, nossos santuários. Séculos depois, outro arcanjo, Lúcifer, prometeu-nos uma revolução, mas tudo o que ele fez foi nos enganar com pregações infrutíferas. Finalmente, emergiu uma terceira facção, que supostamente resgataria os nobres príncípios, mas que era liderada por Gabriel, o arauto dos cataclismos, a figura que comandou as mais brutais mortandades. – Pausou novamente. – Não há inocentes nessa trama, soldado, por isso nós, os elohins, somos promíscuos. Operamos sozinhos, não acreditamos em ninguém.

– Fala como se a guerra fosse uma questão pessoal.

– E é. Sabe como essa briga começou? – Mas ela não perdeu tempo explicando. – Tudo é pessoal.

Denyel se calou, imaginando quanta coisa ele não sabia, quantas verdades estavam ocultas e sempre estariam. Meditou sobre os arcanjos, sobre os sentinelas, pensou nos legendários heróis renegados, recordou as Guerras Etéreas, as pelejas contra Lúcifer e Gabriel.

– Não tem vontade de parar? – ele indagou de repente.

– Parar?

– O cigarro. Está fora de moda.

– Claro. Farei isso. – Ela o beijou, e os dois voltaram para a cama. – No mesmo dia em que você largar a bebida.

EIKO

Bihar, Índia, atualmente

— EU? — KAIRA PERSCRUTOU O ANJO EM HÁBITO DE MONGE. — Não me recordo de sequer tê-lo visto antes. — Ela estava certa disso. — Como posso tê-lo enviado?

— Há muitas coisas das quais não se recorda, não é mesmo, Centelha Divina? — instigou o anfitrião, e a arconte refletiu sobre o que ele dissera. Suas memórias não haviam retornado inteiramente. De fato, havia trechos obscuros, curtos, porém indecifráveis, então seria plausível que os dois já se tivessem cruzado. — Sou Teth, dos malakins, nomeado o Terceiro dos Sete — os olhos amendoados a fitavam —, e a minha missão é transportá-los até Egnias.

— Parece tentador — Kaira deu três passos na direção da escada. Urakin a escoltava, cobrindo todos os ângulos. Ismael vinha logo atrás. — Conveniente, até demais — fitou-o com a seriedade de uma capitã, de uma líder a zelar por seu coro. — Por que deveríamos confiar em você?

— Foram vocês que me procuraram, não foram?

— Isso não significa absolutamente nada. — Depois do ataque de Astron, em Zhangmu, ela estava precavida contra artifícios mentais.

— Disse que é um malakim — Ismael entrou na conversa. — Não sabia que havia anjos de sua ordem isolados na terra.

— Ah, existem uns poucos, sim. Seis apenas, para ser mais exato — confessou. — É uma história um tanto longa.

— Estou certa de que é — Kaira retomou o assunto. — Mas ainda quero que me diga por que eu o teria enviado para ajudar a mim mesma.

— Porque em algum momento suspeitou de que tudo afluiria para cá. Foi assim das outras vezes, e agora não é diferente.

— Das outras vezes? — De repente, as peças começaram a se encaixar. — O déjà vu, ele,...

— Sim, nós já estivemos neste lugar — Ismael teve uma revelação ao encarar a figueira e a compartilhou com seus amigos. — Nós três.

— Precisamente — sorriu o monge. — Este santuário foi construído às margens de urna anomalia a que chamamos de eixo, um bolsão alheio ao resto do cosmo, que retém as qualidades do proto-universo, antes da invenção do tempo e do espaço. Os eixos são nódulos de convergência, dentro dos quais os fios do contínuo se entrelaçam. São como buracos que cortam as dimensões, ilhas de estagnação no centro do redemoinho estelar.

— Acho que compreendo. — A explicação fazia mais sentido para Kaira, sendo os ishins versados no campo astronômico, na rotação das galáxias, na entropia e na expansão do universo. — Então, talvez você possa nos ajudar

duplicamente – ela sugeriu, mas era um teste. – Quem sabe não possa nos revelar o marco final desta jornada?

– Talvez eu possa – assentiu o malakim. – Ou talvez não. – Com as mãos unidas, ele os convidou a entrar. – Venham comigo.

Teth lhes deu as costas e caminhou porta adentro, sua figura careca orientando-os através do percurso. Urakin e Ismael o seguiram, desconfiados tanto do anfitrião quanto da própria arconte, que não costumava se dobrar tão facilmente.

– Não estamos indo rápido demais? – o Executor a questionou sutilmente. – Sabe qual é a fama dos malakins?

– Claro que sei – ela exclamou. – Denyel me contou – a voz se reduziu a sussurros. – Fiquem perto de mim. E só façam o que eu mandar.

O templo era uma construção muito simples, em oposição aos santuários budistas tradicionais, com suas naves adornadas, frontões de ouro, pilastras coloridas, brilhantes. No interior desse ashram, as paredes guardavam um aspecto antigo. Os degraus estavam úmidos, desgastados, do teto pingavam goteiras, e pequeninas raízes cresciam do solo, o que curiosamente tornava o salão acolhedor, reproduzindo as condições uterinas. O altar exibia uma gorda estátua de Buda, e no piso fora traçada uma mandala, um círculo marcado por cordões em baixo-relevo, com o desenho de um redemoinho e múltiplas linhas que convergiam ao centro. Era ali que o Terceiro dos Sete meditava, era sobre esse eixo que ele contemplava os movimentos do cosmo, percorria suas tramas, explorava o turbilhão que sacudia o universo.

O monge sentou-se de costas para o oratório e fez um sinal para que Kaira se acomodasse no coração da mandala. Urakin ficou de pé, bem como Ismael, todos dentro do círculo. A ruiva cruzou as pernas, ao mesmo tempo reparando nos detalhes que a rodeavam, divagando sobre as peças daquele quebra-cabeça, refletindo sobre a aparição de Teth e a importância dela própria naquele intrincado novelo.

– Estamos agora no cerne do mundo, protegidos e isolados, deslocados do barbante essencial do contínuo – disse o monge. – Aqui, você poderá avistar as múltiplas trajetórias se embrenhando, únicas ou sobrepostas, e conseguirá avançar ao tempo e ao local que desejar.

– Por onde eu começo? – Ela estava decidida a tentar, apreensiva para saber o que lhe aguardava, curiosa para testar os supostos poderes de Teth.

– Queime sua aura.

– Quero correr à reta final, ao ponto de conclusão desta batalha – pediu-lhe. – Quero ver como e onde esta missão vai terminar.

– Está bem. Mas saiba que pode ser doloroso.

– Por quê? O que pode acontecer de errado?

– De errado, nada – Teth moveu o pescoço magro. – É que alguns preferem não ter pistas do além.

– Pistas? – Kaira ponderou sobre o significado do termo.

– Pistas. Resquícios. Mais nada.

– Toda vida é sofrimento. – Observou a estátua de Buda. – Não é o

que diria o nosso amigo?

— É o que ele nos diz, certamente — sorriu. — Respire fundo. — O Terceiro dos Sete apontou para o chão. — E deixe que a mandala a conduza.

Kaira não sabia o que fazer, já que as instruções de Teth eram vagas. Então, começou pelo básico. Fechou os olhos, procurou se concentrar no momento, escutou as batidas do coração e, quando menos esperava, estava em outro lugar, em outro tempo, defronte a uma enorme escadaria de pedra, parecida com as rampas astecas, muito longa, somando centenas de degraus, que terminava em uma plataforma suspensa, sobre a qual se apoiavam três tronos, sendo o do centro o maior, o mais culminante e espaçoso.

No princípio, receou que fosse um truque, mas em questão de segundos entendeu que era ela, e não o malakim, quem controlava as rédeas do transe, sendo assim poderia encerrá-lo. Não era como a regressão no templo yami, uma experiência traumática e perigosa na época. Dessa vez, as imagens se faziam intocáveis, como um filme em três dimensões, nítidas e coloridas. O centro da mandala, ao que se percebia, funcionava como um observatório, uma câmara de estudos, sem bordas ou fronteiras, através das ondulações do contínuo.

Lentamente, Kaira subiu a escada. Sentiu cheiro de sangue. Quase escorregou no solo encharcado. Dos níveis acima escorria uma secreção vermelha, e, quando chegou aos lances superiores, ela encontrou os corpos de Urakin e Ismael, ambos estirados na rocha, com imensos buracos no peito, a aura pálida, o rosto sem vida.

No topo do estrado, distante uns cinquenta metros, erguia-se um anjo robusto, de tronco forte, a barba escura contornando a face, os cabelos grossos recuando em entradas na testa, descendo crespos pelo pescoço. Sua cara era bruta, nem velho, nem novo, e a postura, ligeiramente curvada, recordava os primeiros seres humanos, quando ainda moravam em cavernas. Usava roupas modestas, de tecido cru, sapatos de couro e um sobretudo sujo, enlameado. As asas eram grandes, de penas largas, cor de areia, brotando das costas em posição de batalha.

— Você? — Kaira o reconheceu como o Primeiro Anjo, o antigo líder dos sentinelas, um dos maiores inimigos do céu, o celeste que, originalmente, ela deveria perseguir.

— Surpresa? — a voz era rouca e ecoava feito um trovão. — Eu, não — estufou as costelas. — Era de esperar que Gabriel a mandasse. O tiro saiu pela culatra.

— Por que está fazendo isto? — ela tornou a espiar os companheiros. Sentiu a raiva crescer por dentro. — Não precisava tê-los matado.

— Precisava, infelizmente — o sentinela andou sobre o tablado. — Ou somos nós, ou são eles.

— Eles eram meus amigos.

— Eram meus também, antes do cataclismo — sentou-se no trono. — Não fomos nós que começamos esta guerra. Foram os arcanjos, Kaira. Se os

gigantes viverem, nós morremos, sabe disso desde o início — apoiou as mãos sobre o trono. — Os primogênitos nunca quiseram dividir o mundo conosco, portanto não temos de partilhá-lo com eles. — Esticou o dedo para o cadáver de Uraquin. — Seus colegas são como animais, regidos pela força do instinto, presos a uma natureza imperfeita. Não lhes dei chance de escolha porque a eles não cabe o poder de decisão. Foi assim que Yahweh os criou. — E enfim declamou: — Os celestiais serão relegados ao paraíso. Nós, os sentinelas, governaremos a terra.

— Não vou permitir — dos pulsos, nasceram tufos de chama. — Estou aqui para freá-lo.

— É tarde. O que começou não pode mais ser detido. Não importa o que você pense, o que diga ou faça. O processo está em curso, as engrenagens estão rodando — sorriu. — Eu? — desdenhou de si mesmo. — Sou apenas um elo, Centelha. — E completou: — Sou o plano B.

Kaira arregalou os olhos. Saiu do transe.

Chorava.

Sacudiu o pescoço. Fungou. Estava de volta ao templo, sentada sobre a mandala, com Uraquin de um lado, Ismael de outro e Teth à frente.

— Então é verdade? — ela se virou para o monge, a garganta apertada. — É tarde para alterar o futuro?

— Futuro? — O Terceiro dos Sete contraiu os lábios. — O que você viu foi o passado.

— Impossível — moveu a cabeça. Discerniu os parceiros ainda vivos, saudáveis. — Como?

— Déjà vu — murmurou Teth. — Lembra-se do déjà vu? — Fez uma pausa larga, de uns três ou quatro minutos, e a seguir discorreu: — Considere, Centelha. Eu os tenho visto aparecer e desaparecer, ir e vir, surgir e apagar ao longo de eras. — Focalizou a escultura de Buda. — Para os indianos, Vishnu é o deus da conservação, que dorme no oceano cósmico. De seu umbigo cresce o lótus, sobre o qual descansa Brahma, o deus criador. Cada vez que Brahma abre os olhos, um universo se cria. Quando ele fecha os olhos, um universo desaparece. Quando ele morre, a flor se desfaz e outro lótus se forma, outro Brahma renasce.

— Que conversa mais louca. — Uraquin estava farto de Teth. — Prometeu que nos mandaria para Egnias.

— Partiremos agora — Kaira se levantou. — Já entendi tudo.

— Compreendi também — falou Ismael e se dirigiu ao malakim. — Como planeja nos transportar?

— Por meio de um atalho — ele respondeu. — Partilhamos essa divindade com os elohins. O mesmo poder, usado de maneira diferente.

— Sim, mas... — a ruiva ainda estava intrigada. — Conhece a localização da Segunda Cidade?

— Conheço. — Juntou as palmas, como se rezasse. — Já fiz isso diversas vezes. — Pediu que os anjos se reunissem. — Qual é a sua orientação?

— Minha orientação? — A arconte não se apercebeu de primeira, depois

raciocinou com frieza. — Claro. — Limpou a garganta para dar a ordem. — Fique aqui. Espere por ela. — E acrescentou, tomando nos braços o macaco: — E, por favor, cuide bem deste pequenino.

- Ele tem nome? — Teth segurou o animal.
- O que acha de Hanuman?
- Penso que é apropriado — o monge deu um sorriso e inspirou para con- jurar suas técnicas. — Desejo-lhes boa sorte, senhores. Muita boa sorte.

O ANJO DAS ÁGUAS

Nova York, 10 de julho de 1976

DENYEL SEMPRE FORA UM SUJEITO PREVISÍVEL – ERA UMA DAS SUAS CARACTERÍSTICAS marcantes, talvez influenciado pelas centenas de filmes a que assistira, ou melhor, que fora impelido a assistir, na condição de anjo da morte. Seria de esperar, portanto, que ele se apaixonasse por Sophia, e foi exatamente o que aconteceu, como no encerramento das histórias de ação, quando o cavalheiro abraça sua dama, desiste das aventuras, encontra a paz ao lado dela.

O amor de Denyel foi correspondido, uma experiência nova para ele, acostumado às paixões transitórias. Os dois passaram a morar juntos no apartamento da Rua 72, a dividir a mesma cama, a compartilhar praticamente tudo. Por cerca de três anos, de outubro de 1973 a julho de 1976, eles conviveram em harmonia, disfarçados de seres humanos, e o exilado entendeu que era apenas isso o que lhe faltava, que ele não precisava mais sair pelo mundo, tampouco se envolver em caçadas frenéticas.

Durante todo esse tempo, Yaga não o contactou, e o celeste sabia o motivo. O anjo que ele matara em Roma – o Cardeal – era supostamente um dos cérebros da teia, e agora seria preciso esperar a poeira assentar, para só então colocá-lo de novo em serviço.

O período de licença não programada caiu-lhe como uma bênção, a propósito. Sophia trabalhava de segunda a sexta no centro médico, e Denyel conseguiu emprego como motorista de táxi, guiando os famosos yellow cabs de Manhattan, o que o tornou um profundo conhecedor da natureza terrena, um apreciador das mais diversas culturas, mais um forasteiro no caldeirão fer-vente da Big Apple. O salário era baixo, mas quem se importava? Os dois tinham tempo para ir ao cinema, assistir a peças de teatro, explorar os museus, caminhar no parque e viajar nas férias, uma vez por ano. No outono de 1974, eles alugaram uma casa de campo em Vermont e ficaram isolados até o Dia de Ação de Graças, escutando a chuva bater na janela, bebendo ao calor da lareira, ouvindo jazz, dance e música clássica no toca-discos da sala.

Nos primeiros seis meses, Sophia se mostrou especialmente preocupada com eventuais represálias da rede e acabou por ensinar ao querubim um dos seus dons de casta, a capacidade de mascarar a aura, de maneira que os outros celestes, os elohins inclusive, não o percebessem, uma técnica que se revelaria eficaz no futuro, em situações adversas, não necessariamente relacionadas à teia.

O ano de 1975 foi o melhor da vida de Denyel. Para todos os efeitos, eles

eram típicos nova-iorquinos e se comportavam como tal, incorporando os hábitos mundanos nos mínimos aspectos, o que também os deixava suscetíveis às armadilhas da carne.

Quando o verão de 76 chegou, Sophia o convidou a tomar sol no Central Park — era um programa clássico das tardes de sábado. Compraram sacos de pipoca, copões de cerveja preta e se sentaram na escadaria da Fonte Bethesda, um monumento de bronze encimado pela estátua do Anjo das Águas, no coração arquitetônico do parque. Sobre a esplanada, crianças sopravam bolhinhas de sabão, corriam e pulavam, saboreavam sorvetes e algodões-doces. Os hippies, mais escassos a cada dia, dedilhavam "Blowin' in the Wind" no violão, deitados às margens do lago, enquanto executivos de camiseta faziam cooper com seus cachorros.

— Denyel — ela não sabia por onde começar. — Preciso dizer uma coisa.

— Vá em frente. — Enfiou um punhado de pipoca na boca. — Este é um país livre.

— Sei que é doloroso ouvir isso, mas não podemos ficar juntos por muito mais tempo.

— Hã? — ele parou de mastigar de repente.

— Fiquei sabendo hoje. Logo você será reconvocado.

— Ah, sim. — Denyel deu um suspiro de alívio. — Já era esperado, não? — Outro gole na cerveja. — Restava saber quando.

— Yaga o mandará para Amsterdã dentro de um mês.

— Como é bom ter acesso às notícias em primeira mão — sorriu. — Não se preocupe. Resolvo a coisa toda e volto num instante. Quer que eu lhe traga uma tulipa?

— Esqueça a tulipa. — Sophia reuniu força e coragem. — Ouça. Você não poderá voltar para cá. Terá de ficar em Londres. Na casa segura.

— Por que essa besteira agora? — Um frisbee quase os acertou na cabeça.

— Discutimos tanto sobre isso — ele depositou o copo no chão. — Estamos seguros em Nova York. Sólon nunca nos descobrirá, tampouco aqueles palermas da teia. E, se descobrirem, deixemos que venham.

— Será que é tão difícil entender? — os olhos azuis de Sophia marejavam.

— Não tem nada a ver com a teia.

— Não? — Denyel a abraçou. — O que há de errado?

— O que há de errado? — ela o afastou. — Está tudo errado!

— Tudo o quê?

— Ora, por favor. Dê uma olhada para nós.

— É só o que faço há três anos.

— Somos uma farsa, não percebe? Dois anjos brincando de casinha, fingindo ser gente. — Contra o sol, ele reparou que a loura chorava. — Uma enfermeira de minissaia. Um taxista bêbado. Parece sinopse de filme B.

— É bem real para mim.

— Encare os fatos. É patético. Isso tem que acabar — abanou o pescoço.

— Não pode dar certo.

– Construiremos a nossa estrada juntos, Sophia. Que se danem os outros.
– Está cego, soldado – ela o encarou, o rosto inchado. – Não dou a mínima para os outros.

– Já sei. – Denyel ficou calado por alguns instantes. Sentiu um aperto no peito, um calor subindo-lhe pela espinha. – Está me dando o fora.

– Chame como quiser.

– Não tem problema. – O anjo respirou fundo. Coçou o nariz, bancando o durão. – Não tem mesmo. Só quero que me diga onde foi que eu errei.

– Denyel, ninguém errou – a voz ficou suave. – Essas coisas acontecem, simplesmente. Procure aceitar. Toda a nossa vida não passa de um jogo e, se você decide apostar, tem que estar preparado para ganhar ou perder – enxugou as lágrimas.

– Nunca me deram uma opção, na verdade. – Ele amassou o saco de pipoca. Jogou-o na lata de lixo. – Mas eu entendo – e entendia, só não concordava. – Não quero ser um estorvo. Parto hoje mesmo para a Inglaterra.

– Não precisa sair correndo. Falta um mês ainda – ela frisou, sedutora. – O verão mal começou.

– Ai sim seria patético – riu de nervoso.

– Só quero que fique bem.

– Eu vou ficar – o exilado se levantou. – Bom trabalho, chérie. Bom trabalho.

Denyel deixou Nova York na mesma noite, usando o passaporte britânico, sob o disfarce de Eric R. Tate. Embarcou em um avião para Londres. Desceu no Reino Unido algumas horas depois, pegou um táxi para a Rua Vauxhall, tirou a poeira dos móveis e aguardou algumas semanas, solitário, praticamente outro fantasma vagando nos corredores da casa segura.

O pacote com os arquivos chegou pelo correio a 3 de agosto, e o relatório apontava como alvo uma famosa prostituta baseada na capital holandesa. Seu nome era Prisca Ryke, diretora de um dos mais antigos bordéis de Amsterdã, o chamado Clube do Inferno, tradicional casa de espetáculos localizada no Distrito da Luz Vermelha, uma soturna mistura de prostíbulo, danceteria e coffee shop.

No embrulho havia duas passagens ferroviárias, de ida e volta, além de um pente de balas para a Beretta, com os mesmos cartuchos que eram sempre usados. Os papéis indicavam que toda a operação, do princípio ao fim, deveria ser conduzida por Denyel, sem o menor contato com Yaga, talvez para preservar a tortuosa cadeia de comando que se iniciava na terra, com os anjos da morte, e terminava no paraíso, sob o trono do arcanjo Miguel.

O exilado tateou as cápsulas com a palma da mão, taciturno, e então lembrou que tinha sido por causa delas que cruzara o atalho, que encontrara Sophia, e o mais absurdo era que, em três anos, ele nunca se interessara em

averiguar sua origem, como eram feitas, de onde vinham e do que se tratava.

Sacou o fone do gancho e começou a discar para Nova York, mas parou ao notar um pequeno bilhete no fundo da pasta. Era a letra da elohim, e a mensagem, escrita com uma esferográfica azul, parecia responder abertamente aos seus pensamentos.

*Nunca faça uma pergunta cuja resposta não deseja.
Sophia*

REUNIÃO DE FAMÍLIA

Tsafon, o Monte da Congregação, dias atuais

O UNIVERSO COMO NÓS O CONHECEMOS FOI CRIADO POR DEUS A PARTIR de um estalo, uma chispa desencadeada pela fricção dos elementos primevos, batizada pelos alados de fulgiston, o supremo estouro de radiação e energia. Desse ponto em diante, surgiram a matéria e o contínuo do tempo, com as partículas se dispersando a uma velocidade absurda, percorrendo a negritude em ondas concêntricas, alargando as bordas do infinito, aos poucos se condensando em manchas solares, corpos que mais tarde dariam origem aos planetas, às estrelas e às nebulosas. Sob a crista dessas vagas, nasceram enormes bolsões de antimatéria, esferas alheias ao resto do espaço, algumas pequenas, outras imensas, então chamadas de dimensões paralelas, muitas contendo sucessivas camadas de isolamento, como as seções de uma colmeia, dotadas de regras únicas, contudo limitadas em sua extensão, restritas às fronteiras que lhes foram traçadas.

Deslizando sobre os desertos escuros, singrando os oceanos de plasma e carbono, os arcanjos adotaram o paraíso como morada, organizado em sete níveis, prontos a abrigar tanto os gigantes quanto as seis castas angélicas, à exceção dos elohins, que seriam alocados na terra. O primeiro nível foi entregue aos ishins, com seus lagos de fogo, celeiros de neve e tempestades; o segundo passou à ordem dos hashmalins, onde eles construíram a Gehenna; o terceiro teria sido doado aos ofanins, que no entanto preferiram assumir suas funções na Haled; no Quarto Céu os querubins estabeleceram castelos e fortalezas; a quinta camada recebeu a administração dos serafins, que projetaram cidades e catedrais; o Sexto Céu é o lar dos malakins; e no sétimo repousa o próprio Deus, supostamente guardado por seu descendente, o arcanjo Miguel.

Desde o princípio, apenas aos arcanjos fora permitido o ingresso ao Sétimo Céu. O que lá existe, e assim tem sido por bilhões de anos, é nada menos que o monte Tsafon, uma montanha tão alta, tão larga, que supera a circunferência da Terra, em cujo topo se eleva o Santuário do Alvorecer, uma construção circular sustentada por vigorosas colunas, destinada a conter não só a memória do Pai, mas também o Livro da Vida, um compêndio sagrado, escrito por dentro e por fora, que contém o registro do sétimo dia, descrito em minúcias, do aparecimento do homem à sua queda.

De pé à entrada do templo, o príncipe Miguel contemplava a imensidão sideral. Dali eram visíveis todas as constelações do universo, os buracos negros e as supernovas, os cinturões de asteroides, os cometas em rotação, os aglomerados e meteoros. Sua armadura era prateada como os raios da lua, forjada com detalhes em ouro, os desenhos complexos, espelhados. O elmo

de queixada pontuda ostentava uma crista vermelha, revelando os negros cabelos compridos, cortados por uma mecha branca acima da testa. O rosto era duro, característico de um campeão, marcado por cicatrizes, a barba rala, e à cintura ele portava a Chama da Morte, sua famosa espada de fogo, embaalhada, quieta, respeitando as instruções de seu amo.

À sua frente, nos degraus mais abaixo, meio oculto entre as gélidas brumas da noite, quem o encarava era um visitante improvável, outrora seu maior aliado, agora seu pior inimigo: Gabriel, o Mestre do Fogo, o marechal das tropas rebeldes, que dois mil anos antes deserudara o irmão. Sua couraça era completa, dourada, com as placas encaixadas sob as ombreiras, os adornos metálicos suportando a capa macia, aberta no centro para não comprimir suas asas. O corpo era magro, porém musculoso, os cabelos longos, soltos, cor de mel, e a expressão sempre calma. Trazia também consigo o seu sabre, a Flagelo de Fogo, poderoso o bastante para rasgar as galáxias, temido por deuses, feras e monstros.

Mas o encontro tão raro, tão peculiar, não fora acertado por razões domésticas. Ele se dava às escuras, em completo segredo, no único lugar onde nada nem ninguém poderia espíá-los: sob as pilastras do Sétimo Céu, o mausoléu restrito aos gigantes, exclusivo à classe dos primogênitos.

— Oh, meu irmão — Gabriel apoiou o queixo sobre a manopla, os olhos castanhos pregados no firmamento. — Como chegamos a isto?

— Não me obrigue a recordar-lhe — o tom de Miguel era sóbrio, desprovido de misericórdia ou remorso. — Como você chegou a isto?

— Fico pensando em nosso Pai. — Não era à toa que o arcanjo sofria. Suas memórias regrediam a uma era inimaginável a qualquer ser humano, perdida no curso da evolução estelar, cujas belezas só existiam, agora, na mente de cinco entidades, seres excelsos, invencíveis, que todavia insistiam em brigar. — Seria uma desilusão para ele.

— Yahweh é passado — Miguel tocou o punho da espada. — Por que não diz logo a que veio? — E acrescentou, sem delongas: — Esta reunião é invisível.

— Invisível, lógico — o Mestre do Fogo enfrentou a realidade. — O que diriam as suas legiões, afinal?

— E o que diriam as suas? — ele retorquiu duramente. — Não sou eu o tirano?

— Não vem ao caso. — Gabriel subiu à plataforma, as asas recolhidas, a guarda desfeita, sem a intenção de lutar. — Hoje, nossas preocupações são externas. Temos um obstáculo em comum — focalizou o tema central. — Presumo que já saiba. O Primeiro Anjo escapou da Gehenna.

— O Primeiro Anjo? — O príncipe não gostava de chamá-lo assim. Jamais concordara com esse título, afinal o primeiro era ele. — O líder dos sentinelas, você quer dizer? — retirou o elmo brilhante. — Sim, claro que sei. Os rumores estão se espalhando.

— Rumores — Gabriel fez um muxoxo indignado. — É o que mais me inquietava. — Olhou o irmão com gravidade. — O que pretende fazer a

respeito?

– Eu? – disse Miguel, num comentário seco. – Nada.

– Parece confiante.

– A incerteza é um estado pouco atraente. Não cai bem a alguém como eu.

– Exatas palavras de Lúcifer.

– Ora, francamente – o arcanjo sentiu-se agredido e contra-atacou: – Esta contenda é sua, não minha. Quer que eu o ajude a realizar sua desforra. Desde que ele o venceu está cego, Gabriel, obcecado. Não pensa em outra coisa. E agora vem choramingar aos meus pés.

– O sentinela não me venceu. E eu... Não, eu não procuro vingança, não mais. Como é bem informado, deve estar ciente – a entonação ficou cava. – Ele localizou a fonte.

– Improvável.

– Mas não impossível. E se ele de fato a encontrou...

– Eu sei – Miguel ergueu a mão, tomando para si a palavra. Já não estava mais tão seguro. – Seria uma desgraça.

– Desgraça é um termo generoso. Seria uma catástrofe. – Gabriel esperou uns instantes e acrescentou: – De minha parte, a operação está em andamento. Despachei uma equipe atrás dele.

– Soube disso também. Meus espões me contaram – sorriu de través.

– Fez escolhas muito acertadas, Mestre do Fogo.

– Compreende enfim por que o chamei?

– Quer me propor um acordo. – A idéia era ousada e perigosa. Se as tropas soubessem que seus generais confraternizavam escondidos, que motivação teriam para continuar pelejando? Seria o fim do confronto civil, seguido por deserções e debandadas, um caos em todos os níveis.

– Uma aliança – corrigiu. – Secreta, evidentemente – os dois gigantes se afrontaram. – Ou então aceite o fato de que estamos às portas de outra guerra.

– Sou o soberano do universo. Só aceite o que eu determino.

– Deixe de lado a arrogância, só desta vez – pediu Gabriel. – Não daríamos conta de mais um conflito, não a esta altura. – A batalha no céu já os estafava demais. – Não após termos ido tão longe. – A colocação era óbvia.

Miguel cabeceou, depois o espetou com uma provocação repentina:

– Contou a ela?

– Não. Julguei que seria prejudicial à missão.

– Gabriel, o bondoso. – Por dentro, o tirano se divertia. – Gabriel, o libertário. O puro. Gabriel, que nunca mente, o defensor da verdade. São atitudes como essa que nos aproximam, sabe?

– Mais do que nunca. – O Mestre do Fogo não se dobrou à injúria. Fez jus aos ensinamentos de seu outro irmão, Rafael. – Por que não vem comigo?

– Ir com você?

— Sim, para o futuro — ele exclamou, catedrático. — Depende de nós, unicamente. Bastaria que me estendesse a mão, que me abraçasse e me aceitasse de volta. Estamos aqui, cara a cara, diante da morada onde reinou nosso Pai — as frases eram doces e exalavam paixão. — Será que não percebe, Miguel? Não é tarde ainda. Podemos findar esta guerra, dar um basta nisto agora — a aura estufou. — Chega de matanças. Somos iguais, herdeiros de Deus, sangue do mesmo sangue.

— Se veio desde o Primeiro Céu para me converter, perdeu o seu tempo, Gabriel.

— É um soldado, não um falastrão como Lúcifer — insistiu o anjo de armadura dourada. — Conhece o valor da genuína amizade, que só brota nos campos de guerra, respeita e cultua os limites da honra. — No fundo, bem lá no fundo, Gabriel sabia que eram inúteis os seus esforços, mas precisava tentar. — Por isso ainda não acabou comigo, e arrisco dizer que nunca o fará. — A mirada se perdeu nas nuvens, seguiu a rota de um cometa traçante. — Éramos unos no princípio, não se lembra? Foram tão magníficos os nossos combates, a suprema vitória sobre os deuses primeiros, a consagração dos primogênitos, a detonação do fulgiston.

— Esse tempo já passou, irmão — e, quando o príncipe assim falou, havia um traço excepcional em seu rosto: menos ódio e mais tristeza. — Mas não se preocupe, Mestre do Fogo — esboçou um meio sorriso, e pela primeira vez era probo — Desejo sucesso em sua demanda — recolocou o capacete. — Dou-lhe minha palavra, em nome dos dias antigos. — E anunciou, finalmente: — Terá toda a ajuda que eu puder lhe proporcionar.

— E depois?

— Depois, será entre nós — retomou a postura maléfica. — Depois, vamos à guerra.

VILA SÉSAMO

Amsterdã, 6 de agosto de 1976

PARA QUEM CHEGA A AMSTERDÃ DE TREM, O DESTINO FINAL É A CENTRAL STATION, um gigantesco terminal ferroviário construído nas últimas décadas do século XIX, quando a Holanda ingressava – tardiamente – no período industrial. De fachada renascentista e painéis ornamentados, a estação esconde em seu bojo plataformas de aço e concreto, características de uma era em que a Europa despontava como o coração pulsante do mundo. Controvertida na época de sua fundação, a estrutura foi projetada como uma alternativa ao transporte marítimo, orgulho nacional para os holandeses, cuja economia tanto prosperou durante a chamada Idade do Ouro, entre os séculos XVII e XVIII. Desde então, os moradores dos Países Baixos aprenderam a respeitar os estrangeiros, a entender que eles movimentam os negócios, trazem riquezas, oportunidades e ajudam a sustentar a nação. Nas ruas de Amsterdã, não há um taxista, um garçom ou mesmo um mendigo que não fale inglês, não esteja disposto a ajudar, não estenda a mão aos peregrinos.

O sistema de transportes que compõe a Centraal Station é maior do que se apresenta do saguão e reúne num só ponto três malhas urbanas, integrando os roteiros de bonde, as linhas de ônibus e as estações de metrô. Denyel saltou do comboio às quinze horas, carregando consigo nada mais que uma bolsa esportiva, agasalhado com a jaqueta de couro, trajando jeans, gorro e camiseta.

Mesmo no auge do verão, a temperatura caíra drasticamente, e a previsão era de mais chuva para as próximas semanas. Denyel alçou a mala nas costas. Saiu andando pelas travessas. Cruzou a cidade a pé, apreciando os belos parques, as praças, os barcos, os canais, as pontes de pedra. Observou as casas flutuantes, os sobrados estreitos, as torres das igrejas calvinistas, os canteiros de tulipas e as árvores multicores.

Os Países Baixos estiveram por cinco anos sob o jugo nazista, tempo em que milhares de judeus foram deportados para os campos de concentração, entre 1940 e 1945, tragédia relatada em um clássico da literatura, O Diário de Anne Frank. Quando a guerra acabou, a Holanda sofreu com uma série de problemas sociais, e por seu caráter liberal Amsterdã se converteu, na década de 60, em uma espécie de paraíso hippie, além de polo internacional de tráfico de drogas, o que levou o governo a implementar certas medidas que enfim devolveram a paz aos cidadãos. Em meados de 1976, caminhar sozinho pelos becos se transformara novamente em uma atividade segura, o que não livrava os turistas de pequenos furtos, cometidos quase sempre por jovens adictos.

Denyel buscou estada em um pequeno hotel de duas estrelas no número 89 da Rua Leidsekade, próximo ao centro histórico e a poucas quadras do Distrito da Luz Vermelha, onde se encontrava o famigerado Clube do Inferno. Lavou o rosto, deixou a bagagem no quarto, conferiu os cartuchos da Beretta, preencheu o cadastro na recepção, pagou em dinheiro e saiu para fazer o reconhecimento da área, antes de a noite cair.

Embora o término da relação com Sophia o tivesse abalado seriamente, ele estava confiante no sucesso da operação, graças aos truques que aprendera em Nova York, com os quais pretendia emboscar Prisca Ryke, sem falhas dessa vez. Circulou pela região, comprou um tubo de pastilhas de chocolate e se sentou em um banco defronte ao prostíbulo, para estudar as possíveis rotas de entrada e saída, e o que ele viu o deixou abismado.

O Clube do Inferno operava nos fundos de um casarão renascentista, e a porta, com duplas seções de madeira, encontrava-se ao final de um corredor de tijolos, formando um túnel arqueado, sombrio. Dentro dessa galeria se amontoavam umas quinze pessoas, todas entorpecidas, jogadas no chão, sorvendo haxixe, injetando heroína, chupando cartelas de LSD, algumas bebendo cerveja. Sobre elas, no plano astral, flutuava uma pernicioso massa de diabretes que lhes sugava a energia, consumindo suas forças, sorrindo, gritando, tomada por uma mistura de frenesi e delírio. Essas entidades, criaturas fracas, novatas, surgiam deformadas através do tecido, com a pele sangrenta, cheia de bolhas, os órgãos saltados, os genitais inchados. O anjo ergueu a cabeça e discerniu sobre o telhado uma estranha nuvem a sacudir a membrana, composta por gases negros, carregados de oscilações rancorosas, que não pareciam emanar dos demônios, tampouco da elohim que (supostamente) os controlava.

Determinado a não agir por impulso, nunca mais — esse fora seu erro na Itália —, ele se dirigiu na manhã seguinte à Biblioteca Nacional, onde gastou três longos dias revirando livros, jornais, revistas e mapas. Descobriu fatos macabros acerca do Clube do Inferno, que jamais teria imaginado a princípio.

O bordel fora, segundo um cartaz art nouveau, inaugurado em 1879, inicialmente como uma casa para o consumo de ópio, após ter sido comprado por um preço irrisório, em consequência dos crimes que teriam ali ocorrido em janeiro de 1802. De acordo com um livro publicado nos anos 30, o lugar servira de palco para o suicídio coletivo de 34 pessoas, incluindo cinco integrantes da mesma família, contando duas crianças. Com a reabertura, o estabelecimento se tornou popular entre os marinheiros, e apesar da má fama não houve, ao longo de oito décadas, denúncias de novos crimes, à exceção de uma briga entre cinco alcoólatras em 1963, que terminou com o saldo de quatro mortos. O único sobrevivente, um inglês referido nos arquivos como Perry C. Lee, foi transferido para um manicômio na comuna de Leiden, a 35 quilômetros da capital, "pelo uso abusivo de substâncias entorpecentes", informava a reportagem do periódico *De Telegraaf*.

Denyel memorizou o nome do sanatório, largou os papéis sobre a mesa e saiu da biblioteca direto para uma cabine telefônica. Nas páginas amarelas, encontrou o número e o endereço da instituição, pegou uma moeda, enfiou-a no buraco e começou a discar. Uma mulher atendeu.

— Olá, boa tarde — disse a voz feminina.

— Boa tarde — Denyel reforçou o sotaque britânico. — Meu nome é Eric Tate. Sou o advogado da família Lee.

— Perdão? — a mulher não fez a ligação.

— Perry Lee. Estamos procurando por ele faz mais de quinze anos.

— Sim, senhor — a resposta foi tímida. Denyel a incentivou:

— Fui encarregado de descobrir o paradeiro do senhor Lee. Gostaria de fazer uma curta visita ao paciente antes de entrarmos com o processo de repatriação. — E acrescentou: — Os pais do senhor Lee lamentam o inconveniente e garantem que estão dispostos a arcar com todas as despesas da internação.

— Somos financiados por verbas públicas da Casa de Orange. — A Casa de Orange-Nassau é a dinastia que reina na Holanda desde 1815. — Compensações não são necessárias. Mas o senhor é bem-vindo para ter com o senhor Lee amanhã, a partir das dez horas.

— Muito obrigado, senhorita. Conte comigo, então — agradeceu. — E, por favor, não conte nada ao Perry — deu uma risadinha agradável. — Gostaria de fazer uma surpresa.

Denyel adentrou o grande salão, um aposento espaçoso, reservado prioritariamente às visitas, de paredes brancas e janelas largas, no setor mais a oeste do manicômio. Sobre as mesas descansavam peças de gamão, tabuleiros de xadrez e outros passatempos criativos, bem como a edição de luxo do aclamado jogo Monopólio. O mural exibia desenhos rabiscados com giz, retratando personagens sem nexos, árvores flutuantes, pessoas mortas, palhaços de circo, uma verdadeira coleção de aquarelas bizarras. O ambiente à meia-luz contrastava com a paisagem através da vidraça, dominada, de norte a sul, por uma extensa plantação de tulipas, e no meio delas despontava um moinho de vento, as pás girando no sentido anti-horário.

O tempo abria, trazendo sol e calor, desafiando a previsão dos jornais, uma autêntica manhã de verão europeia. O exilado farejou o odor de tabaco, mesclado ao inconfundível cheiro de sedativos, drogas hipnóticas que induziam ao sono pesado. Endireitou a gravata, ajustou o terno bege, tirou uma pastinha de debaixo do braço e escutou as notas de uma canção popular repetida centenas de vezes, sempre à mesma hora, na abertura do programa infantil Vila Sésamo.

*Sunny day
Sweepin' the clouds away
On my way to where the air is sweet
Can you tell me how to get,
How to get to Sesame Street.*

Enfiado em uma cadeira de rodas, com os olhos grudados no televisor, jazia um homem magro, de 30 e poucos anos, pele branca, barba e cabelos compridos, vestindo um roupão azul, com o brasão do sanatório costurado no peito. Quase não se movia, a não ser para fumar, absorto pelas figuras na tela, completamente dócil, parecendo um bichano acuado, as unhas negras de alcatrão, o cinzeiro apoiado nos joelhos, transbordando de mortalhas usadas.

*Come and play
Everything's A-OK
Friendly neighbors there
That's where we meet.*

— Pode ficar por até uma hora, senhor Tate. — A enfermeira se encantara com o charme de Denyel. Era uma mulher gorda, nativa da Indonésia, antiga colônia ultramarina governada pela Holanda até 1949. — Quer que eu lhe traga uma xícara de café? Ou um copo d'água?

— Não, senhorita, obrigado. É muito generosa — o anjo caprichou na simpatia. — Só quero ficar uns minutos a sós com o nosso rapazinho. Quinze, no máximo.

— Esteja à vontade. — A moça deu as costas, acenou um tchau. — No que precisar, estou na saleta da recepção, no primeiro andar. — Ela saiu caminhando, encostou a porta e desapareceu no corredor.

*It's a magic carpet ride
Every door will open wide
To happy people like you
Happy people like
What a beautiful*

Denyel puxou uma cadeira, colocou-se cara a cara com o doente e em questão de segundos desvendou a charada. Preso ao corpo humano, invisível aos mortais menos sensíveis, escondia-se um ser demoníaco. Sua forma espiritual era obesa nos flancos, infestada de pústulas, com os membros atrofiados, como um bebezão gigante que busca abrigo sob um tapete, denunciando ainda assim seu volume. A expressão, contudo, não era desaforada como a dos outros satânicos, e sim psicótica, infantil até certo ponto, o que se refletia no rosto físico de Perry Lee. O exilado reteve sua aura, justamente como Sophia lhe ensinara, e resolveu sondá-lo antes de tomar providências mais sérias.

— Senhor Lee? — sacudiu-o. — Senhor Lee. — Nenhuma resposta. — Sou seu advogado. Lá da Inglaterra.

— Fica quietinho — ruminou o diabo. — Não posso conversar agora — a voz saiu nasalada. — Se ele me escuta, estou roubado.

Ele?

— O Garibaldo — apontou para a televisão, indicando um dos personagens centrais do programa, um enorme pássaro de penas amarelas.
— Bicho sinistro. Me borro nas calças de ver esse troço. — Apertou o anular de encontro aos lábios. — Espera só ele desaparecer, está bem?

Sunny day

Sweepin' the clouds away

On my way to where the air is sweet.

O pouco-caso com que a entidade o tratou fez com que Denyel perdesse a cabeça — não era o procedimento correto, mas ele não conseguiu evitar. Já fazia um bom tempo que queria dar uma surra naqueles demônios, desde o incidente em Roma, quando tivera de pactuar com os raptores, enquanto na verdade desejava esmagá-los. Como não tivera a chance de enfrentar Bakuno, o jeito seria descontar no gorducho, mas precisava ter cuidado para que o espírito não escapasse, afinal ele fora ao hospício em busca de respostas e não sairia de lá sem todas elas.

Curvou-se para frente, fechou os punhos. Com uma pancada, desligou a TV e quase a quebrou no processo. O tubo enegreceu, a imagem se apagou, depois ficou tudo cinza. Girou a cabeça para os lados. Quando entendeu que estavam sozinhos, expandiu sua aura, agarrou o homem pelo pescoço e o ergueu sobre a cadeira de rodas.

O infernal tomou um susto, esbugalhou os olhos, começou a se debater. Uma vez encarnado, ele experimentava as mesmas sensações do hospedeiro, fossem elas boas, neutras ou ruins, desde o orgasmo às piores dores. Escancarou a boca para gritar, mas o querubim o asfixiou, então só lhe restava gemer.

— Eu me rendo... — suplicou o diabrete, as palavras secas, rosnadas. Sua reação não era de ódio, mas de medo, um pavor incontrolável. — Diga a ela que não fiz de propósito. Foi sem querer. — Os globos oculares saltavam, a face enrubescera. — Só queria tomar um pouco de ar.

— Canalha. Ladrãozinho de corpos. Sabe o que eu penso da possessão?

— Está certo. Peça desculpas — o som foi se encolhendo à medida que Denyel o sufocava. — Por mim, posso voltar hoje mesmo. Estou pronto, prontinho.

— Prontinho para quê? — afrouxou a pegada.

— O clube. — Mais frases soltas, desconexas, que no entanto começavam a fazer algum sentido. — Gosto de lá, de verdade. Juro por Deus.

O exilado se acalmou paulatinamente, ao compreender que aquele satânico era diferente dos outros. Lançou-o de costas no chão. O diabo caiu estatelado e, ainda dentro do corpo terreno, rastejou para um canto, feito uma minhoca que corre para o buraco, mas Denyel o cercou.

— Espere — organizou as idéias. — De que clube está falando?

— O Clube do Inferno — a criatura gaguejava. Para quem a enxergasse

no plano astral, a cena era comparável à de um artista controlando um fantoche, tomando emprestadas suas cordas vocais. — Não está aqui para me arrastar de volta?

— Definitivamente, não.

— Ah, pois sim — o infernal deu um sorriso lunático. Soltou um suspiro de alívio. — Desculpe-me então — ficou de joelhos. — Desculpa, cara. É por causa da sua aura angélica. Pensei que fosse um elohim, como ela. — Catou a ponta do cigarro no rodapé. — De que casta você é, meu rapaz?

— Esqueça a minha casta. — Denyel o segurou pela nuca e tornou a sentá-lo na cadeira de rodas, truculento. — Estou aqui porque achei que poderia me esclarecer umas dúvidas. — Estalou as juntas dos dedos, sugerindo uma clara ameaça. — O que me diz, hein?

— Combinado. — O demônio fungou, olhos fixos no maço sobre a mesinha. — Contanto que eu possa fumar. Só um trago, pode ser?

— Está bem — disse. — Para começar, me diga quem é você.

— Eu? — A entidade acendeu o segundo cigarro, lisonjeada pelo súbito interesse. — Sou Abul, mas por todo o inferno me conhecem como Abul das Profundezas. É, eu sei. Um nome um tantinho engraçado, mas não foi escolha minha — abriu os braços, num gesto de isenção. — Não sou grande coisa, se quer saber — outro riso louco, como quem pede desculpas. — Só um capetinha de nada. Uma coisa pequena. Não faço medo a ninguém.

— O que faz dentro desse corpo? — o querubim também se sentou.

— O que acha? Estou me escondendo.

— De quem?

— De Prisca e do bicho-papão. — O nome fez Denyel apurar os ouvidos.

— Olha, você me deu um sacode dos bons. Fora de brincadeira. Pensei que era um deles, atrás de mim.

— Por que Prisca viria atrás de você? — pressionou.

— O Clube do Inferno, meu camarada. Quem entra lá nunca sai.

— Está se referindo a outros demônios, como você?

— Com certeza. Meus colegas. Se danaram.

— Calma lá. — O exilado queria entender melhor. — Está dizendo que há diabretes presos no clube?

— É isso aí, filho.

— Como? — ele endureceu o discurso. — Nunca ouvi falar de elohins capturando demônios.

— Não, cara. Prisca apenas gerencia o lugar. É meio como uma cafetina. Cochichou ao ouvido de Denyel: — Quem manda é o bicho-papão.

— Que bicho-papão?

— O monstro que se esgueira pelos subterrâneos — Abul se retraiu enquanto falava, as pernas estavam trêmulas. — Chamamos ele desse jeito porque o filho da puta come gente. Geralmente aos sábados um cliente é escolhido, sempre um estrangeiro, solitário, pobre, de preferência do Leste Europeu.

— Escolhido para quê?

– Já falei, para ser devorado.

– Mas o que seria esse monstro? – A história era grotesca demais. – Outro servo de Lúcifer?

– Quem dera, meu amigo. Eu sei lá o que ele é.

– E você? – Denyel ajustou o rumo da conversa. – Como entrou nessa?

– Sou um pouco fraco para essas coisas, entende? – mostrou o cigarro.

– Caí no papo-furado. O esquema parecia vantajoso no início. Nossa presença, digo, as radiações de nossa aura seriam usadas para amaciar o tecido, criando um santuário urbano, numa área onde a membrana é normalmente espessa. Em troca, poderíamos nos servir à vontade. – Ele aludia á prática de sugar a energia dos vivos. – O problema é que a região foi lacrada.

– Lacrada como?

– Não sei detalhar. – E insistiu, perturbado: – Tudo o que sei é que era obra do bicho-papão.

– Como fez para escapar?

– Um pouco de sorte e duas pitadas de inteligência. – Uma crise de piggaros o calou. Dois minutos depois, prosseguiu: – Uns caras saíram no braço lá dentro. Chamaram a polícia. – Mais uma sinfonia de tosse. – Eu fui esperto e aproveitei o banzé para possuir este corpo. Ninguém se tocou – bateu no peito. – Para ser sincero, tenho pena do sujeito. Possessão é um troço escroto mesmo. Mas antes ele do que eu.

– Sim, mas por que ainda não se mandou? Faz quinze anos...

– Está pirado? – Abul o censurou duramente. – Acha que sou idiota? Se me pegam, estou fodido.

– É um bocado medroso.

– Medroso é o caralho. Não tem noção do que essa criatura é capaz. Ela come gente, irmãozinho. – Proferiu uma exclamação esganada. – Come gente!

– De cabeça, posso enumerar uns dez demônios que fazem a mesma coisa.

– É diferente. – O ser o fitou de esguelha. – Não está pensando em invadir o clube, está?

– Isso não é da sua conta.

– Se estiver, tem meu apoio – fez sinal de positivo. – Fico lhe devendo uma.

– Pode me pagar libertando esse corpo.

– É tudo o que mais quero – sibilou cinicamente. – Posso perguntar o seu nome?

– Não – Denyel se levantou. – Já sabe o bastante.

– Guardo segredo. Palavra de honra. – O diabo choramingou. – Não precisa me bater.

– Sei disso. – E se justificou: – Logo você vai se meter em outra enrascada.

- Falou tudo agora. Pau que nasce torto morre torto – esmagou o filtro num bolo de cinzas. – Sou imperfeito para cacete. Deus me fez assim.
- Boa sorte, então – mas o que ele queria dizer era "que se dane".
- Para você também, peregrino – acenou com entusiasmo. – Foi um prazer conhecê-lo. Ah, já ia esquecendo. – Solto um aviso, antes de o celeste transpor a saída: – Nunca fume lá dentro.
- Eu não fumo.
- Que bom – ele revelou os dentes podres. – Queria ter essa força de vontade.

O CLUBE DO INFERNO

DENYEL SE PREPAROU PARA INVADIR O CLUBE DO INFERNO COMO SE FOSSE PARA a guerra – psicologicamente, pelo menos. De volta ao pequeno hotel da Rua Leidsekade, ele dispensou a gravata, tornou a vestir a jaqueta e escondeu a pistola à cintura. Ficou alguns instantes colado à janela, esperando o sol cair, contemplando um grupo de crianças que brincava no parquinho de uma escola primária. Saiu do quarto por volta das onze da noite, sentou-se ao balcão de uma cafeteria, pediu uma dose de conhaque, despejou a bebida numa caneca de café expresso e saboreou a mistura em goles pequenos. Depois, caminhou ao Distrito da Luz Vermelha, serpenteou pelas calçadas, reparou nas prostitutas que dançavam seminuas nas vitrines, louras, morenas, russas, japonesas, negras e pardas, magras e gordas, e finalmente estacou diante da arcada que dava acesso ao bordel. Deu um suspiro antes de selar seu destino. Cruzou a galeria de tijolos, cuidando para não espezinhar os drogados, driblando os diabretes, como um ladrão que entra sorrateiramente em uma delegacia de polícia, torcendo para não ser apanhado.

Forçou as seções de madeira, transpôs um segundo corredor e enfim chegou ao coração do prostíbulo. O aposento era de formação circular, nem grande, nem pequeno, e tinha as paredes couraçadas por blocos de pedra cinzenta, replicando a estrutura de uma antiga masmorra. Das laterais se abriam dez portas aneladas, conduzindo a escadas que desciam, desaparecendo no breu. Um tipo de arena rasa, quase como uma piscina sem água, fora projetada no meio do salão, e dentro dela se esticavam umas cinquenta pessoas, homens majoritariamente, compartilhando narguilés, recostados em divãs e coxins, consumindo a provável substância que Abul mencionara. O aroma doce empestava o recinto, propagando vapores soníferos, hipnóticos mesmo a quem não os tragava, reforçados por músicas psicodélicas, lançando ao ar acordes de citara, sons de harpa, estouros de tambor ritmados.

Os demônios – machos e fêmeas – estavam por toda parte, como um enxame de moscas rodeando a comida. Eram tantos, sobrepostos uns aos outros, que Denyel mal os distinguia com seus olhos celestes, misturados a uma pasta negra, espectral, seres de pura amargura, sedentos, obcecados pelo desvario. O teto, escuro e pedregoso, era sustentado por oito pilastras decoradas com tapeçarias egípcias, apresentando desenhos macabros de criaturas disformes, vagando pelo espaço infinito, deslizando sobre as estrelas, contornando as manchas solares.

No Clube do Inferno, todavia, nem todos os clientes procuravam narcóticos. Muitos buscavam a luxúria por meio do sexo, e estes aguardavam do lado de fora da arena, onde havia um bar equipado com

uma enorme variedade de bebidas, de todas as partes do mundo, das exóticas às mais ordinárias, desde garrafas anosas, muito caras, até cervejas nacionais a preços módicos. Encostados na bancada, os visitantes conversavam com as meretrizes, pobres moças possuídas, controladas por demônios femininos, que por meio delas saboreavam as perversões mais insanas.

Denyel se apoiou sobre o balcão, pediu uma lata de Heineken. Pagou na hora, com dólares americanos. Deu uma segunda olhada à sua volta, compreendendo, dessa vez, que a disposição da sala não copiava uma masmorra, como cogitara ao entrar, mas um templo, um daqueles funestos santuários pagãos, construídos havia séculos em nichos ocultos nas profundezas da terra para venerar algum deus proibido, o que era comum por toda a Europa no período pós-romano, seguidamente à ascensão da Igreja Católica, que banira muitos cultos druidicos.

— Olá — uma mulher o cutucou, carinhosa, uma bela oriental de cabelos pretos, maquiagem delineada, seios fartos, corpo escultural, perfumada. Usava um robe de seda, bordado com a figura de um dragão, fazendo o estilo chinesa atrevida. Quem falava, no entanto, não era factualmente a garota, mas a entidade que a comandava, uma diaba perversa, a face enrugada, o busto flácido, marcado por veias e estrias. — Estava reparando em você.

— Oi — o anjo a beijou no rosto. Era a oportunidade que esperava. — Desculpe-me. Estou um pouco nervoso.

— De passagem por Amsterdã?

— Sim. Sou inglês — mostrou a ela o passaporte. — Sozinho na cidade.

— Oh, que pecado. — A chinesa pegou a latinha dele e provou um gole.

— Meu nome é Crystal — afagou-lhe a jaqueta. — E o que o traz à Holanda... — espiou o documento —, senhor Tate?

— Me chame de Eric. Só Eric. — Denyel se aninhou a ela, sentiu o volume dos seios. — Diversão, o que mais? Levei o fora de minha esposa. — Era em parte verdade. Ele não conseguia parar de pensar em Sophia, então a interpretação fluiu magistralmente. — Quero recuperar o tempo perdido.

— Será que eu posso ajudar?

— Só trouxe libras esterlinas e dólares. Cheguei ontem, de trem. Sem data para retornar.

— Não faz mal. — A jovem segurou-o pela mão. — Por que não vem comigo?

— É para já — ele tentou fingir entusiasmo, mas estava enojado. O que o perturbava não era apenas a aparência da criatura, que por si só já era escabrosa, mas a condição da moça, possessa, obrigada a fazer sexo contra a própria vontade.

O plano, contudo, correria bem até o momento. De mãos dadas, eles desceram as escadas, ingressando em um túnel repleto de quartos onde séculos antes teriam existido celas, hoje esfumacados pelo aroma dos narguilés. Dentro desses cubículos, o exilado podia escutar, sucediam-se os

atos sexuais mais esdrúxulos, tanto que ele teve a impressão de não estar mais na terra, e sim em algum dos nove reinos do inferno.

Crystal abriu a porta de uma suíte modesta, sem janelas ou dutos de ventilação, iluminada por um sistema elétrico precário, com nada além de uma cama dupla e outra porta, que levava ao banheiro. Denyel entrou na frente, ela passou a chave, despiu o robe e ligou o chuveiro.

— Por que não me espera na cama? — sugeriu a satânica, testando a temperatura da água. — Se incomoda que eu tome um banho?

— Prefiro, até. — Assim ele teria tempo para inspecionar a cabine. — De onde você é?

— Como? — a prostituta entrou no boxe.

— China, Indonésia, Japão?

— De onde quer que eu seja? — a voz saía aos ecos. Enquanto dialogavam, o anjo aproveitou para vasculhar debaixo da cama. Encostou o ouvido na parede, deu pancadinhas na rocha e concluiu que estavam mais fundo do que calculara, cercados por inúmeras câmaras, como que no interior de um labirinto. — Ei... — a garota saiu do banheiro nua, enrolada numa toalha. — Não respondeu à minha pergunta — envolveu o querubim num abraço. — Já está pronto?

— Espere — Denyel a afastou, e agora sua reação foi sincera. Sentia-se como se traísse Sophia, e além disso não podia abusar de uma moça indefesa. Seria o mesmo que estuprá-la. — Podemos conversar um pouco? — improvisou outra farsa. — É minha primeira vez numa situação como esta.

— Relaxe — o rosto humano sorriu, mas no plano astral a entidade transparecia ojeriza. — Faça o que quiser.

— Disse que seu nome é Crystal.

— Nome de guerra — segredou. Os dois sentaram na cama. — Por que está me perguntando essas coisas?

— Gosta de trabalhar aqui?

— Gosto — ela respondeu brevemente. — Tire a roupa, lindão.

— À sua hora — o exilado falou com firmeza. Estava se aproximando do momento do tudo ou nada, quando o jogador apresenta a cartada final, disposto a enfrentar as consequências. — Quero fazer um acordo.

— O que desejar — a garota se insinuou. — Diga-me o que quer e eu faço o meu preço.

— Não esse tipo de acordo — disparou, agora que estavam no quarto, e sozinhos. — Leve-me a Prisca. Em troca, tiro você e suas amigas deste chiqueiro.

— Qual é o seu problema? — a prostituta se levantou. — Não sou o bastante para você? — A diaba dentro dela estava confusa. — De mais a mais, quem lhe disse que eu ia querer sair?

— Um ex-funcionário da casa — o celeste resolveu contar o que sabia. Estava sem opções, então tentaria a aposta mais alta. — Abul das Profundezas.

Julgando pelo que escutara no sanatório, os infernais se faziam ali

prisioneiros, mas nem todos estavam desagradados com isso. A bem da verdade, Denyel perceberia depois, Abul era mesmo um "capetinha de nada", como ele gostava de dizer, e só queria fumar seus cigarros. Era uma criatura com suas fraquezas, em certos aspectos até parecida com ele, com a diferença de que era um grande covarde. Diferentemente de Abul, Crystal, se é que era esse o seu nome, mostrava-se leal ao "bicho-papão", fosse por medo ou respeito, e não estava disposta a traí-lo, muito menos ante a menção de um desertor. Ela ainda não suspeitava, apesar dos indícios, de que Denyel era um anjo, muito menos um anjo da morte. Presumiu que fosse um maluco, outro desses fanáticos exorcistas, e não pensou duas vezes antes de atacá-lo, saltando sobre ele, buscando-lhe a garganta.

O querubim não queria combater fisicamente. Seria detestável agredir a chinesa, só que diante do assalto não teve saída. O demônio avançou com a força de cinco homens, sua ferocidade capaz de mutilar o mais habilidoso dos seres humanos, porém insuficiente para debelar um guerreiro. Denyel rodou os quadris, abraçou a garota pelo pescoço, continuou o giro e a arremessou à parede. O crânio se espatifou com um baque, a espinha quebrou e a jovem morreu no ato, nem sequer percebendo a tragédia. Desnorteada, a satânica agitou o queixo, escorregou para fora do corpo, sem compreender o que acontecera, para afinal encarar Denyel, que sacou a Beretta e atirou duas vezes.

Os projéteis saíram com uma chispa, rasgaram o tecido e acertaram a criatura nos dentes, resultando no mesmíssimo efeito que ele testemunhara em Hué, contra a banshee. O espírito alargou-se feito uma nuvem de tempestade e a seguir se dispersou, ocasionando uma curta explosão através da membrana.

Denyel revirou a cama, examinou o cadáver da jovem, tocou as marcas de sangue e se entristeceu por não tê-la salvado. O único saldo positivo era que o duelo o estimulara, e agora ele estava ainda mais convencido a liquidar a tal Prisca, não somente por seu envolvimento com a teia, mas por fomentar atividades horrendas, se aproveitar de garotas indigentes, gerenciar um lugar tão nefando.

Destrancou a porta, espiou por trás da fresta. Ninguém escutara o tiro, ou não lhe dera importância, tão alta era a música, os ruídos de fornicação.

Saiu para o corredor.

Com a Beretta em punho, tomou o caminho de volta. Mas já não reconhecia a passagem.

Estava perdido.

Denyel se embrenhou pelos esfumaçados túneis do calabouço. Perseguiu as notas da citara, mas a música não vinha de um buraco específico, ou de uma caixa de som, mas de todas as direções, talvez dos gases que o envolviam. O nevoeiro esverdeado se adensara, dando vista a dois ou três palmos, no máximo. Continuou avançando, até que chegou a uma galeria que ainda não explorara, orlada por alcovas projetadas para estocar corpos humanos, com uma pessoa em cada nicho.

O exilado testou-lhes o pulso. Estavam vivas, afundadas num sono profundo, quase em estado de coma. A face era pálida devido à lenta circulação, e não despertavam nem sob tabefes. Denyel não imaginou para que serviam ou por que haviam sido para lá transportadas, expostas como estátuas, então se lembrou do que lhe contara Abul sobre a história do "bicho-papão", do monstro que "comia gente".

Audou mais trinta metros, abanando o ar para espargir a fumaça, quando se deparou com uma porta entreaberta. Pressionou-a e se descobriu em um quarto elegante, suntuosamente decorado com rendas finas, ocupado por uma cama de quatro colunas. Sobre ela dormia uma mulher belíssima, os cabelos negros com corte chanel, frágil na aparência, igual a uma ninfa de pele branca, sedosa, saída dos cabarés dos anos 20, os olhos pintados com motivos egípcios, desnuda, perigosamente sensual, idêntica à imagem nas fotos de arquivo.

— Prisca — o anjo sussurrou, mal acreditando em sua sorte. Ela estava ali, adormecida, pronta a ser executada. Bastava apertar o gatilho. Por que não o fazia?

— Quem é você? — ela acordou com um sorriso.

— Prisca... você seria... — Estava acontecendo de novo, a mesma sensação que se sucedera em Roma. Suas mãos fremiavam. Ele não conseguia atirar.

— Sou eu mesma — afirmou a morena. — Por que não baixa essa arma?

— Cale-se ou eu atiro — Denyel mirou-lhe o coração, só que de repente não era mais Prisca que o fitava, — Sophia?

— Soldado... — o som se projetava da boca numa intensidade muito lenta, como as notas de um disco arranhado. — Partiu meu coração.

— Mas o quê? — recuou uns três passos. No fundo, o querubim tinha plena consciência de que aquela não era Sophia, mas a mente o enganava. Se a ilusão era provocada pelos vapores alucinógenos ou pelas técnicas dos elohins, ou pelas duas coisas, ele jamais teria certeza. — Quem é você?

— Partiu meu coração — os olhos o penetravam. — Partiu meu coração!

— Para trás — o celeste advertiu.

— Largue a pistola! — o semblante se transmutou, assumindo agora as feições solenes de Sólon. — Posso matá-lo, sou capaz de acabar com você — deu um berro esganado, a pedra na testa brilhou. — É uma ordem, guerreiro. Solte a arma — estendeu a mão. — Ponha-se de joelhos.

Num esforço tremendo, Denyel ergueu a Beretta.

Fez pontaria.

Sua cabeça revolveu, dez vezes mais veloz que a pior bebedeira que já tivera. O aroma contaminou-lhe os pulmões. Os calcanhares estremeçeram.

Caiu.

A última coisa que lhe ocorreu foi a psicótica figura de Abul, inclinando-se para dar o conselho.

Nunca fume lá dentro.

"ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE"

O CRÂNIO DE DENYEL DEVIA PESAR AGORA UNS CEM QUILOS.

Sim, foi essa a percepção que ele teve.

Os olhos ardiam, as pálpebras eram como alçapões de concreto. O corpo estava flácido, dormente, atacado por náuseas e por uma terrível dor de cabeça. Suas córneas latejaram ao primeiro clarão, delineando imagens ofuscantes, que aos poucos ganhavam coerência no deserto da mente.

De início, ele suspeitou que estivesse de volta ao salão dos prazeres, mas logo reparou que essa câmara era ligeiramente menor, de paredes rochosas, com seis colunas em vez de oito. No canto norte havia um trono de bronze, esculpido com desenhos que sugeriam brasões faraônicos, e sobre um de seus braços repousava a Beretta. Denyel teve a imediata reação de se mover, então sentiu que grilhões apertavam seus pulsos, correntes de aço que ele talvez conseguisse romper, contanto que se recuperasse da tontura, que estivesse pleno e saudável de novo.

No centro do cômodo, o piso se abria em um poço rotundo, com dez metros de diâmetro, o parapeito de trinta centímetros. Também ali tapeçarias de veludo forravam as pilastras. A luz nascia de um conjunto de piras que se dispunham às laterais, crepitando em chamas rubras, ondulantes.

Só havia um túnel àquele nível, e ele ficava à esquerda. Foi de lá que Prisca saiu, envergando tanga e sutiã transparentes, de pura seda, usando tiara de bronze, sandálias de couro, trajada como uma monarca de eras longínquas, um ser dos primórdios da civilização, apesar da silhueta tão refinada. Os elohins foram líderes de suntuosas nações nos períodos entre as três grandes catástrofes, conforme lhe contara Sophia. Não apenas Atlântida como o reino de Sakha, cujas terras hoje correspondem ao Egito, eram ambos controlados por membros da casta, desde aquela época obcecados pelo transporte para dentro e para fora das dimensões, o que mais tarde viria a ser chamado de "portais".

Prisca acomodou-se no trono, cruzou as pernas, as coxas atraentes e torneadas, os cabelos pretos e o sorriso ao mesmo tempo sedutor e perverso. O fosso escuro os separava, preenchido por uma negritude abismal, e o exilado a escutou claramente, quando ela afinal se propôs a falar.

— Que visita fortuita a sua, muito agradável, muito fortuita. Um anjo de Deus. — Ela insistia em manter as aparências, declamando as orações com um humor teatral, mesmo diante do óbvio fato de que eram inimigos. — Diga-me, guerreiro. O que lhe deu na cabeça para vir até aqui?

— Para falar a verdade, boneca, creio que sou o único são neste lugar — a voz se entouu arrastada, as palavras ainda moles. — O que presenciei no Clube do Inferno transgride todas as fronteiras da sanidade. — Cuspiu no

chão, limpou a garganta. — E quer me convencer de que o louco sou eu?

— Não viu nada ainda — ela retorquiu. O contorno dos olhos fora delineado por lápis preto, o batom era escuro. — Seu problema, e o de todos os alados, reside na inabilidade de se encaixar nas regras novas, de aceitar a humanidade como ela é, livre de tabus e preconceitos. Daí as tentativas frustradas do arcanjo Miguel de destruir a espécie mortal: ele simplesmente não consegue entendê-la. Coisa que nós, os elohins, fazemos muitíssimo bem.

— Vocês são mesmo demais — zombou. Os músculos começavam a se reajustar, os lábios já não estavam tão secos. — Foi assim que teve a brilhante idéia de se associar aos demônios?

— Esses diabretes? — riu-se. — Espíritos escravos, nada mais. Sou como você, meu caro. Pego toda chance que tenho.

— Por que não mergulha de cabeça, então? Estou certo de que Lúcifer lhe daria um espacinho no inferno. — E emendou outro deboche: — Tem o currículo impecável.

— Jamais me rebaixaria a tal — Prisca ficou séria. — Lúcifer é um perdedor, uma criatura abjeta. Sei que também pensa assim.

— Perfeito — anuiu. — Mas não seria a luxúria um dos vícios satânicos?

E era justamente isso o que ele testemunhara no clube.

— Ah, sem dúvida — a elohim concordou, enfática. — Basta observar os diabos — pousou a mão sobre a Beretta. — Não é meu trabalho interferir, tampouco julgá-los. Quem vem aqui faz por livre vontade; eu apenas lhes dou o que pedem. Mas, no meu caso, não é a luxúria que me guia. É o amor. E não seria essa uma qualidade divina?

— Só se for o amor por si mesma. — A conversa flutuava por trilhas sem nexos. Denyel queria entender, mas não percebia.

— Considere o seguinte — ela começou. — O que você seria capaz de fazer por alguém que realmente ama? — ajeitou a tiara. — Seria capaz de matar?

— Bom, tudo depende das circunstâncias. — Era inevitável pensar em Sophia.

— Deixaria um ente querido, um parente, digamos, morrer de fome?

— Um parente? — O querubim deu uma fungada. Sentia-se mais forte a cada instante, sinal de que a "ressaca" estava passando. — Sua pergunta não tem coerência porque nós, anjos, não costumamos ter filhos — e ele ia acrescentar "esposas", mas a experiência em Nova York lhe mostrara que a vida a dois era possível, mesmo aos celestes.

— Então, chegamos ao ponto que eu queria. — Retirou a mão da pistola.

— O amor não escolhe suas vítimas. — Girou os olhos pela sala. — Foi o que aconteceu comigo quando compreí esta casa, quando conheci Nikarath.

— Quem? — O nome, por si mesmo, já era bizarro.

— Meu marido — revelou. — Seu verdadeiro título é impronunciável aos nossos ouvidos, então eu assim o apelidei, em alusão ao som que costuma fazer quando se inclina ao orgasmo — fez uma rotação com o pulso. — Esta

câmara em que estamos é muito antiga. Data dos milênios pré-cataclísmicos, mas Nikarath é bem mais velho que isso, não é à toa que eu acabei seduzida. Sua raça habitava o universo antes da feitura da luz; são os netos de Tehom, crias de Behemot, que combateram os arcanjos nas Batalhas Primevas, sobreviventes de uma era anterior às galáxias. Em seu âmago, eles são um pouco como nós: órfãos, esquecidos por Deus — afirmou com certa amargura. — Essa carência, admito, foi exatamente o que nos uniu.

— Uma mão lava a outra — Denyel alimentou a história, ao passo que secretamente forçava os grilhões, apostando que com um pouco de sorte conseguiria parti-los. — E que interesse esse Nikarath teria em nosso modesto planeta, sendo ele o representante de uma raça tão magnânima?

— Nikarath é um deus. Um deus de verdade — proferiu ela, como as mulheres que se orgulham em ter ao lado "homens de verdade". — Não é mais um desses espíritos etéreos, mendigos cósmicos, dependentes das preces terrenas. E um deus tem direito a seus sacrifícios.

— Deus ou demônio, aí varia conforme o ponto de vista. O que não muda é o cardápio — o anjo riu da própria desgraça. — E pelo jeito eu sou o prato do dia.

— Sinta-se honrado. Irá se juntar a um grupo seletos. — E prosseguiu mais um tanto: — Desde o dilúvio, muitos povos se apropriaram deste santuário. Celtas, germânicos, neopagãos, todos se oferecendo voluntariamente a Nikarath. Os últimos antes de mim foram bruxos da nova ordem, devorados no ato. Como vê, não faz tanta diferença quem você é ou o intuito com o qual nos atacou, tudo o que importa é agradar meu esposo — e, quando disse isso, um abalo sísmico estremeceu o salão. Chamas se sacudiram sobre as piras. — Os sacrifícios, respondendo à sua pergunta, são necessários para que Nikarath sustente seu corpo. Ele pertence a outra dimensão e precisa da carne para se manter no plano físico.

— Sou um sujeito amargo de digerir, garota. — O exilado seguiria com seus escárnios, mas um novo tremor o silenciou. Do fosso, subiu um cheiro doce, idêntico ao dos narguilés, acompanhando por um grunhido medonho, incomparável a todos os sons que ele já escutara na terra.

Outro pulso, rosnados mais fortes, o aroma crescendo, até surgir da escuridão um enorme tentáculo, ou mais parecia um galho podre, cheio de espinhos, áspero, amarronzado, que produzia um rangido de madeira a cada torcida. Se fosse humano, Denyel teria indiscutivelmente enlouquecido, mas na condição de querubim ele só pensava em lutar. Chacoalhou as amarras,, esticou novamente os grilhões. O metal sofreu, porém não quebrou.

Despontaram então da cratera mais oito daqueles membros cascudos, estacas tortas e repulsivas, para enfim se elevar o que seria o corpo da fera, uma criatura disforme que se arrastava como um inseto, coberta de muco, com a pele tão dura quanto as raízes de um carvalho. Seu único traço distinguível se resumia a uma boca imensa, raiada na vertical, abarrotada de dentes, com uma língua rugosa, juncada de pelos.

No trono, Prisca cultivava a expressão petulante, contente em dar

prazer ao seu amado, ansiosa para que ele a satisfizesse depois. Denyel fitou a Beretta do outro lado da sala, muito longe do seu alcance, e a elohim o percebeu, respondendo com um riso blasé, divertindo-se às suas custas.

O monstro escorregou inteiro para fora, e ao encará-lo o celeste sacudiu as correntes, empregou todo o resquício de força, até que enfim se libertou. Fez menção de saltar, mas fracassou. Sua perna direita, e não mais os braços, estava presa — e agora por um dos tentáculos!

O escape se fazia impossível, sendo a criatura muitíssimo mais forte que ele e estando terrivelmente faminta.

Denyel não tinha saída.

Denyel foi arrastado à goela do monstro. Farejou seu odor nauseante, os pseudópodos tesos roçando no poço. Inspirando o perfume que Nikarath expelia, ele supôs que sua gosma era precisamente o que alimentava o delírio, era a substância condensada dentro dos narguilés, que levava os mortais ao estado de coma, para serem depois mastigados, como bois em um matadouro. No fim, até que Abul não estava errado em ter medo, apesar de seus trejeitos exagerados. O ser era poderoso, de fato, e estava muito além do patamar dos arcontes.

Denyel estava condenado, mas resistia. Deu cotoveladas e socos no membro que o pegara, sem resultado absolutamente nenhum. Descobriu por acaso algumas pedras espalhadas no solo, fragmentos que despencaram do teto ao longo de décadas. Segurou-as e as arrojou na cara do bicho, que outra vez não se abalou.

Quando a bocarra se expandiu, Denyel tomou uma atitude impensada. Sem mais pedras para jogar, enfiou a mão na jaqueta e arremessou tudo o que guardava nos bolsos. Lançou à garganta da besta moedas de dólar, uma carteira de fósforos, a chave do hotel da Rua Leidsekade, uma tampinha de cerveja e no meio das bugigangas jaculou um frasquinho, uma dessas porcarias esquecidas há anos, que ele já deveria ter posto no lixo.

O disparo foi perfeito. O frasco desceu pela goela.

Nikarath o deglutiui. Deglutiui e parou. Parou de atacar. Engasgou-se, como um glutão que arrota para dentro, que se afoga com o próprio cuspe.

O querubim achou que seria morto em seguida, no entanto o tentáculo afrouxou. Surpreendentemente, o corpo do monstro se agitou numa tremedeira, os beijos se arregalaram, tentando regurgitar, sufocando-se, retrocedendo ao buraco, porém Denyel não deixaria barato.

Livre, ele se aproveitou da vantagem. Correu para o outro extremo da sala, para assaltar Prisca em seu trono de bronze. Ela teria reagido muito mais rápido, contudo estava chocada, sem entender o que acontecia, incapaz de enxergar o elemento que debilitara seu cônjuge. O exilado também não se apercebeu imediatamente, então memorou onde adquirira a garrafinha: na Basílica de Santa Maria, antes da chegada do Cardeal.

Era um frasco sagrado.

Benzido por um santo. Um santo de verdade.

Era água benta!

— Eu avisei que era indigesto. — Com um sorriso na cara, Denyel considerou quão pouco sabia a respeito dos homens e dos recursos psíquicos que eles adotavam. Sempre desprezara as relíquias terrenas, julgando-as objetos vazios, desprovidos de qualidades fantásticas. E alguns, muitos, na verdade, eram realmente engodos, usados por sacerdotes e seitas para explorar os fiéis, mas não todos. Parecia óbvio que a energia da alma era, em seu âmago, muito mais potente (e eficaz) do que os próprios humanos imaginavam. Os mortais eram os filhos do Éden, os legítimos herdeiros de Deus, e diante disso se fazia lógico que a fé, quando propriamente empregada, pudesse, a seu modo, "mover montanhas", curar os enfermos, trazer os mortos à vida e, por que não, criar artefatos incríveis, capazes de proezas nunca vistas.

Denyel congelou seus devaneios. Focou-se no agora. Contornou o poço e, no minuto em que Prisca empunhou a Beretta, o anjo da morte já rapinava ao seu lado.

Derrubou-a com um safanão, roubou-lhe a arma e atirou ferozmente contra Nikarath, que susteve os projéteis, espirrando gosma, murchando e sofrendo. Os cartuchos místicos, o exilado notou, afetavam-no tão bem quanto aos celestes que matara, o que o fez ponderar, no calor da batalha, que eles talvez fossem mágicos, peças enfeitadas, derivadas de alguma cultura humana, ante-diluviana com certeza.

Denyel castigou a fera com uma saraivada de balas, até que ela estivesse toda perfurada. Seu corpo, antes rígido, ficou molenga, e o defunto "anterior às galáxias" tornou a se espremer, descendo ao abismo de escuridão infinita, uma passagem aberta para o universo sombrio.

O querubim se voltou para Prisca, ainda atordoada aos pés do assento. O que faria com ela? Que tipo de punição alguém assim merecia? Usara o pente completo para dar cabo da besta e teoricamente não teria como matá-la, contudo uma idéia surgiu, uma sentença mais do que digna.

Agarrou-a pelos cabelos e a puxou na direção do buraco.

— Não! — ela esperneava. — Solte-me. Não quero ir com ele. Me largue — berrou. — Não quero!

— Não quer? — O anjo procurava vingança, em nome da garota oriental, de Abul e de tantos outros. — Pensei que fossem casados. — Alçou-a acima da cabeça. — Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença — declamou e, sem remorso, a jogou no poço. — Até que a morte os separe.

Prisca caiu.

Caiu gritando. Praguejou. Cuspiu injúrias. Palavrões, obscenidades.

Denyel ficou quieto.

Prisca Ryke era um anjo, a despeito de tudo, apesar de sua personalidade malévola, e seria natural que tentasse materializar suas asas. E tentou. Mas não conseguiu. Não podia. O fosso através do qual ela foi lançada, o exilado saberia mais tarde, não era um abismo comum, mas um portal, um túnel especialmente ligado a Nikarath. Uma vez morta a criatura, a conexão se fecharia, encarcerando para sempre quem estivesse lá dentro.

Uma prisão. Prisão perpétua. Prisão eterna. Cerrada numa dimensão obscura, solitária, completamente vazia, desprovida de luz ou de som.

Denyel esperou até que a adversária sumisse. Que os ecos de sua boca cessassem. Que seu corpo branco desaparecesse nas trevas. Que o portal se extinguisse.

Enfim, o silêncio.

Recolheu a pistola. Esfregou as palmas.

Dever cumprido.

Chutou as piras. Com a sola, espalhou a brasa, deixou que o fogo se alastrasse às tapeçarias e, ao ver que nada deteria o incêndio, deu as costas e foi embora.

Sóbrio, ele facilmente encontrou a saída. Galgou as escadas, percorreu os corredores do labirinto e chegou ao salão dos prazeres, muitos metros acima.

Cruzou o bordel de queixo empinado, com a aura coruscando, desafiando os diabretes, que contra ele nada mais podiam fazer.

No raiar do dia, o fogaréu destruíra o clube. Os clientes foram resgatados. Conforme os registros da prefeitura, não houve mortos ou feridos, a não ser a dona do antro, cujo corpo jamais seria encontrado, nem hoje, nem amanhã.

Nem nesta, nem em qualquer outra existência.

COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

Planalto de Gilf Kebir, sudeste da Líbia, atualmente

DESSA VEZ A TRANSFERÊNCIA FOI AUTOMÁTICA, SEM QUEDAS ABRUPTAS ou golpes de raio. De uma hora para outra, o cenário se transformou, dando a clara impressão de que fora o ambiente que se movera, e não eles. De pé sobre a mandala, Kaira, Urakin e Ismael viram o templo indiano desaparecer, o rosto de Teth sumir, como uma cortina que se fecha, revelando agora um deserto arenoso, permeado por morros, centenas deles, alguns tão altos quanto montanhas. O que se fazia notável era sobretudo uma profunda desolação, igual à dos campos estéreis na superfície de Marte, um extrato do mundo qual ele fora no princípio dos tempos, quando os celestes vagavam livres, menos limitados pela densidade do véu.

Kaira reparou na paisagem ao redor, cobriu os olhos com a mão em concha, mas nada descobriu até que Urakin apontou para um traço no horizonte, distante uns quatro ou cinco mil metros, indicando uma espécie de agulha escura, delgada, que tremulava à ondulação das miragens.

– Consegue identificar o que é? – perguntou-lhe a arconte.

– Vagamente – o gigante enrugou as pálpebras. – Diria que é uma antena de transmissão.

– Uma antena?

– É o que parece – ele se pôs a andar. – Feito aquelas que os mortais instalam no topo dos prédios. Mas posso estar errado.

– Será que fomos trazidos ao ponto correto?

– O tecido aqui é suave – comentou Ismael. – Uma pista de que podemos estar próximos do vértice. Só precisamos localizar a entrada.

Localizar a entrada, Kaira pensou, era justamente a parte mais complicada. Os atlantes protegiam suas colônias com mágica, para escondê-las dos magos de Nod. Da última vez, ao tentar acessar as portas de Athea, eles quase foram trucidados por ondas gigantes, carbonizados por uma tempestade elétrica, sem mencionar que a passagem estava oculta entre as rochas. Coisa semelhante ocorrera quando ela e Denyel penetraram a fortaleza yamí, obstruída por encantamentos que os fizeram andar em círculos, e além disso guardada por arqueiros de fogo.

Com Urakin na dianteira, os três anjos avançaram rapidamente, tomando por base o cume da antena, o único marco de referência em quilômetros, e logo perceberam que o objeto não era de fato uma antena, e sim a armação de uma torre metálica, carcomida pela ferrugem, com quinze metros de altura, parecida com uma guarita de observação, mas sem plataformas de vigília. Dentro dela se amontoava uma profusão de roldanas

e cabos de aço que juntos sustentavam uma enorme broca de perfuração, idêntica às usadas em poços de extração de petróleo, porém desgastada, antiquíssima. À sua volta se dispunham mais ou menos vinte casas de cimento, com o teto desmoronado, as paredes rachadas, organizadas em roda, como em um acampamento, camufladas por crostas de areia, praticamente invisíveis na solidão escaldante.

Kaira apertou o passo e em poucos minutos chegou ao povoado, desabitado de fantasmas e homens, sem trilhas no chão, pegadas ou marcas. Urakin arrombou três casebres, mas não achou sinal dos moradores — era como se eles tivessem sido evacuados, mas por que deixariam a broca e para onde teriam escapado?

De todas as construções, uma em especial lhes chamou atenção: um abrigo de concreto posicionado bem abaixo da torre, aparentemente guardando o buraco que ela antes perfurara. Seu formato era o de uma semi-esfera, sem janelas ou respiradores, uma autêntica casamata de guerra, feita para resistir a bombardeios, sem nenhuma saída além da escotilha de aço. Urakin espanou a sujeira, destacando sobre a porta uma suástica nazista sobreposta à gravura de uma palmeira, um símbolo que a arconte distinguiu facilmente, por conta de sua experiência na terra.

— É o distintivo do Afrika Korps, o conjunto de tropas alemãs que ocupou o norte da África nos anos 40 — ela murmurou, mais para si. — Este lugar deve ter uns setenta anos. — Esfregando o polegar sobre as dobradiças, Kaira sentiu que a instalação era forrada com chumbo, o que em tese a protegia contra a radiação nuclear. — Deve datar dos tempos da guerra, da Segunda Guerra Mundial, ou de um pouco antes.

— Seja quem for, chegaram na nossa frente — disse Ismael, conclusivo.

— Quem se importa? — desdenhou Urakin. — Eram apenas humanos, certo? — Embora já estivesse havia algum tempo na Haled, ele não sabia quem eram os nazistas nem o que tinham feito. — Que conhecimento um bando de terrenos falecidos há meio século poderia ter sobre Egnias?

— Não sei — a ruiva se isentou. Observou o abrigo com um traço de desconfiança. Deu um suspiro e lançou uma ordem: — Cheguem para trás. Vou arrombar.

Kaira estendeu a palma, evocou seus poderes de casta, mas o que era para ser a simples conjuração de uma bola de fogo se manifestou de forma selvagem. De seus dedos brotaram possantes jatos de energia, compostos por um calor muito intenso. O raio estourou contra a casamata, não apenas desmanchando a escotilha, mas a derretendo completamente. O choque esburacou o concreto, fazendo a torre de perfuração oscilar, abrindo um rombo na estrutura, produzindo uma explosão de cores pretas, rubras e alaranjadas, espalhando areia e fumaça.

Urakin e Ismael saltaram para os lados. Quando a poeira assentou, Kaira procurou seus companheiros para ter certeza de que não estavam feridos, depois fitou as próprias mãos, sem compreender o que se passara. Desde Santa Helena ela não sofria uma combustão espontânea, e estava, até então,

convencida de que sabia dominar suas forças. Como arconte, ela não podia se descontrolar dessa maneira, afinal era a responsável pela segurança do coro.

– O que houve? – Ismael a amparou.

– Uma sobrecarga, eu acho – ela estava confusa –, mas não sei o que pode tê-la ocasionado. Da última vez, era o espírito de Rachel pedindo socorro.

– Outros fatores, não apenas os emocionais, podem ocasionar sobrecargas – lembrou o Executor. – Se estivermos perto de uma fonte elemental, como um vulcão ou um curso subterrâneo de magma, por exemplo, ela pode fornecer energia excedente à sua aura pulsante.

– Como no caso de Athea. – Kaira suspeitou que havia algo debaixo do solo. – Sinto mesmo a presença de uma radiação incomum.

– Sugiro que proceda às suas invocações com mais cuidado a partir de agora.

– Claro. – A arconte procurou Urakin, que já entrara no abrigo. Seguindo seus passos, ela e o Executor penetraram na casamata e a encontraram praticamente vazia, a não ser por uma gaiola metálica que emergia do poço escavado pela broca. Essa cabine era equipada com um painel retangular contendo uma alavanca, uma chave de ignição e um medidor de ponteiro, marcando números que iam de zero a dez e parado no cinco. Sobre ela, descansava um motor cilíndrico, enrolado por mais correias, polias e cabos, que se ligavam ao gradeado.

– É um elevador – constatou o Punho de Deus.

– Do tipo industrial. – Cautelosamente, a ishim adentrou a cabine, escoltada por seus dois amigos, e analisou os controles da máquina. – E pelo jeito só vai para baixo.

– Deve descer centenas de metros – disse Ismael.

– Será que as engrenagens ainda funcionam? – Urakin girou a chave. Os motores responderam. O painel acendeu, o aparelho deu um solavanco.

– Funcionam. – A conclusão do Executor era compartilhada por todos, que anuíram, calados. – Então, talvez eles não fossem meros soldados.

Kaira se juntou aos parceiros, acionou a ignição e o mecanismo começou a descer. Daquele ponto em diante, os celestes não tinham mais dúvidas: esse era o caminho para a colônia perdida de Egnias. Mas a cidade não estava perdida. Ela fora encontrada. Pelos nazistas.

E já fazia setenta anos.

RAQU'Á

Nova York, 13 de agosto de 1976

DENYEL CORRIA DESVAIRADO PELAS RUAS DE MANHATTAN.

Era uma manhã de sexta-feira.

O metrô da Rua 72 estava fechado para limpeza e manutenção, então ele foi obrigado a saltar na estação da Rua 81, em frente ao Museu de História Natural. Disparou aos trancos através da Central Park West, na direção do prédio de Sophia. Era quase hora do almoço. Buzinas soavam, sinos badalavam na Catedral de St. Patrick. Chovia fraco, a calçada escorregava. Atravessou cruzamentos fora da faixa, driblou os carros de passeio, desviou-se das carrocinhas de cachorro-quente e adentrou o pórtico do edifício, alcançando o pátio interno um segundo depois. O porteiro era o mesmo, um simpático velhinho irlandês, de casaca azul, luvas brancas, quepe envernizado, que o cumprimentou com um sorriso.

Denyel tomou o elevador social, um mecanismo antigo, atapetado, com portas pantográficas de bronze, paredes de madeira e botões muito grandes, esculpidos em madrepérola. Saiu para o corredor no último andar, a dez metros do apartamento. Aquietou-se. Deslizou suave, como um gato que prepara o bote, escutando os sons que o cingiam, sentindo as pegadas sobre o assoalho, farejando os aromas que chegavam pelos dutos de calefação. Puxou a chave (ele a tinha guardado), enfiou-a na fechadura, desfez as múltiplas trancas e abriu a porta com um encontrão.

Sophia estava parada na antessala, de saída para o trabalho. Usava as mesmas roupas de enfermeira, cobertas por um sobretudo creme, e carregava uma bolsa. Segurava um molho de chaves e estava prestes a tocar a maçaneta quando o exilado apareceu, suado, esbaforido.

— Denyel? — ela se mostrou surpresa. — Dei instruções para não vir mais aqui.

— Pois é. Disse-me várias coisas. — Tirou do bolso três cápsulas vazias de 9 milímetros. — Outras, preferiu esconder.

— Seja direto. — A loura conferiu o relógio. — Estou atrasada.

— Muito bem. — O anjo expôs os cartuchos sobre a palma. — Por que não me contou sobre eles?

— Porque nunca perguntou.

— Que conversa-fiada — endureceu. — Induziu-me a esquecer.

— Eu o induzi a esquecer? — Sophia o desafiou a provar. — Como eu faria isso?

— Responda-me você. — Mas ele próprio deu sua versão: — Usou seus poderes de casta. Os dons secretos. Está me manipulando desde o princípio.

— Está imaginando coisas—deu de ombros. — Se eu o estivesse

manipulando, você não teria voltado, teria? — Era um argumento pertinente. — O que quer saber, afinal?

— Já falei. — Denyel jogou as cápsulas sobre o tapete. — De onde vêm essas balas?

— Não se lembra do meu bilhete? — ela o olhou, complacente. — Nunca faça uma pergunta...

— Para o inferno com o seu bilhete. Desde quando se preocupa tanto comigo?

— Desse jeito vai acabar se magoando — Sophia tentou ser mais branda.

— Se eu fosse você, esqueceria isso.

— Somos bem diferentes, chérie. — Chegou mais perto dela. — Vamos lá. Me magoe.

— Se quer assim. — A elohim despiu o sobretudo. Largou a bolsa no chão.

— Dê-me a chave.

— Que chave?

— Sabe muito bem — o tom ficou mais grave. — Aquela que roubou de Kazan.

Denyel levantou os cotovelos, apalpou a jaqueta. Nem ele recordava mais onde pusera o objeto, e por um momento achou que o tivesse lançado à garganta de Nikarath, com a água benta e tudo o mais. Por sorte, sentiu o peso ao tatear o couro e notou que o guardara em um dos bolsos internos, o que o preservara até então.

Entregou a chave a Sophia, que andou até o quarto de dormir, onde por anos eles fizeram amor, e meteu a ponta na fechadura do closet. Lá de dentro, emanou uma luz saturada.

— Outro atalho?

— Esse não — ela revelou. — É o que chamamos de portal.

— Inusitado. — De todas as passagens cósmicas, os portais são os mais raros, os mais cobiçados e os mais difíceis de ser construídos, especialmente os portais permanentes. Não são como os atalhos, que apenas ligam dois pontos no mesmo plano de existência: eles se conectam a outras dimensões a partir do mundo físico, transportando os viajantes, quantos forem, a um universo distinto, sem gasto de energia, sem necessidade de desmaterialização, servindo portanto não somente aos anjos, mas também às criaturas terrenas. — Não sabia que os elohins criavam portais.

— Não sabe de quase nada — ela o abateu com o seu charme. — Siga-me — foi entrando na frente. — E aja exatamente como eu disser.

O transporte de uma dimensão para outra aconteceu espontaneamente, como se eles tivessem cruzado uma porta. De súbito, Denyel e Sophia estavam fora da terra, o que ficou claro pela ausência do tecido da realidade, que ali não mais oscilava.

Diante deles se estendia um longo corredor de mármore polido, ladeado à direita por uma parede branca, altíssima, recortada por alcovas sem porta, cerradas por cortinas de luz, e à esquerda por colunatas, rotundos pilares de rocha clara através dos quais se enxergava o céu. Os feixes de sol surgiam

obliquos, refletindo-se nos blocos do teto, colorindo as brumas com tonalidades brilhantes, rasgadas por um arco-íris especialmente nítido.

Quando encostou na amurada, o exilado percebeu que os raios solares não nasciam de cima, conforme seria o lógico, mas de baixo, como se eles estivessem no topo do mundo, no sótão do universo, cercados por nuvens carmesins e violetas, em nuances de outono, num eterno e constante entardecer. Observado de dentro, o lugar se parecia com uma cidadela flutuante, mas era silencioso, desguarnecido e ninguém percorria suas ruas – ou os cidadãos haviam sumido, ou estavam ocultos nas torres, concentrados, atarefados demais para dar um passeio.

Sophia puxou Denyel para trás de uma coluna. Fez um gesto para que ele se calasse, para que não se movesse. Esperou dois minutos e o arrastou de volta ao caminho.

– Onde estamos? – ele perguntou.

– Tem três chances.

– É um bocado soturno para ser uma cidade.

– Porque não é uma cidade. – Ela deu uma pista. – É uma biblioteca.

– Ficou fácil agora. Sexto Céu?

– O nome correto é Raqui'a, a pátria dos malakins.

– Espero que não cruzemos com Sólon – Denyel controlou o riso. Ele perdia a cabeça, mas não o humor. – Por que não vejo guardas?

– Os carecas não esperam por visitantes. Por invasores tampouco.

– E onde estão eles todos?

– Estão por aí. Estudando em seus gabinetes, absortos em seus livros – afirmou. – Lembra-se de quando nos encontramos no centro médico?

– Difícil esquecer – disse ele.

– Está lembrado que eu lhe apontei um fuzil?

– Claro. Sempre quis saber de onde o tirou.

– Do bolso. – Até parecia uma piada, mas não era. – Certas castas compartilham as mesmas divindades, mas cada qual as utiliza à sua maneira. Elohins e malakins são ambos mestres em abrir túneis cósmicos e em criar pequenas dimensões particulares. Cada um desses nichos – Sophia indicou as alcovas reluzentes sobre a parede – acessa um bolsão dimensional privativo. Essas câmaras são móveis, podendo se deslocar através do espaço. Era assim que o Primeiro dos Sete o encontrava na terra. – Tornou a mostrar as passagens. – Os pórticos que agora estão brilhando são acessíveis; os marcados por luzes pálidas estão distantes, intocáveis por enquanto, como um elevador parado em outro andar.

– O que viemos fazer aqui?

– Queria saber de onde provinham suas balas. – Ela parou defronte a um dos limiares, que coruscava. – E não acreditaria se eu lhe contasse. – Tomou-lhe a mão e o conduziu para dentro. – Veja por si mesmo.

No outro extremo, o que havia era uma saleta circular, revestida de pedra alva, idêntica ao resto da cidadela e também muito parecida com o aposento de Sólon. Sem janelas, a luz penetrava através das paredes, Denyel

não sabia como, porque as rochas eram sólidas, opacas, supostamente imperfuráveis. Estava vazia, a não ser por uma meia-coluna no centro em forma de pedestal, sobre a qual se apoiava a ponta de uma lança de bronze talhada com símbolos mágicos, caracteres que remontavam à antiga cidade de Enoque, uma relíquia que o exilado já conhecia.

— Esta é a lança de Nod — ele a identificou, tomando por base seu passado. — O objeto que estava em poder da sociedade Thule, na Bélgica.

— Ela própria — confirmou Sophia. — Sabe qual era sua função?

— Por que não me conta?

— Certo — a loura abeirou-se do pedestal. — Diferentemente dos atlantes, que adoravam os anjos, os homens de Enoque não raro os combatiam. Os magos do extinto reino de Nod forjaram esta lâmina especialmente para confrontar os alados, numa época em que a feitiçaria era abundante e que o poder da raça humana era muito maior. Esta é uma peça única, que passou de geração em geração, sempre empunhada pelos grandes reis enoquianos, começando por Caim, seu primeiro esgrimista, até se perder durante uma batalha, no curso das Guerras Mediterrâneas. Desde então, a lança estava desaparecida e era cobiçada pelos próprios celestes, que viam nela a chance de exterminar seus inimigos, sobretudo quando a guerra civil estourou. É isso o que a lança faz, Denyel, essa é sua verdadeira capacidade — exclamou Sophia, marcando cada sílaba. — Seu fio rasga os planos de existência, afetando corpo e espírito, sendo portanto fatal a qualquer criatura, não importa a sua grandeza ou origem. Sob uma óptica mais realista, considerando que os mortais carregam na alma o brio de Deus e que foram eles que a fabricaram, eu diria que esta é a arma mais poderosa do cosmo. — E concluiu: — Daí o interesse dos Sete.

— Isso eu já calculava. — O fato de a lança ser mágica não era novidade para ele. Observou mais uma vez a relíquia, reparou nos detalhes de bronze, dedilhou as runas místicas e rememorou os projéteis da Beretta, feitos do mesmo metal. A associação foi imediata e o acometeu com um lampejo, um choque em todos os sentidos. — Os meus cartuchos? — pasmou-se. — Foram moldados a partir da lança de Nod?

— A partir das raspas de sua folha, para ser mais exata — corrigiu a elohim. — Por isso não sentimos suas vibrações. Tanto a lança quanto as balas são mágicas, elaboradas para enganar os angélicos, considerando que originalmente seriam usadas pelos enoquianos para nos liquidar.

— Então, é tudo minha culpa? — Denyel caiu na realidade, e o impacto foi duro. — Se eu não a tivesse entregado a Sólon...

— Isso mesmo — Sophia emendou, neutra. — Se você não a tivesse entregado a Sólon, se a tivesse deixado no castelo, as matanças nem sequer teriam começado.

— Por que não me disse antes?

— Seu trabalho é matar. O meu é descobrir, ocultar e revender informações. Conforme-se — justificou-se, e no fundo era isso, sem meias palavras. Os dois eram anjos e, embora a terra os tivesse suavizado, eles

sempre estariam inclinados às suas naturezas, eram feitos para obedecer aos seus instintos, para seguir os designios da casta. Eis o motivo, raciocinou Denyel, de Sophia tê-lo abandonado no final das contas. Quanto mais íntimos eles ficavam, mais afastados estariam do céu, e em síntese estariam enganando a si mesmos, fingindo ser o que realmente não eram. — Já disse para não se culpar. Os integrantes da teia são criminosos, e ao matá-los você está salvando ao menos dez inocentes.

— Ossos do ofício, não é?

— Ossos do ofício — concordou e, ao percebê-lo apático, a loura disse: — Você está bem?

— Se eu estou bem? — riu-se. — Estou como novo. — E era verdade. Não que esse "novo" fosse um sujeito melhor. — Só preciso de uma bebida.

De volta ao apartamento da Rua 72, Denyel encheu um copo de uísque. Não adicionou pedras de gelo. Sentou-se na borda da cama, perdeu-se através da janela, mirou as árvores do Central Park. Os passarinhos cantavam, a chuva havia parado. Os arranha-céus cintilavam aos fachos do meio-dia.

Denyel digerira agora uma sensação esquisita, como se tivesse renascido, mas no pior sentido da coisa. Gostaria de poder retornar no tempo, gostaria de ter destruído a lança de Nod, assim como fizera com os outros objetos do bruxo, de nunca ter ingressado no regimento dos anjos da morte, mas era tarde. Restava-lhe aceitar os fatos, "conformar-se", convencer-se de quem realmente era, enfiar na cabeça que fora criado para isso, afinal.

Com o avanço da tarde, ele enfim compreendeu que não tinha mais opção, que era invariavelmente um assassino, conforme Yaga destacara havia anos. Sentia prazer em matar, considerava doce o sabor da vingança, como ocorrera com Prisca, e não estava disposto a parar.

— O Clube do Inferno. — Era outra pergunta que ele não podia esquecer. — Eles sabiam sobre mim, não sabiam?

— Possivelmente. — Sophia acendeu um cigarro. O isqueiro era um Zippo de prata, modelo feminino. — O alvo que você eliminou em Roma, o Cardeal, era alguém de certa importância dentro da casta, com interesses esparsos, com negócios para além da teia. Muitos agora estão querendo matá-lo, sr. Tate.

— Quer dizer que estou sendo caçado? — A perspectiva não o inibia. Na realidade, até o entusiasmava.

Esta não é uma brincadeira de gato e rato, Denyel. É uma guerra. Sabe disso tanto quanto eu — cuspiu fumaça. — Como acha que consigo os dados acerca da rede? Eu os compro de seus inimigos, negocio com agentes duplos, e isso os põe em alerta. Yaga e Sólon não são os únicos a solicitar meus serviços.

— Como assim?

— O que estou falando é que mais cedo ou mais tarde alguém o achará, independentemente do que eu faça para encobri-lo.

— Então a coisa ficou séria — deduziu. — Os rebeldes já suspeitam que

esses não são crimes humanos?

— Desde o início — ela achou graça da inocência dele. — Balas comuns só têm o poder de afetar a carne, não de aniquilar o espírito, como sucedeu em todos os seus ataques. O que eles ainda não sabem é a identidade do mandante. Essa é a informação que Sólon tanto quer preservar, por isso ele estabeleceu a cadeia de comando, primeiro apontando Yaga como sua intercessora, depois afastando-a gradualmente, até isolá-lo. — E reforçou o que dissera antes: — É uma questão de tempo até que os revoltosos o descubram.

— É um risco — Denyel coçou os cabelos pretos. — Quando aceitei este encargo, sabia dos perigos.

— Não é um risco, é uma sentença de morte. — Sophia não poderia ser mais direta. — Espiões têm carreira curta. Chegou a hora de você parar.

— Curioso escutar isso da sua boca — ergueu-se da cama. — Cheia de segredos. Como vou saber que não está trabalhando para Gabriel?

— Jamais menti para você. — E nunca mentira, de fato, somente ocultara a verdade. — Só temo pelo que possa lhe acontecer daqui por diante.

— O pior que pode me acontecer é eu ser morto. A isso, os querubins estão sujeitos toda hora.

— Não é a morte que me preocupa — ela discorreu. Encheu um copo de vodca, esperou alguns minutos e continuou. — Ouça, soldado, ainda lhe resta uma chance de redenção, mas, se partir na próxima viagem, tudo estará perdido. Seu corpo, seu espírito, seu coração... Não lhe sobrá mais nada.

— Eu já não tenho mais nada. — Ele não queria ser acusativo, mas não pôde evitar. Encarou-a com amargura. Sophia era o elemento crítico que o desestabilizara, psíquica e emocionalmente. Sua carreira como combatente honrado desmoronara, e sem o amor dela Denyel não poderia (nem desejava) viver como ser humano. — Faça-me apenas um favor. — Deu a última golada no uísque. — Não me procure mais. Nunca mais.

— Está cometendo um erro.

— Já cometi vários. — Saiu porta afora. — Um a mais não fará diferença.

MORADA DOS DEUSES

Sob o planalto de Gilf Kebir, Líbia

O PONTEIRO DO ELEVADOR SACUDIU, CAINDO DO CINCO AO QUATRO NA ESCALA de dez, depois do quatro ao três, e assim sucessivamente, à medida que a cabine descia. O mais interessante, observou Ismael, era que esses números, gravados no painel, se reduziam conforme o tecido se afinava, sugerindo que os alemães tinham construído um aparelho sensível às oscilações da membrana, um mecanismo notável, mas não necessariamente fantástico, já que qualquer alteração na película afeta as mais diversas energias na área, mesmo as não místicas, tais como as correntes elétricas e as ondas gravitacionais. Conhecendo o padrão dessas forças e sabendo como elas interagem, não seria difícil criar um índice de conversão e desenvolver um engenho capaz de mensurar a espessura do véu, seguindo o mesmo princípio de um contador Geiger, por exemplo.

O elevador desceu por mais trezentos metros até chegar a uma pequena gruta escavada pela engenharia moderna, de paredes irregulares, com vigas de aço sustentando o teto, algo semelhante a um túnel de metrô em construção. Urakin farejou serragem e resíduos de nitroglicerina, concluindo que a câmara fora aberta a dinamite. Nos cantos ainda se depositavam blocos de granito, alguns bem pesados, sobretudo na porção norte, onde se estreitava um corredor. Dessa passagem radiava uma escuridão incomum, tão preta que nem os olhos de Ismael alcançaram. Kaira apurou sua visão de calor, mas a região sombria anulou seus sentidos, então ela destrancou a gaiola e saiu porta afora, escoltada por Urakin e, na retaguarda, pelo Executor.

– De onde vem esta negrura? – ela perguntou aos parceiros.

– Não sei – disse Ismael. – Só posso especular que é resultado de um efeito místico, e assaz poderoso.

– O chão está repleto de marcas – observou Urakin.

– Marcas de quê? – inquiriu Kaira.

– Mesas, cadeiras, tripés... Há também uma coleção de pegadas.

– Pegadas humanas?

– É o que parece – afirmou Urakin e, enquanto procurava mais pistas, tropeçou em um pedaço de tecido sujo, empoeirado. Estendeu-o no ar, revelando uma bandeira negra com um símbolo branco costurado no meio. O emblema podia ser descrito como um anel com outro menor no interior, e do ponto central partiam doze hastes que se entortavam nas pontas, como raios de sol.

– Sol negro – Kaira segurou o estandarte. – É pior do que eu pensava.

– Por que pior? – quis saber o guerreiro.

—O sol negro era o brasão da sociedade Thule — ela disse —, uma irmandade secreta que ficou conhecida pela associação com o regime nazista, o Reich que governou a Alemanha entre 1933 e 1945.

—Sim, agora estou recordado — Ismael adicionou seus comentários. — Seus objetivos estavam centrados na pesquisa de uma misteriosa energia que usavam em seus rituais, a qual chamavam de vril. — Ele se baseou no que ouvira de magos perversos recém-chegados ao purgatório. — Seus cultistas acreditavam que a chave para esse poder estava oculta na "morada dos deuses", uma cidade perdida desde a terceira catástrofe.

— Egnias — Urakin deduziu o mais óbvio.

— Com o início da Segunda Grande Guerra — completou a ruiva, seguindo o que o Executor já dissera —, eles foram ordenados a desenvolver a arma do juízo final, a encontrar os padrões vril e a usá-los para a construção de um mecanismo invencível, o que talvez os tenha atraído para cá.

—Essa última parte eu não sabia — admitiu o hashmalim. — Onde aprendeu sobre isso?

— Na televisão — ela confessou, ruborizada.

— Se essa teoria estiver correta, definitivamente eles não eram soldados comuns. — Ismael encarou o corredor. — Resta saber se tiveram sucesso.

PARANÓIA

Londres, 15 de setembro de 1977

DENYEL RETORNOU DEFINITIVAMENTE A LONDRES EM MEADOS DO VERÃO DE 1976. Confinado à casa segura, ele procurou se isolar o quanto podia.

Depois que Sophia lhe contara que ele estava sendo caçado, seus hábitos se tornaram paranoicos, suspeitando de tudo e de todos, do motorista de ônibus ao atendente da lojinha, do policial da esquina ao jornalista, das crianças, até dos cachorros. Se quisesse sair à rua, repetia sempre a mesma rotina. Checava antes a janela, estudava os transeuntes e ao regressar conferia as portas, olhava debaixo das camas, para rer certeza de que ninguém o espiava. Os armários foram pregados com tábuas, e as maçanetas, calçadas por barras de ferro, para prevenir que um assassino o surpreendesse através de um atalho. Por todo o tempo em que estava no apartamento, conservava a Beretta à mão, carregada, e passava os dias estático, sentado no corredor, aguardando o ataque dos seus captores, que no entanto não davam sinais de que o haviam encontrado.

Em setembro de 1977, ele arriscou uma ida ao cinema, e o filme escolhido foi O Espião que me Amava, a décima aventura de James Bond na tela grande. A sequência de abertura começava com uma perseguição sobre esquis nas montanhas da Áustria, durante a qual Roger Moore desviava de tiros, enganava os capangas, usava o bastão como arma, para então se lançar de paraquedas à ribanceira. Entravam os créditos musicais, apresentando a balada "Nobody Does it Better", na voz da cantora Carly Simon, o que invariavelmente o fazia pensar em Sophia.

De volta à casa segura, Denyel se deparou com o fantasma de Norma, a simpática senhora que morava no quarto da frente, sentado à mesa da sala, observando a movimentação através da vidraça. Por várias vezes, sempre que ele pensava em fazer alguma besteira, a idosa aparecia, os dois trocavam algumas palavras e então ela se recolhia ao dormitório. Naquela tarde, em especial, ela surgiu sem motivo aparente. Olhou-o e puxou assunto.

— Como está quente, não é?

— Está mesmo — o exilado se aproximou. — já vou me deitar. Só estava esperando você.

— É?

— Tenho uma mensagem. Uma moça esteve à porta.

— Uma moça? — O anúncio foi suficiente para despertar todos os sentidos do querubim. — Que moça?

— Cabelos pretos, pescoço magro, aparência exótica — descreveu. — Era muito pálida, a coitadinha. Parecia que tinha visto um fantasma.

Denyel pensou na ironia.

– Deixou o nome?

– Iara, Lara...

– Yaga? – o anjo se inclinou para frente. Se pudesse, teria sacudido a velha.

– Yaga, é isso – abriu um sorriso. – Disse que não podia esperá-lo, mas pediu que eu lhe desse um recado. Para encontrar com ela daqui a dois meses nos subúrbios de Kampala.

– Kampala? Tem certeza?

– Absoluta. Esse nome eu decorei. Quanto mais insólito, mais fácil de gravar. – Ela caminhou rumo ao quarto. – Deve ser um restaurante indiano. Pergunto a Sandy quando ela chegar.

– Não precisa, obrigado – o celeste agradeceu, depois se afundou na poltrona. Kampala não era um restaurante, muito menos indiano. Era a capital de Uganda, uma das muitas ex-colônias britânicas, localizada no centro da África. Em 1977, o país vivia sob a ditadura do general Idi Amin, que perseguira a minoria asiática, nacionalizara a indústria e executara, desde a sua posse, aproximadamente trezentos mil opositores.

O mais estranho, contudo, era a maneira como Yaga o contatara, agora pessoalmente, e não por meio dos dossiês enviados pelo correio. Por que não o esperara chegar do cinema? Por que resolvera deixar um comunicado tão importante com o fantasma de Norma e por que, pela primeira vez, decidira enviá-lo ao continente africano, já que o seu campo de atuação era a Europa?

Denyel suspeitou de uma armadilha, o que era apropriado ao seu atual estado de espírito, mas a curiosidade acabou prevalecendo. No fundo, bem no fundo, ele torcia para ser pego, desejava que alguém o matasse, que lhe estourasse os miolos, porque ele próprio não tinha coragem para isso. Dia após dia, a morte se apresentava mais sedutora, uma sentença justa a um soldado tão cruel, que ceifara tantas vidas, que trucidara inocentes.

Na manhã seguinte, ele embarcou em um voo para Johannesburg, viajou até Moçambique, tomou um barco pelo lago Niassa, cortou de caminho as montanhas da Tanzânia, transpôs as margens do lago Vitória e finalmente aportou em Uganda.

O percurso levou exatos dois meses.

Denyel utilizou novamente o passaporte britânico, mas dessa vez adotou outro disfarce, o de mercenário, e, com todo o seu conhecimento sobre guerras, armas e técnicas de combate, não foi difícil parecer convincente. Os soldados de fortuna eram atuantes na região desde os anos 60, quando a maioria das nações africanas proclamou independência, depois de quase cem anos de dominação estrangeira. Oficialmente, Uganda se separou do Reino Unido em outubro de 1962, mas a situação política, apesar disso, permaneceria atribulada. Em 1967, a federação se transformou em república e, em 1971, passou ao controle das forças armadas, constantemente atacadas pelos rebeldes, que conduziam saques, atentados e ações de sabotagem por

todo o território ugandense.

Nos países vizinhos, as condições eram semelhantes, quiçá piores. Com o afastamento dos europeus, praticamente o continente inteiro mergulhou em guerras civis localizadas, entre partidos ou clãs que se digladiavam para ocupar o poder. Como os nativos não dispunham de tradição militar, a praxe era a contratação de caçadores de recompensa, que formaram, por cerca de vinte anos, os principais regimentos de ataque em batalhas rurais e urbanas, responsáveis pela deposição de dezenas de líderes centro-africanos. Grande parte desses combatentes eram coronéis franceses ao comando de um exército particular, organizado em esquadrões, sendo frequentemente pagos com ouro, prata e diamantes.

Carentes de uma autoridade central, por quase toda a África reinava o caos em fins da década de 70, uma configuração que acabou abrindo espaço para as mais inomináveis barbáries, como o enterramento de seres vivos, castrações, enforcamentos e até crucificações. Denyel assistiu a muitas dessas atrocidades de boca fechada, até porque não sentia compaixão, raiva, ódio ou ternura — ele simplesmente não sentia mais nada. Era aceitável e até natural à raça humana causar sofrimento aos seus pares, e não seria logo ele, um anjo da morte, que se revoltaria contra isso. Não bastasse, era também um bandido e a duras penas alcançara o estágio que todo soldado almeja, blindando a mente contra o remorso, desprovido de piedade, pronto a fazer o que lhe era ordenado, uma condição bastante adversa ao que se observara em Rocky Beach, quando estremeecera ante Gregorion, uma falha que, acreditava ele, não se repetiria jamais.

Esse era Denyel em novembro de 1977.

O anjo da morte.

Seguindo essa tática, ele não teve problemas em chegar a Uganda no tempo determinado por Yaga. Os dois se encontraram nos arredores da capital, e a intercessora lhe contou sobre sua próxima missão. Sólon estava, de acordo com ela, satisfeito com os resultados e pretendia encerrar a operação em menos de um ano, já que os cabeças da rede haviam sido "praticamente dizimados" por todo o mundo. Restavam uns poucos sobreviventes, que deveriam ser "removidos" para que enfim os anjos da morte fossem descomissionados. O querubim ficou em parte contente com as boas novas, mas tremia só de pensar no que seria da sua existência sem a adrenalina das brigas, sem o calor das perseguições, dos tiroteios.

Quanto, à novidade de ter sido mandado à África, Yaga se justificou afirmando que os agentes dos Sete estavam a minguar, o que os obrigara a deslocá-lo para outros setores. Por outro lado, estava "quase no fim", e quem andasse na linha seria recompensado, a consagração era garantida.

O alvo seguinte era um dos "rebeldes mais arditos", ela avisou, porque se escondia sob a máscara de "um pobre coitado", mas secretamente contrabandeava informações aos insurrectos, e já o fazia havia muitos anos. Para corroborar seu disfarce, esse singular agente, contara a intercessora, se refugiava em um orfanato nas colinas ao sul e trocava de nome a cada dez

anos, o que tornava árdua a tarefa de rastreá-lo.

Devido à complexidade da empreitada, Yaga determinou que o acompanharia "para ajudá-lo", como fizera na Califórnia, e que o guiaria pessoalmente ao ponto de ataque. Entregou-lhe um pente com sete balas, nenhuma a mais, e garantiu, quando ele clamou por mais munição:

– Não se preocupe. Se não conseguir acertá-lo com um tiro, não conseguirá nem com cem.

De início, Denyel não compreendeu o que ela dissera. Ficou sem saber se era um comentário ou um alerta, mas também não questionou. Fosse quem fosse, ele o exterminaria sem hesitar. Era agora um assassino completo, um perfeito matador, capaz dos atos mais bárbaros.

Nada neste planeta o faria parar. Ou assim ele imaginava.

"TODO O SANGUE VOLTARÁ PARA VOCÊ"

OS ORFANATOS COMEÇARAM A SE MULTIPLICAR PELA ÁFRICA A PARTIR de 1945, quando as nações do continente iniciaram seu processo de libertação, aproveitando-se da fragilidade das potências europeias, arrasadas após seis anos de ocupação e bombardeios. Os confrontos sociais e políticos, nas repúblicas africanas, foram particularmente brutais, deixando milhares de crianças desamparadas. Esses abrigos eram, e ainda são, gerenciados por grupos religiosos, sobretudo cristãos, e por missões estrangeiras, que adotam os infantes cujos pais foram mortos, presos ou deportados. Cuiase todos estão situados nas zonas campestres, nas aldeias fora da jurisdição do Estado, onde impera a lei do mais forte, onde jovens com menos de 14 anos são recrutados à força e alistados nas brigadas revolucionárias, para lutar em operações suicidas.

Denyel chegou ao vilarejo de Kata conduzindo um jipe militar, trajando um uniforme genérico, verde-escuro, sem insígnias. Yaga lhe passara as coordenadas previamente e dissera que se encontraria com ele nos limites do povoado, mas o exilado não quis esperar. Estava ansioso para encarar "o mais ardiloso dos rebeldes" e mostrar a Sólone que podia resolver a situação sozinho. Estacionou o veículo às margens de um córrego e caminhou em linha reta até descobrir um punhado de casas de pau a pique, contornadas por um campo de algodão castigado pela praga e pela escassez de mão de obra. Divisou ao longe uma plantação de bananeiras, com as árvores subindo a colina. À sua base ficava um conjunto de galpões cimentados, as paredes caídas, terminando em uma igreja modesta, encimada por uma cruz de madeira.

O prédio do orfanato era comprido, copiava a forma de um T e contava com um só andar, de janelas baixas, sempre abertas, sem persianas. Outros dois edifícios, ao sul, tinham a função de celeiro, armazenando grãos e remédios, e um terceiro depósito era usado como escolinha. Por todo canto os aldeões criavam vacas, galinhas e porcos, que corriam soltos, pastavam sozinhos, chafurdavam em trios no matagal.

O sol forte e o calor insuportável fizeram Denyel se lembrar de Da Nang, com a sutil diferença de que lá o clima era úmido, pelo menos, e escutava-se boa música. Os primeiros moradores de Kata que o avistaram, na trilha, apenas o ignoraram ou saíram correndo, atemorizados pelos traumas de guerra, já que pelas roupas, e armado de pistola, o celeste dava a crer que era um soldado, mercenário logicamente. Os massacres étnicos eram tão comuns naquele tempo quanto os expurgos políticos — Uganda é composto por nada menos que doze grupos raciais catalogados, ainda organizados em tribos, com rituais próprios e costumes específicos, que remetem aos seus antepassados pré-históricos.

Denyel andou até a praça da igreja, estudou os camponeses e de lá rumou para o orfanato, guardado naquela tarde por duas freiras, uma senhora branca na casa dos 70 anos e uma moça negra, ambas sentadas na sacada, em cadeiras de balanço. Cerca de dez crianças, entre 5 e 8 anos, brincavam no pátio, à sombra de uma enorme mangueira. Os meninos jogavam futebol, as meninas pulavam corda, os mais novos corriam na grama.

O querubim evitou ser notado. Mascarou a aura, deu a volta no terreno, pulou a cerca, entrou no galpão pela janela dos fundos e já na entrada sentiu as pulsações de uma aura distinta, uma presença que estranhamente ele já conhecia, só não se recordava de onde.

O prédio era seccionado em dezenas de quartos, agora vazios, no auge do horário escolar. Não existiam portas desde que a madeira fora roubada pelo exército nacional para a construção de casamatas, e os umbrais, portanto, eram separados por cortinas de algodão e nada mais. Denyel se deslocou ao salão comum, reparando nas emanções do alvo, que aos poucos cresciam. Sua vítima certamente se escondia no próximo cômodo, então ele apanhou a Beretta, arregaçou a cortina com um puxão, pronto a disparar, mas o que se revelou o deixou paralisado.

O aposento abrigava doze crianças com pouco mais de 5 anos, novas demais para frequentar o colégio, que se espalhavam sobre esteiras de papelão. O lugar funcionava como uma creche para deficientes, sendo que vários daqueles pequenos não tinham um olho, um braço ou uma perna, tendo sofrido torturas ainda bebês, para obrigar seus pais, supostos conspiradores, a confessarem seus crimes. No centro dessa roda, como se os amparasse, o exilado distinguiu a silhueta de um cão labrador de pelagem clara e sedosa, a expressão amigável, cuja aura semeava afeição. Sua essência não transmitia sensações agressivas, só a disposição para ajudar, sempre acolhendo, nunca julgando.

– Zac?

– Denyel? – o ofanim o reconheceu. Deu um sorriso canino. – O que faz por aqui?

Denyel engoliu em seco.

Começou a tremer.

Desviou a arma devagar. Sua faceta mortal vacilou, e de repente ele pensou no absurdo que estava prestes a fazer, no terrível pecado que o rondava.

Zac, a forma curta de Zacarias, não era, ao menos para Denyel, um celeste comum, mas o ofanim que o salvara na França, após o ataque dos vultos. Optando pelo avatar de um cachorro, era aceitável que trocasse de nome a cada dez anos, sempre que encontrava um novo dono ou uma nova missão. Se ele era ou não parte da teia, isso não importava, porque Denyel não podia matá-lo, não a alguém que o resgatara, que curara suas feridas, que cuidara dele por dias. Estava atrelado ao anjo da guarda por uma dívida de honra, mas sob outro aspecto sustentava também um compromisso com

Sólon, dilema que o cortou feito um raio. Seu mote de que "se não fosse ele a fazer, alguém o faria" não se aplicava nesse caso, porque o exilado era o único que não tinha o direito de assassinar Zac, mesmo que ele fosse um dos chefes da rede, coisa de que sinceramente ele duvidava.

Não é a morte que me preocupa, exclamara Sophia meses atrás, já prevendo a conclusão da tragédia. Havia coisas piores do que ser morto, Denyel agora sabia, como molestar um dos ofanins, figuras pacíficas, incapazes de praticar violência, cuja natureza os induz a servir, a prestar socorro, jamais condenando os seus próximos. *Se partir nessa viagem, tudo estará perdido, dissera a louca. Seu corpo, seu espírito, seu coração... Não lhe sobrá mais nada.*

– Não pode ser... – Denyel se engasgou. – Zac, é você?

– Sou eu, claro. – As palavras não eram fisicamente pronunciadas, ecoavam direto no cérebro, em nuances telepáticas. – Por que está tão nervoso?

– Zac... – Ocorreu-lhe que Yaga chegaria a qualquer instante, conforme prometera em Kampala. – Precisa fugir, e rápido.

– Preciso? – Zac torceu o pescoço, como fazem os cachorros. – Por que eu fugiria? – O ofanim não percebera, ainda, o risco a que se expusera, até que as janelas ficaram pretas, a luz do sol desvaneceu. O salão foi subitamente engolido por um intenso negrume, e uma entidade espectral desceu através do telhado, o corpo de trevas, os olhos vermelhos, as asas abertas, as costelas magras se expandindo em tentáculos. O ser flutuou à altura de um metro, espantando as crianças, que tentaram correr, mas encontraram as portas duras, lacradas por sólidas películas de escuridão. O breu só era quebrado pela fraca aura de Zac, como uma vela acesa numa gruta profunda, cintilando em tonalidades douradas.

– O que está esperando? – Yaga rugiu com a voz diabólica, a exemplo do que fizera em Rocky Beach. – Será que ainda não aprendeu? Mate-o!

– Não posso. – As cenas do ataque a Gregorion voltaram em clarões. Era doloroso demais, um pesadelo insuportável. – Não desta vez.

– Esta decisão não é sua – a intercessora desfraldou as asas, abriu a boca. – Cumpra o seu dever – ela ralhou. – Ou enfrente as consequências depois.

– Será que não vê? – Denyel esticou o dedo para o cão. – Ele é um ofanim. Por Deus, um ofanim, um anjo da guarda. Puro. Indefeso.

– Isso é o que ele quer que você pense. – Ela tinha os argumentos na ponta da língua e não se dobrava à caridade. – Eu lhe disse que esse era um oponente ardiloso, que a tarefa não seria tão fácil. Portanto, se não conseguir matá-lo – alongou os tentáculos –, eu mesma o farei.

– De jeito nenhum. – O anjo da morte tomou uma decisão importante, uma de que nem ele sabia ser capaz. Sacou novamente a Beretta, só que a apontou à parceira, protegendo o cachorro, mas daí a atirar era um longo percurso. Yaga compreendia como sua mente funcionava e o desafiou:

– Não vai disparar – o tom de escárnio era notório. – Sabe por quê? – Destacou a oração a seguir. – Porque é um covarde. – E ela estava certa,

Denyel agora enxergava. Coragem, a verdadeira coragem, não era a audácia de se lançar à batalha, mas a força para defender seus valores, para não ceder a ordens erradas, não se corromper, ainda que isso custasse sua vida. Sob esse prisma, ele era de fato um patife, um fraco, porque preferira a inércia, porque escolhera se abster, olvidar os bons princípios, os mesmos que no passado o estimularam a ficar na Haled e a não se envolver na guerra do céu. Denyel era um bravo naqueles tempos, mas toda a bravura se fora, diluída nos rios de sangue, perdida entre tonéis de pólvora, lançada às montanhas de corpos frios, destroçados.

Yaga ergueu os braços e de seu tronco nasceram mais quatro membros escuros, que se descolaram das paredes e desceram para abraçar Zacarias. Contudo, Denyel não estava em seu juízo perfeito. Fosse ou não um covarde, ele não podia segurar seus instintos. Mirou com a pistola a testa da hashmalim, agora com uma postura mais resoluta. Seus olhos se tornaram coléricos, um sentimento comum à casta guerreira, e Yaga se apercebeu, finalmente, de que Denyel não só podia como iria matá-la, estava disposto a isso, louco para descarregar sua ira, então ela procurou se defender, fechou as asas em posição de escudo, como um morcego que se recolhe na toca, mas nada deteria os projéteis.

Yaga estava para ser baleada, para ser morta, e aparentemente não existiam meios de estacionar Denyel. Quem a acudiu, por incrível que pareça, foi justamente a criatura que ela mais queria esmagar, que por todo o diálogo permanecera calada, respeitando a discussão entre os dois.

— Espere, Denyel — era o timbre de Zac. — Por favor, não faça isso.

— Zac? — o exilado se virou para trás. Observou as crianças quietas, rígidas, paralisadas de medo. — O que está dizendo?

— Estou pedindo que a deixe em paz.

— Está... — o indicador coçava no gatilho. — Como pode defendê-la? — balançou a cabeça em negativa. — Se eu não a liquidar, ela o matará.

— Sim, eu notei — e, ao falar desse jeito, a fúria do querubim amansou.

— Faça o que eu peço, meu amigo. — Denyel não soube por quê, mas baixou a arma. Zac prosseguiu: — No final das contas, acho que temos mais de uma coisa em comum, não é? As nossas castas não temem a morte. — Chegou mais perto, arriou as orelhas. — Lembra-se do que eu lhe disse na igreja?

— Disse que... — Fez uma pausa. Zac lhe dissera muitas coisas, mas a principal ele não esqueceria. — Que todo o sangue voltaria para mim.

— E, passados trinta anos, cá estamos. Não parece coincidência, hein? — Sentou-se de frente para ele, a cauda balançando, o focinho molhado. — Certas leis são universais, meu bom guerreiro, e contra elas nos encontramos impotentes. Não culpe Yaga, não a odeie. Ela é apenas uma peça do jogo, como eu também sou.

— O que está sugerindo?

— Que cumpra o seu destino. Denyel, agora você deverá me matar.

— Não. — Ele simplesmente não acreditava. Zac estava pedindo, implorando para morrer. Por quê? — Já falei que não vou, que não posso.

— Não só pode como deve. — Pôs a língua para fora. — Entenda, escute-me com atenção, porque estas serão minhas últimas palavras. Quando eu me sinto triste e cansado, eu me lembro de que, ao longo da história, a verdade e o amor sempre triunfaram sobre as causas perversas. Eu me lembro de como sou pequeno, de como nós, anjos, somos pequenos perante essas frágeis crianças, perante a força dos homens, perante a força de Deus. Tudo neste mundo, todas as coisas entre o céu e a terra acontecem por um motivo, e todo o mal cedo ou tarde se transforma. Esta foi a exata trilha que você cultivou, a estrada que decidiu percorrer. Estamos juntos no fim desta linha e, se quiser retornar, terá antes de aplinar o terreno.

Era uma alegoria confusa, mas fazia todo o sentido. Se Denyel não matasse Zac, nunca conseguiria enxergar o terror verdadeiro, a dor que estava causando, que tinha causado e continuaria a causar ao se comportar como um fraco. Mas, se o exterminasse, se provasse o amargo sabor de aniquilar um amigo, seria aquele um evento exemplar, que o marcaria para o resto da vida, que o faria destrinchar a máxima em seus detalhes mais curtos: "Todo o sangue voltará para você".

Yaga guardou silêncio, de certa forma aliviada por ter escapado da morte — não que a compaixão a modificasse ou a suavizasse de alguma maneira. Diferentemente de Denyel, ela era uma juíza, executora e carrasca, desprovida de sentimentos pacatos, e não era nem nunca seria realmente tocada por Zac. Considerava a ele e a todos os outros de sua ordem uns poltrões inúteis, entidades patéticas, tão descartáveis quanto os seres humanos.

Denyel não planejava aquele desfecho nem tinha forças para disparar, mas estava sujeito ao controle emocional dos ofanins, técnica que o fez desviar a pistola, destravar a arma e estendê-la ao bichinho.

Sob os lamentos das doze crianças, que em seus dialetos se despediam do cão, o anjo reclinou a Beretta, para afinal pressionar o gatilho.

O estouro ressoou seco, confinado às negras cortinas, enquanto a baía penetrava o coração de Zacarias, O animal soltou um choro agudo, depois se recolheu.

Os órfãos o abraçaram.

Zac demorou alguns segundos para morrer. Rezou pelo bem de Yaga nos momentos finais, pelo triunfo de Denyel, sonhou com um universo menos bruto. Desejou que os homens, um dia, pudessem viver em paz, que as diferenças étnicas fossem postas de lado, orou por um planeta mais justo, por um mundo sem divisões ou fronteiras.

O sangue se alastrou. Os pelos claros foram tingidos.

Fechou os olhos.

Estava morto.

Yaga não deu chance ao azar e agiu logo em seguida. Usou os tentáculos para enrolar o pescoço de Denyel. Ele perdeu a respiração e desmaiou.

O ÚLTIMO ENCANTO

PELA PRIMEIRA VEZ ISMAEL ESTAVA CEGO – ELE NÃO ENXERGAVA NADA, ENTÃO abriu os braços ao entrar no corredor e começou a tateá-lo. De um canto ao outro, as paredes se distanciavam apenas um metro, constituindo o único acesso à câmara seguinte. Os sentidos de Urakin também não penetravam o escuro, e nesse momento Kaira fez as palmas queimarem, com todo o cuidado para não provocar outra sobrecarga. O efeito foi o mesmo de acender uma tocha, clareando a galeria, mostrando à frente um túnel apertado, esculpido em toda a sua extensão com inscrições em alto-relevo, fórmulas que no entanto em nada se pareciam com as clássicas runas atlânticas. Estavam mais próximas dos caracteres de Nod, a nação que era justamente sua maior inimiga, antes que o dilúvio as sepultasse. Ficaria óbvio, daquele ponto em diante, que essa área não fora projetada pelos alemães, mas por uma cultura bem mais antiga, extinta fazia séculos, desaparecida havia milênios.

Dedilhando a soleira, Urakin reparou que tanto o piso como os flancos e o teto não ostentavam marcas de ferramentas e haviam sido moldados a partir de um só pedregulho, façanha impossível a operários humanos, restando a sugestão de que foram criados por meios não convencionais.

– Esses símbolos – a arconte caminhava no centro do grupo. – São idênticos aos códigos de Nod. – O alfabeto enoquiano, um sistema extremamente acurado, sobrevivera através dos babilônicos, que o resgataram sob as migalhas do mundo ancestral. Sua linguagem estabeleceria as bases para todos os idiomas terrenos, do mandarim ao gótico, do latim ao grego, e portanto podia ser facilmente compreendida, mas aquelas equações na parede, em especial, não eram legíveis. – Fico a imaginar o que eles estariam fazendo tão perto de uma estação atlante.

– De acordo com Abul, a Segunda Cidade não foi abandonada, foi invadida – rememorou Ismael. – Depois do que presenciamos nas cavernas do Tibete, seria razoável supor que as tropas de Nod convergiram para cá após descobrir a localização de Egnias, ao atacar o posto de controle. O que a nós se apresenta são os resquícios de uma batalha que remonta às Guerras Mediterrâneas, o milenar confronto entre Enoque e Atlântida.

– Deve ser mesmo – ela concordou. – Mas, se essas inscrições são enoquianas, por que eu não consigo decifrá-las? Reconheço os símbolos, mas eles me surgem, trancados, sem um significado concreto.

– O mesmo acontece comigo. O alfabeto com certeza é de Nod, mas creio que não se trata de um texto narrativo, e sim de uma fórmula mágica. – Ele tentou explicar mais objetivamente. – Como uma expressão aritmética, que se utiliza de letras e números, mas cujo resultado precisa ser decodificado.

Urakin questionou:

— Então tudo isso é a descrição de um feitiço? — Os parágrafos continuavam por dezenas de metros, para baixo e para cima. — E o que ele faz?

— Na Gehenna, torturei centenas de bruxos e aprendi a destrinchar seus poderes, mas este, em particular, eu não conheço — declarou Ismael. — Pelo tamanho e complexidade, todavia, ousa afirmar que se trata de uma magia restrita aos monarcas, o que nos faz refletir sobre a grandeza do combate que se deu neste lugar.

O túnel corria por cem jardas em declive, tornando-se mais soturno a cada passo, obrigando Kaira a energizar as labaredas, para que ela e os companheiros pudessem ao menos marchar sem tropeços. No final, eles chegaram a uma antessala quadrada, que conduzia a outro corredor, até a provável fonte da escuridão. No chão, os alados enxergaram a silhueta de um homem deitado de barriga para baixo, a coluna envergada, com uma das mãos espalmada, apontando para a passagem adiante. Estava completamente inativo, tanto que Urakin julgou se tratar de uma estátua, uma peça negra, granulada, mas o cheiro não era de pedra ou de metal, tampouco de carne — era de cinzas.

— Carbonizado — o Punho de Deus estudou o cadáver de perto. — O corpo foi incinerado. Por alguma descarga energética, acredito.

— Fogo não faz isso — garantiu Kaira, ciente de que o calor extremo corroeria a pele, as roupas, e aquele indivíduo fora preservado nos mínimos detalhes, como as vítimas da Medusa nas histórias mitológicas, que eram transformadas em esculturas perfeitas.

— O Sono de Pedra também não. — Ismael se referia ao feitiço que convertia os generais atlantes em pedra no momento da morte. — Primeiro, isto são cinzas, e não rocha. E este sujeito não era atlântico. — Observou o defunto. — Era um dos grão-feiticeiros de Enoque.

— Como sabe? — a capitã perguntou.

— O traje é o mesmo usado pelo mago que encontramos no posto de controle — olhou para Urakin, que confirmou com a cabeça.

— Sim, mas... — os olhos verdes se franziram. — O que aconteceu com ele?

— Está com a palma direita estendida — notou Urakin.

— Como se estivesse lançando um encanto na direção do túnel — acrescentou o Executor. — Um último encanto antes de ser morto.

— Pelo jeito, estava fugindo. — Kaira percebeu que a mão esquerda do cadáver estava quebrada, dando a entender que, quando vivo, ele carregava um objeto, talvez um cetro, um cajado, ou quem sabe uma lança.

— O que me intriga é pensar que tipo de força seria suficientemente poderosa para carbonizar um dos grão-feiticeiros de Nod.

— Espero que não seja a "arma do juízo final" — desejou Ismael.

— Espero que não — aquiesceu a Centelha Divina. Depois se voltou à passagem. — É melhor prosseguirmos.

DIA DO PAGAMENTO

DENYEL ACORDOU TONTO, COM UM GOSTO AMARGO NA BOCA.

Quem dera fosse só isso.

Como Sophia previra, seu espírito fora dilacerado, e, ainda que ele não quisesse ter matado Zac, o fato era que o matara. O crime, tão estúpido, levava o anjo ao fundo do poço, mais fundo do que ele jamais estivera. Por outro lado, conforme acreditam os ofanins — e esse era, por sinal, o pensamento de Zacarias —, a luz se torna mais nítida quando enxergada a distância, então, em teoria, essa seria a oportunidade perfeita para ele recomeçar. Seja como for, a "luz" do poço de Denyel radiou ofuscante, ferindo seus olhos quando ele enfim os abriu.

O ambiente ao redor era conhecido. Ele fora enviado de volta à dimensão privativa de Sólón, à sala redonda cercada pelas sete alcovas, com o pedestal alto no centro. Dessa vez, o Primeiro dos Sete não estava sobre a coluna, mas em pé, no nível do solo, a uns cinco passos dele, com uma expressão mais leve, menos atrevida. Logo atrás, rígida como uma pilastra de ébano, esticava-se Yaga, as vestes escuras, o cabelo preto sobre os ombros, estática, apenas os encarando.

Denyel ficou de joelhos, depois se levantou cautelosamente. Os quadris estavam duros, as costas doíam. Confiscaram-lhe a Beretta, deixando-o desarmado, o que só agravou o seu ódio. Fitou o arconte e avançou com a clara disposição de atacá-lo, mas ele ergueu a palma em sinal de amizade.

— Sossegue, guerreiro — as asas se abriram como as de um pavão, lustrosas.

— Está dentro de meus domínios, e aqui quem faz as regras sou eu — advertiu-o. — Além do mais, posso prever todos os seus movimentos, posso calcular os seus golpes e interrompê-los facilmente, se necessário.

— Estou cansado das suas ameaças, careca — rouquejou Denyel. — E nem tente me assustar com seu discurso fatalista, porque nessa eu não caio mais.

— Nunca foi a minha intenção assustá-lo. — O malakim se aproximou. No cinto, ainda trazia o punho de sua espada, enfiado de cabeça para baixo.

— Chegou a hora de ser consagrado, eis o motivo de o termos arrastado para cá. — Virou-se de costas, mirando os cristais da rotunda. — Desfaça-se da culpa que carrega, erga o pescoço e caminhe adiante. Os anjos que você abateu eram oponentes perigosos e precisavam ser detidos, ou muitos bons aliados teriam sido mortos.

— Ora, por que não se cala por um momento? — O exilado não mediu as palavras. — Já escutei essa ladainha uma centena de vezes. De você, de Yaga, de todo mundo. O que eu quero são provas, evidências concretas de que todos aqueles que executei estavam diretamente associados à rede.

— Provas? — Sólon achou graça. — Sou um peão, Denyel, igual a você. Recebo ordens e as cumpro, sem perguntas. É assim que funciona em tempos de guerra. — Mas, ao notar o desagrado na face do anjo, ele despejou: — Sabe Gregorion, o dedicado pai de família, o pacato vendedor de automóveis? Contrabandeou aos insurgentes os planos secretos que culminaram com a tomada do Castelo da Luz, no Quarto Céu. Kazan era o seu substituto. — Rodeou a sala, raspando as sapatilhas no mármore. — O alvo que você exterminou em Roma, o Cardeal, angariava os elohins para a teia, e Prisca era o seu contato com as forças satânicas. E o que dizer do seu amigo canino? — ajustou a voz para soar mais dramática. — Zac estava ligado a Levih, um dos braços direitos de Gabriel, o nosso grande inimigo, o comandante supremo dos revoltosos.

— Chega! — O crânio latejava. — Não confio em você. Essa baboseira não me diz coisa alguma. Palavras, só palavras. Palavras ao vento.

— Compreendo a sua frustração — Sólon juntou as palmas. — Lutar no escuro é uma tarefa ingrata, por isso nós o escolhemos.

— Nós quem?

— Os Sete — ele respondeu automaticamente. — Fomos os responsáveis pela organização dos anjos da morte e no começo achamos, eu achei, admito, que mandar os querubins para a terra seria uma boa idéia, um plano digno. — Deu um suspiro. — Só o tempo diria como estávamos errados.

— Caiu a ficha, hein? — zombou o celeste, mas as perspectivas eram boas, numa visão mais positiva. Só o fato de Sólon admitir que estava errado, ou mesmo que deslizara, já era uma grande vitória. O que viria a seguir? — Então suas previsões às vezes falham, como eu suspeitava.

— Não é como pensa, soldado — o Primeiro dos Sete assumiu um tom defensivo. — O que vislumbramos em nossas meditações não é o futuro, são trajetórias, caminhos possíveis, mas nem sempre essa trilha é a correta. O nosso engano foi crer que os mortais eram retos, metódicos como nós, mas não. O livre-arbítrio e a própria natureza humana tornam tudo mais complicado, fazem deles seres fabulosos, mas também imprevisíveis. — Recolheu as asas. — Com você, ocorreu um fenômeno semelhante. A carne o deixou suscetível às fraquezas terrenas, o que o levou a questionar os seus atos, coisa que nunca teria acontecido no céu. — O mais assustador, pensou Denyel, era que ele tinha razão. Suas alegações, a propósito, se encaixavam no relacionamento que ele tivera com Sophia, e como sofrerá por causa dela. — Sucedeu-se o mesmo com os seus colegas, se quer saber, com Mickail e os demais querubins recrutados para essa empreitada, o que não nos deixa opção a não ser encerrar o projeto.

— Não brinca. — O exilado estava boquiaberto. Os argumentos do arconte eram bastante sensatos, mas sua atitude ainda não o convencera. O Sólon que ele conhecia era soberbo, prepotente e fazia, sempre fizera, questão de humilhá-lo. Por que se transformaria de uma hora para outra?

— O único fruto perpétuo dessa missão — continuou o Primeiro dos Sete — foi o progresso que alcançamos contra os agentes da rede, dizimando seus

líderes, mas ainda não acabou. Existe um último elemento em ação, e você irá exterminá-lo. — A ordem saiu diferente, menos como um comando e mais como um pedido, uma solicitação respeitosa.

— Estou fora, meu chapa — o querubim declarou. — Por que não envia outro dos seus capangas?

— Porque você é o melhor. — Apesar da réplica ensaiada, Denyel nunca achou que escutaria uma coisa dessas de Sólon, o mesmo que ameaçara matá-lo em Paris, que tomara sua espada e o pisoteara de todas as formas. — Dou a minha palavra de que esta será a sua missão final. Serviço cumprido, a operação será arquivada e você poderá retornar às suas atividades anteriores à convocação, ou, se preferir, conceder-lhe-emos anistia para se reintegrar às legiões de Miguel.

— Enfie a anistia no rabo. — Apesar de a proposta ser tentadora, ele a negou. — Não. Para mim chega — lançou ao capitão um olhar de desgosto. Estava ciente das consequências ao responder enviesado, mas já não se importava. A deserção é em geral punida com a morte, o que lhe parecia uma sentença justa, que ele estava preparado para enfrentar. O que Denyel não esperava era a intervenção de Yaga, que sacaria da manga uma carta.

— Soldado — ela o fuzilou com a vista, e só foi preciso um segundo para ele entender do que se tratava. — Deve-me uma. — Em Da Nang, ele fizera à intercessora uma promessa em troca da alma de Craig, e agora era o instante do pagamento. Preso aos desígnios da casta, à gota de honra que lhe restara, Denyel não encontrou saída a não ser se dobrar.

— Está bem — bufou. — Mas esta será a última vez — balançou o dedo na cara de Sólon, depois apontou para o cinto de prata. — E a minha espada?

— Será devolvida — o arconte bateu as asas e flutuou ao pedestal. — Tão logo conclua suas obrigações.

— Sim, senhor — inclinou-se numa reverência satírica. — Mundo cruel, hein? — E declamou a maior lição que aprendera: — Nada é de graça, cavalheiros. — Fez um gesto com o pulso, como se levantasse uma taça. — Nada é de graça.

ÉTER

URAKIN DRIBLOU AS CINZAS DO GRÃO-FEITICEIRO, TRANSPÔS A ANTE-SALA E ENTROU no próximo túnel, uma passagem tão estreita quanto a anterior, todavia mais curta. Nas paredes se organizavam mais símbolos mágicos, igualmente indecifráveis, cujos efeitos, no entanto, se faziam sentir. Logo ao pisar no corredor, os três notaram que o tecido da realidade se diluía, criando uma fusão entre os planos físico e etéreo, uma zona de interseção que os anjos chamam de vértice, uma área em que os celestes podem usar seus poderes à extrema magnitude, mas onde também podem ser mortos.

O passageiro os conduziu a uma sala cúbica, revestida por crostas de calcário, com o pé-direito alto e perfurada por diminutos orifícios no teto. O chão estava marcado por um desenho espiralado em baixo-relevo, que convergia ao centro até uma espécie de ralo. No canto oposto à entrada surgia outro túnel, este redondo, coberto por uma película de trevas, uma cortina que se agitava feito a superfície de um lago, enegrecendo as chamas de Kaira, banindo a claridade, como um buraco negro em miniatura, não apenas engolindo, mas sugando toda a energia ao redor. Sobre a abertura, estava escrito um aviso nos caracteres de Enoque, que dizia em letras garrafais: "Filho de Nod, entregue sua vida".

— Que inferno é esse? — Urakin encarou a negridão.

— Nem queira saber — a arconte não cultivou ilusões. — Eis uma barreira que afinal não podemos transpor.

— Tem certeza?

— Éter. — Como ishim, ela era a mais indicada para discorrer sobre o caso. — O universo é formado por quatro elementos básicos: fogo, terra, água e ar. Da união desses substratos nasce o plasma, enquanto o éter surge na sombra do espaço, aonde tais elementos não chegam. O éter se propaga entre os planos, na lacuna das dimensões. É o que compõe o tecido nas camadas mais fundas, separando o mundo astral e o etéreo. Os babilônios o chamavam de vácuo, os japoneses o denominaram como vazio, e os índianos o nomearam de akasha. Em síntese, ele é o mais puro solvente cósmico e detém a capacidade de suprimir toda essência ao simples contato.

— Mesmo assim, deve haver um jeito de atravessá-lo — Urakin pensou com a mente de soldado. — Qual a lógica de alguém construir uma entrada e depois torná-la impenetrável?

— Bom — Ismael ponderou —, talvez eles a tenham usado somente durante a invasão e a lacrada na saída.

— Sim, mas esse é justamente o meu ponto — ele disse. — Que general desistiria de Egnias após conquistá-la, e por que as tropas de Enoque deixariam para trás uma localidade tão importante, que abriga inclusive um

dos raríssimos canais para o rio Oceanus?

— De fato, não parecia inteligente os exércitos de Nod assaltarem a Segunda Cidade, vencerem os atlânticos e simplesmente retrocederem. O mesmo valia para os alemães: por que eles teriam abandonado o acampamento e encerrado o poço sob toneladas de chumbo e concreto?

Urakin catou do chão uma pedra e a jogou contra o éter. O cascalho se dispersou como um pingo no oceano, tendo todas as suas moléculas separadas, desde a escala comum às partículas atômicas. Kaira tentou derrubar a cortina com jatos de fogo, mas eles de nada serviram.

— Só pode ser um teste — o gigante alisou a careca. — Os dizeres pedem que o forasteiro ofereça sua vida — olhou para o solo.

— Sangue? — sugeriu a ruiva.

— Faria sentido — o querubim concordou. — Podemos tentar. — E como resposta mordiscou o polegar, deixando que uma gota de seu próprio sangue caísse sobre o piso. O líquido percorreu a espiral, sendo atraído para o ralo, até que eles escutaram o som de um mecanismo através da parede.

Os três focaram a atenção na cortina de éter, esperando que ela se desfizesse, abrindo finalmente o caminho à fortaleza de Egnias. Mas, em vez disso, um enorme bloco desabou sobre o corredor à traseira, trancando-os no bojo da terra. Dos minúsculos orifícios do teto brotaram afiados espetos de bronze, que começaram a se alongar para baixo, ameaçando empalá-los.

— Uma armadilha? — Kaira estava desapontada. — O que fizemos de errado?

— Eu devia ter previsto — Ismael fechou a cara. — O engenho só funciona com sangue humano. O fluido angélico tem o efeito contrário.

— Por quê?

— Porque os enoquianos nos detestavam. — Ele já contara essa história, sobre como os homens de Nod execravam os arcanjos por causa das catástrofes e, em consequência, todos os seres alados. — Esta sala foi construída para impedir que nós, os celestes, alcançássemos a Segunda Cidade.

— Daí nem os malakins a terem acessado antes. — A capita observou as lanças descendo e apontou para o túnel recém-bloqueado. — Saiam da frente. Vou estourar a laje — ela anunciou, concentrando nos pulsos a energia da aura. — Seria uma boa contar com uma sobrecarga agora.

Kaira disparou não apenas fogo, mas ondas térmicas através de seus dedos, um ataque potencialmente feroz, mais forte inclusive do que aquele que conjurara na superfície. O choque poderia ter penetrado metros e mais metros de rocha crua, entretanto não produziu um arranhão sequer na estrutura que os prendia.

— Está selado por um tipo de campo de força — percebeu Ismael —, o que o torna virtualmente inquebrável. Sabemos agora o que diziam as fórmulas do primeiro corredor.

— Precisamos dar o fora daqui, e que seja logo. — A ruiva tentou imaginar uma saída, mas não havia nenhuma. O salão fora projetado para

apanhar os alados como ratos em uma ratoeira, para prevenir que eles se aproximassem de Egnias e, mais precisamente, para matá-los.

BEIRUTE

Londres, 24 de dezembro de 1977

DENYEL FORA DEVOLVIDO SÃO E SALVO À CASA SEGURA APÓS A conferência com Sólon. O apartamento se transformara, e isso já vinha acontecendo fazia algum tempo, em um vasto depósito de armas de fogo, com sua coleção de rifles, pistolas e submetralhadoras se multiplicando a olhos vistos. O que começara em 1972 como um hobby evoluíra para um acervo que abarcava três versões do Kalashnikov, espingardas da Segunda Guerra Mundial, carabinas da Coreia, fuzis do Vietnã, além de uma infinidade de revólveres, granadas e explosivos, incluindo, é claro, a Thompson de Craig.

Yaga (ou alguém a serviço dela) deixara na caixa de correio um envelope com a Beretta carregada, contendo os oito cartuchos de sempre. O Primeiro dos Sete o orientara sobre a próxima missão, "a última", segundo ele, ainda durante a conversa na dimensão privativa. De acordo com suas informações, o alvo, cujo rosto e nome eram ainda desconhecidos, estaria em Beirute dentro de quatro meses, mais precisamente no dia 20 de abril, e poderia ser encontrado nas exatas coordenadas por ele fornecidas, correspondentes a uma porção de terra na capital libanesa. Denyel recebera a instrução de não deixar Londres até fins de março, sob o risco de ser descoberto. Nesse ínterim, estudou tudo o que pôde sobre a região, solicitou prospectos em agências de viagens e passou a acompanhar as notícias no rádio e nos telejornais da BBC.

O Líbano conta com um longo histórico de miscigenação cultural, que remonta à época dos fenícios, inigualáveis navegadores que se fixaram na costa do Mediterrâneo por volta de 1.500 a.C. Localizado na zona conhecida como Crescente Fértil, banhada pelos rios Tigre, Eufrates, Nilo e Jordão, o Líbano foi um dos berços da civilização, ponto de encontro de forasteiros de todas as partes do mundo. Os níveis de prosperidade dispararam após a fundação de Cartago, antiga colônia marítima que se tornaria a maior potência da Antiguidade, por volta de 300 a.C., atraindo povos os mais diversos, que anos depois seriam os responsáveis por incutir à nação esse caráter heterogêneo, multifacetado.

Os país esteve sob controle otomano até o fim da Primeira Guerra Mundial, depois caiu ante a tutela francesa, para enfim alcançar a independência em novembro de 1943. Com cristãos e muçulmanos trabalhando juntos, o Líbano alcançou índices de desenvolvimento superiores a muitos de seus vizinhos, atraindo investimentos, abrindo bancos, cassinos e hotéis. Por trinta anos as diferenças religiosas foram postas de lado, mas a tensão cresceu com a chegada dos refugiados palestinos,

expulsos de Israel à conclusão da Guerra dos Seis Dias. As disputas sectárias estouraram em 1975, arrastando cristãos e islâmicos à guerra civil, agravada pela intervenção das forças de segurança israelenses, que ocuparam a nação à caça dos capitães da OLP, a Organização para a Libertação da Palestina, um grupo contrário ao estado judeu.

Combates, massacres, atentados terroristas e bombardeios devastaram os principais centros urbanos e levaram o país, antes rico, à bancarrota, o que parecia favorável a Denyel. O fato de o misterioso último integrante da teia estar baseado em Beirute não podia ser coincidência. Como uma das nascentes da raça humana, a Fenícia encantara os elohins desde o princípio, que enxergaram nela a chance de se mesclar aos terrenos e lá se estabeleceram por séculos. Os reinos de Judá e Israel teriam sido a primeira opção, mas desde as Guerras Etéreas eles já se encontravam ocupados pelas legiões de Miguel, que até hoje guardam a Fortaleza de Sion, o grande bastião dos celestiais no plano etéreo, erguido sobre a cidade física de Jerusalém. Com a destruição da infra-estrutura libanesa, entre 1975 e 1977, a casta poderia ter se desestabilizado, o querubim pensou, deixando o alvo vulnerável por ora, dando aos anjos da morte a oportunidade de contra-atacar.

O turbilhão no qual Denyel se metera, com a morte de Zac e tudo o mais, tinha ao menos uma vantagem: ele estava aos poucos se esquecendo de Sophia. Mas, como em toda relação traumática, as lembranças retornavam vez por outra, especialmente quando se sucediam acontecimentos estranhos.

Na véspera do Natal de 1977, o interfone tocou. Eram 23 horas em Londres. O anjo desceu as escadas vestido só de camiseta e ceroulas, com três pistolas sob a roupa térmica. Abriu a tranca da portaria. Um carteiro o abordou, com uma prancheta debaixo do braço.

- Senhor Tate? – O jovem checou o endereço. – Eric Tate?
- Talvez – deslizou a mão à Beretta.
- Se for, poderia assinar na linha pontilhada?

Denyel rubricou o documento e em troca recebeu uma caixinha de presente, embrulhada em papel vermelho e branco e amarrada por uma fita verde, timbrada com a logomarca da FAO Schwarz, a mais famosa loja de brinquedos de Nova York. Dentro do pacote havia três pentes extras recheados com as balas forjadas a partir da lança de Nod, e mais um cartão da Unicef com os seguintes dizeres, escritos no verso:

Só para o caso de precisar. Feliz Natal e próspero 1978.
Sophia

Em março de 1978, Israel invadiu o sul do Líbano na chamada Operação Litani, estendendo seus braços armados, tanques e tropas até as margens do rio de mesmo nome. O objetivo era acabar com os focos da guerrilha palestina que atacavam o norte do estado judeu, além de neutralizar os

dirigentes da OLP. A incursão obteve relativo sucesso, mas ao custo de três mil mortos de ambos os lados e dúzias de casas, prédios e construções demolidas.

Para chegar à costa libanesa, Denyel cruzara o Mediterrâneo a bordo do Eclipse e ancorara a dois quilômetros da praia, driblando os cruzadores israelenses, o que não foi tão difícil, considerando que ele era capaz de navegar no escuro, usando apenas o olfato e a força das velas, sem o ronco dos motores a despertar os radares. Desembarcar também não foi exatamente um problema, com as autoridades dispersas, a polícia apagada, o próprio exército federal inteiramente confuso. Nas ruas, em vez de patrulheiros e guardas de trânsito, o que se encontrava eram combatentes civis, que batalhavam dia e noite, atirando uns contra os outros, disparando obuses, granadas, morteiros, canhões e balas tranças.

Essa era, portanto, a situação do país na primavera de 78, com a capital arruinada, as praças entupidas de cadáveres, as avenidas retorcidas em montanhas de concreto, picotadas por estilhaços de bombas, pedaços de foguetes e sucatas de automóveis. Diante da prefeitura, o asfalto se esfarelara. Os edifícios eram esqueletos de aço prestes a desabar, com as paredes perfuradas. O odor de pólvora fez Denyel se recordar de Hué, sendo Beirute agora sua contra-parte desértica, também afogada em massacres, uma zona de guerra das mais perigosas.

Saltando de beco em beco, o celeste avançou praticamente invisível, apto a enganar homens e anjos. Contornou o distrito norte e tomou o caminho proposto por Sólon, adentrando uma dessas cercanias desocupadas, escutando gritos, rajadas e explosões a distância. Olhou para o céu, decorado por uma lua em quarto minguante. Mirou as estrelas. Eram 4h15 da madrugada, 2h15 em Londres e ainda 21h15 em Nova York.

Sentiu cheiro de podridão. Sob a proteção noturna, ele dobrou uma esquina e avistou, entre os prédios, um enorme estádio em ruínas, originalmente construído em formato de arena, com as arquibancadas aos pedaços. De início, presumiu que fosse um campo de futebol, mas havia quatro postes de luz no pátio interno, dando a segunda impressão de que se tratava, na realidade, de uma pista de atletismo.

O fedor pairava sobre o gramado, com as gotas de orvalho borrifadas de sangue, e mais acima rugia uma monstruosa nuvem de espíritos humanos, seres contorcidos que esvoaçavam e cingiam uma coluna de luz, uma manifestação astral de natureza obscura, que partia do chão e subia às alturas, para além do céu, perceptível somente aos que enxergavam através da película. Para estes, a imagem se apresentava dantesca, e Denyel ficou a refletir sobre qual seria a verdadeira função daquele fecho, como ele havia surgido e quem o invocara. O mais surpreendente não era a reunião de fantasmas, um fenômeno constante em toda guerra, mas a ausência de ofanins, que em geral são atraídos a esses morticínios como insetos à carne podre. Dada a profusão do massacre, era no mínimo curioso que nenhum anjo da guarda estivesse por perto, a não ser que eles estivessem muito, mas

muito ocupados auxiliando os mortais em outros sítios, ou tivessem sido deliberadamente afastados.

Denyel subiu ao estádio pela entrada principal, uma passarela subterrânea, sombria, abarrotada de almas que gemiam, suplicavam por ajuda, fazendo lembrar mendigos desesperados, famintos. Finalmente, penetrou na arena, e o que ele viu foi bem pior do que calculara. Sobre as raias de corrida se amontoavam defuntos às centenas, uns falecidos fazia poucos dias, outros havia meses. O campo esportivo, era claro agora, estava sendo usado como cova pública, onde eram depositados mortos de etnias distintas, cristãos e muçulmanos, jovens e velhos, adultos e crianças, costurando um macabro tapete de ossos, esfumaçado pela turba de fantasmagoras que, sem a ajuda dos ofanins, não podiam ascender.

Por um instante, Denyel ficou paralisado, hipnotizado pela coluna translúcida. Será que o elohim que ele procurava tinha evocado essa pilastra, mesmo sendo a casta pouco versada na manipulação dos espíritos? Pelo sim, pelo não, decidiu investigar, afinal era esse o seu trabalho, a sua missão – sua última missão. Seguiu rastejando ao centro do estádio, de cabeça baixa, ciente de que o alvo podia (e devia) estar espreitando nas redondezas e, assim como Prisca, reagiria a qualquer tentativa de assalto. Parou enfim sob o facho, inclinou o pescoço para cima e só então compreendeu o que se passava.

Súbito, a membrana sacolejou, tremeu como ao impacto de uma estrela cadente. O túnel reluzente era, ele já deveria ter notado, um vórtice, uma passagem temporariamente aberta a outra dimensão, que nesse caso conectava o Primeiro Céu ao plano astral sobre a região de Beirute. Por meio dela, puseram-se a descer dezenas de entidades aladas, cujo rosto o exilado não reconheceu, mas cuja silhueta era perceptível mesmo de longe.

Destro, o anjo deu uma cambalhota para trás, afastando-se da área de risco, quando observou um coro de vinte querubins, todos armados, trajando couraça de ouro, portando espada, adejando em formação de batalha. O tecido da realidade se enfraquecera a tal ponto, suavizado pelas almas penadas, que lhes permitira materializar não apenas seus avatares como também suas asas, seus sabres, suas armaduras de combate, e assim eles mergulharam, cercando e protegendo o seu líder.

O chefe desses guerreiros caiu à terra feito um meteoro, descrevendo um raio, tocando a arena com os joelhos firmes, abrindo uma cratera no solo, copiando o estalo de uma bomba. O corpo era forte, alto e musculoso, o rosto era bruto e a cabeça raspada, com um cavanhaque castanho a contornar a face.

O tronco estava coberto por uma chapa dourada, calçava sandálias e na mão trazia um martelo de guerra. Estufou o peito, apertou o cabo da arma e girou a cintura para afrontar o oponente, que o desafiou sem receios.

– Suponho que você seja Denyel – o recém-chegado o interpelou. – O anjo da morte.

– Correto. E você, quem seria?

— Sou Uraquin, o Punho de Deus, guerreiro da 17a Legião, soldado dos exércitos do leste — anunciou entre os dentes. — Estou aqui para matá-lo.

— Rebeldes, hein? — o exilado deu uma risada. — Pelo jeito, armaram para cima de mim, aqueles putos. Bem que eu suspeitava. — Denyel pensou em Sólon. Só podia ser coisa dele. — Culpa minha. Já devia saber que não se deve confiar em ninguém que nunca tenha brandido uma espada. — Destravou a Beretta. — Tanto faz. Uma briga boa, pelo menos. — Fez uma pausa, durante a qual os dois se encararam, a tensão crescendo, as auras queimando. — Está esperando o quê, xará.

LAÇOS DE SANGUE

COMO EU PUDE SER TÃO RELAPSO? – MARTIRIZOU-SE ISMAEL.
– OS ENOQUIANOS foram os criadores da magia negra e usavam o sangue dos anjos em seus rituais de bruxaria. – Observou os espetos de bronze, que lentamente desciam do teto. – Era óbvio que se tratava de uma cilada.

– Não fomos derrotados ainda. – Kaira se ajoelhou para escapar das agulhas. – Deve existir um meio de sair daqui. Tem de existir.

– Não, não há – assegurou-lhe o Executor. – Como pode conservar a esperança? – Ele não entendia. – Não vê que estamos condenados?

– Já passamos por coisas piores – ela trocou olhares com Urakin, que batalhava ao seu lado fazia alguns meses. – Precisa ter fé, Ismael.

– Sou um anjo, Centelha. – Ele lembrou que o Punho de Deus lhe dera o mesmíssimo conselho no Nepal, quando a arconte sugara a energia da montanha, mas na ocasião ele o desprezara. – Não preciso ter fé.

– É assim que vocês se comportam na Gehenna? – Era no purgatório que os hashmalins castigavam os espíritos, onde toda esperança era jogada por terra. – Pois saiba que na Haled as regras são outras. Este é o berço dos seres humanos, onde milagres de fato acontecem.

– Sou cético quanto a isso. Não acredito em milagres – Ismael estava convicto. – Portanto, deixemos que as circunstâncias respondam por nós. – Ele propôs um desafio. – Se sua "fé" é assim tão magnífica, então dentro em breve as estacas pararão de descer e nós estaremos livres para continuar a jornada. Caso contrário, esta sala será o nosso túmulo, a nossa última morada. Os nossos corpos serão esmigalhados, com as dúvidas que carregamos. – Posicionou-se de costas no solo, as mãos sob a nuca. – Seja como for, restam apenas poucos segundos.

Kaira apreciava as discussões com Ismael. Os dois seguiam filosofias distintas, e ela teria alimentado a conversa não estivesse numa situação tão difícil. Urakin, com toda a sua força, não era capaz de partir as duras lanças, cobertas pelo místico campo de força, e suas chamas também não serviam. Em circunstâncias normais, eles poderiam dispersar o avatar e escapar através do tecido, mas a natureza do vértice os impedia.

Finalmente, as pontas os tocaram, machucando primeiro Urakin, que entre eles era o mais robusto. Os espetos logo rasgaram a pele de Kaira e de Ismael, com o sangue dos três convergindo à espiral, até ser tragado pelo ralo, o que em tese só aceleraria o processo. Um novo tranco foi então escutado, e de súbito as estacas pararam. Um instante depois, elas começaram a subir, recuando aos orifícios no teto.

– O que houve? – Ismael se ergueu, incrédulo.

– Um milagre – a capitã replicou. Examinou os próprios ferimentos, cortes pequenos, superficiais, arranhões sem gravidade. – Só pode ser.

– Não entendo. – O Executor tentava definir o evento sob os parâmetros da lógica, mas não havia uma explicação coerente. – Por que o mecanismo parou?

– Talvez as polias tenham engasgado – sugeriu Urakin, mas no fundo ele sabia que não era isso. – Ou talvez o segredo repouse nos nossos fluidos combinados.

– Duvido – o hashmalim não se conformava. – Mesmo a feitiçaria, uma doutrina que alguns consideram abstrata, está apoiada em sistemas exatos, muito complexos, ainda mais a magia de Enoque – ele afirmou. – E o que acabamos de ver não faz o menor sentido para mim.

– Nem para mim, se quer saber – Kaira concordou nesse ponto. – Mas milagres não precisam fazer sentido. Com efeito, é melhor que não façam. – Ela pôs a questão de lado e se concentrou na cortina de éter, que se dissipava a olhos vistos. – O importante é que estamos vivos. – O buraco, antes negro, projetou fochos de luz, mostrando ao longe os contornos de uma cidade. – E que chegamos sãos e salvos a Egnias.

DENYEL CONTRA URAKIN

DENYEL E URAKIN SE AFRONTARAM SOBRE AS MARCAS DO ESTÁDIO. De um lado, um gigante ostentando um martelo; de outro, um indivíduo esguio, trajando jeans e camiseta, segurando uma arma de fogo. Mais atrás, os querubins rodeavam a coluna de luz, planando como gaivotas, descendo para o combate.

O exilado tomou posição de batalha. Era a oportunidade que ele esperava, a chance de travar um duelo justo, depois de tantos anos conduzindo operações ardilosas. Só que aquele não seria propriamente um duelo, seria um massacre, uma luta desigual entre um combatente sozinho e dezenas de guerreiros armados, protegidos por couraças, com as asas abertas que lhes permitiam voar. O que os atacantes não sabiam, porém, era que Denyel vivia na terra fazia séculos e com os homens aprendera a se adaptar às situações mais extremas — era um jogador perspicaz, um mestre na arte do subterfúgio, capaz de moldar as circunstâncias a seu favor. Urakin e seus aliados detinham a vantagem numérica, enquanto o exilado escondia um segredo, um traço que salvara os terrenos da ira celeste, das hecatombes e dos cataclismos de outrora: a malícia.

Circulando o vórtice, os querubins caíram à terra como numa chuva de asteroides, cercando Denyel por todos os flancos. O chefe deles avançou com o martelo em riste, fez menção de arremessá-lo, mas antes que a arma se projetasse foi acertada por um tiro da Beretta, que lhe destruiu a cabeça metálica e a arrojou sobre as arquibancadas, fora do imediato alcance de Urakin, que estacou, surpreso, de mãos vazias.

Os demais soldados se moveram na sequência, ergueram a espada, mas o exilado foi célere. Disparou contra dois, três, quatro, cinco inimigos, perfurando-lhes o coração, matando seis anjos de uma só vez, desfazendo a formação e se aproveitando da brecha para correr em direção à saída. Se pudesse ganhar as ruas, onde o tecido era mais grosso, estaria a salvo, porque lá os rebeldes não poderiam usar suas asas, e além disso ele teria o benefício de combater nas vielas ou mesmo dentro dos prédios, e não em campo aberto, onde estava exposto a ataques diretos.

O maior problema era chegar à passarela, com tantos oponentes em sua cola. Denyel moveu as pernas com energia, mas foi perseguido por dez atacantes, que flutuaram sobre ele. O anjo que estava na dianteira traçou um arco no céu, deu meia-volta e manobrou com as asas sólidas, qual um falcão a atacar um coelho. O exilado não perdeu tempo, ajustou o cano da 9 milímetros e o abateu como a um pato. O tiro penetrou na couraça, atravessou-lhe o esterno e o fez tombar no tapete de corpos, soltando as penas, o avatar rijo, destroçado, os olhos pálidos, sem vida.

Em resposta, o incansável Urakin estraçalhou o chão com um soco,

abalando as fundações do estádio, mostrando enfim por que era chamado de Punho de Deus. O solo não apenas tremeu, mas começou a rachar, reproduzindo os efeitos de um terremoto. Uma fenda de oito metros se abriu à frente de Denyel, que usou o embalo para quicar. Galgou um bloco de concreto, tomou impulso com os calcanhares, deu um salto e aterrissou desengonçado na outra margem, onde mais doze rivais o esperavam, a face rubra, os flagelos clamando por sangue. O anjo da morte apontou-lhes a Beretta, puxou o gatilho, mas o pente se havia esgotado. O erro deu instantes preciosos de vantagem aos adversários, que o agrediram a golpes de espada.

Os quatro guerreiros da ponta, com os pés no nível do pavimento, acometeram, e tudo o que Denyel conseguiu fazer foi se abaixar, desvencilhando-se de três lâminas, sendo levemente ferido pela quarta, que o cortou de raspão na clavícula. No momento em que ele se agachou, contudo, discerniu nos entulhos uma barra de ferro, agarrou-a e já se levantou com o objeto empunhado, esmagando o queixo do combatente mais próximo. Partiu para o segundo, quebrando-lhe as costelas, destruindo o nariz do terceiro, despedaçando o crânio do quarto, rasgando a goela do quinto com o bico da haste. Com a pistola na mão, o exilado deu-se conta de que, a exemplo do que acontecera no Camboja, o desespero o fazia mais presto, e em menos de dois segundos trocou o pente, atirando na testa de mais três, após exterminar outros dois.

Retomou a jornada à saída, e, enquanto corria, os seis querubins restantes aparentemente recuaram, ajeitando para cima, abrindo passagem ao pistoleiro. Mas não era uma retirada, como parecia. O objetivo do coro, Denyel conhecia a manobra, era descer em seguida, todos em conjunto, perfurando o céu como uma flecha. O anjo da morte não lhes deu essa chance, recarregou a Beretta, escalou uma viga inclinada a sessenta graus e pulou novamente, só que agora mais alto. Fez um rodopio no ar e em certo momento os alvejou, derrubando a meia dúzia de alados que ainda o caçava. Suas carcaças encostaram no piso antes do próprio exilado, que pôs elegante, num movimento suave.

O túnel de acesso à rua estava perto. Denyel se enfiou na passarela subterrânea, dando a batalha por encerrada, mas Urakin brotou do arco oposto, obstruindo o caminho. Lançou o cabo de seu martelo, acertando-lhe a pistola, que escapou da pegada, zunindo e desaparecendo nas trevas. O gigante então se precipitou como um foguete, segurou Denyel pelos quadris, alçou voo e o arrastou em regresso ao estádio.

Urakin ascendeu com Denyel nos braços. O exilado se agarrou a ele também, para evitar uma queda de trinta metros, mas não teve como reagir quando o guerreiro o imprensou contra o topo de um dos postes de luz, no centro da arena, e depois simplesmente o largou. O anjo da morte despencou, escapando por pouco de um vergalhão enferrujado, trombando de cabeça no solo, abrindo um corte à esquerda do crânio.

Desnorteados, Denyel bateu as ruínas, procurou se erguer e focalizar o inimigo antes que ele aplicasse o golpe final. Urakin recolheu as asas, numa atitude que os colocava em igualdade, sugerindo que não precisava delas para vencê-lo. Por todo o estádio os fantasmas os circundavam, o que dava à peleja uma atmosfera sombria, coroada pelos cadáveres dos querubins, uns agora às carcaças terrenas.

Com os companheiros mortos, Urakin mirou o oponente com especial aversão. Estava enraivecido porque, como a maioria dos guerreiros angélicos, considerava as armas de fogo "instrumentos sem honra", e fora por uma delas que seu time acabara massacrado. De uma perspectiva reversa, Denyel parecia da mesma forma colérico, não por ter sido emboscado, e sim porque fora traído — mas traído por quem? Refletindo sinceramente, ele chegou à conclusão de que era até previsível que Sólon ou Yaga o entregassem, mas e quanto a Sophia? Será que ela sabia dessa cilada, e, se sabia, por que não lhe avisara? Será que fora ela que o denunciara, já que, conforme admitira mais de uma vez, vendia informações a quem melhor lhe pagasse? Por que teria lhe enviado os pentes extras e qual seria o significado da mensagem escrita no cartão, se é que havia algum?

— É o fim da linha para você, assassino — rosnou Urakin, o peitoral cintilando aos fados da lua. — Vejamos como se sai sem sua pistola.

— Vejamos como você se sai, meu chapa, sem seus capangas — com um movimento de olho, Denyel indicou os defuntos sobre a pista. — Ei, não me leve a mal, está bem? — Deu uma cusparada de sangue. — Só queria alinhar as coisas, tornar essa disputa um pouco mais justa.

— Chega de conversa. — O grandalhão se armou para uma nova contenda. — Prepare-se para morrer. Darei um basta em sua carreira homicida.

Dito isso, Urakin partiu para a briga. Deu uma guinada e disparou, acelerando como um cavalo de guerra, espargindo terra a cada passo. Distante dez metros, Denyel não se protegeu e, como consequência, foi atingido no tórax. Seu corpo saiu voando como um projétil de catapulta, bateu nas divisórias que separavam o campo dos vestiários, esburacou a parede e só parou quando encontrou uma pilastra, no interior do banheiro masculino.

O embate foi tão bruto que sua aura apagou, evidenciando que estava morto ou gravemente ferido. Ofegante, Urakin adentrou o sanitário em ruínas, chegou bem perto do anjo da morte e confirmou que de fato sua essência se dispersara, que não havia mais sombra de vida no oponente caído.

— Estou decepcionado — ele murmurou consigo mesmo. — Pensei que seria mais difícil — balançou a cabeça e fez um muxoxo. — Mas tanto melhor.

O Punho de Deus espanou a poeira sobre a armadura e se virou de costas para procurar o martelo, perdido algures nos escombros. De repente, Denyel se ergueu. Pronto para o combate, apanhou um tijolo e o jogou como se fosse

um disco. O artefato acertou a nuca de Urakin, que trocou as pernas, cambaleou e caiu. Imediatamente, o exilado pisoteou-lhe as costelas e o castigou com uma coleção de dez, vinte pancadas na espinha.

Urakin ficou tonto, o cérebro rodava. No chão, os destroços do banheiro incluíam tábuas, azulejos, privadas quebradas e tubos de esgoto untados de óleo. Denyel agarrou um desses canos, um em particular, que tinha a ponta aguda, e com ele improvisou uma lança. Estendeu o bico para golpear o coração do inimigo, que no entanto rolou à direita, fazendo o anjo encravar a vara no solo. Durante essa tentativa, o exilado cometeu um erro, arqueou o corpo demais, e, ainda estirado no piso, Urakin afundou-lhe um pontapé na barriga, tão energético que o projetou contra o teto.

Denyel caiu no assoalho e um segundo após se refez. Os dois trocaram olhares, ambos exaustos, feito pugilistas descansando nas cordas, resfolegando para o próximo assalto. O anjo da morte tinha um hematoma no queixo, sangrava aos litros, e mais adiante o rosto de Urakin era uma pasta arroxeadada, o nariz fraturado, as articulações doloridas. Lá fora, através do grande buraco na parede, o dia começava a raiar, e quando o sol nascesse o tecido se engrossaria, apagando o vórtice de acesso ao Primeiro Céu, o que lhes dava poucos minutos para concluir o duelo.

— Por que você não morre? — gritou Urakin, duas vezes mais nervoso, agora por ter sido logrado. — Como pode lutar com a aura esgotada?

— Minha aura não está esgotada, Zé Colméia — ele aludia ao urso atrapalhado dos desenhos infantis, que em síntese só tinha tamanho. — Só uma coisinha que aprendi com os elohins — e costurou uma chacota: — Então, está convencido de que sou o melhor? — riu-se. — Quer fazer as pazes?

— Fazer as pazes uma ova. — O guerreiro estava impressionado, mas não queria deixar transparecer. Ele viera à Haled atrás de um mero assassino e se deparara com um lutador dos mais francos. — Desta vez vou derrotá-lo, miserável. Vou arrancar o seu coração e entregá-lo a Astron, meu líder. Seus truques acabaram.

— Eles nem começaram, amigo — o exilado retorquiu e aproveitou o intervalo para estudar o terreno. Sorrateiramente, olhou para cima e notou que o teto estava prestes a ruir, deteriorado após meses de tiros e bombardeios. Na verdade, toda a seção dos vestiários oscilava e desmoronaria dentro em breve. Bastaria uma sacudidela para que a estrutura inteira viesse abaixo. — Sólon não lhe contou sobre mim?

— Sólon? — Urakin enrugou a testa. — Já disse que fui enviado pelo comodoro Astron, arauto especial do Mestre do Fogo, comandante da 17a...

— Está certo, disse mesmo — cortou-o. — Desculpe-me. É que ultimamente ando com a cabeça na lua, sabe como é. — Sagaz, ele se posicionou de costas para a parede. — Seu elevador está para subir — ele se referia à mística coluna de luz. — Dá para a gente continuar esse troço?

— Sim, vamos acabar.

Urakin tomou a iniciativa, sem saber que estava rumando para outra

enrascada. Utilizou a sua estratégia mais clássica, a de investir em plena carga, o que triplicava sua força de arranque. Denyel nada fez, não deu um passo sequer. Ficou paralisado, aguardando o baque com a maior paciência.

Desta feita, quando o gigante adentrou seu perímetro, ele usou o golpe que aprendera com Sophia no topo do prédio em Nova York. Abraçou-lhe o pescoço, rodou a cintura, deu um pinote e assim Urakin foi arremessado pela energia da própria investida. Incapaz de deter a inércia, o Punho de Deus colidiu contra as armações de aço como uma imensa bola de boliche, desfazendo as vigas e as cuspindo para fora. Com o impacto, entortaram também as colunas, as pilastras de gesso e concreto. O sanitário estremeceu, balançou e desabou por inteiro.

Denyel rolou de volta ao estádio e jazia prostrado na pista quando as arquibancadas cederam, engolindo o valeroso Urakin, aprisionando-o sob toneladas de argamassa. O exilado perscrutou as ruínas, sem saber se o adversário sobrevivera, se estava consciente ou desmaiado.

De uma coisa, ao menos, o anjo da morte tinha certeza. O duelo estava terminado. E ele vencera. Sem louros, sem glórias, sem consagração ou medalhas. Mas vencera.

O sol rebentou, seus raios oblíquos consumindo o vórtice, colorindo a arena e ofuscando os fantasmas. Os querubins mortos perderam suas asas, desintegradas pela tensão da membrana, e no centro dos escombros repousava a Beretta. Denyel guardou-a à cintura, deu um suspiro e saiu às ruas de Beirute, o corpo ferido, o espírito turvo, arranhado. Escutou as metralhas, as explosões, os canhões ressoando em uníssono.

À medida que caminhava, ele jurou vingança. Contra Sólon, contra Yaga. Contra todos que o haviam enganado.

Contra Sophia.

EGNIAS

URAKIN DEU UM PASSO À FRENTE.

Cruzou o arco.

Com as mãos espalmadas, Ismael protegeu a retina. Uma luz radiava no fim do túnel. Dourada, quase sólida, consciente de certa forma.

Kaira seguiu atrás do guerreiro. Ela não soube explicar o motivo, mas teve a sensação de estar voltando para casa, embora o conceito de casa fosse, para ela, algo extremamente abstrato, e talvez tenha sido isso que, no passado, a tenha ligado à menina Rachel. Juntos, os três chegaram a uma plataforma de rocha que se abria às laterais de uma gruta, e de lá partia uma trilha estreita, conduzindo aos níveis abaixo.

Coçaram as pálpebras.

Enxergaram o que parecia ser uma miragem. Uma ilusão.

Olharam melhor.

O lugar não era apenas uma gruta. Era a maior caverna de que se tinha notícia, com pelo menos quinhentos metros de altura e dezenas de quilômetros de extensão. O que sobrara de Egnias se apoiava agora sobre uma gigantesca esplanada subterrânea, ornada por torres brancas e casarões de mármore, encimados por frontões e rotundas. Graças aos feitiços que a protegiam, a Segunda Cidade se conservara intocada, confirmando que o dilúvio não a havia abalado. Originalmente, Egnias não fora construída na superfície, mas sob as areias do deserto, talvez por questões de segurança, o que no final das contas não a salvara. Mas a pergunta fundamental continuava em aberto: se os enoquianos a haviam invadido, o que os teria feito abandonar suas posições, já que a estrutura dos prédios, das ruas e dos baluartes não fora alterada?

Decorada por chafarizes, fontes e estátuas, Egnias era organizada em avenidas, algumas com cinco, seis mil metros de comprimento, todas respeitando a clássica arquitetura atlante, mais tarde copiada pelos gregos em suas cidades-Estado, repleta de colunas, portões de ouro e escadarias em meia-lua. Mas toda a beleza, toda a glória desse recanto pré-cataclísmico estava agora apagada pela desolação de seus parques, pelo vazio de suas praças, pela solidão reinante nas bibliotecas, um mausoléu suntuoso, sem um único morador para contemplá-lo.

Bem no coração do município, erigia-se um templo circular, alto e esbelto, as paredes sustentadas por vigorosas pilastras, rematado por uma cúpula de cristal de onde emanava o foco da luz. O brilho se parecia com os raios do sol — era o mesmo fulgor que coruscava em Athea, insinuando que o local guardava o cobiçado afluente do rio Oceanus. Finalmente, no pátio defronte ao santuário, descansava um monumento conhecido, com dez metros de altura, que chamava atenção por destoar das demais instalações: o obelisco

de basalto negro, pontudo, no formato de uma pirâmide alongada.

— Já escutei lendas sobre esse obelisco — Ismael percebeu o óbvio interesse de Kaira. — Mas nunca entendi para que ele servia.

— Ninguém sabe. Suponho que seja uma fonte de energia — a ruína apurou a visão. — Só temos certeza de que não foi erguido pelos atlantes.

— Não?

— Denyel me contou que é anterior à primeira catástrofe.

— E ele falava sério?

— Difícil dizer — ela sorriu ao se lembrar do exilado e de como ele sempre zombava das coisas. — Mas seria bem coerente, não seria? Os atlânticos não usavam basalto em suas construções, eu pelo menos nunca vi. Projetavam suas câmaras em ângulos curvos, não retos. Basta olhar ao redor.

Ismael observou as torres alvas, à medida que eles trilhavam o caminho às laterais da caverna. Cinco minutos depois, o coro alcançou a avenida central, que como todas as outras convergia ao templo, numa alusão às múltiplas pontas de uma estrela, cujos raios se encontram no núcleo.

Urakin sondou as calçadas, tentou farejar o perigo. Não encontrou resquícios dos alemães, tampouco de seus equipamentos modernos, mas reparou que, apesar da preservação, existiam por toda parte marcas de luta, nas paredes das casas, no chão, nas colunatas, ranhuras provocadas por golpes de lança, cortes de espada, e havia ainda o cheiro de morte, coisas pequenas que só um querubim poderia notar. Deteve-se sobre os degraus de um edifício qualquer, subiu-os, escancarou as seções do portão, forjadas em platina branca, e se deparou com um salão escuro, o piso afunilado, repleto de corpos reduzidos a cinzas, endurecidos, iguais à estátua do mago no calabouço.

— Disse que estava cansada de surpresas — o Punho de Deus chamou sua capitã e puxou um dos cadáveres para fora. — Está rígido como pedra.

— Fossilizado — Kaira subiu ao topo da escadaria. Diferentemente do grão-feiticeiro, essas figuras envergavam armaduras. — Quem são eles?

— Soldados de Enoque — Ismael mostrou o brasão do touro, característico dos exércitos de Nod. — Guerreiros de uma era há muito esquecida.

— Que esquisito — ela afastou os cabelos. — E eu pensando que eles tinham vencido a batalha por Egnias.

— Quantos devem ter aí dentro? — Urakin esticou o pescoço.

— Uns duzentos, por baixo — o Executor distinguiu as silhuetas. — E pode haver mais centenas escondidos nos outros prédios.

— Sim, mas quem os teria matado?

— Não sei. — Kaira rodou nos calcanhares. — O fato é que alguém os matou e depois tentou esconder as provas. — Retornou à avenida. Cinco quarteirões adiante, não mais do que isso, ficava a praça do obelisco, e à sua guarda o imenso santuário oceânico. — Estejam prontos.

SEPPUKU

Londres, 1º de maio de 1978

DENYEL ESTAVA ACABADO, ERA ESSE O TERMO CORRETO. O QUE ELE ERA, AFINAL?

Ele não era absolutamente nada.

Mortal, nunca fora. Como querubim, fracassara.

O que lhe restara?

Sua espada fora roubada, Sophia o dispensara, Mickail estava morto.

Era o fim. Ele não podia continuar daquele jeito. Era inaceitável, uma vergonha. Se ao menos tivesse a chance de deslanchar sua vingança, teria uma motivação para seguir adiante, mas como chegaria à dimensão de Sólón, como encontraria Yaga, como concluiria sua desforra?

Depositou a Beretta sobre a mesa da sala. Fechou as janelas da casa segura, trançou as portas, arrastou as cortinas. O aposento mergulhou na penumbra. A duas quadras dali, sobre a torre do Parlamento, os ponteiros do Big Sen se moveram. O sino badalou as nove horas noturnas.

Sentou-se na poltrona, apanhou a arma, assoprou a culatra. Tirou da jaqueta oito cartuchos, os exatos que haviam sobrado do confronto em Beirute, e os meteu no pente.

Enfiou o pente na arma.

Colocou o cano na boca.

O suicídio era a única saída viável. O seppuku. Como os samurais renegados.

Não seria exatamente uma novidade, afinal morto ele já estava desde que assassinara Zac, então não tinha nada a perder. De lá para cá, Denyel não fora mais que um fantasma, e a coisa ficaria muito pior se insistisse em "tocar a vida" daquela maneira. O certo seria dar um basta, encerrar o martírio. Se estourasse a cabeça, pelo menos, estaria fora do páreo e não correria o risco de machucar mais ninguém.

De início, ele não conseguiu disparar. Era um covarde, Yaga tinha razão.

Deu um último suspiro.

Puxou o cão. Tocou o gatilho. Apertou.

Denyel nunca saberia o que de fato o salvara, mas naquele momento a pistola travou. Em vez de um estouro metálico, o que se ouviu foi a tranca do apartamento a rodar. Instantaneamente, todos os seus instintos retornaram. O exilado se levantou, apontou a arma para o corredor.

Quem apareceu na soleira, no entanto, não foram os seus adversários mais clássicos, os agentes da teia ou os guerreiros rebeldes, mas uma moça loura de olhos azuis, os lábios fartos, trajando um sobretudo feminino, uma peça que era moda na Europa, mas antiquada nos Estados Unidos.

— Sophia? — Denyel ficou sólido. — Disse para não me procurar mais.

— Ora, eu lhe disse a mesma coisa — ela retrucou com bom humor. Entrou na sala calmamente, como se nada tivesse acontecido. — Por que não guarda a Beretta? — O objeto continuava engatilhado. — Sabe que é inútil usá-la contra mim. — Os elohins, o celeste descobrira nos anos em que estivera em Manhattan, detinham a capacidade de manipular artigos mecânicos, fazendo-os parar ao seu comando. — Estou aqui como amiga.

— É isso o que me preocupa — Denyel recolheu a pistola, mas permaneceu em alerta. Sentia raiva de Sophia e ao mesmo tempo a desejava. Decidiu pôr as cartas na mesa, tirar o assunto a limpo, já que estavam os dois cara a cara. — Sabia de tudo, não sabia? Sabia sobre o Clube do Inferno, sobre Zac. Sabia da emboscada que me aguardava no Líbano — encarou-a com os olhos fulminantes.

— E não me disse nada. Por quê?

— Está sendo trágico de novo, como seus heróis de cinema. — Sophia enfiou as mãos nos bolsos, andou na direção da janela. — Fui tão clara quanto podia. — Sacou um maço, pinçou um cigarro e o acendeu. — Ou não se lembra? — Afastou a cortina. — Por que acha que me arrisquei a levá-lo a Raqui'a, a invadir o Sexto Céu, a lhe mostrar a lança de Nod?

— Essa é fácil. Estava tentando me convencer a parar.

— Cabeça-dura, hein? Por que não me ouviu? — Fez um gesto, como se pedindo que ele não respondesse ainda. — Espere, deixe-me adivinhar. — Despejou as cinzas no parapeito. — Receava ser manipulado. Pensou que eu estivesse sendo paga por Gabriel para tirá-lo da jogada.

— O que esperava que eu pensasse, chérie, depois de tudo o que aconteceu? — No fundo, ele ainda não a perdoara por tê-lo enganado em Paris, por tê-lo deixado adormecido nas Tulherias, por nunca ter ao menos escrito uma carta. — Sabe como são os querubins. Somos racionais. Se quisesse me persuadir de verdade, teria me apresentado provas, as evidências que eu tanto queria. Teria sido direta. É assim que a nossa casta opera.

— Mas não é como a minha casta opera, Denyel. — Ela puxou uma cadeira e se sentou. — Deus não deu asas à cobra. Recorda-se disso? — Observou-o fixamente. — Sou uma elohim. Por natureza, não podemos induzir os outros, só podemos lhes mostrar o caminho. — Fez uma pausa. — Será que não aprendeu nada com a morte de Zac? Foram as suas escolhas que o trouxeram a este ponto, não as ameaças de Sólon, muito menos a crueldade de Yaga — a loura repetiu praticamente as mesmas coisas que o ofanim discursara, mas de um jeito um pouco mais duro. — Faltou-lhe coragem para se rebelar, para fazer o que achava justo, para desafiar a autoridade do Primeiro dos Sete. Estava em suas mãos o poder de encerrar os massacres. Sabia que os arcontes não poderiam encontrá-lo na terra e ainda assim preferiu continuar. Por quê?

— Sou um caso perdido, garotã. — Ele nem se deu ao trabalho de arrumar uma desculpa. Considerava-se um desgraçado. Sentou-se em outra

cadeira, de frente para ela, como um defunto espremido na cova, pronto a ser enterrado, e ironizou o assunto. — Quer escutar a minha confissão?

— Guarde para si seus pecados — desfez-se do cigarro. — Não estou interessada.

— Não? — Denyel inclinou-se para trás. — Então por que veio?

— Escute — ela ignorou a pergunta e foi direto à questão principal. — Certa vez eu lhe contei que algumas ordens compartilham divindades parecidas, que os elohins e os malakins, ambos, dispõem do conhecimento de manejar túneis cósmicos. — Deu uma espiada no céu, para a torre do Big Ben. — Em poucas horas, um atalho ocasional se abrirá, dando acesso temporário à dimensão particular de Sólon. Se você conseguir adentrar esse atalho, talvez possa pegá-lo desprevenido. — E, antes que o exilado retrucasse, Sophia emendou: — Siga caminhando até a estação de Charing Cross, cruze a catraca mais à esquerda, tome o terceiro trem na direção sul da Northern Line e só salte na plataforma final. Não converse com ninguém, evite os passageiros, não olhe para os lados, não fale, não diga nada. Quando encontrar o Primeiro dos Sete, atire antes que ele o perceba. Mire no coração. Use a Beretta. — Arrastou o assento para se aproximar e indagou: — O bilhete... Onde ele está?

— Bilhete?

— O que deixei para você em Paris.

— Outra surpresa. Mais uma relíquia sagrada, camuflada na imagem de um utensílio ordinário — pelo jeito, calculou Denyel, essa era a especialidade dos elohins. Afundou a mão no jeans, extraiu a carteira, abriu-a e de lá removeu o cartãozinho do metrô parisiense, com um carimbo datado de agosto de 1944, que ele guardara consigo por 35 anos e que ainda exalava o perfume da Sophia que ele conhecera no Café Le Procope, a mulher pela qual se apaixonara. O aroma o transportou para longe, de volta a uma época tão próxima e paradoxalmente tão distante, quando as nações do mundo, e também ele próprio, lutavam por causas mais justas, defendendo seus lares, suas famílias, seus povos.

— Esse? — o anjo ergueu a passagem. — O que ele faz?

— É uma chave — ela disse. — Um passe. — Sussurrou ao seu ouvido: — Para dentro da zona secreta.

NA PRAÇA DO OBELISCO

SENTIRAM ISSO? – ISMAEL ARQUEOU O PESCOÇO.

– Pensei que era só comigo – Kaira coçou a nuca – Um aperto na cabeça?

– Parece vertigem.

– Sendo que nós, anjos, não sofremos vertigens – cresceu a ruiva. – O que acha que é?

– Magia, talvez. Resquícios de um antigo encantamento. – O Executor tornou a olhar para cima, às imensas estalactites que se colavam no teto, quatrocentos metros acima. – Os atlantes usavam magia no dia a dia. Diferentemente dos seus rivais do continente, a magia atlântica brotava espontânea, sem a necessidade de rituais, o que lhes permitia aplicar essas técnicas mesmo em ações consideradas banais.

– Por exemplo? – Urakin o intimou.

– Para projetar obras arquitetônicas, por exemplo – rebateu Ismael. – Observe os edifícios que nos rodeiam. Eles não são apenas funcionais, como os castelos de Nod, são genuínas peças de arte. Cada frontispício, cada porta, cada capitel é trabalhado em minúcias. Os atlantes eram menos numerosos que os outros povos antediluvianos, portanto o único jeito de alcançar a perfeição era por meio de feitiçaria.

– Quer dizer que todos eles eram feiteiros?

– Nem todos. – O Executor passou ao largo de um jardim, apreciou as frutas que cresciam graças à luz do Oceanus. – Contudo, até os menos dotados possuíam capacidades psíquicas, o que levou alguns anjos a considerarem a possibilidade de eles não serem humanos, no sentido exato do termo.

– Como assim? – Kaira não acompanhou o raciocínio. – Pelo que sei, os atlânticos eram biologicamente idênticos aos demais grupos terrenos, oriundos de uma mesma espécie ancestral, os eridais.

– Esse é o cerne do debate, Centelha. Biologicamente, eles eram iguais; espiritualmente, nem tanto. Houve um coro de malakins que os classificou como pertencentes a uma linhagem superior à humana, uma raça "pura", livre dos pecados e vícios que corromperam as nações, à exceção deles próprios.

– Raça pura... – a ishim murmurou, pensativa. – Mais uma desculpa para a Thule ter partido atrás de Eghias, a "morada dos deuses". Um preceito ideológico, não apenas científico. – Fez uma pausa. – Mas e você? – tornou a arguir Ismael. – O que me diz dessa vertente?

– Prefiro simplesmente não opinar – ele afirmou. – Nossa casta trabalha com fatos, nunca com teorias fantasiosas, muito menos românticas. Lamento, no entanto, que nenhum atlante tenha sobrevivido ao dilúvio.

Sem dúvida eles teriam muito a ensinar aos povos que hoje governam a terra.

Os três anjos, com Uraquin na dianteira, entraram na praça do obelisco, um pátio amplo, dominado, no centro, pelo monólito negro, e pela câmara oceânica à sua frente, um prédio rotundo, com cem metros de altura e quarenta de diâmetro, de teto abobadado, cristalino. Uma escadaria orlada por estátuas de heróis e guerreiros culminava em um frontispício triangular apoiado em seis colunas, e a seguir divisava-se uma porta dupla, esculpida em platina, cujas seções jaziam rasgadas por uma enorme fenda de corrosão, de três metros por dois, larga o suficiente para um homem passar, e através dela brotava uma incandescência palpitante, ofuscando os contornos do que existia além.

O Punho de Deus caminhou até os degraus, enquanto Kaira e Ismael decidiram investigar o obelisco, ainda intrigados com o poder que dele emanava.

– Curioso – a arconte tocou o basalto. – Este pilar não emite vibrações, como aquele que encontramos em Athea.

– Não emite ou não emite mais? – instigou o Executor.

– Explique – ela pediu.

– Talvez as pulsações tenham cessado de Athea para cá.

– Por que acha isso?

– Só outra hipótese. Tentemos nos recordar do que aconteceu nesse meio-tempo – ele propôs.

– Estivemos no posto de controle.

– Foi o que calculei.

– Será que – a mente de Kaira fervilhou – as vibrações eram transmissões, na realidade?

– Pode ser – Ismael encurtou os ombros. – O bruxo que encontramos no asteroide recitava um feitiço. Nós o calamos.

– Nesse caso – ela refletiu mais um pouco –, o monólito serviria não apenas como uma central de força, mas também como antena.

– Perante os fatos, não seria de todo ilógico – anuiu. – Um império desse tamanho precisaria ter um sistema de comunicação eficiente. Os sinais poderiam ser emitidos através de radiações eletromagnéticas e decodificados no destino, exatamente como fazem os rádios modernos.

– Mas, para as mensagens chegarem tão longe, em órbita, seria necessária uma fonte de energia absurda, capaz de gerar uma onda elétrica.

– Estamos diante dela, imagino.

– Magnífico – a ruiva mirou o obelisco com uma fascinação ainda maior. – Não me espanta que os enoquianos tenham atacado o posto de controle antes. – A história, apesar de ter seus furos, começava a parecer aceitável. – O satélite, conforme Abul nos falou, era a chave para todas as colônias atlânticas. – De repente, veio à sua memória a épica narrativa da Guerra de Tróia, e ela teve uma revelação espetacular. – Diga-me. Seria possível difundir um feitiço através desse sistema?

— Um feitiço? — O Executor meditou por um instante. — Na teoria, sim. Como a propagação de uma doença?

— Mais como uma arma biológica.

— Claro — Ismael entendeu aonde ela queria chegar. — Refere-se aos vultos?

— Exato — respirou fundo. — Com isso, essas criaturas teriam invadido a cidade primeiro, de surpresa, abrindo caminho para as tropas regulares, que por sua vez penetrariam num segundo levante, através das câmaras subterrâneas. — Ela encarou o colega, depois correu a vista à avenida, para o edifício com a montanha de cadáveres de Enoque. — Só não entendo como um plano tão bem elaborado acabou dando errado.

Ismael também não entendia, então preferiu se abster. Kaira andou à escada do templo, onde Urakin os aguardava, esperando as ordens da capitã. O gigante não tinha certeza, mas sua suposição era que alguém, ele não sabia quem, quando ou por quê, ocultara os vestígios da grande batalha, recolhera os defuntos, apagara o sangue, os dejetos, escondendo os rastros do combate que supostamente devastara a cidade.

Sob a liderança de Kaira, os alados cruzaram o portão através da fissura e chegaram ao objetivo que perseguiram desde o início: a câmara oceânica de Egnias. O afluyente do rio, em oposição ao mesmo aposento em Athea, não ficava espremido numa gruta debaixo da terra, mas no próprio salão, um recinto branco, amplo e redondo. Bem no meio desse santuário, o que existia era uma piscina retangular, as bordas pavimentadas em ouro, as águas calmas, douradas, as quinas cercadas por quatro pilastras e a frente enfeitada por um banco alongado.

Sentado sobre esse banco descansava um homem de pele azulada, cabelos cor de prata, feições delicadas, trajando uma armadura turquesa, similar à couraça do regente adormecido nas cavernas de Santa Helena, trabalhada com emblemas e runas que indicavam as altas casas da corte atlântica.

Kaira ergueu a mão num gesto de paz, e antes que abrisse a boca o guardião a abordou, num linguajar formal, a voz ressoante, o timbre imponente:

— Quem sois?

A ZONA SECRETA

DENYEL E SOPHIA NÃO TIVERAM TEMPO PARA UMA DESPEDIDA MAIS LONGA. Foi tudo muito rápido. Do momento em que ela chegou à hora em que ele saiu, não se passaram nem quinze minutos.

Com o bilhete entre os dedos, o anjo seguiu à risca todas as instruções. Saiu caminhando da casa segura à região de Charing Cross, tomou a margem esquerda do Tâmis, contornou a rotunda da Ponte Lambeth, alcançou a praça do Parlamento, ingressou na Rua Whitehall, o centro administrativo de Londres, circulou a histórica Coluna do Almirante Nelson para enfim descer aos guichês do metrô. O Big Ben badalou as dez horas da noite. Perto do horário do fechamento, as galerias do tube estavam apinhadas, cuspidando gente pelo ladrão, uma sinuosa massa de executivos, funcionários públicos, punks, estudantes, metaleiros e turistas, alguns bêbados, recém-saídos dos pubs.

O exilado se escorou na parede diante das catracas, de costas para o cartaz da peça musical *Evita*, apresentada desde janeiro no Teatro Prince Edward, com a atriz Elaine Paige no papel da primeira-dama argentina. Estudou o movimento, examinou o entra e sai, marcou cada rosto. Esperou uns instantes e se dirigiu à roleta "mais à esquerda". Meteu o cartão no leitor, empurrou a por-tinhola e continuou andando, a cabeça baixa, os olhos pregados no chão.

Pisou na escada rolante, tentou manter a discrição, contudo foi impossível não notar que o ambiente se transformara. Os corredores eram os mesmos, mas os transeuntes, agora, não se comportavam mais como homens comuns. Em sua face transparecia uma expressão diferente, austera, própria das entidades aladas, apesar do esforço para mascarar a aura. Era a mesma fisionomia, Denyel reparou, dos passageiros que o encararam na estação Opéra, em Paris, após ele cruzar a porta do beco a partir do Grande Bazar. Compreendeu, finalmente, que aqueles túneis não pertenciam à Charing Cross original – eram um simulacro, uma duplicata do mundo físico, construídos nos padrões de uma central de transportes, mas cuja função seria, na verdade, conectar as inúmeras dimensões particulares, os bolsões cósmicos, reunindo centenas de portais e atalhos. Não fosse a orientação de Sophia, nem de longe ele teria imaginado que os elohins eram tão sábios, tão numerosos nem que dispusessem dessa zona secreta, um cenário clandestino, inteiramente obscuro aos anjos do céu.

Sentiu-se como um estranho, disfarçou suas pulsações e de través espiou o mapa do "metrô", com o nome das paradas análogo aos pontos reais, mas conduzindo a outros sítios, através de uma confusa malha de labirintos extra-planares. O exilado não soube dizer qual era a extensão dessas rotas, até porque várias delas oscilavam segundo as trepidações do universo –

como era o caso, a propósito, do aposento de Sólon.

Aguardou a chegada do terceiro vagão e, quando o trem da Northern Line abriu as portas, ele saltou para o interior da cabine. Ficou de pé, agarrado às barras superiores, discretamente visualizando a mulher ao seu lado, a idosa sentada na cadeira exclusiva, o mendigo acocorado no piso. Concluiu, ao observar aquelas figuras, que o grande poder dos elohins não residia em suas divindades, mas na capacidade de se passar por pessoas normais. Enquanto as outras castas gastavam toda a energia a ostentar posições, títulos e alcunhas, os elohins operavam ao contrário, talvez como uma maneira de se proteger dos arcanjos, caso, por algum motivo, eles ordenassem sua caçada, como ocorrera aos seus predecessores, os sentinelas. Miguel, afinal, não lhes havia permitido continuar na terra, ao anúncio do Haniah, por respeitar seus desígnios, e sim porque nunca conseguiria encontrá-los, quanto mais persegui-los. Para todos os efeitos, percebeu Denyel, os elohins eram agentes livres, criaturas que haviam conquistado a independência e que justamente por isso não davam a menor importância para a guerra no céu.

Mudo, ele acompanhou o progresso das estações. Desde Charing Cross até o destino final, transcorreram cinquenta minutos. Os usuários foram aos poucos saindo, e ao brejar na fictícia estação de Morden o comboio estava vazio. O anjo ganhou a plataforma, que pelo descuido devia estar abandonada fazia anos. O chão e as placas eram antigos, com bancos de madeira, paredes de tijolos e fios expostos no teto.

Galgou a escada que subia à rua. Mas, como ele esperava, não havia uma rua. Tudo ao redor era preto. Deu um pulo, sacou a Beretta e como por mágica a claridade acendeu.

O que era negro ficou branco.

O pedestal de Sólon tomou forma. Denyel enxergou o arconte sobre a meia-coluna, as pálpebras baixas, estático, meditando.

Era a sua chance – sua única chance.

Fez mira com a pistola.

E atirou.

O GENERAL TURQUESA

KAIRA TOMOU A FRENTE DO CORO. PISOU O SOLO EM MOVIMENTOS.

Estava fascinada.

Era de conhecimento geral que o dilúvio exterminara os atlantes, e agora ela, Urakin e Ismael se deparavam com um suposto espécime dessa cultura tão antiga, cuja aparência batia com a do regente que eles haviam encontrado na primeira missão. Sua armadura turquesa era tudo o que o distinguia do guardião adormecido, mas de resto eles eram iguais, sugerindo que pertenciam ao mesmo grupo ancestral.

Diante daquele homem, a arconte sentiu-se agitada, meio confusa, como um antropólogo ao descobrir o elo perdido. Mas, apesar da euforia, ela manteve a postura, afinal o outro general, colega deste, responsável pela defesa de Athea, enlouquecera a ponto de matar os cientistas que aportaram no vértice, confundindo-os com os invasores de Enoque, sendo Hugo, o pai de Rachel, o único que escapara ileso da tragédia.

— Sou Kaira, Centelha Divina — ela se apresentou e apontou para o guerreiro. — Este é Urakin, o Punho de Deus, e aquele é Ismael, o Executor. — O clima era tenso. — Somos emissários do arcanjo Gabriel, o Mestre do Fogo — disse. — Procuramos passagem para o rio Oceanus.

— Se sois anjos de Deus, então sede louvados. — De novo aquela voz cheia de ecos, que não parecia derivar das cordas vocais. — Eu vos saúdo — abriu os braços. — Sou Thera, regente de Egnias. — Fez uma reverência silenciosa e os mirou com curiosidade infantil. — Por que a demora em nos visitar?

— É uma longa história. — A julgar pelas pistas que eles haviam recolhido, a dedução mais óbvia era que a Segunda Cidade permanecia isolada desde antes do dilúvio, e talvez o atlante nem soubesse que a enchente assolara o planeta. — Quanto tempo faz que está sozinho?

— Desde a conclusão da grande batalha. — As palavras soavam das paredes, do teto, do rio. — Não sei dizer quantos anos. Faltam-me as referências do universo lá fora. O tempo linear, da maneira como o conhecemos, é intangível para nós. Eu quero sair — o tom se encrespou. — Peço que me ajude a sair.

— Espere — Kaira amansou a fala, tencionando acalmá-lo. — Responda-me antes do seguinte. Foi você que liquidou os exércitos de Nod?

— Fomos nós — admitiu.

— Nós quem? — A ruiva olhou para os lados. — Existem outros da sua espécie aqui?

— Sim — ele retrucou, enigmático. — Estamos aqui, estamos lá, estamos em toda parte — garantiu. — Como posso ajudar-vos, afinal?

– Já dissemos – interferiu Urakin. Ele não gostara nem um pouco do jeito como o regente falava. – Queremos adentrar o rio Oceanus.

– O rio está aberto a todos os seres. Fazei bom uso dele. – O atlante desobstruiu o caminho. – Basta mentalizar o destino.

– É assim que funciona? – perguntou Kaira.

– Sem barcos, sem portos, sem o sobe e desce das marés – rejubilou-se o general. – Convertemo-lo num portal.

– Um portal mágico. – A arconte decidiu testar as instruções e imediatamente pensou em Denyel. Nas águas da piscina, então, surgiu a imagem do exilado, boiando inconsciente, com as mesmas roupas que usava na terra, sendo arrastado pela correnteza dourada. Perante a repentina visão, ela sentiu um aperto no peito, um rompante de nostalgia, como se, em questão de segundos, estivesse de volta à época em que era uma simples garota circulando pelos ginásios e salas de aula da faculdade. Os últimos três meses se passaram como um filme em seu cérebro, desde o encontro com Urakin e Levih, na Universidade de Santa Helena, até a viagem com Denyel na garupa da Hayabusa, o beijo que eles trocaram em Athea e o sacrifício que a todos salvara. Depois de uma jornada tão longa, que por tantas vezes correria ao fio da navalha, parecia-lhe agora irreal que eles estivessem de fato na câmara oceânica de Egnias, e a um passo de selar seu destino. – Denyel? – ela o chamou. – Denyel?

– É um dos teus? – sibilou Thera.

– Sim.

– Ele não pode ouvir-te.

– Por que não?

– Trata-se de um portal de mão única. Tereis de atravessá-lo vós.

– Que seja. Para isso viemos. – A ruiva olhou para Ismael, sempre neutro, e para Urakin, ainda desconfiado. Quanto ao regente, era triste, mas não havia nada que ela ou seus amigos pudessem fazer. Se dispusesse de mais tempo, Kaira poderia ficar algumas horas sentada às ruínas e contar a ele o que se passava, explicar o que acontecera ao planeta nesses séculos, dizer que ele não podia sair. Por mais dura que fosse, a verdade era que seus rivais, os enoquia- nos, tinham vencido, sendo os homens modernos, todos eles, descendentes de Caim, ao passo que os atlantes acabaram extintos. Não havia, em todo o mundo conhecido, um lugar reservado a alguém como ele, então o melhor seria deixá-lo imerso em seus sonhos e tão somente torcer para que ninguém mais o perturbasse. Restavam na mente de Kaira, ainda, muitas perguntas por fazer, sobretudo relativas à sociedade Thule, às Guerras Mediterrâneas, mas como líder ela se viu obrigada a seguir adiante.

O regente, ela não soube como, compreendeu a sua intenção, saudou-a e abriu passagem. O Punho de Deus, no entanto, tocou-lhe o ombro e falou:

– Por favor, Centelha. Permita que eu vá na frente.

– Está bem. – Ela não tinha por que se opor. – Se é importante para você.

Urakin marchou na direção da piscina, chegando bem próximo ao

guardião. Encarou-o com firmeza e o comparou, face a face, com a anatomia do regente escarlate. Da vez anterior, eram perceptíveis, ao menos aos ouvidos de um querubim, as batidas do coração, traço ausente no homem que agora o fitava. Não bastasse, os olhos de Thera eram pálidos, desprovidos de brilho, sem vida, não transpareciam emoções. O odor da pele, dos cabelos e até da armadura era de tal forma quimérico que despertou no gigante uma reação instintiva.

O sopro de Deus, também chamado de alma. O presente de Yahweh aos terrenos. O regente não o possuía, era vazio por dentro. Vazio.

Sem nenhum aviso, então, um minuto antes de mergulhar na poça, o guerreiro deu meia-volta, apertou os dedos, girou o quadril e desferiu um possante soco no general, um gancho tão forte que o arremessou de um canto a outro da câmara e o fez tombar de cara no piso.

— Regente coisa nenhuma! — esbravejou Uraquin, tomando ar para principiar o combate. — Pensa que me engana? Impostor de uma figa.

Confusa, Kaira avistou o regente caído e entendeu a razão do ataque. O rosto da criatura derreteu feito uma máscara de cera, e por dentro dele desabrochou um clarão. Súbito, o ser se elevou a um metro do solo, a armadura se desintegrou, dando lugar a um corpo humanoide, que emitia luz própria, cuspidando radiações esbranquiçadas. Suas feições eram indistinguíveis, à exceção dos globos oculares, que soltavam fachos cegantes.

— Mas o que é isso? — ela chegou para trás.

— Ecaloths — Ismael se protegeu com os braços. — São as formas de vida nativas do rio Oceanus, girinos planares que cavam túneis através do cosmo, criam vórtices ocasionais, destroem tudo o que veem pela frente. São constituídos por corpúsculos de plasma, compostos de pura energia. — E acrescentou: — Estava se fazendo passar pelo guardião para nos convencer a entrar no rio, onde os nossos poderes são nulos.

Kaira se lembrou do que Denyel lhe contara sobre os ecaloths, como eles eram diferentes dos barqueiros do rio Styx, que não possuíam energia, enquanto aqueles a traziam de sobra e portanto precisavam despejá-la, obliterando toda matéria ao redor. O selo de éter mostrava agora sua função, tendo sido criado, ao que parecia, pelos enoquianos no curso da fuga, para impedir que esses monstros se evadissem para o mundo exterior. Estava explicado também por que os atlantes de outras cidades não ousaram retomar a colônia e por que até os alemães haviam se retirado da "morada dos deuses". O que factualmente se sucedera em Egnias continuaria a ser um mistério, mas a ishim apostou que os ecaloths apareceram depois da ocupação, sendo que alguns poucos invasores escaparam, incluindo o mago que conjurara a cortina.

Mais duas entidades se ergueram da poça — eram três ao todo, voando em espiral sob a cúpula. O Executor percebeu que os seres conversavam entre si, utilizando uma linguagem baseada em padrões magnéticos. Tentou enxergá-los de novo, mas o brilho era devastador.

— Sugestões? -- Kaira preparou-se para a luta.

— São ecaloths — avisou Uraquin. — Não temos a menor chance.

— Sim. — Pela primeira vez, Ismael concordava com ele. Olhou para trás, para o portão corroído. — Temos de fazer como os outros. Temos de fugir.

BOLHA DE ESTASE

DENYEL DISPAROU.

Três vezes.

Sólón estava a apenas quinze metros, imóvel sobre o pedestal, os olhos fechados, as pernas cruzadas, afundado na meditação, com as asas recolhidas, a pedrinha na testa apagada, e, sendo o exilado um atirador tão competente, as chances de erro eram mínimas, para não dizer nulas.

Os tiros soltaram faíscas e partiram direto ao coração do arconte, mas subitamente os projéteis frearam no ar, como se algum campo invisível os brecasse. Ocorrido isso, o Primeiro dos Sete ergueu as pálpebras, e havia uma satisfação maliciosa em seu rosto. Denyel tentou apertar o gatilho, porém seus dedos, e não a pistola, travaram. O corpo inteiro, na verdade, estava envolvido no que ele entendeu como uma Bolha de Estase, uma pequena área onde o tempo passa de maneira diferente, mais lento ou mais veloz, segundo a vontade de quem a conjura.

Denyel fora apanhado no interior do bolsão. Esforçou-se para se mover, para rodar o pescoço, para torcer os quadris, e notou que conseguia, mas muito lentamente, como que imerso em um caldeirão de cimento. De uma hora para outra, a bolha se desfez, as balas retomaram seu curso e passaram reto sobre a meia-coluna, ricocheteando nas pilstras de mármore. Sólón se deslocara para os flancos, tão rápido que na prática era como se ele tivesse desaparecido, para ressurgir em outro lugar. O querubim foi pego desprevenido e, antes que pudesse reagir, o arconte aplicou-lhe uma bofetada, um tabefe fraco, de alguém que nunca entrara em combate, mas que no entanto o desmoralizava.

O anjo da morte resolveu dar o troco, girou os ombros, endureceu o punho, mas, a exemplo do que acontecera havia instantes, seus movimentos desaceleraram, e só foi preciso uma fração de segundo para que o Primeiro dos Sete se transportasse para o outro canto da sala, fora de seu alcance.

Outra vez o bolsão se dissipou, Denyel brandiu a pistola, atirou contra Sólón, e novamente as três balas estacionaram no meio. O arconte se transferiu em retorno às proximidades do exilado, acertou-lhe uma segunda pancada, retardou o tempo, saiu de perto e reapareceu a distância.

— Não tem idéia de como é patético, soldado — boquejou o malakim. — É um inseto perante mim, um obstáculo pífio, digno de pena — sua fisionomia era de nojo. — Francamente, achou que poderia me apanhar de surpresa, ainda mais aqui, dentro das fronteiras de meu universo?

— Para ser honesto, careca, eu ainda acho — ele respondeu e perseverou no ataque. Detonou os últimos dois cartuchos, todavia o resultado foi o mesmo. Sólón reconvocou a Bolha de Estase, interrompeu a trajetória das balas antes de ser atingido, andou para perto de Denyel, aliviou o bolsão,

desferiu-lhe um soco no nariz, estacou o tempo e correu para o outro extremo da câmara, guarnecida pelas sete alcovas.

— Sabe qual é o seu problema? — a gema na testa começou a brilhar. — É indolente e previsível, covarde e traiçoeiro — foi chegando mais próximo, até ficar face a face com ele. — Levou às últimas consequências a minha ordem de aprender com os seres humanos e de se comportar como eles. Contudo, só assimilou o que há de mais sujo, de mais podre na sociedade terrena. É um fracassado, um assassino, um perdedor, um facínora.

— Facínora? — ele achou o termo impróprio. — Olha quem fala, xará, afinal o maior traidor é você — e aproveitou que os dois estavam tão juntos para insistir no duelo. Preparou uma cotovelada, que pela terceira vez foi atrasada pelo campo estático. O Primeiro dos Sete respondeu como de costume, mirando-lhe agora um chute entre as pernas, que embora tímido foi certo, lançando-o de costas no solo.

— É um bruto, Denyel, e não aprende de jeito nenhum — esboçou um sorriso, e só após todos aqueles anos o exilado percebeu, ou melhor, teve certeza de quanto ele era maldoso, quanto se entretinha com seus devaneios. — Sou um malakim, pertencente à mais elevada casta celeste. Como tal, posso prever os seus golpes e evitá-los, assim como prevejo os eventos no céu e na terra. Desde sempre eu sabia que se voltaria contra mim, e tomei providências para garantir minha segurança. — Surpreendentemente, então, ele retirou de dentro da túnica o que de início parecia um facão, mas que logo mostrou ser, para todos os efeitos, a ponta da lança de Nod, a "arma mais poderosa do mundo", de acordo com Sophia, especialmente forjada para exterminar os angélicos. — Lembra-se dela, guerreiro?

— Certas coisas a gente nunca esquece, meu chapa.

— Maldito seja — ele se irritou com o gracejo. — Se tivesse continuado em seu buraco de rato, se tivesse aceitado a derrota e a humilhação, se tivesse metido uma bala na cabeça, pelo menos teria conservado sua honra, mas preferiu desafiar o seu amo e agora terá o que merece.

Sólón se regozijava ante as palavras. Sentia prazer ao declamar o sermão, mas em contrapartida não estava disposto a perder muito mais tempo com aquele "desgraçado". Pôs-se de cócoras, os joelhos dobrados, as asas armadas sobre a cabeça, e curvou as costas para frente, de modo a alcançar, com o bico da lança, o peito de Denyel, que no chão ainda jazia estirado. O pior era que não havia nada que ele pudesse fazer, porque a cada tentativa de assalto o arconte travaria os seus golpes, independentemente da força, da velocidade ou da perícia com que fossem empregados.

O querubim enxergou a morte chegando, como enxergara inúmeras vezes, mas agora era diferente. Compreendeu, enfim, que o seu temor não era o de morrer, propriamente. O que ele não admitia era ser derrotado por Sólón, por aquele "panaca", um sujeito poltrão, maldoso e arrogante, que não tinha o menor apreço pela espécie terrena, que o usara sem escrúpulos, ordenando o extermínio de homens e anjos.

Obrigado a raciocinar sob pressão, aflorou na mente de Denyel uma idéia, daquelas que só surgem uma vez na vida. Observou o Primeiro dos Sete como um todo, estudou o problema em detalhes e reparou que ele ainda trazia preso ao cinto o cabo da sua espada, com a lâmina desfeita, o pomo ao contrário.

Quando o malakim arqueou a espinha para golpeá-lo, então, teve uma surpresa nada agradável. Com um comando mental, Denyel simplesmente determinou que o aço se manifestasse, como fizera pela última vez nos esgotos de Marie et Louise, e a arma obedeceu à vontade de seu legítimo esgrimista.

Sucedeu, assim, que, com a coluna recurvada, o metal se materializou dentro de Sólon, sem que o exilado precisasse mover um só dedo. O fio cresceu numa chapa afiada, traspassou-lhe o coração, despontando nas asas, e nos primeiros segundos, ainda consciente, o inimigo não acreditou.

— Como? — ele gemeu, o sangue escorrendo dos lábios, os olhos vermelhos, as veias saltadas. — Por todos os céus, como é possível? — Sólon o fitou. O querubim nunca esqueceria aquela expressão, um misto de choque, cólera e terror. — Como se atreve a me vencer? Como ousa sequer me ferir?

Denyel não sentiu pena, tampouco remorso. O gosto da revanche era doce e, mais do que isso, edificante. Levantou-se do assoalho com toda a energia, recuperou a postura de luta, soltou a Beretta, agarrou o punho do sabre, levantou a haste e fez o adversário ficar na ponta dos pés.

— Disse que era capaz de prever os meus movimentos, mas não é um serafim, e pelo jeito não pode ler minha mente — encarou-o com sua faceta sarcástica. — Certas idéias brotam espontâneas, são inspirações passageiras, não ações premeditadas — explicou — Sabe o que mais me chateia, amigo? É que prometeu devolver minha espada — encravou o aço mais fundo. — E um anjo da morte sempre cobra suas dívidas.

Desta feita, Denyel agiu sem piedade e deslançou o ataque final. Forçou o cabo para cima. Como resultado, a lâmina subiu devagar, rasgando o busto de Sólon, dilacerando suas tripas, sulcando a garganta e o queixo, partindo o crânio ao meio, expondo-lhe a massa cinzenta, literalmente cortando o oponente à metade. Para finalizar, deu um puxão na arma e depois a manobrou na horizontal, na altura da cinta, dividindo o arconte em três partes, com o quadril e as pernas tombando inertes para trás e as duas seções do tronco para os lados, à esquerda e à direita.

Com o cadáver ainda fresco, Denyel meditou sobre o que fizera. Olhou para as próprias mãos. Fora um improvisado que o salvara, conforme aprendera na guerra, com os seres humanos, que são persistentes, que se adaptam às situações mais extremas, que são criativos no instante da morte.

Mas não era o fim.

Não ainda.

Das alcovas, figuras calvas emergiram. Eram os Sete reduzidos a seis celestiais tão poderosos quanto Sólon, que apareciam agora para vingar seu

parceiro.

ECALOTHS

QUANDO A LUTA EM EGNIAS COMEÇOU, URAKIN SÓ TINHA UMA CERTEZA: que nenhum deles sairia de lá vivo, a não ser que fugissem como os magos de Enoque ou os esotéricos da Thule, coisa que ele, na condição de anjo guerreiro, não estava nem um pouco disposto a fazer.

O mais radiante dos ecaloths flutuava agora sob a cúpula de cristal, iluminando o santuário com seu fulgor majestoso. O modo como eles se movimentavam, atentou Ismael, era sublime, como se as estrelas pudessem dançar, graciosos, desprovidos de asas, feito enguias serpenteando nos rincões oceânicos. O suposto líder dessas entidades, o mesmo que, disfarçado de regente, tentara convencê-los a entrar na piscina, mergulhou no ar com os braços estendidos. Dos olhos projetou um jato de plasma, um golpe de energia que reunia os quatro elementos primários, um misto de fogo, ar, água e terra, além de substâncias paraelementais, tais como gelo, fumaça, pó, correntes de eletricidade e muitas outras, todas juntas. Direcionou o ataque contra os três anjos em fuga, que juntos corriam em direção ao portão.

Sensível às forças naturais, Kaira notou que o primeiro raio se aproximava, e seu instinto básico foi defender seus parceiros. Girou os quadris e se estufou para conjurar suas chamas, que em circunstâncias normais de nada serviriam contra aquelas monstruosidades planares. Desde que o enigmático Teth, porém, os transportara para o deserto, ela se sentia mais apta, mais forte, como uma bateria conectada à tomada.

No momento em que a rajada os alcançou, Kaira amparou o rosto com as costas da mão, espontaneamente criando uma esfera de fogo que os envolveu numa redoma e os preservou da descarga. O jato foi então repellido para os lados, resvalando nas grossas paredes do salão, enegrecendo as colunas, que só não ruíram porque o prédio era revestido de mágica, coberto por uma dezena de feitiços atlantes. O impacto, no entanto, foi tão violento que os atirou através do portão, para fora do templo, cuspidos-os de volta à praça do obelisco. Caíram tontos, inertes, à mercê dos ecaloths.

— Essa passou perto — Ismael retomou a postura. Estava ileso, mas por quanto tempo? Espanou as mangas da camisa. — O que vamos fazer?

— Solicito permissão para ficar para trás — Urakin se apresentou para uma missão suicida. — Fujam enquanto tentarei atrasar essas feras.

— Permissão negada — a arconte replicou. — Detesto dizer isso, mas se alguém pode detê-los, nem que seja por alguns minutos, esse alguém sou eu. — E eles sabiam que era verdade. — Escutem agora as minhas ordens. Deverão retornar à superfície e continuar a busca pelo Primeiro Anjo.

— O Primeiro Anjo? — O Executor sabia de quem se tratava, mas não tinha noção, ainda, de que aquela era afinal a tarefa deles, a tal demanda secreta ordenada pelo arcanjo Gabriel em pessoa. — Minhas informações

dão conta de que ele está preso, recluso no Cárcere do Medo.

– Suas informações estão erradas – garantiu Kaira. – O Primeiro Anjo escapou da Gehenna e caminha agora na terra, escondido entre os mortais – revelou, para assim resumir a missão em poucas palavras: – Nosso trabalho é encontrar e acabar com os remanescentes dos sentinelas.

– Os sentinelas? – Ismael achava que só um deles sobrevivera ao dilúvio.

– São três – frisou. – Sobraram três.

– Mas por que devemos matá-los? – O Punho de Deus não esperava uma sentença tão bruta. – Por que não os levamos à justiça?

– Porque eles estão... – Kaira preparava a resposta quando foi interrompida pelas três criaturas reluzentes, que cruzaram o portão e levitaram sobre a cabeça deles, circulando o pátio do obelisco. Uraquin e Ismael se calaram ao perceber que uma delas evocava um novo feixe de energia.

Por um breve segundo, Ismael refletiu sobre a natureza daqueles seres. Como seria navegar nos infinitos mares do universo, quase onipotentes, sem nenhuma força, consciente ou não, que os ameaçasse de fato? Como seria uma existência assim, regida por nada além da necessidade de consumir, de devorar, singrando sem destino as cristas do cosmo? Que tipo de ética poderia ter uma criatura dessas, considerando que desconhecia os princípios básicos da vida e o eterno perigo da morte? Deviam agir, ele deduziu, mais ou menos como a personificação da natureza nua e crua, mas em seu aspecto mais destrutivo, como um tornado que arrasa as plantações ou um tsunami que engole as pessoas.

O novo golpe seria devastador, e Kaira decidiu saná-lo antes que a descarga o tocasse. Em vez de refazer a esfera, ela convocou uma cusparada de magma, que se chocou contra o jato dos ecaloths, produzindo uma fantástica detonação de energia. Por alguns instantes, a arconte conseguiu segurar o raio plasmático, mas logo a rajada desceu e a atingiu de frente, pegando-a em cheio. Com os pulsos ainda acesos, a ruiva não teve ferimentos diretos, mas o choque, novamente, arremessou-a para trás, agora contra o obelisco, abrindo-lhe um corte na têmpora.

Observando sua capitã em perigo, tanto Uraquin quanto Ismael avançaram para lhe dar cobertura, posicionando-se na linha de ataque, bem no centro do pátio redondo. A atitude, todavia, era meramente simbólica, já que em questão de segundos todos seriam mortos, convertidos em estátuas de cinza, como os soldados de Enoque, e só servia mesmo para deixar registrado que eram bravos, que tinham lutado e morrido em combate.

Um dos ecaloths projetou seu fulgor na praça, no ponto exato onde Ismael e Uraquin se encontravam. Para escapar, ambos saltaram à esquerda, mas o plasma se espalhou como ácido, corroendo os blocos de pedra, formando rugas e vincos no pavimento de mármore. O Punho de Deus foi acertado por um dos respingos e lançado quinze metros à retaguarda – teve as pernas e os braços queimados, aterrissou com a mandíbula no solo e

desmaiou. Ismael, esguio, pulou sobre os degraus de um edifício e se livrou dos borrifos, terminando apenas com os joelhos ralados.

Os monstros, por outro lado, conservavam-se plenos desde o início. Em sua mente contorcida, eles pareceram entender que a ishim era a comandante do coro e a mais prodigiosa entre eles, e assim adejaram sobre o monólito, preparando contra ela uma ofensiva mortal.

Kaira não tinha mais alternativas de fuga, portanto seguiu o exemplo de seus companheiros, ergueu-se do piso, com uma das mãos apoiada no obelisco, e juntou forças para se defender, ou melhor, para atacar.

SEIS DE SETE

OS ANJOS QUE EMERGIRAM DAS ALCOVAS ERAM TODOS MAIS OU MENOS IGUAIS, lembrando uma trupe de atores gregos, situação que na hora Denyel achou engraçada e que anos mais tarde classificaria como "grotesca". Usavam mantos brancos, tinham as penas lustrosas e sobre a túnica vestiam um cinto de prata, além da clássica pedrinha grudada na testa. As feições eram rígidas, quase como os robôs daqueles antigos seriados de ficção científica, que tentavam simular emoções sem que realmente as tivessem. Dos seis, uns eram mais altos, outros mais baixos, mais fracos e mais fortes, e sua aparência simbolizava, ao que parecia, as sete etnias terrenas, tendo alguns a pele clara dos povos europeus; escura das raças africanas; parda dos árabes, indianos e aborígenes; crócea dos orientais; e vermelha das sociedades ameríndias.

Um dos malakins, o braço direito de Sólon, mirou com curiosidade o que restara de seu capitão e ficou uns minutos quieto, como um computador a processar informações conflitantes. Depois, olhou para o exilado, a cara de ódio, meio dramático, teatral, e se aproximou dele com as asas abertas.

— Está acabado, soldado — as pupilas tremiam, demonstrando ojeriza, mas as reações eram ensaiadas. — Cavou sua própria sepultura.

— Então é verdade — Denyel fingiu se espantar. — Vocês são mesmo todos carecas.

— Divirta-se enquanto pode. — O anjo que o ameaçava apontou para a espada que ele trazia nas mãos. — Suas armas não funcionarão contra nós — franziu o cenho, encrespou a bochecha. — Sou Duma, o Príncipe do Silêncio, o Segundo dos Sete, e em honra de Sólon eu lhe asseguro que pagará com a vida por esta insolência.

— Espere, Duma — interveio um celestial magricelo, de cútis rosada, sobranceiras louras e muito grossas, nomeado no Sexto Céu como Aralim, o Cintilante, chamado ainda de o Quarto dos Sete. — Por que não concedemos a esse selvagem ao menos uma última chance de se redimir?

— É justo — o Príncipe do Silêncio anuiu com a cabeça e em seguida encarou Denyel, avaliando-o. — Em nossa eterna piedade, aceitaremos que se ajoelhe perante nós, que recite seus pecados, que suplique clemência pelos terríveis crimes que cometeu, antes que o conduzamos à câmara de execução. Dessa forma, recuperará seu prestígio, morrerá como um bravo, e não como o desertor que assassinou nosso irmão.

— Obrigado, Kojak — o exilado deu uma risada. — Mas morrer acabou de sair dos meus planos. — Desmaterializou o fio do sabre. Guardou o cabo à cintura. — Quer saber? Tenho uma proposta melhor. — Os Sete permaneceram calados, absolutamente chocados ante a ousadia. — Por que a gente não faz assim: vocês me transportam de volta ao plano físico e

retornam às suas alcovas de boca fechada, sem dar um pio sobre o que aconteceu? — e acrescentou, sarcástico: — Escutei que os membros da sua casta são especializados em ocultar bons segredos.

— O que está falando? — Duma não entendeu. — É algum tipo de piada?

— Garanto que não — ficou sério de repente. Enfiou a mão na camiseta, através da gola, e tirou do pescoço uma corrente de onde pendia uma diminuta placa metálica: era uma das dog tags, as lâminas militares de identificação que ele usava desde 1942, a quimera fornecida por Sólon para gravar misticamente as cenas das batalhas das quais participara, um item que fora esquecido pelo Primeiro dos Sete desde os anos 50 e que Denyel guardara como recordação, na época sem saber que lhe poderia ser útil. Jogou o objeto ao malakim, que o apanhou com os dedos magros. — Sabe o que é isso? — O Segundo dos Sete não respondeu, então ele emendou: — Sim, você sabe, e sabe muito bem.

— Ora, mas é muita petulância de sua parte. Quer nos desafiar, criatura obscena? — Agora Duma se mostrava genuinamente enraivecido. — Será prontamente exterminado, sem glórias, sem louros, sem direito à redenção. É isso o que deseja, falecer sem os braços do triunfo?

— Para um Príncipe do Silêncio, até que você fala um bocado — redarguiu. — Por que não fecha a matraca e presta atenção? — As palavras ficaram mais sólidas. — Existem, como vocês sabem, duas dessas plaquetas. Uma é essa que acabei de lhes entregar. A outra está mantida em local seguro. — Coçou a garganta com um pigarro. — Se eu não regressar à Haled em cinquenta minutos, a segunda chapa será despachada para a Cidadela do Fogo, direto às mãos de Gabriel, o marechal das forças rebeldes. — Fez cara de sono. — Não sei se já ouviram falar do sujeito.

— O quê? — rosnou um terceiro malakim, de barbicha negra e feições orientais. — Está nos ameaçando?

— O nome disso é chantagem, amigo — declarou, a face carregada de puro cinismo.

— Está blefando — o Segundo dos Sete o espiou obliquamente.

— Se tem tanta certeza, por que não paga para ver? — afrontou-o. — Encostem um dedo em mim e dentro de poucas horas seu precioso arcanjo Miguel receberá o anúncio de que a guerra se alastrou para o mundo dos homens, e quem vocês acham que ele vai culpar? — Pegou a Beretta do chão. — Os comandos diretos de Sólon, os assassinatos secretos que conduzi, as solicitações do arconte em nome dos Sete, tudo está devidamente anotado nas quimeras.

Pausa.

Os anjos calvos se entreolharam, circunspectos. O Príncipe do Silêncio engoliu em seco. Era agora o líder do coro. O que deveria fazer?

O que se deu a seguir foi outra daquelas cenas burlescas. Como nunca haviam sido desacatados, os Sete não estavam preparados para lidar com o fracasso nem acostumados a ver seus planos gorarem. Sua consciência era

metódica, programada, e como resposta eles quedaram estáticos por cerca de dois ou três minutos. Os malakins são, via de regra, seres inteligentíssimos, mas carentes de mente estratégica, incapazes de entender as reações instintivas, bem como as atitudes consideradas passionais. Foi justamente nesse ponto fraco que Denyel os atacou, usando de astúcia e malícia, conforme aprendera no curso de suas aventuras terrenas, de Paris a Beirute, de Londres a Nova York.

– Muito bem – Duma juntou as palmas em um gesto de oração. – Reconhecemos que nos derrotou, querubim – alterou o rosto para uma fisionomia mais branda. – Devolvê-lo-emos à terra incólume, como é seu desejo. Mas que garantia temos de que manterá sua palavra?

– Os senhores não têm garantia nenhuma – o exilado sorriu. – Ah, e tem mais uma coisa – ele se lembrou de uma passagem de O Poderoso Chefão.

– Quero deixar claro que sou um homem supersticioso. Portanto, se algum acidente me acontecer, se por acaso um dia eu estiver dirigindo e a minha moto se chocar com uma árvore, se de repente eu farejar um desconhecido rondando o meu prédio, ou se, por uma casualidade do destino, eu estiver caminhando no meio da rua e for atingido por um golpe de raio, terei que culpar um dos presentes nesta sala.

– Como pode nos extorquir desta maneira? – a voz do Segundo dos Sete soou complacente, e ele apelou para o sentimento de culpa. – Ignora o fato de que, se o confronto civil se espalhar, os seus dias também estarão contados. Os seres humanos sofrerão, ainda mais do que nós.

– Cavalheiros, por favor, não me entendam mal – o tom era cáustico.

– De minha parte, compreendo a boa intenção dos nobres colegas, mas a questão é a mula.

– Mula? – o careca enrugou a testa. – Que mula?

– Minha mula – Denyel rodou a pistola com o indicador no gatilho. Depois, encaixou-a à cintura. – Ela simplesmente não percebe.

A CIDADE QUE MORREU DUAS VEZES

KAIRA SE APOIOU NO OBELISCO, A MÃO ESQUERDA SOBRE O BASALTO.

Ficou de pé.

O golpe anterior a tonteara, mas por algum motivo, na Segunda Cidade, sua força regressava mais rápido, e em segundos ela estava pronta a combater novamente.

Os três ecaloths flutuaram sobre a praça no centro de Egnias e se reuniram uns trinta metros acima, juntando seus bustos para gerar uma terceira descarga, que pelos cálculos de Ismael não só desintegraria sua líder como abriria uma profunda cratera no chão. Urakin continuava desacordado e não podia ajudá-la — não que ele, o Executor ou qualquer outro pudessem fazer diferença numa circunstância daquelas.

Kaira, apesar dos pesares, cultivava uma sensação esquisita, de que nem tudo estava perdido, de que poderia vencê-los, só não sabia como. Então, quando os monstros cuspiram suas rajadas, ela fez como nas cavernas do Nepal, conjurou os poderes de casta e queimou sua aura.

O calor se alastrou pelo corpo.

Dessa vez, não só o calor. O frio. O macio da terra, o balanço das ondas. O vento, a flutuação das marés, a rotação do planeta, o cheiro do orvalho.

De seus dedos, então, o que saiu não foram as costumeadas salvas de fogo, mas uma estria rubra, brilhante, concentrada em radiações magníficas. Não era nada menos que um fecho de plasma, a mesmíssima substância que compunha o corpo dos ecaloths e que por isso podia afetá-los.

Quando os dois raios se encontraram, houve um clamor sonoro que se expandiu em uma esfera colorida, parte branca, parte escarlate, clareando a caverna em todos os seus sítios. O estouro soou tão alto que Urakin despertou, no tempo certo para ver a descarga da arconte engolindo o jato dos inimigos. O mesmo feixe prosseguiu adiante, acertando em seguida o suposto chefe dos ecaloths, obliterando-o em uma nova detonação chamejante, fazendo a colônia inteira tremer. Como se não fosse o bastante, o golpe continuou mais um tanto, e, antes que Kaira pudesse anulá-lo, o plasma varou o teto da gruta, abrindo um rombo de cem metros no cume, criando um sinuoso túnel à superfície.

Do topo, desabaram pedregulhos gigantes, que esmagaram os templos na ala norte de Egnias, felizmente longe da região onde estavam.

Os outros ecaloths se separaram, tomando altura para não serem atingidos. Enquanto isso, entendendo que havia esperança, que talvez eles pudessem sobreviver, Ismael correu à praça e amparou Urakin, que tinha as roupas crestadas, as pernas em carne viva, os braços feridos.

— O que aconteceu? — ofegou o Punho de Deus.

– Será que não vê? – o Executor estava admirado. Ele não esperava por uma reviravolta daquelas. – Kaira está sugando a energia do obelisco.

– Como sugou a energia da grande montanha – o guerreiro se ergueu.

– Estamos salvos, então?

– Eu não comemoraria antes da hora. – Ismael apontou para cima. – Precisamos alcançar o rio antes que o santuário desmorone de vez.

– Lá se vai outra cidade.

– Outra?

– É uma velha tradição do nosso coro – Urakin se permitiu um sorriso.

– Esqueça.

Perto dali, Kaira sentiu-se pequena ante as correntes que emanavam do solo, como se ela fosse um veículo, um gatilho, um fio condutor para todo esse poder magnânimo, mas de onde partia essa força? Quem ou o que a gerava? Como ela não a havia percebido antes?

Ou será que havia?

Será que o calor que ela experimentara em Athea, na batalha final contra Andril, provinha do monólito, afinal, e não do vulcão, como até então calculava? Seria a alongada pirâmide negra um marco, um ponto de concentração das diversas ondas que circulavam o planeta?

Os dois ecaloths continuavam a deslizar sobre as torres. Diante da expansão da Centelha, eles só tinham duas escolhas possíveis: ou regressavam à poça do Oceanus, ou fugiam através do buraco na caverna, o que os conduziria ao deserto. Kaira não podia, absolutamente, permitir nenhuma dessas coisas. Se as criaturas retrocedessem ao afluente, ela e seus parceiros estariam vulneráveis ao entrar na piscina, e, se os monstros se evadissem de Egnias, o universo comum estaria em perigo, a raça humana seria destruída, e as nações terrenas, carbonizadas. Para resolver a questão, bastava ela fazer um disparo e matá-los, o problema era que a gruta, já oscilante, não resistiria a uma nova pancada.

No final, acabou prevalecendo o sacrifício. Kaira apontou para o mais elevado dos seres e conjurou a descarga plasmática. O facho rasgou o ar, desintegrou o ecaloth e acertou as estalactites com outra explosão catastrófica. Dessa vez, o subterrâneo tremeu desde as fundações, as colunas dos prédios caíram, os ricos palácios desabaram, e a esplanada de rocha sobre a qual a cidade se apoiava começou a rachar.

Do outro lado da praça, Urakin segurou Ismael pela cintura. Deu um salto no instante exato em que uma greta de cinco metros cortou o chão aos seus pés. Os dois pularam sobre o abismo e caíram desajeitados, mas inteiros, no extremo norte do pátio, perto de Kaira, que combatia os girinos, agora focada no alvo. Estava envolta por uma aura de radiação, os olhos chispavam, duas asas translúcidas se abriam nas costas.

– Corram para o templo – ela gritou. – Entrem no rio. Não esperem por mim – e acrescentou, antes que Urakin a questionasse: – É uma ordem.

O último dos ecaloths desistiu de escapar pelo túnel, deu meia-volta e

fez um movimento estratégico. Compreendendo que não era páreo para a arconte, ele rapidamente voejou sobre ela, depois mergulhou para o combate cerrado. Kaira podia destruí-lo, mas, estando o monstro logo acima do pátio, um novo abalo desmoronaria o teto, sepultando a praça, o monólito e em consequência a câmara oceânica de Egnias.

Ismael apertou o passo, mas não sabia se alcançaria o santuário a tempo, com tantos estilhaços chovendo. Kaira tentou adiar o contra-ataque, aguardou que o monstro chegasse mais perto e, quando se deparou com aquele rosto branco, a face reluzente, os olhos cegantes, ela enfim atacou.

O raio liquidou o oponente, mas em compensação ricocheteou nas paredes, resvalou nas cavidades, e como resultado a zona urbana entrou em colapso. Um bloco de cinquenta toneladas tombou à frente de Uraquin, traçando um fosso entre ele e a escadaria do templo.

Embalados pela corrida, ele e Ismael não conseguiram parar e escorregaram através da fissura. Dali, seriam vários quilômetros em queda livre até o núcleo escaldante da Terra.

Sob condições normais, eles poderiam manifestar suas asas, afinal estavam dentro de um vértice, mas os ferimentos os impediam. Não obstante, a temperatura ficava mais quente a cada minuto e já começava a castigar-lhes a pele, sugerindo que não chegariam vivos ao fundo da greta.

Centenas de metros abaixo, eram visíveis as trilhas de fogo, as primeiras de muitas que convergiam ao centro do globo. Uraquin não queria perecer daquele jeito, mas ao menos sucumbiria em ação, e isso era suficiente para um guerreiro. Recordou-se num átimo de suas antigas batalhas, de seus triunfos, de suas decisões, e concluiu que por toda a sua vida fizera o certo, seguiu o propósito mais justo, e agora purificaria seu espírito.

Ismael não pensou em nada específico, não se arrependeu de suas crueldades nem teve crises de consciência às portas do fim. Escutou o borbulhar das poças de magma e se preparou para o impacto, mas, quando o calor estava para se tornar insuportável, alguma coisa o fisgou.

— Peguei — era a voz de Kaira, que o agarrara pelo colete. Suas asas se haviam dilatado, os membros estavam soltos, flamejantes, e, ainda energizada pela força do obelisco, ela capturou Uraquin pelos braços, deu uma guinada para cima e começou a subir. — Segurem-se em mim. Aguentem firme.

O percurso foi tortuoso, com as pedras caindo, e além disso ela precisava manter distância das laterais, que se inclinavam para dentro feito um castelo de cartas. Gases tóxicos esguichavam da rocha, garoavam enxofre e metano Na superfície, um tremor agitou o deserto, cavou fossas, abriu crateras.

Segurando fixamente os companheiros, a Centelha Divina despontou para fora. Cinzas poluíam a cidade, do teto escorriam línguas de ácido.

Kaira atravessou a porta do templo e como um cometa adentrou o salão. Sobre as águas do Oceanus ainda se refletia a imagem de Denyel, desacordado, sendo arrastado pela correnteza dourada.

Uma gigantesca estalactite perfurou a cúpula, triturou as pilastras e esmigalhou a piscina, apesar dos feitiços que a revestiam. O solo se partiu em dois, a caverna cedeu, e as torres, parques e edifícios da maior colônia atlântica foram varridos, sugados para o interior do planeta.

Um segundo antes, Kaira, Urakin e Ismael cruzaram o portal.

Sumiram.

Desta feita, Egnias ruiu totalmente. Sua queda marcaria a devastação do último bastião dos atlantes, a cidade que resistira às Guerras Mediterrâneas, que escapara ao dilúvio, que sobrevivera aos ecaloths, que se esquivara de todas as catástrofes pregressas e que agora estava morta.

Completada a missão, restava-lhes alcançar Denyel, afastá-lo do rio Oceanus e torcer, é claro, para que ele estivesse vivo... ainda.

UM NOVO DIA PARA MORRER

Londres, 3 de novembro de 1989

DENYEL DEU UMA MARTELADA NA CAIXA DE MADEIRA. O PREGO ENTROU POR INTEIRO.

Missão cumprida.

Largou o martelo no chão.

Sentou-se à janela. Limpou o suor da testa. Bebeu um gole de uísque. Cutty Sark.

Chovia.

Por toda a sala da casa segura, dispunham-se agora baús, arcas e caixotes às dezenas. Lá dentro, jaziam facas, armas e explosivos, toda a coleção que ele acumulara por vinte anos, a pistola Webley Mark, a Beretta 9 milímetros, a MAC Mle francesa, a Thompson de Craig.

Vinte anos.

Quase nada para um anjo. Um sopro. Para ele, era um bocado de tempo.

Estava de partida. Decisão final.

O apartamento da Rua Vauxhall Bridge, número 46, de porta branca, não era mais um lugar desejável, e já não o era desde meados de 1978.

De lá para cá, Denyel quase não parara em Londres. Ele aproveitara a "licença" para rodar o globo a bordo do Eclipse — dessa vez, sem a obrigação de espreitar seus alvos. O objetivo dessas viagens não era recreativo, apenas. O anjo desejava encontrar um refúgio, um pedaço de terra longe de tudo e de todos, onde pudesse viver isolado, onde ninguém mais o perturbasse.

Levara onze anos, mas as buscas deram resultado. Depois de cruzar os sete mares, ele achara um prédio adequado, em uma cidadezinha na costa do Atlântico, e estava de mudança. Bastaria etiquetar os caixotes, registrar o conteúdo e transferi-los para o porão do veleiro.

Desde a noite do embate com Sólon, Denyel não tivera mais contato com Sophia, com Yaga ou com os Sete — "graças a Deus", ele brindava. O único ponto negativo era que o dinheiro deixara de ser enviado, o interfone não tocava mais a cada dia 5, mas ele ainda tinha uns dólares sobrando. E daria um jeito. Sempre dava. Às vezes, fazia bicos nos estaleiros, carregando sacolas pesadas. Duas vezes por ano, atuava como vigia noturno. Com o salário, comprava gim, uísque e cerveja. Continuava a beber, mas apesar disso havia encontrado paz relativa.

Tudo certo.

O ano era 1989, e o planeta estava em colapso.

Certa vez, um escritor egípcio descreveria a década de 90 como "o fim da história", o encerramento de um período sangrento, conturbado e sublime.

Como resposta aos ataques contra os territórios árabes, em 1973 as nações

exportadoras de petróleo inflacionaram o preço do barril, levando o mundo a uma crise sem precedentes. Na União Soviética, a economia se desestabilizou, as indústrias fecharam e tudo isso, somado ao fiasco da Guerra do Afeganistão, tornou o regime comunista perigosamente instável. O descontentamento se espalhou como um câncer, primeiro nas repúblicas soviéticas, nos Bálcãs e depois por todo o bloco socialista, chegando finalmente ao coração do partido: Moscou. Em 1985, o então secretário-geral, Mikhail Gorbachev, propôs uma série de reformas que agradou à maioria do povo e aos poucos preparou o país para a abertura total.

Em novembro de 1989, o "câncer" entrara em metástase, e a morte se fazia iminente. Para quem viveu essa época, os sentimentos eram dúbios. O sonho de um mundo melhor esbarrava na completa ausência de um propósito real, de uma causa, qualquer uma, pela qual se devesse lutar. Os nazistas foram reduzidos a cômicos personagens de histórias em quadrinhos, os comunistas já não eram assim tão malvados, os terroristas se organizaram em sindicatos, os japoneses eram figurinhas jocosas. Embora não fosse humano, Denyel compreendia a sensação a partir das suas próprias experiências e frequentemente se referia a ela como uma "síndrome de Estocolmo em escala global".

Da mesma forma que a população festejava, o exilado estava contente em sepultar seu passado. E era por isso que ele precisava deixar a casa segura, sair de Londres, abandonar a Europa, embarcar para a América, dar adeus às suas lembranças como anjo da morte.

Mas nem sempre as coisas acontecem como planejado. Com efeito, quase nunca acontecem.

Na noite do dia 3, o interfone tocou.

Denyel desceu. Era o carteiro. Um telegrama, daqueles curtos, corridos, em letra de forma, dizia o seguinte:

ENCONTRE-ME EM BERLIM DENTRO DE UMA SEMANA. PRECISO FALAR-LHE.

É IMPORTANTE.

SOPHIA

Para saber o que aconteceu naquele dia, antes é necessário entender como o mundo operava nos anos 80. Em uma época sem internet, os canais de comunicação estavam nas mãos ou do Estado ou de grandes grupos corporativos, sendo a informação, portanto, restrita, e em certos lugares até vigiada. Quando a notícia de um determinado acontecimento chegava aos ouvidos do povo, normalmente já era tarde demais.

O muro de Berlim, a barreira de aço, arame e concreto que separava os setores leste e oeste da capital alemã, caiu em uma única noite, tão rápido como foi construído, a 13 de agosto de 1961. O evento soou a Denyel como uma metáfora dantesca. Era a sociedade defecando trinta anos de amargura, regurgitando a corrupção soviética, a hipocrisia norte-americana,

a carnificina européia, a dor dos famintos na África. Era uma cusparada de sangue, um grito de alívio – não que as coisas dali para frente seriam melhores, tampouco mais fáceis.

Denyel escutava o noticiário da BBC todas as noites, mas não tinha noção de que o muro cairia em novembro. No dia 9, às 7h30, ele tomou o metrô ao Aeroporto de Heathrow só para descobrir que não havia mais voos até a próxima manhã. Os bilhetes de trem também estavam esgotados. Jornalistas se amontoavam no saguão, acotovelando-se sobre os telefones públicos, com os olhos pregados nos telões de TV.

Na confusão, ele teve uma "idéia de gênio", na opinião dele próprio. Enfiou a cara no guichê da Hertz e solicitou o aluguel de um automóvel esportivo, "o mais veloz que vocês tiverem". Pagou com libras esterlinas e trocou o resto por marcos alemães, no câmbio do mesmo aeroporto. Cruzou de barca o canal da Mancha, aportou em Calais, acelerou rumo a Dunquerque, atravessou a Bélgica, abasteceu em Eindhoven, entrou como um foguete na Alemanha, parou em um posto de controle em Hannover e estacionou nos arredores de Berlim às 22 horas em ponto.

Ele nunca se lembraria de ter corrido tanto ao volante de um carro.

Naquela noite, as atenções do mundo estavam voltadas ao Portão de Brandemburgo, um pórtico de 26 metros de altura sustentado por doze colunas e encimado pela estátua da deusa grega Irene, que marca uma das entradas da cidade. O monumento fora objeto de disputas nas décadas de 60 e 70, sobretudo após os comunistas terem erguido o muro com o portão dentro de seu território. O Portão de Brandemburgo se tornou, a partir de então, um marco, um símbolo da Berlim dividida, e acabou sendo escolhido por berlinenses dos dois lados como o palco central das comemorações pelo fim do regime. Uma turba de cidadãos convergia para lá, todos empolgados por reencontrar seus parentes, prontos a estourar champanhes, lançar fogos e, principalmente, demolir as grafitadas paredes do Berliner Mauer.

Denyel chegou à Pariser Platz às 23 horas. Ele temia que Sophia não estivesse mais lá – e, mesmo que estivesse, como a encontraria? Centenas de milhares de pedestres ocupavam as rotundas e avenidas, engarrafadas de norte a sul. Os orientais, geralmente ríspidos, conversavam animados com seus vizinhos, buzinando e sorrindo. Parecia um Réveillon fora de época, num clima menos frio e mais agitado. Um grupo de oito rapazes erguia canecas de cerveja, uma banda rufava tambores, um homem com jeito de turco cuspiu fogo. Defronte ao Portão de Brandemburgo, os soviéticos haviam traçado o muro em forma de U, e agora muitos dançavam sobre o passadiço, pulando de um setor para o outro. Munidos de pedras, martelos e talhadeiras, três jovens abriam buracos na estrutura, deixando à mostra os vergalhões enferrujados.

Durante 28 anos, 125 seres humanos morreram em consequência direta ou indireta dos atos de violência associados à fronteira. Em 1971, um idoso sofreu um ataque cardíaco quando era revistado. Um menino de 5 anos se afogou em um canal em 1983, ao tentar recuperar sua bola de futebol. Um

bebê do leste acabou asfiziado dentro de uma valise, enquanto seus pais fugiam. Nos anos 60, um casal se suicidou nos arames farpados, quando viu frustrados seus planos de escape, isso sem mencionar as outras dezenas de pessoas fuziladas ao arriscar a travessia.

Denyel circulou por mais meia hora, procurou nos bares, nas cervejarias, nas esquinas, mas nem sinal da "francesa". Subiu na amurada e lá de cima esquadrinhou o perímetro, quando ouviu uma voz feminina.

– Posso ser sincera? – uma mulher de cabelos ruivos, trajando calça jeans, blusão preto e botas de couro, o abordou sobre o muro.

– Lógico.

– Eu não esperava que você viesse.

– Sou cheio de surpresas, chérie – o exilado reconheceu Sophia, a tez um pouco mais clara. – Então, a moda agora são os fios vermelhos?

– Gostou?

– Sempre tive uma queda por ruivas.

– Desde quando?

– Desde agora.

– Galante, para variar. – Ela o encarou mais de perto. – Meu Deus, você está ótimo.

– É o mormaço. O Eclipse. Tenho velejado.

– Bebendo ainda?

– Uns drinques de vez em quando – corou.

– Larguei o cigarro. – Encolheu os ombros. – Sei lá, achei que ia gostar de saber – e emendou outro assunto. – Como se sente de volta?

– É estranho. Me parece aqueles filmes em que os fenômenos da natureza são mostrados de forma acelerada. – Denyel olhou sobre a multidão. – Estava tentando localizar o meu edifício, mas acho que ele foi derrubado. – Virou-se para trás. – O meu pelotão atravessou esse pórtico em 45, meados de julho... ou foi em agosto? – Deteve-se em pensamentos e confessou, melancólico: – Não consigo mais me lembrar.

– Gentil de sua parte ter vindo. De verdade – Sophia repetiu e acariciou-lhe o braço. – Não achei que fosse capaz.

– Capaz de quê?

– Ora... – Ela fez uma pausa e depois prosseguiu. – Pensei que eu fosse a parte do seu passado que você quisesse esquecer.

– Que nada. Dos males, você foi o menor.

– Que bom. Então já superou?

– Para ser franco, superei rápido. Instinto básico de sobrevivência. Está no sangue dos querubins. Só nunca entendi por que acabou.

Sophia não respondeu na hora. Ficou uns minutos calada, observando a massa de gente, escutando as batucadas, os estouros de champanhe, os gritos e celebrações ao ar livre. Distante cerca de dois quilômetros, uma escavadeira da prefeitura se preparava para demolir as seções mais ao norte do paredão. Engenheiros ocidentais, de capacete azul, buscavam trechos seguros, ao passo que a polícia isolava o terreno.

– Não daria certo, Denyel – ela desviou o rosto. – Mesmo que tentássemos de novo. E de novo.

– Ahã – o anjo se calou com um murmúrio.

– O que foi?

– Nada. Por um momento, achei que pudesse ter mudado de idéia.

– O que passou, passou – disse a elohim. – O que nós vivemos foi uma ilusão, um sonho do qual cedo ou tarde a gente teria de acordar. Eu quis lhe explicar em Nova York, mas você não escuta. – Empinou o queixo. – Dê uma espiada ao seu redor. O universo está em movimento. Tudo invariavelmente se transfigura. – Ergueu a sobrancelha, como se o radiografasse dos pés à cabeça. – Não foi isso o que Mickail lhe falou?

– Como sabe?

– Eu sei de um monte de coisas – e sabia, factualmente. – É triste, não é? Somos imortais, mas o mundo se degrada à nossa volta, as pessoas morrem, muros caem, outros prédios são construídos. Nós, celestes que moramos na terra, estamos sentenciados a conviver com a perda, e o único jeito de lidar com ela é aceitar que não somos humanos. – E concluiu, com pesar: – É um jogo, a droga de um jogo, um teatro de marionetes.

O exilado contemplou o horizonte.

– Sei que muitos concordariam com você, mas estão errados, Sophia, agora eu entendo. Só um anjo da morte poderia entender – ele rebateu com firmeza. – Muitos dos meus amigos pagaram caro, e pagaram com sangue – e, ao dizer isso, ele não se referia só a Mickail, mas também a Tom Craig, ao irlandês Bartley Smith, seu parceiro nas trincheiras, a Tony Akee, que se sacrificara por eles, ao major Buck Rickson, a Bobby Joe, a Kevin Taylor, a Zac, a tantos outros. – Não importa quanto vocês, elohins, arcanjos, ofanins, digam conhecer sobre a espécie humana, nunca saberão o preço que nos custou lutar essas guerras, todas as guerras. E como saberiam sem ter estado lá, sem ter dormido nas crateras do Somme, sem ter escalado as praias da Normandia, sem ter explorado as ruínas do Líbano? Como podem medir o sofrimento sem tê-lo provado, sem ter visto as crianças mutiladas em Uganda, os bebês usados como bomba em Hué, as montanhas de cadáveres em Beirute – e assim completou, com a convicção de um combatente veterano. – Portanto, chérie, eu lhe garanto: não é um jogo coisíssima nenhuma.

– Se você diz. – Sophia sacou do bolso uma plaqueta de aço, a última das dog tags, e a expôs contra a luz. – O que eu faço com isto?

– O que bem desejar. Fique com ela, se preferir. Ou jogue fora. Esse assunto não me interessa mais – abanou o ar, como se espantasse uma mosca. – Por ora, estou cansado. Quero ir para longe, encontrar um cantinho tranquilo e viver em paz o resto dos meus dias.

– Viver em paz? – ela sorriu docemente. – Será que ouvi direito? – aproximou-se dele. – Receio que não, soldado. Receio que não – sacudiu o pescoço. – Infelizmente, não é assim que funciona conosco. Somos anjos, eu repito, e a nós nunca foi dada uma escolha. Refugie-se, descanse, afaste-se.

Recupere suas forças. Mas esteja certo, assim como o sol nasce todas as manhãs, assim como a lua desabrocha no leste, que um dia os seus instintos o chamarão. E quando esse dia chegar... — fez um muxoxo. — Bom, quando esse dia chegar você saberá o que fazer.

Sophia não queria brigar, então o beijou. Um beijo no rosto. Denyel quis tomá-la nos braços, mas não a tomou. Depois de todos aqueles anos, ele entendeu que o amor dos dois acabara, que cada relação tem o seu tempo, que o passado não dá marcha a ré. Talvez fosse isso o que ela estivesse tentando dizer, mas simples palavras não eram o bastante. O exilado precisava experimentar tudo aquilo, como experimentara a morte de seus companheiros. Certos sentimentos pertencem ao coração, não à mente, estão lacrados à chave, escondidos em um canto obscuro do peito, aonde as vozes não chegam, onde os olhos não brilham, onde os lábios não tocam.

Nos relógios por toda a Alemanha, passava da meia-noite.

Sophia saltou para a rua.

Denyel ficou parado.

— Espere — o querubim a chamou. — Disse no telegrama que tinha algo importante a me contar.

— Mas é claro. Onde estou com a cabeça? — outro sorriso. — Com a morte de Sólon, Miguel descobriu o fracasso dos Sete. Prendê-los ou mesmo executá-los levantaria suspeitas de suas atividades secretas, então o príncipe ordenou que eles continuassem seus estudos, mas agora confinados à Haled.

— Os Sete, confinados à Haled?

— O mundo dá voltas.

— Olha, tem um lance sobre o arcanjo Miguel que a gente não pode negar — cabeceou para frente. — O filho da mãe sabe como aplicar um bom castigo.

— Pois é. E, como consequência, a operação foi arquivada. — Esperou uns dois segundos e a seguir declarou: — Para todos os efeitos, os anjos da morte nunca existiram.

— É mesmo? — Denyel cruzou os braços. — Não estava sabendo.

— Está sabendo agora. — Sem contato com o céu, ele realmente não teria como tomar conhecimento dos fatos não fosse através de Sophia. — O esquadrão foi desfeito e todos os seus membros dispensados. Suponho que esteja livre, soldado.

— Onde eu assino?

Sophia achou engraçado.

— Quer saber de uma coisa? — afastou-se. — Você poderia ser um dos nossos. Poderia mesmo — e concluiu: — Mas você não é. Lembre-se disso.

E foi assim que terminou. Simples assim. Sem beijos longos, sem abraços, sem apertos de mão. Denyel perseguiu Sophia com seus olhos de águia e, enquanto ela desaparecia no turbilhão, o muro de Berlim se desfazia no solo. O breve século XX terminara, ostentando um saldo macabro.

Só na Primeira Guerra Mundial, morreram quinze milhões de pessoas.

Poucos anos depois, entre civis e militares, a Segunda Grande Guerra exterminaria sessenta milhões. Entre 1915 e 1933, reporta-se que o Império Otomano tenha assassinado dois milhões de armênios em seu território, enquanto, na Rússia do estadista Joseph Stálin, execuções sumárias acabaram com 350 mil mortos e desaparecidos, incluindo 140 mil poloneses.

Em agosto de 1945, os Estados Unidos usaram seu arsenal nuclear para atacar duas cidades no Japão — dentre os duzentos mil mortos, praticamente todos eram inocentes. Nos anos 70, o líder cambojano Pol Pot ergueu campos de concentração na Indochina e neles conduziu torturas que culminaram com o falecimento de três milhões de seres humanos. Na África, brigas étnicas levaram ao óbito pelo menos dez milhões. No Oriente Médio, de 1946 para cá, os confrontos prosseguem em explosões momentâneas, de Bagdá ao Neguev, do Irã a Tel Aviv.

Mas o pior, refletiu Denyel, é que não acabara.

Estava longe do fim.

De fato, não era nem o começo.

EPÍLOGO

Em algum lugar fora do contínuo do tempo

FRIO.

Uma leve brisa.

Sobre as águas, o corpo de Denyel flutuava. Não sentia nada a seus pés. Nem sequer sentia os seus pés. Estava tonto, completamente desorientado. Seguia arrastado pela correnteza. Sorvia o ar com dificuldade. Dor. Sangue.

Estava ferido, e a natureza mística do rio Oceanus o impedia de se regenerar.

Sirith, seu filho da puta!

Por quantos dias, meses ou anos Denyel esteve a boiar era e sempre seria um mistério. Levado pelas marolas, ele cruzara planos e dimensões, lugares ocultos e extraordinários, onde o tempo transcorria diferente, o que em tese poderia lançá-lo através do contínuo, direto ao futuro ou mesmo ao passado.

Casualidade ou não, aconteceu que certa hora as ondas o empurraram à praia.

Mas que praia?

Abriu os olhos. Nevoeiro.

Lá longe, escutou o som de um berrante. Uma cometa, talvez. Cascos de cavalo.

Esforçou-se para se levantar. Não conseguiu. Fraco demais. Rolou para o lado. Ficou de barriga para cima.

O céu.

No horizonte, avistou supostas montanhas. Sobre elas, nuvens. Sobre as nuvens, torres.

Onde estava?

Frio.

Súbito, um objeto pontudo o cutucou. Só podia ser Sirith, deduziu, o diabo que os traíra, que despencara com ele ao redemoinho de Athea.

Denyel sabia que precisava agir, contra-atacar depressa e com energia, dar o troco naquele vigarista. Reuniu as poucas forças que ainda tinha e se moveu. Segurou a haste com firmeza e a puxou de encontro ao peito — era uma lança. Ergueu-se do solo e, usando a arma como bastão, passou uma rasteira no oponente. Acertou-lhe os calcanhares e a figura tombou. O querubim a ameaçou com a ponta na garganta.

Mas não era Sirith.

Era uma mulher. Ou seria uma deusa? Loura. De longos cabelos ondulados, pele clara, o corpo blindado por uma armadura metálica.

— Quem é você? — o exilado estava possesso, e a voz saiu rouca. — Que lugar maldito é este? — A guerreira de melenas douradas não respondeu, apenas o encarou com uma expressão de desafio. Então ele pressionou o fio da lança e repetiu com dureza: — Onde eu estou?

— Meu nome é Hildir, capitã das valquírias — as palavras foram ditas

com orgulho. — Diga você agora quem é e por que invadiu nossas terras.

— Hildir? — O anjo tossiu. Escarrou uma nódoa de sangue. — Não conheço.

E insistiu: — Onde estou? — rosnou. — Onde diabos eu estou?

— Esta é a face norte dos portões de Valhala — ela se dobrou. Os olhos azuis brilhavam ao sol do poente. — E você está no reino de Asgard.

— Asgard? — Denyel olhou para cima. Nas alturas, flutuava um palácio.

— Essa não. Por que será que eu não morro nunca? — Largou a lança, ficou zozzo novamente. Sentiu as pernas bambas. — Que merda. Não era para ser assim. — E completou, antes de desmaiar: — Eu preciso de uma cerveja.

LIVRO 3

PARAÍSO PERDIDO

PRÓLOGO

Quinto Céu, antes do dilúvio

CERTAS HISTÓRIAS NÃO SERVEM PARA SER CONTADAS. OUTRAS SÃO TÃO INCRÍVEIS QUE SOBREVIVEM ao desgaste do tempo, apesar da tentativa de apagá-las. Esse foi o caso dos sentinelas, anjos tão fiéis à palavra de Deus que dele receberam a graça de se atrelar aos mortais, de descer à Haled e copular com os terrenos.

Há muito tempo, antes do dilúvio, antes mesmo que os elohins assumissem seus postos na terra, Yahweh enviou ao Jardim do Éden o maior de seus anjos, a quem pediu que zelasse pelos homens como quem guarda seus filhos. O nome desse prodigioso celeste era Metatron, conhecido por uma dezena de títulos, entre eles O Anjo Supremo, O Rei dos Homens sobre a Terra ou ainda O Primeiro Anjo.

Ocorreu, porém, que em determinado período os cinco arcanjos, governantes supremos do universo, decidiram aniquilar a raça humana. Os sentinelas foram então convocados a ajudá-los nessa matança, entretanto Metatron e seus seguidores se recusaram. Miguel, o Príncipe dos Anjos, enviou seu irmão, Gabriel, para trazer à força o Rei dos Homens ao paraíso, mas por algum motivo ele acabou fracassando.

Desta feita, os sentinelas se tornaram inimigos do céu e foram declarados ilegais no plano físico, sob pena de morte. Era uma questão de honra que eles fossem exterminados e seu líder conduzido à justiça, caso contrário os arcanjos ficariam desmoralizados ante as legiões que comandavam.

Com a derrota de Gabriel, tanto Miguel quanto seu conselheiro, Lúcifer, a Estrela da Manhã, ficaram a deliberar sobre o que fariam a seguir. Depois de muitos dias e muitas noites, eles tiveram uma idéia. Parecia certo que essa era uma batalha de princípios, acima de tudo, em que o vitorioso seria não necessariamente o mais forte, e sim aquele com o coração mais sincero, que carregasse a causa que considerasse mais justa.

O mais dedicado dos celestes era à época um general chamado Ablon, da casta dos querubins, um formidável guerreiro disposto a tudo para agradar seus senhores. Lutador famoso e herói incansável, Ablon foi chamado ao Palácio Celestial para conferenciar com os gigantes. Quem o recebeu logo de entrada foi o Príncipe dos Anjos em pessoa, sentado em seu trono elevado, a armadura de prata brilhando, a espada de fogo na cinta, o rosto marcado por cicatrizes. Lúcifer estava com ele, acomodado em seu próprio assento, desarmado, não trajando nada além de uma túnica, as franças louras descendo às costas, os olhos azuis muito profundos, as asas brancas como flocos de neve.

Ablon cruzou o portão e se ajoelhou perante seus chefes. Usava uma couraça dourada sobre o peito e trazia consigo uma espada. Os cabelos eram flavos, compridos, os olhos cinzentos, e a expressão tinha aspectos felinos, de um leão sempre atento, pronto a atacar num instante.

– Erga-se, general – era a voz de Miguel.

– Às ordens – Ablon se colocou de pé. Observou o salão, a bancada dos arautos e os tronos de Gabriel, Uziel e Rafael, agora desocupados.

– Reservamos para você uma missão, uma tarefa especial – inclinou-se para frente. – Imagino que saiba. O líder dos sentinelas continua a vagar pela terra, a conspirar tudo o que pregamos no céu. – E foi tão direto quanto podia: – Sua tarefa é descer à Haled e capturá-lo a todo custo.

– Será feito – anuiu. – Preferem que eu o traga vivo ou morto?

– Vivo – o arcanjo respondeu enfaticamente. – O Primeiro Anjo deve ser preso e escoltado à detenção na Gehenna. Já seus asseclas, caso os encontre, poderão ser mortos, como rebeldes que são. – E deu uma sugestão ao soldado: – Orion, o rei de Atlântida, poderá ajudá-lo em meu nome.

– Sim, senhor – Ablon moveu a cabeça, esperando o sinal para ir embora. Mas, antes, Lúcifer quebrou o silêncio e resolveu despejar um conselho.

– General, escute com atenção. Os sentinelas são astutos e traiçoeiros – afirmou. – Portanto, não importa o que aconteça, não o deixe falar – erigiu o dedo magro. – Deve pegá-lo antes que ele abra a boca, antes que ele articule uma palavra que seja – o tom ficou grave. – Está claro?

– Claríssimo.

– Muito bem – disse o príncipe. – Está dispensado, então. Boa sorte, guerreiro – fez um gesto indicando a saída. – Não nos desaponte agora.

O querubim contraiu as asas, deu meia-volta e deixou o palácio. Quando já ia longe, Miguel reparou que seu irmão guardava uma expressão relutante e o abordou.

– O que foi? – caminhou para fora do trono, contemplou os assentos vazios, circulou o grande salão. – Não confia em meus generais?

– Pelo contrário. Seus generais são magníficos – retrucou a Estrela da Manhã. – Confio neles sobremaneira – coçou o nariz. – Confio até demais.

– Então, o que o perturba?

– Sinceramente, não sei – o arcanjo Lúcifer alisou o queixo. Pensou no rosto de Ablon, naquela vontade inabalável, recordou-se de Metatron, com sua fabulosa retórica, olhou para o teto e declarou: – Dificil dizer, mas algo não está certo – suspirou. – Estou com um mau pressentimento.

APÊNDICE

NOTA HISTÓRICA

Ficção versus realidade

Desde que comecei as pesquisas para escrever *Filhos do Éden: Anjos da Morte*, há cerca de dois anos, eu sabia que estava ingressando em águas sombrias, mas a realidade acabou por se revelar mais atroz que a ficção. O número de mortos e feridos nas grandes guerras é conhecido por todos, uma catástrofe inominável, entretanto pouco se fala dos genocídios ocorridos na África, por exemplo, na Indochina, nos Bálcãs, no Oriente Médio, nas Américas Central e do Sul e em tantas outras regiões do planeta. Tanto as estatísticas quanto a natureza dessas matanças são particularmente brutais, isso sem mencionar as perseguições, as torturas, os expurgos. Para todos os efeitos, os atos de extrema barbárie relatados neste livro não passam de 1% do que de fato ocorreu e foram (tiveram de ser) extraordinariamente suavizados em prol da fluidez da narrativa.

A Sociedade Thule e o Misticismo "Nazista"

Um dos maiores desafios dos órgãos de propaganda, não importa a época ou o país, é fazer com que o consumidor se sinta especial. "Sua opinião é muito importante para nós" — quantas vezes você já não escutou isso? Com os ideólogos fascistas não foi diferente, e nesse aspecto os historiadores concordam que eles tiveram grande sucesso. Para erguer o moral de um povo humilhado, arrasado após a derrota na Primeira Guerra Mundial, Adolf Hitler e seus asseclas trabalharam no sentido de incutir na mente dos alemães que cada um deles era parte de "algo maior", eles fundamentais de uma grande nação. Nessa esteira veio a idéia de criar irmandades não apenas na esfera militar, mas também entre os civis, dotadas de símbolos próprios, estandartes, uniformes e braçadeiras.

Dessas organizações, a mais influente talvez tenha sido a SS, sigla para *Schutzstaffel*, ou Tropa de Proteção, a guarda particular a serviço do Führer. Na SS, pelo menos em teoria (isso mudaria com o avanço da guerra), só eram admitidos homens considerados "arianos perfeitos", uma suposta "raça superior" que, acreditem, os nazistas afirmavam descender dos atlânticos. Como não havia provas para essa teoria, os cabeças do Reich trataram de forjá-las. Foram então fundados grupos de estudos e financiadas expedições para o Tibete com o objetivo de procurar artefatos que os ligassem a essa "espécie ancestral". O plano era que "evidências concretas" servissem de base para reconstruir uma mitologia para a Alemanha, sacramentando os germânicos como a etnia mais antiga da terra.

No final das contas, nenhuma pista substancial foi achada, mas os grupos de estudos continuaram trabalhando a todo vapor até a derrocada do III

Reich. Pelo que a história registra, a sociedade Thule foi um desses grupos, uma das muitas "seitas" dedicadas ao aprendizado do oculto. Diferentemente do que alguns podem pensar, a prática do ocultismo não está necessariamente relacionada à magia, tampouco à dita "magia negra": ela se propõe meramente a analisar certos conhecimentos esquecidos pelas pessoas comuns ou que tenham sido descartados pelas instituições acadêmicas.

Ninguém sabe se Hitler foi iniciado na sociedade Thule, mas há certa concordância em dizer que os mentores da ordem instruíram muitos membros do partido no uso de símbolos esotéricos (a exemplo da suástica), gestos e técnicas especiais de comunicação com o público.

O Castelo de Wewelsburg e o Sol Negro

O castelo descrito nos capítulos 23 e 24 é 100% real, inclusive a sua localização, na fronteira entre a Bélgica e a Alemanha. O seu nome verdadeiro é Wewelsburg, e em suas instalações hoje funciona um museu. Tecnicamente, o Wewelsburg é considerado renascentista, mas suas primeiras muralhas datam do século IX. Durante os anos pré-guerra, o terreno ao redor passou ao controle direto da SS. O comandante da tropa e ministro do Reich, Heinrich Himmler, tinha planos para transformá-lo numa escola para os cadetes da Schutzstaffel, coisa que nunca chegou a acontecer. Reporta-se, no entanto, que o lugar foi palco de cerimônias militares, como a iniciação de oficiais e a entrega de medalhas.

O sol negro, mais um dos distintivos adotados pelos nazistas, está gravado em mármore no piso de um dos salões da ala norte. Sua origem é tão controversa quanto a da própria suástica, mas acredita-se que a figura do sol em forma de roda, com doze raios partindo do centro, já vinha sendo usada como ornamento pelas tribos germânicas desde o começo da Idade Média. Os merovíngios, que reinaram sobre quase toda a Europa ocidental no século V, costumavam forjar discos decorativos seguindo o mesmo padrão. Seu real significado, todavia, acabaria por se perder com o tempo.

Marie et Louise

A aldeia de Marie et Louise, retratada no capítulo 9, é fictícia. Mas sua estrutura foi inspirada no monte Saint-Michel, uma fortaleza medieval localizada na costa da França, entre a Normandia e a Bretanha. Durante o turno da noite, a maré sobe e a cidade fica completamente ilhada. Hoje, existe um aterro que permite a travessia de carros, mas no período feudal os pântanos adjacentes representavam uma barreira natural aos invasores. A igreja e a abadia, no topo do monte, são santuários imperdíveis, repletos de vitrais, mosaicos e salões de magnífica beleza.

O monte Saint-Michel está aberto aos turistas e é um dos mais

fascinantes destinos da costa francesa, atraindo cerca de 850 mil visitantes por ano.

O Café Le Procope

O Café Le Procope, mostrado no capítulo 18, não só é autêntico como existe até hoje. Conforme descrito no livro, ele é considerado o restaurante mais antigo de Paris, estando em funcionamento contínuo desde 1686. O estabelecimento ganhou notoriedade pelos clientes ilustres, como os filósofos Voltaire e Jean-Jacques Rousseau e os "pais fundadores" dos Estados Unidos Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, que lá estiveram no século XVIII.

Guerra do Vietnã: Armas Atômicas e Execuções Sumárias

Não existem indícios concretos de que armas atômicas, de qualquer magnitude, tenham sido usadas durante a Guerra do Vietnã ou em qualquer outra guerra, salvo a Segunda, mas a proposta de usá-las foi seriamente discutida entre as lideranças norte-americanas após a Ofensiva do Tet e mais tarde considerada pela Casa Branca. Nesse cenário, seria bastante razoável supor (embora não se possa afirmar) que exercícios com ogivas nucleares tenham sido conduzidos na Indochina, tanto por parte dos capitalistas quanto pelas forças nacionais soviéticas.

O cerco à base de Khe Sanh foi um dos pontos críticos da guerra, e a decisão dos presidentes Lyndon Johnson e Richard Nixon de afinal não empregar o arsenal atômico contra as bases e posições no Vietnã do Norte se deveu, segundo uma nota divulgada anos depois pelo governo George W. Bush, ao temor de que a URSS respondesse às agressões com um bombardeio sobre Saigon, o que forçosamente arrastaria as duas superpotências à Terceira Guerra Mundial.

A sessão de fuzilamento na qual Denyel tomou parte no capítulo 38 é hipotética, mas a Batalha de Hué factualmente registrou um sem-número de execuções sumárias, dos dois lados. O abuso de poder contra alvos civis também foi acompanhado de perto pela mídia. O mais famoso desses eventos foi o chamado Massacre de My Lai, ocorrido a 16 de março de 1968, quando soldados norte-americanos invadiram uma aldeia no sul do país à caça de guerrilheiros. Os moradores, confundidos com vietcongues, foram espancados, torturados e mortos. Corpos de mulheres e crianças foram encontrados com marcas de violência sexual. Em 1970, 25 homens foram julgados pela chacina. O tenente William L. Calley, líder do pelotão, foi condenado à prisão perpétua, sentença posteriormente reduzida para três anos e meio de prisão domiciliar.

Os Soviéticos e as Experiências Psíquicas

Telecinesia, telepatia, clarividência. A ciência tradicional nunca comprovou tais fenômenos, e há céticos, como o pesquisador canadense James Randi, que oferecem um milhão de dólares a quem for capaz de reproduzir qualquer um desses efeitos no ambiente controlado de um laboratório. Mesmo assim, hoje é sabido que os soviéticos se interessavam pelo assunto e conduziram pesquisas relacionadas à paranormalidade nos porões de Moscou comunista. Essas experiências eram apenas mais uma das centenas de recursos testados para propósitos de espionagem e infiltração, mas se elas realmente deram resultado é algo que permanece um mistério.

Um desses supostos paranormais atuantes na União Soviética foi o polonês Wolf Messing (1899-1974), cujas "previsões" foram tomadas como verdade tanto por Adolf Hitler quanto, mais tarde, por Joseph Stálin, o então líder do país socialista. Messing se declarava um "telepata" e dizia ter poderes fortes o suficiente para afetar a percepção das pessoas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, ele foi levado à União Soviética, onde fez carreira como mágico. Por diversas vezes Messing foi chamado ao Kremlin por dirigentes do Estado, que procuravam seus conselhos. Conta-se que o próprio Nikita Khrushchev, secretário-geral do Partido Comunista entre 1953 e 1964, chegou a consultá-lo sobre a crise dos mísseis cubanos, em 1962.

Campo Unificado

O primeiro a cunhar o termo "campo unificado" foi o físico alemão Albert Einstein. Ele cogitou que as diversas forças que regem a matéria talvez pudessem trabalhar em conjunto, como verificado anos antes por seu colega inglês Michael Faraday, que provara a estreita ligação entre a eletricidade e o magnetismo. Nesse contexto, a teoria do campo unificado pretendia ser uma "teoria de tudo", que se dispunha a explicar como todas as energias que compõem o universo se relacionariam, afinal. Mas, embora inúmeros cientistas tenham se dedicado a estudar o tema nas décadas vindouras, não existe até agora uma linha de pensamento concisa nesse sentido.

Não demorou, contudo, para que as lendas urbanas se proliferassem. A mais conhecida delas tem nome e sobrenome: Experimento Filadélfia. Considerada amplamente uma farsa, as histórias acerca do tal experimento ganharam força nos anos 70, alimentadas por livros, filmes e tabloides sensacionalistas. Segundo os teóricos da conspiração, no dia 28 de outubro de 1943, um destróier da marinha americana, o USS Eldridge, teria se tornado literalmente invisível ao olho humano por poucos minutos, a partir de um pulso gerado por ele que teria provocado "oscilações na matéria". O projeto, classificado como ultrassecreto, não teria sido levado adiante porque a experiência, conduzida no Estaleiro Naval da Filadélfia (no estado da Pensilvânia, EUA), teria "falhado grosseiramente". Os corpos dos tripulantes, sustentam os teóricos, teriam se fundido ao casco como consequência dessa "vibração" incomum.

O governo e a marinha dos Estados Unidos negam que esses testes tenham acontecido em 1943 ou em qualquer outra data.

Ruínas Khmer

O templo descrito no capítulo 42, onde os guerrilheiros vietcongues aparecem presos na muralha, não existe de fato, e também nunca houve expedições para procurá-lo, mas as ruínas khmer são genuínas e resistiram às intempéries da floresta por quase sete séculos.

O mais impressionante desses sítios arqueológicos é a antiga capital do império, Angkor, situada no nordeste do Camboja, hoje aberta à visitação turística. O parque ocupa uma área de 200 km² e dispõe de nada menos que setenta templos, entre eles o magnífico Angkor Wat, o maior complexo religioso do mundo. O domínio dos chamados "reis-deuses khmer" começou por volta do ano 800 e se estendeu, em seu esplendor, do mar da China Meridional à baía de Bengala, até a transferência da corte para Phnom Penh, no sul, em 1432.

Energias da Terra e os Módulos de Poder

A crença de que energias brotam espontaneamente do solo — o que inspirou os obeliscos de Marie et Louise, Camboja, Athea e Egnias — é tão antiga quanto a própria religião. Diversos povos, especialmente os de cultura agrícola, viam e ainda vêm a terra como uma entidade viva, sagrada, uma espécie de deusa que lhes fornece o alimento. Daí nasceu a tradição de enterrar os mortos, para que eles retornassem ao "ventre da Grande Mãe".

De acordo com a ciência, a Terra, com toda a sua massa, exerce mesmo influência em nosso corpo, e o melhor exemplo disso é a força da gravidade. O núcleo do nosso planeta é, ademais, carregado de ferro e funciona, em síntese, como um ímã gigante, o que pode ser observado checando o ponteiro das bússolas comuns. Os egípcios e os hebreus, por sua vez, acreditavam que essas energias continham, ou melhor, carregavam qualidades mágicas consigo. Já os celtas conceberam o globo entrecortado por linhas imaginárias — nos pontos em que essas linhas se cruzam, eclodiria, segundo eles, um "núcleo de poder" no qual, à época, eram erguidos os dólmenes, cirandas de pedra usadas como santuários pelos sacerdotes druidas. Os cultistas da Thule (sim, os mesmos dos quais falamos anteriormente) diziam manipular uma energia chamada vril, que lhes concederia poderes telepáticos, telecinéticos e a capacidade de atravessar dimensões.

Os cientistas atuais não confirmam a existência desses polos energéticos, mas o tema serve como combustível para uma profusão de fábulas descontraídas. Certas correntes esotéricas garantem que o Templo de Salomão, em Jerusalém, destruído por uma invasão babilônica em 587 a.C.,

era um desses lugares santificados, e que o propósito da Arca da Aliança seria "canalizar" e "armazenar" essas forças telúricas. O "segredo do templo" teria sido então descoberto pelos Cavaleiros Templários, que o teriam utilizado para rastrear outros nódulos de poder no Oriente Médio e na Europa, sobre os quais construiriam seus castelos, igrejas e baluartes.

Nos anos seguintes à Primeira Cruzada, os Templários comprovadamente bancaram a fundação de dezenas de catedrais europeias, mas, apesar de o mistério ser sedutor, não há provas históricas (muito menos científicas) de que elas estejam (ou estivessem) sobre regiões "místicas" ou que emanassem trepidações inconstantes.

LISTA DE REPRODUÇÃO

As Músicas de Anjos da Morte

Frequentemente me perguntam o motivo pelo qual escolho certas músicas para ilustrar os meus livros. Na maioria das vezes, não existe uma razão específica. "Can't Take my Eyes off You" foi utilizada em várias passagens de Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida simplesmente porque era (e ainda é) uma das canções mais reproduzidas de todos os tempos, e eu precisava de uma melodia que as pessoas lessem e automaticamente escutassem "tocando" no cérebro.

Pesquisando para escrever este título, uma das coisas que mais me chamaram atenção foi o crescimento – ou, eu deveria dizer, a explosão – da chamada cultura pop nos anos que se sucederam à Segunda Guerra Mundial. O rock'n' roll nasceu nos Estados Unidos em fins dos anos 40, dando início a uma revolução musical que se alastraria pelo resto do globo. Os álbuns e as bandas (de rock e de outros estilos) passaram a determinar não apenas preferências, mas atitudes, sendo os grandes artistas verdadeiros líderes dessa nova geração que surgia.

Justamente por isso, e uma vez que eu tinha me proposto, dessa vez, a abordar o século XX, era necessário dar um peso maior às canções em Filhos do Éden: Anjos da Morte. Para o caso de você querer conhecer mais sobre elas, fiz a lista a seguir, incluindo um pequeno comentário sobre cada uma.

"Stardust": Composta originalmente pelo pianista Hoagy Carmichael em 1927, tornou-se popular nos Estados Unidos pós-depressão, sendo tocada em clubes e bares de jazz. A versão que aparece no capítulo 10 é instrumental apenas (a letra seria adicionada mais tarde). "Stardust" é tida como uma das obras mais regravadas do século XX, com aproximadamente 1.500 gravações.

"Blue Skies": Escrita em 1926 pelo compositor russo residente nos Estados Unidos Irving Berlin, é outro clássico americano. Mais animada que "Stardust", apresenta acordes "dançantes", o que costumava empolgar as pessoas, especialmente as mulheres. É outra das músicas que escapam da rádio espia de Marie et Louise, no capítulo 10.

"April in Paris": Os acordes foram concebidos em 1932 pelo compositor americano Vernon Duke, e a letra, escrita pelo também americano Yip Harburg, responsável pela trilha sonora de O Mágico de Oz. "April in Paris", a terceira canção a aparecer no capítulo 10, foi primeiramente encomendada para o musical da Broadway intitulado Walk a Little Faster.

"In the Mood": Provavelmente uma das "músicas de orquestra" mais aclamadas do planeta, o trabalho do jazzista Glenn Miller é algo que

definitivamente resiste ao teste do tempo. O ritmo agitado convidava jovens e adultos às pistas de dança. Lançada em compacto (single) no ano de 1939, "In the Mood" virou uma espécie de "hino dançante" para os soldados aliados na guerra.

"Hound Dog": Gravada originalmente em 1952 pela cantora de blues Big Mama Thornton, a música ficou eternizada na voz do "imortal" Elvis Presley, que a regravou em 1956 e a cantou no programa do apresentador de televisão Ed Sullivan. Reconhecida pela revista RollingStone como uma das quinhentas maiores canções de todos os tempos, "Hound Dog" (Cão de Caça, em português) era à época uma marca da juventude transviada.

"Only You": Outra peça que é quase sinônimo dos anos 50. Foi gravada pelo grupo The Platters, um dos mais populares conjuntos musicais da chamada "era do rock'n'roll". É a melodia selecionada por Gregorion na jukebox, durante o seu assassinato, no capítulo 31. "Only You" – originalmente batizada de "Only You (And You Alone)" – só foi desbancada por outra canção da mesma banda, "The Great Pretender".

"Break on Through (To the Other Side)": A composição-chave que marcou o Vietnã foi na verdade "Fortunate Son", da banda californiana Creedence Clearwater Revival, mas, como o lançamento do compacto só aconteceria em 1969, quase um ano depois da data em que, no livro, Denyel chega à base de Da Nang, eu tive que escolher outra música para ilustrar a cena. Decidi então adotar "Break on Through (To the Other Side)", do álbum de estreia do The Doors, que chegaria ao mercado fonográfico em janeiro de 1967. Embora tenha feito pouco sucesso nas primeiras semanas, "Break on Through" conquistaria os ouvidos do público nos meses seguintes.

(I Don't Know Why) But I Do": Esta é a música que os soldados da companhia de Denyel escutam dentro do galpão da base de Da Nang, antes do ataque dos vietcongues, durante o feriado do Tet (capítulo 36). Clarence "Frogman" Henry a gravou em 1961, mas ainda com os acordes rockabilly característicos dos anos 50. Ficou mais conhecida nos nossos dias ao fazer parte da trilha sonora do filme Forrest Gump (1994), dirigido por Robert Zemeckis.

"Califórnia Dreamin'": Outra canção nomeada pela revista Rolling Stone como uma das quinhentas melhores de todos os tempos. O grupo novaiorquino The Mamas & the Papas gravou e lançou a balada em 1965, que posteriormente ganhou, entre diversas outras, versões de The Beach Boys, The Carpenters, George Benson e, mais recentemente, do R.E.M. No Brasil, "Califórnia Dreamin'" ficou conhecida ao ser interpretada pela cantora Rosa Maria.

"Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band": Não só a música, mas o álbum homônimo dos Beatles é provavelmente uma das grandes obras de arte modernas. Sgt. Pepperts fez com que os quatro rapazes de Liverpool, antes vistos como uma bandinha pré-fabricada, ganhassem o respeito dos críticos. A capa do disco é curiosa e polêmica. Nela, estão estampadas figuras de celebridades, políticos e artistas – o barato na época era tentar reconhecer cada rosto. Uma dessas faces era a do líder nazista Adolf Hitler, que acabou sendo excluída na versão final. Outra era a do bruxo inglês Aleister Crowley, adorado como "guru" pelos hippies, considerado libertário por uns e satanista por outros. No capítulo 49, uma menina aparece segurando a capa, na agência dos correios em que Denyel tinha caixa postai, em Sacramento, Califórnia.

"Let's Stay Together": Esta canção embalou muitos corações apaixonados nos anos 70, dos drive-ins às discotecas. O cantor de soul americano Al Green a gravou em 1971 e a lançou em compacto. O álbum com mesmo nome saiu em 1972, alcançando astronômico sucesso. A música chegou ao primeiro lugar no ranking da revista especializada Billboard.

"Superstition": Stevie Wonder escreveu, produziu e gravou essa música em 1972, lançada em seguida pela Motown, a famosa gravadora norte-americana que revelou dezenas de artistas negros nos anos 70, incluindo Diana Ross e os Jackson 5 (e depois, claro, Michael Jackson em carreira solo). Sophia ouve esta canção durante seu ofício de enfermeira, no Hospital Metropolitano de Nova York, no capítulo 60.

"Blowin' in the Wind": Embora tenha sido escrita e originalmente cantada por Bob Dylan em seu álbum *The Freewheelin' Bob Dylan*, em 1963, a música ganhou projeção com a versão de Joan Baez, tornando-se, a partir de então, um grito de protesto a favor dos direitos civis nos EUA e contra a Guerra do Vietnã.

"Nobody Does it Better": Parte da trilha sonora original do filme *O Espião que me Amava*, a décima aventura de James Bond no cinema, "Nobody Does it Better" foi gravada pela cantora Carly Simon e lançada em 1977, com a estreia do longa-metragem. A música ficou por três semanas em segundo lugar na lista das cem canções mais tocadas da Billboard americana e acabou inevitavelmente associada às peripécias do agente.

"Can You Tell Me How to Get to Sesame Street?": Este foi por anos o tema do programa infantil Vila Sésamo. Quem o compôs foi o pianista Joe Raposo, em 1969. Os acordes ficariam registrados para sempre na mente de muitas crianças dos anos 70 (inclusive na minha). No livro, a canção aparece no capítulo 65, quando Denyel resolve interrogar Abul no hospício em Leiden, em 1976.

LINHA DO TEMPO

Proto-universo. Inexistência do tempo ou matéria. Yahweh, a Lei, e Tehom, o Caos, vagam pela sombra do espaço

Yahweh dá vida aos cinco arcanjos: Miguel, Lúcifer, Gabriel, Rafael e Uziel. Tehom cria seus deuses-monstros: Behemot, Leviatã, Tanin, Enuma, Taurt.

Batalhas Primevas. Yahweh e seus generais angélicos derrotam Tehom, assumindo controle sobre as duas províncias.

Primeiro Dia

+15 bilhões de anos atrás. Início da criação. Surgem o tempo e a matéria.

Segundo Dia

+14 bilhões de anos atrás. Nascimento dos anjos. Big Bang. Criação dá luz.

+12 bilhões de anos atrás. A expansão da matéria cria "vincos cósmicos" no universo, dando origem às dimensões paralelas.

Terceiro Dia

+ 7 bilhões de anos atrás. Formação das estrelas e galáxias. A luz é separada da escuridão. Anjos e arcanjos estabelecem os Sete Céus como sua dimensão principal. Yahweh cria a Roda do Tempo e o Livro da Vida.

Quarto Dia

+ 6 bilhões de anos atrás. Sol, sistema solar e a terra.

Quinto Dia

+ 4 bilhões de anos. Na terra, surgem as primeiras formas de vida materiais.

Sexto Dia

- + 400 milhões de anos atrás. Primeiros hominídeos.
- + 400000 a.C. Surgimento do homem primitivo, os eridais, também chamados de primeira raça.
- + 320000 a.C. Grande migração. Os eridais se dividem em dois grupos. Um permanece no Oriente Médio, o outro se desloca através do Mediterrâneo rumo à Europa Ocidental.

Sétimo Dia

- + 200000 a.C. Os eridais evoluem em dois ramos: os homens (segunda raça) e os atlantes (terceira raça). Ambos pertencem à espécie Homo sapiens, dotados de alma. Yahweh parte para o descanso. Despertar da consciência. Confeção do tecido da realidade.
- + 180000 a.C. Primeira era glacial.
- + 150000 a.C. Fundação da cidade de Atlântida. Ascensão dos atlantes e supremacia do Mediterrâneo. Na Europa, Ásia e Oriente Médio, os homens migram das cavernas para palafitas e constroem pequenas aldeias.
- + 100000 a.C. Primeiro cataclismo. Terremotos dividem a terra. Atlântida se enfraquece.
- + 50000 a.C. Adão unifica as tribos do Oriente Próximo. Caim, seu filho, funda a cidade de Enoque. Segundo despertar – tecido da realidade engrossa.
- + 40000 a.C. Ascensão de Enoque. Extinção do homem de Neandertal e dos tigres-dentes-de-sabre.
- + 38000 a.C. Atlântida e Enoque entram em choque. Guerras Mediterrâneas.
- + 35000 a.C. a +- 25000 a.C. Período das grandes catástrofes. Segundo cataclismo. Terra sofre com chuvas de meteoros, terremotos e vulcões. Arcanjos decidem enviar suas legiões para exterminar a raça humana. Reis de Enoque, com aço e magia, rechaçam ataque de anjos à cidade.
- + 23000 a.C. Início das Guerras Etéreas.
- + 22000 a.C. Apollyon, o Anjo Destruidor, e sua legião vencem e eliminam as serpentes de Kur.
- + 18000 a.C. Batalha de Shin-Tain. Celestiais são derrotados no Extremo Oriente.
- + 12000 a.C. Ablon, o Primeiro General, vence o deus Rahab, o Príncipe dos Mares, pondo fim às Guerras Etéreas. Construção da Fortaleza de Sion.
- + 11500 a.C. Dilúvio. Terceiro cataclismo. Destruição de Enoque e Atlântida. Orion retorna aos Sete Céus.
- + 10000 a.C. Civilização regressa à barbárie. Atlântida não deixa sobreviventes. Remanescentes dos homens de Enoque evoluem no chamado "homem moderno", o Homo sapiens sapiens, também conhecido como quarta raça. O ser humano se espalha pelo globo terrestre.
- + 4000 a.C. Renascimento da civilização humana. Invenção da escrita.

Fundação da Babel legendaria. Gilgamesh na Suméria. Extinção dos mamutes.

+ 3800 a.C. Revolta de Sodoma. Expurgo de Ablon e da Irmandade dos Renegados dos Sete Céus. Sodoma e Gomorra são destruídas. Zohar é devastada.

+ 3500 a.C. Rebelião de Lúcifer. O Arcanjo Sombrio e suas hordas são expulsos de céu e condenados ao Sheol.

+ 3000 a.C. A Irmandade dos Renegados deixa Enoque e se divide. Construção das grandes pirâmides do Egito. Terceiro despertar – alargamento do tecido da realidade.

+ 2800 a.C. Anjo Negro encontra Ishtar. Os dois lutam sobre a montanha. Ablon destrói o morro e impede o assassinato de Ishtar, mas é soterrado.

2414 a.C. Cush assume o trono da Babilônia legendaria. Construção do zigurate de prata. Ablon desperta e escapa do soterramento. Nasce Zamir, o Feiticeiro.

2354 a.C. Akto e Maya, pais de Shamira, fogem de Knossos, na Grécia, e se estabelecem na aldeia de En-Dor, em Canaã.

2335 a.C. O rei Cush é capturado e morto. Nimrod assume o trono da Babilônia. Zamir encontra o avatar desacordado de Ishtar e o leva à cidade. Início da construção da Torre de Babel.

2334-2333 a.C. Shamira é levada à Babilônia. Queda de Babel. Destruição da torre. Ishtar morre.

2332 a.C. Shamira começa seu treinamento com o mestre necromante Drakali-Toth, na cidade de Mênfis.

+ 1800 a.C. Ascensão da Babilônia histórica. Hamurabi.

315 a.C. Zamir inicia sua campanha para restaurar o sonho da Babilônia, perseguindo, assassinando e roubando o conhecimento dos grandes feiticeiros que ainda caminhavam pelo mundo,

209 a.C. Zamir derrota Drakali-Toth e incorpora suas habilidades necromânticas.

3 a.C. Hazai enfrenta as rapinas; sobrevive, gravemente ferido. Ruma para Enoque.

Ano 0 da era cristã. Nasce a Criança Sagrada. Início da guerra civil entre Miguel e Gabriel. Isolamento do arcanjo Rafael. Ablon enfrenta os espíritos antigos do bosque Tin-Sen. Quarto despertar – o tecido se adensa.

1 d.C. Caravana na via secreta. Ablon derrota as rapinas. Shamira vence Zamir. Ablon entra em torpor.

30 d.C. O Salvador é crucificado e ascende. Ablon desperta do torpor e alcança Jerusalém. A guerra civil entre Miguel e Gabriel, que até então se passava no plano astral, é transferida para os Sete Céus. Gabriel assume seu quartel-general na Cidadela do Fogo.

112 d.C. Flor do Leste morre na China. Shamira descobre o segredo dos ossos-oráculos e estuda a feitiçaria chinesa.

+ 500 d.C. Supressão cósmica. A queda de Roma e a expansão do

cristianismo resultam na supressão de diversos vértices, especialmente no mundo ocidental. Fadas se recolhem ao plano etéreo.

+ 700 d.C. A ilha de Avalon regride ao plano etéreo.

1097 d.C. Shamira assume o posto de arauto entre as fadas, para registrar a partida dos elfos e gravar seus rituais e conhecimentos. Ela se estabelece no vértice da floresta Vermelha, na Inglaterra.

1119 d.C. O poderoso Azazel, um anjo caído e duque do inferno, desafia Lúcifer, dando início, no Sheol, à chamada Guerra de Libertação. Azazel é derrotado e morto em 1203.

1231 d.C. Apollyon, o Exterminador, captura o anjo renegado Yarion, Asa de Vento, e o arrasta para o Sheol. Ablon parte em seu encaço, é capturado e preso.

1318 d.C. As fadas do oeste da Europa retornam à Arcádia. Todos os seus santuários são suprimidos.

1453 d.C. Ablon escapa dos calabouços de Zandrak. Yarion é morto. Constantinopla é invadida.

1614 d.C. Nos Sete Céus, as forças rebeldes de Gabriel tomam o Castelo da Luz, fortaleza dos querubins.

1650 d.C. Inicia-se o chamado Haniah, ou Retorno. Miguel ordena que todos os anjos que vivam, atuem ou estejam em missão na Haled voltem imediatamente para o céu. A guerra civil torna-se ainda mais sangrenta. Gabriel é obrigado a fazer o mesmo: convocar todos os seus partidários à batalha.

1772 d.C. Para impedir que seus soldados desertem e fujam para a Haled, onde poderiam se esconder, Miguel ordena a destruição da maioria dos portais conhecidos de acesso à terra. Os poucos que sobram passam a ser guardados por sentinelas poderosos.

+ 1880 d.C. Quinto despertar. O último grande adensamento do tecido da realidade torna a manifestação de magias e divindades, na terra, praticamente impossível fora de santuários.

2007 d.C. Uziel é morto pelo arcanjo Miguel, em Tsafon, o Monte da Congregação, no Sétimo Céu.

2012 d.C. Muito concentrado e denso, o tecido da realidade começa seu lento processo de desintegração.

Século XXI: Apocalipse.

GLOSSÁRIO

A palavra: mensagens e diretrizes deixadas aos arcanjos por Yahweh antes de adormecer. Sua principal regra era "servir e guiar a humanidade sem interferir em seu curso".

Acheron: a quarta camada celeste.

Afrika Korps: o conjunto de forças alemãs estacionadas no norte da África, durante a Segunda Guerra Mundial.

Alma: o espírito humano, dotado de livre-arbítrio.

Anjos da morte: esquadrão de anjos selecionados pelos malakins para acompanhar as grandes guerras do século XX, de maneira a estudá-las.

Apocalipse: série de eventos que marcará a desintegração do tecido da realidade e o despertar de Yahweh.

Arautos: anjos de alta hierarquia. Respondem diretamente aos arcanjos.

Arcádia: dimensão conhecida como A Terra das Fadas.

Arcajos: a mais alta hierarquia dos anjos. Os celestiais mais poderosos e mais próximos a Deus. Só foram criados cinco deles: Miguel, Gabriel, Uziel, Rafael e Lúcifer.

Arcontes: capitães celestes. Geralmente lideram equipes (ou coros) de anjos.

Armagedon: a batalha final que encerra o Apocalipse.

Atalhos: passagens místicas que ligam dois pontos geográficos no mesmo plano de existência. Geralmente construídos pelos elohins e pelos malakins.

Athea: colônia atlante. Seu templo, construído para adorar os alados, abrigava um dos afluentes do rio Oceanus.

Atlântida, a Joia do Mar: maior de todas as nações humanas antes do dilúvio. Foi destruída com a inundação.

Aura: a energia vital dos anjos e demônios. É a essência que lhes permite usar suas habilidades e poderes especiais.

Avatar: a forma física de um anjo ou demônio. Não precisa comer ou dormir, a não ser quando ferida.

Avejão: fantasma preso ao próprio cadáver.

Azedos: apelido usado pelos soldados norte-americanos para se referir aos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. O nome provém de "chucrute azedo", um prato típico da culinária germânica.

Baals: demônios da punição e da tortura. Muitos eram hashmalins antes da queda.

Balé dos ofanins: dança no céu, em forma de círculo, que os ofanins apresentam nas ocasiões mais solenes.

Banshee: fantasma agressivo e enlouquecido, obcecado por proteger determinado lugar, objeto, pessoa ou pessoas, vivas ou mortas.

Barqueiros: misteriosas criaturas que transportam passageiros pelo rio Styx, conhecendo suas rotas e segredos.

Batalhas Primevas: conflito de Yahweh e seus arcajos contra Tehom e suas entidades abissais pela supremacia do universo, antes mesmo da

criação.

Behemot: principal auxiliar de Tehom durante as Batalhas Primevas.

Bolha de Estase: divindade dos malakins que para ou desacelera o tempo dentro de uma área predeterminada.

Bolha Temporal: divindade própria dos malakins que prende a vítima em uma repetição de ações.

Caídos: os anjos que se aliaram a Lúcifer em sua fracassada revolução, para com ele serem lançados ao inferno. Hoje, são demônios antigos e poderosos, duques e príncipes satânicos.

Câmara oceânica: sala construída para abrigar um dos afluentes do rio Oceanus.

Cárcere do Medo: a maior prisão do paraíso, localizada no Segundo Céu

Castas: classes de anjos divididas segundo a sua natureza e função no céu.

Castelo da Luz: principal fortaleza dos querubins, localizada no Quarto Céu.

Celestia: quinta camada celeste.

Chama da Morte: espada de fogo do arcanjo Miguel.

Ciclo: mede o nível de poder de um anjo ou demônio. Os anjos de primeiro ciclo são os mais fracos. Os de sexto ciclo são os mais poderosos.

Cidadela do Fogo: região do Primeiro Céu que é o ponto de encontro dos ishins. Foi governada por Amael, depois por Aziel, e mais adiante virou quartel-general de Gabriel e dos novos rebeldes.

Controle Emocional: divindade usada pelos ofanins para tranquilizar ou persuadir outrem.

Controle Psíquico: divindade dos serafins que coloca a mente da vítima em hibernação, obrigando-a a agir automaticamente, sem controle sobre suas ações.

Coração de Gelo: divindade especial usada por Andril, o Anjo Branco. O poder transforma seu coração em uma peça indestrutível de cristal.

Cordão de prata: corrente mística que liga os espíritos humanos a seus corpos materiais.

Cortina de Aço: técnica que "trava" o tecido da realidade, impedindo que o anjo passe do mundo físico para o plano astral (e vice-versa).

Cosmo: o conjunto dos vários universos e dimensões.

Desatino: divindade dos elohins que lhes permite usar seus poderes sem abalar o tecido da realidade, mesmo na presença de seres humanos.

Desgarrado: qualquer anjo que escolheu viver na Terra.

Despertar: refere-se à crença no despertar de Yahweh, no Apocalipse.

Devorador: caçador de espíritos.

Dilúvio: a grande inundação descrita na Bíblia, responsável pela destruição de Atlântida e Enoque.

Divindades: poderes especiais dos anjos e demônios.

Dog tags: par de placas de identificação usado pelos soldados ao redor do

pescoço, contendo suas informações básicas, como nome completo e tipo sanguíneo.

Duques do inferno: chamado de Círculo dos Nove, esse conselho reúne os demônios de mais alta hierarquia: Asmodeus, Molloch, Mephistopheles, Alastor, Mammon, Orion, Apollyon, Baalzebul e Bael.

Ecaloths: seres nativos do rio Oceanus, compostos de pura energia.

Eclipso: veleiro de Denyel.

Ectoplasma: a porção materializada do tecido da realidade. Os anjos a usam para moldar seus avatares e manifestar roupas e armas.

Éden ou jardim do Éden: antigo nome para descrever o planeta Terra.

Éden Celestial: terceira camada dos Sete Céus, para onde vão as almas humanas que foram justas durante a vida. Ali existem diversas colônias espirituais. É também o lar dos santos e dos mártires.

Egnias: a Segunda Cidade. Colônia atlante fundada nos desertos da África. Detém um dos afluentes do rio Oceanus.

Elísio: o pavilhão de entrada do Terceiro Céu, onde as almas justas se preparam para o ingresso nas colônias celestes.

Enoque, a Primeira e Última: também chamada de A Bela Gigante, foi a cidade fundada por Caim, filho de Adão. É considerada a pátria de todos os homens, uma vez que a civilização atlante, sua rival, foi completamente destruída no dilúvio.

Espectro: fantasma maligno.

Espírito: nome genérico para se referir à energia vital de qualquer criatura. Determina também seu reflexo no mundo espiritual. Os reflexos de objetos ou peças inanimadas são chamados de "quimeras".

Espíritos etéreos: entidades que habitam o plano etéreo. Todos os deuses pagãos (gregos, egípcios, indianos etc.) são espíritos etéreos. Em geral, não nutrem grande simpatia pelos celestiais, em consequência das Guerras Etéreas.

Estupa: para os budistas, um marco que representa a arquitetura do cosmo.

Eterno Verão: feitiço desenvolvido pelas fadas que mantém a temperatura sempre agradável e constante.

Exilados: anjos de várias castas (à exceção dos malakins) que optaram por permanecer na terra depois do Haniah.

Fantasmas: almas humanas atormentadas que vagam no plano astral.

Filhos de Nod: homens e mulheres de Enoque.

Filhos do Éden: maneira formal de os anjos se referirem aos seres humanos.

Flagelo de Fogo: espada de fogo originalmente pertencente ao arcanjo Gabriel.

Fogo Negro: espada do demônio Apollyon, herdada do deus Behemot. Considerada a arma mais poderosa do universo.

Fritz: outro apelido utilizado pelos estadunidenses, na Segunda Guerra, para se referir aos alemães.

Fuhrer: a palavra significa "líder" em alemão e é mais comumente usada para se referir ao chefe nazista Adolf Hitler.

Fulgiston: a explosão que deu origem ao universo.

Gabriel, o Mestre do Fogo: também chamado de Anjo da Revelação e O Mensageiro. É um dos cinco arcanjos.

Gehenna: a segunda camada dos Sete Céus. Era o local de punição das almas nos dias antigos, governado por Lúcifer e seus hashmalins. Após a queda, a Gehenna tornou-se um purgatório.

Gente de barro: forma pejorativa de os anjos e demônios se referirem aos seres humanos.

Gigantes: maneira de se referir aos arcanjos.

Golem: monstro autômato criado nos túneis do inferno. É mais frequentemente usado como besta de carga e arma de guerra.

Grão-feiticeiros: magos poderosos da extinta cidade de Enoque.

Groll: espírito meio homem, meio macaco. Um dos primeiros deuses etéreos cultuados pelos antepassados dos homens.

Guerra civil: conflito militar entre Miguel e Gabriel.

Guerras Etéreas: série de campanhas levadas a cabo pelos celestiais para destruir os poderosos espíritos etéreos e aniquilar sua influência sobre os seres humanos.

Guerras Mediterrâneas: repetidos conflitos entre Enoque e Atlântida pelo controle de portos e territórios.

Haled: maneira como os anjos se referem ao plano físico.

Haniah: o Retorno. Convocação dos anjos que viviam na terra para lutar a guerra no céu.

Hashmalins: casta de anjos incumbida de julgar e sentenciar os mortais na Gehenna.

Icon: instituição de pesquisa marinha baseada na Noruega.

Invocação: uma das escolas de magia, especializada em canalizar as forças elementais e naturais e convertê-las em energia.

Irmandade dos Renegados ou Dezoito Renegados: grupo de insurgentes liderados por Ablon, o Primeiro General, na chamada Revolta de Sodoma.

Ishins: casta de anjos que controla as forças dementais. Vivem no Primeiro Céu.

Kangchenjunga: terceira maior montanha do mundo. Situa-se nos Himalaias, entre o Nepal e a Índia.

Khmer: fabuloso império que governou o Camboja entre os anos 800 e 1430, aproximadamente.

Lança de Nod: considerada a "arma mais poderosa da terra", foi forjada pelos magos de Enoque com o propósito de exterminar os celestes.

Legião das Espadas: tropa comandada por Ablon antes do expurgo.

Livro da Vida: relíquia criada por Deus e que, segundo a lenda, relata em detalhes toda a história e os acontecimentos do sétimo dia, da criação do homem ao Juízo Final.

Lúcifer, a Estrela da Manhã: também chamado de Arcanjo Negro, Portador da Luz, Filho do Alvorecer e Príncipe das Trevas. Era um dos cinco arcanjos, mas perdeu a guerra contra Miguel e caiu no inferno, passando a ser conhecido como Diabo.

Luftwaffe: termo geralmente usado para designar a força aérea alemã durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

Macaco: forma pejorativa de se referir aos seres humanos.

Magia negra: ramo da magia que se dedica à conjuração de criaturas de outras dimensões. Quando aplicada aos infernais, é chamada de "satanismo".

Magia suja: modo como os atlantes, em especial, se referiam à magia de Enoque, cuja performance exigia, normalmente, o uso de ingredientes e a leitura de tomos.

Membrana etérea: tecido místico que separa o plano astral do plano etéreo.

Mente em Branco: divindade de serafim que apaga a mente das vítimas e suga suas lembranças.

Miguel, o Príncipe dos Anjos: o mais poderoso dos cinco arcanjos.

Mundo dos sonhos: camada rasa do mundo espiritual, que se separa do plano astral pela chamada zona onírica. É um espelho do astral, com "bolsões" ilusórios criados pelos sonhos dos seres humanos.

Mundo espiritual: tudo aquilo que está além do tecido da realidade, compreendendo uma infinidade de planos de existência. Os mais conhecidos são o astral e o etéreo.

Mundo sem cor: denominação humana para o plano astral.

Navajo: tribo de índios nativa dos Estados Unidos.

Necromante: praticante da necromancia, a arte mágica dedicada ao estudo dos mortos.

Netúnia: o maior vulcão do paraíso, localizado no Primeiro Céu. Sobre ele sustenta-se a Cidadela do Fogo, quartel-general da casta dos ishins.

Novos rebeldes: partidários do arcanjo Gabriel na guerra civil contra Miguel

Obelisco negro: marco de distribuição de energia em Athea, depois encontrado em várias partes do mundo. A peça encerra mistérios ancestrais.

Ofanins: a casta de anjos mais próxima aos homens, também chamados de anjos da guarda. São altruístas por natureza, sempre evitando a violência. Seus poderes são baseados em luz e cura.

Padrões de energia: linhas místicas e magnéticas que interligam nódulos de energia ao redor do planeta.

Palácio Celestial: fortaleza dos arcanjos no Quinto Céu. Ponto mais central

e importante do paraíso celeste.

Palavra de Retorno: antigo ritual que transporta uma pessoa ou entidade através de um túnel dimensional, diretamente ao seu santuário de origem.

Panzer: o termo em alemão significa "tanque de guerra" e era usado para se referir mais propriamente aos blindados germânicos durante a Segunda Guerra Mundial.

Plano astral: camada mais rasa do mundo espiritual, que se conecta ao plano físico pelo tecido da realidade. Por lá caminham fantasmas e almas perdidas. Não tem cor nem gravidade.

Plano das sombras: camada mais distante do mundo espiritual. Moradia de sombras e espectros.

Plano etéreo: camada mais profunda do mundo espiritual, além do plano astral. É o lar dos espíritos evoluídos e dos poderosos deuses pagãos.

Plano físico: o mundo material, onde vivem os humanos encarnados. Compreende a terra e o universo ao seu redor.

Platina branca: metal usado pelos atlantes, forjado magicamente através da junção de aço, platina e diamante.

Portais: passagens místicas que ligam o plano etéreo ou dimensões paralelas (como o céu e o inferno) ao plano físico.

Posto de controle: estação atlântica construída na órbita da terra para monitorar as dez colônias, nos dias que antecederam ao dilúvio.

Primicérios: os arcanjos.

Primogênitos: outro termo para se referir aos arcanjos.

Príncipes: líderes de casta. Estão acima dos arcontes e abaixo dos arautos.

Queda: refere-se à derrota do então arcanjo Lúcifer e de suas hostes por Miguel e sua expulsão para o Sheol.

Querubins: casta composta por anjos guerreiros. São os guardiões e soldados de Deus.

Quimera: objeto carregado de energia mística que pode atravessar o tecido da realidade, materializando-se com seus portadores.

Rafael: um dos cinco arcanjos. Desiludido, desapareceu do céu e nunca mais foi visto.

Raptore: demônios enviados à terra para capturar anjos perdidos.

Raqui'a: o Sexto Céu, lar dos malakins. Ali ficam a Casa da Glória e as bibliotecas celestes.

Rebelião de Lúcifer: revolução do então arcanjo Lúcifer contra seu irmão Miguel. A derrota de Lúcifer ocasionou a queda e a condenação de seus acólitos ao Sheol.

Redneck: palavra usada nos Estados Unidos e no Canadá para nomear o estereótipo do homem branco e geralmente pobre que mora no interior, quase sempre em áreas rurais.

Regentes: generais atlantes. Responsáveis por guardar as colônias e as fronteiras do império.

Relíquia sagrada: qualquer objeto místico criado por Deus, anjos ou demônios.

Renegados: grupo de dezoito anjos que se rebelaram contra Miguel e foram atirados à terra, pouco depois do dilúvio.

Revolta de Sodoma: levante comandado por Ablon, o Primeiro General, contra a destruição de Sodoma e Gomorra. A revolta resultou na expulsão dos insurgentes e em sua condenação à Haled.

Rio Oceanus: rio místico que sobe rumo às dimensões superiores.

Rio Styx: rio místico que desce rumo às dimensões inferiores.

Rocky Beach: pequena cidade localizada na costa do Pacífico, no estado da Califórnia, EUA.

Roda do Tempo: provavelmente a maior relíquia criada por Deus. Marca a continuidade do sétimo dia e não pode ser contida. Seu fim supostamente marcaria o despertar de Yahweh.

Rongbuk: nome de um famoso mosteiro tibetano, internacionalmente conhecido por ser o edifício religioso situado no ponto mais alto do mundo.

Santa Helena: cidade na região serrana do Rio de Janeiro.

Santuário: local no plano físico em que o tecido da realidade é muito fino, facilitando a manifestação de efeitos mágicos, místicos ou a interação com entidades espirituais.

Santuário do Alvorecer: construção no topo do monte Tsafon, no Sétimo Céu, onde supostamente repousa o espírito de Deus. Ali também fica guardado o Livro da Vida, em seu pedestal.

Satanismo: quando empregada para conjurar um demônio à terra, a magia negra é chamada de "satanismo".

Sentinelas: grupo de anjos designados diretamente por Deus para ensinar, guiar e cuidar dos seres humanos.

Serafins: casta de anjos nobres e diplomatas, tidos como os "burocratas" do paraíso.

Sete Céus: conhecidos também como paraíso celeste, morada de Deus ou morada divina. Dimensão de onde anjos e arcanjos vigiam os rumos da espécie humana e do universo material.

Sétimo dia: tempo que compreende da criação do homem ao Dia do Juízo Final.

Sheol: dimensão onde foram sepultados os restos mortais de Tehom e dos deuses das trevas. Mais tarde serviu como lar a Lúcifer e seus anjos caídos, passando a ser conhecido como inferno.

Sicko: redução de psychotic ou, em português, psicótico. Sujeito mentalmente perturbado.

Sol negro: o símbolo usado pela sociedade Thule.

Sombras: fantasmas sem força de vontade. São espíritos "loucos", que repetem continuamente as ações que desempenhavam no instante da morte.

Sopro da Morte: divindade exclusiva dos hashmalins. Suga a energia vital

das vítimas, matando-as instantaneamente.

Sopro de Deus: a alma humana.

SS: a tropa de proteção de Adolf Hitler durante os anos da Alemanha nazista.

Suástica: símbolo que se tornou a principal marca do nazismo, costurado em braçadeiras, bandeiras e galhardetes.

Tártaro: primeira camada celeste. Lar dos ishins e dos quatro reinos elementais.

Tecido da realidade: membrana mística que separa o mundo físico do espiritual. Sua camada mais rasa e adjacente é o plano astral. Acredita-se que o tecido da realidade seja formado pela consciência coletiva dos seres humanos e represente uma defesa inconsciente dos homens contra os efeitos místicos e inexplicáveis que os ameaçam e desafiam sua compreensão.

Tehom: deusa do caos e da escuridão, a qual Yahweh combateu e derrotou durante as Batalhas Primevas. Sua derrocada antecedeu à criação da luz e do universo.

Teia: suposta organização clandestina baseada na terra, formada majoritariamente por elohins, que, acredita-se, transmitia informações secretas aos anjos rebeldes de Gabriel.

Telecinese ou Telecinesia: divindade rara, que permite mover objetos a distância.

Templo da Harmonia: gigantesco salão de mármore na Cidadela do Fogo. Lugar de conferência dos ishins, posteriormente servindo de residência ao arcanjo Gabriel, durante a guerra civil.

Terra de Nod: país cuja capital era Enoque.

Thera: um dos regentes atlantes, responsável pela defesa de Egnias.

Thule: sociedade esotérica ligada ao Partido Nazista.

Torre das Almas: torre disfarçada de edifício no plano físico, onde o hashmalim Henoch guardava almas supostamente iluminadas. Com elas, ele pretendia abrir uma passagem para o Terceiro Céu.

Transferência Espiritual: habilidade usada pelos hashmalins para capturar um espírito humano e posteriormente transferi-lo para outro corpo ou para um objeto.

Tsafon, o Monte da Congregação: região mais alta do Sétimo Céu, onde Deus estaria adormecido.

Túnel da morte: vórtice que liga o plano astral ao Terceiro Céu. Abre-se aos seres humanos no instante da morte.

Universidade de Santa Helena: instituição de ensino na cidade serrana de Santa Helena, Rio de Janeiro.

Varna: líder do regimento das arqueiras. Imediata em comando após o arcanjo Gabriel.

Vértices: sítios onde ocorre uma interseção planar. Esses locais existem tanto no plano material quanto no plano etéreo, possibilitando a interação física entre humanos e espíritos.

Vias atlânticas: atalhos dimensionais criados pelos atlantes. Permitem aos navios percorrerem longas distâncias em menos da metade do tempo.

Vórtices: conexões místicas que ligam o plano astral ou o plano etéreo a alguma dimensão paralela (como o céu, o inferno ou a Arcádia).

Vril: energia mística que a sociedade Thule venerava.

Vultos: espectros de ódio. Materializam-se na imagem de cães negros, abomináveis,

Wehrmacht: termo usado para designar o exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

Yahweh: também chamado de Altíssimo, Pai Celestial, Deus Adormecido, Reluzente, Luminoso, Criador. É o Deus supremo do universo, adormecido no fim do Sexto Dia.

Yami: uma das civilizações pré-cataclísmicas. Ocupava grandes porções da floresta Amazônica.

Zandrak: maior calabouço do Sheol, com celas, salas de tortura e cadafalsos. Localiza-se nos túneis abaixo do vale dos Condenados.

Zhangmu: cidade chinesa na fronteira entre a China e o Nepal.

Zona secreta: labirinto de túneis extraplanares usado pelos elohins para se deslocar de uma dimensão a outra, ou para acessar outras regiões no mesmo plano de existência. Geralmente as entradas para a zona secreta imitam saguões de rodoviária ou estações de metrô.

Livro Escaneado, Formatado e Revisado por Lucia Garcia

Formato ePub produzido por:

